

**SHAKESPEARE À LUZ DOS  
ENSINAMENTOS ROSACRUZES**



**FRATERNIDADE  
ROSACRUZ**

**Por um Estudante**



# SHAKESPEARE À LUZ DOS ENSINAMENTOS ROSACRUZES

Por  
**Um Estudante**

## **Fraternidade Rosacruz**

Centro Rosacruz de Campinas – SP – Brasil  
Avenida Francisco Glicério, 1326 – conj. 82  
Centro – 13012-100 – Campinas – SP – Brasil

Revisado de acordo com:

1ª Edição em Inglês, 1919, *Shakespeare in the Light of the Rosicrucian Teaching*, editada por The Rosicrucian Fellowship in Rays from The Rose Cross Magazine

Pelos Irmãos e Irmãs da Fraternidade Rosacruz – Centro Rosacruz  
de Campinas – SP – Brasil

[www.fraternidaderosacruz.com](http://www.fraternidaderosacruz.com)  
[contato@fraternidaderosacruz.com](mailto:contato@fraternidaderosacruz.com)  
[fraternidade@fraternidaderosacruz.com](mailto:fraternidade@fraternidaderosacruz.com)

## PREFÁCIO

Esses textos foram originalmente utilizados como material de uma série de Reuniões de Estudos sobre Shakespeare, em Mount Ecclesia, e são o resultado de uma cooperação verdadeiramente harmoniosa e inspiradora entre os participantes dessas Reuniões.

As obras de Shakespeare são designadas esotéricas, embora de leitura exotérica. Eles são comunicações diretas dos centros planetários da Divina Sabedoria. A fonte das obras de Shakespeare os Ensinamentos da Sabedoria Ocidental – os Ensinamentos Rosacruz. Para o esoterista, nenhuma outra evidência disto é necessário senão os trabalhos mesmos. Mas, sinais específicos, ocultamente transmitidos, estão também presentes nos dramas.

Shakespeare foi chamado de “A Máscara Rosacruziana”. Max Heindel é a autoridade para a citação de que as obras que trazem o nome de Shakespeare foram influenciadas pelo mesmo Iniciado Rosacruz.

## ÍNDICE

<b>PREFÁCIO.....</b>	<b>3</b>
<b>PARTE I – INTRODUÇÃO À OBRA DE SHAKESPEARE: SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>PARTE II – SHAKESPEARE E O CASAMENTO CÓSMICO .....</b>	<b>9</b>
<b>PARTE III – SHAKESPEARE E A LEI DO RENASCIMENTO .....</b>	<b>16</b>
<b>PARTE 4 – SHAKESPEARE E A ORDEM ROSACRUZ .....</b>	<b>23</b>
<b>PARTE 5 – LEONATUS: UMA PROFECIA DA ERA VINDOURA .....</b>	<b>29</b>
<b>PARTE 6 – LEONATUS: UMA PROFECIA DA ERA VINDOURA – MARGARIDA WOLFF .....</b>	<b>37</b>
<b>PARTE 7 – LEONATUS: O ABANDONO IMINENTE DO CORPO DENSO .....</b>	<b>47</b>
<b>ANEXO 1 – SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO .....</b>	<b>56</b>
<b>ANEXO 2 – OTELO – O MOURO DE VENEZA .....</b>	<b>90</b>
<b>ANEXO 3 – A TRÁGICA HISTÓRIA DE HAMLET – PRINCÍPE DA DINAMARCA (1603) .....</b>	<b>146</b>
<b>ANEXO 4 – ANTÔNIO E CLEÓPATRA .....</b>	<b>199</b>
<b>ANEXO 5 – O MERCADOR DE VENEZA .....</b>	<b>253</b>
<b>ANEXO 6 – REI LEAR.....</b>	<b>291</b>

## PARTE I – INTRODUÇÃO À OBRA DE SHAKESPEARE: SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO

É bem conhecido o ditado “não havia Fadas na Inglaterra antes de Shakespeare”.

No entanto, mesmo antes que o puritanismo tivesse extinguido a alegria da velha Inglaterra, essa era o próprio recreio das “pessoas pequenas”. Apareciam das sebes e provocavam os viandantes, faziam travessuras com os jovens e as donzelas nos caminhos dos amantes; todos os bosques e prados mostravam “anéis de Fadas” onde realizavam os seus bailes; tinham pontos de encontro nos pântanos de Yorkshire e nas planícies de Devon; as sereias penteavam-se nas falésias de Dover; e o alegre e brincalhão Robin Bom-camarada era uma palavra corrente em todo o país.

Sim, os contos de Fadas existiam, mas a crença neles era irregular e casual. Para algumas pessoas, eram realidades que faziam parte do seu quotidiano; para outras, eram apenas histórias bonitas ou assustadoras que se contava nas noites de verão ao luar ou à volta da lareira nas longas noites de inverno. Foi necessária a mão divinamente guiada do poeta para reunir todos os fios confusos, tecê-los em uma obra-prima e apresentá-la à Humanidade: aqui está o Mundo das Fadas das vossas chamadas “fantasias”; ele está vivo, é verdadeiro e real; é uma parte muito importante da vida no nosso globo!

No entanto, a grande lei da evolução funciona em espiral por toda parte. Há mais de 300 anos que os críticos tentam rebaixar o nível do *Um Sonho de uma Noite de Verão de Shakespeare* (Veja a obra no [ANEXO 1](#)) mediante interpretações tão cheias de equívocos que chegam a ser um sacrilégio. Essa obra foi escrita em 1590, aproximadamente. Mas só por volta de 1910 ela foi erguida na espiral do pensamento avançado. Não havia Fadas antes da obra *Um Sonho de uma Noite de Verão*.

Shakespeare nos deu o Mundo das Fadas; no entanto, apenas quando a grande Luz Branca dos Ensinamentos Rosacruz foi derramada sobre ele é que esse Mundo das Fadas apareceu na sua pureza e dignidade como parte integrante e sagrada da casa de Deus na Terra. Que a palavra sagrada penetre profundamente nos nossos corações. Um

Sonho de uma Noite de Verão, apesar de borbulhar de riso, alegria, diversão, travessuras e truques, é uma peça sagrada e como tal foi citada por Max Heindel no texto do Ritual do Serviço Devocional do Solstício de Junho e em outros livros da Fraternidade Rosacruz.

A Noite de Natal e a Noite do Solstício de Junho são os dois polos da atividade divina que se manifesta na Terra durante o ciclo do ano. No meio do inverno (em dezembro para o hemisfério norte), sob os raios oblíquos do Sol, a atividade espiritual atinge o seu pico, a Natureza é abafada em uma grande quietude, uma expectativa de escuta, e na noite mais longa, a noite mais escura, a Estrela do Espírito brilha mais intensamente e o Cristo nasce na Terra.

Mas, como lemos no livro “Conceito Rosacruz do Cosmos”: “A evolução é a história da progressão do Espírito no tempo”. E o tempo está indissolúvelmente ligado à matéria. Enquanto a nossa Onda de Vida passa por esta Terra em Involução e Evolução, a existência material, a forma corporal e a manifestação física são necessárias e, a menos que o polo oposto, o da atividade física, seja mantido, o Espírito não pode continuar o seu caminho de “progressão no tempo”. Todos nós, o nosso Planeta e tudo o que nele existe de vida mineral, vegetal, animal e humana, temos de recolher essa experiência da existência física para podermos evoluir de centelhas Divinas a seres Divinos autoconscientes, cocriadores junto às Hierarquias Criadoras e copossuidores da Glória de Deus. Assim, no Solstício de Junho, sob os raios perpendiculares do Sol, as atividades físicas atingem o seu auge e, durante a noite mais curta e luminosa do ano, a de 24 de junho, as mil vozes da Natureza juntam-se em cânticos, risos e murmúrios alegres e os Espíritos da Natureza realizam o seu festival anual, uma festa de regozijo porque fizeram bem o seu trabalho e a vida física na Terra está assegurada por mais um ano.

O Mundo das Fadas de Shakespeare inclui todos os Espíritos da Natureza mencionados nos Ensinamentos Rosacruzes; esses Espíritos — sejamos muito claros sobre isso — são servos de Deus, agentes de Deus, que trabalham sob a direção das Hierarquias Criadoras que guiam nossa evolução. As ações dos Espíritos da Natureza, muitas vezes, parecem

incoerentes e irresponsáveis para nós. Por quê? Porque ainda compreendemos mal o funcionamento das Leis da Natureza. Quando o ser humano está em harmonia com as Leis da Natureza e os Espíritos da Natureza lhe são simpáticos, ele os chama de “bons”. Quando ele está em desarmonia com as Leis da Natureza e elas parecem antagonizá-lo, ele as chama de “más”. Porém, todos trabalham juntos para o bem, a serviço da evolução. Os Espíritos precisam de corpos para adquirir experiência. Os Espíritos da Natureza são trabalhadores que constroem corpos, são criadores de forma. É por isso que no Fausto, de Goethe, eles aparecem à chamada de Mefistófeles que, em um dos seus muitos aspectos, é Satanás ou Saturno, o construtor da forma.

Ora, “Um Sonho de uma Noite de Verão” não é apenas o relato da Festival das Fadas no auge das suas atividades bem-sucedidas, mas também se preocupa muito com os males e as provações dos amantes e com a sua feliz união no final. Alguns críticos interpretam a peça como um espetáculo de amor inspirado nos perfumes de uma noite de verão, “Maluquice de uma noite de verão”. Essa é a interpretação mais triste de todas. E aqui, em particular, recordemos que Um Sonho de uma Noite de Verão é uma peça sagrada, apesar de muitos absurdos que são aparentes. Uma “peça” sim, mas apresentada para nós por um grande Iniciado para que possamos ver com ele as Forças da Natureza “brincando” no mundo.

Os Espíritos da Natureza estão sempre e particularmente interessados nos amantes e nos seus assuntos; eles gostam de provocar o jovem e a donzela enamorados, mas apenas durante algum tempo; depois, esses Espíritos os consolam e aproximam; ao final, eles pedem para serem convidados para o casamento e concedem ao casal feliz três desejos no dia do casamento. Os Espíritos da Natureza são construtores da forma e, como tal, precisam da atração entre os sexos para providenciar corpos para as almas que chegam. Um Sonho de uma Noite de Verão é uma Festa de Casamento regida por uma grande característica cósmica: a atração entre os sexos é um fator necessário em certos estágios da evolução em que o Espírito precisa de veículos físicos e densos para acumular experiência e, por isso, devido à sua missão Criadora ao Serviço do plano divino, o Amor entre homem e mulher é sagrado e o Matrimônio é um Sacramento; assim, temos

que ter pena das almas mais jovens que o olham de maneira frívola e interpretam Um Sonho de uma Noite de Verão como uma graciosa e espirituosa brincadeira de fazer amor, quando ele é uma Peça Misteriosa realizada nos recintos sagrados do santuário da vida.



## PARTE II – SHAKESPEARE E O CASAMENTO CÓSMICO

Quando o Poeta Iniciado, Goethe, terminou o seu drama místico, Fausto, disse sorrindo: “Nesta peça eu escondi muitos mistérios que manterão os críticos ocupados durante pelo menos cinquenta anos”. A obra “Sonho de uma Noite de Verão”, de Shakespeare, manteve-os assim ocupados durante mais de trezentos anos e não estão agora mais perto da solução dos problemas ocultos dessa magistral obra do que em 1º de maio de 1594, quando foi apresentada pela primeira vez nas festividades do casamento de um dos patronos aristocráticos de Shakespeare, na corte da Rainha Isabel; então as pessoas se perguntavam por que uma peça de maio<sup>1</sup> se chamava “Sonho de uma Noite de Verão”.

Muitos diziam naquela época, como dizem hoje, que as passagens que se referem ao primeiro de maio como a data do casamento do Duque Teseu foram inseridas na peça escrita por volta de 1590 como um elogio ao casal recém-casado perto do trono de Isabel. Essa é a forma mais fácil de evitar o fato embaraçoso de o poeta, no seu grande e misterioso drama nupcial, identificar o 1º de maio com o 25 de junho. A maioria dos expoentes ainda se contenta com essa solução, embora ela pareça bastante incompatível com a dignidade de um Shakespeare.

Alguns o desculpam com base em “erros ortográficos”; outros ainda o acusam de ter feito malabarismos com as datas, assim como o acusam frequentemente de ignorância ou de descuido em relação a fatos históricos, mitológicos ou geográficos. Ele, o Iniciado que sabia tudo o que aqueles que tentam em vão minimizar a sua grandeza não sabem! Gostam de acentuar a sua ignorância em geografia, por exemplo, porque na sua outra peça de mistério, a Tempestade, os navios singram para a Boêmia, que fica longe do oceano.

Sim, hoje em dia! Mas, no século XII, a Boêmia era um poderoso império que se estendia até ao Mar Adriático. Shakespeare, como é óbvio, conhecia esse fato e sabia bem “do que se tratava”, ao nos dizer que, quando o Duque Teseu de Atenas se casou

---

<sup>1</sup> N.T.: já que a estação de verão do hemisfério norte se inicia em junho.

com Hipólita, a sábia rainha das Amazonas, a data do Dia de Solstício de Verão era 1º de maio.

Vemos o grande Iniciado sorrindo com o seu sorriso gentil, como um pai sorri para os filhos que não podem ferir a sua dignidade quando, com razões superficiais e infantis, explicam seus ditos e feitos que ultrapassam a sua compreensão.

Não se confia às crianças a guarda da chama luminosa; — só quando um número suficiente de pessoas que vivem no ocidente atingiu a fase adulta é que se acenderam para elas as velas tão poderosas como temos, por exemplo, nos livros “Conceito Rosacruz do Cosmos – Max Heindel – Fraternidade Rosacruz” e “A Mensagem das Estrelas – Max Heindel e Augusta Foss Heindel – Fraternidade Rosacruz” – só para citar dois exemplos –, ambos do Iniciado Max Heindel. Esses livros não são meros manuais da Filosofia Rosacruz ou Astrologia Rosacruz, mas poderosos portadores de luz que levam a iluminação para todos os caminhos da vida. Não podemos compreender as obras dos grandes poetas, músicos, pintores e escultores sem a sua ajuda; e a razão para isso é facilmente encontrada. As pessoas que conhecemos como gênias que estavam muito à frente do seu tempo e, em muitos casos, foram iniciados da Ordem Rosacruz, nos deram a Religião Cristã Esotérica por meio de símbolos e parábolas, pois toda grande Arte é basicamente religiosa e a sua missão evolutiva é afirmada naquelas famosas palavras de Richard Wagner, frequentemente citadas por Max Heindel: “Onde a Religião se torna artificial está reservado à Arte salvar o espírito da Religião”. Max Heindel, como portador dos Irmãos Maiores da Ordem Rosacruz, deu à Humanidade o conhecer a Religião Cristã Esotérica em uma linguagem simples e por meio dos livros que contêm os Ensinamentos Rosacruzes que são lições completas que temos que consultar e estudar a fundo, se quisermos compreender a beleza misteriosa dos roteiros imortais escritos pelos nossos mestres-artistas em cores, palavras ou tons.

Uma biblioteca inteira de obras eruditas sobre Shakespeare não pode ajudar a resolver o problema do “Sonho de uma Noite de Verão”, pois a informação valiosa que contêm é *exotérica* e ignora o potente fator da Astrologia Rosacruz. Mas se, com ajuda dos

Ensinos Rosacruz focamos nossa atenção no fato de o “Sonho de uma Noite de Verão” ser um grande desfile do Sol e depois seguirmos a pista dada na sua explicação dos ciclos evolutivos ligados à Precessão dos Equinócios, a perplexidade se transforma em compreensão e a discrepância, em concórdia.

Como vimos anteriormente, o “Sonho de uma Noite de Verão” é uma apoteose das Forças da Natureza no auge das suas atividades, o grande “Festival das Fadas”, ou dos construtores da forma, que se regozijam porque fizeram bem o seu trabalho e asseguraram a vida física na Terra por mais um ano, para que o Espírito, em seu Caminho de Evolução, possa se manifestar através dos Corpos e dos veículos. Esse ponto culminante das forças *físicas* estimuladas pelo Sol ocorre todo ano entre 21 e 25 de junho, no polo oposto ao ponto culminante das forças *espirituais*, que ocorre entre 21 e 25 de dezembro, também todo ano.

Se a data do casamento na peça foi 1º de maio, o drama está aparentemente desequilibrado em relação ao Natal, afastado do caminho do Sol. — Sabemos que decorrem exatamente quatro dias entre o início da peça e o triplo casamento no final, pois o Duque Teseu abre-a com as palavras “*Quatro dias felizes trazem outra Lua*”<sup>2</sup> e a Rainha Hipólita acrescenta:

*Mergulharão depressa quatro dias na negra noite;*

*Quatro noites, presto, farão escoar o tempo como em sonhos.*

*E então a lua que, como arco argênteo,*

*no céu ora se encurva, verá a noite solene do esposório.*

Depois, no final do Ato IV, na Cena I, nesse maravilhoso discurso referente aos seus cães de caça, que soa como uma marcha triunfante composta por harmonias majestosas, informa os seus ouvintes de que “*agora a nossa observação está feita*” e elucida a ocasião para essa observação, que se realizou em bosques e florestas e não no templo,

---

<sup>2</sup> N.T.: Ato I – Cena I

acrescentando a respeito dos amantes: “*Decerto madrugaram, para os ritos observarem de maio*”. Esse Dia de Maio é o dia do casamento.

Ouvimos de novo o duque Teseu:

*no templo, agora mesmo,  
estes dois pares vão se unir para sempre.*

Mais tarde, os bons artesãos não-gramaticais dizem: “*Mestres, o duque vem vindo do templo, onde se casaram, juntamente com ele, mais três senhores e três senhoras.*”<sup>3</sup>.

Depois, a companhia festiva será recebida no palácio, até que Teseu lembra:

*Com a língua de ferro a meia-noite já deu doze batidas.  
Para a cama, namorados! É quase hora das Fadas.*

E agora a cena é inteiramente entregue às Fadas que cumprem o que no dia anterior Oberon, o rei das Fadas, anunciou à sua rainha, Titânia:

*Já que nossa discórdia mal sofrida em harmonia se mudou garrida,  
iremos amanhã, solenemente, dançar, à meia-noite,  
bem em frente do quarto de Teseu.*

...no Solstício de Junho (estação de verão para o hemisfério norte), — o Festival das Fadas! — para as fiéis Forças da Natureza, a grande, alegre e solene ocasião do ano! Os discursos de Titânia estão repletos de alusões ao Solstício de Junho. Mas não precisamos citá-las, pois o espírito do drama fala por si só. A peça está impregnada de Solstício de Junho, respira Solstício de Junho, canta e dança Solstício de Junho..., mas é mais rica em mistério e mais profunda em promessa do que um simples Solstício de Junho possa dar. Lembremo-nos do que Max Heindel ensina sobre os ciclos menores contidos nos maiores. Os ciclos diurno, anual e precessional são os ciclos do Sol. Uma nova vida é prometida a nós no Solstício de Junho através de Hermia e Lysander, Helena e

---

<sup>3</sup> N.T.: Ato IV – Cena II

Demetrius, os dois casais humanos cujo amor é abençoado pelas Fadas; vida abundante é prometida a toda a natureza pela reunião de Titânia e Oberon, o rei e a rainha das Fadas que, após um período de discórdia, celebram de novo o seu casamento e prometem abençoar a Terra com fecundidade. Mas, uma nova vida de um significado muito mais elevado e ampliado é prometida por meio do casamento de Teseu e Hipólita, esses dois seres exaltados que não são humanos nem Fadas, mas representantes cósmicos.

Shakespeare conhecia a mitologia e o seu simbolismo cósmico! Não acidentalmente, mas de forma muito deliberada, escolheu a Grécia como cenário para o seu drama. As Fadas, tipicamente do noroeste, em seu aspeto cosmopolita de Forças da Natureza, podiam ser facilmente transferidas para a Grécia; a sua rainha e o seu rei, Titânia e Oberon, são originários da Índia; assim, os arianos orientais e ocidentais contribuem a partir da sua tradição. Mas, nos mitos gregos foi encontrado o maravilhoso simbolismo dos “cães do céu” — a hoste estrelada — que acompanham a carruagem do deus Sol em uma corrida alegre “com a boca cheia de sinos, um debaixo do outro” e o saúdam com “gritos afináveis” — a música das esferas — aos quais a Terra ecoante responde.

*...vai minha amada apreciar a orquestra de meus fortes lebréis. (...)*

*Tão galante barulheira jamais havia ouvido;*

*o bosque, o céu, as fontes, tudo, tudo, era em torno uma crebra gritaria.*

*Em parte alguma nunca ouvira música tão discorde, trovão tão agradável.*

Ouvimos uma voz calma no livro “Conceito Rosacruz do Cosmos – Max Heindel – Fraternidade Rosacruz” confirmando as rapsódias do mito e da poesia: “Pitágoras não fantasiava quando falou da música das esferas, porque cada um dos Corpos celestiais tem seu tom definido e, juntos, formam a sinfonia celestial”<sup>4</sup>.

Finalmente, na mitologia grega este deus Sol, em uma de suas fases de Precessão, é representado por Teseu, o herói forte que matou o touro “devorador de homens”, o Minotauro. Esse terrível monstro tinha a sua fortaleza no Labirinto da ilha de Creta. Os

---

<sup>4</sup> N.T.: Capítulo III – O Ser Humano e o Método de Evolução – O Primeiro Céu

atenienses tinham de oferecer todos os anos sete jovens e sete donzelas às mandíbulas cruéis desse touro. Ele representa o espírito do Ciclo Taurino e da Era de adoração ao touro<sup>5</sup> — o espírito da mais extrema crueldade e do mais cru materialismo ao qual os filhos e filhas da Humanidade eram sacrificados.

O espírito da Era de Touro foi morto por Teseu, o Sol. Isso significa que a Era de Touro terminou porque o Sol, por Precessão dos Equinócios, estava prestes a deixar a constelação de Touro e entrar em Áries. Max Heindel nos informa que em 498 d.C. o Sol cruzou o equador celeste no Equinócio de Março em 21 de março, a 0 grau de Áries. O Sol leva em torno de 2.156 anos para percorrer, pelo movimento da Terra Precessão dos Equinócios, os 30 graus de uma constelação. Ele entrou no 30º grau de Áries, o carneiro ou cordeiro, em 1658 a.C. e, portanto, 1659 a.C. é o último ano da Era de Touro.

Para nós, Áries é um Signo masculino; na astrologia grega era considerado um Signo feminino e o seu regente, o Planeta Marte, era representado não por um deus, mas por uma deusa, nomeadamente Palas Athena, a deusa da guerra e da sabedoria. A analogia entre Palas Athena e Hipolyta, a sábia rainha-guerreira, é evidente. Assim, 1659 a.C., o último ano da Era antiga ou de Touro, é o ano do casamento de Teseu, o Sol, com Hipólita, o Espírito Guardião da nova Era ou a Era de Áries, para que no próximo Equinócio de Março, 1658 a.C., ele pudesse entrar em sua nova casa, Áries, junto à parceira da sua exaltação.

Assim temos o ano; como é que obtemos a data? No que diz respeito à contagem do calendário, as nações antigas seguiam o exemplo da Babilônia ou da Caldeia, que eram seus mestres em todos os assuntos relacionados com a astrologia e a astronomia.

O calendário de Caldeia, que os egípcios, os gregos e os romanos, até ao tempo de César, copiaram, seguia de perto a trajetória do Sol e baseava-se em dois acontecimentos cíclicos: o menor e relativo ao Equinócio de Março e o maior, relativo à Precessão dos

---

<sup>5</sup> N.T.: A Era de Touro na Época Atlante.

Equinócios. Assim, em 1659 a. C. o mês do “Equinócio de Março” foi janeiro e o mês do “Solstício de Junho” foi abril.

A Era de Touro dominou de 3814 a 1659 a.C. Na nossa Era de Peixes – em que nos encontramos atualmente –, estamos afastados de Touro por duas constelações e cada constelação através da qual o Sol passa por Precessão dos Equinócios coloca o ponto do Equinócio de Março um mês à frente. Os caldeus tinham meses lunares de 29 dias e, em certos intervalos, um mês bissexto, em vez do nosso ano bissexto. Se contarmos 91 dias entre o Equinócio de Março e o “Solstício de Junho” e tivermos em conta os meses mais curtos, então veremos que o 23 de abril do nosso calendário equivale ao 26 de abril do calendário caldeu da Era de Touro. Assim, o “Solstício de Junho” na Era de Touro aconteceu entre 26 de abril e 1º de maio; o Casamento Cósmico teve lugar em um dia de “Solstício de Junho”, 1º de maio de 1659 a.C.

### PARTE III – SHAKESPEARE E A LEI DO RENASCIMENTO

Não faz muito tempo um Estudante Rosacruz enviou uma pergunta para aqui, em Mount Ecclesia. Ele perguntou se uma pessoa que deseje, no seu íntimo, não renascer na Terra, jamais renascerá.

Os Ensinamentos Rosacruz afirmam que uma das principais Leis que guiam a evolução é a Lei do Renascimento, auxiliada pela sua irmã gêmea, a Lei de Consequência. Essas duas grandes Leis devem satisfazer o coração, o intelecto e a vontade. Elas são absolutamente justas e lógicas, mas cheias de esperança e promessa; elas dão um amplo espaço à vontade impetuosa e magistral dos filhos e filhas de Caim, que se recusam a seguir docilmente os líderes e querem trabalhar ativamente em sua própria evolução. Mesmo assim, o coração tenta dobrar a Lei de acordo com a sua impaciência, o intelecto gosta de fazer dela uma base de especulações e a vontade está ansiosa por afirmar a sua superioridade sobre ela. Quando eu me libertarei da Roda de Nascimentos e Mortes? Assim questiona o coração que acredita que a repetição da existência terrena, com as suas tristezas, seus sofrimentos e suas separações dolorosas seja demasiado difícil de suportar e anseia pela felicidade celestial e ininterrupta. Quantas vezes tenho de renascer e em que intervalos cíclicos ou rotações? Em que período da evolução a Lei do Renascimento será substituída por outra mais elevada? Assim pergunta o intelecto que gostaria de reduzir a Lei de Deus a um calendário ou fórmula matemática. E a vontade grita triunfante: assim que eu me recuso a renascer, a Lei deixa de funcionar.

A vontade, como a mais elevada faculdade do ser humano, é o seu *direito*. Max Heindel ensina no livro “*Conceito Rosacruz do Cosmos*” que o renascimento depende da vontade do Ego. Quando ele já não quer renascer, está livre. Só que esse direito é constituído de tal forma que *não pode* se recusar a renascer até ter atingido um certo grau no Caminho de Iniciação Rosacruz. Aqui, como nos casos anteriores, ouvimos um grande poeta acompanhando harmoniosamente esse processo. O problema parece complexo e intrincado. Mas o poeta-iniciado, Shakespeare, resolve em 16 palavras: “Os homens



devem suportar tanto a sua partida quanto a sua vinda — a *maturidade é tudo*”. Essas palavras, que se encontram no drama *Rei Lear* – Veja no [ANEXO 6](#) –, parecem ao mundo as mais enigmáticas das afirmações de Shakespeare, mas para nós, que as lemos sob a luz dos Ensinamentos Rosacruz, estão entre as suas maiores verdades!

“Os homens devem suportar tanto a sua partida quanto a sua chegada”. O próprio ritmo das palavras parece transmitir a sequência rítmica de nascimento e morte, morte e nascimento em uma alternância constante e inquieta. Para cima e para baixo, para baixo e para cima o Ego viaja em um movimento cíclico e incessante, descendo à matéria para um período escolar sob a disciplina rigorosa da vida terrena e subindo aos Mundos celestes para um período de férias felizes e atividade intensa. Assimilar a experiência da vida terrena e preparar as condições para a próxima vida — eis o trabalho do Ego nos Mundos celestiais. Depois outro nascimento, mais um dia de escola com mais experiências. E isso se repete em intervalos cíclicos de 1.000 anos, geralmente. Não importa quantas vezes estivemos aqui, pecamos, sofremos e aprendemos, precisamos continuar, continuar... A lei é imutável. “Os homens precisam suportar a sua partida e a sua vinda”. Precisam porque eles próprios assim desejam. A imutabilidade da Lei atua a partir do interior, não do exterior.

No livro *Conceito Rosacruz do Cosmos* lemos que: “Depois de um tempo (*de permanência no Terceiro Céu*) vem ao Ego o desejo de novas experiências e a contemplação de um novo nascimento”. Nenhuma força externa o estimula isso, o próprio desejo do Ego confere o estímulo para o renascimento. Pois o Ego, na Região do Pensamento Abstrato, onde fica o Terceiro Céu, onde nenhuma matéria turva a sua percepção, é muito sábio e sabe que um novo mergulho na matéria física, outro período escolar na Terra, é absolutamente necessário para o seu desenvolvimento em direção ao objetivo final, que é a onisciência divina. A consciência total inclui *todos* os planos de consciência, tanto os mais baixos como os mais elevados, e o Ego compreende a necessidade de acumular experiência nos graus escolares mais baixos na Terra, de modo a estar apto para os mais avançados nos Mundos superiores. O coração insensato, enquanto palpita com a dor e a desilusão da vida terrena, anseia pela felicidade, mas o

Ego, que é sábio, prepara-se deliberadamente para deixar a sua morada feliz no Céu e procurar de novo esta mesma existência terrena da qual o coração se ressentia, pois ele sabe que “o propósito da vida não é a felicidade, mas sim a experiência” (livro *Conceito Rosacruz do Cosmos*). Ele deseja voltar até que todas as experiências, que a vida terrena proporciona, sejam reunidas e todas as lições que a vida terrena ensina sejam aprendidas. Só então o Ego estará pronto para experiências e lições em estágios mais elevados da existência. *Amadurecimento* é tudo!

Mas qual é a prova dessa maturidade, qual é a sua expressão? Como ela se manifesta? — Não é uma maturidade do intelecto que possa ser provada diante de uma banca de examinadores. A bela palavra “amadurecimento” indica um estado de Ser; vemos o grão dourado e o fruto doce, uma perfeição alcançada pelo crescimento natural que expande, suaviza e amacia cada átomo. Desaparecem então a dureza e a aspereza, que são atributos da falta de maturidade, e ganha-se uma bela suavidade! A dureza vem do “eu” que não tem consideração pelo outro; a aspereza surge da paixão que afasta os outros; a suavidade emerge do amor desinteressado. Não há outro teste, não há outra prova. Se o nosso estado de ser se manifesta como amor-próprio e paixão, então não estamos maduros; se ele se manifesta como Serviço amoroso e compaixão, então atingimos a maturidade.

Existem almas mais jovens que julgam demonstrar amadurecimento ao manifestarem desprezo e cansaço pela vida terrena, afirmando que a Terra já não exerce qualquer atração sobre elas, que esperam encontrar em outras esferas a felicidade que aqui não é possível. Felicidade! Aqui está novamente o “eu”, embora disfarçado de saudade dos Mundos celestes. O ser humano aparentemente espiritualizado que denuncia a Terra e deseja o Céu em nome da felicidade está tão enredado nas malhas do “eu” quanto o franco materialista que se agarra à Terra como o campo de caça para suas paixões e não pensa no Além. Os que se rebelam contra as lições da vida terrena amam tanto a si mesmos que não querem amar o outro e o sábio poeta balança tristemente a cabeça para eles: “Como são pobres os que não têm paciência” (*Otelo* – veja no [ANEXO 2](#)). Porque a derradeira lição a ser aprendida aqui na Terra é perder o “eu” e encontrar o outro. A

essência de todas as experiências a serem acumuladas aqui é o amor compassivo. Com o objetivo de ganhar a consciência total, nós temos que carregar cada criatura viva, com suas riquezas e tristezas, para a nossa *consciência*; isso só pode ser feito através da compaixão.

“Ser ou não ser, eis a questão!” (*Hamlet*) – Veja no [ANEXO 3](#). Quando é que a vontade do Ego decretará que nunca mais precisará “ser” em um Corpo Denso? Quando soubermos preservar a estabilidade da paciência, tanto nas alegrias como nas tristezas da vida, quando a alegria não nos levar ao êxtase nem a tristeza, ao desespero; quando não tivermos tempo a perder com os nossos desejos nem força para as nossas emoções, porque todas as nossas atividades estarão ocupadas de outra forma. O Aspirante à vida superior verdadeiramente maduro, aquele que se aproxima da libertação do nascimento e da morte, não fala nem discute sobre felicidade ou infelicidade, nem usa seu tempo para pensar nisso. Pacientemente, ele faz o seu trabalho diário como Auxiliar Visível ou Invisível, *construindo, construindo* o tempo todo, construindo estradas que levam para longe de si mesmo, para o fundo do coração, da vida, da necessidade do seu irmão e da sua irmã. E eis como é maravilhosa a lei do amadurecimento! Esse paciente construtor, que ajuda os outros infalivelmente, constrói e amadurece dentro de si mesmo aquilo que o pobre anseia em vão: o Corpo-Alma indestrutível que não pode ser prejudicado pela morte e, portanto, não precisa ser renovado pelo nascimento. — Pois o Ego, quando finalmente se desfizer do Corpo Denso, deverá ter um veículo pronto para funcionar, uma roupa com a qual se vestir.

A morte e o renascimento significam uma interrupção do contato entre este Plano de existência (Região Química do Mundo Físico) e os superiores (Mundos invisíveis à visão física). Enquanto estou nos Céus, estou morto para a Terra. Enquanto estou na Terra, estou morto para os Mundos Celestes. De eras em eras, a beleza celestial brilha, a música celestial soa e as almas vibram umas com as outras em perfeita harmonia.

*“Mesmo o menor globo que tu possas contemplar,*

*No seu movimento canta como um anjo,*

*Um quieto coro para os querubins de olhos jovens.*

*Tal harmonia existe nas almas imortais,*

*Mas enquanto estas vestes decadentes e enlameadas*

*Grosseiramente as encerrarem, não podemos ouvir”.*

*(O Mercador de Veneza) – Veja no [ANEXO 5](#)*

Max Heindel nos diz que “Adão” significa “terra vermelha” e qualifica a matéria terrosa da qual, nos dias lemúrianos, o corpo do primeiro Adão foi feito com “lama vulcânica, vermelha e quente”<sup>6</sup>. A Bíblia chama essa “veste lamacenta de decomposição”,

---

<sup>6</sup> N.T.: Capítulo X do Livro Coletâneas de um Místico – Max Heindel – Fraternidade Rosacruz: CAPÍTULO X – A PRÓXIMA ERA

Quando falamos da “Próxima Era”, “do Novo Céu e da Nova Terra” mencionados na Bíblia e, também, da “Era de Aquário”, as diferenças entre elas podem não ser claras nas Mentes dos nossos Estudantes Rosacruzes. A confusão dos conceitos é um dos campos mais férteis para a falácia, e os Ensinamentos Rosacruzes procuram evitar isso usando uma nomenclatura ou um conceito particularmente definido. Algumas vezes, um esforço extra se faz necessário para dissipar a confusão ou a distorção gerada por concepções nebulosas engendradas por outros, tão sinceros como o presente escritor, porém, não tão afortunados em ter acesso aos incomparáveis Ensinamentos da Sabedoria Ocidental.

Em nossa literatura aprendemos que quatro grandes Épocas de desenvolvimento gradual precederam a atual ordem das coisas; que a densidade da Terra, suas condições atmosféricas e as Leis da Natureza que prevaleciam numa Época eram tão diferentes das de outras Épocas, como a correspondente constituição fisiológica da Humanidade em uma Época era bem diferente das de outras Épocas.

Os corpos de ADM (o nome significa terra vermelha), a Humanidade da ígnea Lemúria, foram formados do “pó da terra”, da lama vermelha, quente e vulcânica, e estavam adaptados ao meio ambiente deles. A carne e o sangue teriam se atrofiado e se enrugado, especialmente pela perda de umidade, no calor intenso daqueles dias e, embora adaptados às condições presentes, São Paulo nos diz que “eles não podem herdar o Reino de Deus” (ICor 15:50). É evidente, portanto, que antes que uma nova ordem de coisas possa ser inaugurada, a constituição fisiológica da Humanidade precisa ser radicalmente alterada, isto sem mencionar a atitude espiritual. Serão necessários milhões de anos para regenerar toda a Onda de Vida humana e torná-la apta a viver em corpos etéricos (Corpos Vitais).

Por outro lado, nem mesmo um novo ambiente surge de um momento para o outro, mas a terra e os povos vêm evoluindo juntos, desde os menores e mais primitivos primórdios. Quando a neblina da Atlântida começou a assentar, alguns dos nossos antepassados já haviam desenvolvido pulmões embrionários, e foram compelidos a subir para as montanhas muito antes de seus pares ou companheiros. Eles vagaram pelo “deserto” enquanto a “Terra Prometida” estava emergindo das névoas mais tênues e, ao mesmo tempo, seus pulmões em crescimento estavam os preparando e os ajustando para viverem sob as condições atmosféricas atuais.

Mais duas Raças nasceram nas bacias da Terra, antes que uma sucessão de inundações os forçasse a ir para as montanhas; a última inundação aconteceu no momento quando o Sol entrou no Signo aquoso de Câncer, há cerca de dez mil anos atrás, como disseram os sacerdotes egípcios a Platão. Como vimos, não há uma mudança súbita no organismo humano ou no meio-ambiente para toda a Onda de Vida humana, quando uma nova Época é introduzida, mas uma sobreposição de condições que tornam isso possível para a maioria dos seres da Onda de Vida humana, por meio de um ajustamento gradual para entrar na nova condição, embora a mudança possa parecer súbita ao indivíduo que fez toda a mudança preparatória inconscientemente. A metamorfose do girino, de um habitante do elemento aquoso para um habitante do elemento aéreo, fornece uma analogia do passado, e a transformação de uma lagarta em uma borboleta se elevando pelo ar é uma ilustração apropriada da próxima Era. Quando o celestial marcador do tempo entrou em Áries, por Precessão (Movimento de Precessão dos Equinócios), um novo ciclo se iniciou e as “boas-novas” foram pregadas por Cristo. Ele enfatizou que o Novo Céu e a Nova Terra não estavam ainda prontos, quando disse a Seus discípulos: “Não podes seguir-me agora aonde vou, mas me seguirás mais tarde” (.) (Jo 13:36) “vou preparar-vos um lugar, e quando eu me for e vos tiver preparado um lugar, virei novamente e vos levarei comigo” (Jo 14:2-3).

pertencente ao primeiro Adão, de “o corpo da nossa humilhação”; mas nos assegura que ela será transformada até se assemelhar ao corpo glorioso do segundo Adão, que é o Cristo. Quando deixarmos de lado, pela última vez, essa veste de lama e imperfeição, então, em nosso Corpo-Alma amadurecido, um corpo de glória e perfeição, teremos um veículo que nos unirá a Terra e ao Céu. Nas asas da nossa dourada veste nupcial nós contataremos tanto o Céu como a Terra, porque seremos capazes de nos mover e

---

Mais tarde São João viu, numa visão, a Nova Jerusalém procedendo do Céu e São Paulo exortou os Tessalonicenses “pela palavra do Senhor” (ITess 4:15) que aqueles que vivem em Cristo, na Sua próxima vinda, deverão ser arrebatados no ar para se encontrarem com Ele e estar com Ele para a Nova Era.

Porém, durante essa mudança, há pioneiros que entram no Reino de Deus antes de seus irmãos e de suas irmãs em Cristo. Cristo disse, no Evangelho Segundo São Mateus 11:12: “Desde os dias de João Batista até agora, o Reino dos Céus sofre violência, e violentos se apoderam dele”. Essa não é uma tradução correta. A tradução deve ser: “O Reino dos Céus foi invadido (biaxetai) e os invasores se apoderaram dele”. Homens e mulheres já aprenderam, por meio de vidas santas e baseadas na prestação de serviços e auxílios, a deixar de lado o corpo de carne e de sangue, seja intermitente ou permanentemente, e caminhar pelos céus com pés alados, atentos aos assuntos do Senhor deles, vestidos do etérico “Manto Nupcial” (Corpo-Alma) da Nova Dispensação. Essa mudança pode ser conseguida por meio de uma vida de simples serviço, de ajuda, de auxílio e de oração e prece, como a praticada pelos Cristãos devotos, não importando a que igreja estejam afiliados, assim como por meio dos Exercícios Esotéricos específicos fornecidos pela Fraternidade Rosacruz. Esses Exercícios Esotéricos não trarão nenhum resultado, a não ser que sejam acompanhados por frequentes atos de amor, pois o amor será a palavra-chave da próxima Era, do mesmo modo que a Lei é a palavra-chave da presente ordem. A expressão intensa das qualidades mencionadas acima aumenta a luminosidade fosforescente e a densidade dos Éteres em nossos Corpos Vitais; as correntes ígneas cortam a ligação com os cuidados e as preocupações do dia a dia, e o ser humano, uma vez nascido da água em sua emersão da Atlântida, agora nasce do espírito, para o Reino de Deus. A força dinâmica do seu amor abriu um caminho para a terra do amor, e é indescritível o regozijo daqueles que já se encontram lá quando novos invasores chegam, pois cada um que chega apressa a vinda do Senhor e o estabelecimento definitivo do Reino.

Entre os religiosamente inclinados há um clamor definido e incessante: “Quanto tempo, Oh Senhor, quanto tempo?”. E, apesar da afirmação enfática de Cristo de que o dia e a hora são desconhecidos, mesmo para Ele, profetas continuam ganhando credibilidade quando predizem Sua volta para uma determinada data, embora cada um se frustra quando o dia passa e nada acontece. A questão também tem sido debatida entre nossos Estudantes Rosacruzes, e esse capítulo é uma tentativa de mostrar a falsa ou errada ideia de esperarmos pelo Segundo Advento no próximo ano, nos próximos cinquenta ou nos próximos quinhentos anos. Os Irmãos Maiores se recusam a expressar uma opinião e assinalam só o que deve ser realizado primeiramente.

Nos dias de Cristo, o Sol estava ao redor dos sete graus de Áries. Foram necessários quinhentos anos para, por Precessão, chegar ao décimo terceiro grau de Peixes. Durante este tempo, a nova igreja viveu fases de violência ofensiva e defensiva, justificando bem as palavras de Cristo: “Eu não vim trazer a paz, mas uma espada” (Mt 10:34). Passaram-se mais mil e quatrocentos anos sob a influência negativa de Peixes, que tem fomentado o poder da igreja e sujeitado o povo pelo credo e pelo dogma.

Em meados do último século (Século XIX), o Sol entrou na Órbita de Influência do Signo científico de Aquário e, embora ainda leve cerca de seiscentos anos para que a Era de Aquário comece, é altamente instrutivo notar que mudanças o mero contato com esse Signo tem acontecido e disponibilizadas para o uso no mundo. Nosso limitado espaço nos impede de enumerar os maravilhosos avanços realizados desde então; mas não demais dizer que a ciência, as invenções e a indústria decorrente desse desenvolvimento, tem mudado o mundo completamente, tanto na vida social como nas condições econômicas. Os grandes progressos realizados por meio da comunicação, têm contribuído muito para quebrar as barreiras do preconceito racial, nos preparando para as condições da Fraternidade Universal. Os instrumentos de destruição têm sido elaborados tão assustadoramente eficientes, que as nações militantes serão forçadas, dentro de pouco tempo, a “quebrar as suas espadas, transformando-as em arados, e as suas lanças, a fim de fazerem podadeiras” (Is 2:4). A espada tem tido seu reinado durante a Era de Peixes, mas a ciência governará na Era de Aquário.

Na terra do sol poente podemos esperar vislumbrar as condições ideais da Era de Aquário: uma mescla de Religião e ciência, formando uma ciência religiosa e uma Religião científica, que proporcionarão a saúde, a felicidade e o regozijo de uma vida vivida em sua plenitude.

funcionar em perfeita liberdade e consciência em Planos que, para nós, estão atual e tristemente separados uns dos outros pelo nascimento e pela morte. Max Heindel diz: “*O Reino dos Céus foi invadido* (Mt 11:12), há homens e mulheres que já aprenderam, através de uma vida santa e útil, a deixar de lado o corpo de carne e osso, intermitente ou permanentemente, e a caminhar pelos Céus com pés alados, empenhados nos negócios do seu Senhor e vestidos com as etéreas vestes nupciais da nova dispensação”<sup>1</sup>.

As tendências do “*eu*” são de contração, de endurecimento, de atração para baixo, de fechamento e de isolamento, correspondendo às qualidades dos dois Éteres inferiores que mantêm o Corpo Denso. A tendência do amor é expandir-se, suavizar-se, unir-se, elevar-nos, em correspondência com as qualidades dos dois Éteres superiores que estão incorporados no Corpo-Alma. O “*eu*”, junto dos dois Éteres inferiores, é responsável pela cristalização; o amor, junto dos dois Éteres superiores, produz a rarefação. Na linguagem dos alquimistas, os dois Éteres superiores eram chamados de “fogo” e “ar”, enquanto os dois Éteres inferiores eram comparados à “terra” e à “água”. Quando uma vida de serviço amoroso e desinteressado (portanto, o mais anônimo possível), esquecendo os defeitos do irmão ou da irmã ao seu entorno, focado na divina essência oculta em cada um de nós, que é a base da Fraternidade tiver amadurecido, soltado e moldado os dois Éteres superiores, então o Ego, revestido do seu Corpo-Alma, que é rarefeito, glorificado e etéreo, será elevado para sempre acima da necessidade da existência física e, liberto da Lei do Renascimento, poderá exclamar com o poeta: “Eu sou fogo e ar, os meus outros elementos, eu os dou à vida inferior.” (*Antônio e Cleópatra*) – Veja no [ANEXO 4](#).

“O amor será a palavra-chave da próxima Era, do mesmo modo que a Lei é a palavra-chave da presente ordem. A expressão intensa das qualidades mencionadas acima aumenta a luminosidade fosforescente é a densidade dos Éteres em nossos Corpos Vitais; as correntes ígneas cortam a ligação com os cuidados e as preocupações do dia a dia, e o ser humano, uma vez nascido da *água* em sua emersão da Atlântida (*Hamlet*) (tal como na Lemúria era *nascido da terra*), agora nasce do espírito, para o Reino de Deus”<sup>1</sup>.

## PARTE 4 – SHAKESPEARE E A ORDEM ROSACRUZ

A infeliz “teoria baconiana” ainda tem alguns seguidores, especialmente nos Estados Unidos, onde as pessoas estão longe da atmosfera convincente de Stratford. Essa pequena cidade no coração da Inglaterra, onde Shakespeare passou a maior parte da sua vida, ainda sonha entre suas sebes e rosas tal como sonhava no tempo de Shakespeare, mas todos os seus sonhos agora estão com ele, cuja grande personalidade deixou a sua poderosa marca na Memória da Natureza e ninguém minimamente sensível a essas vibrações pode ficar diante da velha igreja que narra o seu batismo e o seu enterro, ou passear entre as flores do seu jardim, ou ver as brumas a subir e descer sobre o rio, sem saber, com alegria, não só que William Shakespeare foi um habitante de Stratford, mas que um grande espírito viveu, moveu-se e teve o seu ser ali. “Os passos de um grande homem santificam o solo.” Não se fala de um William Shakespeare que foi um obscuro ator do qual se diz ter vendido o próprio nome para ser usado como máscara por Francis Bacon, “um nobre sem escrúpulos”, como se diz na atmosfera sagrada de Stratford; mas, de William Shakespeare, o poeta imortal, ele próprio um nobre em virtude do seu gênio e amigo próximo de Francis Bacon, o grande cientista e verdadeiro aristocrata do espírito.

Terá Shakespeare pressentido o que a calúnia tentaria fazer com ele, quando escreveu estas linhas em *Otelo*?

*“O bom nome no homem e na mulher, meu caro senhor,*

*É a joia imediata das suas almas:*

*Quem rouba a minha bolsa, rouba lixo;*

*É algo que é nada;*

*Era minha, é dele e foi escrava de milhares;*

*Mas aquele que me rouba o meu bom nome*

*Rouba-me o que não o enriquece*

*E me faz pobre de fato”.*

Ele possui também um aspecto no seu horóscopo, desde que o mapa natal esteja correto, que é tanto mais notável quanto, passados trezentos anos, ainda esteja ativo na perseguição da personalidade de William Shakespeare, embora se possa supor com segurança que o grande espírito renasceu mais do que uma vez, talvez desde 1614, para desempenhar importantes missões a serviço da Humanidade. O Aspecto astrológico é o de Netuno em Oposição a Urano, que proporciona influências para a vida que visam a minar a reputação e fazer com que a pessoa sofra escândalo e prejuízo público.

Quem já passou por Stratford, não junto da multidão tagarela dos turistas, mas com a memória do gênio por companhia sagrada, sente uma profunda gratidão por Max Heindel, ele que, com a voz da autoridade, explica a natureza da ligação entre William Shakespeare e Francis Bacon, refutando de uma vez por todas as invenções tão irreverentes para a memória e a missão desses dois grandes homens.

No livro “*Conceito Rosacruz do Cosmos*”, lemos que “Rosacruz como Paracelso, Comenius, Bacon, Hellmond e outros deram pistas em suas obras e influenciaram outros. A grande controvérsia sobre a autoria de Shakespeare (que em vão usou tantas penas de ganso e desperdiçou muita tinta boa que poderia servir para fins úteis) nunca teria surgido se os especuladores soubessem que a semelhança entre Shakespeare e Bacon se deve ao fato de ambos terem sido influenciados pelo mesmo Iniciado, que também influenciou Jacob Boehme e um pastor de Ingolstadt, Jacobus Baldus, que viveu depois da morte do Bardo de Avon, e escreveu versos líricos em latim. Se o primeiro poema de Jacobus Baldus for lido com uma determinada chave vamos verificar que, lendo as linhas para baixo e para cima, aparecerá a seguinte frase: ‘Até agora falei aqui, do outro lado do mar, e por meio do drama; agora vou me exprimir através das letras’”.

A controvérsia baconiana foi principalmente suscitada pela presença de uma certa palavra-chave na Cena I do Ato V, na comédia de Shakespeare chamada de *Trabalho de Amor Perdido*. Essa palavra, que é reivindicada pelos baconianos como o suporte mais forte da sua teoria, é composta por 27 letras: *Honorificabilitudinitatibus*. A forma como



tem sido explorada para provar que Francis Bacon foi o autor das peças de William Shakespeare é um exemplo de alerta para a falácia de um método de investigação que ignora a existência do ocultismo e dos seus guardiões, os Iniciados das Escolas de Mistérios.

A palavra que os baconianos consideram sua propriedade exclusiva era bem conhecida nos tempos medievais e renascentistas, muito antes de Bacon e Shakespeare, entre os Místicos e Alquimistas que estavam ligados à Ordem Rosacruz. Quando ocorria em um livro ou manuscrito, revelava o fato do seu autor ser um Iniciado dessa Ordem ou, pelo menos, o aluno de um Iniciado. Mediante a alteração de uma ou duas letras, o grau de Iniciação podia ser indicado e eram dadas dicas valiosas que ninguém, exceto os Rosacruzes, podia compreender, pois somente eles sabiam da existência da palavra-chave acima mencionada.




O seu segredo tinha que ser cuidadosamente guardado devido às perseguições da igreja exotérica que punia com tortura e morte na fogueira os “hereges” que acreditavam no Cristianismo esotérico. Mesmo nos tempos de Shakespeare, a inquisição ainda era desenfreada, as “bruxas” e os “feiticeiros” eram queimados, o veneno e o punhal espreitavam por todo lado aquele que não aderisse à letra da Igreja, fosse ela romana ou anglicana, papista, puritana ou protestante; e o filho ilustre de uma Ordem muito mais poderosa do que a Igreja, mais poderosa em espírito, precisava usar uma escrita secreta se quisesse revelar a sua filiação aos contemporâneos e à posteridade. Para tornar o método duplamente seguro, colocava as palavras identificadoras na boca de bobos e palhaços em que, no meio de trocadilhos aparentemente sem sentido, malabarismos com o mau latim e restos mutilados de outras línguas, *Honorificabilitudinitatibus* não parece mais do que o produto bizarro da fantasia de um tolo, um tilintar dos sinos do bobo.

Para os seus irmãos e suas irmãs Iniciados a presença da palavra por si só já era suficiente, sem qualquer pista ou chave, porque, como já foi dito, era a palavra-chave aceita. Mas, aproximava-se o tempo em que o poder da igreja deveria diminuir e a existência da Ordem que guarda o bem-estar espiritual dos povos que vivem no ocidente

deveria ser manifestada. William Shakespeare quis que a posteridade conhecesse a sua ligação com esse grêmio do espírito para que os seus Dramas pudessem ser lidos e compreendidos esotericamente, por isso insere, na conversa dos bobos, algumas dicas que nos chamam a atenção para a palavra e nos permitem lê-la, mesmo que não saibamos que seja uma antiga senha. Mas, aqueles que ignoram a existência das Escolas de Mistério nunca poderão decifrá-la. Um Sr. Dull (“Chato”) que testemunha a conversa é abordado assim no final: “Bom homem Dull, não disse uma única palavra”. Ao que ele responde: “Nem compreendi palavra alguma, senhor”. Este Sr. Dull é um policial. Assim, as revelações do poeta aos que entenderam estão perfeitamente seguras sob os olhos da lei estabelecida pela burrice exotérica, e o seu sentido de humor deleita-se evidentemente com esse fato, que é o pivô da Comédia para nós, os conhecedores. Os críticos exotéricos são unânimes em declarar que *Trabalho de Amor Perdido* é a mais pobre e “mais chata” das obras de Shakespeare.

A palavra longa representa um criptograma e as palavras escondidas dentro dele são latinas, pois essa era a língua da Religião, da Ciência e do Misticismo durante toda a Idade Média. Mas, o latim clássico foi degenerado, o “latim dos monges” se tornou proverbial e o dos alquimistas, embora bem adaptado aos seus objetivos, não era do melhor tipo. Diz Holofernes, o Pedagogo: “Isso tem cheiro de latim falso”. Fala também dos “patifes da ortografia” que “abreviam” ou introduzem “fantasias fanáticas” na ortografia das palavras. Isso é um indício de que temos de reorganizar as letras e repor as abreviaturas no lugar necessário. O autor menciona ainda “o cesto de esmolas das palavras”, “restos” do “banquete das línguas”. Isto é, fragmentos de palavras foram reunidos sem ordem e é nosso dever juntá-los e desfrutar o nosso achado. A nossa atenção é chamada para a “boa nova”, para a notícia do “homem novo”, o “homem de paz” e o “Cristão” — esse último a ser construído a partir de “*Priscian*, um pouco riscado, vai servir” e *Chirra* em vez da saudação habitual: *Sirra*. A vogal é *I* e a consoante é *S*; as duas letras simbolizam a Iniciação e constituem o caduceu ou bastão do Iniciado. Em Holofernes, o pedagogo ou professor, um Iniciado nos fala, pois ele

“ensina a partir do livro do chifre”, que é o livro da Iniciação, e é dito que aqueles que recebem esses ensinamentos são os “escolhidos entre os bárbaros”.

Michelangelo, na sua sublime estátua de Moisés, representa o legislador com o atributo dos cornos de carneiro. Desde tempos imemoriais que esses simbolizam a Iniciação do Cordeiro, a Nova Dispensação que começa com a vinda do Cordeiro quando o Sol, por Precessão dos Equinócios, passa pelo Signo de Áries. Os bobos da corte se referem ao Cordeiro e a Áries mencionando o “carneiro” e os “chifres” com a forma do Signo de Áries, um . Falam também da “ovelha, o Signo de Áries, com um corno acrescentado”. Chifre em latim é *cornu*. Se juntarmos essa palavra, ou um traço que a represente, ao , o símbolo do Carneiro, obtemos o , símbolo de Capricórnio — que é o Signo da porta do Castelo do Graal ou do Templo no cimo da montanha (*mons*), onde ocorre a Iniciação. Mais adiante, ouvimos falar dos “Nove Dignos” — as Nove Iniciações nos Mistérios Menores, e depois da “Princesa” a quem os “Nove Dignos” devem ser apresentados no “posterior do dia”; ou seja, no final da tarde, período presidido pelo Signo de Libra, o Signo natural da 7ª Casa. A Princesa que vive na 7ª Casa é Vênus, o Regente de Libra, em cujo Signo também está Exaltado o grande iniciador Saturno, o Regente de Capricórnio.

Essa é uma alusão à Iniciação de Vênus, a terceira das quatro Grandes Iniciações – ou Iniciações Maiores ou, ainda, Iniciações Cristãs – para as quais as Iniciações Menores nos preparam. Com a ajuda das alusões que precedem e sucedem a grande palavra, não é difícil encontrar as 7 palavras que ela contém. O primeiro e o último desses sete *honorabili* e *initiatus* são quase claros, também *ordoni*; *filius* e *bis* são facilmente encontrados, especialmente se organizarmos as letras em pares. Foi dito que deveríamos encontrar “Christian” e, finalmente, no caso de não termos encontrado *Rosicrucis* ao agruparmos as letras, a nossa atenção é cuidadosamente chamada para ela, que contém as vogais *o* e *u*, além do “repetido” *I* e *S*, que precisa ser repetido para representar o caminho em espiral da *Involução* e da *Evolução*, em contraste com o caminho reto da *Iniciação*. O bastão do Iniciado é referido quando ouvimos falar da “entrada” de

Hércules (Involução), da sua “saída” (Evolução) e do seu “esmagamento da serpente” (Iniciação). Através da Iniciação, o caminho da espiral, ou serpente, é transformado no caminho reto e estreito — “embora poucos tenham a graça de o percorrer”.

Três das sete palavras terminam em *I* e quatro, em *S*, em correspondência com os três veículos superiores e quatro inferiores do homem: “*Honorabili Ordoni Christiani Rosicrucis Filius Bis Ininiatus*”; ou seja, “*Um filho duas vezes Iniciado da honorável Ordem de Christian Rosenkreuz*”. As sete palavras contêm 54 letras, o dobro das que formam a palavra grande; mas o valor de 54 corresponde a 27, ou seja,  $9 [2 + 7 = 9, 5 + 4 = 9]$ , que é, segundo Max Heindel, “o número-raiz do nosso atual estágio de evolução”.

## PARTE 5 – LEONATUS: UMA PROFECIA DA ERA VINDOURA

No drama romântico de Shakespeare, “Cimbelino”<sup>7</sup>, ocorre uma estranha profecia: -

“Quando um filhote de leão de si mesmo desconhecido, encontrado sem ser procurado, for abraçado por um pouco de ar fagueiro, e quando de um cedro imponente os ramos amputados reviverem depois de estarem mortos muitos anos e, reunidos ao velho tronco, crescerem com frescor, as misérias de Póstumo chegarão ao seu termo, a Bretanha será feliz e florescerá na paz e na abundância”.

Há uma grande beleza nessas palavras, e um mistério que é reforçado pelo fato de terem sido dadas a Posthumus Leonatus, o herói da peça, pelo próprio Júpiter.

Leonatus está preso, condenado a morrer na madrugada, aparentemente abandonado por todo mundo. Ele cai em um breve sono de exaustão, no qual seus pais e seus dois irmãos, todos mortos há muito tempo, aparecem para ele. Eles vieram de “lugares silenciosos”, de “elevados jardins floridos que nunca murcham”, para confortá-lo e salvá-lo. Numa oração estranha, rítmica e vibrante, eles enviam suas súplicas por seu filho e irmão sofredor até ao trono de Júpiter. “Em trovões e relâmpagos, sentado sobre uma águia”, o deus desce e coloca uma tábua com a inscrição profética no peito de Leonatus que, após sua feliz libertação no final, relata ao Rei Cymbeline como “a chance de ouro” chegou até ele.

*“Vosso servo, príncipes.*

*Vós, meu bom senhor romano, chamai nosso adivinho.*

*Pareceu-me, quando a dormir estava,*

*que baixara do céu sentado na águia, o grande Júpiter,*

---

<sup>7</sup> N.T.: também conhecida como A Tragédia de Cimbelino ou Cimbelino, Rei da Grã-Bretanha, é uma peça de William Shakespeare ambientada na Grã-Bretanha Antiga (sec. 10-14 DC) e baseada em lendas que faziam parte da Matéria da Grã-Bretanha a respeito do início histórico rei celta britânico Cunobeline. Embora seja listado como uma tragédia no Primeiro Fólio, os críticos modernos costumam classificar Cimbelino como um romance ou mesmo uma comédia. Assim como Otelo e The Winter's Tale, trata dos temas da inocência e do ciúme. Embora a data precisa da composição permaneça desconhecida, a peça certamente foi produzida já em 1611.

*cercado de espectros dos meus mortos.*

*Ao despertar, no peito deparou-se-me esta pequena placa,*

*cujo escrito de tal dificuldade é para o espírito, que não posso explicá-la.*

*Ele que a prova nos dê de sua habilidade nisso”.*

“Considerando que um filhote de leão de si mesmo desconhecido, encontrado sem ser procurado, for abraçado por um pouco de ar fagueiro, - há uma promessa de amor nessas poucas palavras, um doce conforto, uma gentileza reconfortante que faz o coração se alegrar antes que o intelecto chegue a uma interpretação da profecia. O Adivinho, como veremos mais adiante, insinua o belo significado dos primeiros versos, mas sua interpretação mística como um todo permanece exotérica e local, confinada aos personagens da peça e da Bretanha na época da invasão Romana. Cabe à posteridade e àqueles que confiam no poeta, por meio dos Ensinamentos Rosacruz, levantar o véu e olhar para o santuário esotérico que está no centro de cada drama shakespeariano.

Cada uma das suas peças é fiel à missão original do drama, tão tristemente esquecida nestes tempos de vaudeville<sup>8</sup> e comédia musical, que é nomeadamente dar uma “versão do mundo”, como expressa Richard Wagner; isto é, representar de forma simbólica uma fase da evolução humana ou cósmica.

“O passado ficou para trás, – eis que tudo se fez novo!” – O drama Cimbélino não contém apenas uma profecia com um ponto central elevado, e sim uma peça profética da primeira à última cena, representados pelos personagens Leonatus, o herói e a Imagem, a heroína, os quais encenam as novas fases do desenvolvimento individual, nacional e

---

<sup>8</sup> N.T.: Vaudeville, uma farsa com música. Nos Estados Unidos, o termo conota um entretenimento leve popular de meados da década de 1890 até o início da década de 1930, que consistia em 10 a 15 atos individuais não relacionados, apresentando mágicos, acrobatas, comediantes, animais treinados, malabaristas, cantores e dançarinos. É a contrapartida do music hall e da variedade na Inglaterra.

O termo vaudeville, adotado nos Estados Unidos a partir do teatro boulevard parisiense, é provavelmente uma corruptela de vaux-de-vire, canções satíricas em dísticos, cantadas em árias populares no século 15 no Val-de-Vire (Vau-de -Vire), Normandia, França. Passou ao uso teatral no início do século XVIII para descrever um dispositivo empregado por atores profissionais para contornar o monopólio dramático detido pela Comédie-Française. Proibidos de representar dramas legítimos, apresentavam suas peças em pantomima, interpretando a ação com letras e refrões de músicas populares. Acabou se desenvolvendo em uma forma de drama musical leve, com diálogos falados intercalados com canções, que era popular em toda a Europa.

cósmico, mostrando a preparação e a culminação no advento da Era de Aquário. Embora a época marque o início da era Cristã, mesmo antes de os britânicos serem batizados em nome de Cristo, a visão de longo alcance do poeta alcança profundamente os séculos vindouros e, como a linguagem de um profeta, ele revela o futuro homem e a futura mulher.

Shakespeare foi um Mestre Astrólogo. Embora, tivesse que ocultar seu conhecimento da Ciência Divina, a fim de evitar suspeitas de bruxaria e magia negra, suas obras não apenas estão repletas de alusões astrológicas, como cheias de profunda sabedoria procedentes da escrita estelar. Na juventude de Shakespeare há vários anos que não podem ser contabilizados. Ele trocou sua cidade natal, Stratford-on-Avon, por Londres e, depois de uma curta estada por lá, desapareceu por, aproximadamente, três ou quatro anos. E nesses anos se dedicou ao estudo das ciências ocultas, entre elas a Astrologia e, muito provavelmente na Itália, onde nas Universidades de Bolonha e Pádua as antigas tradições ocultas foram cuidadosamente preservadas. Como Iniciado da Ordem Rosacruz, mais tarde teve acesso a informações astrológicas muito além do alcance do astrólogo mediano de seu tempo, cujos prognósticos eram mais voltados para a adivinhação, e Shakespeare leu nas estrelas os desenvolvimentos nacionais e raciais pertencentes a um futuro distante; ou melhor, ele leu nas estrelas *possibilidades de desenvolvimentos!* Pois, nas Nações e nas Raças, assim como nas pessoas, o livre arbítrio é mais poderoso que as Leis do Zodíaco.

Na simbologia nacional, o Britânico é representado pelo Leão. Os Leonati são os filhos da Raça Anglo-Saxônica que, seguindo a águia de Júpiter em seu voo em direção ao Ocidente, conquistaram novas terras, fundaram novas nações e deram vida a uma nova Raça. Leonatus significa: Aquele que nasceu de um leão.

*“Tu Leonatus és o Filhote do Leão;*

*A construção provável e adequada do teu nome*

*Sendo Leo-Natus, por ventura isto importa tanto”.*

Posthumus significa, “Aquele que vem depois”. Na época da invasão romana, a Grã-Bretanha estava povoado pelos Celtas; mas, Posthumus é o Anglo-Saxão que “*vem depois*” do Celta; é a nova Raça Leonina-Aquariana que “*vem depois*” da Anglo-Saxônica; está ascendendo a Humanidade. A história da evolução humana é a epopeia daquele que “*vem depois*”.

*“Veio a Sugestão, veio a Visão, veio o Poder com a Necessidade,*

*Até que a Alma que não é a alma do ser humano nos foi emprestada para liderar.*

*Assim como o cervo se afasta – à medida que o novilho se afasta – do rebanho onde pastam,*

*Na fé das criancinhas seguimos nossos caminhos,*

*Siga depois - siga depois! Regamos a raiz,*

*E o botão floresceu e amadureceu para dar frutos!”*

Tal como descrito por Kipling<sup>9</sup>, no seu grandioso poema “A Canção dos Mortos”<sup>10</sup>, os Leonati ou Anglo-Saxões são construtores de impérios. A missão deles era obedecer ao

---

<sup>9</sup> N.T.: Joseph Rudyard Kipling (1865-1936) foi um autor e poeta britânico

<sup>10</sup> N.T.: A Canção dos Mortos

Ouçã agora a Canção dos Mortos - no Norte, pelas bordas rasgadas do iceberg -  
Aqueles que ainda olham para o Polo, adormecidos em seus trenós despídos de couro.  
Canção dos Mortos no Sul - ao sol ao lado de seus cavalos esqueletos,  
Onde o warrigal choraminga e uiva através da poeira dos cursos dos rios escaldantes.

Canção dos Mortos no Leste - nas cavidades da selva apodrecidas pelo calor,  
Onde o macaco-cão late no kloof – no freio dos búfalos.  
Canção dos Mortos no Oeste – nos Sertões, o deserto que os traiu,  
Onde o carcaju derruba suas mochilas do acampamento e do túmulo que eles fizeram;  
Ouça agora a Canção dos Mortos!

EU

Éramos sonhadores, sonhando muito, na cidade sufocada pelo homem;  
Ansiamos além da linha do horizonte, onde as estradas estranhas descem.  
Veio o Sussurro, veio a Visão, veio o Poder com a Necessidade,  
Até que a Alma que não é a alma do homem nos foi emprestada para liderar.  
Assim como o cervo se afasta – como o boi se separa – do rebanho onde pastam,  
Na fé das crianças seguimos o nosso caminho.  
Então a madeira falhou — então a comida falhou — então a última água secou—  
Na fé das crianças, deitamos e morremos.  
Na areia - no lado da savana - no matagal de samambaias nos deitamos,  
Para que nossos filhos possam segui-los pelos ossos no caminho.  
Siga depois - siga depois! Regamos a raiz,  
E o botão floresceu e amadureceu para dar fruto!



impulso sempre urgente do Signo errante jupiteriano, Sagitário, e preparar a Terra para aqueles que virão depois, incluindo novos países no império da Civilização e do

---

Siga depois - estamos esperando, pelas trilhas que perdemos,  
 Pelo som de muitos passos, pelos passos de uma hoste.  
 Siga depois – siga depois – pois a colheita está semeada:  
 Pelos ossos à beira do caminho, vocês chegarão aos seus!

Quando Drake desceu para o Horn  
 E a Inglaterra foi coroada assim,  
 Twixt mares não navegados e costas não exploradas  
 Nossa Loja – nossa Loja nasceu  
 (E a Inglaterra foi coroada assim!)

Que nunca mais fechará  
 De dia nem de noite,  
 Enquanto o homem arriscará sua vida  
 Em risco de cardume ou principal  
 (De dia nem de noite).

Mas permanece mesmo assim  
 Como agora testemunhamos aqui,  
 Enquanto os homens partem, de coração alegre,  
 Aventura para conhecer  
 (Como agora testemunhe aqui!)

## II

Alimentamos nosso mar por mil anos  
 E ela nos liga, ainda sem comida,  
 Embora nunca haja uma onda de todas as suas ondas  
 Mas marca nossos ingleses mortos:  
 Nós demos o nosso melhor para a agitação da erva daninha  
 Ao tubarão e à gaivota.  
 Se o sangue for o preço do almirantado,  
 Senhor Deus, pagamos integralmente!

Nunca há uma inundação indo para a costa agora  
 Mas levanta uma quilha que tripulamos;  
 Nunca há um refluxo em direção ao mar agora  
 Mas deixa cair nossos mortos na areia—  
 Mas esgueira nossos mortos nas areias,  
 Dos Ducados ao Swin.  
 Se o sangue for o preço do almirantado,  
 Se o sangue for o preço do almirantado,  
 Senhor Deus, nós pagamos!

Devemos alimentar o nosso mar durante mil anos,  
 Pois essa é a nossa desgraça e orgulho,  
 Como foi quando navegaram com o Golden Hind,  
 Ou os destroços que atingiram a última maré—  
 Ou os destroços que jazem no recife jorrando  
 Onde as horríveis luzes azuis brilham.  
 Se o sangue for o preço do almirantado,  
 Se o sangue for o preço do almirantado,  
 Se o sangue for o preço do almirantado,  
 Senhor Deus, compramos justo!

Cristianismo, de modo que, num solo mais puro e numa atmosfera mais rarefeita, novas Raças poderiam desenvolver as qualidades mais refinadas e superiores, necessárias para sustentar o império do Espírito em evolução. E a Raça que, embora os seus progenitores tenham surgido do Leão e, apesar de carregar a marca Anglo-Saxónica na sua civilização e fale a língua anglo-saxónica, ainda assim, abrange todas as nações – a Raça escolhida através da qual o princípio Crístico da Unidade se manifestará na Era da Fraternidade Universal, está nascendo naquela nação onde o “filhote de Leão é abraçado por uma atmosfera de ar rarefeito”, nomeadamente nos Estados Unidos da América onde o Signo de Ar, Gêmeos, reina supremo e envolve os filhos do Leão.

A nova Raça na qual a Fraternidade Universal será aperfeiçoada está apenas começando a se formar, mas a Era da Unidade está sendo prenunciada pela participação da América na guerra pelo fim das guerras, e pela orientação da América no movimento para a formação da Liga das Nações<sup>11</sup>. Entre os obstáculos no caminho desta Liga estão dois ramos mortos que foram “cortados” de um “cedro majestoso”. A Humanidade da Época Ária é representada por esta árvore de cedro sempre verde; as nações são os ramos. Há duas nações na Europa intimamente relacionadas com os anglo-saxões e anteriormente seus colegas de trabalho ao serviço da civilização. Os pensamentos de militarismo violento sustentados pelos seus líderes, moldaram um machado para cortar seus ramos irmãos, para que os dois pudessem crescer e verdejar abundantemente. O machado se tornou o machado do destino e se voltou contra os próprios dois ramos em que a seiva secou, a vida murchou. Essas duas grandes Nações Ocidentais dessa Época Ária se tornaram “mortas”, porque o Espírito foi expulso delas, e os esforços para forçá-las a prosperar pela força da matéria permaneceram em vão. Mas, eles voltarão à vida, os ramos regados com muitas lágrimas voltarão a verdejar – o rei Címbelino tem dois filhos “perdidos”, irmãos de Imogen, cunhados de Leonatus; em sua infância, eles foram roubados por Belarius, cujo nome significa ‘o Guerreiro’, separados de sua espécie e escondidos por muitos anos na escuridão de cavernas e florestas. A família deles pensa que estão mortos; e estranhos se perguntam que “os filhos de um rei deveriam ser tão

---

<sup>11</sup> N.T.: semente do que se tornou, depois, a ONU.

desprotegidos” a ponto de serem “perdidos”. Mas, pelo fato de serem “filhos de um rei”, não permanecem perdidos; seu sangue real se afirma; depois de anos de isolamento e privação, simplicidade e frugalidade, durante os quais crescem fortes de Corpo, nobres de Mente e puros de Alma e, finalmente saem, voluntariamente, para oferecer suas vidas a serviço da Humanidade, cuja causa ouviu estar em perigo, uma vez que a Grã-Bretanha – o futuro – está envolvida com Roma – o passado – numa luta de vida ou morte. A família dela os reconhece pelo seu valor; “os ramos unidos ao tronco antigo crescem de novo”; e a árvore não apenas está perfeita novamente, mas evoluiu de uma árvore de cedro “imponente” para um cedro “majestoso”.

Só quando a árvore das Nações voltar a ficar verde em todos os seus ramos poderá reinar a paz final e duradoura que “acaba com as misérias de Póstumus”, inaugurando a era da cooperação e da Fraternidade Universal. A batalha em que os parentes perdidos de Leonatus lutam, lado a lado com ele, é travada entre princípios; Roma simbolizando o princípio do passado, ou seja, o poder que separa; a Grã-Bretanha representa o princípio do futuro, nomeadamente, o serviço que une. Os dois irmãos prestam ajuda valente e valiosa, mas a batalha é decidida em favor dos britânicos pelo próprio Leonatus que, após uma longa ausência da Grã-Bretanha, reaparece em trajes humildes de camponês e luta com tal “fúria nobre” que seus “feitos preciosos” inclinam a balança do destino. Não como um “cavaleiro de armadura”, mas como um “homem do povo”, ele luta e vence. As nações da Europa não podem superar a velha ordem das coisas e estabelecer a *nova ordem* sem a ajuda do *povo* da América. O país do Ocidente sobre o qual a águia de Júpiter voa “com asas elevadas”, até “desaparecer nos raios do sol”, o país do Ocidente onde o “filhote do Leão” está casado com uma “atmosfera rarefeita” deve liderar as suas Nações irmãs para a Nova Era.

*“Não somos irmãos? –*

*Assim deveriam ser todos!”*

Assim fala a gentil Senhora Imogen, como no humilde disfarce de um criado sob o comando de nome Fidele, o Fiel, ela encontra os dois “perdidos” na floresta. Imogen é a

esposa de Leonatus, sua companheira e complemento e, como tal, a “atmosfera mais rarefeita?” que o envolve. Ela, ainda, é a representante do Signo nacional da América, Gêmeos, o Signo de Ar que envolve Póstumus em sua terra ocidental. Gêmeos é o Signo dos irmãos e das irmãs. Os Estados Unidos da América admitem homens e mulheres de todos os países na família nacional e, ao lhes conceder a cidadania, os reconhecem como irmãos e irmãs. A cidadania os torna estrangeiros antes dos membros da família. Imogen fala lindas palavras sobre Fraternidade. E lindo é esse acolhimento familiar, estendido a estranhos por meio da cidadania. Mas, é apenas um preparativo para uma beleza maior que surgirá, um ideal mais elevado que será realizado sob outro Signo de Ar. A Fraternidade expressa por Gêmeos na América ainda está confinada à família nacional e depende do nascimento na pátria nacional ou da adoção nela. Não está muito distante o tempo em que o amor fraternal, que estamos aprendendo com Gêmeos e que gradualmente amplia seus limites, se tornará ilimitado; e a Nova Raça que se desenvolve sob Gêmeos será suficientemente aperfeiçoada para responder ao abraço do novo sinal que nos levará para cima, para a “atmosfera mais rarefeita” da Fraternidade *Universal*.

Imogen, como “a atmosfera rarefeita (ou tênue)”, tem uma simbologia tripla, assim como a profecia tem um aspecto triplo: individual, nacional, cósmico. Indivíduos e Nações têm propensões cósmicas e, ao progredirem no caminho espiral da sua própria evolução, elevam a Terra a um ponto mais elevado do caminho espiral planetário. A espiral individual, a espiral nacional e a espiral cósmica estão mais intimamente interligadas.

“Atmosfera rarefeita”, como explica o vidente, é “brisa suave” em latim. “E brisa suave nós a chamamos de *mulier*” – Mulher em Latim - “que mulher mais sublime é esta esposa mais constante”. Imogen, a fiel, a casta, a terna, é a Mulher, é o princípio feminino no Homem que nos seus aspectos de intuição e compaixão deve ser desenvolvido, para que a Era de Aquário, a Era da Mulher, possa começar quando toda a Humanidade, unida numa só família, seja envolvida por uma “atmosfera rarefeita”, nomeadamente o Signo de Ar, Aquário.

## PARTE 6 – LEONATUS: UMA PROFECIA DA ERA VINDOURA – MARGARIDA WOLFF

No livro de Max Heindel a *Mensagem das Estrelas – Fraternidade Rosacruz*, lemos que na Nova Dispensação, que começou com a vinda do Cristo e que foi fornecida para os povos ocidentais, tem três fases em correspondência com o caminho que Sol faz pelo evento chamado Precessão dos Equinócios, e que são a Era de Áries, Era de Peixes e Era de Aquário<sup>12</sup>. Quando, pela Precessão dos Equinócios, o Sol estava em Áries indicou o início de um novo ciclo de vida com a vinda do maior Espírito do Sol à nossa Terra, que se preparara com expectativa para o Seu advento, desde que o impulso para essa preparação foi recebido através de Libra (Signo oposto a Áries) a, aproximadamente, 13.000 anos antes. Sem dúvida era uma notícia excelente, mas isso ocorreu em Áries e encontrou o povo ocidental pronta para recebê-la, no entanto toda a Humanidade não poderá viver o ideal, do qual o Cristo é o Mestre e o exemplo, senão até que pela Precessão dos Equinócios o Sol tenha passado por Peixes. As lições a serem ensinadas por meio desse Signo de lágrimas, de tristeza e angústias profundas, de escravidão e de compaixão têm que ser aprendidas muito bem, pela repetição e mais repetição, por meio de Júpiter, o Regente de Peixes, antes que uma Humanidade, verdadeiramente Cristã, possa ascender ao “terno Signo de Ar” de Aquário.

Júpiter, o benevolente, gentilmente sorri para seus filhos e os abençoa abundantemente, ainda assim, empunha o método de aprendizagem duro, insistente, repetitivo – da dor, sob cujos golpes poderosos a armadura do “eu”<sup>13</sup> é quebrada na forja da tristeza e angústia profundas, e a Alma (a quintessência dessa aprendizagem) é “forjada em ouro vivo”. Quando os pais de Leonatus chamam Júpiter para libertar seu filho aprisionado, o “deus” fala:

*“Seu filho humilde, nossa divindade será elevada,*

---

<sup>12</sup> N.T.: Atualmente, estamos nos últimos graus da Era de Peixes.

<sup>13</sup> N.T.: a que se refere ao “eu inferior” e não ao “Eu superior”.

*Seu conforto prosperará, suas provações são bem aproveitadas,*

*Ele será o protetor de Lady Imogen,*

*E muito mais feliz por sua aflição causada”.*

Os críticos que professam o Cristianismo Exotérico ficam intrigados com o fato de o “deus” greco-romano Júpiter ser invocado na Grã-Bretanha celta; e eles acusam Shakespeare de confundir os “deuses” do Olimpo grego com aqueles que eram adorados nos bosques druidas, e o desculpam alegando que ele não teve uma educação clássica. Mas, como vimos antes, o drama Cimbelino é uma exposição da Astrologia Esotérica e de sua referência profética à evolução humana. Somente através da mediação da Ciência Divina podemos compreender as muitas alusões a Júpiter, contidas na peça. Leonatus, o indivíduo, é libertado da prisão, salvo da morte, reintegrado com honra, reunido com sua esposa, por meio da proteção de sua estrela vital, Júpiter. “Nossa estrela jovial reinou em seu nascimento” – assim o “deus” apazigua a ansiedade dos pais. Na linguagem astrológica, deveríamos dizer que Júpiter era o Planeta que estava no Ascendente no horóscopo de Leonatus Posthumus, e que a influência protetora do grande Planeta da benevolência deve, finalmente, salvá-lo de todas as vicissitudes. Um Júpiter com Aspectos benéficos na 12ª Casa indica que o nativo triunfará sobre todos os seus inimigos. Portanto, parece que a “estrela jovial” no Ascendente de Leonatus está posicionada na 12ª Casa, próximo da cúspide da 1ª Casa.

Estamos tão acostumados a considerar Júpiter como o grande benfeitor, que irradia seus filhos e os abençoa com abundância, que tendemos a esquecer sua regência sobre Peixes, o Signo das lágrimas e da tristeza e angústia profundas. Júpiter é o grande benfeitor e, não só por isso, mas por ser o grande disciplinador, o que corrige tenazmente. “A quem mais amo, eu crucifico”<sup>14</sup>. Os golpes do método de Júpiter são terríveis, mas as correntes do “eu”, que nos mantêm em cativeiro, são tão fortes, que só golpes poderosos podem quebrá-las. Somente quando nossos olhos forem lavados em lágrimas é que eles poderão ver o sorriso paternal no semblante do “deus”. Júpiter é o Planeta da opulência, e não

---

<sup>14</sup> N.T.: Apo 3:19

apenas para o indivíduo Leonatus Posthumus, mas também para todo povo ocidental, ou seja, para a Humanidade leonina-aquariana, ele promete “paz e abundância”. Contudo, isso não é uma opulência de coisas materiais: Júpiter, o magnânimo, torna o coração grande e amplo para que ele possa conter uma medida plena de compaixão, a força mágica por meio da qual somente a regeneração pode ser operada; pois o benevolente governante do profundamente triste e angustiado Signo de Peixes castiga seus filhos a fim de regenerá-los. O ser humano não pode atender aos requisitos evolutivos da terceira fase ou Era de Aquário dessa Dispensação que ocorre na Época Ária, pois o Evangelho do amor universal fraterno não deve ser somente pregado, mas vivido; a exceção é se o ser humano se purificar e se regenerar, de acordo com os ideais expostos no Signo de Peixes e no seu oposto, o Signo de Virgem.

Virgem é o Signo da Mãe Divina, da Imaculada Conceção e do Serviço. Por meio do serviço amoroso e desinteressado (portanto, o mais anônimo possível) focado na divina essência oculta no irmão e na irmã – que é a base da Fraternidade – a Humanidade aquariana deve expressar a sua evolução; tal qual o amor de uma mãe, que é todo abrangente, todo compreensivo e que tudo suporta, o amor de cada um deve abranger a todos, puro e altruísta. *“Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus”*<sup>15</sup>. A Mãe Divina é uma mãe virgem, aquela pureza de coração da qual brota um amor tão altruísta que não é possível abrir a visão espiritual para a percepção de Deus, enquanto a guerra dos sexos continua; enquanto um padrão estabelecido pelo ser humano sob Touro-Escorpião justifica a conduta do homem, naquilo que condena na mulher; e enquanto a santa palavra do amor é usada com sacrilégio para a emoção inferior da paixão sexual. As lágrimas derramadas na escuridão e na escravidão de Peixes são para purificar a alma das manchas causadas pelos erros cometidos pelo homem à mulher e pela mulher ao homem por meio do abuso da força sexual. Na obra “Sonho de uma Noite de Verão”, é-nos mostrado como é sagrado o uso correto dessa força sexual, de acordo com os ditames do verdadeiro amor e com o propósito de fornecer Corpos para as Almas que chegam; como o casamento, como um Sacramento – o do Matrimônio –, é

---

<sup>15</sup> N.T.: Mt 5:8

favorecido e protegido tanto pelas Forças da Natureza quanto pelos “deuses”. Em Cimbelino, o homem Jachimo, que tenta em vão seduzir a pura Imogen à infidelidade contra seu marido Leonatus, é forçado a reconhecer ao rei:

*“Fui ensinado*

*Da sua filha casta*

*A grande diferença*

*Entre amoroso e o vilão”.*

Shakespeare usa a palavra “amoroso” em seu sentido original, que é “sentindo ou demonstrando amor” ou “fortemente movido pelo amor”. Quando motivada pelo amor entre um homem e uma mulher, e prometendo amor à Alma que precisa renascer aqui, a união sexual é um mistério muito sagrado, mantido diante do próprio altar da Mãe Divina, a própria Virgem Imaculada. Aquele que é concebido com amor, e não com paixão, é concebido imaculadamente. Tal como nos dias anteriores à “Queda do Homem”, quando os Anjos dirigiam o ato sagrado da procriação, o homem e a mulher que amorosamente oferecem ao Ego que espera a oportunidade de renascer aqui, prestam um serviço aos guardiões da evolução humana, servindo no templo da Virgem Mãe. A virgindade encontra a sua máxima expressão no Regozijo arrebatador de *dar* – um sentimento inestimável que leva as pessoas a perceberem o verdadeiro sentido da vida e o seu impacto na vida dos outros –, para que o grande propósito da vida criadora possa ser servido. “*Quando dou algo, dou-me por inteiro!*”<sup>16</sup> – Júpiter, que em Exaltação quando está em Câncer é, também, o guardião da fecundidade. Na mitologia grega ele é o deus-criador e Ceres-Virgem, a Mãe Divina, é sua irmã. Apertada no seu coração, Ceres segura uma criança ou um feixe de trigo; coelhos brincam na bainha de sua roupa; ela está profundamente conectada com a terra; seu amor envolve e irradia todas as coisas vivas. Ela é a Mãe-Terra, ao mesmo tempo que é a Mãe universal, a Mãe celestial. Seus servos devem ser virgens, “puros de coração”; sua flor é o narciso branco, em forma de estrela com um centro dourado. Virgem é um Signo de Terra, mas simboliza a pureza da

---

<sup>16</sup> N.T.: do poema *Song of Myself*, part 40 de Walt Whitman (1819-1892) – poeta, ensaísta e jornalista americano.



Imaculada Conceição sob o ideal do serviço amoroso, e Maria, a Virgem Mãe do Salvador, se autodenominava de “*uma serva do Senhor*”<sup>17</sup>.

O Signo de Peixes, por onde o amor paterno de Júpiter zela pelo processo de regeneração por meio do sofrimento, e onde ocorre a transmutação da paixão em compaixão, está indissolavelmente ligado a Virgem, onde a Mãe Divina ensina como se purificar por meio do serviço. A paixão separa; provoca a guerra dos sexos entre si; causa guerras entre as nações. A compaixão unifica. A autogratificação destrói; o serviço constrói e desenvolve. O ideal de Cristo é a unidade. A consequência mais grave da separação por meio do sexo é a separação através da morte. Mediante a compaixão e o serviço (amoroso e desinteressado, focado na divina essência oculta em cada um de nós – que é a base da Fraternidade –, ao irmão e à irmã) aprendidos em Peixes-Virgem formamos o Corpo-Alma, assexuado e imortal, que nos elevará ao “ar”<sup>18</sup> de Aquário.

*“Ele veio como um trovão; sua respiração celestial*

*Tinha cheiro sulfuroso; a águia sagrada*

*Inclinou-se para nos acompanhar: sua ascensão é*

*Mais doce que nossos campos abençoados; seu pássaro real*

*Poda a asa do Imortal e sacia seu bico,*

*Como quando seu deus está satisfeito”.*

O deus-criador, Júpiter, se revela aos seus servos, os amantes virgens, e os eleva da tristeza e angústia profundas da carne e da escravidão nas paixões do Corpo Denso para o “teto radiante” de um Novo Céu sobre uma Nova Terra. Lá está o “ar terno” de Aquário, doce como o sopro de mil flores, na glória iridescente do céu urânico, luminoso com o brilho suave de uma luz que nunca se apaga, uma Humanidade regenerada abrirá as asas da imortalidade: não mais vestida em peles vis e perecíveis, mas em Corpos-Alma etéricos e imortais, a Humanidade será libertada da “busca do

---

<sup>17</sup> N.T.: Lc 1:38

<sup>18</sup> N.T.: Região Etérica do Mundo Físico

homem e da mulher”; e seres sempre jovens, alados e adoráveis em suas vestes nupciais douradas, viverão em paz além da compreensão e em abundância além dos limites.

A ave real da ascensão, cujas “asas imortais” transporta o “deus” e aqueles que o servem para o “palácio cristalino”, é a águia de Escorpião. Através da geração Escorpião trata a morte; através da regeneração de Escorpião se dá a imortalidade, e Urano, o Planeta alado, o Regente do Signo de Aquário e da Era de Aquário, quando nossos Corpos se elevam para além da “humilhação” do sexo, será semelhante ao “corpo glorioso” de Cristo – Urano está em Exaltação, quando em Escorpião. A paixão sexual causou a “Queda do Homem”; é “vil”, pois persegue o outro para fins egoístas. A mulher deveria ser a guardiã de seu irmão, o homem deveria ser o guardião do santuário de sua irmã; em vez disso, o homem e a mulher caçam um ao outro, traem um ao outro, mancham um ao outro e usam um ao outro para a gratificação do “eu inferior”. Antes que a ascensão se torne possível, a paixão deve ser transmutada em amor Crístico com virgem pureza e estar liberta dessa condição. “Amoroso” significa “sentindo ou demonstrando amor” ou “fortemente movido pelo amor”. Na plenitude do seu amor altruísta, Imogen, a casta, e Leonatus, o compassivo, servem não apenas um ao outro, mas também ao propósito cósmico do deus-criador em cujo “templo eles se casaram”.

Escorpião, rastejando na lama, tem um ferrão que mata; Escorpião, regenerado na águia, tem asas que se elevam para a imortalidade. Antes que o ideal Crístico de perfeita unidade possa ser vivido na Terra, o último e maior inimigo separatista, que é a morte, tem que ser vencido. A morte está ligada ao sexo e, para vencê-la a Humanidade deve superar pelo poder mental ou moral o sexo. A virgindade é uma atitude mental, mas ao que tudo indica, é um estado mental mais difícil de adquirir do que qualquer outro, pela principal razão de que a Humanidade não compreenderá a santidade da função procriadora e de tudo o que lhe diz respeito. Nos tempos anteriores à “Queda do Homem” o acasalamento acontecia nos Templos. E no Templo da nossa consciência interior deveríamos considerar sagrado o amor entre o homem e a mulher, como uma capacidade, uma condição ou um estado de agir ou de exercer poder como o das Hierarquias Criadoras. Jachimo não é mau; ele é meramente frívolo e faz como todo

mundo faz. No entanto, o maior mal em todo o mundo é causado por essa frivolidade nas questões sexuais. Ele se considera um cavalheiro irrepreensível, em seu cavalheirismo para com as mulheres; ele ficaria horrorizado diante de roubo ou assassinato, mas não percebe que toda vez que usa a força sexual para o prazer e sem amor, ele oferece um insulto mortal a sua esposa-irmã e comete um pecado, cuja consequência é a morte. A união como um Sacramento entre um homem e uma mulher, para que os dois se devam manter puros e imaculados: é isso que Jachimo não sabe.

Ele gosta de se divertir na companhia de mulheres, vaidosas e fracas ou confiantes e equivocadas por seus modos polidos; na companhia de homens, ele se refere com desprezo àquilo que deveria ser considerado sagrado e debocha, abertamente, em alusões a assuntos que deveriam ser tratados por uma dignidade muito acima humor cínico. Ele é tipicamente uma pessoa comum. Mas ele se interessa pela castidade de Imogen e pela fidelidade de Leonatus e aprende com esse a reconhecer a santidade do amor entre homem e mulher e a dignidade da função criadora. Ele muda sua atitude mental e, assim, ele dá o primeiro passo para a regeneração. Mercúrio, o Planeta da Mente, está em Exaltação quando em Virgem, o Signo da pureza, do serviço e da Imaculada Conceção. Quando a Mente tiver compreendido, definitivamente, a santidade do ato criador, então, começa a transmutação do Corpo; e não está longe o tempo em que o sexo cessará e a criação por meio da “palavra” será um processo apenas da vontade da Mente.

Leonatus Posthumus que, junto com Imogen, muda toda a perspectiva mental do cínico Jachimo, é descrito como um ser de uma nova ordem. Jachimo diz dele:

*“Ele se senta entre os homens como um deus descendente;*

*Ele tem uma espécie de honra que o destaca*

*Mais do que uma aparência mortal.”*

Ele tem uma nobreza natural de porte e caráter, em comparação com a qual Jachimo renuncia a qualquer pretensão à aristocracia.

*“Cavalaria e honras recebidas*

*Enquanto eu uso os meus títulos, mas de desdém.”*

Leonatus – nascido de um leão – natural de Leco! Com o selo radiante de Júpiter na testa! Pois nos lembramos das palavras do “deus”:

“Nossa estrela Jovial reinou em seu nascimento”.

Imogen fala de seu “rosto Jovial” e, novamente, ouvimos Jachimo:

*“Um senhor mais nobre nunca viveu*

*Entre o Céu e Terra”*

\* \* \*

*“Ele é bom demais para estar*

*Onde estão os homens doentes, e é o melhor de todos*

*Entre os mais raros dos bons.”*

Ele tem o Signo de Leão no Ascendente e o Planeta Júpiter no Ascendente e expressa as melhores e mais nobres qualidades, que é possível desenvolver sob a influência da estrela e do Signo real, e num laço mais elevado da espiral do que o mero humano; ele atingiu tal perfeição que não é mais humano, mas super-humano, e cresce além do Leonatus individual, até se tornar o representante de um tipo novo e superior, o Leonati da Era de Aquário.

Estes Leonati, como verdadeiros seguidores de seu Mestre – o Leão, da tribo de Judá – viveram a vida de Cristo porque, por meio da pureza, da compaixão e do serviço, eles desenvolveram o poder de Cristo Interior. Nenhuma manifestação maior desse poder é possível do que por meio da obediência ao mandamento “*ama os teus inimigos*”<sup>19</sup>, que o ser humano considera impossível de cumprir até que o seu coração bata em sintonia com

---

<sup>19</sup> N.T.: Mt 5:44

o Coração do Sistema Solar, de onde veio o Cristo. Para o inimigo que mais o prejudicou, Leonatus não tem censura, apenas essas palavras:

*“Não se ajoelhe diante de mim.*

*O poder que tenho sobre você é de poupá-lo,*

*A malícia para com você é de perdoá-lo: – viva*

*E trate melhor os outros.”*

Seu exemplo, o do verdadeiro pioneiro em Mente e Espírito, é tão poderoso que o Rei Cimbelino liberta todos os prisioneiros com essas palavras:

*“Aprendemos nossa liberdade*

*De um genro.*

*Perdão é a palavra para todos.”*

Leonatus é libertado da escravidão da Era de Peixes e conduz seus irmãos à liberdade e à unidade. Ele impressiona até mesmo seu carcereiro, que o dispensa, com as palavras:

*“Eu gostaria*

*Que todos tivessem a mesma opinião,*

*E uma Mente boa.”*

Palavras notáveis em um carcereiro e expressivas do grande anseio espiritual predominante no final da Era de Peixes. Leonatus e Imogen estão entre os primeiros frutos amadurecidos no Sol de Aquário-Leão, que começou a brilhar dentro deles muito antes de seus raios atingirem a Humanidade comum.

*“Deuses, coloquem a força*

*Dos Leonati em mim!*

*Para envergonhar a aparência do mundo, começarei*

*A moda, – menos fora e mais dentro.”*

Assim vai Leonatus, consciente de sua missão, na batalha contra os principados da velha ordem, simbolizada pelo declínio do Império Romano. A força dos Leonati é o poder de Cristo nascido nos corações dos Filhos de Leão.

## **PARTE 7 – LEONATUS: O ABANDONO IMINENTE DO CORPO DENSO**

Como “as espirais dentro de espirais” são os aspectos simbólicos assumidos pela personagem de *Leonatus*! O poeta faz dele, juntamente de sua contraparte feminina, a casta *Imogen*, o portador e representante de grandes verdades evolutivas e a principal delas conduz ao próprio centro da nossa Religião Cristã.

Shakespeare, como Iniciado da Ordem Rosacruz, sabia que “A Bíblia foi dada ao Mundo Ocidental pelos Anjos do Destino” e que ela contém todo o conhecimento necessário para o nosso desenvolvimento em conformidade com as leis da nossa evolução.

Como já foi dito, *Leonatus* significa “Aquele que nasceu de um Leão” e ouvimos um verdadeiro eco da Bíblia quando lhe dirigimos estas palavras: “Tu, *Leonatus*, és o filho do Leão”. No capítulo 49 do Livro do Gênesis, Jacó abençoa os seus doze filhos, os progenitores das doze tribos de Israel e, dirigindo-se a Judá, diz: “*Judá é um filho de Leão*”. Devemos lembrar que a Bíblia, tanto na sua história como nas suas partes proféticas, está majoritariamente escrita na linguagem do simbolismo astrológico.

A história e a profecia bíblicas são os relatos das fases pelas quais a evolução humana passou no passado e deve, para alcançar a perfeição, passar no futuro. A evolução humana segue o caminho precessional do Sol e depende, no seu progresso, do desenvolvimento sucessivo de certas qualidades que são governadas e, simbolicamente, representadas por certos Signos do Zodíaco e seus Regentes planetários.

O Sol, por Precessão dos Equinócios, se aproxima do “Signo do Homem nas nuvens”, ou seja, Aquário, e já está dentro da sua Órbita de Influência; o complemento de Aquário é Leão; as faculdades leoninas-aquarianas misturam-se e são inseparáveis umas das outras, como vimos em relação às propriedades piscianas de Virgem e como é o caso de Touro-

Escorpião e de todos os Signos que nunca desempenham a sua missão evolutiva isoladamente, mas sempre em pares de opostos ou complementos, oferecendo os aspectos masculino e feminino, os polos positivo e negativo de um mesmo princípio. *Leonatus* e “o pedaço de ar tenro”!

Não pretendemos ter qualquer conhecimento das miríades de Sistemas Solares fora do nosso, mas sabemos que no nosso Sistema Solar prevalece esta lei: *Como em cima, assim é em baixo*. O microcosmo, o pequeno mundo do ser humano, corresponde ao macrocosmo, que é o grande mundo das nossas estrelas. O Sol é o coração do nosso Sistema Solar, cujas forças pulsantes e correntes circulantes de vida são reguladas por este Grande Coração, distribuídas por ele, alimentadas através dele, chamadas de volta para ele e enviadas dele novamente para todas as partes.

O ser humano sente as batidas do seu coração no seu pulso; e no pulso da vida que palpita através da nossa Terra bate o coração cósmico, o Sol. O Zodíaco é chamado de o Grande Ser humano do nosso Universo e este Grande Ser humano tem o seu coração em Leão; isso significa que as funções do Sol, como Coração cósmico, estão em correspondência com as forças da vida cósmica que trabalham através do Signo de Leão. Da mesma forma, o nosso coração humano, como representante microcósmico do Sol, não pode deixar de estar ligado a Leão.

O Sol, ou coração macrocósmico, e o coração humano, ou microcósmico, e o Signo de Leão formam uma trindade; o princípio espiritual que subjaz a cada um dos três aspectos é o amor unificador. O Espírito do Sol é o Cristo e a estrutura do Cristo é o amor; portanto, quando o Sol, por Precessão dos Equinócios, passar por Aquário-Leão, devemos sintonizar os nossos corações com o amor Crístico e a tremenda velocidade das vibrações de amor geradas no coração humano vai libertá-lo da sujeição à matéria, convertê-lo em um músculo voluntário e torná-lo o mestre do Corpo Denso aperfeiçoado.



Cada uma das doze tribos israelitas representa um Signo do Zodíaco e as propriedades evolutivas específicas a serem desenvolvidas através dele. No centro está Judá, o Leão, que recebe uma promessa além da bênção que o Pai, Jacó, concede a todos os seus filhos. Cada um dos doze é abençoado; ou seja, cada Signo tem sua importância particular no processo de evolução, mas para a Humanidade esse processo culmina em Judá, o Leão, o Signo do coração.

*“E Jacó chamou seus (doze) filhos e disse: ‘ajuntai-vos para que eu vos diga o que vos acontecerá nos últimos dias. Judá, os teus inimigos te louvarão, os filhos de teu pai se curvarão diante de ti; (...) Judá é um filhote de leão e ele se abaixou, ele se agachou como um leão e como uma leoa o cetro não se afastará de Judá, nem o cajado de governante deixará seus pés até que o Príncipe da Paz (Siló) venha, e a Ele o povo obedecerá”* (Gen 49:1-28). Essas palavras, frequentemente citadas e raramente compreendidas, são as maiores entre as chamadas profecias messiânicas; a saber, aquelas passagens do Antigo Testamento que se referem à vinda de Cristo Jesus e à Era de Aquário-Leão.

A tarefa evolutiva da Humanidade durante esta Era em que entraremos em breve é *aperfeiçoar* o Corpo Denso e *sublimá-lo* para que o Ego possa deixá-lo de lado para sempre e funcionar no Corpo Vital. Aperfeiçoar uma coisa significa terminá-la, completá-la. Nosso Corpo Denso ainda não está concluído; o feito máximo em seu desenvolvimento ainda precisa ser realizado e o requisito para que sua perfeição seja alcançada sob Leão-Aquário é a *conversão do coração, de músculo involuntário em músculo voluntário*.

Sabemos que a nossa constituição é sétupla, consistindo no Tríplice Espírito — Espírito Humano, Espírito de Vida e Espírito Divino —, no Tríplice Corpo (Corpo Denso, Corpo Vital e Corpo de Desejos) e na conexão entre todos eles, que é a Mente. O Tríplice Espírito somos nós, o Ego (o Espírito Virginal da Onda de Vida humana manifestado aqui) e controla, ou deveria controlar, o Tríplice Corpo através da Mente; mas infelizmente o Corpo de Desejos tem uma vontade própria que afirmou pela “Queda do

Homem” e essa vontade, inferior ou de desejo, que está centrada no próprio Corpo de Desejos, sobrepôs-se à vontade superior da Mente. Como estudamos no Conceito Rosacruz do Cosmos, “a Mente está limitada pelos desejos, submersa na egoísta natureza inferior, o que torna difícil ao Espírito o governo do Corpo. A Mente, o foco – que deveria se aliar à natureza superior, se afastou e está unida e secretamente trabalhando com a natureza inferior – escrava do desejo.”.

Se nós, o Ego, quiséssemos tornarmos o senhor dos nossos Corpos e assegurar a cooperação voluntária deles, teríamos de encontrar no Corpo Denso um ponto de vantagem que não estivesse sob a influência da natureza do desejo. Todos os músculos voluntários são expressões de Corpo de Desejos; portanto, o Ego deve controlar um músculo que seja involuntário e ainda assim conectado com o sistema nervoso voluntário. Tal músculo é o *coração*. Os músculos involuntários são formados por estrias longitudinais e estão conectados com funções que não estão sob o controle da vontade, como a digestão, a respiração e outras. Os músculos voluntários são aqueles que são controlados pela vontade através do Sistema Nervoso voluntário, como os músculos da mão e do braço. Eles são listrados *tanto* longitudinalmente *quanto* transversalmente. Isso é verdade para todos os músculos do corpo, exceto o coração, que é um músculo involuntário. Normalmente, não podemos controlar a circulação. Em condições normais, o batimento cardíaco é uma quantidade fixa, mas, para perplexidade dos fisiologistas, o coração é *cruzado*-listrado como um músculo voluntário.

O cientista ocultista sabe que, quando o Ego procurou pela primeira vez uma fortaleza no coração, este último era listrado apenas longitudinalmente, como qualquer outro músculo involuntário; mas à medida que o Ego ganhou mais e mais controle sobre o coração, as listras transversais foram gradualmente desenvolvidas. Elas não são tão numerosas nem bem definidas como nos músculos sob o controle total do Corpo de Desejos, mas à medida que os princípios altruístas de amor e fraternidade aumentam em força e gradualmente dominam o desejo, essas listras cruzadas também se tornarão mais

numerosas e marcadas, até que prevaleçam e o coração, livre do desejo-emoção-sentimento egoísta, agirá inteiramente de acordo com os ditames da amorosa Vontade de Cristo.

O trabalho ativo do Ego está no sangue. Agora, se excluirmos os pulmões, o coração é o único órgão por onde passa todo o sangue. O coração é a porta de entrada do sangue que nutre todas as partes do corpo. E este sangue nutritivo que alimenta e sustenta a vida de todo o organismo físico é, nas palavras de Max Heindel, “a expressão mais elevada do Corpo Vital”. Espírito de Vida e Corpo Vital! Seus nomes são indicativos. O Corpo Vital, governado pelo Espírito de Vida, é o meio para o funcionamento da vida no organismo humano. À medida que o sangue passa pelo coração, a morada do Espírito de Vida, ciclo após ciclo, hora após hora, durante toda a vida, ele entra em contato mais próximo com o Espírito de Vida, o Espírito de Amor e Unidade; portanto, o coração é a morada do amor altruísta que, por meio do sangue, é transmitido gradualmente a cada célula do nosso Corpo Denso.

Max Heindel diz: “Os fisiólogos notam que certas áreas do cérebro estão dedicadas a determinadas atividades mentais. Os frenólogos levaram esse ramo da ciência ainda mais além. Sabe-se também que o pensamento destrói o tecido nervoso e que esse desgaste do Corpo, como qualquer outro, é restaurado pelo sangue. Quando o coração se converter em músculo voluntário, a circulação do sangue ficará completamente sob o domínio do unificante Espírito de Vida, o Espírito do Amor. Então, terá o poder de impedir que o sangue flua a essas partes do cérebro dedicadas a propósitos egoístas. Esses centros mentais irão se atrofiando gradualmente.”.

“Por outro lado, ser-lhe-á possível ativar o sangue quando as elaborações mentais foram altruístas, o que restaurará e vigorizará esses centros. A natureza passional será conquistada e, pelo Amor, a Mente será emancipada da escravidão do desejo. Só se emancipando completamente pelo Amor, o ser humano poderá se elevar além da lei e se

converter, ele mesmo, numa lei. Tendo-se conquistado a si, conquistará então todo o mundo.”. E logo que se torna o conquistador do Mundo Físico, pelo domínio do Corpo Denso, já não precisa do Mundo Físico como Campo de Evolução, nem do Corpo Denso como instrumento de experiência evolutiva.

A perfeição das qualidades do coração em Leão-Aquário está correlacionada com a elevação dos nossos Corpos para o ar, onde nos encontraremos com Cristo na Sua segunda vinda. Aperfeiçoar e abandonar um Corpo é o mesmo fato evolutivo apresentado em duas fases. Logo que um dos nossos veículos é aperfeiçoado, é também abandonado; isto é, destruído para sempre na sua forma; e sua essência é incorporada no veículo seguinte. Quando a Humanidade tiver aperfeiçoado os seus Corpos Densos, eles serão postos de lado para sempre; terão então servido ao seu objetivo evolutivo e não serão mais necessários. Essa perfeição deve ser alcançada durante a chamada Metade Mercurial do Período Terrestre, que é onde nos encontramos agora; no próximo Período, o de Júpiter, funcionaremos então em Corpos Vitais.

A evolução do Período de Júpiter tem seu campo na Região Etérica do Mundo Físico. Por conseguinte, não é possível utilizar aí o Corpo Denso, pois na Região Etérica só pode ser utilizado um Corpo Vital. “A Natureza nada desperdiça. No Período de Júpiter, as forças do Corpo Denso, por adição, completarão as do Corpo Vital. Esse veículo possuirá, além das próprias faculdades, os poderes do Corpo Denso. Será um instrumento muito mais útil para expressão do Tríplice Espírito do que limitado somente às próprias forças do veículo”.

Essa transmutação do Corpo Denso em Corpo Vital será realizada através da libertação do coração durante a era precessional de Leão-Aquário e, embora não seja dada qualquer informação definitiva, é sugerido que entraremos no Período de Júpiter por meio das portas de Capricórnio-Câncer.

Como as leis da evolução operam maravilhosamente! Enquanto aperfeiçoamos um veículo, ao mesmo tempo preparamos o próximo e superior para uso do Ego. Pureza, temperança, abnegação e serviço amoroso e desinteressado – portanto, o mais anônimo possível – focado na divina essência oculta em cada um de nós (que é a base da Fraternidade) e para com o irmão ou a irmã que está ao nosso lado refinam o nosso Corpo Denso e trabalham para a libertação do coração; simultaneamente constroem o Corpo Vital, de modo que, quando deixarmos o Corpo Denso pela última vez possamos ter a nova vestimenta pronta para nos vestir. Isso explica como são inúteis todos os preceitos que ensinam a desenvolver o Corpo Vital e seus centros de consciência, enquanto pecam gravemente contra as Leis de Pureza e Serviço (amoroso e desinteressado – portanto, o mais anônimo possível – focado na divina essência oculta em cada um de nós (que é a base da Fraternidade) e para com o irmão ou a irmã que está ao nosso lado) que governam a perfeição do Corpo Denso.

Quando formos capazes de, por imposição do coração liberto, enviar o amor de Cristo para todas as células do corpo e, através dessa faculdade de Cristo, transmutar todas as células do Corpo Denso, então teremos de fato o Cristo dentro de nós – o Cristo Interno! O primeiro Corpo Denso que realizou a façanha da ação voluntária do coração foi o de Jesus, chamado pelo apóstolo de primícias. Seu pai e sua mãe eram “o leão e a leoa da tribo de Judá”, a tribo que representa o Signo de Leão. José, o homem puro e evoluído pela influência de Leão, uniu-se a Maria, a mulher pura e evoluída pela influência de Aquário. Livres da paixão sexual, entregaram-se castamente em espírito de serviço e sacrifício para que o grande Ego chamado Jesus pudesse ter material para modelar o seu Corpo Denso e seu Corpo Vital perfeitos. Daí surgiu o filhote de Leão, o verdadeiro “*Leo-Natus*”, o jovem leão de quem o salmista canta.

Jovem com a juventude de uma nova época, forte com o amor que preenchia cada fibra do seu Corpo radiante, assim Jesus triunfou! E, triunfante, rompeu os sete selos de que fala o Apocalipse. Os sete selos são os nossos sete veículos. A menos que o primeiro selo fosse

rompido — isto é, que o Corpo Denso fosse expulso —, a evolução humana teria de permanecer um livro fechado. A evolução humana ascendente e simbolizada na quebra dos sete selos é o sucessivo aperfeiçoamento e abandono dos sete veículos, até que a essência de cada um seja atraída para o Espírito e o Espírito seja atraído para Deus. A profecia do Gênesis encontra o seu cumprimento no Apocalipse, onde lemos no capítulo quinto: “*Eis que o Leão pertencente à tribo de Judá triunfou, abrirá o livro e romperá os seus sete selos.*” (Apo 5:5).

“Como em cima, assim é em baixo” — Cristo, o Espírito do Sol que veio do coração do nosso Universo, tinha que funcionar em um Corpo Denso, se quisesse cumprir a Sua missão redentora na Terra; mas o Corpo Denso, para poder conter este grande Espírito e se manter sob as Suas poderosas vibrações, precisaria estar sintonizado com elas. Isso só seria possível no seu mais alto grau de perfeição, que é representado pelo controle total da ação do coração e da circulação do sangue.

O coração de Jesus tinha que bater em sintonia com o Espírito do Sol para continuar pulsando sob os impactos da tremenda taxa de vibração peculiar ao Cristo. As vibrações internas que encontraram o Espírito do Cristo tinham que ser do mesmo tom das vibrações externas que o Espírito do Cristo trouxe, senão o Corpo Denso de Jesus, em vez de receber o Cristo no batismo, teria sido desfeito ao contato com Ele, como as muralhas de Jericó. Como é que Jesus atingiu essa perfeição absoluta? Como é que ele libertou o seu coração? Não foi concentrando-se na perfeição do seu Corpo Denso, mas renunciando a ele em uma disponibilidade suprema para o serviço e o sacrifício. E o Espírito de Cristo, que veio habitar o Corpo Denso de Jesus, Corpo que, embora perfeito para os humanos, foi uma prisão para Ele, deixou, por sua vez, mundos de felicidade indescritível e caminhos de glória espantosa para nos servir e salvar.

Tanto o Espírito Solar, o Cristo, quanto o homem Jesus tinham a mesma estrutura; em um vibrava o coração do Sistema Solar, no outro, o coração do ser humano; nos dois temos o

serviço amoroso e desinteressado – portanto, o mais anônimo possível – focado na divina essência oculta em cada um de nós (que é a base da Fraternidade) e para com o irmão ou a irmã que está ao nosso lado. A pureza e a compaixão, o serviço e o autossacrifício devem ser aprendidos através de Virgem-Peixes como os únicos fatores que podem realizar a libertação do coração. Jesus não foi Cristo, mas foi semelhante a Ele e por isso atraiu o Espírito de Cristo para si.

Sejamos muito claros sobre estes pontos importantes! A tarefa evolutiva da Nova Era é a perfeição do Corpo Denso; a exigência evolutiva é a libertação do coração; o método evolutivo é o Serviço caracterizado indistintamente como o amoroso e desinteressado – portanto, o mais anônimo possível – focado na divina essência oculta em cada um de nós (que é a base da Fraternidade) e para com o irmão ou a irmã que está ao nosso lado.

FIM

**ANEXO 1 – SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO**

William Shakespeare

Edição Ridendo Castigat Mores - Fonte Digital

*(A Midsummer-Night's Dream)*

## ÍNDICE

ATO I
Cena I — 7
Cena II — 18
ATO II
Cena I — 24
Cena II — 36
ATO III
Cena I — 43
Cena II — 53
ATO IV
Cena I — 74
Cena II — 85
ATO V
Cena I — 88
Cena II — 105



**PERSONAGENS**

TESEU, Duque de Atenas.

EGEU, pai de Hérnia.

LISANDRO, apaixonado de Hérnia. DEMÉTRIO, apaixonado de Hérnia.

FILÓSTRATO, diretor de festas na corte de Teseu.

QUINCE, carpinteiro.

SNUG, marceneiro. BOTTOM, tecelão. FLAUTA,

remenda-foles. SNOUT, caldeireiro.

STARVELING, alfaiate.

HIPÓLITA, rainha das amazonas, noiva de Teseu. HÉRMIA, filha de Egeu, apaixonada de

Lisandro. HELENA, apaixonada de Demétrio.

OBERON, rei dos elfos. TITÂNIA, rainha dos elfos.

PUCK, ou o Bom Robim.

FLOR-DE-ERVILHA, elfo.

TEIA-DE-ARANHA, elfo.

TRAÇA, elfo.

SEMENTE-DE-MOSTARDA, elfo.

Outros elfos do séquito de Oberon e Titânia. Séquito de Teseu e Hipólita.

## ATO I

### Cena I

*Atenas. O palácio de Teseu. Entram Teseu, Hipólita, Filóstrato e pessoas do séquito.*

TESEU — Depressa, bela Hipólita, aproxima-se a hora de nossas núpcias. Quatro dias felizes nos trarão uma outra lua. Mas, para mim, como esta lua velha se extingue lentamente! Ela retarda meus anelos, tal como o faz madrasta ou viúva que retém os bens do herdeiro.

HIPÓLITA — Mergulharão depressa quatro dias na negra noite; quatro noites, presto, farão escoar o tempo como em sonhos. E então a lua que, como arco argênteo. no céu ora se encurva, verá a noite solene do esposório.

TESEU — Vai, Filóstrato, concita os atenienses para a festa, desperta o alegre e buliçoso espírito da alegria, despacha para os ritos fúnebres a tristeza, que essa pálida hóspede não vai bem em nossas pompas. (*Sai Filóstrato.*) De espada em mão te fiz a corte, Hipólita; o coração te conquistei à custa de violência; mas quero desposar-te com música de tom mais auspicioso, com pompas, com triunfos, com festejos.

(*Entram Egeu, Hérmia, Lisandro e Demétrio.*) EGEU — Salve, Teseu, nosso famoso duque!

TESEU — Bom Egeu, obrigado. Que há de novo?

EGEU — Cheio de dor, venho fazer-te queixa de minha própria filha, Hérmia querida. Vem para cá, Demétrio. Nobre lorde, tem este homem o meu consentimento para casar com ela. Agora avança. Lisandro. E este, meu príncipe gracioso, o peito de Hérmia traz enfeitado. Sim, Lisandro, tu mesmo, com tuas rimas! Prendas de amor com ela tu trocaste; sob a sua janela, à luz da lua, cantaste-lhe canções com voz fingida, versos de amor fingido, e cativaste as impressões de sua fantasia com cachos de cabelo, anéis, brinquedos, ramalhetes, docinhos, ninharias, mensageiros de efeito decisivo nas jovens ainda brandas. Com astúcia, à minha filha o coração furtaste, mudaste-lhe a filial obediência em dura teimosia. Por tudo isso, meu mui gracioso duque, se ela, agora, diante de Vossa Graça, com Demétrio não quiser se casar, eu me reporto à antiga lei de Atenas que confere aos pais direito de dispor dos filhos. É minha filha, posso dispor dela. Ou a entregarei para este cavalheiro, ou para a morte, o que, sem mais delongas, segundo nossa lei, deve ser feito.

TESEU — Hérmia, que respondeis? Sede prudente, bela menina. Como a um deus devéis ver sempre vosso pai, um deus que vossa formosura plasmou, pois sois apenas a cera a que ele conferiu a forma, restando-lhe o poder de conservá-la, ou de desfazer a imagem. É Demétrio cavalheiro mui digno.

HÉRMIA — E assim Lisandro.

TESEU — Sim, em si mesmo; mas uma vez que ele com vosso pai não conta, deveríeis o outro considerar como o mais digno.

HÉRMIA — Ah, se meu pai o visse com meus olhos!

TESEU — Com o juízo dele é que razoável fora que vossos olhos vissem.

HÉRMIA — Vossa Graça me perdoe, mas não sei que força oculta me dá tanta ousadia, nem compreendo como a minha modéstia me consente defender minha causa em tal presença. Suplico a Vossa Graça declarar-me o que de pior me tocará por sorte, se eu me negar a desposar Demétrio.

TESEU — Ou morrer morte crua, ou, para sempre, sair da sociedade. Por tudo isso, formosa Hérmia, falai com vossas próprias aspirações, pensai na mocidade, examinai a fundo vosso sangue e vede se é possível suportardes um hábito de freira, para o caso de recusardes a paterna escolha, ficar encarcerada para sempre num convento sombrio, como estéril irmã passar a vida, hinos dolentes cantar à lua infrutuosa e fria. Abençoados três vezes os que podem, dessa maneira, dominar o sangue e a peregrinação fazer virgínea. Mas muito mais feliz na terra é a rosa que destilar se deixa do que quantas no espinho virgem crescem, vivem, morrem em sua solitária beatitude.

HÉRMIA — Assim crescer prefiro, meu bom lorde. viver e perecer, a ver os sacros privilégios de minha mocidade em poder de um senhor, cujo aborrido jugo minha alma do íntimo repele.

TESEU — Refleti mais um pouco. Na outra lua quando tiver de ser selado o liame sempiterno entre mim e a minha amada — nesse dia tereis de decidir-vos ou a morrer por desacato franco à vontade paterna, ou a ser esposa de Demétrio, ou a fazer no altar de Diana juramento de eterna austeridade num viver virginal e solitário.

DEMÉTRIO — Hérmia, concorda; e tu, Lisandro, deixa da pretensão de opor teus fracos títulos ao meu direito certo e indiscutível.

LISANDRO — Do pai de Hérmia, Demétrio, o afeto tendes; casai com ele, então; seja ela minha.

EGEU — Lisandro zombador, é bem verdade que o meu amor é dele, e pois vai dar-lhe tudo quanto possuo: Hérmia pertence-me; todo o direito que sobre ela tenho a Demétrio o transfiro.

LISANDRO — Eu sou, milorde. de família tão nobre quanto a dele; de patrimônio igual somos herdeiros; maior é o meu amor. Quanto aos favores da fortuna, mimoso sou como ele, se não mais. Finalmente, o que suplanta todas essas vanglórias: sou amado da irresistível Hérmia. Por que causa não me bater em prol do meu direito? Demétrio — ao rosto lanço-lhe isto — a filha de Nedar namorou e a alma ganhou-lhe, e ela, coitada, piamente o adora, adora até quase à loucura a este homem volúvel e culpado.

TESEU — Sim, já ouvira falar por alto nisso e pretendia conversar com Demétrio a esse respeito; mas por excesso de negócios próprios não me lembrou fazê-lo. Mas, Demétrio, vinde comigo; e vós, também, Egeu. Tenho de vos dizer duas palavras muito em particular. No que respeita vossa pessoa, irresistível Hérmia, fazei esforço para que os caprichos deixeis de acordo com o querer paterno; se não, será forçoso vos dobrardes às leis de Atenas que, de nenhum modo, podemos atenuar: ou morte crua, ou o juramento de viver solteira. Minha Hipólita, vamos. Que se passa contigo. meu amor? Vinde conosco, Demétrio e Egeu; necessidade tenho de ambos vós, não somente para a festa, como também para tratar convosco de algo que aos dois de perto diz respeito.

EGEU — Alegres e obedientes vos seguimos. (*Saem Teseu, Hipólita, Egeu, Demétrio e séquito.*)

LISANDRO — Então, minha querida, por que as faces tão pálidas assim? Qual o motivo de murcharem tão rápido essas rosas?

HÉRMIA — Talvez por falta da água que lhes viesse da tempestade dos meus próprios olhos.

LISANDRO — Oh Deus! Por tudo quanto tenho lido ou das lendas e histórias escutado, em tempo algum teve um tranquilo curso o verdadeiro amor. Ou era grande do sangue a diferença...

HÉRMIA — Oh sofrimento! Nascer no alto e aceitar o cativo!

LISANDRO — ... ou mui disparatadas as idades...

HÉRMIA — Oh dor! Unir-se a mocidade às  
cãs!

LISANDRO — ... ou tudo os pais, sozinhos, decidiam...

HÉRMIA — Não há maior inferno: estranhos olhos para escolher o amor!

LISANDRO — ... ou, quando havia simpatia na escolha, a guerra, as doenças, e a morte, conjuradas, o assaltavam, qual simples som deixando-o, transitório, tão curto corno um sonho, movediço como uma sombra instável, tão ligeiro como raio de noite tempestuosa que, de súbito, rasga o céu e a terra, mas que antes de podermos dizer “Vede!” pelas fauces das trevas é tragado. Tudo o que brilha, assim, em ruína acaba.

HÉRMIA — Se sempre contrariados foram todos os amantes sinceros, é que o próprio destino o determina desse modo. Que nos ensine, pois, a ser pacientes a nossa provação, já que é desdita fatal dos namorados, como os sonhos, pensamentos, suspiros, dores, lágrimas, do pobre amor são companheiros certos.

LISANDRO — Isso consola. Porém, Hérmla, escuta-me: a sete léguas, só, de Atenas mora minha tia, uma viúva muito rica que, por filhos não ter, me considera seu herdeiro exclusivo. Em casa dela, minha Hérmla encantadora, poderemos casar-nos, por ficarmos, então, fora das rigorosas leis dos atenienses. Se me amas, fuge da mansão paterna na noite de amanhã. No bosquezinho a uma légua distante da cidade deverás encontrar-me, justamente onde uma vez te vi em companhia de Helena a realizar os sacros ritos de uma manhã de maio.

HÉRMLA — Meu bondoso Lisandro, eu juro pelo mais potente arco do deus Cupido, por sua seta melhor de penas de ouro, pelas meigas pombas de Vênus, pelo que une as almas e confere ao amor virentes palmas, pelas chamas em que se abrasou Dido após abandoná-la o Teucro infido, pelas juras que a todos os instantes violado têm os homens inconstantes, mais do que numerosas, infinitas, do que as que foram por mulheres ditas: amanhã, sem faltar, no grato abrigo de que falamos, estarei contigo.

LISANDRO — Não faltes à palavra. Ai vem Helena.

*(Entra Helena.)*

HÉRMLA — Formosa Helena, por que tanta pressa?

HELENA — Eu, formosa? Desmente-te depressa. Ama Demétrio a tua formosura; nesses olhos encontra a luz mais pura; acha ele em tua voz mais melodia do que o pastor na doce cotovia, quando o trigo nos campos enverdece e o pilriteiro de botões se tece. Se, como as doenças, fosse contagiosa também a formosura, eu, jubilosa, me fizera infectar, ó Hérmla bela! de teus encantos, sem maior cautela; com tua voz ficara nos ouvidos; teu olhar, nestes olhos combalidos; tua fala de música esquisita consolidar viria a minha dita. Se o mundo fosse meu, ficando fora Demétrio, de todo ele, sem demora, me desfizera, caso conseguisse tua beleza obter, tua meiguice, porque sendo, como és, o meu contraste, seu coração bondoso conquistaste.

HÉRMLA — Faça-lhe cara feia, ele me adora.

HELENA — Tivesse eu risos feios desde agora!

HÉRMLA — Digo-lhe doestos, e ele amor me vota.

HELENA — Quem me dera na voz tão doce nota!

HÉRMLA — Vai de par seu ardor com o meu desdém.

HELENA — Com o seu desprezo o meu amor também.

HÉRMLA — De tal loucura a culpa não é minha.

HELENA — É de tua beleza. Fosse a minha!

HÉRMLA — Coragem! Por mais tempo ele não há de fazer juras com tal tenacidade, que eu e Lisandro, há um momento, apenas, resolvemos fugir, sem mais, de Atenas. Para mim era Atenas o paraíso, quando não me encantara o seu sorriso. Como é terrível este fogo interno para, assim, transformar o céu no inferno!

LISANDRO — Não queremos, Helena, ocultar nada: amanhã, quando Febe a luz prateada nas águas refletir, cobrindo a relva de pérolas e encanto dando à selva, hora mais que propícia para a fuga de quem, como nós dois, o amor conjuga, eu e Hérmla combinamos da cidade deixar as portas, rumo à liberdade.

HÉRMLA — Naquele bosque em que, sobre canteiros de primavera, instantes tão fagueiros passamos tantas vezes, atenuando com nossas confissões este ardor brando, eu e Lisandro, que minha alma adora, nos reuniremos ao raiar da aurora. Se em Atenas não temos pouso amigo, alhures acharemos grato abrigo. Reza por nós, minha querida Helena, e com Demétrio encontres vida amena. Cumpre, Lisandro, agora o prometido por mais que te angustie o dolorido coração: do alimento dos amantes privaremos a vista alguns instantes.

LISANDRO — O voto hei de cumprir, minha Hérmla bela. *(Sai Hérmla.)*

Formosa Helena, adeus. Como eu a ela, possa Demétrio ser-te dedicado, transformando em ventura o teu cuidado. *(Sai.)*

HELENA — Como é possível que a felicidade possa reinar em tal desigualdade! Em toda Atenas sou considerada tão formosa quanto Hérmla; mas a nada quer Demétrio atender. Ele, somente, ver não pode o que enxerga toda a gente. Erra ele ao se deixar pender do lindo semblante de Hérmla, tal como eu, caindo em igual erro, prendo o coração na sua compostura sem senão. As coisas baixas, sem valia alguma, de crassas deixa o Amor leves qual pluma. O Amor não vê com

os olhos, mas com a mente; por isso é alado, e cego, e tão potente. Nunca deu provas de apurado gosto; cego e de asas: emblema de desgosto. Eterna criança: eis como é apelidado, por ser sempre na escolha malogrado. Como os meninos quebram juramentos, perjura o Amor a todos os momentos. Assim Demétrio, quando Hércia não via, me granizava juras noite e dia; mas ao calor do seu formoso riso dissolveu-se de súbito o granizo. Da formosa Hércia vou contar-lhe a fuga. É certeza: no bosque ele madruga, para segui-la. A mim essa notícia vai ensejar de vê-lo a hora propícia. Se o vir na ida e na volta, de corrida, feliz me considero e enriquecida. (*Sai.*)

**Cena II**

*O mesmo. Um quarto em casa de Quince. Entram Quince, Snug, Bottom, Flauta, Snout e Starveling.*

QUINCE — Está aqui toda a nossa companhia?

BOTTOM — Será melhor chamardes um por um, de acordo com a lista.

QUINCE — Aqui está o papel com a indicação do nome de todos os que em Atenas foram considerados capazes de representar o nosso interlúdio, diante do duque e da duquesa, na tarde do dia do seu casamento.

BOTTOM — Primeiro, Peter Quince, conta- nos o enredo da peça; depois, lê o nome dos atores, para entrarmos logo no assunto.

QUINCE — Ora bem, a nossa peça se intitula: A mais lamentável comédia, a mais cruel morte de Píramo e Tisbe.

BOTTOM — Uma bela peça, é o que vos digo, e divertida. E agora, meu bom Peter Quince, fazei a chamada dos atores, pela lista. Mestres, espalhai-vos!

QUINCE — Respondei à medida que eu for chamando. Nick Bottom, tecelão!

BOTTOM — Presente. Dizei qual seja a minha parte e prossegui.

QUINCE — Vós, Nick Bottom, estais inscrito para o papel de Píramo.

BOTTOM — Quem é Píramo? Amante ou tirano?

QUINCE — Amante, que se mata galantemente por questões de amor.

BOTTOM — Para sua execução será forçoso derramar algumas lágrimas. Se me toca esse papel, a assistência que tome conta dos olhos; provocarei tempestades, saberei de algum modo lamentar-me. Vamos aos outros. Contudo, ficaria melhor no papel de tirano; daria um Hércules de mão cheia, um rompe-e-rasga de partir um gato em dois. O pico furioso no mar estrondoso já vem tormentoso romper a prisão. O carro nitente de Fíbo esplendente vencer não consente o fado bufão. Grandioso! Nomeai agora os outros comediantes. Essa é a verdadeira disposição de Ercles, a disposição de um tirano. Um apaixonado é mais sentimental.

QUINCE — Francisco Flauta, remenda-foles.

FLAUTA — Presente, Peter Quince.

QUINCE — Tereis de ficar com Tisbe.

FLAUTA — Quem é Tisbe? Cavaleiro andante?

QUINCE — É a mulher que Píramo deve amar.

FLAUTA — Ora, por minha fé, não me deis papel de mulheres; a barba já me está a apontar.

QUINCE — Pouco importa; representareis de máscara, ficando ao vosso arbítrio falar com voz tão fina quanto quiserdes.

BOTTOM — Se eu puder ocultar o rosto, dai- me também o papel de Tisbe; falarei com uma vozinha monstruosa: Tisne! Tisne! Ah, Píramo, meu grande amor! A tua querida Tisbe, a tua esposa idolatrada!

QUINCE — Não! Não! Representareis Píramo, e vós, Flauta, Tisbe.

BOTTOM — Está bem; prossegui. QUINCE — Robim Starveling, alfaiate.

STARVELING — Presente, Peter Quince.

QUINCE — Robim Starveling, tereis de fazer o papel da mãe de Tisbe. Tom Snout, caldeireiro.

SNOUT — Presente, Peter Quince.

QUINCE — Vós, o pai de Píramo; eu, o pai de Tisbe; a Snug, marceneiro, tocará o papel do leão. Penso que desse modo fica bem arranjada a comédia.

SNUG — Já está escrita a parte do leão? Se a tiverdes aí, dai-ma logo, por obséquio, que eu sou um tanto lerdo para aprender as coisas.

QUINCE — Tereis de representá-la *ex- tempore*, por consistir tudo apenas em rugir.

BOTTOM — Dai-me, também, o papel de leão. Hei de rugir de maneira que ficarão

comovidos os corações; hei de rugir de modo tal, que o duque exclamará: Que ruja outra vez!  
Que ruja outra vez!

QUINCE — Se o fizerdes por maneira muito terrível, incutireis pavor na duquesa e nas demais senhoras, a ponto de soltarem gritos, o que seria mais que suficiente para nos enforcarem a todos.

TODOS — Para nos enforcarem. As nossas mães perderiam os filhos.

BOTTOM — Concordo, amigos, que, se de susto fizerdes as senhoras perder o juízo, só lhes restará a discrição de nos enforçar. Mas no meu caso agravarei de tal modo a voz, até rugir tão docemente como uma pombinha mamente; rugirei como um rouxinol.

QUINCE — Para vós só ficará bem o papel de Píramo, por ser Píramo indivíduo de fisionomia agradável, um tipo bem apessoado, próprio para ser visto em dias de verão, um cavalheiro encantador, em suma. Por isso, tereis de representar Píramo.

BOTTOM — Está bem; representarei Píramo.

Que barba ficará melhor nesse papel?

QUINCE — Ora, a que quiserdes.

BOTTOM — Hei de desincumbir-me dele ou seja com a barba cor de palha, ou com a cor de laranja bronzeada, ou com a de púrpura legítima, ou com a da cor da coroa da França, vosso amarelo perfeito.

QUINCE — Algumas das vossas coroas francesas são desprovidas de pelos, motivo por que tereis de representar sem barba. Mas, senhores, aqui tendes os papéis. Suplico-vos, peço-vos e concito-vos a aprendê-los para amanhã à noite. Procurai-me no bosque do palácio, a uma milha da cidade, logo que a lua sair. Aí ensaiaremos; porque se nos reunirmos na cidade não faltaria quem nos farejasse, ficando conhecido todo o nosso plano. Nesse meio tempo farei uma relação dos artigos necessários para a nossa representação. Peço-vos que não falteis.

BOTTOM — Lá estaremos para ensaiarmos a peça por maneira obscena e corajosa. Esforçai-vos; sede perfeitos. Adeus.

QUINCE — O encontro é junto do carvalho do duque.

BOTTOM — É quanto basta. Ou vai ou racha! (*Saem.*)

**ATO II****Cena I**

*Um bosque perto de Atenas. Uma Fada e Puck entram por lados diferentes.*

PUCK — Olá, espírito! Para onde vais?

FADA — Nos densos cerrados, no bosque fagueiro, nos belos gramados por tudo me esgueiro mais apressada que a lua quando na mata flutua. Contente, sirvo à rainha das Fadas, senhora minha e sobre o relvado faço de seus círculos o traço. As altivas primaveras ela as adora deveras; em seu doirado vestido de traçado mui garrido, há rubis, muito perfume, de que as Fadas têm ciúme. Ora sacudo as pétalas das rosas à procura das pérolas donosas porque às orelhas ponha redolentes das primaveras lúcidos pingentes. Adeus, espírito travesso; é hora; já vem a Fada e os elfos; vou-me embora.

PUCK — Para este ponto o rei já se encaminha. Cuidado! Não se encontre com a rainha, pois Oberon se mostra estomagado deveras por lhe haver ela roubado o gracioso menino da Índia oriundo. Na opinião dela é o pajem sem segundo. O ciumento Oberon desejaria em seu séquito vê-lo noite e dia, para, juntos, passearem na floresta. Ela, porém, de nada se molesta; retém o lindo pajem, venturosa, e grinaldas lhe tece cor-de-rosa. Nos olhos dele encontra a luz mais pura. Assim, quando nas fontes, porventura, os dois se veem, num vergel umbroso, à luz do luar, num bosque temeroso, a tal ponto discutem, que, de medo, nas bolotas os elfos ficam quedos.

FADA — Se esquecida de todo não pareço, tu és aquele espírito travesso de nome Bom Robim. És tu que enleias de noite as raparigas das aldeias, tiras do leite a nata e, de mansinho, desajustas as peças do moinho; fazes que a batidora de manteiga se esbofe sem proveito e que a taleiga de cerveja, por vezes, não fermente; que ris às gargalhadas, de inclemente, do viajante noturno exausto e lasso, pós o teres transviado um bom pedaço. Mas quem de meigo Puck e de tasquinho te chama, a esse auxilias com carinho, fazes que refloresça quanto é dele, lhe das suma ventura. Dize: és ele?

PUCK — Fada, acertaste. Eu sou, realmente, o ledo vagabundo noturno que brinquedo faço de tudo, porque a todo instante alegre de Oberon deixe o semblante. Como ele ri gostoso, ao ver o efeito, sobre um cavalo gordo, do meu jeito de relinchar qual égua calorosa. Às vezes ponho tudo em polvorosa, quando me escondo, qual maçã cozida, no jarro de uma velha delambida: tropeço-lhe nos beiços, sem que o veja, e no regaço entorno-lhe a cerveja. A sábia tia, às vezes, numa história de enredo triste e perenal memória, pensa me ter, qual um banquinho, à mão; então me afasto e, bum! vai ela ao chão, e enxertando na história um disparate reclama em altas vozes o alfaiate, sem parar de tossir. Em gargalhadas as comadres rebentam, de malvadas, saltam de gozo e juram, da janela, não terem visto uma hora como aquela. Retira-te; Oberon vem com o seu bando.

FADA — E a senhora também. Fosse ele andando!

*(Entra, por um lado, Oberon com o seu séquito: por outro, Titânia com o dela.)*

OBERON — Orgulhosa Titânia, é mau indício assim nos encontrarmos ao luar.

TITÂNIA — O ciumento Oberon! Fadas, partamos; abjurei do seu leito e companhia.

OBERON — Detém-te, presunçosa; acata as ordens de teu senhor.

TITÂNIA — Então, senhora eu sou. No entanto eu sei que do país das Fadas vieste furtivamente, após a forma tomares de Corino, e o dia inteiro na avena rude versos amorosos a Fílida cantavas. Por que causa vieste aqui ter, deixando a Índia longínqua? Certamente tão-só pela imperiosa Amazonas de botas elegantes, vossa guerreira amada, que está a ponto de casar com Teseu.

OBERON — Não te envergonhas, Titânia, de atirar-me esses remoques pelo interesse que eu dedico a Hipólita, se eu não ignoro que amas a Teseu? Com tua ajuda, numa noite fosca, não pode ele fugir de Perigônia, que ele próprio raptara? Quem não sabe que o fizeste violar os juramentos feitos a Egle formosa, a Ariadne, a Antíopa?

TITÂNIA — Tudo isso é o ciúme que a inventar vos leva. Desde aquele verão, nunca podemos nos reunir na floresta, pelos prados, nas colinas, nos bosques, junto às fontes em que os juncos vicejam, pelas praias sonoras do mar, para dançarmos em coro ao som dos ventos



sibilantes, sem que em nossa alegria não nos víssemos perturbadas por tuas invectivas. Por isso os ventos, como em represália de em vão nos assobiarem, do mar vasto aspiraram vapores contagiantes, e estes, pelo país se derramando, tanto deixaram tímidos os rios, que as margens inundaram, de orgulhosos. Em vão os bois no jugo se cansaram; perdeu o suor o lavrador; o verde trigo podre ficou antes de a barba juvenil lhe nascer; os currais se acham vazios nas campinas alagadas; cevam-se os corvos no pastoso gado: as quadras de pelota estão desertas e cobertas de lama; quase desfeitos na verde relva os belos labirintos, porque ora já ninguém neles transita. Falta aos homens mortais o frio inverno; com hinos e canções, as noites claras já não são abençoadas como outrora. E assim, a lua, que o mar vasto impera, pálida de rancor, todo o ar deixa úmido, abundando os catarros. Em tamanha desordem vemos as sações trocadas: do seio brando da virente rosa sacode a geada a cândida cabeça, enquanto sobre o queixo e nos cabelos brancos do velho inverno, por escárnio, brotam grinaldas de botões odorosos do agradável estio. A primavera, o estio, o outono procriador, o inverno furioso as vestes habituais trocaram, de forma tal que o mundo, de assombrado, para identificá-los não tem meios. Pois bem; toda essa prole de infortúnios de nossas dissensões, tão-só, provêm; geradores e pais somos de todos.

OBERON — Dai o remédio, então; tendes os meios. Por que há de contrariar, sempre, Titânia seu Oberon? Não peço muito, apenas uma criança perdida, para dela fazer meu pajenzinho.

TITÂNIA — Tal cuidado tirai do coração. Nem todo o reino das Fadas me comprara este menino. Ao meu culto sua mãe era votada, Muitas e muitas vezes, na atmosfera perfumada das Índias, me aprazia ouvi-la discretar, tê-la ao meu lado nas amarelas praias de Netuno a admirar os cargueiros balouçantes sobre as ondas inquietas. Como ríamos, ao ver as velas enfunar-se, grávidas ao parecer, sob os lascivos beijos dos ventos buliçosos! Imitando-as, a andar com irresistível gaiatice — grávida, então, do meu donoso pajem — por terra a velejar se punha, em busca de ninharias mil para ofertar-me, voltando após, como de viagem longa, de sua gentil carga mui vaidosa. Mas, porque era mortal, morreu no parto deste menino que, por amor dela, recolhi para criar. Por isso, agora, pela mesma razão dele não largo.

OBERON — Neste bosque morar é vosso intento?

TITÂNIA — Até o dia, talvez, do casamento de Hipólita e Teseu. Se com tratável disposição quiserdes tomar parte de nossa alegre ronda e ver os ludos à clara luz da lua, sois bem-vindo. Se não poupai-me, que eu terei cuidado de evitar vossos sítios preferidos.

OBERON — Dá-me o menino e eu seguirei contigo.

TITÂNIA — Nem por todo o teu reino. Vamos, duendes! A ser da paz amigo nunca aprendes.

*(Sai Titânia com seu séquito.)*

OBERON — Bem; segue o teu caminho; deste bosque não sairás sem que por esta injúria te venha a atormentar. Vem para perto, meu gentil Puck. Certo ainda te lembras de quando eu me sentei num promontório, a ouvir uma sereia que se achava no dorso de um golfinho e que tão doces melodias cantava, que o mar bravo deixava apaziguado com seu canto, tendo várias estrelas loucamente suas órbitas deixado só com o fito de escutar a canção. Ainda te lembras?

PUCK — Perfeitamente.

OBERON — Nesse mesmo instante pude ver, o que a ti fora impossível, como Cupido, inteiramente armado, se atirava entre a terra e a lua fria. A mira havia posto numa bela vestal que o trono tinha no ocidente; com energia e decisão dispara do arco a flecha amorosa, parecendo que cem mil corações ferir quisesse. No entanto eu pude ver a ardente flecha do menino esfriar-se sob a influência da aquosa lua e de seus castos raios, continuando a imperial sacerdotisa seu virginal passeio, inteiramente livre de pensamentos amorosos. Vi bem o ponto em que caiu a flecha do travesso Cupido: uma florzinha do ocidente, antes branca como leite, agora purpurina, da ferida que do amor lhe proveio. “Amor ardente” é o nome que lhe dão as raparigas. Vai buscar-me essa flor; já de uma feita te mostrei essa planta. Se deitarmos um pouco de seu suco sobre as pálpebras de homem ou de mulher entregue ao sono, ficará loucamente apaixonado por quem primeiro vir, quando desperto. Vai buscar-me essa planta; mas retorna antes de duas léguas no mar vasto nadar o leviatã.

PUCK — Porei um cinto na terra em quatro vezes dez minutos. (*Sai.*)

OBERON — De posse desse suco, hei de achar meio de surpreender Titânia adormecida, para nos olhos lhe deitar o liquido Ao despertar, o que enxergar primeiro, seja leão, urso, lobo, touro, mono buliçoso ou irrequieto orangotango, perseguirá com alma enamorada. E antes de eu lhe tirar da vista o encanto, o que farei com o suco de uma outra erva, obrigá-la-ei a me entregar o pajem. Mas quem vem vindo aí? Sendo invisível, poderei escutar-lhes a conversa.

(*Entra Demétrio, seguido de Helena.*)

DEMÉTRIO — Não te dedico amor; não me persigas, Onde Lisandro se acha e Hérmla formosa? Quero matá-lo e ser por ela morto. Disseste que ambos nesta selva estavam; como selvagem, no entretanto, eu corro desesperado seus recantos todos sem poder encontrar Hérmla adorada. Vai-te! Fora daqui! Não me persigas!

HELENA — imã de coração endurecido, sou por vós atraída, mas de ferro não tenho o coração; como o aço é puro. Cessai de me aliciar e, incontinenti, deixarei de seguir-vos.

DEMÉTRIO — Alicio-vos? Acaso já vos disse galanteios? Ou com franqueza não vos falo sempre que não vos amo nem vos posso amar?

HELENA — Por isso mesmo é que vos amo tanto. Vosso cãozinho sou. Demétrio altivo, quanto mais me baterdes, mais afável hei de me revelar. Como cãozinho me tratai; repeli-me, dai-me golpes, não vos lembreis de mim, deixai-me à toa; mas por mais que de tudo eu seja indigna, permiti que vos siga. Mais modesto lugar em vosso amor não me é possível. Mas para mim será título honroso como vosso cãozinho ser tratada.

DEMÉTRIO — Não me forceis a repugnância da alma; sinto-me mal só de vos ver o rosto.

HELENA — E eu doente fico, quando não vos vejo.

DEMÉTRIO — Comprometeis demais vosso recato saindo da cidade, dessa forma, para vos entregardes indefesa a um homem que faz timbre em desprezar-vos, e assim confiando às tentações da noite e aos maus conselhos de um lugar deserto o tesouro de vossa virgindade.

HELENA — Vossa virtude é a minha segurança. Quando o rosto vos vejo, deixa a noite de ser noite; por isso, não presumo que seja noite agora. Nem me faltam mundos de companhia nestes bosques, por serdes para mim o mundo todo. Como, pois, se dirá que eu estou sozinha, se o mundo todo agora me contempla?

DEMÉTRIO — Vou deixar-te, esconder-me pelas brenhas e às feras impiedosas entregar-te.

HELENA — Qualquer fera selvagem tem mais brando coração do que vós. Fugi, embora, que a história mudareis: Apoio corre e Dafne lhe dá caça; a meiga pomba persegue o abutre; a tímida gazela corre apressada empós do imano tigre, esforço inútil, quando o valor foge e no seu rasto segue a covardia.

DEMÉTRIO — Não quero discutir contigo; deixa-me. Mas se me acompanhares, fica certa de que no bosque te farei violência.

HELENA — Ofendes-me no templo, na cidade, no campo, em toda parte. Ora, Demétrio! Tua atitude no sexo nos humilha. Lutas de amor não são para mulheres; no entanto a corte me fazer não queres. (*Sai Demétrio.*) Vou te seguir e um céu fazer do inferno; morta por ti, ganho terei eterno. (*Sai.*)

OBERON — Adeus, ninfa! Este bosque ele não deixa sem que de lhe fugires tenha queixa. (*Puck torna a entrar.*) Trouxeste a flor? Sê, pois, bem-vindo, espírito vagueante.

PUCK — Ei-la aqui.

OBERON — Agradecido. Sei o lugar onde há belo canteiro que o ar embalsama de agradável cheiro do tomilho selvagem, da sincera violeta e da graciosa primavera, onde há latada de fragrantas rosas e madressilvas nímio dulçorosas. Titânia ai parte da noite dorme sob gracioso dossel petaliforme, por danças e canções acalentada. A serpe ai deixa a pele variegada, grande bastante para de vestido a uma Fada servir, fino e comprido. Pôr-lhe-ei nos olhos este suco brando, de odiosas fantasias lhe deixando cheia a imaginação. Toma uma parte dele também, e do poder comparte que com ele te confio. Na floresta te cumpre achar uma ateniense mesta que,

desprezada, de paixão se fina por altivo rapaz de alma ferina. Quando a dormir o achares, de mansinho nas pálpebras lhe deita um bocadinho do suco. Mas cuidado! É indispensável que, ao despertar, tenha ele à vista a amável dama que ora despreza. Muito fácil te será conhecê-lo, que ele o grácil traje dos atenienses apresenta. Sendo tu cuidadoso, ele violenta paixão há de sentir, mais acendrada do que revela a jovem namorada. Volta antes que primeiro cante o galo.

PUCK — Ficai tranquilo; saberei achá-lo. (*Saem.*)

**Cena II**

*Outra parte do bosque. Entra Titânia, com seu séquito.*

TITÂNIA — Vamos à ronda! Urna canção de Fadas! E, após um terço de minuto, fora! Umás, para matar nos botões róseos as lagartas nocivas; outras, para fazer guerra aos morcegos e tirar-lhes as asas, porque couro não nos falte para os casacos dos pequenos elfos; espantareis vós outras as corujas que piam toda a noite e o nosso bando caprichoso contemplam espantadas. Cantai até que eu durma e retirai-vos a trabalhar, deixando-me em repouso.

*(As Fadas cantam.)*

I

Serpes manchadas, feios ouriços sapos nojentos, fugi asinha; que nossas vozes vos deem sumiço enquanto dorme nossa rainha. Canta conosco, em porfia, rouxinol, a melodia: lula-lula-lulabia, lula-lula-lulabia. Que nossa orquestra de nossa mestra afaste qualquer magia. Boa noite com lulabia.

II

Aranhas feias não fiqueis perto, correi com vossas patas peludas; fugi, besouros, para o deserto, deixai-nos quietas nas matas mudas. Canta conosco, em porfia, rouxinol, a melodia: lula.lula-lulabia, lula-iula-lulabia. Que nossa orquestra de nossa mestra afaste qualquer magia. Boa noite com lulabia.

FADAS — Saíamos com bem cautela; fique uma de sentinela.

*(Saem as Fadas; Titânia dorme.)*

*(Entra Oberon e espreme a planta nas pálpebras de Titânia.)*

OBERON — O primeiro que enxergares quando daqui despertares, de gesto e formas alvares, amarás de coração, seja urso, gato ou leão. Farás dele o teu querido; terás o peito rendido como às setas de Cupido. *(Sai.)*

*(Entram Lisandro e Hérnia.)*

LISANDRO — De tanto andar, querida, estás cansada. Para ser franco, erramos o caminho. Hérnia, repousarás, se isso te agrada; o escuro poderá te ser daninho.

HÉRMIA — Um leito, então, ajeita em qualquer ponto, que neste banco o meu já se acha pronto.

LISANDRO — De um punhado de relva, travesseiro poderemos fazer. O verdadeiro amor nunca divide: uma lealdade, dois corações num leito, sem maldade.

HÉRMIA — Não, Lisandro; nem mesmo num deserto convirá que de mim tu durmas perto.

LISANDRO — O querida, ofender-te não queria com o que propus. É fruto da alegria quanto avancei. Só disse que no peito me bate um coração, a ti sujeito; e que eles, juntos, formam neste instante um coração apenas, muito amante. Se nossas almas o amor forte as liga, a vivermos unidos nos obriga. Em teu leito, portanto, me consente, porque contigo sempre estou presente.

HÉRMIA — Lisandro se mostrou muito eloquente. Padecerá demais minha altivez, se eu disser que ele fala com dobrez. No entanto, amigo, prova o teu carinho. Não falo em tom zangado ou de escaminho. Por cortesia e amor de mim te afasta. Fala eloquente, apenas, não nos basta; mas neste instante, de o dizer não coro, exige o imperativo do decoro que entre um rapaz virtuoso e sua amada barreira se interponha adiamantada. Por isso, adeus; que dure quanto a vida a lealdade de tua alma estremeçada.

LISANDRO — Amém; eis como encerro essa oração. Sem teu amor, me pare o coração. *(Afasta -se.)* Eis meu leito; que o sono te acalente.

HÉRMIA — E te conceda um sonho sorridente.

*(Dormem.) (Entra Puck.)*

PUCK — Todo o bosque hei percorrido, sem que ateniense garrido pudesse achar, porque o amor transmudasse com esta flor. Noite e silêncio. Que vejo? Traje ateniense a varejo? Eis o homem de que meu mestre falou, de peito silvestre, que de todo não se agrada da ateniense apaixonada. Coitadinha! Está tão longe deste bruto e frio monge! *(Espreme a flor nas pálpebras de*

*Lisandro.*) Ora nos olhos, maluco, desta flor te deito o suco porque, com sua magia, não te consinta, de dia nem de noite, o meigo sono desses olhos ficar dono. Acorda logo; já vou, porque Oberon me chamou. (*Sai.*)

(*Entram Demétrio e Helena, a correr.*)

HELENA — para! Ainda mesmo que me dê a morte.

DEMÉTRIO — Fora! Não me persigas desta sorte.

HELENA — Deixas-me neste escuro e vais sozinho?

DEMÉTRIO — Para trás! Não me cortes o caminho.

(*Sai Demétrio*)

HELENA — Esta caça amorosa me fez lassa; aumento com os pedidos a desgraça. Hérnia é feliz, esteja onde estiver; olhos assim não os possui mulher. Como pode ter olhos tão brilhantes? Não de chorar; que a todos os instantes, chorando como choro, eu deveria ter nos olhos mais luz que o claro dia. Sim, é certo: sou feia como um urso. Para feiura tal não há recurso. As próprias feras que me veem, de medo afundam mais e mais pelo arvoredo. Que muito, pois, que, em frente de tal monstro, fuja Demétrio, quando amor demonstro? Qual infernal e enganador espelho me disse que ao de Hérnia era semelhante meu deformado rosto? Mas, que vejo? Lisandro aqui? Não pode ser gracejo. Está dormindo ou morto? Nem ferida percebo, nem qualquer arma homicida. Lisandro, despertai! Estais doente?

LISANDRO (*despertando*) — Ó transparente Helena! Incontinenti me atirarei por ti no próprio fogo. A natureza mostra, neste afago, sua arte sublimada, permitindo que através desse peito casto e lindo teu coração eu veja. Dize-me: onde Demétrio, aquele vil, ora se esconde? Oh, que nome vilíssimo! De nada vale, senão para cortá-lo a espada.

HELENA — Não, bom Lisandro; não digais tal coisa. Somente porque a Hérnia amar ele ousa? Ela vos tem amor; ficai contente.

LISANDRO — Com o amor de Hérnia? Não, não sou demente. Como lastimo as horas que ao seu lado passei, cheias de tédio, a meu mau grado! Amo a Helena; a tal Hérnia me era estorvo. Quem não troca uma rola por um corvo? O homem pela razão é conduzido; e esta me deixa ao teu valor rendido. Amadurece tudo em tempo certo. Eu era muito moço; ora liberto me acho da inexperiência e da ilusão. Homem feito, dirige-me a razão, que em teus olhos um livro me oferece onde leio do amor a ardente prece.

HELENA — Por que nasci para tamanha afronta? Que vos fiz? Essa fala me amedronta. Não basta, jovem, nunca eu ter podido prender Demétrio ao meu coração fido, para que com tão grande inconveniência venhais zombar de minha insuficiência? Depõe contra vossa honra, sobremodo, a corte me fazerdes desse modo. Passai bem, confessar ser-me-á forçoso que nunca vos julguei tão desgracioso. Porque um moço despreza uma donzela, não se conclui que um outro abuse dela. (*Sai.*)

LISANDRO — A Hérnia não percebeu. Dorme até o dia, que em mim não tem poder tua magia. Pois, como a mais violenta indigestão nos vem dos doces que mais gratos são, e as heresias com maior fereza odeia quem já delas se viu presa: tu, minha indigestão, minha heresia, serás por mim odiada noite e dia. No amor vou revelar-me verdadeiro, sendo de Helena bela o cavaleiro (*Sai.*)

HÉRMIA (*despertando*) — Lisandro, acode! Tira-me a serpente que no seio me causa dor pungente. Só em ti, meu Lisandro, acho guarida; vê como o medo me deixou transida. Quis parecer-me que uma serpe o peito me devorava, e tu tão satisfeito! Lisandro! Fala! Já te foste embora? Não me respondes? Fala sem demora. Tremeo de susto. Onde te ocultas? Onde? Por todos os amores me responde. Sinto que não te encontras ao meu lado; pois vou te achar e dar remate ao fado. (*Sai.*)

**ATO III****Cena I**

*Um bosque. Titânia está deitada, a dormir. Entram Quince, Snug, Bottom, Flauta, Snout e Starveling.*

BOTTOM — Estamos todos reunidos?

QUINCE — Sem faltar um. Aqui temos um lugar maravilhosamente conveniente para ensaiarmos. Este pedaço de chão verde servirá de palco; esta sebe de madressilvas, de camarim. Vamos representar como se estivéssemos diante do duque.

BOTTOM — Peter Quince...

QUINCE — Que estás a dizer, valente Bottom?

BOTTOM — Nesta comédia de Píramo e Tísbe há coisas que jamais poderão agradar. Primeiro: Píramo terá de sacar da espada para se matar, espetáculo insuportável para as senhoras. Que respondeis a isso?

NOUT — Por Nossa Senhora! É perigoso!

STARVELING — A meu ver, será conveniente suprimirmos a mortandade.

BOTTOM — De forma alguma. Tenho uma ideia que reporá as coisas em seus eixos. Escreve-me um prólogo, de forma que o prólogo pareça dizer que não ocasionamos nenhum mal com as espadas e que Píramo não morre realmente. E para maior tranquilidade, dizei-lhes que eu, Píramo, não sou Píramo, mas Bottom, o tecelão. Isso os deixará sem medo de todo.

QUINCE — Muito bem; havemos de ter esse prólogo, que deverá ser escrito em versos de seis sílabas e de oito.

BOTTOM — Não! Acrescenta mais duas sílabas e escreve-o em versos de oito e oito.

SNOUT — O leão não causará medo às senhoras?

STARVELING — Eu também já pensei nisso.

BOTTOM — Mestres, será conveniente refletir sobre o caso. Trazer um leão — Deus nos acuda!

— para o meio de senhoras, é uma coisa pavorosa, pois não há fera volátil mais terrível do que um leão com vida. É isso que precisamos considerar.

SNOUT — Nesse caso será conveniente que outro prólogo declare ao público que não se trata de um leão de verdade.

BOTTOM — Nada disso; bastará dizerdes o nome de quem o representar e arranjar modo para que se lhe veja o rosto através do pescoço do leão, por onde ele próprio falará, mais ou menos com este defeito: “Senhoras”, ou “lindas senhoras”, “desejara”, ou “suplicara” ou “vos concito a não terdes medo e a não tremer. Minha vida pela vossa. Se pensais que eu venho aqui como um leão, não daria nada pela minha vida. Não, longe de mim tal coisa; sou um homem como os demais”. Nessa altura ele declinará seu verdadeiro nome, dizendo francamente que é Snug, o marceneiro.

QUINCE — Muito bem; faremos desse modo. Mas ainda temos duas outras coisas difíceis, a saber: trazer o luar para dentro do quarto, porque, como o sabeis, Píramo e Tisbe se encontram à luz da lua.

SNUG — Haverá lua na noite de nossa representação?

BOTTOM — Um calendário! Um calendário! Vede no almanaque! Procurai o luar! Procurai o luar!

QUINCE — Há lua, realmente, nessa noite.

BOTTOM — Nesse caso, bastará deixardes aberto um dos lados do janelão do quarto em que representarmos, para que o luar penetre por ele.

QUINCE — Assim ficará bem; mas será melhor se alguém entrar em cena com uma lanterna e um feixe de espinhos, declarando que vem para desfigurar ou para representar a pessoa do luar. Mas há outro ponto: precisamos de um muro no salão, porque a história diz que Píramo e Tisbe conversavam através de uma frincha do muro.

SNUG — Não será possível trazer um muro. Que dizeis, Bottom?

BOTTOM — Alguém terá de fazer o papel de muro, com um pouco de greda, gesso ou

argamassa na roupa, a fim de significar o muro, devendo colocar os dedos deste modo, para que Píramo e Tisbe falem através da fresta.

QUINCE — Desse jeito ficará bem. Agora, quem tiver mãe que se sente para ensaiar o seu papel. Píramo, dai início; depois de recitardes a vossa parte, acolhei-vos à sebe; o mesmo farão os outros, de acordo com as respectivas deixas.

*(Entra Puck, no fundo.)*

PUCK — Quem são os cascas-grossas que assim gritam tão perto do lugar em que repousa nossa rainha excelsa? Oh, novidade! Um ensaio teatral! Ótimo. Ouvinte vou ser da peça, e ator, conforme o caso.

QUINCE — Fala, Píramo! Tisbe, vem para a frente!

BOTTOM — “Tisbe, tal como as flores horrorosas...”

QUINCE — Oodorosas! Oodorosas!

BOTTOM — “... as flores odorosas, tens o hálito, querida, perfumado. Mas ouço vozes; um momento espera-me: depressa voltarei para o teu lado.” *(Sai.)*

PUCK — Nunca se viu um Píramo como este. *(Sai.)*

FLAUTA — Sou eu que falo agora?

QUINCE — Certo! Certo! Porque precisais compreender que ele saiu somente para verificar que barulho era aquele; mas, não demora, tornará a entrar.

FLAUTA — “Ó Píramo radiante, ao branco lírio igual, tão rubro quanto a rosa em cândida roseira, esperto juvenil, judeu sacerdotal, fiel qual potro altivo em rápida carreira. No túmulo de Nico eu devo te encontrar.”

QUINCE — “Túmulo de Nino”, homem! Mas ainda não é hora de dizerdes isso. Só quando ti-verdes de responder a Píramo. Dizeis de uma só vez todo o vosso papel, com deixa e tudo. Píramo, entrai. Vossa deixa já passou; é “em rápida carreira”.

FLAUTA — Oh! “Fiel qual potro altivo em rápida carreira.”

*(Torna a entrar Puck, seguido de Bottom, com cabeça de burro.)*

BOTTOM — “Tudo isso, ó bela Tisbe, em teu regaço eu ponho...”

QUINCE — Oh! Terrível! Monstruoso! Estamos enfeitizados! Fugi, mestres! Socorro! *(Saem os comediantes.)*

PUCK — Vou perseguir-vos sem vos dar sossego, por vales, montes, pela mata espessa; ora como corcel, ora morcego, ou sapo, ou chama, ou urso sem cabeça; como cavalo, ou leão, macaco, ou burro, relincho forte e rujo, guincho e zurro. *(Sai.)*

BOTTOM — Por que terão corrido? Decerto imaginaram alguma marroteira para me meter medo.

*(Volta Snout.)*

SNOUT — O Bottom, estás mudado! Que vejo em tua cabeça?

BOTTOM — Que vedes? Vedes uma cabeça de burro, a vossa; não será isso?

*(Sai Snout.) (Volta Quince.)*

QUINCE — Deus te abençoe, Bottom! Deus te abençoe. Estás transformado. *(Sai.)*

BOTTOM — Compreendo a brincadeira. Querem fazer-me de asno, para eu me amedrontar, como se fosse possível semelhante coisa. Mas façam o que fizerem, não arredarei o pé daqui. Passearei de um lado para o outro, e pôr-me-ei a cantar, para que eles percebam que não estou com medo. O melro negro e catita de biquinho alaranjado, o tordo de voz bonita, o carricinho espantado...

TITÂNIA *(acordando)* — Que anjo me desperta do meu leito de flores?

BOTTOM — O pardal, a cotovia, a rolinha, o tentilhão, o cuco a cantar de dia sem que os homens digam “Não”, porque, em verdade, quem se poria a raciocinar com um pássaro tão estúpido? Quem diria a um pássaro que ele mente, por mais que repita: “Cuco”?

TITÂNIA — Canta outra vez, gentil mortal, te peço. Tua voz os ouvidos me enamora, como o teu corpo os olhos me arrebatava. E de tal modo a tua formosura me enleva e me comove, que eu proclamo, sem mais desculpas procurar, que te amo.

BOTTOM — Quer parecer-me, senhora, que para tanto vos assiste razão muito minguada. No entanto, para dizer a verdade, hoje em dia a razão e o amor quase não andam juntos. É pena que

alguns vizinhos honestos não se esforcem para deixá-los amigos. Como vedes, eu também posso ser espirituoso, em se oferecendo ocasião.

TITÂNIA — És tão sábio quanto belo.

BOTTOM — Nem tanto assim; se eu tivesse espírito suficiente para sair deste bosque, teria tudo o de que necessito.

TITÂNIA — Não ponhas noutra parte o coração; no bosque ficarás, queiras ou não. Um espírito eu sou, de voz sincera; verão perene em meu país impera, e amor te voto. Por tudo isso, vem; silfos belos vais ter, como eu, também, que joias te trarão do mar profundo, e te farão dormir sempre jucundo. Da mortal grosseria vou livrar-te e em espírito aéreo transformar-te. Traça! Mostarda! Flor-de-Ervilha! Teia!

*(Entram quatro Silfos.)*

TRAÇA — Pronto!

SEMENTE-DE-MOSTARDA — Eu também! FLOR-DE-ERVILHA — Aqui!

TODOS QUATRO — Para onde iremos?

TITÂNIA — Sede cortesês com este gentil-homem; bailai em torno dele, dando saltos graciosos, porque a vista se lhe agrade. Dai-lhe damascos doces sem demora, uvas rosadas, figo verde e amora. Aliviai as abelhas em pletora. De suas pernas aprestai candeeiro, que acendereis depressa no luzeiro dos vaga-lumes, e amarrai, ligeiro, asas de mariposa transparente, porque os raios da lua impertinente não lhe causem aos olhos dor pungente. Elfos, cumprimentai-o alegremente.

FLOR-DE-ERVILHA — Salve, mortal! TEIA-DE-ARANHA — Salve!

TRAÇA — Salve!

BOTTOM — De todo o coração peço perdão a Vossas Senhorias. Como é que Vossa Senhoria se chama?

TEIA-DE-ARANHA — Teia-de-Aranha.

BOTTOM — Desejo ficar vos conhecendo mais de perto, meu bom mestre Teia-de-Aranha.



Quando eu me cortar o dedo, terei a ousadia de vos utilizar. Vosso nome, honesto cavalheiro?

FLOR-DE-ERVILHA — Flor-de-Ervilha.

BOTTOM — Peço-vos que me recomendeis à senhora Vagem, vossa mãe, e ao mestre Grão-de-Bico, vosso pai. Caro mestre Flor-de-Ervilha, espero que em futuro próximo estreitemos as relações. Vosso nome, senhor, por obséquio?

SEMENTE-DE-MOSTARDA — Semente-de-Mostarda.

BOTTOM — Caro mestre Semente-de-Mostarda, conheço perfeitamente vossa paciência. O covarde e agigantado Rosbife já devorou muitos cavaleiros de vossa casa. Podeis ficar certo de que os vossos parentes já me deixaram muitas vezes com os olhos cheios de lágrimas. Desejo travar conhecimento mais íntimo convosco, caro mestre Semente-de-Mostarda.

TITÂNIA — Levai-o para o quarto de boninas. Úmida, a lua espalha a claridade. Quando ela chora, as flores pequeninas a perda choram de uma virgindade. A língua lhe amarrai, mas com bondade.

*(Saem.)*

**Cena II**

*Outra parte do bosque. Entra Oberon.*

OBERON — Saber eu desejara se Titânia já despertou, e mais: o que primeiro lhe caiu sob os olhos, de que esteja perdida de paixão. Mas eis que chega meu mensageiro. (*Entra Puck.*) Então, travesso espírito, qual foi a brincadeira mais estranha que aparelhaste neste bosque mágico?

PUCK — A rainha se encontra loucamente de um monstro apaixonada. Quase em frente do sagrado lugar em que ela a sono mui tranquilo se achava em abandono, unia tropa de artífices de Atenas, capazes de trabalho rude, apenas, para ganhar o pão com o suor do rosto, ensaiava uma peça de mau gosto, para o dia solene do himeneu da Amazona garbosa e o grão Teseu. O casca-grossa de mais rude engenho de todos eles, que, com muito empenho, de Píramo fazia, a cena deixa por um momento, à espera de sua deixa. Eu, então, da ocasião me aproveitando para em um monstro o transformar, infando, sobre os ombros lhe pus, sem mais demora, de burro uma cabeça. Eis chegada a hora da resposta de Tisbe, o instante azado para na peça eu por o meu bocado. Ao vê-lo, os outros, tal como bulhento bando de patos bravos, no momento em que percebem caçador matreiro que para eles se arrasta sorrateiro, ou como gralhas de pés rubros, quando a um tiro súbito, a gritar, voando, se espalham pelo céu — cheios de medo também se afundam logo no arvoredo. Para mais assustá-los, sapateio sem parar, deles todos pelo meio: uns sobre os outros caem, por socorro gritando, em desespero: Atenas! Morro! Minguando-lhes o senso na medida que aumenta o medo, quanto não tem vida lhes causa dano, que, pelos caminhos vão deixando nas pontas dos espinhos aqueles membros do teatro imbele parte das roupas, dos chapéus, da pele. Dominados, assim, todos do medo, deixei-os ir. Só fica no brinquedo nosso Píramo, em burro transformado. Nesse instante, porém, tendo acordado. Titânia, apaixonou-se loucamente do belo monstro que lhe estava em frente.

OBERON — Eu próprio melhor plano não teria podido excogitar. Mas a magia da planta no ateniense já puseste, conforme te falei, de peito agreste?

PUCK — A dormir o encontrei, Já liquidado ficou também esse negócio. Ao lado dele estava a ateniense desprezada que por ele vai ser alcançada.

*(Entram Demétrio e Hérmia)*

OBERON — Põe-te de lado; eis o ateniense duro.

PUCK — Ela é a mesma; mas que este é outro eu juro.

DEMÉTRIO — Por que tais expressões gastais comigo? Deixai rigores para o vosso inimigo.

HÉRMIA — Com censuras agora me contento, mas sobejas razões teu ardimento num crescendo me dá de amaldiçoar-te. Se de Lisandro a vida, em qualquer parte, no sono tu tiraste, e já manchado de sangue tens o pé, nenhum cuidado te cause prosseguir na furibunda devastação: a perna inteira afunda,.. Oh! mata-me, também! O sol não era tão fiel ao dia, como ele a mim. Possível lhe seria fugir de mim, para fazer-me guerra? Mais fácil fora acreditar que a terra se deixasse furar por uma pua e que emitisse através dela a lua sua luz clara para, do outro lado, deixar o irmão ao meio-dia enfiado. Dúvida já não tenho: és assassino; esse rosto o proclama, o olhar ferino.

DEMÉTRIO — O aspecto devo ter de assassinado, não de assassino, porque transpassado me deixou tua insólita crueldade. Mas brilhas com tão grande claridade, apesar da feição dura e severa, como a luzente Vênus na alta esfera.

HÉRMIA — A que vem isso com Lisandro, agora? Ah, bom Demétrio, dá-mo sem demora.

DEMÉTRIO — Antes eu dera aos cães sua carcaça.

HÉRMIA — Sai, monstro! Cão! Desfaçatez tão crassa minha paciência virginal esgota. Já não tenho esperança nem remota. Sei que o mataste; mas, como um bargante, dos homens fugir deves de ora em diante. Oh! Por amor de mim, conta-me tudo, que em minha grande dor encontro escudo. De frente a olhá-lo sempre te abstiveste, e, no sono, o mataste? Oh peito agreste! Poderia algum verme, alguma cobra, tão depressa causar tão hedionda obra? Víbora, disse, que ela mais pungente picada do que tu não dá, serpente!

DEMÉTRIO — Funda-se nalgum erro o teu cuidado. Se Lisandro está mal, não sou culpado, nem sei que morto esteja ele, também.

HÉRMIA — Dize, então, por favor, que ele está bem.

DEMÉTRIO — Se o disser, que vantagem me vem disso?

HÉRMIA — A de jamais me ver; maior serviço possível não será, como ora o faço, sejas ou não culpado em seu trespasso. (*Sai.*)

DEMÉTRIO — Nessa disposição não há segui-la. Vou esperar que fique mais tranquila e procurar dormir. Quando em falência se acha o sono, menor é a resistência ao peso da tristeza. Desta sorte talvez melhor esse ônus eu suporte. (*Deita-se e dorme.*)

OBERON — Que fizeste? Houve engano manifesto; foi posto o suco em um amante honesto; deixaste falso um fido namorado, sem que o remisso fosse castigado.

PUCK — O fado o quis; para um sincero amante, mil falsos há de haver a cada instante.

OBERON — Percorre a mata, mais veloz que o vento, e acha Helena de Atenas num momento. De aqui trazê-la ficas incumbido, enquanto o peito eu mudo ao moço infido.

PUCK — Já vou! Já vou! Vê como eu vou ligeiro, tal qual seta de Tártaro guerreiro. (*Sai.*)

OBERON — Botão de rosa ferido pela flecha de Cupido, (*Espreme a flor nos olhos de Demétrio.*) no espírito entra vencido deste moço adormecido. Ao despertar, ao ruído que ela fizer, que rendido se lhe torne o peito fido.

(*Volta Puck.*)

PUCK — Capitão do nosso bando de duendes, já vem andando para cá Helena bela e o jovem da tal querela por mim causada, também. Ora dizei se convém prosseguir na brincadeira, porque a tenhamos inteira. Oh mestre! Como são loucos os mortais! De senso há poucos.

OBERON — Retira-te; ao vir o par vai Demétrio despertar.

PUCK — Dois namorados para uma só mulher! Não há nenhuma brincadeira que me agrade, como ciúme de verdade.

(*Entram Helena e Lisandro.*)

LISANDRO — Por que dizes que tudo é só ironia? Se assim fosse, tão fundo eu não chorara. No meu pranto comprova-se a magia que exerce em mim tua figura rara. Como haveria em meu amor suspeita, se minha fé se encontra a ti sujeita?

HELENA — Vossa ousadia aumenta; é uma querela santa e infernal matar o amor com juras. Vossa fé é só de Hércia; abris mão dela? Vossas juras são falsas e inseguras. Como conto falaz é o juramento que a ela e a mim fazeis num só momento.

LISANDRO — Ao lhe jurar amor, não tinha eu senso.

HELENA — E ao deixarde-la, menos; é o que eu penso.

LISANDRO — Demétrio a Hércia idolatra e vos detesta.

DEMÉTRIO (*despertando*) — Ó Helena, deusa, ninfa sublimada, que há de mais fascinante que a alvorada desses olhos tão lindos? Tosco e baço é o cristal junto deles; um pedaço de cereja esses lábios tentadores que a toda hora me falam só de amores. A neve virginal do Tauro altivo, sempre apagada pelo vento estivo, em corvo se transforma, horrendo e feio, quando agitas a mão, num galanteio. Oh! Vou beijar a sede da ventura, essa princesa feita de luz pura!

HELENA — Oh dor! Vejo que estais de acordo, acinte, para de mim zombar com tal requinte. Se em vós houvesse sombra de respeito, jamais me ofenderíeis desse jeito. Odiar-me não vos basta; a zombaria nesta farsa a vosso ódio se associa. Se fôsseis homens, como a forma o mostra, não daríeis de vós tão triste mostra, zombando assim de mim, com tantas juras, porque me causem tão-somente agruras. Sois rivais, porque tendes amor a Hércia, e ainda rivais para zombar de Helena. Oh feito altivo! Oh sublimada empresa! Fazer chorar quem se acha ora indefesa. Cavalheiro nenhum ofenderia uma virgem qualquer, nem tiraria a paciência dela, por folia.

LISANDRO — Demétrio, sois cruel; tenho certeza de que a Hércia amais. Usemos de franqueza: de todo o coração te cedo a parte que eu ter pudesse em seu amor; desta arte me cedereis também vosso quinhão do amor de Helena, a quem estendo a mão.

HELENA — Jamais se ouviu tão vã declaração.

DEMÉTRIO — Lisandro, não me causas alegria; de Hércia saber não quero. Se algum dia lhe tive amor, está tudo acabado. Tal amor foi um simples convidado que em seu peito morou, mas que, ao presente, para Helena retorna alegremente.

LISANDRO — Não creias nisso, Helena.

DEMÉTRIO — Não permito que menoscabes o meu peito aflito. Se insistes, provarás a minha espada. Mas eis que vem chegando a tua amada.

(*Entra Hércia.*)

HÉRMIA — A noite que da vista tira tudo deixa o ouvido dez vezes mais agudo. Quanto parece a vista ter perdido, em agudeza ganha o outro sentido. Bom Lisandro, não foste ora encontrado com o auxílio da vista. Se ao teu lado me vejo, é que tua voz estremecida de guia me serviu nesta corrida. Por que me abandonaste tão sozinha?

LISANDRO — Para ir ver meu amor, minha rainha.

HÉRMIA — Que rainha ou amor de mim te aliena?

LISANDRO — A amada de Lisandro, a bela Helena, que ao teu lado ficar não me deixava e que brilha, com sua coma flava, por tudo iluminando a noite escura mais do que esses luzeiros de luz pura. Por que me buscas? Pois não viste ainda que por ti sinto antipatia infinda?

HÉRMIA — Não dizes o que pensas; é impossível.

HELENA — Hércia está ao lado deles; será crível? Vejo que os três estão, de igual maneira, mancomunados nesta brincadeira, para rirem de mim. Ó ingrata Hércia, jovem maldosa, de comum acordo vos pusestes com estes dois mancebos. para tamanho escárnio me atirardes? As confidências que fazer soíamos, nossos votos de irmã, tantos momentos de conversa amigável, quando o tempo de passadas velozes nós culpávamos por nos vir separar: tudo esqueceste? A amizade dos bancos escolares? A inocência da infância? Hércia, nós duas como deusas prendadas, muitas vezes a mesma flor tecemos com agulhas, de um modelo valendo-nos, sentadas numa almofada só, cantarolando sempre no mesmo tom iguais cantigas, como se corpos, mãos, almas e vozes em comum nós tivéssemos. Desta arte crescemos juntas, aparentemente separadas, mas, ainda assim, unidas; dois frutos amorosos num só talo, um coração apenas em dois corpos ao parecer, tal como dois escudos encimados por uma crista apenas. Quereis romper uma amizade dessas, para ao lado vos pordes desses moços que escarnecem de vossa pobre amiga? Não é procedimento de amizade, nem é conduta feminina, tampouco. Por mim, todo o meu sexo te condena, muito embora eu, somente, a injúria sinta.

HÉRMIA — De espanto me enche esse discurso insólito. De vós não zombo; o que suponho certo, é que alvo sou de vossa zombaria.

HELENA — Instigado por vós não foi Lisandro a me seguir e me fazer encômios por pura zombaria, enaltecendo-me os olhos e a figura? Não fizestes que este outro vosso admirador, Demétrio

— que, até há pouco, com o pé me repelia — me chamasse de ninfa, deusa, rara, preciosa, celestial, irresistível? Por que fala desta arte a quem detesta? Por que razão Lisandro ora se mostra perjuro ao vosso amor que a alma lhe adorna, e afeição me protesta formalmente, se instigado por vós não se encontrasse? Por ser destituída dos encantos que vos são próprios e não ter nenhuma sorte no amor, amando como o faço, sem ser correspondida? Isso piedade despertar deveria, não desprezo.

HÉRMIA — De vossa fala o nexo não percebo.

HELENA — Continuai a fingir olhares tristes e, quando eu me virar, fazei caretas; um para o outro piscai; levai avante vossa pilhéria fina; a brincadeira bem planejada vai passar à história. Se de moral, piedade, ou sentimento fosseis dotados, não me escolheríeis para objeto de vosso passatempo. Mas passai bem; em parte é minha a culpa; a ausência ou a morte ensejará o remédio.

LISANDRO — Não vás, gentil Helena; ouve-me os votos, amor, vida, minha alma, Helena linda!

HELENA — Admirável!

HÉRMIA — Meu bem, não troces dela.

DEMÉTRIO — Se com seus rogos Hércia o não convence a força empregarei.

LISANDRO — Tuas ameaças me obrigam tanto quanto o seu pedido. Amo-te, Helena. Sim, por minha vida, por esta vida que por ti arrisco, juro provar que falsidade afirma quem se atreva a dizer que eu não te adoro.

DEMÉTRIO — Maior que o dele é o meu amor. afirmo-o.

LISANDRO — Então vinde comigo. DEMÉTRIO — Neste instante.

HÉRMIA — A que tendes, Lisandro, a brincadeira?

LISANDRO — Para trás, negra etíope! DEMÉTRIO — Ele finge que está furioso mas, realmente, abstém-se de me seguir. Homem pacato, vamos!

LISANDRO (*a Hérnia*) — Gata, vai te enforcar! Bardana! Monstro! Se não, serás tratada como víbora.

HÉRMIA — Por que tão rude assim ficais de súbito? Qual a causa, meu bem, dessa mudança?

LISANDRO — Teu bem, Tártara escura? Para trás, vomitório! Veneno odioso, fora!

HÉRMIA — Estais brincando? HELENA — Sim, e vós com ele.

LISANDRO — Demétrio, mantereis minha palavra.

DEMÉTRIO — Quisera ter a obrigação escrita por vossa própria mão, pois estou vendo que obrigação mui fraca ora vos prende. Vossa palavra para mim não vale.

LISANDRO — Como! Devo bater-lhe? Assassinar-lhe? Embora a odeie, mal não lhe desejo.

HÉRMIA — Como! É possível maior mal do que isso de me odiardes assim? Ódio votardes-me? Por quê? Por quê? Oh Deus! Amor, que houve? Hérnia não sou e vós não sois Lisandro? Sou tão formosa agora quanto era antes. Amáveis-me esta noite, e nesta mesma noite me rejeitais. Serei forçada, pois, a pensar — oh! Deus tal não permita! — que de caso pensado me deixastes. Dizei: é isso?

LISANDRO — Sim, por minha vida, e não te quero ver nunca jamais. Perde, pois, a esperança; não te iludas, não me faças perguntas sem sentido. Não é pilhéria, podes estar certa; nada há mais verdadeiro; tenho-te ódio e apaixonadamente a Helena adoro.

HÉRMIA — Ai de mim! Feiticeira! Vil gusano, ladra de amor! Durante a noite viestes para roubar o coração do peito do meu amado?

HELENA — Fina, realmente! Pudor não tendes virginal, modéstia, resquício de vergonha? Será crível? Quereis forçar-me a gentil boca a dar-vos respostas impacientes? Oh! Que opróbrio! Fora, boneca falsa!

HÉRMIA — É assim: boneca! Esclarece-se agora a brincadeira. Começo a perceber que ela o confronto fez de nossas alturas, insistindo no seu porte mais alto, na aparência mais elevada, em sua alta compostura, e desse modo pode seduzir-lo. Subistes tanto em sua estima, apenas por eu ser anãzinha e diminuta? Qual é minha estatura? Vamos, fala, varapau rebocado. Sou pequena, não é verdade? Mas não tanto, ainda, que com as unhas os olhos não te alcance.

HELENA — Senhores, muito embora estejais todos de mim fazendo troça, por obséquio não consentais que mal ela me cause. Nunca fui má, nem queda jamais tive para essas discussões; mulher me sinto até mesmo na minha covardia. Não deixeis que me bata, pois decerto não pensais que por ela ser mais baixa do que eu, serei capaz de dominá-la.

HÉRMIA — Baixa, baixa outra vez.

HELENA — Hérnia bondosa, não vos mostreis zangada assim comigo. Sempre vos tive amor; ofensa alguma jamais vos fiz e sempre fui discreta com relação a vossas confidências. Sim, por amor, apenas, de Demétrio, lhe revelei que havíeis combinado fugir para este bosque; ele seguiu-vos; eu o segui, também, por amor dele, mas fui por ele repelida, sobre me ver ameaçada de pancada e até mesmo de morte. Mas agora, se deixardes que em paz eu me retire, não mais vos seguirei; torno com a minha loucura para Atenas. Sim, deixai-me; bem vedes como eu sou simples e dócil.

HÉRMIA — Voltai logo; quem é que vos retém?

HELENA — O louco coração que atrás eu deixo.

HÉRMIA — Com Lisandro, não é? HELENA — Não, com Demétrio.

LISANDRO — Não tenhas medo, Helena; nenhum dano ela te causará.

DEMÉTRIO — De nenhum modo, senhor, ainda mesmo que do lado dela vos coloqueis.

HELENA — Quando zangada, sarcástica ela fica e arrebatada. Verdadeira raposa era na escola; apesar de pequena, é perigosa.

HÉRMIA — “Pequena”, sempre; é só “pequena” e “baixa”. Permiteis que me

insulte desse modo? Deixai-me segurá-la um só momento.

LISANDRO — Para trás, anãzinha! Dedo mínimo, ser composto de grama retardante, seguramente, conta de rosário, fora!

DEMÉTRIO — Insistis por demais junto a uma dama que não desce a aceitar-vos os serviços. Deixai-a só; não mais faleis de Helena, nem tomeis seu partido, pois se a mínima demonstração de amor lhe revelardes, pagareis caro.

LISANDRO — Ela já não me prende. Se tens coragem, segue-me; vejamos qual de nós dois a Helena tem direito.

DEMÉTRIO — Seguir-te? Não! Irei junto contigo, rosto com rosto.

*(Saem Lisandro e Demétrio.)*

HÉRMIA — Vós, senhora, a causa sois dessa briga; não convém sairdes.

HELENA — Em vós eu não confio; não me agrada ficar em companhia amaldiçoada. Se dessas mãos me podem vir feridas, para correr tenho eu pernas compridas. *(Sai.)*

HÉRMIA — Não sei o que pensar dessas mexidas. *(Sai.)*

OBERON — Tudo provém de tua negligência. Sempre te enganas, caso não se trate de alguma brincadeira voluntária.

PUCK — Ó rei das sombras, podeis crer-me: houve erro. Não disseste que fácil me seria reconhecer o moço, pelas vestes de modelo ateniense? Não mereço censura desta vez, pois encantado deixei de Atenas jovem namorado. Mas alegra-me ver tudo assim torto, que para mim não há melhor desporto.

OBERON — Viste que os dois rivais foram em busca de uma clareira para duelo. Embrusca depressa a noite, bom Robim; defronte deles espalha as trevas do Aqueronte; aparta um do outro os moços namorados e os faz andar por diferentes lados. Imita de Lisandro a voz aguda, porque mais a Demétrio o ódio sacuda; ou de Demétrio finge a voz, de modo que não se encontrem nunca e, sobremodo cansados, possa o sono, irmão da morte, surpreendê-los com seu pesado porte, infundindo-lhes plácido sossego com suas tenras asas de morcego. Depois, nos olhos de Lisandro espreme desta outra plantazinha o suco estreme, que apresenta a virtuosa propriedade de lhes restituir a claridade, da ilusão lhes deixando inteiramente liberta a vista, o coração e a mente. Despertos, pensarão que esta balbúrdia tivesse sido, tão-somente, estúrdia visão, talvez um simples sonho, apenas.

Voltarão, desse modo, para Atenas os dois casais de fidos namorados, em laços sempiternos amarrados. Enquanto isso fizeres com carinho, pedirei a Titânia o pajenzinho, da vista logo lhe tirando o encanto que a faz de um monstro apaixonar-se tanto.

PUCK — Meu rei dos duendes, isso vai ser, feito com toda a pressa, como o pede o pleito, que os velozes dragões da noite escura não cessam de apartar com a viatura aquelas nuvens negras. Não demora, vai nos surgir o anunciar da aurora, ante o qual os espíritos nefandos procuram logo o cemitério, aos bandos; os espectros de quantos pelas ondas, ou nas encruzilhadas, as hediondas sepulturas tiveram, para os leitos de vermes já se foram, com trejeitos; de medo de mostrar suas vergonhas, escondem da luz clara as carantonhas, ocultando de grado o aspecto impuro na negra noite de sobrolho escuro.

OBERON — Nossa essência, porém, é diferente. Com o amante da Aurora, no nascente rubicundo costume divertir-me; às vezes, como caçador, a firme terra me apraz cortar, até que a rubra porta ecoa a Netuno nos descubra, com amarelo de ouro colorindo a verde superfície do mar lindo. Mas apressa-te; a mágica abrevia; urge fazer tudo isso antes do dia.

*(Sai Oberon.)*

PUCK — Com toda a velocidade vou trazê-los. Nenhum há de me escapar. Minha vontade nas choupanas, na cidade, por tudo tem validade. Trazê-los vou, sem maldade, com toda a velocidade. Lá vem um.

*(Entra Lisandro.)*

LISANDRO — Tua fúria, Demétrio, deu em nada?

PUCK — Aqui, vilão! Arranca logo a espada! LISANDRO — Já vou! Já vou!

PUCK — Então, para a clareira me acompanha.

*(Sai Lisandro, na direção da voz.) (Volta Demétrio.)*

DEMÉTRIO — Lisandro, essa carreira de veloz gamo impede que eu conheça em que buraco escondes a cabeça.

PUCK — Covarde, com as estrelas é tua briga? Ou com as árvores? Mandas que te siga, e te escondes de mim? Bonito duelo! Vem, menino; uma vara de marmelo tenho aqui, pois vergonha fora, imensa, com ferro te punir por esta ofensa.

DEMÉTRIO — Já vais ver. Onde estás?

PUCK — É muito fácil seguir-me a voz tua figura grácil.

(*Saem.*)

(*Volta Lisandro.*)

LISANDRO — Sempre me vai à frente em meu caminho; mas, ao querer pegá-lo, estou sozinho. Corro a valer, mas ele é mais veloz; só tem forças nas pernas e na voz. Exausto estou de tanta correria. Vou descansar. (*Deita-se.*) Vem, abençoado dia! Se eu vir de novo a tua luz risonha, me pagará Demétrio esta vergonha. (*Dorme.*)

(*Voltam Puck e Demétrio.*)

PUCK — Olá, covarde! Em que lugar te escondes?

DEMÉTRIO — para, se tens coragem. Não respondes? Por tudo corres, a mudar de posto, sem que jamais eu possa ver-te o rosto. Onde estás?

PUCK — Aqui mesmo; não me fujas.

DEMÉTRIO — Vamos brigar no claro; só corujas podem ver em tamanha escuridão. Se eu te pegar de dia... A lassidão me constrange a medir a compostura em qualquer parte...nesta pedra dura. (*Deita-se e dorme.*)

(*Volta Helena.*)

HELENA — Ó noite tediosa e cansativa, passa depressa! Vem, radiante aurora! porque a Atenas eu possa chegar viva, livre de quem minha alma em vão implora. Sono, que esquecer fazes a agonia, liberta-me da minha companhia. (*Deita-se e dorme.*)

PUCK — Somente três? Falta gente porque o outro par descontente fique completo. Coitada! Como vem triste e cansada, por Cupido transtornada!

(*Volta Hércia.*)

HÉRMIA — Jamais tal dor senti, tanto cansaço; toda molhada estou, dilacerada; não me é possível dar mais um só passo; os pés não me obedecem quase nada. Aqui esperarei o dia belo; Deus proteja a Lisandro nesse duelo. (*Deita-se e dorme.*)

PUCK — No solo duro dorme; conjuro de grande efeito transforme o peito também deste namorado. (*Deita o suco da planta nos olhos de Lisandro.*) Quando acordares com novos ares, fiques rendido do peito fido de que já foste afeiçoado. Cada mulher com um varão, proclama velho rifão com muita boa intenção. Com prosa lhana João pega Joana. Quem boa potranca tem, acha que tudo está bem. (*Sai.*)

**ATO IV****Cena I**

*Bosque. Lisandro, Demétrio, Helena e Hérnia dormem. Entram Titânia e Bottom, com o séquito de silfos. Oberon, atrás, invisível.*

TITÂNIA — Vem sentar-te entre as flores odorosas, porque o rosto eu te alise como dantes, a cabeça te cubra só de rosas e te beije as orelhas elegantes.

BOTTOM — Onde está Flor-de-Ervilha? FLOR-DE-ERVILHA — Presente!

BOTTOM — Flor-de-Ervilha, coça-me a cabeça. Onde está monsieur Teia-de-Aranha?

TEIA-DE-ARANHA — Presente!

BOTTOM — Monsieur Teia-de-Aranha, meu caro monsieur, tomai de vossas armas, matai-me a abelha de ancas vermelhas que se acha naquele cardo e trazei-me, caro monsieur, seu saco de mel. Não vos afobeis demasiadamente nessa operação, monsieur, e tende cuidado, meu bom monsieur, para que o saco de mel não venha a se romper. Pesar-me-ia, signior, ver-vos inundado de mel. Onde está monsieur Semente-de-Mostarda?

SEMENTE-DE-MOSTARDA — Presente!

BOTTOM — Dai-me o punho, monsieur Semente-de-Mostarda. Por obséquio, deixai esses cumprimentos, meu caro monsieur.

SEMENTE-DE-MOSTARDA — Que ordenais?

BOTTOM — Nada, meu caro monsieur a não ser que queirais ajudar o Cavaleiro Teia-de-Aranha a me coçar. Estou precisando ir ao barbeiro, monsieur, pois quer parecer-me que estou com o rosto maravilhosamente peludo. Sou um asno tão delicado, que se um pelo, que seja, me faz cócegas, sou obrigado a me arranhar.

TITÂNIA — Amor, desejas ouvir boa música? BOTTOM — Sou dotado de ouvido razoavelmente musical. Que venha, pois, o bombo e os martelos.

TITÂNIA — Ou dize, amor, o que comer preferes.

BOTTOM — Magnífico! Uma quarta de forragem. Mastigaria, também, com muito gosto aveia seca. Parece-me que aceitaria de bom grado um bom feixe de feno. Não há o que se compare ao feno perfumado!

TITÂNIA — Disponho de um travesso e esperto silfo, capaz de, num momento, trazer nozes do celeiro do esquilo irrequieto.

BOTTOM — Preferira um ou dois punhados de ervilhas secas. Mas, por obséquio, não permitais que vossa gente me perturbe. Sinto-me tomado por uma grande exposição de dormir.

TITÂNIA — Dorme, enquanto estes braços te acalentam. Elfos, parti depressa; dispersai-vos! (*Saem os elfos.*) Assim se enlaçam, gentilmente, a rude madressilva e a dos bosques, perfumada; a hera, desta arte, com meiguice, os dedos nodosos do olmo docemente afaga. Quanto te quero! Quanto te idolatro!

(*Adormecem.*) (*Entra Puck.*)

OBERON — Bem-vindo, bom Robim. Vê que beleza! Sua loucura, agora, me dá pena. Quando a encontrei, há pouco, atrás do bosque, procurando para este odioso lorpa presentes e regalos, repreendi-a, chegando a me zangar, por lhe haver ela as fontes circundado cabeludas com grinalda de flores odorosas. As próprias gotas do mimoso orvalho, que nos róseos botões, por vezes, ficam como redondas pérolas do Oriente, então nos lindos cálices estavam como doridas lágrimas, que a própria desgraça lastimassem. Pós havê-la censurado e haver-me ela em brandos termos impetrado paciência, o pajenzinho lhe requeri, o que ela de boamente me concedeu, mandando que seus elfos para os meus aposentos o levassem, no domínio das Fadas. Então vendo-me de posse do menino, vou tirar-lhe dos olhos a cegueira intolerável. Gentil Puck, retira o inadequado capacete da fronte do ateniense, para que, ao despertar, junto com os outros voltem para a cidade, convencidos de que os vários sucessos desta noite não passaram de simples pesadelos num sono atormentado. Mas primeiro desencantar me apraz nossa rainha. (*Tocando os olhos de Titânia com uma erva.*) Como eras antes, serás; como antes vias, verás; pois o botão de Diana de Cupido esfaz a liana. Titânia, minha flor, desperta logo!

TITÂNIA — Meu Oberon, que pesadelo horrível! Quis parecer-me que eu apaixonada era



de um asno.

OBERON — Ali, vede, se encontra vosso amor.

TITÂNIA — Como foi possível isso? Como a vista me ofende essa figura!

OBERON — Silêncio alguns instantes. Sem demora transforma-o, bom Robim. Titânia, agora manda vir música e em profundo sono os sentidos mergulha deles todos.

TITÂNIA — Música, olá! Para encantar o sono!

(*Música.*)

PUCK — De um bobo, ao despertares, serás dono.

OBERON — Músicos, prossegui! Vamos, querida, as mãos nos demos. Ora esforço envida para que todos quantos na comprida noite sonharam tenham feliz vida. Já que nossa discórdia mal sofrida em harmonia se mudou garrida, iremos amanhã, solenemente, dançar, à meia-noite, bem em frente do quarto de Teseu, porque ridente lhe seja a grande prole e, alegre-mente, compareça ante o altar toda esta gente para cultivar Amor, o deus potente.

PUCK — Rei dos duendes, já anuncia a manhã a cotovia.

OBERON — Então, querida, a ventura sigamos da noite escura; podemos dar volta ao mundo em pouco mais de um segundo.

TITÂNIA — Vamos, amor; em caminho me relata com carinho de que modo me encontrei a dormir neste contraste.

(*Saem.*)

(*Ouve-se toque de trompa. Entram Teseu, Hipólita, Egeu e séquito.*)

TESEU — Um de vós vá chamar o guarda-caça. Já completamos o ritual sagrado; e uma vez que a manhã vamos ter livre, vai minha amada apreciar a orquestra de meus fortes lebréis. Desatrelai-os no vale do oeste; corram livremente. Depressa! Ide chamar o guarda-caça. Minha rainha, daquele alto monte ouviremos melhor a conjunção dos ecos, a ladrar em confusão.

HIPÓLITA — Presente eu fui com Hércules e Cadmo, quando, com cães de Esparta, o urso caçavam na floresta de Creta. Tão galante barulheira jamais havia ouvido; o bosque, o céu, as fontes, tudo, tudo, era em torno uma crebra gritaria. Em parte alguma nunca ouvira música tão discorde, trovão tão agradável.

TESEU — Estes meus cães também provêm de Esparta; pelo manchado todos têm, queixada muito larga, as orelhas derrubadas, sempre a varrer o orvalho matutino; de pernas tortas e papada, todos, fazem lembrar os touros da Tessália. Um tanto lerdos são no encalço às feras, é verdade; mas, quando todos ladram, lembram toque de sinos; gritaria mais harmoniosa nunca foi sentida nem provocada pelo som dos cornos ouvidos na Tessália, em Creta e Esparta. Ides julgar vós mesma, após ouvi-los. Mas, devagar! Que ninfas serão estas?

EGEU — Esta, milorde, é minha filha; dorme profundamente; aquele, ali, é Lisandro; aquele outro, Demétrio; Helena, aquela, Helena, filha de Nedar, o velho. Espanta-me encontrá-los aqui juntos.

TESEU — Decerto madrugaram, para os ritos observarem de maio e, tendo ouvido falar de nossas intenções, vieram, para dar maior graça a estes festejos. Mas Egeu, uma coisa eu desejara que me dissesses: hoje não é o dia em que prometeu Hércules decidir-se sobre a escolha do noivo?

EGEU — Sim, milorde.

TESEU — Mandai que os caçadores os despertem com seus toques de trompa. (*No interior, toque de trompa e alaridos. Lisandro, Demétrio, Hércules e Helena despertam e se levantam.*) Então, amigos? Bom dia! Já passou São Valentim; só agora é que estes pássaros se casam?

LISANDRO — Perdão, milorde.

(*Lisandro e os demais se ajoelham.*)

TESEU — Levantai-vos, peço. Sei que rivais sois ambos e inimigos. Onde se viu no mundo tal concórdia, chegando o ódio a ficar tão sem ciúme, que calmamente durma ao lado do ódio?

LISANDRO — Confuso, meu bom lorde, é que vos falo, meio a dormir, ainda, e mal desperto. Não saberei dizer com segurança como vim ter aqui. Mas se não erro — que é meu desejo ser veraz em tudo... Sim, é isso mesmo; agora me recordo — fugi com Hércules, sendo intenção nossa ir para algum lugar longe de Atenas, por fugirmos às leis dos atenienses.

EGEU — Basta, basta, milorde! É o suficiente. Exijo que sobre ele a lei recaia. Iam fugir. Demétrio, tencionavam a mim e a ti burlar; a ti, privando-te da esposa; a mim, deixando-me em estado de não poder cumprir o prometido.

DEMÉTRIO — Milorde, revelou-me a linda Helena que eles iam fugir e tencionavam neste bosque ocultar-se. Transtornado como me achava, vim no encalço deles, por amor me seguindo a linda Helena. Mas milorde, não sei por que potência — mas que foi algo superior, é certo — toda a paixão que a Hércia eu dedicava se derreteu qual neve, só restando dela a memória como de um brinquedo que na infância me houvesse deleitado. A alegria exclusiva dos meus olhos, a inabalável fé, minha virtude é Helena, simplesmente. Nós, milorde, já éramos noivos antes de eu ver Hércia; mas, tal como a um doente, repugnava-me esse alimento. Agora, tendo o gosto natural recobrado com a saúde, desejo-a, adoro-a, só por ela anseio, e ser prometido eternamente fido.

TESEU — Belos amantes, como vos achastes no momento preciso! Com mais calma me contareis o resto dessa história. Egeu, vou contrariar tua vontade: no templo, agora mesmo, estes dois pares vão se unir para sempre. E, pois a meio já se encontra a manhã, será forçoso adiarmos nosso plano de caçada. Voltemos para Atenas; três a três, bela festa farão de uma só vez.

*(Saem Teseu, Hipólita, Egeu e séquito.)*

DEMÉTRIO — Tudo quanto passou se me afigura pequenino e indistinto, como ao longe montanhas que com as nuvens se confundem.

HÉRMIA — Pareço ter a vista perturbada, todas as coisas enxergando em dobro.

HELENA — É o que eu digo, também. Achei Demétrio como joia que, embora pertencendo-me, parece não ser minha.

DEMÉTRIO — Tens certeza de que estamos despertos? Só parece que ainda dormimos, que tudo isto é sonho. O duque não esteve aqui? Não disse que fôssemos com ele?

HÉRMIA — Esteve, e junto meu pai também se achava.

HELENA — É assim Hipólita.

LISANDRO — Mandou que ao templo todos o seguíssemos.

DEMÉTRIO — Então tudo é verdade; não estamos dormindo. Acompanhem logo o duque e em caminho contemos nossos sonhos.

*(Saem.)*

BOTTOM *(despertando)* — Quando chegar a minha vez, chamem-me, que eu responderei. Minha próxima fala é: “Formosíssimo Píramo!” Olá, Peter Quince! Flauta, remenda foles! Snout, caldeireiro! Starveling! Deus do céu! Foram-se todos, e me deixaram a dormir. Tive uma visão extraordinária. Tive um sonho, que não há entendimento humano capaz de dizer que sonho foi. Não passará de um grande asno quem quiser explicar esse sonho. Parece-me que eu era... Não há quem seja capaz de dizer o que eu era. Parece-me que eu era... e parece-me que eu tinha... Só um bufão maltrapilho seria capaz de tentar explicar o que me pareceu que eu era. Não há olho de homem que tenha visto, nem orelha de homem que tenha ouvido, nem mãos de homem que tenham gostado, nem língua que haja concebido, nem coração que haja relatado o que foi o meu sonho. Vou pedir a Peter Quince que escreva uma balada a respeito desse sonho, que receberá o título de “O sonho de Bottom”, por ser um sonho embotado, e a cantarei no fim da peça, diante do duque. É possível, até, que, para deixá-la mais graciosa, eu a cante depois da morte de Tisbe. *(Sai.)*

**Cena II**

*Atenas, um quarto em casa de Quince. Entram Quince, Flauta, Snout e Starveling.*

QUINCE — Mandastes alguém à casa de Bottom? Ele já voltou para casa?

STARVELING — Não há notícias dele; decerto foi levado para alguma parte.

FLAUTA — Se ele não voltar, ficará estragada a comédia; não poderá ser representada, não é verdade?

QUINCE — De jeito nenhum; em toda Atenas não tendes ninguém como ele para fazer o papel de Píramo.

FLAUTA — É a pura verdade; ele é simplesmente o maior engenho dos artesãos de Atenas.

QUINCE — E a melhor pessoa, também; quanto à doçura da voz, é um verdadeiro fenício.

FLAUTA — “Fênix”, homem é o que quereis dizer! Fenício — Deus nos acuda! — não é coisa nenhuma.

*(Entra Snug.)*

SNUG — Mestres, o duque vem vindo do templo, onde casaram, juntamente com ele, mais três senhores e três senhoras. Se nossa peça não houvesse ficado apenas em ensaio, seríamos hoje gente grande.

FLAUTA — Oh, o nosso valente Bottom! Desse modo ele perde uma renda vitalícia de seis pences por dia. Sim, não poderia deixar de ganhar seis pences por dia. Quero que me enforcuem, se o duque não lhe desse seis pences diários pela representação de Píramo. É o que ele merecia para representar Píramo: ou seis pences por dia, ou nada.

*(Entra Bottom.)*

BOTTOM — Onde estão os rapazes? Onde estão esses corações?

QUINCE — Bottom! Oh dia corajoso! Que hora felicíssima!

BOTTOM — Mestres, tenho coisas maravilhosas para vos contar, mas não me pergunteis nada, porque se eu vo-las referisse, não seria um ateniense da gema. Hei de vos contar tudo, tintim por tintim, exatamente como se passou.

QUINCE — Conta-nos o que houve, amável Bottom.

BOTTOM — Não direi uma só palavra. Tudo o que vos posso dizer é que o duque já jantou. Ide buscar as roupas, ponde bons atacadores nas barbas e fitas novas nos escaupins. Reunamo-nos no palácio; que todos repassem os seus papéis, porque, para dizer tudo em poucas palavras, a nossa peça foi a preferida. Em todo o caso, que Tisbe se apresente de roupa limpa, o que tiver de fazer o papel de leão não deve cortar as unhas, a fim de parecerem garras. Finalmente, meus caros atores, será conveniente não comerdes alho nem cebola, pois será preciso que exalemos um doce alento, não tendo eu dúvida de que todos vão achar a nossa comédia muito doce. E agora nem mais uma palavra. Adiante! Marchai! Adiante! *(Saem.)*

**ATO V**  
**Cena I**

*Atenas. Uma sala no palácio de Teseu. Entram Teseu, Hipólita, Filóstrato, fidalgos e séquito.*

HIPÓLITA — Estranha história, meu Teseu, nos contam todos esses amantes.

TESEU — Mais estranha do que veraz, decerto. É-me impossível acreditar em fábulas antigas e em histórias de Fadas. Os amantes e os loucos são de cérebro tão quente, neles a fantasia é tão criadora, que enxergam o que o frio entendimento jamais pode entender. O namorado, o lunático e o poeta são compostos só de imaginação. Um vê demônios em muito maior número de quantos comportar pode a vastidão do inferno: tal é o caso do louco, O namorado, não menos transtornado do que aquele, enxerga a linda Helena em rosto egípcio. O olho do poeta, num delírio excelso, passa da terra ao céu, do céu à terra, e como a fantasia dá relevo a coisas até então desconhecidas, a pena do poeta lhes dá forma, e a essa coisa nenhuma aérea e vácuca empresta nome e fixa lugar certo. É a imaginação tão caprichosa, que para qualquer mostra de alegria logo uma causa inventa de alegria; e se medo lhe vem da noite em curso, transforma um galho à- toa em feroz urso.

HIPÓLITA — Contudo, as ocorrências desta noite, tal como eles as contam, e as mudanças por que todos passaram, testificam algo mais do que simples fantasia, que certa consistência acaba tendo, conquanto seja tudo estranho e raro.

TESEU — Alegres e felizes, os amantes vêm vindo para cá. (*Entram Lisandro, Demétrio, Hércules e Helena.*) Muita alegria, gentis amigos; alegria e belos dias de amor vos sejam companheiros dos ternos corações.

LISANDRO — Maior ventura possais achar em vossos reais passeios, no leito nupcial e nos banquetes.

TESEU — Ora bem; que folias ou bailados teremos para encher estas três horas tão longas que medeiam entre a ceia e a hora de ir repousar? Onde se encontra nosso chefe habitual de distrações? Que passatempos há? Não há nenhuma peça teatral para aliviar a angústia desta hora infinda? Ide chamar Filóstrato.

FILÓSTRATO — Presente, grão Teseu.

TESEU — Com o que contamos para nos divertirmos esta noite? Que música? Que peça? De que modo mataremos o tempo preguiçoso, se não tivermos diversão alguma?

FILÓSTRATO — Neste papel vereis em breves linhas o que foi ensaiado. Vossa Alteza dirá o que deseja ver primeiro. (*Dá-lhe um papel.*)

TESEU — “A luta dos Centauros, ao som de harpa cantada por eunuco ateniense.” Nada disso; não serve, que essa história já foi por mim contada a minha noiva para glorificar meu parente Hércules. “A orgia das Bacantes embriagadas; como o vate de Trácia estraçalharam.” É peça antiga; foi representada, quando voltei de Tebas, vitorioso. “As nove Musas lastimando a morte da Ciência, falecida na miséria.” Decerto é alguma sátira mordente, que não ficará bem em nossas núpcias “Cena curta e tediosa do mancebo Píramo e sua amada, a bela Tisbe; tragédia divertida.” Ora! Tragédia divertida! Tediosa, a um tempo, e curta! É o mesmo que dizer fogo gelado, neve cor de azeviche. Como acordo poremos em tão grande discordância?

FILÓSTRATO — É uma peça, senhor, de dez palavras. Jamais vi coisa que tão curta fosse. Mas, milorde, ainda assim, com dez palavras, tem palavras demais, por ser tediosa, pois não contém palavra alguma certa, nem ator que vá bem. É muito trágica, sem dúvida, milorde, porque Píramo acaba por matar-se. Ao ver o ensaio, me vieram lágrimas aos olhos, força me será confessar; mas nunca soube que jamais a risada barulhenta tivesse provocado tantas lágrimas.

TESEU — Quais são os comediantes?

FILÓSTRATO — Gente rude, senhor, de mãos calosas, que em Atenas exercem seus ofícios e que nunca haviam trabalhado com o espírito. Pela primeira vez, com esta peça a memória assaz débil martirizam, para brilho de vosso casamento.

TESEU — Então vamos ouvi-la.

FILÓSTRATO — Não, milorde; não é digna de vós; já vi o ensaio; não vale nada, nada em

todo o mundo, a menos que possais encontrar causa de distração no zelo doloroso com que se martirizam, tão-somente para vos distrair.

TESEU — Desejo ouvi-los, pois nunca poderá ser ofensivo quanto a simplicidade e o zelo ditam. Fazei-os vir. Senhoras, assentai-vos.

*(Sai Filóstrato.)*

HIPÓLITA — Tais situações me causam sempre pena, quando a incapacidade se maltrata e o zelo a morrer vem nos seus esforços.

TESEU — Ora, querida, não vereis tal coisa.

HIPÓLITA — Mas se os coitados nada entendem da arte!

TESEU — Tanto mais generosos haveremos de ser, quando por nada os aplaudirmos. Prazer nos causarão seus próprios erros. Quando o pobre dever nada consegue, busca o nobre respeito unicamente a intenção, não o mérito. A minha vinda, sábios eminentes determinaram me saudar com longos discursos estudados. Tive o ensejo de os ver tartamudear e ficar pálidos, interromper uma sentença em meio, o nervoso afogar-lhes a palavra já tão exercitada, até que mudos se tornaram, sem dar-me as boas-vindas. Podeis crer-me, querida: do silêncio tirei a saudação, e li na própria modéstia da lealdade temerosa mais do que falar pode a língua fácil e a eloquência audaciosa e petulante. Fala mais o dever, com língua atada, muito mais, quando é mudo e não diz nada.

*(Volta Filóstrato.)*

FILÓSTRATO — Vossa Graça o permite? Aí vem o Prólogo.

TESEU — Deixai-o vir. *(Toque de trombetas.)*

*(Entra Quince, no papel de Prólogo.)*

PRÓLOGO — Se ofendemos, não é porque o queiramos. Deveis pensar que se vos ofendemos é com boa vontade. Ora aqui estamos só com o fim de mostrar o que queremos. O que nos traz é o vosso desagrado; toda nossa intenção será somente dar-vos mais alegria e mais enfado. Deixando arrependida tanta gente, nosso grupo aqui chega; só em vê-lo, podereis conhecer nosso desvelo.

TESEU — Este camarada não faz muito caso da pontuação.

LISANDRO — Montou no prólogo como num potro xucro, que não para de correr. A moral é boa, milorde: não basta falar, mas saber falar.

HIPÓLITA — Realmente, tocou no prólogo como o fazem as crianças com o flajolé, produzindo apenas sons, que não chegaram a fazer música.

TESEU — O discurso dele parece uma cadeia enleada: os elos estão inteiros, mas numa grande desordem. De quem é a vez, agora?

*(Entram Píramo e Tisbe, o Muro, o Luar e o Leão, como em uma pantomíma.)*

PRÓLOGO — Senhores e senhoras, porventura vos causa espanto a vista desta gente; Vedes aqui de Píramo a figura e da formosa Tisbe; é bem patente. Este homem com calça, representa o muro que separa os namorados, por cuja fresta sempre pachorrenta eles desabafam seus cuidados. Este outro de lanterna, cão e espinhos, representa o luar, pois é sabido que os amantes trocavam seus carinhos no sepulcro de Nino falecido. Este é o leão de juba atrapalhada, que fez Tisbe fugir apavorada por ter vindo à entrevista antecipada. Mas, ao fugir, deixou cair o manto, que o leão, logo, sujou todo de sangue; Píramo, ao vir, sem ter corrido tanto, vendo ferido o manto, fica exangue. A espada, então, sangrenta, enfia inteira no peito em que fervia o sangue ardente; Tisbe, que estava sob uma amoreira, saca o punhal e morre, O subsequente vos será relatado pelo Luar, o Muro e o Leão, que ides ouvir falar.

*(Saem o Prólogo, Píramo, Tisbe, o Leão e o Luar.)*

TESEU — Admiro-me de ouvir falar um leão. DEMÉTRIO — Não há de que se admirar, milorde; se tantos asnos falam, por que um leão não há de poder fazer a mesma coisa?

MURO — Vê-se neste entremez de enredo obscuro que eu, de nome Snout, represento um muro, um muro, podeis crer — coisa estupenda! — que apresenta um buraco, frincha ou fenda, por onde Tisbe e Píramo a amargura reclamavam da vida, a sorte dura. Estas pedras e esta áspera argamassa dizem que muro eu sou,

muro de raça, e este é o buraco, de um e de outro lado, por onde fala o par enamorado.

TESEU — Pode-se exigir melhor discurso de cal e cabelos?

DEMÉTRIO — O tabique mais espirituoso, milorde, de que já ouvi falar.

TESEU — Píramo se aproxima do muro. Silêncio!

*(Volta Píramo.)*

PÍRAMO — O noite de olhar negro, ó noite escura, que sempre estás onde não se acha o dia! Ó noite negra! O minha desventura! Tisbe não chega! A pobre desvaria. E tu, muro querido, ó doce muro, que entre o terreno meu e o do pai dela te levantas cruel, não sejas duro, uma fresta me mostra ou uma janela. *(O Muro Afasta os dedos.)* Graças, bom muro; Jove há de amparar-te. Mas, que vejo? Em vão Tisbe ora procuro. Possas, muro, rachar-te em toda parte, por me deixares espiar no escuro.

TESEU — A meu ver, o muro deveria também amaldiçoar, por ser dotado de sensibilidade.

PÍRAMO — Não, senhor; isso ele não faz, posso asseverar-vos. “Espiar no escuro” é a deixa de Tisbe. Está na hora de ela entrar, e eu devo espia-la através do muro. Aí vem ela.

*(Volta Tisbe.)*

TISBE — O muro, que meu pranto tens ouvido, por de Píramo doce me afastares, quantas vezes beijei, muro querido, tuas faces de cal, irregulares.

PÍRAMO — Ouço voz; vou correndo para a fresta, porque de Tisbe a bela face eu veja. Tisbe!

TISBE — Amor! Que alegrão tua voz me apresta.

PÍRAMO — Alegre ou não, que amado sempre eu seja e, qual Lisandro, eterno namorado.

TISBE — E eu, outra Helena, até que o queira o fado.

PÍRAMO — Como Sáfalo e Procro sou constante.

TISBE — Como Sáfalo e Procro eu, fiel amante.

PÍRAMO — Dá-me um beijo através deste vil muro.

TISBE — Não te beijei; beijei o barro duro. PÍRAMO — Ao sepulcro de Nino vais agora?

TISBE — Ou viva ou morta, estarei lá numa hora.

*(Saem Píramo e Tisbe.)*

MURO — Desta arte eu, muro, minha parte fiz; ora o muro retira-se feliz. *(Sai.)*

TESEU — Já foi derrubado o muro que separava os dois vizinhos.

DEMÉTRIO — Não há remédio, milorde, uma vez que as paredes se obstinam em ouvir sem aviso prévio.

HIPÓLITA — É a peça mais tola que eu já vi.

TESEU — As melhores produções desta classe não passam de simples sombra, e as piores deixarão de o ser, se a imaginação vier em seu auxílio.

HIPÓLITA — Mas nesse caso é a vossa imaginação que trabalha, não a deles.

TESEU — Se não pensarmos deles mais mal do que eles próprios pensam, poderão passar por excelentes pessoas. Eis que nos chegam dois nobres animais, um homem e um leão.

*(Voltam o Leão e o Luar.)*

LEÃO — Senhoras minhas que tremeis de medo, quando um ratinho vedes, monstruoso; que faríeis, se ouvísseis no arvoredo rugir, de longe embora, o leão raivoso? Sabei, pois, que sou Snug, o marceneiro; nem leão, nem leoa, homem verdadeiro. Se agora eu fosse fera que intimidada, nada daria pela minha vida.

TESEU — Eis um animal verdadeiramente cortês e de boa consciência.

DEMÉTRIO — É o melhor animal, milorde, que eu já vi em toda a minha vida.

LISANDRO — Este leão, quanto ao valor, é raposa legítima.

TESEU — E quanto à discrição, um verdadeiro ganso.

DEMÉTRIO — Não é assim, milorde, porque o seu valor não pode carregar a discrição, como o faz a raposa com o ganso.

TESEU — O de que tenho certeza é que sua discrição não pode carregar o seu valor, porque o ganso não carrega a raposa. Muito bem; entreguemo-lo à sua discrição e ouçamos a lua.

LUA — Eis na lanterna a lua com seus chifres...

DEMÉTRIO — O ator devia trazer os chifres na cabeça.

TESEU — Mas é lua cheia; os cornos estão invisíveis na circunferência.

LUA — Eis na lanterna a lua com seus chifres, tal como eu, que pareço o homem da lua.

TESEU — De todos os erros este é o mais aberrante; o homem deveria pôr-se dentro da lanterna; se não, como poderá passar pelo homem da lua?

DEMÉTRIO — Não tem coragem de entrar na lanterna, só de medo da vela; bem vedes que já está inflamado.

HIPÓLITA — Já estou enfarada dessa lua; quem dera que ela se alterasse!

TESEU — Pela pouca luz de sua discricção, podemos concluir que está na fase minguante. Apesar disso, por delicadeza e todas as espécies de razão, teremos de aguentá-la o tempo todo.

LISANDRO — Adiante, lua!

LUA — Tudo o que tenho a vos dizer é comunicar que esta lanterna é a lua; eu, o homem da lua; este feixe de espinhos, meu feixe de espinhos, e este cachorro, meu cachorro.

DEMÉTRIO — Nesse caso, tudo isso deveria estar dentro da lanterna, por se encontrarem na lua. Mas, silêncio! Tisbe vem chegando.

(*Volta Tisbe.*)

TISBE — Eis a tumba de Nino; onde está Píramo?

LEÃO (*rugindo*) — R-r-r-ó-ó-ó!!! (*Tisbe foge.*)

DEMÉTRIO — Bem rugido, leão! TESEU — Bem corrido, Tisbe!

HIPÓLITA — Bem iluminado, lua! Realmente, a lua brilha com bastante graça.

(*O Leão estiraçalha o manto de Tisbe e sai.*) TESEU — Bem rasgado, leão!

DEMÉTRIO — Agora entra Píramo. LISANDRO — E assim desaparece o leão.

(*Volta Píramo.*)

PÍRAMO — Ó lua, brilhas com clarão solar! Eu te agradeço, ó lua, a luz fulgente, porque pretendo Tisbe ora avistar à clara luz de tua áurea corrente. Mas, para! oh dor! Donzel do amor! Oh, visão cruel e horrorosa! Estou desperto? Pode ser certo? Oh, minha franga formosa! Teu rubro manto me aumenta o pranto.

Aproximai-vos, Fúrias! Tudo acabou! Fado, aqui estou! Vem por fim a estas lamúrias!

TESEU — Essa lamentação, motivada pela morte de um ente querido, quase daria para entristecer a gente.

HIPÓLITA — Por minha alma, faz-me pena o pobre homem.

PÍRAMO — Por que fizestes leões, ó Natureza? Um leão me estiraçalhou a namorada, a mais linda mulher da redondeza, que vives isto é, viveu sempre adorada. Nada conforta-me. Lâmina; corta-me o coração. Sim, deste lado vai ser varado por esta mão. (*Apunhala-se.*) Já tenho calma; ao céu minha alma foi-se a correr. Some-te, língua! Lua, essa mingueta me faz morrer, morrer, morrer...

(*Sai a Lua.*)

DEMÉTRIO — Não teve sorte; tirou um ás, por ter ficado só.

LISANDRO — Menos do que um ás, homem; que ele está morto; agora é nada.

TESEU — Com a ajuda de um cirurgião, poderia tornar à vida e provar que é um asno.

HIPÓLITA — Por que motivo o Luar foi embora antes de Tisbe voltar e encontrar o amante?

TESEU — Há de achá-lo à luz das estrelas. AI vem ela; suas lamentações põem fim à peça. (*Volta Tisbe.*)

HIPÓLITA — Segundo o meu gosto, ela não deveria lastimar a perda de um Píramo como este. Espero que seja breve.

DEMÉTRIO — Se pesássemos Píramo e Tisbe, uma palhinha faria pender a balança. Ele, como homem, Deus nos acuda! Ela, como mulher, Deus nos proteja!

LISANDRO — Seus belos olhos já descobriram Píramo.

DEMÉTRIO — Vai começar a se lamentar, *videlicet*:

TISBE — Dormes, querido? Como! Ferido? Píramo, acorda! Fala, estás mudo? Acabou tudo; da voz rompeu-se-me a corda. Sinto-me louca. A essa tua boca, essa boca açucarada, levou a Morte de negro porte, deixando-me abandonada. Chorei bastante. Parca gigante, de aparência

falsa e treda, já lhe cortaste do belo engaste o fio vital de seda. Língua, calada! Vem, bela espada, coloca-me aos pés de Deus. A que foi linda, Tisbe, aqui finda, a todos dizendo adeus, adeus, adeus... (*Morre.*)

TESEU — O Luar e o Leão ficaram para enterrar os mortos.

DEMÉTRIO — Sim, e o Muro, também.

BOTTOM — Não, posso asseverar-vos; já foi derrubado o muro que separava os pais deles. Desejais agora ver o epílogo, ou preferis uma dança bergamasca, executada por dois homens de nossa companhia?

TESEU — Não, por obséquio; nada de epílogo. Vossa peça não necessita de escusas, porque quando morrem todos os atores, nenhum merece censuras. Por minha fé, se o autor da peça houvesse representado o papel de Píramo e se tivesse enforcado com uma liga de Tisbe, teria feito uma linda tragédia, como de fato o fez, e muito bem representada. Que venha, então, a dança bergamasca, ficando de lado vosso epílogo. (*Dança.*) Com a língua de ferro a meia-noite já deu doze batidas. Para a cama, namorados! É quase hora das Fadas. Receio muito que a manhã passemos dormindo a sono solto, como, espertos, uma parte da noite desfrutamos. Serviu bastante esta grosseira peça para entreter a noite preguiçosa. Caros amigos, todos para o leito. Vamos ter de festejos quinze dias, com representações e outras folias.

(*Saem.*)



**Cena II**

*Entra Puck.*

PUCK — Ruge o leão a cada passo, uiva o lobo para a lua, ressona o campônio lasso, des- lembrado da charrua. Consomem-se na lareira as últimas acendalhas; o pio da ave agoureira fala ao doente em mortalhas. Nesta hora da noite escura as pobres almas andejas se esgueiram da sepultura rumando para as igrejas. Nós, os elfos, que a parelha de Hécate sempre seguimos, e da luz do sol, vermelha, como num sonho, fugimos, de guarda estamos agora. Nenhum rato, em qualquer hora, a paz deixe perturbada desta casa abençoada. Com vassoura eu vim na frente para limpar o batente e jogar nesta hora morta todo o pó atrás da porta.

*(Entram Oberon, Titânia e séquito.)*

OBERON — Por tudo a luz espalhai do quase extinto carvão. Elfos e Fadas, dançai, aproveitando o clarão, e, seguindo o meu caminho, cantai comigo baixinho.

TITÂNIA — Aprendei, primeiro, a toada com letra bem cadenciada; depois, com graça, dancemos e esta casa abençoemos.

*(Cantam e dançam.)*

OBERON — Enquanto a aurora se atrasa, rondai todos esta casa, que ao tálamo principal vou lançar a bênção real. Sua prole numerosa será sempre venturosa. Os três casais que aqui estão em concórdia viverão; seus filhos não serão presa das manchas da Natureza. Beijo de lebre, sinais e outros defeitos que tais, que deixam triste o aleijão, seus filhos nunca terão. Com orvalho consagrado cada elfo cumpra o recado, este palácio abençoando e paz por tudo espalhando. Jamais caia em abandono, feliz seja sempre o dono. Mãos à obra, agora, sem mais demora! Ide ver-me antes da aurora.

*(Saem Oberon, Titânia e séquito.)*

PUCK — Se vos causamos enfado por sermos sombras, azado plano sugiro: é pensar que estivestes a sonhar; foi tudo mera visão no correr desta sessão. Senhoras e cavalheiros, não vos mostreis zombeteiros; se me quiserdes perdoar, melhor coisa hei de vos dar. Puck eu sou, honesto e bravo; se eu puder fugir do agravo da língua má da serpente, vereis que Puck não mente. Liberto, assim, dos apodos, eu digo boa-noite a todos. Se a mão me derdes, agora, vai Robim, alegre, embora. *(Sai.)*

FIM

**ANEXO 2 – OTELO – O MOURO DE VENEZA**

William Shakespeare

Edição Ridendo Castigat Mores - Fonte Digital

ÍNDICE

ATO I

Cena I — 7

Cena II — 17

Cena III — 23

ATO II

Cena I — 42

Cena II — 58

Cena III — 59

ATO III

Cena I — 77

Cena II — 81

Cena III — 82

Cena IV — 107

ATO IV

Cena I — 119

Cena II — 136

Cena III — 150

ATO V

Cena I — 156

Cena II — 165

**PERSONAGENS**

O Doge de Veneza.

BRABÂNCIO, senador. Outros senadores.

GRACIANO, irmão de Brabâncio.

LUDOVICO, parente de Brabâncio.

OTELO, mouro nobre, a serviço da República de Veneza.

CÁSSIO, seu tenente.

IAGO, seu alferes.

RODRIGO, fidalgo veneziano.

MONTANO, governador de Chipre antes de Otelo.

BOBO, criado de Otelo.

DESDÊMONA, filha de Brabâncio e esposa de Otelo.

EMÍLIA, esposa de Iago.

BIANCA, amante de Cássio.

Marinheiro, oficiais, gentis-homens, mensageiros, músicos, arautos, criados.

ATO I

## Cena I

Veneza. Uma rua. Entram Rodrigo e Iago.

RODRIGO — Cala-te! Não me fales. Aborrece-me demais verificar que justamente tu, Iago, quedispunhas à vontade de minha bolsa, como se teus fossem seus cordões, conhecesses issotudo...

IAGO — Mas escuta-me, ao menos! Se eu já sonhei alguma vez com isso, podes abominar-me.

RODRIGO — Dito me havias que lhe tinhas ódio.

IAGO — Despreza-me, se não for assim mesmo. Três pessoas de grande influência aqui vieram falar-lhe, chapéu na mão, com humildade, para que fizesse de mim o seu tenente. E porminha fé de homem, tenho plena consciência do que valho; não mereço posto menor do que esse. Ele, no entanto, consultando somente o orgulho e os próprios interesses, furtou-se com fraseado bombástico, recheado só de epítetos de guerra. Em conclusão: não entendeu aos meus intercessores. “Pois já escolhi meu oficial”, lhes disse. E quem é ele? Ora, por minha fé, um matemático, um tal Micael Cássio, um florentino, um tipo quase pelo próprio inferno Fadado a ser uma mulher bonita, que nunca comandou nenhum soldado em campo de batalha e que conhece tanto de guerra como uma fiandeira; erudição de livros, simplesmente, sobre o que podem dissertar com a mesma proficiência que adele os nossos cônsules togados; palavrorio sem sentido, carecente de prática: eis sua arte. No entanto, meu senhor, foi o escolhido; ao passo que eu, que aos próprios olhos dele provas cabais já dera em Chipre e Rodes e em muitos outros pontos habitados por cristãos e pagãos, terei de, agora, ficar a sota-vento e calmaria, só por causado dever-e-haver de um simples calculista, que —oh tempos! — vai tornar-se tenente, enquanto que eu — Deus me perdoe! — continuarei sendo do Mouro o alferes.

RODRIGO — Pelo céu, preferira ficar sendo carrasco dele.

IAGO — Já não há remédio. É a maldição do ofício: as promoções se obtêm só por pedidos e amizades, não pelos velhos meios em que herdavasempre o segundo o posto do primeiro. Ora, senhor, ajuizai vós mesmos se razões tenho para amar o Mouro.

RODRIGO — Assim, eu não ficara sob suas ordens.

IAGO — Ó senhor, acalmai-vos. Se me ponho sob suas ordens é só em proveito próprio. Mestresnem todos podem ser, nem todos os mestrespodem ter bons servidores. Já tereis visto por aí bastantes sujeitos obsequiosos, de flexíveis joelhos que, apaixonados pela própria escravidão, o tempo todo gastam como o asno do amo, só pela comida; e, quando ficam velhos: despedidos. Chicote nessa gente muito honesta! Outros háque sabendo a forma externa revelar do dever, asfeições próprias, o coração conservam sempre atentos no proveito pessoal; enquanto aos amos dispensam mostras de serviço, apenas, prosperam muito bem, e, ao mesmo tempo que oscasacos lhes foram, a si próprios prestam boa homenagem. Esses tipos têm alguma alma, e entre eles eu me incluo, posso afiançar-vos. Pois senhor, tão certo como serdes Rodrigo, se em verdade eu fosse o Mouro, não queria um Iago sob minhas ordens, pois seguindo-o, apenas sigo a mim próprio. O céu é testemunha: não me moveo dever nem a amizade, mas, sem o revelar, só o interesse. Se as mostras exteriores de meus atos me traduzissem os motivos próprios do coração em traços manifestos, carregaria o coração na manga, para atirá-lo às gralhas. Ficai certo: não sou o que sou.

RODRIGO — Que sorte a desse tipo de lábios grossos, se puder, realmente, levar isso até ao fim.

IAGO — Chama o pai dela; desperta-o; corre atrás do Mouro, põe-lhe veneno na alegria; onome dele proclama pelas ruas, os parentes dela deixa excitados, e ainda que ele more em clima adorável, atormenta-o com praga de mosquitos. Muito embora sua alegria seja verdadeira, com tais contrariedades o persegue, que a cor a perder venha.

RODRIGO — Fica aqui mesmo a casa do pai dela; vou chamar em voz alta.

IAGO — Mas com vozes de medo e uivos terríveis, como quando por negligência, à noite, ofogo estala num burgo populoso.

RODRIGO — Olá, Brabâncio! Senhor Brabâncio, olá!

IAGO — Ladrões! Brabâncio! Brabâncio, despertai! Ladrões! Ladrões! Cuidai de vossa casa, vossa filha, de vossos cofres! Acordai! Ladrões!

(Brabâncio aparece na janela.)

BRABÂNCIO — Qual é o motivo de tão grande bulha? Que aconteceu?

RODRIGO — Senhor, tendes aí dentro toda vossa família?

IAGO — Vossos quartos estão fechados?

BRABÂNCIO — Ora, qual a causa de perguntardes isso?

IAGO — Com mil diabos, senhor, fostes roubado; por vergonha, ide vestir a toga; arrebatado tendes o coração; metade da alma já vos foi alienada. Agora mesmo, neste momento, um velho bode negro está cobrindo vossa ovelha branca. Tocai o sino, para que despertem os cidadãos que roncam; do contrário, o diabo vos fará ficar avô. Despertai! É o que eu digo.

BRABÂNCIO — Mas que é isso! Perdestes o juízo?

RODRIGO — Venerável senhor, reconheceis-me pela voz?

BRABÂNCIO — Não; mas quem sois? RODRIGO — Rodrigo; assim me chamo.

BRABÂNCIO — Pior nome não podias revelar-me. Não te proibi de me rondar a casa? Não me ouviste dizer, com leal franqueza, que para ti não era minha filha? Por que me vens agora, transtornado pela ceia e os vapores da bebida, com tua tratantagem maliciosa perturbar-me o repouso?

RODRIGO — Meu senhor, senhor, senhor...

BRABÂNCIO — Mas podes ficar certo de que minha coragem e meu posto na república têm poder bastante para fazer-te amargar por isso.

RODRIGO — Paciência, bom senhor. BRABÂNCIO — Por que me falas em roubo?

Estamos em Veneza; minha casa não é uma granja.

RODRIGO — Venerável senhor, vim procurar-vos com lisura.

IAGO — Ora, senhor! Sois uma dessas pessoas que se negariam a servir a Deus, se fosseo diabo que lhes ordenasse. Por que viemos prestar-vos um serviço e nos tendes na conta de velhacos, quereis que vossa filha seja coberta por um cavalo berbere e que vossos netos relinchem atrás de vós? Quereis ter cordéis como primos e ginetes como parentes?

BRABÂNCIO — Quem és tu, miserávellicencioso?

IAGO — Sou um homem, senhor, que vim revelar-vos que vossa filha e o Mouro se achamno ponto de fazer o animal de duas costas

BRABÂNCIO — Sois um vilão. IAGO — E vós...

um senador.

BRABÂNCIO — Vais pagar-me. Conheço-te, Rodrigo.

RODRIGO — Responderei por tudo. Mas pergunto-vos, senhor, se foi com vosso assentimento, vosso sábio conselho — como quase fico a pensar — que vossa linda filha, na calada de noite tão escura, saiu em companhia de um sujeito nem melhor nem pior do que um velhaco por qualquer alugado, num gondoleiro, para aos abraços

torpes entregar-se de um Mouroluxurioso; se, realmente, sabeis de tudo e concordais com isso, bem: nesse caso é certo vosfazermos inominável e atrevida ofensa. Mas se desconheceis o que se passa, ensina-me o costume que não tendes razão de censurar-nos desse modo. Não creiais que tão falho eu me revele de cortesia, para vir agora zombar de vossagrande reverência. Vossa filha — de novo vosdeclaro — se não lhe destes permissão, mui gravepecado cometeu, unindo o espírito, a beleza, o dever e seus haveres a um estrangeiro andejo e desgarrado daqui e de toda parte. Convençei-vos neste momento: se no quarto dela fordes achá-la, ou mesmo em toda casa, entregai-me à justiça darepública por vos ter enganado desse modo.

BRABÂNCIO — Acendei fogo! Olá! Dai-me uma vela! Despertai todo mundo. Este incidente não destoa dos sonhos que já tive. Só de pensar em tal, me sinto oprimido. Luz, repito! Um vela!

(Retira-se da janela.)

IAGO — Adeus; não posso ficar mais tempo aqui. Não é prudente — dado o meu posto — nem recomendável ser chamado a júzo contra o Mouro, o que aconteceria se eu ficasse. Pois sei-obem: o Estado, muito embora venha a afligi-lo com alguma crítica, não pode dispensar-lhe os bons serviços sem correr grande risco. Com tão fortes razões o encarregaram da campanha contra os chipriotas — que ora se acha em curso

— que para a vida assegurar de todos não encontram ninguém de igual calibre capaz de dirigir esse negócio. Por isso, muito embora lhe vote ódio como às penas do inferno, sou forçado pelas necessidades do presente a arvorar a bandeira da amizade que não passa de simples aparência. Para terdes certeza de encontrá-lo, encaminhai na direção do albergue do Sagitário os que hão de procurá-lo. Lá, como ele estarei. E agora, adeus. (Sai.)

(Entram Brabâncio e criados, com tochas.)

BRABÂNCIO — Minha infelicidade é mais que certa. Fugiu mesmo. Do tempo desprezível que me resta de vida não espero senão tão-só tristezas. Onde a viste, Rodrigo? — Oh! que menina sem júzo! — Junto com o Mouro, foi o que disseste? — Quem quisera ser pai! — Porquais indícios vieste a reconhecê-la? Oh! Iludiu-me de modo inconcebível. Que te disse? — Olá! Trazei mais velas! Despertai todos os meus parentes! — Acreditas que se tenham casado?

RODRIGO — É o que parece, para vos ser sincero.

BRABÂNCIO — Oh céus! Que meios ela encontrou para sair de casa? Oh! que traição do sangue! Doravante, pais, não confieis no espírito das filhas só por suas ações. Não há feitiços capazes de alterar as qualidades das virgens inocentes? Nunca lestes, Rodrigo, qualquer coisa a esse respeito?

RODRIGO — Em verdade, senhor, li qualquer coisa.

BRABÂNCIO — Ide chamar o mano. — Oh! sea tivésseis desposado! — Cada um vá por um lado. — Sabeis onde podemos apanhá-la juntamente com o Mouro?

RODRIGO — Estou bem certo de poder encontrá-los, se quiserdes dar-me uma boa escolta e vir comigo.

BRABÂNCIO — Servi de guia. Baterei em todas as casas; meu poder é muito grande. — Trazei armas, olá! Fazei que venha logo a ronda! — Sigamos, bom Rodrigo; hei de saber vos ser agradecido.

(Saem.)

## Cena II

Outra rua. Entram Otelo, Iago e criados comtochas.

IAGO — Muito embora no ofício de soldadoeu já tenha matado muita gente, assuntoconsidero de consciência premeditar um crime. Muitas vezes pensei nove ou dez vezes em furá-loaqui, sob a costela.

OTELO — Está melhor como está.

IAGO — Sim; porém ele palavra de tal modo eassacava tais vilezas contra vossa honra, que o meu pouco temor de Deus a custo conseguiusofrear-me. Uma só coisa vos pergunto, senhor: estais realmente casado? Há segurança? Uma certeza podereis ter: que é muito venerado entrenós e Magnífico, valendo sua voz como a do doge em tudo quanto nele toca de perto. Se o divórcionão conseguir levar a cabo, ele há de causar-vos tanto incômodo e desgosto quanto o Direito, comsua força toda, lhe afrouxar as amarras.

OTELO — Desabafe como bem entender, porque os serviços que eu prestei ao Conselho, suas queixas todas suplantarão. Eis o momentode se saber — o que tornarei público quando essaostentação constituir honra — que o ser e a vida eu recebi de berço de descendência real e que meus méritos aspirar podem, de cabeça erguida, à posição que até hoje me alcançaram. Porque tejuro, Iago: se não fosse o amor que voto à muí gentil Desdêmona, eu não iria pôr a minha livre condição de solteiro em nenhum elo que viesse confiná-la. Não; por todos os tesouros do mar. Mas olha: luzes! Vêm nesta direção.

IAGO — É o pai, decerto, com os parentes que foram despertados. Seria mais prudente retirar-vos.

OTELO — De forma alguma! Quero que me encontrem. Meus serviços, meu posto, a almatranquila vão demonstrar-lhes quem eu sou, de fato. Mas são eles?

IAGO — Por Jano! Não parece.

(Entram Cássio e certos oficiais, com tochas.)

OTELO — São pessoas do doge e o meu tenente. Que a noite vos proteja, bons amigos. Que novidades há?

CÁSSIO — O doge manda saudar-vos, general, e vos convida com o máximo de pressa aaparecerdes agora mesmo na presença dele.

OTELO — Sabeis para que seja?

CÁSSIO — Algum assunto com relação a Chipre, é o que presumo; negócio muito urgente.Já mandaram das galeras uns doze mensageiros desde que ficou noite, um após o outro. Muitos dos membros do Conselho foram despertados e estão junto com o doge. Com bastante insistência vos procuram, e, como em casa não vos encontrassem, enviaram mensageiros por três partes diferentes, a fim de vos chamarem.

OTELO — Foi bom haver sido eu por vós achado. Vou apenas dizer duas palavras a esta casa; depois vos acompanho. (Sai.)

CÁSSIO — Alferes, que faz ele aqui?

IAGO — Ora essa! Esta noite abordou uma caraca terrestre. Sendo a presa declarada legítima, realmente, ele está feito.

CÁSSIO — Não compreendo.IAGO — Casou.

CÁSSIO — Casou com quem?

IAGO — Ora essa, com... (Volta Otelo.) Não vamos, capitão?

OTELO — Estou pronto.

CÁSSIO — Aí vem uma outra tropa, para vosconvocar.

IAGO — Muito cuidado, general! É Brabâncio.

Ele não vem com boas intenções.

(Entram Brabâncio, Rodrigo e oficiais, armados e com tochas.)

OTELO — Olá! Parai!

RODRIGO — Senhor, é o Mouro. BRABÂNCIO — Morte a esse ladrão!

(De ambos os lados se desembainham espadas.)

IAGO — Vós, Rodrigo? Senhor, estou

convosco.

OTELO — Guardai essas espadas, que o sereno vai causar-lhes ferrugem. Venerável senhor, maior autoridade vossos anos impõem que todas essas armas.

BRABÂNCIO — O infame raptor! onde escondeste minha filha? Infernal como és, decerto a enfeitiçaste. Apelo para todos os seres de sentido: se não fosse ter sido presa por cadeias mágicas, como uma jovem tão formosa e terna, tão feliz, tão avessa ao casamento que evitava a presença dos mancebos ricos e de cabelos anelados de nosso Estado, como poderia, expondo-se à irrisão de toda gente fugir de seu guardião, para abrigar-se no seio escuro e cheio de fuligem de uma coisa como és, mais feito para susto causar do que qualquer deleite? Sirva de testemunha o mundo inteiro de como praticaste encantamentos com ela, abomináveis, abusaste de sua mocidade inexperiente com inúmeras drogas que no espírito atuam e o enfraquecem. Vou prová-lo. É fato indiscutível, evidente. Por isso te detenho e prendo como a embusteira universal, que exerce arte ilegal proibida pelo Estado. Prendei-lo logo. Caso vos resista, usai de força, embora com perigo de perder ele a vida.

OTELO — As mãos detende, tanto os que estão comigo como os outros. Se minha deixa fosse de combate, dispensaria o ponto. Aonde é preciso que eu vá, para vos dar cabal resposta sobre o de que me arguis?

BRABÂNCIO — Para a prisão, até que decorrido o tempo certo a uma sessão legal tu compareças, para me responderes.

OTELO — E no caso de vos obedecer? Como há de o doge mostrar-se satisfeito, se ao meu lado tenho seus emissários, incumbidos de me levarem para onde ele se acha, para tratar de assuntos de república?

OFICIAIS — Muito nobre senhor, o que ele disse é tudo verdadeiro. O doge se acha no Conselho, e estou certo de que Vossa Nobreza foi chamado.

BRABÂNCIO — Como! O doge convocou o Conselho? E em plena noite! Levai-o! Minha causa é de importância; o próprio doge e os manos do governo não de sentir a ofensa como própria. Se um crime tal não for bem castigado, pagãos e escravos mandarão no Estado.

(Saem.)



## Cena III

A Câmara do Conselho. O doge e senadores, sentados à mesa. Oficiais de pé.

DOGE — As notícias não são de todo acordes, porque possamos dar-lhes muito crédito.

PRIMEIRO SENADOR — É certo; minha carta fala em cento e setenta galeras.

DOGE — Fala a minha só em cento e quarenta.

SEGUNDO SENADOR — Pois a minha serefe a duzentas. Mas embora não haja acordo nesse ponto — como sói dar-se quando é feito o cômputo por simples conjeturas — todas elas concordes são em afirmar que a armada do turcoora veleja para Chipre.

DOGE — É quanto basta para um juízo certo. Um erro de minúcias não me impede de ficar apreensivo quanto ao ponto de maior importância.

MARINHEIRO (dentro) — Olá! Olá!

OFICIAL — Um novo mensageiro das galeras. (Entra um marinheiro.)

DOGE — Então, que novas há?

MARINHEIRO — A armada turca veleja para Rodes, é o recado que ao senado mandou o signior Ângelo.

DOGE — E agora que dizeis dessa mudança?

PRIMEIRO SENADOR — Não pode ser; é contra a boa lógica. É uma ilusão, tão-só, para obrigar-nos a olhar para o outro lado. Reflitamos na importância de Chipre para o turco, muito maior ainda que a de Rodes e como lhe será muito mais fácil conquistá-la, por ter poucas defesas, enquanto Rodes está muito armada: se em tudo isso pensarmos, haveremos de compreender que o turco não é tão cego que paraúltimo deixe o que lhe importa primacialmente, abrindo mão de um ganho mais do que certo e, sobretudo, fácil, para correr um risco sem proveito.

DOGE — Não se trata de Rodes, é certeza. OFICIAL — Chega outra novidade.

(Entra um mensageiro.)

MENSAGEIRO — Os otomanos, reverendo e gracioso, estão de rota batida para Rodes, e em caminho se reforçaram com uma nova armada.

PRIMEIRO SENADOR — Tal qual como pensei. E quantas velas imaginais que sejam?

MENSAGEIRO — Trinta. E agora fazem caminho inverso, dirigindo, sem rodeios o curso para Chipre. É o que o signior Montano, vosso bravo e dedicado servidor, vos manda comunicar com a liberdade própria de seu dever, pedindo inteiro crédito para a notícia.

DOGE — Assim, é mais que certo vão para Chipre. E na cidade se acha Marcos Luccico?

PRIMEIRO SENADOR — Não; está em Florença.

DOGE — Escrevei-lhe de nossa parte e urgência, muita urgência, inculcai-lhe.

PRIMEIRO SENADOR — Aí vem Brabâncio com o valente Mouro.

(Entram Brabâncio, Otelo, Iago, Rodrigo e oficiais.)

DOGE — Bravo Otelo, precisamos mandar-vos neste instante contra o inimigo comum, contra o otomano. (A Brabâncio.) Não vos vira, gentil senhor; bem-vindo. Vosso conselho e ajudanos faltaram na reunião desta noite.

BRABÂNCIO — E a mim os vossos. Perdoe-me Vossa Graça, mas não foram minhas obrigações nem quaisquer novas relativas ao Estado que do leito me tiraram a esta hora; os interesses gerais me importam pouco, pois a minha mágoa particular é de tal modo transbordante e impetuosa que em seu curso submerge e absorve todas as tristezas sem se alterar em nada.

DOGE — Que foi que houve?

BRABÂNCIO — Oh! Minha filha! Minha filha! DOGE e SENADORES — Morta?

BRABÂNCIO — Sim, para mim. Foi seduzida, foi-me roubada, corrompida por feitiços e drogas adquiridas de embusteiros. Para que se desgarre a natureza por modo tão absurdo, sem

que seja nem defeituosa, coxa dos sentidos, nem privada de vista, é necessário que haja feitiçaria.

DOGE — Seja quem for que tenha usado desses processos vis para deixar privada vossa filha do juízo e, assim, vós mesmo de vossa própria filha: o sanguinário livro das leis haveisde interpretá-lo como vos aprouver, no mais amargo sentido das palavras, sim, ainda que nosso próprio filho fosse o objeto de tal acusação.

BRABÂNCIO — Humildemente vos agradeço. Aqui se encontra o homem, este Mouro, que foi, ao que parece, por especial recado aqui chamado para assuntos do Estado.

DOGE e SENADORES — Penaliza-nos semelhante notícia.

DOGE (a Otelo) — E vós, que tendes sobre isso a responder?

BRABÂNCIO — Nada; é assim mesmo.

OTELO — Muito acatados, graves e potentes senhores; muito nobres e aprovados mestres, em tudo justos; que eu tivesse raptado a filha deste senhor velho, é mais do que verdade, como é certo já tê-la desposado. A fronte e o cimo de minha ofensa vão até a esse ponto, nem mais nem menos. Rude sou de fala, estranho ao doce linguajar da paz, pois desde que estes braços alcançaram a força de sete anos, até agora, deduzidas algumas nove luas, tão-somente, em mais nada se empregaram com mais amor do que às ações dos campos abarracados. Sobre muito pouca coisa posso falar no vasto mundo se não for de batalhas e contendias. Por isso, quando exponho assunto próprio não saberei orná-lo com vantagens. Mas se vossa graciosa paciência me permitir, um pálido relato farei, sem digressões, de todo o curso de meu amor, que drogas, que feitiços, que conjuros, que mágica potente — pois disso tudo, agora, é que me acusam — usei para ganhar a filha dele.

BRABÂNCIO — Uma jovem tão tímida, de espírito tão sossegado e calmo, que corava de seus próprios anseios! E a despeito da natureza, do país, da idade, do crédito, de tudo, apaixonar-se do que de olhar, tão-só, a apavorava! Só um juízo coxo e falho é que afirmara que desviar-se a saúde poderia das leis da natureza. É necessário que as infernais astúcias admitamos, quanto tal coisa ocorre. Por tudo isso, de novo afirmo que, com algum composto de influência sobre o sangue, ou beberagem enfeitiçada para tal efeito, ele sobre ela atuou.

DOGE — Somente a simples afirmação não basta para a prova, porque, sem testemunho mais patente, não passa de suspeitas e aparências sem consistência o que afirmas contra ele.

PRIMEIRO SENADOR — Mas, Otelo, falai! Por meios indiretos e violentos dominastes, acaso, e envenenastes o amor dessa donzela? Ou deu-se tudo por meio de declarações e ditos sinceros, como uma alma a outra alma fala?

OTELO — Suplico-vos mandar buscar a dama no Sagitário, permitindo que ela diante do próprio pai relate o caso. Se em sua fala encontrardes algo indigno sobre minha pessoa, despojai-me do meu ofício, da confiança antiga que em mim depositáveis; mais: que vossa sentença atinja minha própria vida.

DOGE — Trazei aqui Desdêmona.

OTELO — Ide, alferes, buscá-la, pois sabeis onde ela se acha. (Saem Iago e alguns criados.) Enquanto ela não vem, quero, com a mesma lealdade com que o céu confesso as faltas do meu sangue, contar a esses ouvidos severos como pude apaixonar-me dessa donzela e ser por ela amado.

DOGE — Contai-nos isso, Otelo.

OTELO — O pai dela me amava; convidou-me muitas vezes, fazia-me perguntas sobre a história de toda a minha vida, ano por ano, prélios, cercos, lances por que passara. E narrava-lhetudo, desde os dias de minha infância, até o momento em que ele me mandara falar, enumerando-lhe situações perigosas, acidentes no mar e em terra, em tudo emocionantes, como salvei a vida por um fio, na brecha perigosa, como fora pelo insolente inimigo aprisionado, vendido como escravo, e de que modo, depois, me resgatara, e dos sucessos que em minhas viagens a esses se seguiram, quando, então, lhe falava de cavernas desconhecidas, rochedos escabrosos, ilhas desertas, montes cujos picos no céu iam tocar. E assim por diante, no mesmo tom dos canibais falava, que uns aos outros se comem, de

antropófagos e de homens com cabeça sob os ombros. Para isso ouvir, Desdêmona se achava sempre inclinada; mas os afazeres da casa muitas vezes a obrigavam a se afastar, o que ela quase sempre depressa arrematava, porque viessenovamente, com ávidos ouvidos, devorar meudiscurso. Percebendo-o, da hora me aproveitei e encontrei meios de lhe arrancar a súplica ardorosa, para que lhe contasse sem rodeios as minhas aventuras, cuja história só por partes ouvira, desconexas. Fiz-lhe a vontade; e muitas vezes pude roubar-lhe algumas lágrimas, no instante de lhe narrar algum sucesso triste por que passara minha mocidade. Minha história concluída, ela me dava por tanta dor um mundo de suspiros e jurava em verdade, que era estranho, mais do que estranho, por demais tocante, muito comovedora. Desejara jamais a ter ouvido, mas quisera que o céu houvesse feito delaesse homem. Agradeceu-me e disse-me que, quando algum amigo eu viesse a ter, que a amasse, bastaria ensinar-lhe o modo simples de contar minha história, para que ele, sem falta, a conquistasse. Aproveitando tal insinuação, disse-lhe tudo. Ela me amou à vista dos perigos por que passei, e muito amor lhe tive, por se ter reveladocompassiva. Foi essa toda a minha bruxaria. Mas aí vem a dama; ela que fale. (Entram Desdêmona, Iago e pessoas doséquito.)

DOGE — Quero crer que uma história tal como essa seduziria minha própria filha, caro Brabâncio. Examinai por outro prisma o assunto que se acha mutilado. É mais vantagem fazermosuso de armas já partidas, do que das mãos vazias.

BRABÂNCIO — Por obséquio, permiti que ela fale. Dizendo ela que assim favoreceu essa conquista, caia-me a destruição sobre a cabeça, se novamente eu dirigir a este homem qualquer doesto ofensivo. Aproximai-vos, gentil menina, e respondi-me: acaso percebeis neste círculo seletto alguém a quem deveis mais obediência?

DESDÊMOMA — Meu nobre pai, percebo um dividido dever: A vida e a educação vos devo, educação e vida que me ensinam a saber respeitar-vos. Sois o dono do meu dever, sendo eu, pois, vossa filha. Mas também aqui vejo meu marido; e quanto minha mãe vos foi submissa, preferindo-vos mesmo aos próprios pais, tantoagora pretendo revelar-me em relação ao Mouro, a quem pertença.

BRABÂNCIO — Deus esteja convosco. Já acabei. Se Vossa Graça desejar, passemos a tratar dos negócios da república. Antes filha adotiva que gerada. Mouro, vem para cá. De todoo coração te dou aquilo que se já teu não fosse, eu recusara de todo o coração. Por vossa causa, minha joia, sinto a alma jubilosa, por não ter outra filha; tua fuga ensinado me houvera a ser tirano, pondo-a no cepo. Terminei, senhor.

DOGE — Permitti-me falar como vós mesmo de certo falaríeis, pronunciando uma sentença que degrau e escada vai ser para que os dois enamorados possam vir a integrar-se novamente no vosso afeto. O que não tem remédio estásanado só em ver o perigo já passado. Chorar, depois de salvo, uma desgraça, é chamar outra ainda mais feia e crassa. O que nos for tirado pelasorte, qual perda há de ser tido não de porte. O roubado que ri, rouba ao ladrão; o que chora, a sirouba outra porção.

BRABÂNCIO — Que o Turco, então, roubar-vos Chipre venha; vamos rir e cantar com voz roufenha. Só escuta de bom grado uma sentença quem em proveito próprio nela pensa. Mas fica duplamente atribulado quem perder a paciência ante o recado. Conselhos, ou de açúcar ou de fel, ambíguos sempre são como hidromel. Palavras são palavras; pelo ouvido jamais o coração será atingido. Humildemente suplicoa Vossa Graçaque passemos aos assuntos do Estado.

DOGE — O Turco se dirige para Chipre com preparativos poderosos. Otelo, conheceis perfeitamente os meios de defesa daquela praça. E embora tenhamos nela um lugar-tenente de indiscutida competência, a opinião pública, a mais alta soberana do êxito, vos distingue com o seu voto. Por isso, será forçoso embaçardes o brilho de vossa recente fortuna com esta expedição por demais teimosas e barulhentas.

OTELO — A tirania do hábito, severos senadores, da cama de aço e pedra da guerra fez-me um leito de penugem. Confesso que asempresas arriscadas sempre me deixam álares e disposto. Assim, aceito a direção da guerra contra esses otomanos. Mas, curvando-me mui respeitosa-

ante vós outros, suplico que tomeis as convenientes disposições para que minha esposa alojamento venha a ter e trato condignos de seu alto nascimento.

DOGE — Em casa do pai dela. BRABÂNCIO — Não concordo. OTELO — Nem eu.

DESDÊMOMA — Nem eu tampouco. Não desejo voltar a morar lá, porque não deixe de meu pai os sentidos impacientes com minha vista. Muigracioso doge, favoráveis ouvidos concedei para o que vou dizer, porque na vossa palavra eu achar possa um privilégio para minha fraqueza.

DOGE — Que desejais, Desdêmoma?

DESDÊMOMA — Eu amei o Mouro, para viver junto com ele, é o que proclama ao mundo toda minha ação violenta. Submeteu-se-me o coração à essência mesma de meu marido, vi o retrato de Otelo em seu espírito, e a suas honras e partes valorosas, minha sorte e a alma inteira dediquei. Assim, meus caros senhores, se eu ficar qual parasita da paz e ele partir para essa guerra, privada me verei das qualidades que amá-lo me fizeram, sobre ser-me necessário aguentar esse intervalo moroso e fatigante de sua ausência. Deixai, pois, que com ele eu também siga.

OTELO — Dai-lhe essa permissão. Por testemunha invoco o céu de como fazendo esse pedido não desejo dar pábulo ao paladar dos apetites nem acalmar o ardor da mocidade — que já deixei de lado — ou secundárias satisfações pessoais, mas tão-somente para fazer justiça a seu espírito. E não permita o céu que em vossos puros corações a admitir venhais que eu possa prejudicar negócios de tal monta, de tanta gravidade, só porque ela vai ficar ao meu lado. Não; se um dia o alado devaneio de Cupido me selar com sensual embotamento as facultades especulativas e os órgãos para a ação, vindo os prazeres a manchar meu dever e corrompê-lo, que do meu elmo vossas cozinheiras façam um caldeirão, e os mais indignos opositores se levantem contra o apreço em que sou tido.

DOGE — Seja como vos aprouver, ou ela fique ou siga. O assunto exige pressa; diligente deve ser a resposta.

PRIMEIRO SENADOR — É necessário partirdes esta noite.

OTELO — De bom grado.

DOGE — Amanhã às nove horas voltaremos a reunir-nos aqui. Deixai, Otelo, um oficial, para que vos transmita nossas ordens e o mais que diz respeito a vosso posto e às honras inerentes.

OTELO — Se concordais, o alferes é pessoa honesta e de confiança. A seus cuidados confio minha esposa e tudo quanto Vossa Graça quiser depois mandar-me.

DOGE — Que seja assim. Boa noite para todos. (A Brabâncio.) Muito nobre senhor, se de beleza a virtude não for destituída, mais belo é vosso genro do que preto.

PRIMEIRO SENADOR — Adeus, valente Mouro; sê bondoso para Desdêmoma.

BRABÂNCIO — Cuidado, Mouro! Se olhos tens, abre-os bem em toda a parte; se o pai ela enganou, pode enganar-te.

(Saem o doge, senadores, oficiais, etc.)

OTELO — Pela sua lealdade empenho a vida! Honesto Iago, confio-te Desdêmona. Dá-lhe por companheira tua esposa e, logo que te for possível, leva-a para junto de mim. Vamos, Desdêmona; só disponho de uma hora para assuntos mundanos e ordens várias, que há de ser-te dedicada também. É necessário ao tempo nos mostrarmos obedientes.

(Saem Otelos e Desdêmona.) RODRIGO — Iago!

IAGO — Que disseste, nobre coração? RODRIGO — Que imaginas que eu vou fazer?

IAGO — Ora, deitar-te e dormir.

RODRIGO — Vou imediatamente afogar-me.

IAGO — Bem; se fizeres tal coisa, nunca mais te terei amizade. E por que isso, meu tolo?

RODRIGO — É tolice viver quando a vida é um tormento, dispondo nós da prescrição de morrer, quando a morte é nosso médico.

IAGO — Oh, miserável! Contemplo o mundo há quatro vezes sete anos, e desde que me torne incapaz de distinguir de uma injúria um benefício, nunca encontrei um homem que soubesse como amar a si mesmo. Antes de eu dizer que pretendia afogar-me por causa de uma galinha-d'angola, trocaria a forma humana pela de um bugio.

RODRIGO — Que devo fazer? Confesso que me sinto envergonhado, por me sentir a esse ponto tomado de paixão; mas não encontro em minha virtude o remédio para isso.

IAGO — Virtude? Uma figa! Depende de nós mesmos sermos assim ou assado. Nossos corpos são nossos jardins, cujos jardineiros são nossas vontades; de modo que se quisermos plantar urtiga e semear alface, deixar hissopo ou arrancar tomilho, provê-los apenas de determinada espécie de erva ou enchê-los de muitas variedades, esterilizá-los pela preguiça ou cultivá-los pelo trabalho... Ora, o poder exclusivo e a força reguladora de tudo reside apenas em nossa vontade. Se a balança de nossa vida não dispusesse de um prato de razão para contrabalançar o da sensualidade, o sangue e a baixaza de nossa natureza nos conduziriam às mais absurdas situações. Mas possuímos a razão para acalmar nossos instintos furiosos, os acúleos da carne, os desejos desenfreados. De onde concluo que o que denominais amor não é mais do que um sarmento ou uma vergôntea.

RODRIGO — Não pode ser.

IAGO — É apenas um apetite do sangue e uma concessão da vontade. Vamos! Sê homem! Afogares-te? Faze isso com gatos e cãesinhos recém-nascidos. Declarei que sou teu amigo e me confesso ligado ao teu serviço por cabos de resistência à toda prova. Nunca te poderei ser tão útil como agora. Põe dinheiro na bolsa, toma parte nesta guerra, desfigura as feições com uma barba postiça. Repito: põe dinheiro na bolsa! Não é possível que Desdêmona continue apaixonada do Mouro por muito tempo — põe dinheiro na bolsa! — nem ele dela. Foi um começo muito violento, da parte dela, ao que ainda verás seguir-se uma separação correspondente. Põe dinheiro na bolsa! Esses mouros são muito inconstantes em suas inclinações — enche de dinheiro tu a bolsa! — O prato que para ele, agora, é tão agradável como alfarroba dentro de pouco lhe será tão amargo como coloquintida. É fatal que ela o troque por um moço; quando ficar saciada do corpo dele, perceberá o erro da escolha que fez. Terá de trocá-lo por outro: é fatal. Por isso, põe dinheiro na bolsa! Mas se queres absolutamente condenar-te às penas eternas, fazê-o por um processo mais delicado do que o afogamento. Arranja quanto dinheiro puderes! Se a santidade de um juramento frágil entre um bárbaro errático e uma veneziana arquisabida não for coisa muito dura para minha inteligência e para todas as tribos do inferno, acabarás gozando-a. Por isso, trata de arranjar dinheiro! A peste para o teu afogamento! Nada tem que ver com este negócio. Farás melhor enforcando-te depois de satisfazeres os teus desejos do que afogando-te sem proveito nenhum.

RODRIGO — Dispões-te a apoiar minhas esperanças, no caso de eu me firmar nesse propósito?

IAGO — Podes contar comigo. Vai; arranja dinheiro. Já te disse muitas vezes e tomo a dizê-lo pela centésima vez: odeio o Mouro; tenho para isso motivos arraigados no coração. Não te

faltam, também, para isso razões igualmente ponderosas. Unamo-nos, portanto, para nos vingarmos dele. Se lhe puseres um par de chifres, para ti será um prazer, e para mim um divertimento. O seio do tempo encerra muitos acontecimentos que terão de concretizar-se. Em frente! Marcha! Trata de arranjar dinheiro. Amanhã voltaremos a falar sobre isso. Adeus.

RODRIGO — Onde nos encontraremos amanhã?

IAGO — No meu aposento.

RODRIGO — Estarei lá bem cedo.

IAGO — Vai; adeus. Compreendeste, Rodrigo? RODRIGO — Que dissestes?

IAGO — Afastai a ideia de afogamento, estais ouvindo?

RODRIGO — Já refleti melhor; vou tratar de vender todas as minhas terras.

IAGO — Vai; adeus. Põe bastante dinheiro na bolsa. (Sai Rodrigo.) Assim, de um tolo faço minha bolsa. Profanaria, meus conhecimentos, se gastasse meu tempo com um idiota desta marca, a não ser para proveito próprio ou por distração. Odeio o Mouro. Há quem murmure que ele o meu trabalho já fez em meus lençóis. Se é certo, ignoro-o. Pelo sim, pelo não, agir pretendo como se assim, realmente, houvesse sido. Tem-me afeição. Meu plano, desse modo, sobre ele vi atuar com mais certeza. Cássio é um homem de bem. Ora vejamos como posso alcançar o lugar dele e enfeitar meu desejo com dobrada patifaria. Como? De que modo? Reflitamos. Deixar passar o tempo e embair-lhe os ouvidos, declarando-lhe que Cássio mostra muita intimidade com a mulher dele. O exterior de Cássio e seu todo insinuante o predispõem a tomar-se suspeito facilmente. Foi feito para seduzir mulheres. De natureza é o Mouro livre e aberta; honesto julga ser quem aparenta, tão-só, honestidade. Sem trabalho pelo nariz poderá ser levado, tal qual os asnos. Pronto; já está gerado. A noite e o inferno à luz hão de trazer meu plano eterno. (Sai.)

## ATO II

## Cena I

Porto de mar em Chipre. Praça perto do cais.  
Entram Montano e dois gentis-homens.

MONTANO — Que distinguis no mar, desde essa ponta?

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM — Nada a distância; as ondas se encapelam; entre o alto mar e o céu não se percebe vela nenhuma.

MONTANO — O vento falou alto para terra, parece-me. Jamais tão desenfreada tempestade abalou nossas ameias. Se em pleno mar rugiu dessa maneira, que costela de roble ficou firme no encaixe, ao derreterem-se sobre ela montanhas desse porte? Que teremos?

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — A dispersão, tão-só, da armada turca. Basta a praia espumante examinares. Só parece que as ondas ralhadoras as nuvens chicoteiam; a mareta de crina gigantesca, sacudida pelo vento, parece jogar água na Ursa inflamável e apagar as guardas do polo sempre fixo. Não vi nunca revolta assim das ondas irritadas.

MONTANO — Se não pôde abrigar-se a armada turca nalgum porto ou baía, está perdida. É impossível que houvesse resistido.

(Entra um terceiro gentil-homem.)

TERCEIRO GENTIL-HOMEM — Novas, rapazes! Acabou-se a guerra! Maltratou a furiosa tempestade os turcos de tal jeito, que seus planos ficaram mancos. Um navio nobre de Veneza assistiu ao pavoroso naufrágio e sofrimento da maior parte da armada deles.

MONTANO — Como! É então verdade?

TERCEIRO GENTIL-HOMEM — O barco está no porto; é de Veneza. Miguel Cássio, tenente de guerreiro mouro, Otelo, saltou em terra; o próprio Mouro se acha no mar, com carta branca, a caminho de Chipre.

MONTANO — Muito alegre me deixa essa notícia; é um muito digno governador.

TERCEIRO GENTIL-HOMEM — Mas esse mesmo Cássio, muito embora se exprima com confiança sobre as perdas dos turcos, está triste, rezando pela salvação do Mouro, pois violenta e medonha tempestade dele o fez separar-se.

MONTANO — O céu o atenda, pois servi sob o Mouro; ele é soldado na mais lata acepção. Mas vamos logo para o porto, não só porque vejamos o barco recém-vindo, como para olhar também do lado que há de vir-nos o bravo Otelo, até que a nossos olhos desapareça o mar e o azul-celeste.

TERCEIRO GENTIL-HOMEM — Façamos isso, sim; cada momento nos traz a expectativa de outros barcos.

(Entra Cássio.)

CÁSSIO — Meus agradecimentos aos valentes desta ilha valorosa, por mostrardes tanta afeição ao Mouro. Oh! Que lhe deem os céus defesa contra os elementos pois o perdi num mar perigosíssimo.

MONTANO — Está num bom navio?

CÁSSIO — Seu barco tem altivos vigas e dispõe de piloto experimentado bastantes vezes, sendo só por isso que, não tendo esperança empanturrada para morrer, confio em sua cura.

VOZES (dentro) — Uma vela! Uma vela! (Entra um mensageiro.)

CÁSSIO — E esses gritos?

MENSAGEIRO — Deserta está a cidade; sobre a borda do mar o povo todo, em filas, grita: Uma vela! Uma vela!

CÁSSIO — Diz-me o peito que é a do governador.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — Disparam

tiros de cortesia. É amigo, pelo menos.

CÁSSIO — Por obséquio, senhor, ide informar-vos e trazei-nos notícias mais precisas.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM —

Perfeitamente. (Sai.)

MONTANO — Mas meu bom tenente, casou-se o vosso general?

CÁSSIO — Por sorte; traz uma esposa que ultrapassa toda descrição e alta fama, deixa longeos conceitos da pena adulatora, e que no respeitante às qualidades naturais da criação, deixa estafado, só com ela, o inventor. (Volta o segundo gentil-homem.) Então, quem era?

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — É um certo

Iago, alferes junto ao nosso general.

CÁSSIO — Realizou a travessia em boas condições e pouco tempo. A própria tempestade, o mar furioso, os ventos sibilantes, os penedos escarpados, os bancos movediços traidores de emboscada para os barcos inocentes prenderem

— todos, todos, como se do sentido da beleza fossem dotados, transmutada sua natureza nociva, permitiram que por eles passasse, sã e salva, a divina Desdêmona.

MONTANO — Quem é ela?

CÁSSIO — A de quem vos falei, a capitã de nosso capitão. Em companhia ele a mandou do destemido Iago, cuja vinda ultrapassa nossos cálculos de uma semana. O poderoso Jove, protege Otelo e enfuna suas velas com teu bafejo todo poderoso, porque abençoar ele nos venha o porto com seu navio, palpitar nos braços carinhosos de sua bem-amada, reacender-nos o espírito apagado e trazer alegria a toda Chipre! (Entram Desdêmona, Emília, Iago, Rodrigo e séquito.) Oh! Vede! Já desembarcados foram os tesouros do barco. Ajoelhai-vos, moradores de Chipre! Salve, dama! Possa diante de ti ficar a Graça celestial, por detrás, por toda a parte, envolvendo-te toda.

DESDÊMOMA — Agradecida, valente Cássio.

Que notícia tendes do meu marido?

CÁSSIO — Ainda não chegou. Não sei mais nada, salvo que ele se acha com saúde e que breve aqui estará.

DESDÊMOMA — Contudo, tenho medo. Qual a causa por que vos separastes?

CÁSSIO — A atroz luta das águas e do céu me afastou dele. Mas, ouvi: uma vela!

VOZES (dentro) — Vela! Vela! (Ouvem-se tiros de canhão.)

SEGUNDO GENTIL-HOMEM — O barco está saudando a cidadela. É outro amigo.

CÁSSIO — Vai ver o que há de novo. Bem-vindo, bom alferes. (A Emília.) Vós, senhora, também sois mui bem-vinda. Que não seja causa de se enturvar vossa paciência, bondoso Iago, a extensão dos meus saudares. É minha educação que me confere saudações de tamanho atrevimento. (Beija a Emília.)

IAGO — Se ela vos desse, meu senhor, dos lábios tanto quanto da língua me concede, em pouco tempo ficaríeis farto.

DESDÊMOMA — Coitada, ela nem fala!

IAGO — Não? Demais. Quando quero dormiré que o percebo. Mas em frente de Vossa Senhoria a espertalhona guarda um pouco a língua no coração e ameaça em pensamento.



EMÍLIA — Não tendes causa para assim falardes.

IAGO — Vamos; fora de casa sois pinturas; nos quartos, sinos; na cozinha, gatos; santas, quando ofendeis; demônios puros, quando sois ofendidas; chocarreiras no governo da casa e boas donas do lar quando na cama.

DESDÊMONA — Oh! vai saindo, caluniador!

IAGO — Quero ser turco, caso não seja assim. Brincais o dia inteiro; só na cama há trabalho verdadeiro.

EMÍLIA — Não haveis de escrever meu elogio. IAGO — Nem o desejo.

DESDÊMONA — E como escreverias, se incumbido te visses de elogiar-me?

IAGO — Cuidado, gentil dama, que outra coisa não sou, tirante um crítico modesto.

DESDÊMONA — Tentai, tentai! — Alguém foiaté ao porto?

IAGO — Foi, sim, senhora.

DESDÊMONA — Alegre não me sinto, mas engano meu próprio estado, simulando o gosto. Vamos: de que maneira me elogiarias?

IAGO — Já estou quase no ponto; mas do casco me sai sempre a invenção como da bolsa visco de passarinho: vem o cérebro, e tudo o mais, grudado. Minha musa, porém, começa a sentir dores fortes e à luz, por fim, dá isto: Se elativer espírito e beleza, aquele é dádiva; natureza.

DESDÊMONA — Ótimo! E se for preta eespirituosa?

IAGO — Preta e espirituosa... Que mistura!

Mas um branco há de achar para a feiura.

DESDÊMONA — De mal para pior. EMÍLIA — E se for bela e tonta?

IAGO — Mulher tonta não há, sendo bonita, pois sabe arranjar filho e ser catita.

DESDÊMONA — São paradoxos velhos, para fazer rir os tolos nas cervejarias. Que mísero elogio reservaste para as feias e tontas?

IAGO — Não há feia tão tola que não possanas belas e sabidas fazer moça.

DESDÊMONA — Oh ignorância maciça! Fizeste maior elogio das piores. Mas que dirás em louvor da mulher verdadeiramente merecedora de encômios, que, escudada em seu merecimento, obriga a render-se à própria maledicência?

IAGO — A que bela foi sempre, não vaidosa, e, podendo falar, não foi verbosa; a que, tendouro à larga, não se enfeita, e, coibindo-se, diz: numa outra feita; a que, ofendida e a ponto de vingar-se, sabe conter-se e a fúria deixa alar-se; a que não fosse néscia que trocasse salmão por bacalhau com alegre face; a que pensasse e não dissesse nada e aos chichisbéus fugisse recatada; tal mulher, se existisse, claro seja...

DESDÊMONA — De que fora digna?

IAGO — De criar pascácios e provar cerveja.

DESDÊMONA — Oh! Semelhante conclusão é por demais coxa, muito débil. Emília, não aprendas nada com ele, embora seja teu marido. Que pensais, Cássio? Não é um conselheiro licencioso e de muito má língua?

CÁSSIO — A linguagem dele é rude, de fato, minha senhora; é preciso ficardes apreciando nelemais o soldado do que o erudito.

IAGO (à parte) — Ele a segura pela mão. Muito bem! Cochicha-lhe aos ouvidos. Com uma teiazinha tão pequena assim, pretendo pegar umamosca do tamanho de Cássio. Sim, dirige-lhe sorrisos; mais um pouco, e eu te amarrarei com tuas próprias cortesias. Tendes razão: é assim mesmo. Se vierdes a perder o posto de tenente por umas frioleiras desse porte, melhor vos teria sido não ter beijado tantas vezes os três dedos, como ainda vos mostrais disposto a fazer, para vos apresentardes como senhor de respeito. Muitobem! Belo beijo! Excelente cortesia! É assim mesmo, não há dúvida. Levais mais uma vez os dedos à boca? Quisera que vos servissem com outras tantas cânulas de clister... (Ouve-se toque de trombeta.) Mouro! Conheço o som da trombetadele.

CÁSSIO — É ele mesmo.

DESDÊMONA — Vamos ao encontro dele para recebê-lo.

CÁSSIO — Ei-lo que chega. (Entra Otelo e séquito.)

OTELO — Minha linda guerreira! DESDÊMONA — Caro Otelo!

OTELO — Tanto contentamento quanto espanto me causa ver que antes de mim chegastes. Ó alegria de minha alma! Caso viesse sempre depois da tempestade semelhante bonança, poderiam soprar os ventos de acordar a morte. Que o meu barquinho escale montes de água tão altos quanto o Olimpo e, após, afunde tanto quanto distar do céu o inferno. A morte, agora, para mim seria uma felicidade, pois tão grande é a ventura que da alma se me apossa, que não pode, receio-o, reservar-me outra igual ofuturo nebuloso.

DESDÊMONA — Permita o céu que nosso amor e nossa felicidade cresçam como os dias que ainda temos de vida.

OTELO — Amém, poderes inefáveis! Não posso falar muito sobre esse assunto. Sinto-me abafado: é excessiva alegria. (Beijando Desdêmona.) Recebe este, e este também. Que a única discórdia de nossos corações tenha este aspecto.

IAGO (à parte) — Oh! Por enquanto estais bem afinados; mas eu me incumbo de afrouxar as cordas que produzem tal música; tão certo como eu ser gente honesta.

OTELO — Vamos logo para o castelo. Trago novidades, caros amigos. Acabou-se a guerra; os turcos se afogaram. Como passam os moradores da ilha, meus amigos? Vais ser amor, muito querida em Chipre. Em todos encontrei muita amizade. Ó minha doce amiga, estou pulando de um assunto para outro, desconexo; tanta felicidade me estonteia. Por obséquio, bom Iago, vai ao porto, desembarca meus cofres e conduze ao forte o comandante. É um homem digno; seus méritos impõem só respeito. Desdêmona, subamos. Novamente: é mui bem-vinda a Chipre.

(Saem todos, com exceção de Iago e Rodrigo.)

IAGO — Vai logo encontrar-me no porto. Aproxima-te. Se fores um rapaz valente, sendo verdade, como dizem, que as pessoas de baixa extração, quando apaixonadas revelam mais nobreza do que seria de esperar de sua natureza: escuta-me. Hoje à noite o tenente ficará de vigiano corpo da guarda. Para começar, preciso dizer-te o seguinte: Desdêmona está apaixonada por ele.

RODRIGO — Por ele? Não é possível.

IAGO — Põe o dedo assim e deixa que tua alma se instrua. Recorda a violência com que de início ela amou o Mouro, só por causa de suas fanfarronadas e de suas aventuras mentirosas. Amá-lo-ia sempre por sua tagarelice? Que o teu coração discreto não acredite em semelhante coisa. Ela precisará espairer a vista; e que deleite poderá encontrar na contemplação do demônio? Quando o sangue se torna pesado pelo ato do prazer, para inflamá-lo de novo e para despertar o apetite à saciedade é preciso que o amante seja de aparência agradável e que haja uma espécie de simpatia quanto à idade, os costumes e os encantos pessoais, o de que o Mouro carece por completo. Ora, não existindo esses requisitos vantajosos, sua ternura delicada ficará desiludida, sentirá náuseas, revelando, por fim, repulsa e asco pelo Mouro. A própria natureza lhe ensinará essas coisas, levando-a a fazer uma segunda escolha. E agora, senhor, uma vez admitido isso — proposição mais do que certa e não forçada — quem se acha mais alto do que Cássio na escada dessa felicidade? É um tipo volúvel, cuja escrupulosidade só vai até ao ponto de permiti-lo assumir a simples forma de uma aparência afável e educada, para melhor satisfazer os apetites mais inconfessos e licenciosos. Ninguém mais! Ninguém mais! É um tipo astucioso e equívoco, sempre à cata de oportunidades, com um olho que pode cunhar e falsificar vantagens, muito embora a verdadeira vantagem nunca chegue a se apresentar... Um sujeito diabólico! Ao lado disso, de figura apresentável, moço, com todos os requisitos que atraem o olhar do povinho inexperiente edesmiolado; é um biltre pestilencioso a containteira, que já chamou a atenção da mulherzinha.

RODRIGO — Não posso acreditar em tal coisa, em se tratando dela; é exornada das mais celestes qualidades.

IAGO — Celestes, uma figa! O vinho que ela bebe é feito de uva; se fosse celeste, nunca se teria apaixonado do Mouro. Um pudim celeste! Não viste como ela brincava com a mão dele? Não observaste isso?

RODRIGO — Vi, sem dúvida; mas era por simples cortesia.

IAGO — Lascívia, por esta mão! Índice e prólogo obscuro de uma história de luxúria e de pensamentos libidinosos. Ficaram com os lábios tão próximos, que seus hálitos se abraçaram. Pensamentos torpes, Rodrigo! Quando essas reciprocidades iniciam a campanha, segue-lhe no rasto a manobra principal, a conclusão carnal. Ora! Mas, senhor, deixai-vos guiar por mim. Trouxe-vos de Veneza. Ficai de guarda hoje à noite; eu mesmo vos indicarei o ponto. Cássio não vos conhece; não ficarei muito longe. Arranjai oportunidade de irritar Cássio, ou falando-lhe muito alto, ou transgredindo suas determinações, ou por qualquer outro meio que a ocasião vos sugerir.

RODRIGO — Bem.

IAGO — Ele é violento e se encoleriza com facilidade, podendo acontecer que vos bata. Provocai-o, para que ele faça isso mesmo, pois valer-me desse pretexto, justamente, para amotinar o pessoal de Chipre, cuja pacificação só poderá ser restabelecida com a destituição de Cássio. Desse modo, encurtareis o caminho de vossos desejos, graças aos meios que eu arranjar para promovê-los, ficando removido com facilidade o obstáculo sem o qual não poderemos esperar nenhum êxito.

RODRIGO — É o que farei, no caso de encontrar oportunidade.

IAGO — Por isso eu me responsabilizo. Vai logo procurar-me no forte; tenho de desembarcar a bagagem do Mouro. Adeus.

RODRIGO — Adeus. (Sai.)

IAGO — Que amor lhe tenha Cássio, é o que acredito; que ela o ame, é quase certo e compreensível. O Mouro, embora eu suportar não possa, por natureza é firme, nobre e amável, tendo eu plena certeza de que ele há de ser o marido ideal para Desdêmona. Mas eu também a amo, não por simples concupiscência, muito embora eu seja também passível dessa grande falta. Não; é para saciar minha vingança, pois suspeito que o Mouro luxurioso pulou na minha sela, pensamento esse que, como mineral nocivo, me corrói as entranhas, sem que nada possa ou deva deixar-me a alma aliviada antes de virmos nisso a ficar quites: é mulher por mulher. Falhando o plano, farei tal ciúme despertar no Mouro, que não possa curá-lo o raciocínio. Para obter isso — caso este sabujo de Veneza, que à trela sempre trago, saiba encontrar o rasto e correr firme — pegarei Miguel Cássio pelo flanco, pois temo que ele também tenha usado meu gorro de dormir. Assim, o Mouro me amará, ficar-me-á reconhecido, e um prêmio me dará por eu ter feito dele um asno completo, e o ter privado da paz e do sossego, até nas raías ir bater da loucura. Aqui está tudo. Meio confuso, é certo; mas, inteira, nunca se mostra, nunca, a bandalheira. (Sai.)

Cena II

Uma rua. Entra um arauto com uma proclamação; seguem-no pessoas do povo.

ARAUTO — É vontade de Otelo, nosso nobre valente general, que, por motivo das notícias do complexo desbarato da arma da turca, festejem todos esses triunfos com trajés alegres, ou seja dançando, ou acendendo fogueiras, ou entregando-se aos divertimentos e prazeres a quem estiverem mais inclinados. Porque além dessas notícias auspiciosas, celebra Otelo também o seu casamento. Assim, determinou que se fizesse esta proclamação. Todas as lojas ficarão abertas, havendo inteira liberdade de diversão, desde agora, cinco horas da tarde, até dar o sino o sinal das onze. Que o céu abençoe a ilha de Chipre e o nosso nobre general Otelo!

(Saem.)

Cena III

Uma sala no castelo. Entram Otelo, Desdêmona, Cássio e pessoas do séquito.

OTELO — Caro Miguel, cuidai da guarda à noite. Mostremos pelo exemplo a decorosa moderação, porque não haja excesso nas festas permitidas.

CÁSSIO — Já dei ordens, para Iago, a esse respeito. Não obstante, pessoalmente irei ver tudo de perto.

OTELO — Iago é pessoa honesta. Boa noite, Miguel; quanto mais cedo for possível, vinde amanhã falar-me. (A Desdêmona.) Vamos, querida; já fizemos a compra; ora é preciso saber aproveitá-la com juízo.

(Saem Otelô, Desdêmona e séquito.) (Entra Iago.)

CÁSSIO — Sede bem-vindo, Iago. Precisamos ir para a guarda.

IAGO — Ainda falta muito tempo, tenente; não são dez horas. Nosso general nos despediu assim tão cedo por amor de sua Desdêmona, pelo que, aliás, não podemos censurá-lo; ainda não passou uma noite regalada com ela, que é um pratinho para Jove.

CÁSSIO — É uma senhora admirável. IAGO — É deliciosa, posso asseverar.

CÁSSIO — Realmente, uma criatura muito louça e delicada.

IAGO — E que olhos tem! Soam-me como um convite para o assalto.

CÁSSIO — Olhar atraente, de fato, mas muito modesto.

IAGO — E quando fala, não parece uma alvorada para o amor?

CÁSSIO — É, de fato, a perfeição em pessoa.

IAGO — Muito bem; felicidade para seus lençóis. Vamos, tenente; tenho um quartal de vinho e aí fora um par de galantes chipriotas que de bom grado beberiam à saúde do negro Otelô.

CÁSSIO — Não hoje à noite, meu bom Iago; tenho a cabeça muito fraca para bebidas. Desejara que a cortesia inventasse outras maneiras de manifestarmos a alegria.

IAGO — Oh! são nossos amigos! Um copo, somente; beberei em vosso lugar.

CÁSSIO — Só bebi esta noite um copo, e mesmo muito diluído; mas, apesar disso, podeis ver que desarranjo produziu aqui. É um defeito lastimável; não quero pôr à prova mais uma vez a minha fraqueza.

IAGO — Ora, homem! À noite, hoje, é de folia!

Os rapazes que insistem.

CÁSSIO — Onde se encontram?

IAGO — Aqui, à porta; chamai-os, por obséquio.

CÁSSIO — Vou fazê-lo, mas a contragosto. (Sai.)

IAGO — Se eu puder empurrar-lhe mais um copo além do que ele já bebeu à tarde, ficará tão iracundo e quereloso como uma cadelinha. Aquele tonto, Rodrigo, a quem o amor virou no avesso, esta noite, à saúde de Desdêmona bebeu potes seguidos. Vai dar guarda. Mais três rapazes de alto e nobre espírito, que em distância prudente honra conservam, elementos desta ilha belicosa, esta noite deixei meio confusos com copos transbordantes. Todos eles irão também dar guarda. Ora, no meio de tantos bêbados, farei que Cássio pratique qualquer ato que alboroto venha na ilha a causar. Ei-los que chegam. Se condisser com os sonhos a sequela, meu barco correrá com vento e vela.

(Volta Cássio, acompanhado de Montano e vários cavaleiros. Entram criados com vinho.)

CÁSSIO — Por Deus! Já me fizeram beber uma boa caneca.

MONTANO — Pequenita, por minha fé; não chegava a uma pinta; tão certo como eu ser soldado.

IAGO — Tragam-nos vinho, olá! (Canta.) Fazei tinir a caneca! Fazei tinir a caneca!... A vida é quente, soldado é gente... Soldado... que leve à breca! Mais vinho, rapazes!

CÁSSIO — Por Deus, excelente canção.

IAGO — Aprendi-a na Inglaterra, onde se bebe, em verdade, largamente. Vosso dinamarquês, vosso alemão e vosso holandês pançudo — à saúde, olá! — são nada, comparados com os ingleses.

CÁSSIO — Vosso inglês é tão entendido em bebidas, assim?

IAGO — Ora, com a maior facilidade ele bebede matar vosso dinamarquês não chega a suar para derrubar vosso alemão e faz vosso holandês vomitar antes de encherem de novo a caneca.

CÁSSIO — À saúde do nosso general! MONTANO — O mesmo eu digo, tenente; faço-vos justiça.

IAGO — Oh, doce Inglaterra! (Canta.) O rei Estêvão, mui digno par, deu pelas calças uma coroa; mas achou caro; não quer pagar; chama o alfaiate de coisa à-toa. Era de casa de grande fama; mas tu não passas de um gafanhoto. O orgulho o reino joga na lama; por isso veste teu manto roto. Mais vinho, olá!

CÁSSIO — Essa canção é ainda mais esquisita do que a outra.

IAGO — Desejais que a repita?

CÁSSIO — Não, porque considero indigno de seu posto quem se conduz por esse modo. Sim, Deus está acima de tudo; há almas que devem salvar-se e há almas que não devem salvar-se.

IAGO — É certo, meu bom tenente.

CÁSSIO — No que me diz respeito — longe de mim a intenção de ofender o general ou qualquer outra pessoa de posição espero salvar-me.

IAGO — Eu também, tenente.

CÁSSIO — Sim; mas, com vossa permissão, não antes de mim; o tenente deve ser salvo antes do alferes. Não falemos mais disso; voltemos para nosso trabalho. Deus perdoe nossos pecados. Cavalheiros, cuidemos da obrigação. Não vades pensar, cavalheiros, que eu estou bêbado. Este aqui é o meu alferes; esta, a minha mão direita; esta, a esquerda. Agora não estou bêbado; posso manter-me de pé e falar sem atrapalhar-me.

TODOS — Perfeitamente!

CÁSSIO — Então, muito bem; não deveis imaginar que eu esteja embriagado. (Sai.)

MONTANO — À esplanada, senhores! Para a guarda!

IAGO — Vistes o tipo que saiu há pouco? É soldado que a César não desonra; digno de comandar. Mas vede o vício, equívoco adequado de seu mérito: um, tão longo quanto o outro. Faz-me pena. Temo sinceramente que a confiança que Otelo nele deposita, possa numa hora aziaga sacudir esta ilha.

MONTANO — Fica assim muitas vezes?

IAGO — Sempre o prólogo esse é do sonodele. Duas voltas completas do relógio ele consegue ficar de sentinela, quando o vinho não lhe sacode o leito.

MONTANO — Bom seria que ao general falássemos sobre isso. Decerto ignora tudo; ou, porventura, sua bondade louva em Cássio apenas a virtude aparente, sem das faltas tomar conhecimento. Não é verdade?

(Entra Rodrigo.)

IAGO (à parte, a Rodrigo) — Que há de novo, Rodrigo? Por obséquio, ide atrás do tenente. (Sai Rodrigo.)

MONTANO — É lastimável que o nobre Mouro arrisque um lugar desse, em importância logo após o dele, com um sujeito tachado de fraqueza. Ação honesta fora alguém com o Mouro falar a esse respeito.

IAGO — Eu, não! Nem mesmo por esta formosa ilha. Gosto muito de Cássio; hei de fazer todo o possível para curá-lo dessa enfermidade. Mas, escutai! Que barulheira é essa?

GRITOS (dentro) — Socorro! Socorro! (Entra Cássio, empurrando Rodrigo.) CÁSSIO — Miserável! Patife!

MONTANO — Que acontece, tenente?

CÁSSIO — Um pulha destes, pretendendo ensinar-me o dever. Pois vou inflá-lo numa garrafa, à custa de pauladas.

RODRIGO — Bater em mim?

CÁSSIO — Ainda resmungas, choldrar? (Bateem Rodrigo.)

MONTANO (segurando Cássio) — Meu bomtenente, calma, por obséquio! Detende a mão.

CÁSSIO — Senhor, deixai-me livre; caso contrário, amasso-vos o crânio.

MONTANO — Deixai disso; estais bêbado. CÁSSIO — Eu, bêbado?

(Lutam.)

IAGO (à parte, a Rodrigo) — Saí, vos digo. Idetocar alarma. (Sai Rodrigo.) Não, meu caro tenente! Oh Deus! Senhores! Socorro, olá! Tenente! Bom Montano! Socorro, olá! Que bela guarda temos! (O sino toca.) Quem estará tocando sino? Diabo! Vão alarmar toda a cidade. Calma! Calma, senhores! Calma! Para sempre vos heis de se

(Entram Otelo e séquito.) OTELO — Que aconteceu?

MONTANO — Com a breca! Estou sangrando; estou ferido gravemente.

OTELO — Parai, por vossas vidas!

IAGO — Calma, tenente! Cavalheiros, calma! Porventura perdestes todo o senso do dever e lugar? Parai! Que opróbrio!

OTELO — Então, que aconteceu? Como foi isso? Viramos turcos para permitir-nos o que océu não consente aos otomanos? Pelo pudor cristão, parai com essa gritaria de bárbaros. Aquele que se mexer para saciar a raiva, não faz caso da vida; é homem morto. Fazei calar esse terrível sino, que ele espanta a ilha e a tira de seus hábitos. Que aconteceu, senhores?

Honesto Iago, pareceis morto de tristeza; dize-me: quem começou? Por teu amor, intimo-te.

IAGO — Não sei; amigos éramos há pouco, neste momento, em termos como noivos, quando se despem antes de ir deitar-se. De repente, agorinha mesmo, como se algum planeta houvesse o mundo todo deixado dementado, espadas fora visando o peito um do outro, em sanguinária oposição. Dizer não posso como principiou esta odiosa diferença. Fora melhor haver no campo de honra perdido as pernas que me conduziram para ser parte nisto.

OTELO — Qual a causa, Miguel, de vos haverdes esquecido de vós mesmo a este ponto?

CÁSSIO — Só vos peço que me perdoeis, porque falar não posso.

OTELO — Digno Montano, sempre fostes probo; conhece o mundo a calma e a gravidade de vossa mocidade; vosso nome grande é na bocados juízes sábios. Que aconteceu, para que vossafama desaboteis assim e a vossa rica reputação gasteis só pelo nome de brigador noturno? Respondei-me.

MONTANO — Digno Otelo, ferido estou demorte. Iago, vosso oficial, pode informar-vos — porque eu me poupe, que falar me cansa — tudo o que sei. Não sei de nada errado que esta noite eu tivesse dito ou feito, a não ser que o amor-próprio seja um vício e pecado nos pormos em defesa, quando alguém nos ataca.

OTELO — Agora, pelo céu, sinto que o sangue começa a dirigir-me o entendimento, e que a paixão, já tendo obscurecido minha razão, procura arrebatar-me. Se eu me mexer ou levantar o braço, o melhor dentre vós cairá ao peso de minha repreensão. Dizei-me como teve princípio esse tropel estúpido, quem foi o causador. Quem quer que tenha sido o culpado de tão cru delito — irmão gêmeo me fosse, de um só parto — de mim o afastarei. Pois como! Numa praça de guerra inquieta ainda, todos com o coração a transbordar de medo, provocarem questões particulares, de noite e no local, precisamente, da guarda e segurança! Oh! É monstruoso.

MONTANO — Se razões de amizade ou de hierarquia a dizer te levarem mais ou menos do que a verdade, é que não és soldado.

IAGO — Não me aperte assim. Preferiria que da boca esta língua me cortasse, a ofender de algum modo a Miguel Cássio. Mas convencido estou de que a verdade mal nenhum lhe fará. Eis como tudo se passou, general. Eu e Montano a conversar estávamos. De súbito, a gritar por socorro entra um sujeito perseguido por Cássio, que, de espada desembainhada, a ponto se encontrava de desferir-lhe um golpe. Este fidalgo, senhor, deteve Cássio, procurando demovê-lo do intento. Eu saí logo em pós do tipo que corria aos berros, para ver se evitava que seus gritos — como se deu, de fato — provocassem o alarma nacidade. Mas, dotado de pé velozes, ele, em poucotempo, me frustrou a intenção, tendo eu achado mais prudente voltar, por ter ouvido tinir de espadas e exaltadas juras proferidas por Cássio, o que impossível me fora acreditar até esta noite. Ao retomar porque tudo isso fora obra de alguns momentos — encontrei-os engalfinhados, em defesa e ataque, tal como estava, quando aqui chegastes, para vir separá-los. É tudo quanto sei sobre esse assunto. Mas os homens são homens, e por vezes o melhor pode errar. Embora Cássio houvesse feito alguma ofensa ao outro — pois quando arrebatados, machucamos até o melhor amigo — estou convicto de que ele recebeu do que fugia uma dessas injúrias nunca ouvidas, que admitir a paciência não consegue.

OTELO — Iago, sei bem que a tua honestidade e teu bom coração ora te levam a atenuar este assunto, para que ele pese menos em Cássio. Cássio, estimo-te; mas nunca mais serás meu oficial. (Entra Desdêmona, acompanhada.) Vede! Acordaram minha terna esposa! (A Cássio.) Um castigo exemplar pretendo dar-te.

DESDÊMOMA — Que aconteceu?

OTELO — Tudo está bem-querida. Retorna para o leito. (A Montano.) Desses golpes, senhor, o cirurgião serei eu próprio. Levai-o logo. (Montano é conduzido.) Iago, inspeciona bem toda a cidade e tranquiliza os que essa vil querela possa ter alarmado. Vem, Desdêmona; é sempre assim a vida de um soldado: ter amiúde o sono despertado.

(Saem todos, com exceção de Iago e Cássio.) IAGO — Quê! Estais ferido, tenente?

CÁSSIO — Sim, sem possibilidade de cura. IAGO — Oh! Não o permita o céu.

CÁSSIO — Reputação, reputação, reputação! Oh! perdi a reputação, perdi a parte imortal de mim próprio, só me tendo restado a bestial. Minha reputação, Iago; minha reputação!

IAGO — Tão certo como eu ser um homem honesto, pensei que houvesse recebido algum ferimento no corpo; há mais prejuízo nisso do que a reputação. A reputação é um apêndice ocioso e enganador; obtido, muitas vezes, sem merecimento, e perdido sem nenhuma culpa. Não perdestes nenhuma reputação, a menos que vos considereis como tendo sofrido semelhante perda. Que é isso, homem! Há muitos meios de reconquistar a estima do general; fostes despedido apenas em um momento de mau humor; um castigo aplicado mais por considerações de ordem geral do que por maldade, justamente como no caso de bater alguém em seu cãozinho inofensivo, para amedrontar um leão temível. Implorai-lhe perdão e ele se tornará vosso outra vez.

CÁSSIO — Preferira implorar o seu desprezo a enganar um comandante tão bom com um oficial tão leviano, bêbado e indiscreto. Embriagado! Falando como papagaio! Provocar brigas, fazer fanfarronadas, jurar e falar empolado com a própria sombra! Ó espírito invisível do vinho! Se não és ainda conhecido por nenhum nome, recebe o de demônio.

IAGO — Quem era o sujeito a quem perseguíeis de espada em punho? Que vos havia feito?

CÁSSIO — Não sei. IAGO — Será possível?

CÁSSIO — Recordo-me de uma infinidade de coisas, mas nada distintamente; de uma briga, porém não de seus motivos. Oh Deus! Terem os homens o inimigo na própria boca, para roubar-lhes o cérebro! Constituir para nós alegria, prazer, divertimento e júbilo isso de nos transformarmos em brutos!

IAGO — Mas é interessante que estais agora inteiramente lúcido! De que modo recuperastes os sentidos assim tão depressa?

CÁSSIO — Aproveu ao demônio da embriaguez ceder o lugar ao demônio cólera. Uma imperfeição me mostra outra, ensinando-me a detestar-me sem reservas.

IAGO — Ora, vamos; sois um moralista muito severo. Considerando-se o momento, o lugar e as condições da cidade, sinceramente, eu preferira que tudo isso não houvesse acontecido; mas já que é como é, tratai de consertar as coisas em proveito próprio.

CÁSSIO — Vou pedir-lhe que me reintegre no meu posto; ele vai responder-me que eu sou um bêbado. Se eu tivesse tantas bocas como a hidra, semelhante respostas, mas entupiria todas. Há pouco eu era um indivíduo ajuizado; logo depois, um tolo; e neste momento, um bruto. Oh! é terrível! E amaldiçoado todo copo bebido fora da conta, sendo o seu conteúdo o próprio diabo.

IAGO — Vamos, vamos; o bom vinho é um camarada bondoso e de confiança, quando tomado com sabedoria; não continueis a falar mal dele. E, meu bom tenente, creio que tendes certeza de que vos tenho amizade.

CÁSSIO — Já tive disso sobejas provas, senhor. Eu, bêbado!

IAGO — Ora, homem! Vós, ou qualquer pessoa viva podeis embriagar-vos de vez em quando. Vou dizer-vos o que deveis fazer. A mulher do nosso general é agora o general. Posso exprimir-me dessa maneira, por ter-se ele devotado e dedicado à contemplação, ao exame e à observação de suas partes e graças. Falai-lhe com franqueza; importunai-a, que ela vos ajudará a reconquistar esse lugar. É de uma disposição tão franca e generosa, tão bondosa e

abençoada, que em sua bondade considera vício não fazer mais do que o que se lhe pede. Pedi-lhe que conserte a fratura da articulação existente entre vós e o marido dela. E todos os meus bens contraqualquer coisa sem valor em como essa fraturado vosso amor vai ficar mais forte do que era antes.

CÁSSIO — Dais-me um bom conselho.

IAGO — Podeis crer que o faço com a maior sinceridade e com afeição honesta.

CÁSSIO — Tenho certeza disso; logo que amanhecer, vou pedir à virtuosa Desdêmona que interceda a meu favor. Perderei a confiança na sorte, se ela me for contrária neste passo.

IAGO — Tendes razão. Boa noite, tenente; preciso ir para a guarda.

CÁSSIO — Boa noite, honesto Iago. (Sai.)

IAGO — Quem poderá dizer que eu represento papel de celerado, se o conselho que eu dei é honesto e leal, muito plausível e em verdade o caminho para ao Mouro vir a reconquistar?

Sim, porque é muito fácil de conseguir que a complacente Desdêmona se empenhe em qualquer súplica honesta; é dadivosa com a terra. E para obter do Mouro qualquer coisa — muito embora para ele se tratasse de abrir mão do batismo, das insígnias e símbolos de uma alma redimida — tanto ele o coração traz encadeado na afeição de Desdêmona, que tudo fazer ou desfazer ela consegue, como entender, reinando como deusa sua vontade sobre o fraco esposo. Estarei sendo, acaso, um celerado, por ter mostrado a Cássio esse caminho que vai dar ao seu bem, diretamente? Divindades do inferno! Quando os diabos querem dar corpo aos mais nefandos crimes, celestial aparências empresta, tal como agora faço. Pois, enquanto este imbecil honesto pede à bela Desdêmona que cure a sua sorte, e ela sobre isso insiste junto ao Mouro, veneno me deitarei no ouvido dele, com dizer que ela o faz só por luxúria; quanto mais houver feito ela por ele, mais, junto ao Mouro, há de perder o crédito.

Transformarei em pez sua virtude, e com a própria bondade apresto a rede que há de a todos pegar. (Volta Rodrigo.) Então, Rodrigo?

RODRIGO — Sigo-te nesta caçada não como um cachorro que persegue, mas como o que apenas completa a matilha. Já gastei quase todo meu dinheiro; esta noite fui sovado de rijo, estando certo de que o resultado final consistirá em ganhar experiência à custa própria, e, assim, sem dinheiro nenhum e com um pouco mais de sabedoria, voltar para Veneza.

IAGO — Quão pobre é quem carece de paciência! Qual é a ferida que não sara aos poucos? Bem sabes que eu trabalho com a cabeça, não por meio de mágica, e em tudo depende aquela do tardio tempo. Não vai tudo tão bem? Cássio bateu-te; e em troca dessas dores de brinquedo fizeste que ele o seu lugar perdesse. Posto szone o sol todos os frutos, os da primeira floração se tornam maduros mais depressa. Sê paciente. Mas, pela Missa! Já é quase dia! Os folguedos e a ação as horas fazem parecer muito curtas. Mas retira-te; vai logo para o teu alojamento. Não te demores, digo; mais de espaço te contarei o que há. Vamos, retira-te. (Sai Rodrigo.) E agora, duas coisas: sobre Cássio, falar minha mulher junto à senhora; vou concitá-la já. Nesse entrementes, chamarei o Mouro para que venha encontrar Cássio, quando falando estiver este com Desdêmona. Esse é o caminho certo; que a tardança não me faça perder a segurança. (Sai.)

### ATO III

#### Cena I

Chipre. Diante do castelo. Entram Cássio e alguns músicos.

CÁSSIO — Mestres, cantai; pagar-vos-ei o incômodo. Algo bem curto; e, ao fim, falai desta arte: “Bom dia, general!”

(Música.) (Entra o bobo.)

BOBO — Olá, mestres! Vossos instrumentos estiveram em Nápoles, para falarem assim pelo nariz?

PRIMEIRO MÚSICO — Como assim, senhor?



BOBO — Por obséquio: é a isso que chamais instrumentos de vento?

PRIMEIRO MÚSICO — Perfeitamente, senhor. BOBO — Então eles devem ter um apêndice.

PRIMEIRO MÚSICO — Como apêndice, senhor?

BOBO — Ora, senhor, como muitos instrumentos de vento que eu conheço. Mas, caros mestres, trago-vos este dinheiro. O general aprecia tanto vossa música, que em nome da amizade vos pede não continuardes com esse barulho.

PRIMEIRO MÚSICO — Perfeitamente, senhor; não continuaremos.

BOBO — Se tiverdes alguma música que não se ouça, então que venha essa; mas com a que se ouve, o general não se preocupa, nem eu tampouco.

PRIMEIRO MÚSICO — Dessa espécie não temos, senhor.

BOBO — Nesse caso, enfiai as flautas nos sacos, porque preciso retirar-me. Vamos!

Desaparecei no ar! Toca!

(Saem os músicos.)

CÁSSIO — Estás ouvindo, meu honesto amigo?

BOBO — Não; não estou ouvindo vosso honesto amigo; estou vos ouvindo.

CÁSSIO — Por obséquio, para com essas graças. Aqui tens uma pequena moeda de ouro. Se a dama de companhia da senhora do general já estiver de pé, dize-lhe que aqui fora se encontraram certo Cássio que solicita dela alguns momentos de atenção. Far-me-ás isso?

BOBO — Ela já está de pé, senhor; no caso de vir ela até este ponto, dar-lhe-ei vosso recado.

CÁSSIO — Sim, caro amigo. (Sai o bobo.) (Entra Iago.) Em feliz hora, Iago.

IAGO — Então, não vos deitastes?

CÁSSIO — Oh, não! Raiou o dia, quando nos separamos. Tomei, Iago, a liberdade de mandar um próprio chamar vossa mulher; quero pedir-lhe obséquio de me obter uma entrevista com a virtuosa Desdêmona.

IAGO — Sem falta, farei que vos procure agora mesmo. Além do mais, vou arranjar um meio para distrair o Mouro e, assim, poderdes falar de vosso assunto livremente.

CÁSSIO — De todo coração vos agradeço. (Sai Iago.) Nunca vi florentino tão honesto e serviçal.

(Entra Emília.)

EMÍLIA — Bom dia, bom tenente. Estou penalizada por vos terdes desavindo com Otelo. Mas em pouco, tudo acabará bem. Neste momento o general e a esposa falam nisso, com ardor pleiteando ela vossa causa. Mas o Mouro lhe objeta que a pessoa que feristes é em Chipre conceituada e de alta parentela, aconselhando-o por isso, a demitir-vos a prudência. Por outro lado, afirma que vos ama, não tendo precisão de outros padrinhos além da afeição própria, e que só espera momento azado para reintegrar-vos.

CÁSSIO — Contudo, vos suplico — se julgardes conveniente ou possível — a vantagem me obterdes de eu falar a sós com ela, numa entrevista curta.

EMÍLIA — Por obséquio, acompanhai-me. Arranjarei as coisas de modo que possais com liberdade desafogar o peito.

CÁSSIO — Agradecido vos sou de todo o coração por isso.

(Saem.)

## Cena II

Um quarto no castelo. Entram Otelo, Iago e gentis-lhe

OTELO — Iago, entrega estas cartas ao piloto, e que ao Senado ele me recomende. Nesse entretanto, vou olhar as obras; vai ter comigo lá.

IAGO — Perfeitamente, meu bom senhor.

OTELO — Quereis, meus caros nobres, inspecionar aquela fortaleza?  
 GENTIS-HOMENS — Estamos ao dispor de Vossa Graça.  
 (Saem.)

### Cena III

Diante do castelo. Entram Desdêmona, Cássio e Emília.

DESDÊMOMA — Podeis ficar tranquilo, meu bom Cássio; farei por vós o que me for possível.  
 EMÍLIA — Sim, bondosa senhora; meu marido se aborreceu tanto com isso, como se fosse dele o caso.

DESDÊMOMA — Oh! Que homem de valor! Não tenhais dúvida, Cássio, que hei de fazer que vós e Otelo vos torneis bons amigos como dantes.

CÁSSIO — Generosa senhora, seja a sorte qual for de Miguel Cássio, nunca ele há de ser outra coisa, senão tão-somente vosso leal servidor.

DESDÊMOMA — Tenho certeza disso e vos agradeço. Amais a Otelo; há muito o conheceis. Ficai, pois, certo de que a frieza dele durará somente, enquanto as conveniências o exigirem.

CÁSSIO — Pois não, senhora; mas as conveniências poderão ser morosas e viverem com dieta tão aguada e delicada ou com tais circunstâncias se nutrirem, que, ausente eu me encontrando e já ocupado meu posto, acabará por olvidar-se meu general do meu amor e préstimos.

DESDÊMOMA — Que isso não te preocupe. Aqui, em frente de Emília te asseguro o antigo posto. Podes ficar tranquilo; quando eu faço um voto de amizade, cumpro-o à risca. Meu marido não mais terá sossego; hei de amansá-lo à custa de vigílias; sua paciência será posta à prova; escola vai virar o leito dele; confessionário, a mesa. Em tudo quanto quiser fazer, misturarei a súplica de Cássio. Por tudo isso, Cássio, alegre-te; porque, antes de desistir de tua causa há de adiva perder teu advogado.

(Entram Iago e Otelo e se conservam adistância.)

EMÍLIA — Senhora, aí vem meu amo. CÁSSIO — Senhora, aqui despeço-me.

DESDÊMOMA — Esperai para ouvir-me defender-vos.

CÁSSIO — Noutra ocasião, senhora; estou indisposto e incapaz de servir meu próprio intuito.

DESDÊMOMA — Como quiserdes. (Sai Cássio.)

IAGO — Isso não me agrada! OTELO — Como disseste?

IAGO — Nada, meu senhor; ou, talvez... Já não sei.

OTELO — Não era Cássio que estava a conversar com minha esposa?

IAGO — Cássio, senhor? Acreditar não posso que ele como culpado se esgueirasse, quando vos viu chegar.

OTELO — Creio que era ele.

DESDÊMOMA — Oh! meu marido! Estive a conversar com um suplicante; que vosso desfavor faz definhar.

OTELO — A quem vos referis?

DESDÊMOMA — Oh! a vosso tenente Cássio. Caro marido, se eu possuo graça ou força para vos comover, reconciliai-vos com ele desde já. Senão se trata de uma pessoa que vos é afeiçoada sinceramente, e errou mais por descuido do que por intenção, não sei, de fato, reconhecer uma feição honesta. Peço-te que o reintegres no seu posto.

OTELO — Daqui não saiu ele agora mesmo?

DESDÊMOMA — Sim, e tão abatido que comigo deixou parte das mágoas que ainda me compungem. Chama-o, caro!

OTELO — Mais tarde, agora não, cara Desdêmona.

DESDÊMOMA — Mas será logo?

OTELO — Logo que possível, minha querida, já que assim desejas.

DESDÊMOMA — Hoje de noite, à ceia? OTELO — A noite, não.

DESDÊMONA — Então amanhã cedo, à hora do almoço?

OTELO — Não estarei em casa amanhã cedo; almoçarei com os capitães no forte.

DESDÊMONA — Quando? Amanhã à noite? Ou terça-feira pela manhã? ou à noite? ou quarta-feira cedinho? Por obséquio: marca a data;contanto que não passe de três dias.

Arrependeu-se, é certo. Aliás, seu erro, segundo o são juízo — se não fosse dizerem que na guerra é necessário castigar os melhores, para exemplo — é falta que mal pode ser punida.

Quando poderá vir? Dizei-me, Otelô. Pergunto-me, admirada, o que podíeis pedir-me que eu negasse, ou me deixasse vacilante a esse ponto. É incompreensível! Miguel Cássio, esse mesmo que se achava convosco, quando a corte me fizestes, e que, mais de uma vez, se acontecia eu de vós dizer algo em desacordo, vos defendia logo: terei tanto trabalho para reempossá-lo agora? Acreditai-me: eu poderia muito...

OTELO — Por favor, não prossigas. Pois que venha, quando bem entender; não te recuso coisanenhuma.

DESDÊMONA — Ora, isso não é graça; é como se eu pedisse que pusésseis as luvas ou comêsseis pratos pingues, não vos resfriásseis, insistindo muito sobre algo que vos fosse de proveito. Não; se vos faço algum pedido, para pôrvosso amor à prova, será sempre de muito peso emui penoso fardo, de grave concessão.

OTELO — Não te recuso coisa nenhuma. Mas, por isso mesmo te suplico um favor; vais conceder-me, deixando-me um pouquinho a sós comigo.

DESDÊMONA — Eu, recusar-to? Não. Adeus, senhor.

OTELO — Adeus, querida; é só por unsmomentos.

DESDÊMONA — Emília, vamos logo. Seja tudo como vossos caprichos entenderem. Tal como fordes, hei de obedecer-vos. (Sai com Emília.)

OTELO — Adorável criatura! Que minha alma apanhe a perdição, se eu não te amar; e se não te amo, que este mundo volte de novo para ocaos.

IAGO — Nobre senhor... OTELO — Que queres, Iago?

IAGO — Acaso Miguel Cássio estava a par devossos sentimentos, quando a corte fizestes à senhora?

OTELO — Desde o início até o fim. Por que operguntas?

IAGO — Para satisfazer o pensamento; não há malícia alguma.

OTELO — Como, Iago! Que pensamento?

IAGO — É que eu pensava que ele então nãoa conhecesse.

OTELO — Oh! Conhecia! Muitas vezes serviude intermediário entre nós dois.

IAGO — Realmente?

OTELO — Sim, realmente. Encontras algo, nisso, censurável? Ele não é honesto?

IAGO — Honesto, meu senhor? OTELO — Honesto, sim; honesto. IAGO — Por tudo o que sei dele... OTELO — E que é que pensas?

IAGO — Que penso, meu senhor?

OTELO — “Que penso, meu senhor?” Oh! Pelo céu! Ele me serve de eco! Só parece que traz no pensamento um monstro horrível, horrível por demais, para ser visto. Alguma coisa deves ter em mente. Há pouco, quando Cássio se afastava, Iago, disseste-me: “Isso não me agrada”. Que é que não te agrada? E ao declarar-te que ele de confidente me servira, quando eu fazia a corte à minha esposa, exclamaste: “Realmente?” e contraíste, fechaste o sobrecenho, parecendo que trancavas, então, dentro do cérebro, alguma ideia horrível. Caso me ames, revela-me o que pensas.

IAGO — Sabeis, senhor, quanto vos querebem.

OTELO — Sei disso; e por saber quanto és honesto, quanta afeição albergas, e que pesas tuas palavras antes de insuflar-lhes o sopro animador, mais intranquilo me deixa o interrompê-las. Se essas coisas se passassem com algum sujeito à-toa, sem lealdade nem fé, eu as tomara por manhas habituais. Em se tratando, porém, de um homem justo, são avisos e delaçõessinceras, escapadas de um coração que dominar não pode seus próprios movimentos.

IAGO — Quanto a Cássio, atrevo-me a jurar que ele é honesto.

OTELO — É também o que eu penso.

IAGO — Deveriam os homens ser somente o que parecem, ou então não parecer o que não fossem.

OTELO — Sim, deveriam ser o que parecem.

IAGO — Sendo assim, considero Cássio honesto.

OTELO — Não, não; ocultas algo. Peço-te que me fales o que pensas, como as ideias fores ruminando, e as mais terríveis digas com palavras mais terríveis também.

IAGO — Senhor, perdoai-me; mas conquanto obrigado esteja a todos os atos do dever, sinto-me livre para me recusar a fazer algo que dos próprios escravos não se exige. Qual é o palácio em que não se introduzem, por vezes, coisas sujas? E que peito tão puro pode haver, que não contenha culpáveis apreensões, que não se assentem nos tribunais, para emitir sentenças lado a lado às ideias mais legítimas?

OTELO — Conspiras, Iago, contra teu amigo se, julgando-o ultrajado, seus ouvidos deixas como estrangeiros ao que pensas.

IAGO — Suplico-vos, no caso de algo errôneo haver no que suspeito — pois confesso que minha natureza se ressentir desse defeito de aventar maldades e que por vezes meu ciúme inventa faltas que não existem — que ora a vossa sabedoria não empreste a mínima importância a quem pensa por maneira tão defeituosa, nem fundeis vexames no que ele possa ter conjeturado por modo tão disperso e pouco firme. Não fora de vantagem para vosso repouso e paz de espírito, nem para minha sabedoria, honestidade, meus sentimentos de homens, conhecerdes o que ora estou pensando.

OTELO — Que pretendes dizer com isso? IAGO — Um nome imaculado, caro senhor, para a mulher e o homem é a melhor joia da

alma. Quem da bolsa me priva, rouba-me uma ninharia; é qualquer coisa, nada; pertenceu-me, é dele, escravo foi de mil pessoas. Mas quem do nome honrado me espolia, me priva de algo que não o enriquece, mas me deixa paupérrimo.

OTELO — Pelo céu, saber quero o que ora pensas.

IAGO — Não o poderíeis, mesmo que tivésseis meu coração nas mãos, máxime, achando-se ele sob minha guarda.

OTELO — Ah!

IAGO — Acautelai-vos senhor, do ciúme; é um monstro de olhos verdes, que zomba do alimento de que vive. Vive feliz o esposo que, enganado, mas ciente do que passa, não dedica nenhum afeto a quem lhe causa o ultraje. Mas que minutos infernais não conta quem adora e duvida, quem suspeitas contínuas alimenta e ama deveras!

OTELO — Oh miséria!

IAGO — Quem com sua pobreza está contente, é rico, muito rico; mas riquezas infinitas são como o frio inverno, para quem mede tem de ficar pobre. Livrai-me, céu bondoso, e as almas todas de minha tribo, de sentir ciúmes!

OTELO — Por quê? Por que tudo isso? Crês, de fato, que eu passaria a vida tendo ciúmes e as mudanças da lua acompanhara com suspeitas crescentes? Não; a dúvida já me traria a solução do caso. Troca-me por um bode, se o andamento de minha alma eu torcer, com base apenas em infladas e vácuas conjeturas, como ora as apresentas. Não me deixa enciumado dizerem-me que minha mulher é linda, que aprecia a mesa, gosta da sociedade, é de linguagem mui desembaraçada, dança, canta e representa bem. Onde há virtude, tudo isso mais virtuoso, ainda, se torna. Não tirarei de meu modesto mérito o menor medo ou dúvida a respeito de seu procedimento; ela tinha olhos e me escolheu. Não, Iago; primeiro hei de ver para duvidar. E após a dúvida, precisarei de provas; feitas essas, uma só coisa resta: liquidemos de vez o amor e o ciúme.

IAGO — Isso me alegra, porque me enseja base suficiente para provar-vos com mais franco espírito a afeição e lealdade que vos voto. Assim, já que o dever a isso me obriga, sincero vou falar, mas não de provas, por enquanto. Vigiai vossa consorte; observai bem como ela e Cássio falam; lançai-lhe olhar assim, nem enciumado, nem confiante demais. Não desejara que vossa natureza leal e nobre vítima viesse a ser por causa, apenas, da generosidade que lhe é

própria. Vigiai-os bem. Conheço minha terra; em Veneza as mulheres não se correm de confessar ao céus leviandades que ocultam dos maridos. Para todas a virtude consiste apenas nisto: Não deixesde fazer, mas em segredo.

OTELLO — Crês que seja assim mesmo?

IAGO — Ao pai ela enganou com desposar-vos; ao fingir que tremia à vossa vista, mas vos era afeiçoada.

OTELLO — Isso é verdade.

IAGO — Tirai a conclusão: uma donzela que finge a ponto de deixar os olhos do pai como vendados, obrigando-o a achar que era feitiço..., Mas confesso-me passível de censura. Humildemente vos peço me perdoeis tantaamizade.

OTELLO — Obrigado te fico para sempre.

IAGO — Percebo que ficastes abalado com o que vos disse.

OTELLO — Nada! Nem um pouco!

IAGO — Em verdade, receio-o. Mas espero que considerareis tudo o que eu disse como oriundo, tão-só, do meu afeto. Mas estaiscomovido. Instantemente vos peço não tirar de meu discurso forçadas conclusões, nem distendê-lo senão até à suspeita.

OTELLO — Apenas isso.

IAGO — Se tal fizésseis, meu senhor, tiráreis de minha fala consequências crassas, que não me

obriga a mente. Considero Cássio meu digno amigo. Porém vejo, senhor, quanto abalado...

OTELO — Nada disso! Mas não posso deixar de ter Desdêmona como muito virtuosa.

IAGO — Vida longa à tenha assim, e vóstambém, guardando semelhante certeza.

OTELO — No entanto, como pode transviar-se a natureza...

IAGO — Sim, esse é o ponto. Para falar franco convosco: recusado a ver propostas de casamento de sua própria terra, estado e parentesco, em que se achara conforme em toda própria natureza... Bah! poder-se-ia farejar no caso uma vontade mais do que corrupta, instintos pervertidos, pensamentos contrários à natura. Mas perdoai-me; não avanço essas coisas, tendo em vista a ela precisamente, muito embora chegue a recear que seus desejos possam vir dar de encontro a um juízo mais sadio e com seus compatriotas confrontar-vos, levando-a, porventura, a arrepender-se.

OTELO — Adeus, adeus; se de algo mais souberes, não deixes de contar-mo. Dá à tua esposa a incumbência de espia-la. Deixa-me, Iago.

IAGO — Despeço-me, senhor. (Retirando-se.)

OTELO — Por que me casei? Esta criatura honesta sabe mais, muito mais do que revela.

IAGO (retornando) — Desejara, senhor, poder pedir-vos que não pensásseis mais sobre esse assunto. Confiai-o ao tempo. Embora Cássio deva ser reintegrado em seu antigo posto — em que, em verdade, ele se desempenha com muita habilidade — no entanto se mantê-lo quisésseis afastado mais algum tempo, poderíeis logo conhecer o indivíduo e seus processos. Notai-se vossa esposa pede a volta dele com insistência muito incômoda. Já fora muita coisa. Nesse meio, deixai-me parecer exagerado nos meus receios — como tenho causas para pensar que o seja — e inteiramente livre a deixai; é o que a Vossa Honra eu peço.

OTELO — Serei discreto em tudo.

IAGO — Mais uma vez despeço-me. (Sai.)

OTELO — Esse rapaz é a própria honestidade; de espírito experiente, os móveis todos discernir sabe das ações humanas: Se ele se revelar falcão rebelde, ainda que seus atilhos fossem fibras do próprio coração que aqui me bate, assobiarei, soltando-a, para que alce voo a favor do vento e faça presas como a sorte o ensejar. Porque sou negro e de fala melíflua não disponho qual petimetre, ou porque já me encontro no declive da idade — mas não tanto — ela se foi havendo-me enganado. Meu consolo vaizer agora, apenas, ter aversão por ela. Oh! Maldição do casamento! Ser-nos facultado nossas chamadas a essas criaturas frágeis e não seus apetites! Preferira ser um sapo e viver só dos vapores de um cárcere, a ceder uma partícula da coisa amada para que outrem a use. Serem os grandes sempre flagelados por ter quinhão menor que o dos pequenos, é coisa inevitável como a morte. Esta peste farpada já se achava para nós destinada ao nascimento. Mas vede que ela chega! Se for falsa, é que o céu de si próprio está zombando.

(Entram Desdêmona e Emília.)

DESDÊMOMA — Então, querido Oteló? A ceia e os nobres insulanos que havéis convidado estão à vossa espera.

OTELO — Sou passível de censura. DESDÊMOMA — Por que falais tão fraco? Sentis-vos indisposto?

OTELO — Dói-me a fronte.

DESDÊMOMA — É que tendes velado todo o tempo. Há de passar; deixai que vos aperte bem a cabeça e heis de sarar numa hora.

OTELO — É por demais pequeno vosso lenço. (Desdêmona deixa cair o lenço.) Deixai! Deixai! Vamos; irei convosco.

(Saem Oteló e Desdêmona.)

EMÍLIA — Fico contente por haver achado justamente este lenço, que é a primeira lembrança a ela ofertada pelo Mouro. Meu estranho marido umas cem vezes me pediu que oroubasse. Mas tão grato para ela é o mimo — por pedir-lhe o esposo que o conservasse sempre — que a toda hora o traz consigo, e o beija, e com ele fala. Mandarei que me tirem uma cópia e darei este a Iago. Qual a sua intenção, não sei dizê-lo; mas seus caprichos me despertam zelo.

(Entra Iago.)

IAGO — Que fazeis aqui só?

EMÍLIA — Não vos zangueis; tenho um presente a dar-vos.

IAGO — Um presente? Coisa é muito comum...

EMÍLIA — Ah!

IAGO — ... ter uma mulher louca.

EMÍLIA — Oh! nada mais? Então, que me daríeis por este lenço aqui?

IAGO — Como! Que lenço?

EMÍLIA — Que lenço? Ora, o que o Mouroudeu como primeiro mimo de seu amor, e memandastes tantas vezes roubar.

IAGO — Dela o tiraste?

EMÍLIA — Não; por descuido ela o deixou cair. Aproveitando o ensejo, estando eu perto, levantei-o do chão. Ei-lo; aqui o vedes.

IAGO — És uma rapariga e tanto! Dá-mo.

EMÍLIA — Que pretendeis fazer com ele, para que me pedísseis com tamanho empenho que o escamoteasse?

IAGO — E que vos importa isso? (Arrebata-lhe o lenço.)

EMÍLIA — Se não for para alguma coisa boa, restitui-mo. Coitada da senhora! Ficará louca ao dar por falta dele.

IAGO — Finge que nada sabes. Tenho emprego para ele. Podes ir. (Sai Emília.) Dentro do quarto de Cássio jogarei o lenço, para que ele o venha a encontrar. As ninharias leves com o ar, para quem tem ciúmes, são verdades tão firmes como trechos da sagrada Escritura. Disto pode sair alguma coisa. Meu veneno já produziu alterações no Mouro. Certos conceitos são por natureza verdadeiros venenos que, de início, não p~~e~~n nenhuma repugnância, mas logo que no sangue atuam, queimam como mina de enxofre. Não me engano. Ei-lo que chega! (Entra Otelu.) Agora, nem papoula, mandrágora, nem todos os xaropes sonolentos do mundo poderiam dar-te de novo o doce sono de ontem.

OTELU — Ah! Ah! Ela, enganar-me?

IAGO — Então, meu general? Parai com isso.

OTELU — Retira-te! Retira-te! Puseste-me a pratos. Pelo céu, é preferível ser enganado muito, a saber pouco do que se passa.

IAGO — Como, meu senhor?

OTELU — Que percepção eu tinha de suas horas roubadas de luxúria? Não sabia de nada, não pensava em coisa alguma, nada me compungia. A noite toda dormia bem; livre me achava e alegre. Não encontrava em sua boca os beijos de Cássio. Quem não dá por falta nunca dealgo que lhe tirassem, continue na ignorância, pois nunca foi roubado.

IAGO — Entristece-me ouvir-vos.

OTELU — Feliz teria sido, muito embora todoo campo, inclusive a recovagem, lhe tivesse provado o doce corpo, sem que eu conhecimento houvesse disso. Oh! mas agora, adeus tranquilidade de espírito! Oh! Adeus, contentamento! Para sempre. Adeus, tropas de penacho, exércitos altivos, que em virtudemudam toda ambição! Adeus! Adeus! Adeus cavalos relinchantes, trompas belicosas, tambores animosos, pífaros estridentes, reaisbandeiras, tudo o que o orgulho constitui, a pompa e a aparelhagem da gloriosa guerra! E a vós também, adeus, mortais engenhos, cujas rudes gargantas os estrondos terrorantes imitam do alto Jove: a obra de Otelu já não tem sentido.

IAGO — É possível, senhor?

OTELU — Infame, dá-me a prova de que minha mulher é prostituta. Fica certo: quero prova evidente; ou, pelo mérito de minha alma imortal, melhor te fora teres nascido cão que responderes agora à minha cólera desperta.

IAGO — Chegamos a esse ponto?

OTELU — Quero prova visível ou, no mínimo, uma coisa que não tenha nem gancho nem presilha onde a dúvida possa pendurar-se. Senão, ai de tua vida!

IAGO — Muito nobre senhor...

OTELO — Se a caluniaste e me torturas, rezar já não precisas; abandona todo o remorso; sobre o horror empilha novos horrores; com teus crimes fazes chover o céu, estarrecer a terra; não acrescentarás mais nada à tua condenação que aquilo sobrepuje.

IAGO — Oh Graça! Céu, ampara-me! Sois homem? Tendes alma e sentidos! Deus vos guarde. Tirai-me o posto. Ó desgraçado idiota, teres vivido até hoje, para veres tachar de vício tua honestidade! Mundo monstruoso! Toma nota, mundo! É perigoso ser sincero e honesto. Agradeço a lição; mas doravante renuncio à amizade, pois ofensa pode causar quem nisso menos pensa.

OTELO — Não, fica; deverias ser honesto.

IAGO — Não; deverá ser sábio. A honestidade, como tolo, ao patrão só dá prejuízo.

OTELO — Pelo mundo! Ora penso que é virtuosa, ora penso que é infiel; sincero te acho, e, ao mesmo tempo, falso. Quero provas. O nome dela, que era tão singelo como o rosto de Diana, ora se encontra como meu próprio rosto: negro e sujo. Se cordas ainda houver, facas, veneno, fogo ou água asfíxiante, então não hei de suportar esse insulto. Oh! se eu tivesse uma prova qualquer!

IAGO — Meu senhor, vejo que a paixão vos corrói. Arrepentido me sinto por ter sido a causa disso. Quereríeis a prova?

OTELO — Quereria, não; quero!

IAGO — Podeis tê-la. De que modo? Como haveis de vos dar por convencido? Aberta a boca, ficareis no posto de espectador estúpido, no instante em que ela for coberta?

OTELO — Morte e inferno.

IAGO — Quero crer que seria uma tarefa assaz dificultosa convencê-los a se deixarem ver sob esse aspecto. O demo que os carregue, se possível for a olhar de mortais, tirante o deles, vê-los deitados juntos. Que me resta para dizer? Que provas posso dar-vos? Não vos será possível ver tal coisa, embora ardentes fossem como bodes, quentes como macacos, luxuriosos como lobos nocivos e tão grosseiros como o ser mais alvar, quando embriagado. Contudo, vos direi, se alguns indícios, circunstâncias de peso, que conduzem diretamente à porta da verdade vos deixarem convicto, haveis de tê-las.

OTELO — Dá-me uma prova real de que ela é falsa.

IAGO — Não me agrada esse ofício. Mas já que fui tão longe nesse caso, levado pela honestidade estúpida e a amizade, tão-só, não me detenho. Passei com Cássio uma das noites últimas; mas por estar sentindo dor de dentes, não podia dormir. Ora, há pessoas de alma tão largada que no sono revelam seus negócios. Cássio é dos tais; pois estando a dormir, ouvi quando ele murmurava: “Desdêmona querida, sejamos cautelosos, encubramos bem nosso amor!” Então, senhor, pegando-me das mãos e as apertando, suspirava: “Oh criatura adorável!” e beijava-me com tamanho furor, como se os beijos pela raiz colhessem de meus lábios. Depois, a perna colocou por cima de minha coxa, suspirou, beijou-me de novo e disse: “Oh fado amaldiçoado, que te foi entregar para esse Mouro!”

OTELO — Oh! Monstruoso! Monstruoso! IAGO — Mas tudo isso era somente sonho.

OTELO — Sim, mas sonho que experiências passadas nos inculcam; suspeita atroz, embora só de sonhos.

IAGO — E que podem deixar mais consistentes outras provas que tênues ainda se achem.

OTELO — Vou deixá-la em pedaços.

IAGO — Sede cauto; ainda não vimos nada; é bem possível que seja honesta. Ora dizei-me apenas o seguinte: não vistes porventura na mão de vossa esposa, algumas vezes, um lenço com bordados de morangos?

OTELO — Dei-lhe um assim; foi meu primeiro mimo.

IAGO — Ignorava esse fato; porém tenho certeza plena de ter hoje visto Cássio passar na barba um lenço desses, que foi de vossa esposa.

OTELO — Se era o mesmo...

IAGO — O mesmo, ou outro qualquer dos lenços dela, é prova muito forte, ao lado de outras.

OTELO — Oh! Se a escrava tivesse dez mil vidas! Uma só será pouco, muito pouco, para minha vingança. Agora vejo que tudo era verdade. Iago, olha aqui: sopro assim para o céu meu amor



néscio; já não existe. Negra vingança, surge dooco inferno! Passa tua coroa, ó amor, e o trono do coração para o ódio mais ferino! Intumesce-te, peito, com tua carga de línguas de serpentes!

IAGO — Ficai calmo.

OTELO — Oh! Sangue! sangue! sangue!

IAGO — Ficai calmo, torno a dizer; podeis mudar de ideia.

OTELO — Jamais, Iago. Tal como o PontoEuxino, cuja corrente fria e o forte curso não se ressentem do refluxo nunca, e seguem sem parar para a Propôntida, para o Helesponto: assim meus pensamentos sanguinários, com passos furibundos avançam sempre, sem jamais olharem para trás nem refluírem para o amor, até que uma vingança avassalante e ampla os envolva e absorva. (Ajoelhando-se.) Por aquele céu de mármore, empresto a essas palavras a gravidade de um sagrado voto.

IAGO — Não vos levanteis ainda. (Ajoelha-se.) Testemunhas me sede, luzes sempiternas do alto; vós, também, elementos, que por todas as partes nos cingis: Iago dedica as mãos, o coração e todo o espírito ao ultrajado Otelô. Dando ele ordens, por mais cruéis que sejam, será caso, para mim, de consciência, obedecer-lhe.

OTELO — Agradeço teu voto, não com termos formais, apenas, mas com sentimento de gratidão, estando decidido a recorrer já aos teus serviços: nestes três dias quero que me digam que Cássio já morreu.

IAGO — Morto está meu amigo; será feita vossa vontade. Mas poupai Desdêmona.

OTELO — Que baixe para o inferno essa lasciva prostituta! Que baixe para o inferno! Fica à parte comigo; retirar-me desejo, para refletir em alguma modalidade suave de extermínio para esse belo diabo. Doravante serás o meu tenente.

IAGO — E eu me declaro vosso por toda a vida.  
(Saem.)

#### Cena IV

Diante do castelo. Entram Desdêmona, Emília e o bobo.

DESDÊMOMA — Maroto, por acaso sabes onde pousa o tenente Cássio?

BOBO — Não me atrevo a dizer que ele pouse em qualquer parte.

DESDÊMOMA — Por quê, homem?

BOBO — Por ser ele soldado; dizer que um soldado pousa, é arriscar-se a ser apunhalado.

DESDÊMOMA — Vamos, dize, maroto! Onde ele mora?

BOBO — Se eu vos dissesse onde ele mora, era o mesmo que dizer onde iria pôr o pescoço.

DESDÊMOMA — Haverá quem possa entender isso?

BOBO — Não sei onde ele mora; se lhe atribuisse qualquer morada e vos dissesse que ele se deita neste ou naquele lugar, seria pôr em risco o próprio pescoço.

DESDÊMOMA — E não poderias informar-te esse respeito?

BOBO — Vou catequizar o mundo inteiro a respeito dele, isto é, apresentar perguntas e responder a elas.

DESDÊMOMA — Vai procurá-lo e dizer-lhe que venha até aqui. Participa-lhe que eu já deixei meu marido inclinado a seu favor, e que espero termine tudo bem.

BOBO — Semelhante incumbência cai dentro do âmbito do entendimento humano; por isso vou tentá-la. (Sai.)

DESDÊMOMA — Onde eu deixei aquele lenço, Emília?

EMÍLIA — Não sei, minha senhora.

DESDÊMONA — Podes crer: preferira ter perdido minha bolsa, repleta de cruzados. Não fosse ter meu pobre Mouro o espírito estreme de suspeita e das escórias das criaturas ciumentas, essa perda poderia inspirar-lhe pensamentos de todo mau.

EMÍLIA — Ele não é ciumento?

DESDÊMONA — Quem? Ele? Ao vir ao mundo, estou bem certa, o sol lhe retirou do sangue todos os humores do ciúme.

EMÍLIA — Ei-lo que chega!

DESDÊMONA — Não o deixarei, enquanto no seu posto não tiver sido Cássio reintegrado. (Entra Otelo.) Como passais, senhor?

OTELO — Dai-me essa mão. Úmida está, senhora.

DESDÊMONA — Até este instante, não conheceu velhice nem cuidados.

OTELO — Isso revela desperdício e, em tudo, coração liberal. Úmida e quente! Esses sinais indicam que é preciso cercear a liberdade e, assim, impor-vos jejuns e rezas, pios exercícios e mortificações, pois um demônio suarento aqui demora, que costuma rebelar-se. A mão tendes muito boa, muito franca, em verdade.

DESDÊMONA — A vós assiste razão para afirmá-lo, pois foi ela que de meu coração vos fez presente.

OTELO — Mão liberal. Os corações antigos davam mãos; mas a nova ciência heráldica de coração carece; só tem mãos.

DESDÊMONA — Sobre isso nada entendo.

Mas falemos outra vez da promessa.

OTELO — Que promessa, minha pomba? DESDÊMONA — Mandei recado a Cássio, para vos vir falar.

OTELO — Estou sofrendo de um catarro importuno. Por obséquio, empresta-me teu lenço.

DESDÊMONA — Ei-lo, senhor. OTELO — Aquele que vos dei. DESDÊMONA — Não o tenho aqui. OTELO — Não?

DESDÊMONA — Realmente, senhor.

OTELO — É grande falta. Esse lenço foi dado a minha mãe por uma egípcia. Era uma feiticeira que podia ler, quase, os pensamentos das pessoas. Disse-lhe, então, que enquanto o conservasse, grata a meu pai seria, e ao amor dela preso o teria sempre. Mas no caso de perdê-lo presente fazer dele, os olhos de meu pai com repugnância passariam a vê-la e seu espírito correria após outras fantasias. Ao morrer, minha mãe mo deu de herança, tendo recomendado que, no instante em que o destino me trouxesse esposa, com ele a apresentasse, o que já fiz. Tomai cuidado, pois, e o tende sempre como joiatão cara quanto os olhos. Perdê-lo ou dá-lo a alguém fora desgraça de proporções incriveis.

DESDÊMONA — É possível?

OTELO — É como estou dizendo. Seu tecido contém virtude mágica; por uma sibila que na terra já contara do sol duzentas voltas foi bordado durante acessos de furor profético. De vermes consagrados viera o fio, que tinto foi no suco retirado de corações de virgens e habilmente conservado até então.

DESDÊMONA — Realmente! É certo?

OTELO — Mais do que certo. Assim, tomai cuidado.

DESDÊMONA — Quem dera, então, que nunca o houvesse visto!

OTELO — Oh! Por quê?

DESDÊMONA — Por que causa me falais assim brusco e violento?

OTELO — Foi perdido? Como? Dizei-me: não podeis achá-lo?

DESDÊMONA — O céu nos abençoe. OTELO — Que disseste?

DESDÊMONA — Perdido não se encontra.

Mas, no caso...

OTELO — Como?

DESDÊMONA — Repito: não está perdido. OTELO — Então trouxe-o aqui; desejo vê-lo.

DESDÊMONA — Ora, senhor; faria, se o quisesse; mas não agora. Vejo que isso é um meio para que eu não vos faça meu pedido. Por obséquio, chamai de novo Cássio.

OTELO — Ide buscar o lenço; meu espírito presente algo funesto.

DESDÊMOMA — Vamos, vamos; não achareisninguém mais competente.

OTELO — O lenço!

DESDÊMOMA — Por favor, falai de Cássio.OTELO — O lenço!

DESDÊMOMA — Uma pessoa que durante toda a vida fundou sua fortuna. sobre vossa amizade e sempre esteve nos perigos convosco.

OTELO — O lenço, digo!

DESDÊMOMA — Sois digno de censura.OTELO — Fora! Fora! (Sai.)

EMÍLIA — Então este homem não será ciumento?

DESDÊMOMA — Nunca o vi assim antes. É certeza conter aquele lenço algo de extraordinário. Desolada me sinto com sua perda.

EMÍLIA — Nem dois anos são suficientes para conhecermos os homens. São estômago, somente,e nós, os alimentos. Todos eles nos devoram comânsia; mas, repletos, nos vomitam. Oh! Cássio e meu marido!

(Entram Iago e Cássio.)

IAGO — Não há outro caminho senão esse;ela há de consegui-lo. Oh! Quanta sorte! Insisti junto dela.

DESDÊMOMA — Então, bom Cássio, que há de novo convosco?

CÁSSIO — Ainda e sempre, minha senhora, aquele meu pedido. Peço-vos que, por vossa interferência virtuosa, eu existir outra vez possa, voltando a ser um membro da amizade de quem com todo o coração venero. Basta de dilações; se minha falta tão mortal se afigura, que os serviços passados, as tristezas do presente e a determinação de comportar-me melhor para o futuro não conseguem devolver-me a amizade de meu chefe, que ao menos disso eu possa ter certeza. Já me fizera bem, pois assumira alegria forçada e me dispunha a aguardar o que a sorte me prestasse por vias diferentes.

DESDÊMOMA — Oh, três vezes amável Cássio! Minha intercessão, neste momento, está desafinada. Otelos está mudado; não me fora fácilreconhecê-lo, se o caráter alterado tivesse como o rosto. Tão certo como eu desejar a ajuda dos espíritos do alto, vossa causa foi por mim defendida com carinho, chegando eu, até mesmo,a transformar-me no alvo do seu desgosto pela minha franqueza de falar. É necessário mostrardes-vos paciente. Farei quanto me for possível; farei mais, ainda, do que me atreveria em causa própria. Que isso vos satisfaça por enquanto.

IAGO — O general acaso está irritado? EMÍLIA — Saiu daqui agora mesmo e, certo, num estado de estranha agitação.

IAGO — Ele, irritado? É incrível. Muitas vezes, muitas, vi o canhão lançar seus homens pelos ares e, como atroz demônio, seu próprio irmão dos braços arrancar-lhe. Mostrar-se ele irritado? Alguma coisa de grave aconteceu. Vou procurá-lo. Se está irritado, é que há motivo sério.

DESDÊMOMA — Faze isso, por obséquio. (Sai Iago.) Algum negócio, certamente, de Estado, oude Veneza, ou conluio, talvez, aqui de Chipre turvou-lhe o claro espírito. Em tais casos, danatureza humana é muito próprio irritar-se por coisas despiciendas, quando se ocupa com razõesde peso. É sempre assim. Quando nos dói o dedo,aos membros são ele transmite o incômodo. Não pensemos que os homens sejam deuses; esperar deles não podemos sempre tratamento de noivos.Mas tens muita razão, Emília, para censurar-me, pois me portei como guerreira injusta, na alma o acusando de ter sido duro; mas vejo que peitei astestemunhas e o acusei falsamente.

EMÍLIA — Praza aos céus que só sejam, mesmo, assuntos de Estado, como credes, não caprichos nem veneta de ciúme, que vos digam respeito mui de perto.

DESDÊMOMA — Oh dia infausto! Nunca lhe dei motivo para tanto.

EMÍLIA — Mas os ciumentos não atendem a isso; não precisam de causa para o ciúme: têm ciúme, nada mais. O ciúme é monstro que se geraem si mesmo e de si nasce.

DESDÊMOMA — Que o céu proteja o espírito de Otelos de semelhante monstro.

EMÍLIA — Amém, senhora.

DESDÊMOMA — Vou procurá-lo. Neste em meio, Cássio, ficai passeando aqui. Se o achar disposto, pleitearei vossa causa, sem recurso nenhum deixar de lado.

CÁSSIO — Agradecido vos fico humildemente. (Saem Desdêmoma e Emília.)  
(Entra Bianca.)

BIANCA — Bom dia, amigo Cássio.

CÁSSIO — Que negócios vos tiraram de casa? Como passa minha formosa Bianca? Francamente, caro amor, ia agora procurar-vos.

BIANCA — E a vossa casa eu também ia, Cássio. Uma semana ausente? Sete dias e sete noites? Cento e sessenta horas com mais oito dequebra? E horas passadas longe do amante, quemais longas são cento e sessenta vezes do que as horas do mostrador. Oh cálculo penoso!

CÁSSIO — Bianca, perdão. Todo esse tempo estive premido por preocupações de chumbo. Mas quando eu dispuser de alguma folga, riscarei essas dívidas da ausência. Querida Bianca, (Dando-lhe o lenço de Desdêmoma.) tira cópia disto.

BIANCA — De onde veio isto, Cássio? Algum presente, decerto, de outra amiga. Agora entendo o motivo da ausência tão sentida. Chegamos a esse ponto? Muito bem.

CÁSSIO — Saí daí, mulher! Jogai aos dentes do diabo vossas infernais suspeitas, pois dele as recebestes. Só ficastes com ciúme por pensardes que é lembrança de alguma amiga. Podeis crer-me, Bianca, juro que não.

BIANCA — Então, a quem pertence?

CÁSSIO — Não sei, querida; achei-o no meu quarto. Mas gostei do trabalho; e antes que o venham reclamar — o que certo não demora — quero mandar copiar esse desenho. Levai-o, pois, deixando-me sozinho.

BIANCA — Deixar-vos? Para quê?

CÁSSIO — Espero aqui o general e penso de nenhuma vantagem ser por ele visto na situação de amaridado.

BIANCA — E o motivo, senhor?

CÁSSIO — Não é por falta de amor da minha parte.

BIANCA — É só por falta de amor da vossa parte. Por obséquio, acompanhai-me um pouco e declarai-me se ainda vos verei antes da noite.

CÁSSIO — Não posso acompanhar-vos muito longe, pois neste ponto o espero. Será logo.

BIANCA — Que assim seja; terei de conformar-me.  
(Saem.)

## ATOIV

## Cena I

Chipre. Diante do Castelo. Entram Otelo e Iago.

IAGO — Será crível tal coisa? OTELO — Crível, Iago?

IAGO — Beijar às escondidas! OTELO — Foram beijos proibidos.

IAGO — Ou ficar uma hora ou duas nua no leito, ao lado de um amigo, sem ruins intenções.

OTELO — Nua no leito, sem ruins intenções? Hipocrisia fora, com relação ao próprio diabo. Osque assim fazem com tenções virtuosas, a virtudelhes tenta o diabo, enquanto tentam eles o céu.

IAGO — Se nada fazem é um pecado venial. Porém no caso de eu dar um lenço à minha esposa...

OTELO — E então?

IAGO — Ora, senhor; seria dela o lenço. E, dela sendo, penso que podia dá-lo a quem entendesse.

OTELO — Da própria honra ela é também guardiã. Por isso pode fazer presente dela?

IAGO — A honra é uma essência que não cai na vista. Muitas vezes a tem quem nunca a teve. Mas quanto ao lenço...

OTELO — Pelo céu! Mui de grado me esquecera de semelhante coisa. Ias dizendo — Oh! à memória me retorna o assunto como o corvo aos lugares emprestados. gritando a todos — Que ele tem meu lenço?

IAGO — Bem; e depois?

OTELO — É coisa muito grave.

IAGO — E que se dera se eu tivesse dito que ele vos ultrajara, ou que falara por aí fora, como certos biltres que — tendo conquistado alguma dama, ou por impertinência nos assaltos, ou com o consentimento dela própria. depois de convencida — de indiscretos falam por toda a parte.

OTELO — E ele, disse algo?

IAGO — Sim, senhor. Mas podeis ter a certeza de que não disse nada que não possa negar sob juramento.

OTELO — Que disse ele?

IAGO — Oh céu! Que tinham... Que sei eu?...

Que tinha...

OTELO — Quê? Quê? Falai. IAGO — Deitado...

OTELO — Quê! Com ela?

IAGO — Com ela ou em cima dela, o que quiserdes.

OTELO — Deitar-se ele com ela! Em cima dela! Dizemos que alguém se deita por cima dela, quando a está cobrindo. Deitar-se ele com ela! Oh! é asqueroso! O lenço... a confissão... o lenço! Confessar, e, pelo trabalho: forca! Primeiro, a forca; depois a confissão. Estou tremendo. A natureza não se deixaria abafar por sentimentos tão escuros, se não se tratasse de alguma advertência. Não me deixo abalar assim por meias palavras. Ora! Narizes, orelhas, lábios... Será possível? Confessai!... O lenço... Oh, diabo! (Cai com um ataque.)

IAGO — Trabalha, meu veneno! Trabalha! Desse modo é que pegamos os idiotas crédulos. E é assim, também, que muitas damas dignas e castas, sem senão, ficam faladas. Olá, senhor! Senhor, repito! Otelo! (Entra Cássio.) Então, Cássio?

CÁSSIO — Que é que houve?

IAGO — É um ataque de epilepsia que teve o general. Este é o segundo, pois já teve um ontem.

CÁSSIO — Friccionai-o nas têmporas.

IAGO — Deixemo-lo. Deve seguir seu curso a letargia, sem atropelos. Do contrário, em breve, com a boca ficará cheia de espuma, caindo, após, em furioso acesso de loucura. Ora vede: já se mexe. Ficai de lado por alguns instantes. Ele vai despertar. Após sua ida, quero falar-vos de um assunto grave. (Sai Cássio.) Como então, general! Não machucastes a cabeça?

OTELO — De mim estás zombando?

IAGO — Eu, zombando de vós? Não, pelo céu.

Como homem, suportai vosso destino.

OTELO — O homem de chifres é animal, é monstro.

IAGO — Então numa cidade populosa há muitos desses animais e muitos monstros civilizados.

OTELO — Ele próprio o contou?

IAGO — Meu bom senhor, sede homem e lembrai-vos de que todo tipo de barba, quando sob a canga, pode puxar convosco o mesmo carro. Há no mundo milhões de homens que dormem à noite em camas de outrem, cujos donos juram que são unicamente suas. Vosso caso é melhor. Oh! é ironia do inferno, arqui-sarcasmo do demônio beijar uma rameira em leitolimpo e imaginá-la casta. Não; preciso saber o que há; sabendo o que sou mesmo, sei o que vai ser dela.

OTELO — Tens razão; é assim mesmo.

IAGO — Ficai um pouco à parte; numa liça paciente confinai-vos. Enquanto vos acháveis dominado por vossa grande dor — paixão imprópria de um homem como vós — Cássio chegou. Mandeí-o embora, dando uma desculpa para vosso desmaio, mas lhe disse que aqui voltasse para conversarmos, no que ele concordou. Ficai de espia e observai seus remos e sarcasmos, o notável desdém que se lhe expande do rosto todo, pois pretendo agora levá-lo a relatar-me outra vez tudo: como, onde, de que modo, há quanto tempo, quantas vezes deitou-se e há de deitar-se com vossa esposa. Os gestos observai-lhe. Mas é preciso calma. Do contrário, direi que estais colérico e não tendes de homem coisa nenhuma.

OTELO — Ouves-me, Iago? Vou mostrar-me astucioso em minha calma, porém — estás me ouvindo? — sanguinário.

IAGO — Não será mal; mas tudo tem seu tempo. Não quereis afastar-vos? (Otelos coloca à parte.) Bem; agora vou conversar com Cássio sobre Bianca, rapariga que vende seus favores para comprar, com a venda, pão e roupa. É doidinha por Cássio; mas é sina das prostitutas enganarem muitos para pôr um, também, serem logradas. Quando ouve falar dela, quase estoura de tanto rir. A postos; aí vem ele. (Volta Cássio.) Com isso Otelos vai ficar furioso; seus ciúmes ignorantes não de errôneo sentido dar aos gestos e sorrisos do pobre Cássio e à sua leviandade. — Então, tenente, como estais agora?

CÁSSIO — Tanto pior, por me dardes esse título, cuja falta me mata.

IAGO — Com Desdêmona falai sobre isso, que obtereis o posto. (Abaixando a voz.) Se de Bianca o pedido dependesse, tudo se arranjará num momento.

CÁSSIO — Ah! Coitadinha dela!

OTELO (à parte) — Vede! Vede! Já começou a  
rir.

IAGO — Mulher alguma já vi que tanto amor  
tivesse a um homem, como ela vos dedica.

CÁSSIO — Pobre diaba! Creio que ela, realmente, me idolatra.

IAGO — Escuta, Cássio.

OTELO (à parte) — Agora ele o importuna, para que a história conte por miúdo. Continuai.  
Muito bem!

IAGO — Ela assoalha por aí fora que ides desposá-la. Haverá sombra de verdade  
nisso?

CÁSSIO — Ah ah, ah!

OTELO (à parte) — Romano, estás triunfando? Estás triunfando?

CÁSSIO — Eu, casar-me com ela? Um mulher pública? Por favor, sede mais complacente  
com meu espírito, não imaginando que ele esteja tão depravado. Ah, ah, ah!

OTELO (à parte) — Assim, assim ri quem está ganhando.

IAGO — É o que vos digo: corre por aí o boatode que ides desposá-la.

CÁSSIO — Por favor, deixai de brincadeira.

IAGO — Quero ser um biltre, se não estiverdizendo a verdade.

OTELLO (à parte) — Já me pusestes o ferrete?

Muito bem.

CÁSSIO — E aquela macaca mesma que anda dizendo isso. A ideia de que eu possa desposá-la nasceu de sua própria ilusão, não de qualquer promessa de minha parte.

OTELLO (à parte) — Iago me fez um sinal; vaicomeçar a história.

CÁSSIO — Neste momento ela esteve aqui; persegue-me por toda arte. Há dias eu estava na praia a conversar com certos venezianos, quando, de repente, surge essa coisinha e me salta ao pescoço, deste modo...

OTELLO (à parte) — A suspirar: “Meu queridoCássio!” O gesto expressivo.

CÁSSIO — Ela se pendura em mim, gruda-me comigo e chora e me puxa e me repele deste modo... Ah, ah, ah!

OTELLO (à parte) — Ele está contando agora como ela o puxou para o meu quarto. Oh! Estou vendo vosso nariz, mas não sei ainda para queção hei de atirá-lo.

CÁSSIO — Preciso afastar-me dela.

IAGO — Santo Deus! Ei-la que vem chegando!

CÁSSIO — E uma outra doninha e, ainda por cima, perfumada. (Entra Bianca.) Que pretendeiscomigo, para me perseguirdes desse modo?

BIANCA — Que o diabo e sua mãe vos persigam! Que pretendeis fazer com aquele lençoque me destes há pouco? Fui uma grande tonta em aceitá-lo. E para eu tirar uma cópia, pois não?E terei de acreditar que o achastes em vosso quarto, sem saber quem o deixara ali... É presente de alguma sirigaita, e eu ainda terei de copiar o modelo! Pois aqui o tendes; dai-o a vossa queridinha. Tenha ele vindo de onde quer que seja, não copiarei coisa nenhuma.

CÁSSIO — Como assim, minha querida Bianca! Como assim!

OTELLO (à parte) — Pelo céu! Pode ser o meu lenço!

BIANCA — E se quiserdes vir ceiar esta noite, podereis fazê-lo. Caso contrário, vireis quando tiverdes vontade. (Sai.)

IAGO — Correi atrás dela! Correi atrás dela! CÁSSIO — É o que precisarei fazer; se não,

ela se porá a dizer disparates por aí fora.

IAGO — Pretendeis ceiar em casa dela?CÁSSIO — Em verdade, pretendo.

IAGO — Bem; é possível que nos encontremos lá, porque tenho grande necessidade de falar-vos.

CÁSSIO — Sim, por obséquio. Ireis lá? IAGO — Parti logo; nem mais uma palavra.(Sai Cássio.)

OTELLO (avançando) — Como fazer paramatá-lo, Iago?

IAGO — Percebestes como ele ria de seupróprio ato pecaminoso?

OTELLO — Oh, Iago!

IAGO — E vistes o lenço?OTELLO — Era o meu?

IAGO — Sim, o vosso, por esta mão. Vede em que apreço ele tem a tonta da vossa esposa. Elalhe fez presente do lenço, e ele o deu a outra pessoa.

OTELLO — Desejaria levar nove anos aassassinarem-no. Uma mulher tão bela, tão encantadora, tão meiga!

IAGO — Será preciso esquecer tudo isso.

OTELLO — Que ela apodreça, que morra, que seja condenada esta noite mesmo. Porque não continuará viva. Não! Meu coração já se tornou de pedra; ao golpeá-lo, sinto que me dói a mão. Oh! Não havia criatura mais doce em todo omundo; era digna de compartilhar do leito de umimperador e de ditar-lhe leis.

IAGO — Estais vos afastando do assuntoprincipal.

OTELLO — Ela que se enforque! Disse apenas o que ela era. Tão habilidosa na agulha! Tãoadmirável na música! Oh! Com uma canção poderia domesticar um urso. Com um espírito tãoórico e elevado, tão inventivo!



IAGO — Tudo isso só deixa mais censurável sua conduta.

OTELO — Sim, mil vezes mais. E de um caráter tão franco!

IAGO — Sim, muito franco.

OTELO — Sem dúvida. Mas, que pena, Iago!

Que pena, Iago!

IAGO — Se vos encontras tão apaixonado de sua iniquidade, concedei-lhe patente para pecar, porque se não fordes atingido, ninguém mais osará.

OTELO — Vou deixá-la reduzida a cacos...

Enganar-me!

IAGO — Oh! É abominável! OTELO — Com o meu oficial! IAGO — Mais abominável, ainda.

OTELO — Arranja-me algum veneno, Iago. Esta noite. Não quero ter com ela nenhuma explicação, de medo de que seu corpo e seus encantos me desarmem a intenção. Esta noite, Iago.

IAGO — Não deveis recorrer a veneno; estrangulai-a no leito, no próprio leito que ela poluiu.

OTELO — Bem, bem; agrada-me essa justiça.

Muito bem.

IAGO — Quanto a Cássio, deixai a meu cargo essa tarefa. Lá pela meia-noite ouvireis mais alguma coisa a esse respeito.

OTELO — Excelente. (Ouve-se dentro um toque de trombeta.) Que trombeta é essa?

IAGO — Notícia de Veneza, certamente. É Ludovico, enviado pelo doge. E vede!

Vossa esposa vem com ele.

(Entram Ludovico, Desdêmona e séquito.)

LUDOVICO — Deus vos guarde, mui digno general!

OTELO — De todo coração vos agradeço. LUDOVICO — O doge e os senadores de

Veneza vos enviam saudar. (Entrega-lhe uma carta.)

OTELO — Beijo este intérprete das ordens de todos. (Abre a carta e lê.)

DESDÊMOMA — E as novidades, bom primo Ludovico?

IAGO — Muito alegre, signior, me deixa vossa vista. Sois bem-vindo a Chipre.

LUDOVICO — Agradecido. E como passa o tenente Cássio?

IAGO — Senhor, vivo.

DESDÊMOMA — Houve uma certa desavença, primo, entre ele e meu marido. Mas espero que possais conciliá-los.

OTELO — Tendes plena certeza disso?

DESDÊMOMA — Como, meu senhor?

OTELO — “Não deixeis de fazê-lo, quando houverdes...”

LUDOVICO — Não vos chamou; a carta é que o preocupa.

DESDÊMOMA — Muito de lastimar. Daria tudo para reconciliá-los, pelo afeto que diquei sempre a Cássio.

OTELO — Fogo e enxofre! DESDÊMOMA — Meu senhor? OTELO — Sois discreta?

DESDÊMOMA — Que acontece, para ele estar zangado?

LUDOVICO — Com certeza isso é efeito da carta, pois parece-me que ordem lhe veio de ir para Veneza, deixando Cássio aqui no lugar dele.

DESDÊMOMA — Isso me alegra, podeis crer-me.

OTELO — É certo? DESDÊMOMA — Meu senhor?

OTELO — Eu também fico contente por vos ver louca.

DESDÊMOMA — Por que causa, Otelos? OTELO — Demônia! (Dá-lhe uma bofetada.)

DESDÊMOMA — Mereci receber isso?

LUDOVICO — Houve excesso, senhor, de vossa parte. Ninguém acreditara isso em Veneza, muito embora eu jurasse que o observara. Desculpas lhe pedi; está chorando.

OTELLO — Oh, demônio! Demônio! Se, com lágrimas de mulher fosse a terra fecundada, cada gota gerara um crocodilo. Fora da minha vista!

DESDÊMONA — Já que minha presença vos ofende, eu me retiro. (Faz menção de retirar-se.)

LUDOVICO — Que esposa tão cordata!

Senhor, tende a bondade de chamá-la.

OTELLO — Senhora! DESDÊMONA — Que ordenais?

OTELLO — Dizei-lhe agora que quereis dela. LUDOVICO — Eu, meu senhor?

OTELLO — Vós mesmo. Pedistes que a chamasse. Ei-la, senhor. Ela pode virar uma e mais vezes, ir embora, voltar de novo. Pode, também, chorar, senhor; chorar. É muito cordata. Assim dissestes. Mui cordata. Continuai a chorar.

No que respeita a este assunto, senhor — oh sentimento bem pintado! — chamado fui de novo.

Podeis sair! mandar-vos-ei recado dentro de pouco. — Acatarei as ordens, senhor, e voltarei para Veneza. — Fora daqui! Depressa! — (Sai Desdêmona.) Deixo Cássio no meu lugar.

Cearemos juntos hoje, caro senhor. Sois mui bem-vindo a Chipre. Bodes e micos! (Sai.)

LUDOVICO — É esse o nobre Mouro que nossos senadores não se cansam de proclamar perfeito e capacíssimo? A criatura de prol que sacudida nunca é pelas paixões? Cujas virtudes jamais foi atingida pelos tiros da sorte e os arremessos da fortuna?

IAGO — Está muito mudado.

LUDOVICO — Estará no uso perfeito da razão? Não terá fraca, porventura, a cabeça?

IAGO — Ele é o que é. Manifestar não devo o meu juízo. Se ele não é o que deveria ser...

Prouvera ao céu que o fosse!

LUDOVICO — Inconcebível! Bater na própria esposa!

IAGO — Isso, em verdade, não fica bem. Mas só quisera, mesmo, saber que o pior foi essabofetada.

LUDOVICO — É sempre assim? Ou, porventura, a carta no sangue atuando, à fala deu origem?

IAGO — Ai de mim! Será quebra de lealdade revelar o que sei ou tenho visto? Vós mesmo o observareis; sua conduta vai revelá-lo tal como é, poupando-me, assim, de dizer algo. Mas segui-o, para ver de que modo ele prossegue.

LUDOVICO — Dói-me ter-me enganado a seu respeito.  
(Saem.)

## Cena II

Um quarto no castelo. Entram Otelo e Emília.

OTELO — Nada vistes, então?

EMÍLIA — Nem ouvi nada, nem suspeitaste.

OTELO — Porém com Cássio a conversar já aviste.

EMÍLIA — Mas nada vi de mal, e todas, todas as sílabas ouvi que pronunciaram.

OTELO — Então não cochichavam? EMÍLIA — Nunca, nunca, meu senhor. OTELO — Nem mandavam que saíesses? EMÍLIA — Nunca, também.

OTELO — Para ir buscar o leque, sua máscara, a luva, ou qualquer coisa?

EMÍLIA — Nunca, senhor.

OTELO — É estranho.

EMÍLIA — Apostaria que ela é honesta, senhor, pondo minha alma, por causa dela, a pratos. Se outras coisas imaginais, tirai-as da cabeça, que vos causam distúrbio. Se algum biltre vos fez acreditar em tal absurdo, que faça o céu cair sobre ele a própria maldição da serpente. Pois se honesta não for, casta e sincera, haver não pode marido algum feliz, porque a mais santada esposas ainda é mais horrenda do que a própria calúnia.

OTELO — Vai chamá-la. (Sai Emília.) É uma sutil rameira, gabinete muito seguro, chave dos segredos mais íntimos. No entanto, ajoelhar pode para rezar. Já a vi nessa postura.

(Volta Emília com Desdêmona.) DESDÊMOMA — Que desejais, senhor?

OTELO — Aproximais-vos, minha pombinha. DESDÊMOMA — Que mandais que eu faça?

OTELO — Mostrai-me os olhos; frente a frente olhai-me.

DESDÊMOMA — Que fantasia horrível é essa agora?

OTELO (a Emília) — Reassumi por um pouco vosso ofício, minha senhora, a sós alguns instantes deixando-nos procriar. Fechai a porta; tossi ou gritai “Hum!” se virdes gente. Vosso mister! Vosso mister! Depressa!

(Sai Emília.)

DESDÊMOMA — De joelhos vos pergunto que é que exprime semelhante discurso. Entendo a cólera de vossas expressões, não as palavras.

OTELO — Ora, que és tu?

DESDÊMOMA — Senhor, sou vossa esposa, vossa esposa leal e verdadeira.

OTELO — Vem jurar-me e condena-te, sim, para que, por um anjo te tomando, o diabo setema de pegar-te. Assim, condena-te duas vezes, jurando que és honesta.

DESDÊMOMA — O céu sabe de tudo.

OTELO — O céu bem sabe que és falsa como o inferno.

DESDÊMOMA — Falsa como, meu senhor? Para quem? De que maneira vos tenho sido falsa?

OTELO — Oh céu! Desdêmona! Para trás!  
Para trás!

DESDÊMONA — Oh dia horrível! Por que chorais? Sou eu a causa dessas lágrimas, meu senhor? Se porventura suspeitais que meu pai tenha influído na ordem que vos mandaram a Veneza, não me imputeis a culpa. Se o perdestes, também eu o perdi.

OTELO — Se o céu tivesse querido pôr-me à prova de amarguras, mil cuidados e afrontas me fazendo cair sobre a cabeça, na miséria mais profunda até aos lábios me enterrando, e se me houvesse aprisionado e às minhas mais caras esperanças, eu teria nalguma parte de minha alma achado ao menos uma gota de paciência. Mas, ai! na estátua imóvel transformar-me que com o dedo que aos poucos se desloca marca a hora do escarninho... Também isso pudera suportar. Bem; muito bem. Mas onde eu tinha enceleirado o próprio coração, de onde eu tinha de ter vida, se morrer não quisesse; o nascedoiro que meu curso alimenta, para que ele não se resseque... Ser dali expulso, ou conservá-lo como uma cisterna cheia de horríveis sapos, que se juntam para reproduzir!... Empalidece paciência, querubim de lábios róseos, e enfarruscada fica como o inferno!

DESDÊMONA — Estou certa de que meu nobre esposo me considera honesta.

OTELO — Oh, sim! Sem dúvida! como as moscas no açougue, que recebem vida da podridão. Ó erva daninha, tão bela ao parecer e tão cheirosa que ofendes os sentidos! Oh! senunca tivesses vindo ao mundo!

DESDÊMONA — Que pecado cheguei acometer, sem que o soubesse?

OTELO — Teria sido feito um tão formoso papel, tão belo livro, para nele ficar escrito o nome “Prostituta”? Que cometeste? Como! Cometeste, mulher pública? Destas minhas faces faria fráguas que reduziriam a cinzas a modéstia, se eu chegasse a dizer o que fazes. Cometeste? Tapa o nariz o céu; a lua, os olhos; o zéfiro lascivo que, à passagem, beija tudo o que encontra, se acomoda no oco das minas para que não saibato o que fazes. Como! Que fizeste, rameira descarada?

DESDÊMONA — Injustamente me acusais, pelo céu.

OTELO — Não sois rameira?

DESDÊMONA — Não; tão verdade, como eu ser cristã. Se este vaso guardar para o meu dono imune de qualquer contacto impuro for não ser prostituta, não sou isso.

OTELO — Como! Não sois rameira?

DESDÊMONA — Não; tão certo como quero ser salva.

OTELO — É então possível?

DESDÊMONA — Que o céu de nós se apiede.

OTELO — Nesse caso, peço perdão, pois tinha-vos tomado pela rameira astuta de Veneza que desposara Oteló. — E vós, senhora que o ofício oposto tendes de São Pedro na porteira do inferno! (Volta Emília.) Vós! Vós mesma! Já chegamos ao fim. Eis vossa paga. Passai a chave, por obséquio, e sede discreta nisto tudo. (Sai.)

EMÍLIA — Oh céus, que ideia veio a este cavalheiro? E vós, senhora, como vos encontrais? Que estais sentindo?

DESDÊMONA — Por minha fé, com muito sono.

EMÍLIA — Boa senhora, que acontece com meu amo?

DESDÊMONA — Com quem?

EMÍLIA — Ora, senhora; com meu amo. DESDÊMONA — Quem é teu amo?

EMÍLIA — O vosso, boa dama.

DESDÊMONA — Amo não tenho, Emília; não me fales. Chorar não me é possível e não posso responder a não ser com muitas lágrimas. Por obséquio, esta noite põe na cama meu vestido denoiva. Não te esqueças. E chama teu marido.

EMÍLIA — Que mudança radical houve aqui! (Sai.)

DESDÊMONA — É muito justo que ele me trate assim; é muito justo. Que fiz eu para que ele pendurasse sua menor suspeita no mais ínfimo descuido meu?

(Volta Emília, com Iago.)

IAGO — Que desejais, senhora? Comopassais?

DESDÊMOMA — Dizer não posso nada. Os que educam crianças usam meios brandos e lhesimpõem tarefas curtas. Ele bem poderia ter ralhado comigo desse modo, que, em verdade, sou como criança para ouvir censuras.

IAGO — Que aconteceu, minha senhora?

EMÍLIA — Oh, Iago! Chamou-a o general de prostituta e o rosto lhe atirou tão baixos termos, pesados e insultuosos, que um sincero coração suportar não poderia.

DESDÊMOMA — Sou esse nome, Iago?

IAGO — Bela dama, que nome?

DESDÊMOMA — O nome que ela disse há pouco, que, o meu senhor, dissera a meu respeito.

EMÍLIA — Chamou-lhe prostituta. Essa palavra nem mesmo um vagabundo, embriagado aplica à sua amásia.

IAGO — E a razão disso?

DESDÊMOMA — Ignoro-a; porém sei que não sou isso.

IAGO — Não choreis! Não choreis! Oh diatriste!

EMÍLIA — Ter renunciado a tantos casamentos, ao próprio pai, à pátria, aos conhecidos, para chamada ser de prostituta! Não é para fazer chorar a gente?

DESDÊMOMA — É o meu triste destino.

IAGO — Caiam nele todas as maldições. E de que modo lhe veio essa loucura?

DESDÊMOMA — O céu o sabe.

EMÍLIA — Quero ser enforcada se tudo isso não for obra de algum vilão diabólico, de algum pulha insinuante e intrometido, de algum escravo que rasteja e adula para alcançar um posto e haja inventado semelhante calúnia. Que me enforcem, se não for isso.

IAGO — Ora essa! Não existe um homem desse jeito. Não é possível.

DESDÊMOMA — E caso exista, o céu que lhe perdoe.

EMÍLIA — Perdoe-lhe, mas é a força e lhe corroa o inferno os ossos todos. Por que causa lhe chamou prostituta? Que pessoa a recebeu? Em que lugar? que tempo? sob o pretexto? O Mouro foi logrado por algum miserável, algum pulha de baixaza notória, algum tihoso. Ó céu! por que não nos descubres o homem e um chicoteno pões na mão de todas as pessoas honestas, porque o biltre seja açoitado, nu, por todo o mundo, de leste a oeste?

IAGO — Não faleis tão alto, que ouvir podem lá fora.

EMÍLIA — Que ouçam todos! Um tipo desses foi que vosso espírito virou no avesso, a suspeitar levando-vos de que eu com o Mouro tinha alguma coisa.

IAGO — Sois bem louca. Saí!

DESDÊMOMA — Ó bondoso Iago, como devo fazer para que possa reaver o meu marido?

Ide falar-lhe, meu caro, pois, por esta luz celeste, não sei como o perdi. Aqui me ajoelho. Se a seu amor, em qualquer tempo, a minha vontade transgrediu, ou pelos meandros do pensamento ou por ações concretas; se pelos olhos ou qualquer sentido me veio algum prazer com referência a outra pessoa que não fosse a dele; se como até hoje, agora e em todo o tempo não lhe dedico o afeto mais sincero, muito embora a atirar-me ele ainda venha ao divórcio indigente: que a alegria de todo me abandone. A grosseria consegue muito; sua austeridade pode destruir-me a vida, mas não há de jamais manchar-me o amor. Dizer não posso “Prostituta”; horroriza-me somente pronunciar esse termo, sem que todas as vaidades do mundo conseguissem levar-me a realizar o menor ato que me fizesse merecer tal nome.

IAGO — Sossegai; é um capricho passageiro; os negócios do Estado o irritam muito; por isso vos repreende.

DESDÊMOMA — Oh! se fosse isso!

IAGO — Posso afiançar-vos; é isso, tão-somente. (Trombetas.) Ouvi! É o toque que anuncia a ceia. Os mensageiros de Veneza aguardam para serem servidos. Ide logo; não choreis; tudo ainda acaba bem.

(Saem Desdêmona e Emília.)

(Entra Rodrigo.)

RODRIGO — Acho que não estás procedendo lealmente comigo.

IAGO — Que tens a contestar?

RODRIGO — Todos os dias tu me logras com algum pretexto, Iago, parecendo-me, agora, que, muito longe de obteres para mim a vantagem da menor esperança, afastadas de mim todas as oportunidades. Estou decidido a não suportar por mais tempo semelhante situação, sem que me tenha convencido a digerir em silêncio tudo o que até agora venho sofrendo estupidamente.

IAGO — Quereis ouvir-me, Rodrigo? RODRIGO — Em verdade, já vos ouvi demais, porque vossas palavras e vossas ações não têm nenhuma afinidade entre si.

IAGO — Acusais-me injustamente.

RODRIGO — Só digo o que é verdade. Dissipei toda a minha fortuna; as joias que vos entreguei para que as désseis a Desdêmona, teriam bastado para corromper uma freira. Dissistes-me que ela as havia aceitado e me destes esperanças e o consolo de uma aproximação e defavores para breve, sem que nada disso se concretize.

IAGO — Bem; continuai; muito bem!

RODRIGO — “Muito bem! Continuai!” Desse jeito, homem, não poderei continuar, nem vai muito bem coisa nenhuma. Por esta mão, afirmo que tudo isso é muito indecente e que já começa perceber que estou sendo ludibriado.

IAGO — Muito bem.

RODRIGO — Torno a dizer que nada está muito bem. Vou procurar Desdêmona; se ela me devolver as joias, paro com minhas pretensões e me arrependo das minhas solicitações ilícitas. Caso contrário, posso assegurar-vos, haveis de me dar satisfações.

IAGO — Já terminastes?

RODRIGO — Já, e não disse senão o que estou no firme propósito de realizar.

IAGO — Ora bem; começo a perceber que és um rapaz corajoso, e a partir deste momento passo a fazer de ti uma opinião mais lisonjeira do que antes. Dá-me a mão, Rodrigo; levantas-te contra mim uma objeção muito justa; no entanto, posso asseverar-te que tenho procedido com lisura neste negócio.

RODRIGO — Não parece.

IAGO — Realmente, concordo em que não parece, não sendo vossas suspeitas de todo carecentes de sentido e de sagacidade. Mas, Rodrigo, se possuis o que mais do que nunca eu tenho razões para imaginar que possuis, a saber: iniciativa, coragem e valentia, prova-o esta noite. Se na próxima noite não vieres a possuir Desdêmona, tira-me traiçoeiramente deste mundo e inventa suplícios para fazer-me morrer.

RODRIGO — Bem, de que se trata? É alguma coisa razoável e possível?

IAGO — Senhor, veio uma ordem especial de Veneza, para que Cássio fique no lugar de Otelo.

RODRIGO — Isso é verdade? Nesse caso Otelo e Desdêmona terão de voltar para Veneza.

IAGO — Oh, não! Ele vai para a Mauritània e levará consigo a bela Desdêmona, a menos que sua permanência aqui seja prolongada por algum acidente, não havendo nenhum mais decisivo do que o afastamento de Cássio.

RODRIGO — E que entendeis por isso: “O afastamento de Cássio?”

IAGO — Ora, ficar incapaz de ocupar o lugar de Otelo, por lhe terem estourado os miolos.

RODRIGO — E é isso que desejais que eu faça?

IAGO — Sim, no caso de queresdes tirar partido com o exercício de vosso diretor. Hoje à noite ele vai jantar em casa de uma cortesã, onde pretendo visitá-lo. Ainda não sabe nada a respeito de sua honrosa felicidade. Se quiserdes ficar de espreita no momento em que ele se dirigir para lá que arranjarei que se dê entre as doze e uma hora — podereis surpreendê-lo com segurança. Estarei por perto, para auxiliar-vos no ataque, sendo certa que não nos escapará. Vamos, não fiquéis tão estupefatos; vinde comigo. Vou demonstrar-vos de tal modo a necessidade da morte dele, que vos sentireis na obrigação de matá-lo. Mas já estamos mais do que em tempo de ceiar, e a noite corre. Mão à obra!

RODRIGO — Desejo que me apresenteis razões mais convincentes.

IAGO — Haveis de ficar satisfeito.(Saem.)

### Cena III

Outro quarto no castelo. Entram Otelo, Ludovico, Desdêmona, Emília e criados.

LUDOVICO — Não vos canseis, senhor, por minha causa.

OTELO — Não é trabalho; faz-me bempassar.

LUDOVICO — Senhora, boa noite!

Humildemente me despeço de Vossa Senhoria.

DESDÊMOMA — Vossa Honra é mui bem-vindo.

OTELO — Vamos logo, meu senhor? Oh, Desdêmona!

DESDÊMOMA — Senhor?

OTELO — Ide deitar-vos imediatamente; voltarei neste instante. Mandai a camareira embora. Cuidai disso.

DESDÊMOMA — Assim farei, meu senhor.

(Saem Otelo, Ludovico e os criados.)

EMÍLIA — E como vão as coisas? Ele mostra-se agora mais afável.

DESDÊMOMA — Avisou-me de que voltava logo, tendo dito que me deitasse e, após, vos despedisse.

EMÍLIA — Despedir-me!

DESDÊMOMA — Sim; foram suas ordens. Por isso, boa Emília, dá-me logo minha camisa de dormir, e adeus. Convém não o contrariar em coisa alguma.

EMÍLIA — Desejara que nunca o houvésseis visto.

DESDÊMOMA — Pois eu não. A tal ponto o recomenda meu amor, que até mesmo suas teimas, repreensões e violências são dotadas de certa graça e encanto.

EMÍLIA — Pus na cama os lençóis que pedistes.

DESDÊMOMA — Está bem. Oh céus! Como por vezes somos loucas! Caso eu venha a morrer primeiro, envolve-me num lençol destes.

EMÍLIA — Ora, que tolice, tudo isso!

DESDÊMOMA — Minha mãe teve uma criada de nome Bárbara. Ela amou a um moço que a abandonou, por ser um doídivanas. Cantar soia a letra do salgueiro, balada antiga, porém mui de acordo com seu destino. E se finou cantando-a. Essa balada não me sai da mente toda esta noite. Tenho de conter-me, para a cabeça não deixar pendida e, como a pobre Bárbara, cantá-la. Põe pressa nisso. Vamos!

EMÍLIA — Trago vossa camisa de dormir? DESDÊMOMA — Não; tira todos os alfinetes.

Esse Ludovico é bem apessoado.

EMÍLIA — Bem bonito.

DESDÊMOMA — Conversa muito bem.

EMÍLIA — Conheço uma senhora de Veneza que iria a pé à Palestina, descalça, só por um ligeiro contacto de seu lábio inferior.

DESDÊMOMA — A suspirar cantava acoitadinha à sombra do salgueiro. Canto de dor coração lhe vinha: Oh salgueiro! salgueiro! Triste, ouvia-a o regato todo o dia: Oh salgueiro! salgueiro! O pranto a pedra dura amolecia. Deixa esse de lado. Oh salgueiro! salgueiro! Mais pressa, por favor; ele já chega. De salgueiro farei minha coroa. Não o censureis, que o seu desdém me é grato. Não é a vez disso. Escuta! Quem bateu?

EMÍLIA — Foi o vento.

DESDÊMOMA — Chamei-o de perjuro. E ele, que disse? Elas me veem... Conquista-os... Que tolice! Vai-te embora. Boa noite. Doem-me os olhos. Será indício de choro?

EMÍLIA — Coisa alguma!

DESDÊMOMA — Ouvi dizer que sim. Oh! Esses homens! Esses homens! Em sua consciência, Emília, dize-me se acreditas que haja esposas capazes de enganar os seus maridos por modo tão grosseiros?

EMÍLIA — Sim, há algumas, não há dúvida.

DESDÊMOMA — E tu, farias isso, por todo o mundo?

EMÍLIA — Ora essa! Não o faríeis? DESDÊMOMA — Não; pela luz celeste.

EMÍLIA — O mesmo eu digo: não pela luz celeste. Poderia fazê-lo, mas no escuro.

DESDÊMOMA — Então farias isso por todo o mundo?

EMÍLIA — O mundo todo é muita coisa; preço exorbitante para um pequeno vício.

DESDÊMOMA — Não, não creio que tu sejas capaz de fazer isso.

EMÍLIA — Em verdade, penso que sim, para desfazer depois o que houvesse feito. Não faria tal coisa por uma aliança dupla, nem por alguns côvados de cambraia, nem por vestidos, saias e toucas, nem por qualquer presentezinho de pouca monta. Mas pelo mundo todo! Que mulher não enganaria o marido, para fazê-lo monarca? Para tanto, eu arriscaria o purgatório

DESDÊMOMA — Maldita eu venha a ser, se fizer isso, por todo o mundo.

EMÍLIA — Ora, o ultraje só é ultraje no mundo; e se ganhásseis o mundo por vosso trabalho, seria um ultraje em vosso próprio mundo que poderíeis corrigir rapidamente.

DESDÊMOMA — Não creio que haja uma mulher assim.

EMÍLIA — Sim, há uma dúzia delas, e com tantas de crendice, que foram suficientes para prover o mundo que por prêmio lhes fosse dado. Mas estou convicta de que os maridos são culpados da queda das esposas. Logo, afrouxam de seus deveres, em regaço estranho derramam nossos bens, ou então explodem em ciúme impertinente, ou nos impõem peias de todo gênero, ou nos batem, fazendo pouco de quanto antes éramos. Ora, nós temos fel; e ainda que boas, poderemos vingar-nos. Os maridos devem se convencer de que as esposas têm sentidos como eles: veem e cheiram, distinguir sabem o que é azedo e doce, tão bem como os maridos. Que é que fazem todos eles, trocando-nos por outra? Será que é diversão? Penso que sim. Haverá nisso amor? É bem possível. Será fraqueza que erra tanto neles? Justamente. Orabem. E nós, acaso não temos afeições, prazer não temos para os divertimentos, ou fraqueza, tal como os homens? Eles que nos tratem, portanto, bem, e saibam que é com eles que aprendemos também a zombar deles.

DESDÊMOMA — Bem, boa noite! O céu me ajude, para do mal tirar toda a virtude. (Saem.)



ATO V

Cena I

Chipre. Uma rua. Entram Iago e Rodrigo.

IAGO — Fica atrás do pilar; ele vem logo. Arranca a tua boa espada e vibra-a com segurança. Vamos logo! Vamos! Não tenhas medo, que eu estarei por perto. Disso dependetudo, não te esqueças: ou subirmos agora, ou nós perdermos. Afirma-te, portanto, no propósito.

RODRIGO — Ficai perto, que eu posso errar o golpe. (Afasta-se.)

IAGO — Estou à mão. Coragem! Vai, esconde-te.

RODRIGO — Não me sinto inclinado a fazer isso. Mas razões suficientes ele deu-me. Será um de menos. Vamos, minha espada; sai logo dabainha! Vou matá-lo.

IAGO — Esfreguei tanto esta borbulha jovem, de quase a arreentar. Está arruinado. Agora, se ele matar Cássio, ou Cássio o eliminar, ou os dois trucidarem, ganharei dos dois lados. Se Rodrigo ficar vivo, virá pedir-me a volta de tudo o que me deu em ouro e joias, e que dele eu tireisob o pretexto de presentear Desdêmona. Isso não pode ser. Sobrando Cássio, beleza cotidiana tem na vida que me deixa horroroso, sem contarmos que o Mouro pode revelar-lhe tudo. Corro grande perigo. Não; precisa morrer. Que morra, então. Ei-lo que chega.

(Entra Cássio.)

RODRIGO — Conheço o passo dele. Morre, biltre! (Dá um bote em Cássio.)

CÁSSIO — Quase inimigo meu fora esse golpe, se mais duro não fosse o meu casaco do que pensavas. Vou provar o teu. (Saca da espada e fere Rodrigo.)

RODRIGO — Oh! Oh! Estou ferido!

(Iago, por trás de Cássio o fere na perna e sai.) CÁSSIO — E eu, aleijado para sempre.

Socorro, oh! Assassino! (Cai.)

(Entra Oteló, a distância.)

OTELÓ — É a voz de Cássio; Iago tem palavra.

RODRIGO — Que miserável sou! OTELÓ — É assim, de fato.

CÁSSIO — Socorro Luz! Socorro! Um cirurgião!

OTELÓ — É ele. Ó valente Iago, honesto e justo! Que nobreza revelas ante o ultraje de teu amigo! Ensinas-me Pombinha, teu querido está morto e teu destino já se aproxima. Aqui vou eu, rameira! Do coração retiro o teu feitiço; teu sangue mau vai terminar tudo isso. (Sai.)

(Entram Ludovico e Graciano, a distância.) CÁSSIO — Ronda, olá! Ninguém vem? Crime!

Assassino!

GRACIANO — O grito é de aflição. É coisa grave.

CÁSSIO — Socorro! LUDOVICO — Escutai! RODRIGO — Vilão maldito!

LUDOVICO — São dois ou três gemidos. É noite alta; pode ser fingimentos. É perigoso ir até lá sem termos um reforço.

RODRIGO — Ninguém me acode? Morro dessangrado.

LUDOVICO — Escutai. (Volta Iago, com uma luz.)

GRACIANO — Eis alguém em camisa, com luze arma.

IAGO — Quem está aí? Quem grita por socorro?

LUDOVICO — Não o sabemos. Ouvistes algum grito?

CÁSSIO — Aqui! Socorro! Pelo céu, socorro! IAGO — Que aconteceu?

GRACIANO — Parece que é o alferes dogeneral Oteló.

LUDOVICO — Ele, em pessoa, rapaz de muitomérito.

IAGO — Que tendes, para gritar assim tão dolorido?

CÁSSIO — É Iago? Uns assassinos meassaltaram. Presta-me algum socorro.

IAGO — Ó tenente, quem foi que vos fez isso?

CÁSSIO — Penso que um deles deve estar porperto; não pode ter fugido.

IAGO — Oh, miseráveis! (A Ludovico e Graciano.) Quem Sois? Vinde ajudar-me.

RODRIGO — Socorro! Aqui! Socorro! CÁSSIO — É um dos meliantes.

IAGO — Oh, vilão! Assassino! (ApunhalaRodrigo.)

RODRIGO — Maldito Iago! Cão desumano!

IAGO — Assassinar pessoas no escuro! Esses bandidos sanguinários por onde se meteram? Que silêncio nesta cidade! Acudam! Homicídio! E vós, quem sois? Amigos ou inimigos?

LUDOVICO — Para louvar-nos, ponde-nos à prova.

IAGO — É o signior Ludovico? LUDOVICO — Ele mesmo.

IAGO — Peço desculpas, mas aqui está Cássio ferido por ladrões.

GRACIANO — Cássio? IAGO — Mano, que tens?

CÁSSIO — Feriram-me na perna.

IAGO — O céu não queira que seja assim. Senhores, luz! Com minha camisa vou pensá-lo. (Entra Bianca.)

BIANCA — Que acontece? Quem gritou por socorro?

IAGO — Quem gritou?

BIANCA — Oh, meu querido Cássio! Doce Cássio! Cássio, Cássio, Cássio!

IAGO — Oh notável rameira! Cássio, tendes, porventura, suspeita de quem sejam os ladrões que aleijado vos deixaram?

CÁSSIO — Não.

GRACIANO — Pesa-me por achar-vos nesse estado, pois vinha procurar-vos.

IAGO — Empréstai-me uma liga. Está bem. Ah! Se pudéssemos carregá-lo daqui numa cadeira!

BIANCA — Oh, desmaiou! Oh Cássio, Cássio, Cássio!

IAGO — Cavalheiros, suspeito que esta coisa tem parte neste crime. Ficai calmo, bondoso Cássio. Vamos, vamos logo. Iluminai aqui. Conheceremos esta fisionomia? Oh! Meu amigo, meu conterrâneo! És tu, Rodrigo? Não é... Sim... Com certeza. Oh céus! Rodrigo!

GRACIANO — Aquele de Veneza?

IAGO — Justamente. Conhecei-lo? GRACIANO — Decerto que o conheço.

IAGO — Signior Graciano? Peço-vos desculpas; estas cenas sangrentas justificam minha conduta, assim vos esquecendo.

GRACIANO — Estou contente por vos ver de novo.

IAGO — Cássio, como ides? A cadeira logo! GRACIANO — Rodrigo! (Trazem uma cadeira.)

IAGO — Ele, ele mesmo. Enfim, eis a cadeira! Com cuidado alguns homens caridosos o transportem daqui. Vou buscar logo o cirurgião do general. Senhora, quanto a vós, não vos deis tanto trabalho. Cássio, o ferido, e eu somos amigos. entre vós dois havia alguma coisa?

CÁSSIO — Nada no mundo; não conheço o homem.

IAGO (a Bianca) — Por que ficais tão pálida? Oh! Tirai-o do vento! (Cássio e Rodrigo são carregados para fora.) Não vos retireis, senhores. Mudais de cor, senhora? — Percebestes que ar espantado tem? Se estais atônitos, cedo haveremos de saber mais coisas. Observai-a, senhores, por

obséquio. Viste-la, cavalheiros? Sim, a culpa se trai, embora a língua fique muda.

(Entra Emília.)

EMÍLIA — Que aconteceu, marido? Que foi que houve?

IAGO — Cássio foi atacado aqui no escuro, por Rodrigo e outros tipos que escaparam. Está grave; Rodrigo a morrer veio.

EMÍLIA — Bom gentil-homem! Ah! Bondoso Cássio!

IAGO — Tudo isso é por ter sido mulherengo. Mas procura saber, Emília, logo, onde ele ontem ceou. Como! Tremestes?

BIANCA — Ceou comigo; mas não fiquei trêmula.

IAGO — Ah, foi assim? Então acompanhai-me.

EMÍLIA — Ora, rameira à-toa!

BIANCA — Não sou isso; sou tão honesta como quem me insulta.

EMÍLIA — Como eu? Não tens vergonha?

IAGO — Cavalheiros, tratemos de pensar o pobre Cássio. Vós, agora, senhora, ireis contar-nos uma outra história. Corre ao forte, Emília, e dize tudo ao meu senhor e à esposa. Quereis passar à frente? (À parte.) Minha sorte se decide hoje: ou caio, ou fico forte.

(Saem.)

## Cena II

Um quarto de dormir, no castelo. Desdêmona dorme, no leito. Uma candeia acesa.  
Entra Otelo.

OTELO — Esta é a causa, minha alma. Oh! Esta é a causa! Não vo-la nomearei, castas estrelas! Esta é a causa! Não quero verter sangue, nem ferir-lhe a epiderme ainda mais branca do que neve e mais lisa que o alabastro. Mas é fatal que morra; do contrário, virá ainda a enganar mais outros homens. Apaga a luz! Depois... Apaga a luz! Se te apagar, ministro flamejante, poderei restituir-te a luz primeira, se vier a arrepender-me. Mas extinta que seja tua luz, ó tu, modelo primoroso da excelsa natureza! de onde o fogo trazer de Prometeu, para dar nova luz à tua chama? Se tua rosa colher, é-me impossível o vital crescimento restituir-lhe: fatal é que feneça. Vou aspirá-la no próprio galho. (Beija-a.) O hálito aromoso, que quase a convencer chegaste aprópria Justiça a espedaçar a sua espada! Mais um! Mais um! Se assim ficares, morta, quero tirar-te a vida, e, após, amar-te. Mais outro; seráo último; um tão doce jamais foi tão fatal. Chorar preciso lágrimas impiedosas; é celeste meu sofrimento, pois castiga ao que ama. Vai acordar!

DESDÊMONA — Quem está aí? Otelo? OTELO — Sim, Desdêmona.

DESDÊMONA — Não vindes para o leito, meu senhor?

OTELO — Desdêmona, rezastes esta noite? DESDÊMONA — Oh, decerto, senhor!

OTELO — Se vos lembrades de alguma falta não perdoada ainda pelo céu e sua graça, cuidai logo de tê-la redimida.

DESDÊMONA — Ó, meu senhor! Que pretendeis dizer com isso?

OTELO — Bem; fazei o que vos disse e sede breve. Passarei nesse em meio; não desejo trucidar-vos o espírito manchado. Não pelo céu! Não vos matarei a alma.

DESDÊMONA — Quê! Falais em matar? OTELO — Sim, é isso

mesmo.

DESDÊMONA — Então que o céu de mim tenha piedade.

OTELO — Amém, de coração.

DESDÊMONA — Se assim falais, é que não pretendeis matar-me agora.

OTELO — Hum!

DESDÊMONA — Contudo, sinto medo, pois terrível sois sempre, quando revirais os olhos dessa maneira. A causa desse medo, não sei dizê-lo, pois não sou culpada; porém sinto que tenho muito medo.

OTELO — Pensa nos teus pecados.

DESDÊMONA — Só consistem no amor que vos dedico.

OTELO — Pois por ele vais agora morrer.

DESDÊMONA — É contra a natureza dar a morte a alguém por ter amor. Ah! Por que causamordeis o lábio assim? Toda a postura tendes ora abalada, por alguma sanguinária paixão. É mauagouro; contudo espero, espero que nenhuma ameaça me comine.

OTELO — Paz e aquieta-te.

DESDÊMONA — Estou quieta. Que é que há?

OTELO — O lenço que te dei, que eu tanto amava, a Cássio o deste?

DESDÊMONA — Não, por minha vida, por minha alma, não o dei. Mandai chamá-lo e interrogai-o.

OTELO — Juízo, querida alma, não jures falso, pois estás agora no teu leito de morte.

DESDÊMONA — Sim, no leito, mas não para morrer.

OTELO — Sim, neste instante. Assim, confessa francamente a culpa, pois se com juramentos contestasses ponto por ponto, em nada isso alterara ou sustara o propósito em que me acho e que gemer me faz. Urge que morras.

DESDÊMONA — Que Deus de mim se apiede.

OTELO — Digo amém.

DESDÊMONA — Sede também piedoso. Em toda a vida jamais vos ofendi. Nunca amei Cássio, só lhe tendo dedicado essa amizade que o céu permite, e nunca o presenteei.

OTELO — Pelo céu, vi meu lenço na mão dele. Mulher perjura, em pedra me transmudas o coração e o nome das de crime ao que eu pensava ser um sacrifício. Vi o lenço! Eu mesmo!

DESDÊMONA — Então, é que ele o achou. Nunca lho dei. Mandai chamá-lo, para vir confessar o que há.

OTELO — Já confessou.

DESDÊMONA — Confessou que, senhor?

OTELO — Que te possuiu.

DESDÊMONA — Como? Ilicitamente?

OTELO — Sim.

DESDÊMONA — Absurdo! Não dirá isso.

OTELO — Não, porque tapada já tem a boca, pois o honesto Iago tomou suas providências.

DESDÊMONA — Oh! Meu medo tinha razão de ser! Então, morreu?

OTELO — Se seus cabelos todos vivos fossem, minha grande vingança os devorara.

DESDÊMONA — Ai de mim! Foi traído e estou perdida!

OTELO — Sai, prostituta infame! Vais chorá-lo na minha frente?

DESDÊMONA — Ó, meu senhor! Bani-me devossa vista, mas deixai-me viva.

OTELO — Para trás, prostituta! DESDÊMONA — Hoje, não; amanhã! Deixai-me viva!

OTELO — Se resistires... DESDÊMOMA — Meia

hora apenas.OTELO — Não há trégua; está feito.

DESDÊMOMA — O tempo, apenas, de rezar uma vez.

OTELO — É muito tarde. (Asfixia-a.)

EMÍLIA (dentro) — Senhor! Senhor! Olá, Senhor! Senhor!

OTELO — Que ruído é esse? Como! Não morreu? Não morreu de uma vez? Embora eu sejacruel, sou compassivo. Não desejo causar-te sofrimento prolongado. Assim... Assim...

EMÍLIA (dentro) — Olá, senhor! Senhor!OTELO — Quem está aí?

EMÍLIA (dentro) — Senhor, uma palavra convosco, por obséquio.

OTELO — Sim; é Emília... Devagar... Estámorta... Com certeza vem me falar de Cássio; fezbarulho. Como! Já não se mexe? Está quieta como uma sepultura... Deixo-a entrar? Seria de vantagem?... Penso que ainda se mexe um pouco.Não. Que fazer devo? Se eu deixar que entre, há de querer falar com minha esposa... Que esposa?É o que não tenho. Que hora pesada! Oh coisa insuportável! Fora bem se se desse um grande eclipse do sol como da lua e que o assustado globo em dois se fendesse a essa mudança.

EMÍLIA (dentro) — Por obséquio, senhor, uma palavra! Ó bondoso senhor!

OTELO — Ia esquecendo de ti. Oh, entra,Emília! Neste instante. — Só o tempo de correr estas cortinas. — Onde estás? (Abre a porta.) Queé que tens para dizer-me?

EMÍLIA — O bondoso senhor! Um crimehorrível aconteceu lá fora!

OTELO — Como! Agora?

EMÍLIA — Neste momento, meu senhor.

OTELO — É efeito do desvio da lua; ela aproxima-se agora mais da terra do que de hábito, e deixa os homens loucos.

EMÍLIA — Cássio matou Rodrigo, meusenhora,

um moço de Veneza.

OTELO — Quê! Rodrigo foi morto? E Cássio,também morto?

EMÍLIA — Não, não! Cássio não foi morto.

OTELO — Não foi morto? Então está fora detom a morte e a agradável vingança desafina.

DESDÊMOMA — Oh dor! Assassinaada injustamente!

EMÍLIA — Que é que há? Que grito é esse?OTELO — Como? Como?

EMÍLIA — Oh! É a voz da senhora. Aqui! Socorro! Oh! senhora, falai de novo! Doce Desdêmona, falai! Minha senhora!

DESDÊMOMA — Morro, e morro inocente.EMÍLIA — Oh! Quem fez isso?

DESDÊMOMA — Ninguém; eu mesma. Adeus!Faze que sempre de mim se lembre meu querido esposo. (Morre.)

OTELO — Por que haveria de ter sido morta?EMÍLIA — Quem poderá sabê-lo?

OTELO — Ouvistes que ela disse que não fui eu.

EMÍLIA — Sim, ela o disse; vou espalhar a verdade.

OTELO — Para as chamas do inferno foicomo uma mentirosa: quem a

matou fui eu.

EMÍLIA — Tanto mais anjo ela é por isso; evós, demônio negro.

OTELO — Entregara-se ao vício; era rameira.

EMÍLIA — Não passas de um demônio a caluniá-la.

OTELO — Era falsa como a água.

EMÍLIA — E tu és selvagem como o fogo, dizendo que era falsa. Não! Ela te era fiel celestialmente.

OTELO — Cássio a manchou. Pergunta a teu marido o mais que desejares. Condenado devera eu ser no ponto mais profundo do inferno, se tivesse procedido dessa maneira sem motivos justos. Teu marido está a par de tudo o que houve.

EMÍLIA — Meu marido? OTELO —

Sim, teu marido.

EMÍLIA — Que aos seus deveres ela forafalsa?

OTELO — Sim, com Cássio. Se fiel tivessesido e o céu um mundo diferente houvesse feito de um só crisólito admirável, não o trocara por ela.

EMÍLIA — Meu marido!

OTELO — Sim, foi ele o primeiro a prevenir- me. É um homem muito honrado e odeia a lama que adere às ações baixas.

EMÍLIA — Meu marido!

OTELO — Ora, mulher! Por que repetes isso?

Teu marido, já disse.

EMÍLIA — Oh, querida ama! Diverte-se com o amor a vilania. Meu marido afirmou que ela era falsa?

OTELO — Sim, mulher; ele mesmo, teu marido. Compreendes o que digo? Teu marido, meu amigo, o honesto Iago, mais que honesto...

EMÍLIA — Se ele for tal, que sua alma pernicioso meio grão apodreça cada dia. Mentiu conscientemente. Apaixonada ela estava de sua indigna escolha.

OTELO — Ah!

EMÍLIA — Faze o que houver de pior. Tão indigno é do céu este teu feito como és indigno dela.

OTELO — Mais lucraras se te calasses.

EMÍLIA — Não dispões de força que me faça sofrer nem a metade do que posso aguentar. Ó néscio! Ó estúpido! Tão ignorante como a própria lama! Cometeste uma ação... Não tenho medo dessa espada! Vou dar-te a conhecer, embora a perder venha vinte vidas. Socorro! Assassino! Olá! Socorro!

(Entram Montano, Graciano, Iago e outros.)

MONTANO — Que é que houve, general? Que aconteceu?

EMÍLIA — Ó Iago! também viestes?Procedestes otimamente, para que ao pescoço oshomens seus delitos vos atirem.

GRACIANO — De que se trata?

EMÍLIA — Desmente este vilão, se fores homem. Ele afirmou que foi de ti que soube que a esposa lhe era infiel. Tenho certeza de que não poderias ter dito isso. Não és pulha a esse ponto. Fala logo, que tenho o coração por demais cheio.

IAGO — Disse-lhe o que pensava, sem que houvesse contado nada além do que ele próprio julgara natural e verdadeiro.

EMÍLIA — Mas dissestes-lhes que ela fora infiel?

IAGO — Disse.

EMÍLIA — Dissestes uma infâmia odiosa. Por minha alma, ele mente; é um pervertido. Ela, falsa com Cássio? E assim? Com Cássio?

IAGO — Com Cássio, sim senhora. Retirai-vos daqui e ponde cobro nessa língua.

EMÍLIA — Não ponho cobro em nada. Falarquero. Minha ama ali se encontra, assassinada.

TODOS — Não o permita o céu!

OTELO — Senhores, não vos espanteis; é apura verdade o que ela disse.

GRACIANO — Muito estranha verdade! MONTANO — Ato monstruoso!

EMÍLIA — Infâmia, infâmia! Penso nisso, torno a pensar... Suspeito... Oh vilania! Já havia suspeitado. Vou matar-me só de tristeza. Oh infâmia!

IAGO — Como! Ficastes louca?

Retirai-vos para casa, já, já!

EMÍLIA — Caros senhores permiti-me falar. Sei que lhe devo plena obediência; não, porém, agora. Talvez, Iago, eu não volte para casa.

OTELO — Oh, oh, oh! (Atira-se sobre o leito.)

EMÍLIA — Sim, rebolca-te e ruge, pois, a morte deste à mulher mais inocente e meiga que jamais viu a luz.

OTELO — Era culpada. Não vos reconheci, meu tio. Vossa sobrinha ali se encontra, cujo alento por estas mãos foi abafado há pouco.

GRACIANO — Pobre Desdêmona! Por sorte minha, teu pai já faleceu. Este consórcio para ele foi fatal: e débil fio da vida pela dor teve cortado. Se vivesse, esta vista o levaria, decerto, ao desespero, amaldiçoara seu anjo tutelar, escorraçando-o de seu lado e, com isso, se perdera.

OTELO — Dá-me pena; mas Iago sabe que ela com Cássio praticou mais de mil vezes o ato impudico. Cássio o confessou, tendo-lhe ela os trabalhos amorosos recompensado com o penhor e mimo de amor que, de princípio, eu lhe ofertara: era um lenço, lembrança muito antiga que a minha mãe meu pai outrora dera.

EMÍLIA — Oh céu! Poderes celestiais! IAGO — Silêncio!

Fica quieta!

EMÍLIA — Preciso dizer tudo! Preciso dizer tudo! Eu, ficar quieta, senhor? De forma alguma. Falar quero tão livre como o vento. O céu, os homens, todos os diabos, tudo, tudo pode exprobar-me esta ação, mas falar quero.

IAGO — Sê prudente e retorna para casa. EMÍLIA — Não vou.

(Iago ameaça ferir Emília.)

GRACIANO — Virar contra a mulher a espada!

EMÍLIA — Ó Mouro bruto! o lenço de que falas foi por mim encontrado casualmente e dei-o a meu marido, pois bem vezes com mui séria insistência — mais, de fato, do que tal ninharia merecia — pedira que o roubasse.

IAGO — Vil rascoa!

EMÍLIA — Ela o ter dado a Cássio? Não!

Achei-o e o dei a meu marido. IAGO — É falso, imunda!

EMÍLIA — Pelo céu, cavalheiros, é a verdade. Oh palhaço assassino! Que haveria de fazer um cretino rematado com uma mulher tão boa?

OTELO — Por que as pedras todas do céu só servem para o raio? Celerado completo!

(Corre para Iago; Iago apunhala Emília e sai.)

GRACIANO — Ela desmaia! Creio que ele matou a própria esposa.

EMÍLIA — Ai, ai! Deitai-me ao lado de minha ama.

GRACIANO — Fugiu, mas a mulher deixou-se em vida.

MONTANO — É um notório vilão. Guardai esta arma que eu ao Mouro tomei. Vigiai a porta, não deixando que saia. Antes, matai-o. Vou procurar aquele miserável; é um escravo maldito.

(Saem Montano e Graciano.)

OTELO — Já valente não sou; qualquer menino me desarma. Deve a honra viver mais do que a virtude? Que leve o demo tudo.

EMÍLIA — Que queria, senhora, pressagiar tua cantiga? Vou fazer como o cisne; morro e canto: Oh, salgueiro, salgueiro! Mouro, ela era casta. Cruel Mouro, ela o amava muito. Assim minha alma seja salva, como digo a pura verdade. Desse modo falando como penso... morro... morro. (Morre.)

OTELO — Tenho outra arma no quarto, antiga espada de Espanha, temperada em água fria. Ah! Ei-la! Tio, abri, para que eu saia.

GRACIANO (dentro) — Se tentares sair, custar-te-á caro. Não tens armas; preciso é, pois, que sofras.

OTELO — Então me olha e me fala; do contrário, embora desarmado, hei de assaltar-te.

(Volta Graciano.)

GRACIANO — Que é que se passa?

OTELO — Vê, tenho outra espada. Melhor do que está nunca ao lado esteve da coxa de um soldado. Já vi o dia em que este curto braço e está boa arma me franqueavam caminho com obstáculos vinte vezes mais sérios do que os vossos. Mas, oh bravata inútil! Quem o fado dominar pode? Já não é assim, nada receies, por me veres de arma. Cheguei ao fim da viagem, está a meta, a baliza da minha última vela. Recuais pálido assim? É medo inútil. Se alguém vier contra Otelo com um caniço, Otelo recuará. Para onde iria? Que aspecto tens agora, malfadada rapariga? Da cor do teu sudário. Quando nos encontrarmos para o ajuste de contas, teu olhar há de minha alma precipitar do céu, apoderando-se dela os demônios logo. Estás gelada, minha menina, tão gelada como tua própria castidade. Oh! maldito, maldito celerado! Demônios, com açoites expulsai-me da vista desta aparição divina! Entregai-me aos tufões, no enxofre assai-me, em tanques me lavai de fogo líquido. Oh Desdêmona! Morta! Oh, oh! Desdêmona!

(Entram Ludovico, Montano, Cássio carregados com uma cadeira, e oficiais com Iago, prisioneiro.)

LUDOVICO — Onde está o violento e infeliz homem?

OTELO —

Esse que foi Otelo? Aqui me encontro.

LUDOVICO — E onde se encontra a víbora?

Trazei-nos esse infame.

OTELO — Procuo ver-lhe os pés. Mas não... É pura fábula. Se fores o diabo, não conseguirei matar-te. (Fere Iago.)

LUDOVICO — Tomai-lhe a espada.

IAGO — Estou ferido, apenas, senhor; mas não morri.

OTELO — Não me aborrece saber isso; é melhor que fiques vivo, pois a morte, a, meu ver, é grã-ventura.

LUDOVICO — Ó tu, Otelo, que tão bom já foste, como vieste a cair nas artimanhas de um celerado? Que dirão de ti?

OTELO — O que quiserem. Assassino honrado, se assim vos aprouver, porque fiz tudo pela honra, não por ódio.

LUDOVICO — Este patife já confessou em parte as vilanias. Mas é verdade, mesmo, que com ele tínheis premeditado matar Cássio?

OTELO — É...

CÁSSIO — Meu general, eu nunca vos fiz nada.

OTELO — Disso estou certo e peço-vos perdão. Perguntai, por favor, a este demônio porque a alma e o corpo me enlearam a tal ponto.

IAGO — Não me pergunteis nada; o que sabeis, já sabeis. Não direi, de agora em diante, nem mais uma palavra.

LUDOVICO — Quê! Nem mesmo para rezar?



GRACIANO — Haveis de abrir a boca no banco de tormentos.

OTELO — Sim, faze isso.

LUDOVICO — Ireis saber agora tudo o que houve, senhor, o que decerto ainda ignorais. Estacarta se achava num dos bolsos do corpo de Rodrigo. Aqui está outra. Numa delas se lê que deveria Rodrigo matar Cássio.

OTELO — Oh, miserável!

CÁSSIO — Bárbaro a todo ponto e repulsivo.

LUDOVICO — Esta outra carta cheia de censuras também estava num dos bolsos dele. Parece que Rodrigo pretendia enviá-la a esternalvado; mas decerto nesse em meio ele deu-lhe explicações.

OTELO — Oh biltre pernicioso! De que modo, Cássio, vos foi parar às mãos o lenço de minha esposa?

CÁSSIO — Achei-o no meu quarto, e o próprio Iago confessou, há pouco, que ali o jogara, tendo em vista um plano que muito lhe importava.

OTELO — Oh! Tolo, tolo!

CÁSSIO — Leem-se também na carta de Rodrigo censuras dele a Iago por havê-lo forçado a provocar-me, quando estávamos de guarda, o que me fez perder meu posto. E agora mesmo, tendo de si voltado, depois de estar por morto, declarou-nos que Iago o ferira e que por ele mesmo tinha sido instigado.

LUDOVICO — Forçoso é que deixeis este aposento, para virdes conosco. Do comando já fostes destituído. Agora é Cássio quem manda em Chipre. Quanto a este bandido, se houver algum tormento prolongado que o faça durar muito, será dele. Ficareis como nosso prisioneiro, até que o Estado de Veneza tome conhecimento do que aqui fizestes. Vamos! levai-o logo!

OTELO — Docemente! Uma palavra ou duas antes de irdes. Prestei alguns serviços à República, o que é sabido. Mas sobre isso, basta. Peço-vos por favor que em vossas cartas, ao relatardes estes tristes fatos, faleis de mim tal como sou, realmente, sem exagero algum, mas sem malícia. Então a alguém tereis de referir-vos que amou bastante, embora sem prudência; a alguém que não sabia ser ciumento, mas, excitado, cometeu excessos, e cuja mão, tal como o vil judeu, jogou fora uma pérola mais rica do que toda sua tribo; a alguém com olhos vencidos e que embora pouco usados aos sentimentos moles, maior número de gotas derramou do que as árvores da Arábia fazer soem com sua goma medicinal. Contai-lhes isso tudo. E também que em Alepo, certo dia, um turco de turbante e malicioso bateu num veneziano e em termos baixos falou do Estado, e que eu, pela garganta detendo aquele cão circuncidado, o feri deste modo, assim... assim... (Apunhala-se.)

LUDOVICO — Oh conclusão sangrenta!

GRACIANO — Foi inútil tudo quanto dissemos.

OTELO — Dei-te um beijo antes de te matar. Só me restava (Caindo sobre o corpo de Desdêmona.) morrer beijando a quem eu tanto amara. (Morre.)

CÁSSIO — Receava isso mesmo; mas sem armas julgava que estivesse. Era pessoa de grande coração.

LUDOVICO (a Iago) — Ó cão de Esparta, mais cruel que a fome, a angústia e o próprio oceano! Contempla nesse leito o fardo trágico. É tua obra. Envenena a vista o quadro. Tapemo-lo. Graciano, a casa, agora, vos pertence; guardai os bens do Mouro, pois sois o herdeiro dele. A vós compete, senhor governador, dar o castigo a este biltre infernal. Marcaí o dia, o lugar e a tortura. Oh! rigorosa! De bordo escreverei para o senado, relatando tudo isto, angustiado. (Saem.)

FIM

**ANEXO 3 – A TRÁGICA HISTÓRIA DE HAMLET – PRÍNCIPE DA  
DINAMARCA (1603)**

William Shakespeare

Edição Ridendo Castigat Mores - Fonte Digital

## ÍNDICE

## ATO I

Cena I — 8  
Cena II — 16  
Cena III — 28  
Cena IV — 34  
Cena V — 39

## ATO II

Cena I — 48  
Cena II — 54

## ATO III

Cena I — 79  
Cena II — 88  
Cena III — 108  
Cena IV — 112

## ATO IV

Cena I — 122  
Cena II — 125  
Cena III — 128  
Cena IV — 132  
Cena V — 136  
Cena VI — 146  
Cena VII — 148

## ATO V

Cena I — 156  
Cena II — 172

**PERSONAGENS DRAMÁTICAS**

CLÁUDIO (rei da Dinamarca)

HAMLET (filho do defunto rei e sobrinho do reireinante)

FORTIMBRAS (príncipe da Noruega)

HORÁCIO (amigo de Hamlet)

POLÔNIO (camareiro-mor)

LAERTES (seu filho)

VOLTIMANDO (cortesão)

CORNÉLIO (cortesão)

ROBENCRANTZ (cortesão)

GUILDENSTERN (cortesão)

OSRICO

Um nobre

Um padre

BERNARDO (oficial)

MARCELO (oficial)

FRANCISCO (soldado)

REINALDO (criado de Polônio)

Um capitão

Embaixadores ingleses Atores, coveiros

GERTRUDES (rainha da Dinamarca, mãe de Hamlet)

OFÉLIA (filha de Polônio)

*Nobres, senhoras, oficiais, soldados, marinheiros, mensageiros e criados*

*O Fantasma do pai de Hamlet*

ATO I  
Cena I

Esplanada do castelo de Elsinor Francisco, de sentinela; Bernardo entra.

BERNARDO — Quem está aí?

FRANCISCO — Não; responda-me; pare e diga nome.

BERNARDO — Viva o rei! FRANCISCO — Bernardo? BERNARDO — Ele mesmo.

FRANCISCO — Vindes exatamente na vossa hora.

BERNARDO — Meia-noite, Francisco. Vai lá.

FRANCISCO — Muito grato vos sou por merenderdes. Que frio! Chega a doer-me o coração.

BERNARDO — Foi calma a guarda? FRANCISCO — Não buliu nem rato.

BERNARDO — Então, boa noite. Se vires por aí Marcelo e Horácio, dize-lhes que se apressem; estão ambos escalados comigo.

FRANCISCO — Julgo ouvi-los. Olá! Não se aproximem. Quem está aí? (Entram Horácio e Marcelo)

HORÁCIO — Amigos desta terra.

MARCELO — E súditos do rei da Dinamarca. FRANCISCO — Boa noite para todos.

MARCELO — Outro tanto te desejamos nós, meu bom soldado. Quem te rendeu na guarda?

FRANCISCO — Foi Bernardo. Mais uma vez, boa noite. (Sai)

MARCELO — Olá, Bernardo! BERNARDO — Fale. Horácio está aí? HORÁCIO — Ele em pessoa.

BERNARDO — Bem-vindo, Horácio; salve, bom Marcelo.

MARCELO — E a tal coisa, esta noite apareceu?

BERNARDO — Não vi nada.

MARCELO — Horácio diz que tudo é fantasia; não quer acreditar no que contamos sobre a visão que duas vezes vimos. Por isso, o convidei a vir fazer-nos companhia nas horas desta noite. Dessa forma ele confirma nossos olhos, se a aparição voltar, e fala com ela.

HORÁCIO — Qual! Não vem! Não vem nada.

BERNARDO — Bem, sentemo-nos; renovemoso assalto aos teus ouvidos, que tão fortes semostrar para a história do que vimos duas noites.

HORÁCIO — Pois sentemo-nos, para ouvir a Bernardo sobre o assunto.

BERNARDO — Na última noite, ao vir iluminar aquela estrela, que está a oeste do polo, a parte exata do céu em que ora brilha, eu e Marcelo, ao soar uma hora o sino...

MARCELO — Para! Não continues; ei-lo denovo. (Entra o Fantasma)

BERNARDO — Exatamente a forma do reimorto.

MARCELO — Fala-lhe tu, Horácio, que és instruído.

BERNARDO — Não é igual ao rei? Vê bem, Horácio.

HORÁCIO — Igual; o espanto e o medo me confundem.

BERNARDO — Deseja que lhe falem. MARCELO — Fala, Horácio.

HORÁCIO — Quem és, que assim usurpas estas horas da noite e a forma nobre e belicosa que ostentava, marchando, a majestade do sepultado rei da Dinamarca? Pelo céu, fala; ordeno-te!

MARCELO — Ofendeu-se. BERNARDO — Vai recuando.

HORÁCIO — Detém-te e fala! Intimo-te! (Sai o Fantasma)

MARCELO — Foi-se, sem dizer nada.

BERNARDO — Então, Horácio? Assim tremendo e pálido... Não é mais do que simples fantasia? Que pensais de tudo isso?

HORÁCIO — Perante meu Deus, nisso poderia não ter acreditado sem a sensível e verdadeira testemunha de meus próprios olhos.

MARCELO — Ao rei se assemelha?

HORÁCIO — Como tu te assemelhas a ti mesmo. Essas as armas que trazia, quando derrubou o ambicioso Norueguês; desse modo franziu o sobrececho, depois da discussão, quando no gelo jogou a resistente machadinha. É muito estranho.

MARCELO — Por duas vezes, já, nesta hora morta, passou por nós com o mesmo ar belicoso.

HORÁCIO — Não posso achar explicação; contudo, de maneira geral, penso que o fato é indício de algum mal para nós todos.

MARCELO — Sentem-se, então, e quem souber nos diga donde vem fatigarem-se os vassallos deste reino com guardas rigorosas; emais: por que fundir canhões de bronze, por que tanto armamento do estrangeiro, por que trabalham tanto os arsenais, sem das semanas separar os sábados? Que nos ameaça, para que essa faina suarenta a noite mude em companheira de trabalho do dia? Quem me pode dar disso a explicação?

HORÁCIO — Eu, quero crê-lo. É o que se fala, ao menos: o defunto monarca, de quem vimos, ora, a imagem, foi desafiado, como é bem sabido, por Fortimbrás, a quem ciumento orgulho dava ousadia. O nosso bravo Hamlet — que assim por estes mundos lhe chamavam — matou o Norueguês, que, por contrato selado e sancionado pelas normas da nobreza, legava ao adversário todos os territórios ocupados, se a vida a perder viesse na compita. Nosso rei, por seu lado, o equivalente de terras empenhou, que caberiam a Fortimbrás, no caso de afirmar-se vitorioso, tal como, pela força desse artigo, as daquele para Hamlet foram deixadas. Mas agora o moço Fortimbrás, ardoroso, porém falho de experiência, alistou pela fronteira da Noruega, só a preço de comida, uns tipos corajosos e sem terras, que anteveem qualquer empresa gorda — que não é outra, justamente, como nosso Estado, de há muito, o reconhece — senão nos constranger pela violência das armas a entregar-lhes esses domínios que de seu pai nos vieram. Eis a origem principal, quero crer, de tanta azáfama, a causa desta guarda e a maior fonte da lufa-lufa em que se agita o reino.

BERNARDO — É o que eu penso, também; deve ser isso. É o que explica passar por nossa guarda semelhante portento sob o aspecto do rei que foi e é causa desta guerra.

HORÁCIO — O olho da inteligência um argueiro o turva. Na época mais gloriosa da alta Roma, pouco antes de cair o grande Júlio, saíram dos sepulcros os cadáveres em seus lençóis, gemendo pelas ruas. Depois, chuveu sangue, apareceram manchas no Sol, cometas; e o úmido astro que tem força no reino de Netuno, do eclipse padeceu do fim das coisas. Idênticos sinais de cruéis eventos — precursores que são sempre dos Fados e prólogo de agouros iminentes

— Enviaram juntamente o céu e a terra por sobre o nosso clima e nosso povo. Mas, silêncio! Cautela! Ei-lo que volta. (Entra o Fantasma) Vou falar-lhe, ainda mesmo que me mate. Para, ilusão! Se tens o uso da fala, responde-me! Se é de necessidade fazer algo de bom, que te alivie e me dê graça, fala-me! Se estás a par de algum mal iminente de tua pátria, e que possa ser desviado, oh, fala-me! Ou, ainda, se escondestes sob a terra, quando vivo, tesouros extorquidos, razão, se diz, de as almas retornarem, (Um galo canta) detém-te e fala. Agarra-o bem, Marcelo.

MARCELO — Posso dar-lhe com minha partazana?

HORÁCIO — Se resistir. BERNARDO — Aqui!

HORÁCIO — Por este lado! (Sai o Fantasma)

MARCELO — Desapareceu! Foi mal de nossa parte, em tanta mostra de majestade, usarmos de violência. Como o ar, é invulnerável, não passando de brincadeira os nossos golpes vãos.

BERNARDO — Ia falar; o galo o não deixou.

HORÁCIO — Nesse instante, tremeu como culpado diante da citação de ruim presságio. Ouvir que o galo, essa trombeta da manhã, com sua voz vibrante e clara, desperta o deus do dia, e que a esse aviso, quer no mar, quer no fogo, no ar, na terra, os errantes espíritos retornam para seus postos, do que temos clara confirmação enquanto presenciamos.

MARCELO — Quando o galo cantou, desvaneceu-se. Dizem que quando o tempo se aproxima de a data festejarmos do Natal do nosso Salvador, essa ave canta durante toda a noite. Então, espírito nenhum anda vagante, dizem; todas as noites são salubres; os planetas não têm influência, os gnomos, os bruxedos: tão gracioso é esse tempo e tão sagrado.

HORÁCIO — Ouvi falar, também, e em parteo creio. Mas vede: a aurora com seu manto rubropasseia sobre o orvalho além do morro. Ponhamos fim à guarda. Sou de aviso que os fatos desta noite os transmitamos ao moço Hamlet, pois, por minha vida, esse espírito mudohá de falar-lhe. Concordais em fazer-lhe esserelato que o dever e a afeição de nós o exigem?

MARCELO — Façamo-lo, vos peço; eu sei o ponto em que é fácil falar-lhe esta manhã. (Saem)

## Cena II

Uma sala de recepção no castelo. Entram o Rei, a Rainha, Hamlet, Polônio, Laertes. Voltimando, Cornélio, nobres e séquito.

O REI — Conquanto esteja fresca, ainda, a memória do traspasso de Hamlet, o irmão saudoso, e chorá-lo devêssemos, contraindo toda a corte em tristeza o sobrececho: tanto a razão se impõe à natureza que com sábia tristura o relembramos ao tempo em que pensamos em nós mesmos. Por isso, à que era nossa irmã, e agora nossa rainha, a imperial herdeira deste reino guerreiro, com alegria, por bem dizermos, parcialmente frustra, num dos olhos o choro, no outro o riso, ledos no funeral, tristes na igreja, sabendo equilibrar a dor e o encanto, tomamos como esposa, após ouvirmos vossos conselhos, sempre e em tudo livres. Nossos agradecimentos por tudo isso. Agora Fortimbrás, o moço, como bem o sabeis, subestimando nossa força, ou mesmo pensando que o traspasso de nosso irmão poria o Estado fora dos eixos, sonha com vantagens pessoais, não cessando de inquietar-nos com mensagens que visam a reaver-nos as terras que seu pai perdeu na luta, conforme as condições estipuladas com nosso bravo irmão. Sobre ele, basta. Passemos a tratar de nós e desta convocação: é o caso que escrevemos a Noruega, tio desse moço Fortimbrás, que, de cama e muito doente, de certo ignora os planos do sobrinho, pedindo-lhe intervenha no sentido de sofrear-lhe o ardor, visto que as levadas e alistamentos estão sendo feitos nos seus domínios. Daí vos despachamos, bom Cornélio, e também vós, Voltimando, com meu saúdo ao velho Norueguês, sem mais poder pessoal para tratardes com o rei, além do que estiver previsto nas vossas instruções. E agora, adeus; que a pressa recomende o vosso zelo.

CORNÉLIO e VOLTIMANDO — Demonstrá-lo-emos nisto, como em tudo.

O REI — Estamos certos disso; passai bem. (Voltimando e Cornélio saem) dize agora, Laertes, que pretendes. Já nos falaste de algo. Que é, Laertes? Não se dará que percas as palavras, se falares com senso ao soberano da Dinamarca. Que nos poderias pedir, Laertes, que não fosse nossa dádiva, não pedido de tua parte? A cabeça não é tão bem-casada com o coração, nem serve amão à boca com mais zelo, que ao trono teu bom pai. Que desejas, Laertes?

LAERTES — Real senhor, permissão de regresso para a França. Ainda que de bom grado eu tenha vindo à vossa coroação, confessar devo que, cumprido o dever, meus pensamentos e desejos, sujeitos à vossa alta benevolência, à França me conduzem.

O REI — Teu pai já o consentiu? Que diz polônio?

POLÔNIO — Sim, milorde, arrancou de mim meu tardo consentimento à custa de insistência, tendo eu, por fim, selado seu pedido com meu custoso “sim”. Por isso, peço-vos consentirdesque volte para a França.

O REI — Laertes, a hora é boa; usa o teu tempo e a teu sabor e dotes o aproveita. E agora, primo Hamlet, primo e filho...

HAMLET (à parte) — Parente, mais; querido, muito menos.

O REI — Por que sempre o teu rosto comessas nuvens?

HAMLET — Nem tanto, meu senhor, o Sol meaquece.

A RAINHA — Despe-te, bom Hamlet, desse luto, e deita olhar amigo à Dinamarca.

Não prossigas assim, de olhos caídos, a procurar teu nobre pai na poeira. É lei comum, tu o sabes; quantos vivem, passam da natureza para a vidade eternidade.

HAMLET — É lei comum, realmente, minha senhora.

A RAINHA — Então, se é assim com todos, que te parece estranho nesse caso?

HAMLET — Não parece, senhora; é. Não conheço “pareces”, boa mãe. Nem esta capa sombria, nem as vestes costumeiras de solene corneira, os tempestuosos suspiros arrancados do imo peito, as torrentes fecundas que me descem dos olhos, o semblante acabrunhado, nem todas as demais modalidades da mágoa poderão nunca, em verdade, definir-me. Parecem, tão-somente, pois são gestos de fácil fingimento. Mas há algo dentro em mim que não parece. Tudo isso éroupa e enfeite do infortúnio.

O REI — Recomenda-te, Hamlet, a natureza chorares o teu pai dessa maneira, mas, lembra-te: teu pai perdeu um pai, que o seu, também, perdera. Ao filho vivo cabe o grato dever delastimá-lo por algum tempo. Mas mostrar tão grande obstinação no luto, é dar indícios de teimae de impiedade; é a dor dos fracos; revela uma vontade ímpia e rebelde, coração débil, mente anarquizada, inteligência pobre e sem cultivo. Setem de ser assim, tal como as coisas mais comuns que aos sentidos nos afetam, para que nos mostrarmos rigorosos e pueris? Ora! É ofensa ao próprio céu, à natureza, aos mortos, mais que absurda para a razão, cujo princípio básico é o traspasso dos pais, e que não cessa de proclamar desde a hora do primeiro cadáver até ao morto deste instante: Tinha de ser assim. Vamos, te peço, deixa essa dor estéril e nos trata como a pai. Sim, que o mundo tome nota: o mais chegadoés tu ao nosso trono. Não menos generosos sentimentos dedica ao filho um pai do que os que à tua pessoa consagramos. Teu desejo de voltar novamente para a escola de Vitemberga opõe-se ao nosso alvitre. Por isso, conjuramos-te a ficares sob o grato prazer de nossos olhos, dos nobres o primeiro, primo e filho.

A RAINHA — Não deixes que tua mãe gaste suas súplicas em vão, Hamlet.

Peço-te ficares conosco. Não te vás a Vitemberga.

HAMLET — Quanto em mim for, senhora, serei dócil.

O REI — Isso sim, que é falar sensato e amável. Sê como nós na Dinamarca. Vamos, senhora. O voluntário “sim” de Hamlet sorri-me ao coração. Por isso, os brindes de hoje de Dinamarca o canhão grande deverá transmitir-los até às nuvens. O céu vai repetir, a cada taça do rei, trovões da terra. E agora, vamo-nos. (Saem o Rei, a Rainha, Laertes, Polônio e o séquito)

HAMLET — Oh, se esta carne sólida, tão sólida, se esfizesse, fundindo-se em orvalho! Ou se ao menos o Eterno não houvesse condenado o suicídio! Ó Deus! Ó Deus! Como se me afiguram fastidiosas, fúteis e vãs as coisas deste mundo! Que horror! Jardim inculto em que só medram ervas daninhas, cheio só das coisas mais rudes e grosseiras. Chegar a isso! Morto há dois meses! Não, nem tanto... Dois? Um rei tão bom, que, confrontado com este, era Apolo ante um sátiro... Tão terno para a esposa, que ao próprio vento obstava de bater-lhe no rosto com violência. Oh céus! Recordá-lo-ei? Pendia dele como se seus desejos aumentassem com a saciedade. E um mês depois... Paremos. Fragilidade, nome de mulher... Só um mês, sem ter gastado ainda os sapatos com que o corpo seguiu do meu bom pai, qual Níobe, só lágrimas. Sim, ela — Ó céu! Um animal que é destruído da faculdade da palavra, certo choraria mais tempo! — desposada! pelo irmão de meu pai, mas que tem tanto dele tal como eu de Hércules. Num mês, antes que o sal das lágrimas tão falsas secasse de seus olhos tumefeitos estar ela casada! Oh!

pressa iníqua desubir para o tálamo incestuoso! Não pode acabar bem..., Mas despedaçá-te, coração; é mister ficarcaldado. (Entram Horácio, Marcelo e Bernardo)

HORÁCIO — Deus guarde a Vossa Alteza.

HAMLET — Alegria-me rever-te com saúde...

Horácio, se a memória não me falha.

HORÁCIO — O mesmo criado, príncipe, de sempre.

HAMLET — Amigo, amigo; é o nome que eu te dou. Qual a razão de haveres tu deixado Vitemberga?... Marcelo?

MARCELO — Meu bom príncipe...

HAMLET — Muito prazer. (A Bernardo) Bons dias. Mas falando sério, por que deixaste Vitemberga?

HORÁCIO — Simples disposição de um preguiçoso.

HAMLET — Não quisera ouvir isso de teus próprios inimigos. Por isso, não me faças ao ouvido a violência de depores contra ti próprio. Não, não és vadio. Qual o motivo que a Elsinor tetrouxe? Conosco aprenderás a beber muito.

HORÁCIO — Senhor, os funerais de vosso pai.

HAMLET — Meu caro condiscípulo, não zombes; creio que vieste para o casamento. deminha mãe.

HORÁCIO — Realmente, foi bem perto.

HAMLET — Economia, Horácio! Os bolos fúnebres serviram para os frios do esposório. Preferira encontrar no céu o inimigo maisferrenho, a viver tal dia, Horácio. Meu pai! Às vezes julgo ver meu pai.

HORÁCIO — Como, senhor?

HAMLET — Com os olhos da alma, Horácio.

HORÁCIO — Vi-o uma vez; um grande rei, defato.

HAMLET — Um homem, na acepção lata dotermo; jamais poderei ver alguém como ele.

HORÁCIO — Creio, senhor, que o vi nestanoite última.

HAMLET — A quem?

HORÁCIO — A vosso pai, senhor.HAMLET — O rei meu pai?

HORÁCIO — Prestai-me ouvidos, refreando o espanto por algum tempo, até que eu vos relate tal maravilha, sob o testemunho destes senhores.

HAMLET — Pelo céu, falai.

HORÁCIO — Duas noites a fio estes senhores, o Bernardo e o Marcelo, quando guardamontavam, na hora morta da meia-noite, viram uma figura parecida com vosso pai, armado da cabeça até aos pés, avançando com postura lentae grave. Três vezes pelos olhos pávidos lhes passou, à só distância de um bastão de comando. Eles, gelados pelo medo, ficaram sem ter ânimo para falar-lhe. O fato me confiaram, sob a maior reserva, ainda abalados. Montei guarda com eles na outra noite... E eis que na hora indicada, soba forma que eles a descreveram, tudo exato, voltou a aparição... Sim, vosso pai; conheci-o; estas mãos não se parecem tanto.

HAMLET — Onde foi tudo isso?

MARCELO — Na esplanada, senhor, ondeficávamos de guarda.

HAMLET — Falaste-lhe?

HORÁCIO — Falei-lhe, sim, meu príncipe, mas não me respondeu. Contudo, quis-me parecer que ele o rosto levantava, pondo-se em movimento, como prestes a falar. Mas, nessahora, cantou o galo. A esse canto, esgueirou-se ele apressado, sumindo à nossa vista.

HAMLET — É muito estranho.

HORÁCIO — Por minha vida, príncipe, é averdade. Pensamos que o dever nos prescrevia dar-vos conta de tudo.

HAMLET — Não vos encubro a minhainquietação. Montais guarda esta noite?

MARCELO e BERNARDO — Sim, alteza.HAMLET — Tinha armas, o dissestes?



MARCELO e BERNARDO — Sim, alteza. HAMLET — Da cabeça aos pés?  
 MARCELO e BERNARDO — Sim, de alto abaixo.  
 HAMLET — Então não lhe pudestes ver orosto.  
 HORÁCIO — Como não? A viseira estava erguida.  
 HAMLET — E as feições, carregadas?  
 HORÁCIO — Expressão mais de dor do que de cólera.  
 HAMLET — Corado ou pálido? HORÁCIO — Muito pálido.  
 HAMLET — E o olhar? Chegou a fitar-vos? HORÁCIO — Durante todo o tempo.  
 HAMLET — Desejara tê-lo visto.  
 HORÁCIO — Sem dúvida, isso havia de causar-vos profunda  
 admiração.  
 HAMLET — Muito provavelmente. Edemorou-se?  
 HORÁCIO — O tempo de contar, com certa calma, até cem.  
 MARCELO e BERNARDO — Muito mais!  
 Muito mais tempo!  
 HORÁCIO — Não quando o vi. HAMLET — E a barba? Era grisalha?  
 HORÁCIO — Tal como a vi, quando ele ainda era vivo: negro-prateada.  
 HAMLET — À noite, eu farei guarda; talvez ele retorne.  
 HORÁCIO — É quase certo.  
 HAMLET — Se ele me aparecer sob a figura de meu pai, falar-lhe-ei, ainda que o  
 inferno se me abrisse e mandasse ficar quieto. Mas peço a todos: se a ninguém falastes  
 dessa visão, sede discretos nisso. A qualquer ocorrência desta noite, trocai sinais  
 apenas, não palavras. Sabereis-vos grato. Passai bem. Na esplanada, entre as onze  
 horas e as doze, pretendo aparecer.  
 TODOS — Nossos respeitos.  
 HAMLET — Vosso amor, como o meu. E agora, adeus. (Horácio, Marcelo e Bernardo  
 saem) A sombra de meu pai em armas! Tudo vai muito mal. Temo qualquer desgraça.  
 Ah! Quem dera que a noite já chegasse! Mas até lá, minha alma, sê paciente. As ações  
 más, embora a terra as cubra, aos olhos dos mortais não se subtraem. (Sai)

### Cena III

Um quarto em casa de Polônio. Entram Laertes e Ofélia.

LAERTES — Tudo o que é meu já se acha a bordo; adeus. Cara irmã, se houver ventos  
 benfazejos e navios no porto, não te ponhas a dormir: dá notícias.  
 OFÉLIA — E duvida-o?  
 LAERTES — O que respeita a Hamlet, e seu namoro, toma-o como capricho, simples  
 moda, violeta que a estação produziu cedo, passageira e aromosa, não durável, perfume  
 e refrigerio de um minuto, nada mais.  
 OFÉLIA — Nada mais?  
 LAERTES — Isso, mais nada. Nosso corpo, ao crescer, não ganha apenas volume e  
 músculos; o templo expande-se, e a par, também, se alarga o espírito e a alma com seu  
 culto interior. É bem possível que te ame agora, sem que fraude alguma lhe macule  
 a virtude do alvedrio. Mas deves ter cautela, que os de sua posição não são donos de  
 si mesmos. Ele é escravo do próprio nascimento; não pode, como o faz gente do povo,  
 eleger para si, que dessa escolha depende a segurança e o bem do Estado. Daí, necessitar  
 subordiná-la ao voto e aprovação do corpo, cuja cabeça ele é. Se te disser que te ama,  
 cumpre à tua prudência dar-lhe crédito na medida em que seja permitido passar do verbo à  
 ação, o que mais longe não irá do que a voz da Dinamarca. Pensana mancha, irmã,  
 para tua honra, se desses ao seu canto ouvido crédulo e o coração perdesse, ou se  
 abrisse o teu casto tesouro aos seus assaltos. Cuidado, irmã! Cuidado, Ofélia amiga! Fica  
 na retaguarda dos anseios, a coberto dos botes dos desejos. Já prodigalidade é uma virgem  
 revelar a beleza à própria lua. Da calúnia a virtude não se livra. Muitas vezes, o verme

estraga as flores primaveris, bem antes de se abrirem. No orvalho e na manhã da mocidade o vento contagioso é mais nocivo. Sê cautelosa; o medo é amparo certo. A mocidade é inimiga de si mesma.

OFÉLIA — Encerrarei no peito, como guardas, essas sábias lições. Mas, caro irmão, não faças como alguns desses pastores que aconselham aos outros o caminho do céu, cheio de abrolhos, enquanto eles seguem ledos a estrada dos prazeres, sem dos próprios conselhos lembrar.

LAERTES — Nada receies; mas é tempo; aí vem nosso pai. (Entra Polônio) Dupla bênção, graça dupla. O acaso me concede este outro deus.

POLÔNIO — Ainda aqui, Laertes? Para bordo! O vento se acha a tergo de tua vela; já te reclamam. Vai com a minha bênção, e grava na memória estes preceitos: Não dêes língua aos teus próprios pensamentos, nem corpo aos que não forem convenientes. Sê lhano, mas evita abastardares-te. O amigo comprovado, prende-o firme no coração com vínculos de ferro, mas a mão não calejes com saudares a todo instante amigos novos. Foge de entrar em briga; mas, brigando, acaso, faze o competidor temer-te sempre. A todos, teu ouvido; a voz, a poucos; ouve opiniões, mas forma juízo próprio. Conforme a bolsa, assim tenhas a roupa: sem fantasia; rica, mas discreta, que o traje às vezes o homem denuncia. Nisso, principalmente, são pichosas as pessoas de classe e prol na França. Não emprestes nem peças emprestadas; que emprestaré perder dinheiro e amigo, e o oposto embota o fio à economia. Mas, sobretudo, sê a ti próprio fiel; segue-se disso, como o dia à noite, que a ninguém poderás jamais ser falso. Adeus; que minha bênção tal conselhos faça frutificar.

LAERTES — Humildemente me despeço, senhor.

POLÔNIO — O tempo é curto; vai logo, que os criados já te esperam.

LAERTES — Adeus, Ofélia; guarda o que eute disse.

OFÉLIA — Guardei-o na memória, e a chavea levas.

LAERTES — Adeus. (Sai)

POLÔNIO — Que palavras, Ofélia, ele te disse?

OFÉLIA — Se o permitis, falou de lorde Hamlet.

POLÔNIO — Ah, bem pensado. Já me disseram que ele te dispensa alguma intimidade e que tu própria tens sido liberal em dar-lhe ouvidos. Se é assim, de fato — o que me revelaram à guisa de advertência — devo ser-te franco: não te comportas com a prudência que compete à minha honra e à minha filha. Que é que há entre vós dois? Fala a verdade.

OFÉLIA — Senhor, ultimamente fez-me muitas propostas de afeição.

POLÔNIO — Ora, afeição! Falas tal qual mocinha inexperiente do perigo de certas situações. E tu? Acreditas em tais propostas?

OFÉLIA — Não sei como pensar, meu pai, sobre isso.

POLÔNIO — Ouve, então: é preciso que não passes de um bebê, para teres recebido como moeda corrente essas propostas. Propõe agora juízo, se não queres — e a pobre frase o aguenta

— Para tolo me propor.

OFÉLIA — Mas senhor, sua insistência sempre foi de moral honrosa e digna.

POLÔNIO — Moral! Bela expressão. Adiante!

Adiante!

OFÉLIA — E ele soube firmar os seus protestos de amor com os mais sagrados juramentos.

POLÔNIO — Conheço isso; armadilha para tordos. Sempre que o sangue ferve, à língua os votos que a alma não regateia vêm e esplendem com mais luz que calor para extinguirem-se à só promessa frustrada antes do ato. Não os tomes pôr fogo. Doravante restringe a tua virginal presença; não debes pôr muito elevado preço nessas propostas, como se ordens fossem para parlamentar. Enquanto a Hamlet, confia nele até este ponto: é moço, sobre dispor de corda bem mais frouxa, para andar, do que a tua. Em suma, Ofélia, descrê dos seus protestos; são agentes que desmentem a cor do hábito externo, mendigos de desejos inconfessos, que respiram candura e santidade para melhor

lograrem. Novamente e em termos simples: doravante proíbo-te que sejas perdulária de teu ócio, pondo-te a conversar com lorde Hamlet. Vê bem que o ordeno. E agora, põe-te a andar.

OFÉLIA — Ser-vos-ei obediente. (Saem)

#### Cena IV

A esplanada. Entram Hamlet, Horácio e Marcelo.

HAMLET — Que vento forte! O frio é insuportável.

HORÁCIO — E o ar cortante e agitado. HAMLET — Que horas são?

HORÁCIO — Penso que falta pouco para as doze.

HAMLET — Não; já bateram.

HORÁCIO — Já? Não ouvi; então não faltamuito para que o fantasma volte a aparecer-nos. (Toque de trombetas e tiros de canhão atrás da cena) Que significa esse barulho, príncipe?

HAMLET — O rei está acordado e dá banquete. Bebê a valer, rodando tudo em torno. Cada gole de Reno é por trombetas e timbales marcado, que o triunfo do brinde lhe proclama.

HORÁCIO — É costume?

HAMLET — É, de fato. Mas a meu ver — embora aqui eu tivesse o berço e a educação — é um desses hábitos cuja quebra honra mais do que a observância. Essas orgias torpes nos difamam de leste a oeste, junto aos outros povos. Só nos chamam de bêbedos, alcunha que nos deprime, por privar os nossos empreendimentos, ainda os mais brilhantes, da essência medular de nosso mérito. Isso acontece às vezes noutros meios: se nasce alguém com algum defeito ingênito — do que não é culpado, porque a origem para si não escolhe a natureza, pelo excesso de sangue, que, por vezes, os fortes da razão e os diques rompem, ou somente por hábito, que estraga a moral cotidiana — essecoitado, que leva pela vida tal defeito, seja mancha do acaso ou vestimenta da natureza, embora suas virtudes sejam tão puras quanto a graça e em número infinito, no máximo de nossa capacidade, perde no conceito geral por essa falha. A massa nobre se torna recalçada e diminuída pelo grão do defeito. (Entra o Fantasma)

HORÁCIO — Ei-lo, meu príncipe!

HAMLET — Anjos do céu, correi em nosso auxílio! Quer sejas um bom gênio ou alma penada, quer tragas ar do céu ou sopro infecto, quer tenhas intenções ruins ou amoráveis, tão duvidosa é a forma que assumiste, que resolvo falar-te. Dou-te o nome de Hamlet, rei, meu pai, régio Danês! Não me deixes em trevas; dize a causa de teus ossos, que a morte já guardara, terem rompido o invólucro; o motivo de te haver o sepulcro, em que te vimos recolhido, lançado de suas fortes mandíbulas de mármore. Que pode significar vestires assim de aço, para o luar de novo visitares, tornando a noite hedionda, e a nós, ludíbrio da criação, abalares deste modo compensamentos que ultrapassam muito o âmbito limitado de nossa alma? Fala; que é isso? A causa? Que faremos? (O Fantasma faz sinal a Hamlet)

HORÁCIO — Faz-vos sinal para irde-vos com ele, como se pretendesse algo dizer-vos sem testemunhas.

MARCELO — Vede o gesto cortês com que ele indica que em lugar apartado quer falar-vos. Não deveis atender.

HORÁCIO — De forma alguma.

HAMLET — Assim, não falará; bem, segui-lo-ei.

HORÁCIO — Ficai, senhor!

HAMLET — De que posso temer-me? Minha

vida? Não vale um alfinete. Quanto a minha alma, em nada há de ofendê-la, por ser algo imortal como ele próprio. Acena-me de novo; vou segui-lo.

HORÁCIO — E se vos arrastar para a água, príncipe, ou para o pico horrendo do rochedo que no mar se acha a prumo de sua base, para assumir, então, forma espantosa e privar da razão a Vossa Alteza, levando-vos à insânia? Refleti. Sem outra qualquer causa, o simples fatoso lugar, faz nascer desesperadas fantasias em todo e qualquer cérebro que de tão grande altura ao mar contemple e o ouça em baixo rugir.

HAMLET — De novo acena-me. Caminha! Já te sigo.

MARCELO — Não deves ir, meu príncipe. HAMLET — Soltai-me.

HORÁCIO — Sede razoável, príncipe: ficai.

HAMLET — Meu destino me chama; é ele que deixa as menores artérias do meu corpo com a mesma resistência que a dos músculos do leão de Neméia. (O Fantasma acena) Outro sinal! Largai-me! (Desvencilha-se) Ou, pelo céu, façam um fantasma do primeiro que ousar ainda deter-me. Caminha, digo; irei aonde tu fores. (Saem o Fantasma e Hamlet)

HORÁCIO — O delírio o conduz ao desespero.

MARCELO — Não devíamos ter-lhe obedecido.

HORÁCIO — Sigamo-lo. Que fim vai ter tudo isso?

MARCELO — Algo está a apodrecer na Dinamarca.

HORÁCIO — O céu dará remédio. MARCELO — Acompanhem-lo. (Saem)

#### Cena V

*Outra parte da esplanada. Entram o Fantasma e Hamlet.*

HAMLET — Para onde me conduzes? Não dá mais um passo.

FANTASMA — Ouve-me!

HAMLET — Isso é o que desejo.

FANTASMA — Já está perto o momento em que é forçoso que de novo me entregue às labaredas sulfúreas do tormento.

HAMLET — Pobre espírito!

FANTASMA — Não me lastimes; ouve com atenção o segredo que passo a revelar-te.

HAMLET — Fala, que estou obrigado a dar-te ouvidos.

FANTASMA — E também a vingar-me, após ouvires-me.

HAMLET — Como!?

FANTASMA — Sou a alma de teu pai, por algum tempo condenada a vagar durante a noite, e de dia a jejuar na chama ardente, até que as culpas todas praticadas em meus dias mortais sejam nas chamas, afinal, purificadas. Se eu pudesse revelar-te os segredos do meu cárcere, as menores palavras dessa história te rasgariam a alma; tornar-te-iam, gelado o sangue juvenil; das órbitas fariam que saltassem, como estrelas, teus olhos; o penteado desfar-te-iam, pondo eriçados, hirtos os cabelos, como cerdas de iroso porco-espinho. Mas essa descrição da eternidade para ouvidos não é de carne e sangue. Escuta, Hamlet! Se algum dia amaste teu carinhoso pai...

HAMLET — Ó Deus!

FANTASMA — Vinga o seu assassínio estranho e torpe.

HAMLET — Assassínio?

FANTASMA — Sim, assassínio torpe, como todos; mas esse é estranho, vil e inconcebível.

HAMLET — Conta-me, a fim de que eu, com asas rápidas como a meditação ou os pensamentos de amor, possa vingar-te.

FANTASMA — Acho que podes. Mais lerdo do que a espessa planta que nas margens do Letes apodrece, se isso não te abalasse. Escuta, Hamlet! Contaram que uma cobra me picara, quando, a dormir, eu no jardim me achava. Assim, foi ludibriado todo o ouvido da Dinamarca por uma notícia falsa de minha morte. Mas escuta, nobre mancebo! A cobra que peçonhalançou na vida de teu pai, agora cinge a coroa dele.

HAMLET — Oh minha alma profética! Meu tio!

FANTASMA — Sim, esse monstro adúltero e incestuoso. Com o feitiço pessoal e com presentes — ó dotes maus, ó brindes, que tal força tendesde sedução! —; pôde a vontade da rainha conquistar, que parecia tão virtuosa, dobrando-a para o vício. Que queda, Hamlet! Do meu amor, que tinha tal pureza que andava a par com o voto que eu fizera no nosso casamento — a um miserável que em confronto comigo nada vale! Mas se a virtude é firme, ainda que o vício sob a forma do céu vá cortejá-la, a luxúria, conquanto a um anjo presa, num leito celestial cedo se enfara, sonhando com carniça. Mas, devagar! Pressinto o ar da manhã. Serei breve. Ao achar-me adormecido no meu jardim, na sesta cotidiana, teu tio se esgueirou por minhas horas de sossego, munido de um frasquinho de meimendro e no ouvido despejou-me o líquido leproso, cujo efeito de tal modo se opõe ao sangue humano, que corre pelas portas e caminhos do corpo, tão veloz como o mercúrio, fazendo coagular com vigorsúbito o sangue puro e fino, como o leite quando o ácido o conturba. Assim, comigo: no mesmo instante impingens me nasceram, qual se eu fosse outro Lázaro, nojentas, pelo corpo macio. Adormecido, desta arte, me privou o irmão, a umtempo, da vida, da coroa e da rainha, morto na florescência dos pecados, sem óleos, confissão nem sacramentos, sem ter prestado contas, para o juízo enviado com o fardo dos meus erros. É horrível, sim, horrível, muito horrível! Se sentimento natural tiveres, não suportes tal coisa. Não consintas que o leito real da Dinamarca fique como catre de incesto e de luxúria. Contudo, se nesse ato te empenhares, não te manches. Que tua alma não conceba nadacontra tua mãe; ao céu a entrega, e aos espinhosque o peito lhe compunge. Deles seja o castigo.E agora, adeus! Mostra-me o pirilampo damadrugada; já seu fogo inativo empalidece. Adeus, Hamlet! Lembra-te de mim. (Sai)

HAMLET — Legiões do céu! Ó terra! Que mais, ainda? Invocarei o inferno? Firme, firme, coração! Não fiqueis velhos de súbito, músculos; aguentai-me! Que me lembre de ti? Sim, pobre fantasma, sim, enquanto tiver sede a memória neste globo conturbado. Lembrar-me? Sim; das tábuas da memória hei de todas as notícias frívolas apagar, as vãs sentenças dos livros, as imagens, os vestígios que dos anos e a experiência aí deixaram. Essa tua ordem, só, háde guardar-se no volume e no livro do meu cérebro, sem mais escórias. Sim, pelo alto céu, ó mulher perniciosa! Vilão, vilão que ri! Vilãomaldito! Meu canhenho... Preciso tomar nota queo homem pode sorrir e ser infame. Sei que aomenos é assim na Dinamarca. (Escreve) Aí vou, meu tio. Agora minha senha vai ser: Adeus, recorda-te de mim. Assim jurei.

HORÁCIO (dentro) — Milorde Hamlet!MARCELO (dentro) — Príncipe!

HORÁCIO (dentro) — Que o céu o ampare.MARCELO (dentro) — Amém.

HORÁCIO — Olá! Olá! Senhor!

HAMLET — Olá, menino! Vem, meu passarinho! (Entram Horácio e Marcelo)

MARCELO — Que aconteceu, senhor?HORÁCIO — Que houve, senhor?

HAMLET — Extraordinário! HORÁCIO — Bom senhor, contai-nos.HAMLET — Não, que o revelaríeis.

HORÁCIO — Eu, não, senhor; por Deus!

MARCELO — Nem eu, tampouco.

HAMLET — Que julgais? A alma humana poderia concebê-lo? Jurais não o revelar?

HORÁCIO e MARCELO — Pelo céu o juramos, meu senhor.

HAMLET — Não há em toda a Dinamarca umbiltre que possa ser tratante mais chapado.

HORÁCIO — Não era necessário que nos viesse do outro mundo um fantasma dizer isso.

HAMLET — Está bem, está bem; tendes razão. Desse modo, sem mais formalidades, apartemos as mãos e dispersemos-nos. Vós, para onde os negócios e os pendores vos

levarem — que todos os possuem, sejam quais forem. — Quanto à minha pobre parte...  
Ora vede: vou rezar.

HORÁCIO — São palavras sem nexos, meusenhora.

HAMLET — Em verdade, compunge-meofender-vos. De coração.

HORÁCIO — Não há ofensa, príncipe. HAMLET — Por São Patrício, há ofensa, Horácio, e grande, quanto à visão de há pouco. Só vos digo que é um fantasma honesto. Mas, quereis saber o que passou entre mim e ele, não pode ser; sofread-vos como for. E agora, bons amigos — sim, que o somos, companheiros de escola e de caserna — concedei-me um favor.

HORÁCIO — Que pode ser, meu príncipe?

Está feito.

HAMLET — Não contar o que vistes estanoite.

HORÁCIO e MARCELO — Nada diremos. HAMLET — Bem; então, jurai-o.

HORÁCIO — Sob palavra de honra, sereimudo.

MARCELO — Eu também; sob palavra. HAMLET — Em minha espada.

HORÁCIO — Já o juramos, senhor.

HAMLET — Bem, mas agora jurai sobre esta espada.

FANTASMA (em baixo) — Jurai!

HAMLET — Olá, garoto! Estás aí, valente. Ouvistes que da adega ele nos fala. Prestai o juramento.

HORÁCIO — Formulai-o.

HAMLET — Jamais falar de quanto presenciastes. Sobre esta espada

FANTASMA (em baixo) — Jurai!

HAMLET — Hic et ubique? Mudemos de lugar. Aqui, senhores. Ponde as mãos novamente sobre a espada. Não falareis jamais sobre o que vistes. Jurai por minha espada.

FANTASMA (em baixo) — Jurai!

HAMLET — Bravo, velha toupeira! E como furas a terra, bom mineiro! Ainda mais longe, meus amigos.

HORÁCIO — Ó dia e noite! É estranho!

HAMLET — Recebamo-lo, então, como a estrangeiro. Há muita coisa mais no céu e na terra, Horácio, do que sonha a nossa pobre filosofia. Vinde novamente. Jurai de novo, assim Deus vos ajude, por mais que eu me apresente sob aspecto extravagante, tal como em futuro é possível que eu venha a comportar-me, que jamais — se me virdes alguma hora cruzar assim os braços, ou a cabeça sacudir deste jeito, ou dizer frases sem nexos: “Muito bem”, ou “Poderíamos se o quiséssemos”, ou “Vontade tenho de falar”, ou discursos desse gênero — mostrareis saber algo. Que a divina Graça e a Misericórdia vos amparem.

FANTASMA (em baixo) — Jurai!

HAMLET — Sossega, alma penada! E agora, amigos, com todo o meu amor me recomendo. E tudo o que um pobre homem como Hamlet possa fazer, no empenho de agradar-vos, não faltará, querendo-o Deus. E vamo-nos. Peço silêncio; os dedos sobre os lábios. Dos gonzos saiu o tempo. Maldição! Ter vindo ao mundo para endireitá-lo! Partamos juntos. Vamo-nos. (Saem)

## ATO II

### Cena I

*Um quarto em casa de Polônio. Entram Polônio e Reinaldo.*

POLÔNIO — Reinaldo, dá a meu filho este dinheiro, juntamente com as notas.

REINALDO — Assim farei, senhor.

POLÔNIO — Andarás sabiamente, bom Reinaldo, antes de visitá-lo, se inquirires de sua conduta.

REINALDO — Assim o tencionava.

POLÔNIO — Muito bem-dito; muito bem; mas olha: colhe primeiro informações acerca dos nossos conterrâneos que se encontram em Paris: quais os nomes, como vivem, com quem e quantogastam. Se notares, com essa digressão, que elesconhecem meu filho, chegar-te-ás para mais perto, de maneira que os toques com asperguntas. Concede que o conheces vagamente; por exemplo: o pai dele, alguns amigos, e a ele emparte. Compreendes, bom Reinaldo?

REINALDO — Pois não; perfeitamente, meu senhor.

POLÔNIO — A ele em parte. Dirás depois: não muito se é o mesmo que suponho, é um turbulento, com tais e tais defeitos, e atribuí-lhe quantos te parecer, mas não a ponto de causar-lhe desonra. Tem cuidado; somente alguns deslizes, tão-só aqueles mais da moda e, entre os moços, compatíveis com a liberdade.

REINALDO — O jogo, por exemplo.

POLÔNIO — Sim; bebidas, esgrima, juras, brigas e mulheres. Irás até esse ponto.

REINALDO — Mas isso, meu senhor, o mancharia.

POLÔNIO — Não, se tiveres tino em teu ataque. Não farás dele assunto só de escândalos, como se fosse dado à incontinência. Não é isso; retrata-lhe os defeitos, quais manchas naturais da liberdade, explosões de um espírito feroso, selvajaria, só, de sangue indômito que investe contra tudo.

REINALDO — Mas, senhor... POLÔNIO — Por que tudo isso?

REINALDO — É o que eu desejara saber, meubom senhor.

POLÔNIO — Eis o meu plano, e a meu ver o artifício é proveitoso: se a meu filho imputares essas manchas, como que provenientes do trabalho, toma nota, teu interlocutor, que irás sondando, no caso de ao rapaz ter visto nelas, sem receio de errar, podes crer nisso, há de logo aderir-te à consequência: “Caro senhor”, ou “amigo”, ou “cavalheiro”, de acordo com o falar daterra ou o título da pessoa...

REINALDO — Compreendo, meu senhor. POLÔNIO — Nessa altura ele faz... ele faz...

Que é que eu estava a dizer? Pela Santa Missa!

Querias dizer algo... Onde foi que eu fiquei?

REINALDO — “Há de logo aderir-te à consequência” e “amigo ou coisa assim” e “cavalheiro”.

POLÔNIO — Sim, aderir à consequênciaEsplêndido! Adere assim: “Conheço o cavalheiro; vi-o ontem, ou anteontem, ou em tal dia, com tais tais. É certo o que dissestes; joga muito, embriagou-se de uma feita, no tênis discutiu”, ou,porventura: “Vi-o entrar uma vez em casa imunda, videlicet, bordel”, e assim por diante. Agora vê: a isca da falsidade apanha a carpa da verdade. Assim nós, os entendidos, usando de cautela e circunlóquios, chegamos ao caminho por desvios. Seguindo os meus conselhos, faze o mesmo sobre meu filho. Entendes o que eu digo?

REINALDO — Sim, senhor.

POLÔNIO — Que Deus seja contigo; passabem.

REINALDO — Meu bom senhor!

POLÔNIO — Observa por ti mesmo seuspendores.

REINALDO — É o que farei, senhor.

POLÔNIO — Mas que ele continue com suamúsica.

REINALDO — Perfeitamente.

POLÔNIO — Adeus. (Sai Reinaldo) (EntraOfélia)

OFÉLIA — Oh, meu senhor, causou-me tantomedo!

POLÔNIO — Fala, em nome do céu! Medo porquê?

OFÉLIA — Estava a costurar no quarto, quando, descomposto, me surge lorde Hamlet, gibão aberto, sem chapéu, as meias caídas nos artelhos, e tão branco quanto a camisa; os joelhos lhe tremiam; o olhar, tão cheio de piedade, como vindo do inferno para relatar-me os eternos horrores. Desse modo me apareceu.

POLÔNIO — Louco de amor por ti?

OFÉLIA — Não sei, senhor; mas, em verdade, o temo.

POLÔNIO — Que disse ele?

OFÉLIA — Tomou-me fortemente pelo punho e afastou-me à distância de seu braço; depois, com a outra mão por sobre os olhos, o rosto me fitou, como querendo desenhá-lo. Algum tempo assim ficou-se. Por fim, depois de sacudir-me o braço e menear a cabeça por três vezes, suspirou tão profundo e tão piedoso, como a despedaçar-se-lhe a estatura e firmar-se-lhe o ser. Alfim, soltou-me; e a cabeça virada, parecia que, sem ousar da vista se orientava, pois, a porta passou a sem a ter visto, em mim o olhar mantendo sempre fixo.

POLÔNIO — Vem comigo; contemos isso ao rei. É o delírio do amor, nem mais nem menos, que com a própria violência se aniquila, conduzindo a vontade ao desespero como o não faz outra paixão, de quantas sob o céu nos afligem. Estou triste. Não foste áspera com ele ultimamente?

OFÉLIA — Não, meu pai; mas, conforme o prescrevestes, lhe devolvi as cartas e neguei-me a recebê-lo.

POLÔNIO — Foi o que o pôs doido. Pesa-me não o haver considerado com mais vagar; pensei que era namoro, e que sua intenção fosse perder-te. Maldita desconfiança! Em nossa idade é comum sempre o excesso nos juízos, como é próprio dos moços carecerem de discricção. Convém contá-lo ao rei. Mor dano colheremos se calarmos, do que ódio, se esse amor lhe revelarmos. Vem. (Saem)

## Cena II

*Um quarto no castelo. Entram Rei, a Rainha, Rosencrantz e Guildenstern.*

O REI — Bem-vindos, Rosencrantz e Guildenstern! Ainda que desejássemos rever-vos, a urgência de empregar-vos deu motivo a este chamado. Certo ouvistes algo sobre a transformação de Hamlet; assim lhe chamo, que o exterior dele e o seu íntimo não são agora os mesmos. Qual a causa, fora a morte do pai, que opôs desta arte, tão alheio a sua própria inteligência, não na posso saber. Por isso, peço-vos — já que ambos fostes criados juntos com ele, tão afins no caráter e na idade — que vos digneis ficar em nossa corte por algum tempo, para o distrairdes com vossa companhia, e também para investigardes, sempre que possível, se algo que nos escapa o mortifica, e que, uma vez sabido, remedieemos.

A RAINHA — Tem falado bastante nossenhores. Não pode haver outras pessoas que ele tanto aprecie. Se vos for do agrado mostrar-nos boa vontade e gentileza, despendendo conosco vosso tempo para lucro tão-só de nosso anseio, terá nossa visita prêmio digno do reconhecimento de um monarca.

ROSENCRANTZ — Está em Vossas Majestades, pelo jus da soberania, não nos pedir favor, mas ordenar-nos, como o queira vosso augusto prazer.

GUILDENSTERN — Estamos prontos a obedecer-vos. Tensos até ao máximo, viemos nos pôr aos pés de Vossa Alteza, para sermos mandados.

O REI — Muito obrigado Rosencrantz, querido Guildenstern.

A RAINHA — Muito obrigada Guildenstern, querido Rosencrantz. É com muito carinho que vos peço visitardes meu filho, que se encontra tão mudado. — Um daí sirva de guia e conduza até Hamlet estes senhores.

GUILDENSTERN — Praza ao céu que lhe seja útil e grato nosso auxílio e presença.

A RAINHA — Deus o queira. (Saem Rosencrantz, Guildenstern e alguns criados) (Entra Polônio)

POLÔNIO — Regressaram contentes da Noruega, meu bom senhor, os nossos emissários.

O REI — Sempre fostes o pai de boas novas.



POLÔNIO — Não é verdade? Posso assegurar-te de que dedico o dever, assim como a alma, primeiro a Deus, depois ao meu querido soberano. E ora penso — salvo se esta cabeça já não segue como dantes o rasto da prudência — haver achado o motivo de estar Hamlet louco.

O REI — Revelai-mo; a notícia me alvoroça.

POLÔNIO — Primeiro os emissários; a notícia vai ser a sobremesa do banquete.

O REI — Pois faze-lhes as honras e os conduze. (Sai Polônio) Disse, minha querida, haver achado as origens da doença de teu filho.

A RAINHA — Temo que seja apenas a mais grave: o traspasso do pai e nosso enlace.

O REI — Sondá-lo-emos. (Volta Polônio, com Voltimando e Cornélio) Bem-vindos, bons amigos. Dizei-me, Voltimando, o que trouxestes de nosso irmão Noruega.

VOLTIMANDO — Retribui-vos cumprimentos e envia-vos saudaes. Mal nos ouviu, mandou suspender todas as levas do sobrinho, que julgava serem preparações contra o Polaco, mas que, certo, depois soube visarem Vossa Alteza. Indignado com tamanho desrespeito à sua idade e ao próprio achaque da velhice, mandou vir Fortimbrás preso, que lhe obedece prontamente, e após ser admoestado por Noruega, promete ao tio que jamais as forças empregaria contra Vossa Alteza, com o que o velho Noruega, jubiloso, três mil coroas de pensão lhe outorga, com a permissão de usar contra o Polaco justamente os soldados alistados, ao lado do pedido aqui explanado, (Entrega uma carta) de que vos seja grato o livre trânsito dessas tropas por vosso território em condições de inteira segurança, contidas nesta carta.

O REI — Muito bem; vamos lê-la com a calma necessária, responder-lhe e pensar sobre a matéria. Agradecemos vossos bons serviços. Agora descansai; cearemos juntos. Bem-vindos ao meu lar. (Saem Voltimando e Cornélio)

POLÔNIO — Foi bem solucionada essa pendência. Meu rei, minha senhora: pretender explicar o que seja a majestade ou o dever, porque o dia é dia e a noite é noite, e o tempo é tempo, vale o mesmo que malgastar o dia, a noite e o tempo. É certo: a concisão é a alma do espírito, como a prolixidade os seus suportes e flores exteriores. Vou ser breve. Vosso filho está louco; sim, é o termo mais acertado; pois em que consiste a loucura, senão em sermos loucos? Que seja.

A RAINHA — Mais matéria, menos arte.

POLÔNIO — Juro que não faço uso de arte alguma. Que é louco, é certo; é certo e mete pena. Mete pena ser certo; ruim antítese. Pois deixemo-la; quero falar simples. Louco é como lhe chamo; só nos falta descobrir qual a causa desse efeito, ou melhor: qual a causa do defeito, que o efeito defeituoso tem sua causa. Assim ficou; o resto é como segue. Considerai: Tenho uma filha — tenho, enquanto é minha — a qual, fiel à obediência que me deve, notai bem, me deu isto. Ora, concluí: “Ao ídolo de minha alma, à divina e embelezada Ofélia”. Expressão horrorosa e banal: Embelezada! Muito banal. Mas ouvi até ao fim: “Ao seu seio cândido e delicado, estas, etc.”

A RAINHA — Hamlet lhe enviou isso?

POLÔNIO — Senhora, mais paciência; direitudo. “Dúvida da luz dos astros, de que o Sol tenha calor, duvida até da verdade, mas confia em meu amor. Querida Ofélia: não sou muito forte na contagem das sílabas: não possuo a arte de medir os meus suspiros; mas que te amo muitíssimo, infinitamente, podes crer-me. Adeus. O teu para sempre, querida menina, enquanto está máquina lhe pertencer, Hamlet.” Eis o que minha filha me contou, por obediência; e mais: seus instantes declarações, segundo o modo, o tempo e as oportunidades.

O REI — E ela, como o acolheu?

POLÔNIO — Que pensais, senhor, de mim?

O REI — Que sois pessoa honrada e de confiança.

POLÔNIO — Pois prová-lo-ei. Que havíeis de pensar, se eu visse alçar o voo amor tão férvido — e o percebi, vos digo, antes de minha filha me revelar — que pensaríeis, ou a minha majestade aqui presente, se eu tivesse servido de carteira ou pasta de papéis, ou então piscado ao coração, ficando quieto e mudo, e indiferente contemplasse o caso? Que pensaríeis? Não; pus-me em campanha, e falei deste modo à senhorita: “Lorde Hamlet

está acima de tua esfera; não pode ser”, e dei-lhe bons conselhos para que ela o evitasse daíem diante, recusasse recados e presentes. Pôs-seela a aproveitar-se dos conselhos, e ele — para ser breve — repellido, cai em melancolia a que se segue jejum, falta de sono, abatimento edistração. E assim, piorando sempre, cai na loucura em que ora se debate e nos punge.

O REI — Pensais, então, seja isso?

A RAINHA — Pode ser; bem plausível. POLÔNIO — Já aconteceu — anseio por sabê-lo — ter eu dito: “Tal coisa é deste modo”, que assim não fosse?

O REI — Não, que o saiba.

POLÔNIO (indicando a cabeça e os ombros) — Arrancai esta destes, se isso é falso. Pelo rasto descubro onde se encontra escondida a verdade, ainda que seja no próprio centro.

O REI — E como comprová-lo?

POLÔNIO — Sabeis que ele passeia horas seguidas aqui na galeria.

A RAINHA — É hábito seu.

POLÔNIO — Mandarei minha filha vir falar-lhe; nós ficamos atrás desta cortina. Observai bem os fatos; se a não ama, mudai-me da função de conselheiro para a de carroceiro ou camponês.

O REI — Façamos a experiência.

A RAINHA — Mas vede. Como é triste! O pobrezinho vem lendo um livro!

POLÔNIO — É urgente; deveis ambos sair, eu vos suplico. Vou falar-lhe. (Saem o Rei, a Rainha e os criados) (Entra Hamlet, lendo) Como passa, o meu bom príncipe Hamlet?

HAMLET — Bem, graças a Deus. POLÔNIO — Conheceis-me, milorde?

HAMLET — Perfeitamente; sois um peixeiro. POLÔNIO — Eu, não, milorde.

HAMLET — Pois quisera que fôsseis tão honesto.

POLÔNIO — Honesto, príncipe?

HAMLET — Sim, porque do jeito em que o mundo anda, ser honesto equivale a ser escolhido entre dez mil.

POLÔNIO — É muito certo isso, príncipe.

HAMLET — Porque, se o sol gera vermes no cadáver de um cão, carniça muito bela para ser beijada... Não tendes uma filha?

POLÔNIO — Tenho, milorde.

HAMLET — Então não a deixeis passear ao sol; a concepção é uma bênção; não, porém, como vossa filha pode conceber. Cuidado, amigo!

POLÔNIO — Que quereis dizer com isso? (À parte) Sempre com a ideia em minha filha. No entanto, a princípio não me reconheceu, tendo-me tomado por um peixeiro. O mal já vai longe. Mas, para ser franco, na minha mocidade o amorme fez sofrer bastante.

Cheguei quase a esse ponto. Vou falar-lhe outra vez. Que é que o meu príncipe está lendo?

HAMLET — Palavras, palavras, palavras... POLÔNIO — A que respeito, príncipe?

HAMLET — Entre quem?

POLÔNIO — Refiro-me ao assunto de vossa leitura, príncipe.

HAMLET — Calúnias, meu amigo. Este escravo satírico diz que os velhos têm a barbagraisalha, a pele do rosto enrugada, que dos olhos lhes destila âmbar tênue e goma de ameixeira, sobre carecerem de espírito e possuírem pernas fracas. Mas embora, senhor, eu esteja íntima e grandemente convencido da verdade de tudo isso, não considero honesto publicá-lo; porque se pudésseis ficar tão velho quanto eu, sem dúvida alguma andaríeis para trás como caranguejo.

POLÔNIO (à parte) — Apesar de ser loucura, revela método. Não quereis sair do vento, príncipe?

HAMLET — Entrar na sepultura?

POLÔNIO — Realmente, desse modo sairíeis do vento. (À parte) como são agudas, não raro, assuas respostas! É uma felicidade da loucura, algumas vezes, felicidade que a razão e o bom senso não alcançam com a mesma facilidade. Vou deixá-lo a fim de arranjar maneira de que se encontre com minha filha. Meu muito digno senhor, desejo humildemente pedir permissão para despedir-me.

HAMLET — Pois não; não podeis pedir coisa que eu cedesse de melhor boa vontade; exceto a vida, exceto a vida, exceto a vida.

POLÔNIO — Passai bem, meu príncipe. (Retirando-se)

HAMLET — Esses velhos cacetes e sem miolo! (Entram Rosencrantz e Guildenstern)

POLÔNIO — Procurais lorde Hamlet? Está aqui.

ROSENCRANTZ — Deus vos guarde, senhor. (Sai Polônio)

GUILDENSTERN — Nobre senhor... ROSENCRANTZ — Meu querido

príncipe... HAMLET — Caros amigos! Como passais,

Guildenstern? Ah, Rosencrantz! Bons amigos, como ides passando?

ROSENCRANTZ — Como filhos medíocres da terra.

GUILDENSTERN — Felizes por não o sermos em demasia. Não somos o botão mais alto do gorro da Fortuna.

HAMLET — Nem a sola de seus sapatos? ROSENCRANTZ — Nem isso, príncipe.

HAMLET — Então viveis na zona da cintura, ou no meio de seus favores?

GUILDENSTERN — De fato, vivemos em sua intimidade.

HAMLET — Nas partes secretas da Fortuna?

Realmente, é uma meretriz. Que novidades há?

ROSENCRANTZ — Nenhuma, príncipe; a não ser que o mundo se tornou honesto.

HAMLET — Nesse caso, aproxima-se o dia do Juízo. Mas para ficarmos no caminho trilhado da amizade, que vos trouxe a Elsinor?

ROSENCRANTZ — Fazer-vos uma visita, príncipe; nada mais.

HAMLET — Sou um mendigo que sofre de penúria até de agradecimentos. Contudo, agradeço-vos; com a certeza, meus caros, de que esses agradecimentos já serão caros demais por um real. Não fostes chamados? Viestes de moto próprio? Trata-se de visita espontânea? Vamos, vamos! Sede sinceros comigo; dizei-me a verdade.

GUILDENSTERN — Que poderemos dizer, senhor?

HAMLET — Qualquer coisa, contanto que sirva ao caso. Fostes chamados; leio em vosso olhar uma espécie de confissão, que a modéstia que vos é própria não consegue mascarar. Sei perfeitamente que o bom rei e a rainha mandaram chamar-vos.

ROSENCRANTZ — Com que fim, senhor? HAMLET — É o que ireis dizer-me. Mas, conjuro-vos pelos direitos de nossa camaradagem, pela consonância da idade, pelas obrigações de nossa sempre comprovada afeição e por tudo de mais caro que pudesse ser invocado por um orador mais convincente do que eu; sede sinceros comigo: fostes ou não fostes chamados?

ROSENCRANTZ — (à parte para Guildenstern) — Que dizeis a isso?

HAMLET (à parte) — Não vos perco de vista.

Se me tendes amizade, nada de evasivas.

GUILDENSTERN — De fato, príncipe, fomos chamados.

HAMLET — Vou dizer-vos o motivo; desse modo, antecipando-se minhas presunções a vossas declarações, não oscilará no mínimo a adscrição que deveis ao rei e à rainha.

De tempos a esta parte — por motivos que me escapam — perdi toda a alegria e descuidei-me dos meus exercícios habituais. Tão grave é o meu estado, que está magnífica estrutura, a terra, se me afigura um promontório estéril; este maravilhoso dossel — ora vede — o ar, este excelente firmamento que nos cobre, este majestoso teto, incrustado de áureos fogos, tudo isto, para mim não passa de um amontoado de vapores pestilentos. Que obra-prima, o homem! Quão nobre pela razão! Quão infinito pelas faculdades! Como é significativo e admirável na forma e nos movimentos! Nos atos quão semelhante aos anjos! Na apreensão, como se aproxima dos deuses, adorno do mundo, modelo das criaturas! No entanto, que é para mim essa quintessência de pó? Os homens não me proporcionam prazer; sim, nem as mulheres, apesar de vosso sorriso querer insinuar o contrário.

ROSENCRANTZ — Não pensei em semelhante coisa, príncipe.

HAMLET — Então, por que sorristes, quando eu disse que os homens não me proporcionam prazer?

ROSENCRANTZ — Por pensar que, se isso acontece, os atores vão ter uma recepção dequaresma. Apanhamo-los em caminho; vêm para oferecer-vos os seus serviços.

HAMLET — Será bem-vindo o que representa o rei; Sua Majestade receberá as minhas homenagens; o cavalheiro andante fará uso do florete e do escudo; o amante não suspirará de graça; o caprichoso irá em paz até ao fim do seu papel, o bobo fará rir aos que tiverem pulmõesque disparem ao menor toque, as damas exporão livremente o seu pensar, para que o verso branco não fique estropiado. Que espécie de atores são eles?

ROSENCRANTZ — Os mesmos de que tanto gostáveis: os atores da cidade.

HAMLET — E por que estão viajando? Se ficassem fixos, só poderiam ganhar, assim nareputação como em vantagens materiais.

ROSENCRANTZ — Penso ser isso resultadoda última sedição.

HAMLET — Ainda gozam de conceito igual ao do tempo em que eu estava na cidade?

ROSENCRANTZ — Não tanto, meu senhor.

HAMLET — E qual a causa? Ficaram enferrujados?

ROSENCRANTZ — Não; esforçam-se como de costume; mas apareceu por aí uma ninhada de crianças, uns frangotes que trazem a público todas as particularidades da questão, pelo que são barbaramente aplaudidos. Estão agora em moda, cacarejando de tal maneira nos teatros comuns — como eles lhes chamam — que muita gente de espada receia ir lá, com medo das penas φato.

HAMLET — Como assim! São crianças? Equem os mantem? Quem lhes paga ordenados? Só exercerão a arte enquanto puderem cantar? Não dirão mais tarde, se se tornarem atores comuns — o que é de presumir, uma vez que lhesfaltam maiores cabedais — não dirão que os escritores abusaram deles, fazendo os declamar contra seu próprio futuro?

ROSENCRANTZ Em verdade, de parte a parte não tem faltado matéria para brigas, sem que o povo revele escrúpulos em espicaçá-los. Époça houve em que a peça nada rendia, se o poeta e oator não fossem às vias de fato com seus adversários.

HAMLET — É possível?

GUILDENSTERN — Oh! Tem havido grande desperdício de inteligência.

HAMLET — E os meninos, carregaram oslouros da vitória?

ROSENCRANTZ — Foi, realmente, o que se deu, milorde; carregaram Hércules e mais o seu fardo.

HAMLET — Não admira; meu tio é rei da Dinamarca, e aqueles que lhe faziam caretas em vida de meu pai, dão agora vinte, quarenta, cinquenta, e até cem ducados por seu retrato em

miniatura. Por minha vida! Há algo de sobre- natural em tudo isso. Assim pudesse a filosofia descobri-lo. (Ouve-se toque de clarins)

GUILDENSTERN — São os atores que chegam.

HAMLET — Senhores, sois bem-vindos aElsinor. Apertemo-nos as mãos; os cumprimentos e cortesias são as pertenças das boas-vindas. Consentí que vos saúde deste modo, para que minha atitude em relação aos atores — e posso assegurar-vos que vai ser de brilhante aparência - não pareça acolhimento mais afetuoso do que o que vos dispenso. Sois bem-vindos; mas meu tio-pai e minha tia-mãe se enganaram.

GUILDENSTERN — Em quê, senhor?

HAMLET — Eu só fico louco quando o vento sopra de nornoroeste; com vento sul, distingoperfeitamente um falcão de uma garça. (Entra Polônio)

POLÔNIO — Meus cumprimentos, senhores.

HAMLET — Escuta, Guildenstern; e tu também; para cada ouvido um ouvinte: esse bebêgrande que estais vendo, ainda não saiu dos cueiros.

ROSENCRANTZ — Nesse caso, voltou a usá-los, porque dizem que a velhice é uma segunda infância.

HAMLET — Sou capaz de adivinhar que vem falar-me dos atores. Tendes razão, senhor; foi justamente na manhã de segunda-feira.

POLÔNIO — Meu senhor, tenho uma notícia a dar-vos.

HAMLET — Meu senhor, tenho uma notícia adar-vos: quando Roscius era ator em Roma...

POLÔNIO—Os atores acabam de chegar, **p**

HAMLET — Lará, lará... POLÔNIO — Palavra de honra.

HAMLET — Então, cada um veio montado nasua besta.

POLÔNIO — São os melhores do mundo para tragédia, comédia, história, pastoral, comédiapastoral, pastoral histórica, pastoral trágico- histórica, trágicocômico-histórica, cenas sem divisão ou poesia sem limite. Para eles, Sêneca não é muito pesado nem Plauto leve demais. São únicos, tanto para ler como no improviso.

HAMLET — Ó Jefté, juiz de Israel, quetesouro possuías!

POLÔNIO—Que tesouro era, príncipe?

HAMLET — Ora... Tinha uma filha, nadamais, que ele adorava sobretudo.

POLÔNIO (à parte) — Sempre com minhafilha na ideia.

HAMLET — Não tenho razão, velho Jefté? POLÔNIO — Se me chamais de Jefté, senhor,

tenho uma filha a quem adoro sobre todas ascoisas.

HAMLET — Não é essa a consequência.POLÔNIO — Qual será, príncipe?

HAMLET — Ora, A sorte só pôs o que Deus dispôs. O resto, sabeis muito bem: Daí ter-sedado o que era esperado. A primeira parte dessa canção de Natal vos informará melhor; mas aí vem vindo o resumo do meu discurso. (Entram quatro ou cinco atores) Bem-vindos, senhores; sois todos bem-vindos. Alegro-me ver-te com saúde. Bem-vindos, bons amigos. Olá, meu velho amigo!Da última vez que te vi, não tinhas essas franjas no rosto. Vieste à Dinamarca para pegar-me pela barba? Oh! a minha menina e senhora! Por Nossa Senhora, Vossa Senhoria está mais perto do céu do que da última vez que a vi, a diferença de umchapim. Queira Deus que não tenha acontecido com a voz como com as moedas que são retiradasda circulação, por ficarem rachadas junto da orla.Senhores, sede todos bem-vindos. Façamos,porém, como os falcoeiros franceses, que solam contra tudo o que vêm. Linguagem direta: dai-meuma amostra de vossa arte, um discurso bempatético.

PRIMEIRO ATOR — Qual será, príncipe?

HAMLET — De uma feita ouvi-te declamar um trecho que nunca foi levado à cena, ou, quando muito, uma única vez. Lembra-meperfeitamente; a peça não agradou aos milhões; era caviar jogado ao povo. Mas, segundo o meu modo de ver e o de pessoas, cuja opinião no assunto é mais autorizada do que a minha, era uma peça excelente, com boa disposição de cenase escrita com tanta sobriedade quanta argúcia. Recorda-me ter ouvido a alguém que os versos não continham nada de picante para torná-los aceitáveis, e que nenhuma expressão traíaafetação por parte do autor; o estilo foi qualificado de honesto, tão sadio quanto agradável, e aprazível sem rebuscamentos. Apreciava muitíssimo certa passagem, e fala de Enéias a Dido, especialmente quando ele trata doassassínio de Príamo. Se a tens de memória... Começa pela frase... Espera um pouco... Deixa ver... Como tigre da Hircânia, o feroz Pirro... Não, não é isso. Começa com Pirro: Esse Pirro feroz, que armas trazia da cor do próprio intenso, igual à noite. que o envolvia no ventre do cavalo sinistro e malfadado, a negra forma com braços mais sinistros ora cobre: da cabeça até aos pés é todo rubro; enfeita-o horrendamente o triste sangue dos pais, das mães, das filhas, dos filhinhos, ressecado nas ruas abrasadas, que emprestam uma luz maldita e bárbara a seuscrimes nefandos. A arder de ira, empastado de sangue coagulado, os olhos a brilharem quaiscarbúnculos, Pirro, o maldito, busca o venerandoPríamo. Agora prossegue.

POLÔNIO — Por Deus, príncipe; muito bem declamado; boa cadência e discrição.

PRIMEIRO ATOR — Conseguiu pôr fim achá-~~ba~~ lutar sem vantagem contra os gregos. Sua antiquada espada, ao braço infensa, fica onde cai, rebelde a seus mandados. Em duelo desigual,Pirro o acomete; mas ao simples sibilo de seu gládio, tomba o velho enervado. Exânime, Ílio pareceu ressentir-se desse golpe: dobra até à baseo pico de suas chamas, e com medonho estrondo prende o ouvido de Pirro. Vede! A espada que

já vinha baixando sobre a cândida cabeça do venerando Príamo, parece que o próprio ar adetém: desta arte, Pirro, qual tirano em pintura, fica imóvel, como que neutro entre a vontade e o braço, sem fazer nada. Mas, tal como pouco antes das tormentas silêncio em todo o céu, calmas as nuvens, os ventos sem falar, e a terra embaixo tão quieta quanto a morte — quando o raio desúbite fuzila: assim, depois da parada de Pirro, a despertada vingança o compeliu para outros feitos. Os malhos dos Ciclopes nunca as armas de Marte percutiram, fabricadas para ampararem sempre, com tão pouco remorso, como bate a espada rubra de Pirro sobre Príamo. Fortuna! fora, meretriz! Ó deuses do conselho geral, tirai-lhe a força! Quebrai pinas e raios de seu carro, e fazei de o alto céu rolar o cubo para o centro do inferno!

POLÔNIO — Acho muito comprido.

HAMLET — Enviai-a, então, ao barbeiro, para que a corte juntamente com vossa barba. Continua, peço-te eu; a não ser em farsas ou histórias obscenas, ele adormece logo. Prossegue; cheguemos logo a Hécuba.

PRIMEIRO ATOR — Oh! Quem visse a rainha encapuzada!

POLÔNIO — Não fica mal; rainha encapuzada; vai muito bem.

PRIMEIRO ATOR — Descalça corre, as chamas ameaçando; as lágrimas a cegam; pordiadema cinge apenas um trapo, e, como vestes, sobre os lombos delgados e sofridos, um cobertor, às pressas apanhado. Quem visse tal, com língua envenenada, acusara a Fortuna de traidora. Mas se os deuses, nessa hora, a contemplassem, quando ela a Pirro deparou no esporte maligno decortar do esposo os membros: o clamor subitâneode sua mágoa — se os mortais não lhe são de todo estranhos — faria enlanguescer os olhos quentes do céu e os próprios deuses se apiedarem.

POLÔNIO — Vede como ele muda de cor e tem os olhos marejados de lágrimas. Não prossigas, peço-te.

HAMLET — Está bem; depois me dirás o resto. Caro senhor, quereis incumbir-vos da hospedagem destes atores? Mas tomai nota: que sejam bem tratados, porque são o espelho e a crônica resumida da época. Ser-vos-ia preferível um ruim epitáfio depois de morto, a andardes emvida difamados por eles.

POLÔNIO — Pois não, príncipe; hei de tratá-los de acordo com seu merecimento.

HAMLET — Com a breca, homem! Muito melhor! Se fôsseis tratar todas as pessoas de acordo com o merecimento de cada uma, quem escaparia da chibata? Tratai deles de acordo com vossa honra e dignidade. Quanto menor o seu merecimento, maior valor terá a vossa generosidade. Levai-os.

POLÔNIO — Vamos, senhores.

HAMLET — Amigos, acompanhai-o. Amanhã teremos representação. (Sai Polônio com os atores, com exceção do primeiro ator) Ouviste, velho amigo, podes representar a peça “A Morte de Gonzaga”?

PRIMEIRO ATOR — Perfeitamente, senhor.

HAMLET — Então será amanhã à noite. E ser-te-á possível, em caso de necessidade, decorar um discurso de doze ou dezesseis linhas, que vou escrever, para inserir na peça? É possível?

PRIMEIRO ATOR — Perfeitamente, meu senhor.

HAMLET — Muito bem; acompanha aquele senhor; mas peço-te que não zombes dele. (Sai o primeiro ator) Meus bons amigos, vou deixá-los até à noite. Sois bem-vindos a Elsinor.

ROSENCRANTZ — Meu bom senhor! (Saem Rosencrantz e Guildenstern)

HAMLET — Que Deus os acompanhe. Enfim, sozinho! Que velhaco sou eu, que vil escravo! Pois não será monstruoso? Este ator pôde, numa simples ficção, num sonho apenas de paixão, forçar a alma aos seus preceitos, a ponto de fugir-lhe a cor do rosto, marejarem-lhe os olhos, o conspecto confundir-se-lhe, a voz tornar-se trêmula, e toda a compostura conformar-se às suas influências. Tudo por nada, por Hécuba! Que é ele de Hécuba, Hécuba que é dele, para chorar por ela? Que faria, se tivesse, como eu, deixas violentas? Inundara de lágrimas o palco, rasgaria ouvido a todos com seus gritos; assombrados deixara os inocentes, insanos os culpados, confundidos os

ignorantes; sim, deixara atônitos os sentidos usuais da vista e ouvido. Ao passo que eu, um parvo feito só de lama, um néscio, como um João-sonhador, sem nenhum plano de vingança, me calo, quando a vida preciosa e o trono um rei a perder veio por maneira tão bárbara e maldita. Serei covarde? Quem me lança apodo de vilão? a cabeça me abre em duas? a barba arranca-me e atira-me no rosto? puxa-me do nariz? de mentiroso me acoima até os pulmões? Quem me faz isso? Ah! Fora bem-feito. E a causa não é outra: tenho sangue de pombo, ofel me falta que a opressão torna amarga, ou já teria dado as entranhas desse escravo a todos os abutres do céu. Vilão nojento, sanguinário, traidor, devasso, estéril! Oh vingança! Oh! Que grande asno eu sou! Como é ser bravo! Filho de um pai querido, assassinado, a quem o inferno e o céu mandam vingar-se, e aliviar-me a falar como uma simples meretriz, a insultar como umacriada! Que vergonha! Vamos, cabeça, a postos! Tenho ouvido dizer que os criminosos, quando assistem a representações, de tal maneira secomovem com a cena, que confessam na mesma hora em voz alta seus delitos, pois embora sem língua, o crime fala por modo milagroso. Esses atores irão representar para meu tio a morte de meu pai. Hei de observar-lhe os olhos e sondar-lhe a alma até o fundo. Se se assustar, conheço o meu caminho. Talvez que o espírito que eu vi não fosse do demônio, que pode assumir formas atraentes. Sim, talvez mesmo tencione perder-me, aproveitando-se de minha melancolia e poucaresistência, como sói proceder com tais espíritos. Preciso de razões mais convincentes do que isso tudo. E a peça é a coisa, eu sei, com que a consciência hei de apanhar o rei. (Sai)

### ATO III

#### Cena I

*Um quarto no castelo. Entram o Rei, a Rainha, Polônio, Ofélia, Rosencrantz e Guildenstern.*

O REI — Não tivestes ensejo, na conversa, de saber o que o pôs nessa desordem que seus dias de calma tanto abala com demência inquieta e perigosa?

ROSENCRANTZ — Confessa que se sente perturbado: mas a causa, persiste em não a dizer.

GUILDENSTERN — Não o achamos disposto a ser sondado; com a astúcia da loucura, se esquivava sempre que pretendíamos levá-lo a falar de si mesmo.

A RAINHA — Como vos recebeu? ROSENCRANTZ — Como perfeito cavalheiro.

GUILDENSTERN — Conquanto algo forçado.

ROSENCRANTZ — Avaro em perguntar, mas respondendo com liberalidade.

A RAINHA — Convidaste-o para algum passatempo?

ROSENCRANTZ — Aconteceu, senhora, que encontramos em caminho uns atores. A notícia, recebeu-a com mostras de alegria. Já se acham no palácio. Penso, mesmo, que vão representar para ele, à noite.

POLÔNIO — É verdade; pediu-me que falasse com Vossas Majestades, concitando-vos a ver e ouvir a peça.

O REI — De todo o coração; muito me alegra sabê-lo assim disposto. Continuai, cavalheiros, a animá-lo, despertando-lhe o gosto para as festas.

ROSENCRANTZ — Pois não, senhor! (Saem Rosencrantz e Guildenstern)

O REI — Doce Gertrudes, deixa-nos; mandamos vir secretamente a Hamlet, para que ele se encontre com Ofélia, como por acidente. Eu e seu pai, legítimos espias, vendo sem sermos vistos, poderemos avaliar do encontro imparcialmente e concluir, do seu procedimento, se é amor, em verdade, ou se outra é a causa que o faz sofrer assim.

A RAINHA — Já me retiro. No que te toca, Ofélia, só desejo que seja a tua beleza a feliz causa da loucura de Hamlet, pois espero que tua virtude o leve à trilha antiga, para honra de ambos.

OFÉLIA — Eu, de mim, o espero, também, minha senhora. (Sai a Rainha)

POLÔNIO — Chega, Ofélia, para aqui...Majestade, ora busquemos nosso lugar. E tu, lê neste livro; a leitura pretexto será para tua solidão. Frequentes vezes somos passíveis de censura, pois abundam provas sobre isso, de que com bondade simulada e ações pias conseguimos tornar açucarado o próprio diabo.

O REI (à parte) — Quão verdadeiro! Como essas palavras me chicoteiam fundo a consciência! O rosto rebocado das rameiras não é mais feio, sob a artificial beleza, do que a minhação debaixo do verniz com que a enfeitam meus discursos. Oh fardo horrível!

POLÔNIO — Ei-lo que chega, meu senhor; saiamos. (O Rei e Polônio saem) (Entra Hamlet)

HAMLET — Ser ou não ser... Eis a questão. Que é mais nobre para a alma: suportar os dardos e arremessos do fado sempre adverso, ou armar-se contra um mar de desventuras e dar-lhes fim tentando resistir-lhes? Morrer... dormir... mais nada...

Imaginar que um sono põe remate aos sofrimentos do coração e aos golpes infinitos que constituem a natural herança da carne, é solução para almejar-se. Morrer., dormir...dormir... Talvez sonhar... É aí que bate o ponto. O não sabermos que sonhos poderá trazer o sonoda morte, quando alfim desenrolarmos toda a meada mortal, nos põe suspensos. É essa ideia que torna verdadeira calamidade a vida assim tão longa! Pois quem suportaria o escárnio e os golpes do mundo, as injustiças dos mais fortes, os maus-tratos dos tolos, a agonia do amor não retribuído, as leis amorosas, a implicância dos chefes e o desprezo da inépcia contra o mérito paciente, se estivesse em suas mãos obter sossego com um punhal? Que fardos levaria nesta vida cansada, a suar, gemendo, se não por temer algo após a morte — terra desconhecida decujo âmbito jamais ninguém voltou — que nos inibe a vontade, fazendo que aceitemos os males conhecidos, sem buscarmos refúgio noutros males ignorados? De todos faz covardes a consciência. Desta arte o natural frescor de nossa resolução define sob a máscara do pensamento, e empresas momentosas se desviam da meta diante dessas reflexões, e até o nome de ação perdem. Mas, silêncio! Aí vem vindo a bela Ofélia. Em tuas orações, ninfa, recorda-te de meus pecados.

OFÉLIA — Como tem passado, príncipe, nesses tantos dias?

HAMLET — Muitíssimo obrigado; bem, bem, bem.

OFÉLIA — Tenho algumas lembranças suas, príncipe, que há muito devolver eu desejara; receba-as, por favor.

HAMLET — Eu, não; eu, não; eu nunca te de nada.

OFÉLIA — O príncipe bem sabe que é verdade, e com palavras de tão doce anélito, que o valor dos presentes aumentava. Mas, evolado o aroma, agora os tragos. Os brindes se empobrecem, para uma alma bem-nascida, de par com os sentimentos de quem os dá.

Ei-los aqui, meu príncipe.

HAMLET — Ah! Ah! És honesta? OFÉLIA — Como assim, príncipe? HAMLET — És bela?

OFÉLIA — Que quer dizer Vossa Alteza comisso?

HAMLET — É que se fores, a um tempo, honesta e bela, não deves admitir intimidade entre a tua honestidade e a tua beleza.

OFÉLIA, Mas, príncipe, poderá haver melhor companhia para a beleza do que a honestidade?

HAMLET — Realmente, que a beleza, com o seu poder, levaria menos tempo para transformara honestidade em alcoviteira do que está em modificar a beleza à sua imagem. Já houve época em que isso era paradoxo; mas agora o tempo o confirma.

Cheguei a amar-te.

OFÉLIA — Em verdade, o príncipe me fez acreditar nisso.

HAMLET — Não deverias ter-me dado crédito, porque a virtude não pode enxertar-se em nosso velho tronco, sem que deste não remanesça algum travo. Nunca te amei.

OFÉLIA — Tanto maior é a minha decepção.

HAMLET — Entra para um convento. Por que há de gerar pecadores? Eu, de mim, considero-me mais ou menos honesto, mas poderia acusar-me de tais coisas, que teria



sido melhor queminha mãe não me houvesse dado à luz. Sou orgulhoso, vingativo, cheio de ambição, e disponho de maior número de delitos do que de pensamentos para vesti-los, imaginação para dar-lhes forma, ou tempo para realizá-los. Para que rastejarem entre o céu e a terra tipos como eu? Todos somos consumados velhacos; não devesconfiar em ninguém. Toma o caminho do convento. Onde se encontra teu pai?

OFÉLIA — Em casa, alteza

HAMLET — Que lhe fechem as portas, a fimde impedirem que faça papel de tolo, a não ser em sua própria casa. Adeus.

OFÉLIA — Ajuda-o, céu de bondade.

HAMLET — Se tiveres de casar-se, dou-te por dote a seguinte maldição: ainda que sejas casta como o gelo e pura como a neve, não escaparás àcalúnia. Vai; entra para o convento; adeus. Ou então, se tiveres mesmo de casar-se, escolhe um néscio para marido, porque os assisados sabem perfeitamente em que monstros as mulheres os transformam. Para o convento, vai; e issodepressa. Adeus.

OFÉLIA — Poderes celestiais, restitui-lhe arazão!

HAMLET — Conheço muito bem vossas pinturas; Deus vos deu um rosto e arrumais outro; andais aos pulinhos e com requébros, falais cheias de esses e dais nomes indecentes às criaturas de Deus, fazendo vossa leviandade passar por inocência. Vai; não insisto, porque foi isso que me deixou louco. O que digo é que não teremos casamentos; os que já são casados, com exceção de um, hão de continuar vivos; os demais, prosseguirão como estão. Para o convento; vai! (Sai)

OFÉLIA — Que nobre inteligência assim perdida! O olho do cortesão, a língua e o braço do sábio e do guerreiro, a mais florida esperança do Estado, o próprio exemplo da educação, o espelho da elegância, o alvo dos descontentes, tudo em nada! E eu, a mais desgraçada das mulheres, que saboreei o mel de suas juras musicais, ter de ver essa admirável razão perder o som, qual sino velho, essa forma sem par, a flor da idade, fanada pela insânia! Ó dor sem fim! Ter já visto o que vi,e vê-lo assim! (Entram o Rei e Polônio)

O REI — Qual amor! Sua doença não vemdisso. Depois, o que ele disse, ainda que estranho, não parece loucura. Na alma dele algo amelancolia está chocando; e não duvido que o produto possa causar algum perigo, que é precisoprevenir. Daí eu ter nisto assentado depressa: mandá-lo-ei sem mais delongas à Inglaterra, a cobrar velhos tributos. É possível que o mar, o novo clima e a diferença dos objetos venham a libertá-lo dessa qualquer coisa com que o cérebrodele se preocupa, alheando-o de si mesmo. Que pensais?

POLÔNIO — Há de ganhar com isso; porém creio que a origem e o começo da tristeza vêm de amor desprezado. Então, Ofélia? Não precisas falar de lorde Hamlet; ouvimos tudo. Procedei, senhor, como entenderdes; mas, se achardes útil, fazei que ele se encontre com a rainha depois da peça, para, a sós, falar-lhe sobre o que o trazassim. E que ela seja franca. Eu, de mim, se o consentis, me ponho a ouvi-los escondido. Se ela nada conseguir, enviá-lo-ei sem mais demorapara a Inglaterra, ou então mandareis pó-lo onde quer que a prudência vos indique.

O REI — Far-se-á dessa maneira. É sempreousada a loucura dos grandes não vigiada. (Sai)

## Cena II

*Entram Hamlet e alguns atores.*

HAMLET — Tem a bondade de dizer aquele trecho do jeito que eu ensinei, com naturalidade. Se encheres a boca, como costumam fazer muitos dos nossos atores, preferira ouvir os meus versos recitados pelo pregoeiro público. Não te ponhas a serrar o ar com as mãos, desta maneira; sê temperado nos gestos, por que até mesmo na torrente e na tempestade, direi melhor, noturbilhão das paixões, é de mister moderação para torná-las

maleáveis. Oh! Dói-me até ao fundo da alma ver um latagão de cabeleira reduzir a frangalhos uma paixão, a verdadeiros trapos, trovejar no ouvido dos assistentes, que, na maioria, só apreciam barulho e pantomima sem significado. Dá gana de açoitar o indivíduo que se põe a exagerar no papel de Termagante e que pretende ser mais Herodes do que ele próprio. Por favor, evita isso.

PRIMEIRO ATOR — Vossa Alteza pode ficar tranquilo.

HAMLET — Também não é preciso ser mole demais; que a discricção te sirva de guia; acomoda o gesto à palavra e a palavra ao gesto, tendo sempre em mira não ultrapassar a modéstia da natureza, porque o exagero é contrário aos propósitos da representação, cuja finalidade sempre foi, e continuará sendo, como que apresentar o espelho à natureza, mostrar à virtude suas próprias feições, à ignomínia sua imagem e ao corpo e idade do tempo a impressão de sua forma. O exagero ou o descuido, no ato de representar, podem provocar riso aos ignorantes, mas causam enfado às pessoas judiciosas, cuja censura deve pesar mais em tua apreciação do que os aplausos de quantos enchem o teatro. Oh! já vi serem calorosamente elogiados atores que, para falar com certa irreverência, nem na voz, nem no porte mostravam nada de cristãos, ou de pagãos, ou de homens sequer, e que de tal forma rugiam e se pavoneavam, que eu ficava a imaginar terem sido eles criados por algum aprendiz da natureza, e pessimamente criados, tão abominável era a maneira por que imitavam a humanidade.

PRIMEIRO ATOR — Quero crer que entre nós tudo isso está bem modificado.

HAMLET — Faze uma reforma radical! Que os truões não digam mais do que o que lhes compete, pois há deles que vão a ponto de rir, somente para provocarem riso aos parvos, até mesmo em passagens com algo merecedor de atenção. É vergonhoso, sobre revelar ambição estúpida por parte de quem se vale de semelhante recurso. Vai aprontar-te. (Entram Polônio, Rosencrantz e Guildenstern) Então, senhor, o rei irá ouvir a nossa peça?

POLÔNIO — E a rainha também, sem nenhum atraso.

HAMLET — Nesse caso, apressai os atores. (Sai Polônio) Não poderíeis ajudá-lo nessa tarefa?

ROSENCRANTZ e GUILDENSTERN — Com todo o gosto, meu príncipe.

HAMLET — Olá, Horácio! (Entra Horácio)

HORÁCIO — Aqui me tendes, senhor, às vossas ordens.

HAMLET — Horácio, és a pessoa mais talhada para meu companheiro e confidente.

HORÁCIO — Meu príncipe...

HAMLET — Não penses que é lisonja. Que fora de esperar que me emprestasses, se só tens como renda a tua alma grande, que te veste e alimenta? Por que a um pobre lisonjear? Não; a língua açucarada lambe as pompas estúpidas; os gonços moles dos joelhos dobram-se onde lucros advêm do rastejar. Estás me ouvindo? Dês que minha alma cara foi senhora de julgar as pessoas, escolheu-te para si própria, pois tens sido um homem que mostra não sofrer, sofrendo muito, que aceita indiferente bens e males do destino. Abençoado quem revela tal mistura de sangue e julgamento, e por isso jamais pode ser píforo com que a Fortuna se divirta. Mostra-me o homem liberto das paixões; põ-lo-ei no coração, no próprio coração do coração, tal como o fiz contigo. Mas basta. Hoje há espetáculo ante o rei, com uma cena igual às circunstâncias da morte de meu pai, como eu te disse. Quando chegar essa passagem, peço-te que com todas as forças de tua alma observes a meu tio. Se seu crime não se manifestar ante um discurso, é que era alma penada o que nós vimos e mais negras as minhas fantasias que a forja de Vulcano. Observa-o bem. Hei de os olhos cravar-lhe no semblante; juntaremos depois nossos juízos para julgar-lhe o aspecto.

HORÁCIO — Bem, meu príncipe; se algo ele surrupiar durante a cena e conseguir fugir, pago o prejuízo.

HAMLET — Já vêm chegando; é urgente disfarçarmos; vai para o teu lugar. (Marcha dinamarquesa; clarins. Entram o Rei, a Rainha, Polônio, Ofélia, Rosencrantz, Guildenstern e outras pessoas)

O REI — Como vive o nosso primo Hamlet?

HAMLET — Otimamente, na verdade; da comida dos camaleões; alimento-me de ar e entupo-me com promessas. Desse jeito não podereis engordar capões.

O REI — Nada tenho que ver com semelhante resposta, Hamlet; essas palavras não me dizem respeito.

HAMLET — E já agora, nem a mim, também. (A Polônio) Já representastes uma vez na Universidade, não mo dissestes?

POLÔNIO — É certo, príncipe; e fui considerado bom ator.

HAMLET — E que representastes?

POLÔNIO — Júlio César; era assassinado no Capitólio; Bruto me matava.

HAMLET — Bem bruto era ele, para matar um bezerro capital desse porte. Os atores estão prontos?

ROSENCRANTZ — Estão, príncipe; aguardam apenas vossas ordens.

A RAINHA — Vem para o meu lado, querido Hamlet; senta-te perto de mim.

HAMLET — Não, minha mãe; o ímã destemetal tem mais poder.

POLÔNIO (ao Rei) — Oh! Oh! Observastes bem?

HAMLET — Senhorita, poderei sentar-me no vosso regaço? (Senta-se ao pé de Ofélia)

OFÉLIA — Não, príncipe.

HAMLET — Quero dizer, recostar a cabeça em vosso regaço?

OFÉLIA — Sim, príncipe.

HAMLET — Pensastes que eu estivesse usando linguagem do campo?

OFÉLIA — Não pensei nada, príncipe.

HAMLET — Bonita ideia, deitar-se a gente entre as pernas de uma donzela.

OFÉLIA — Que ideia, príncipe? HAMLET — Nada.

OFÉLIA — O príncipe está hoje muito alegre. HAMLET — Quem, eu?

OFÉLIA — O príncipe, pois não?

HAMLET — Sou apenas vosso bobo. Que pode uma pessoa fazer de melhor, a não ser ficar alegre? Vede minha mãe, como apresenta semblante prazenteiro; no entanto, meu pai morreu apenas há duas horas.

OFÉLIA — Não, príncipe; duas vezes dois meses.

HAMLET — Há tanto tempo assim? Então que o diabo se cubra de luto, que eu vou vestir-me de zibelina. Oh céus! Morto há dois meses e ainda não esquecido? Nesse caso, há esperança de que a memória de um grande homem lhe sobreviva meio ano. Por Nossa Senhora, que trate de fundar igrejas, ou ninguém pensará nele, como se deu com o cavalo de pau, cujo epitáfio rezava: Pois oh! Pois oh! O cavalo de pau ficou esquecido! (Clarins) Entra a pantomima: um rei e uma rainha, com mostras de muito afeto; a rainha abraça o rei e este a ela. A rainha se ajoelha diante do rei e por meio de gestos lhe assegura submissão. Ele a faz erguer-se e inclina a cabeça sobre seu ombro; depois, senta-se sobre um banco de flores. Ao vê-lo adormecido, ela o deixa. Logo depois, entra um indivíduo que lhe tira a coroa, beija-a, despeja veneno no ouvido dorei e sai. Volta a rainha e, ao verificar que o rei morrerá, dá mostras de grande mágoa. O envenenador volta com duas ou três pessoas, parecendo lamentar-se com a rainha. O corpo é removido. O envenenador requesta a rainha com presentes; a princípio, a rainha parece relutar, mas acaba aceitando o seu amor. (Saem)

OFÉLIA — Que significa isso, príncipe?

HAMLET — Maroteira disfarçada; significa infortúnio.

OFÉLIA — Sem dúvida a pantomima serve de argumento à peça. (Entra o Prólogo)

HAMLET — É o que vamos ver por este freguês. Os atores não guardam segredo. Vereis como vão revelar tudo.

OFÉLIA — Irá dizer-nos o que significam aqueles gestos?

HAMLET — Não só aqueles, mas quantos quiserdes representar-lhe. Se não ficardes acanhada, ele também não o ficará, para explicar-lhes o sentido.

OFÉLIA — O príncipe é mau; o príncipe é mau; vou prestar atenção à peça.

O PRÓLOGO: Para nós toda a indulgência, para a tragédia e demência de vossa alta paciência.

HAMLET — Isso é prólogo ou emblema de anel?

OFÉLIA — Foi curto.

HAMLET — Tal como o amor das mulheres.

O REI DA PEÇA — Trinta vezes já o Sol o giro há feito por Télus e Netuno, e com perfeito cômputo trinta vezes doze vezes a lua assinalou ao mundo os meses, dêz que as mãos Himeneu e Amor o afeto. nos ligaram num vínculo concreto.

A RAINHA DA PEÇA — Que a luz e o Sol nos deem iguais jornadas, sem que as rosas do amor fiquem fanadas. Mas tão cansado te acho e tão mudado da alegria primeira, certo, o estado normal em ti, que o susto ora se apossa de mim, sem que isso, aliás, turvar-te possa, pois o amor, na mulher, se casa ao medo: ou grandes até ao fim, ou morrem cedo. Já dei provas de ser, no amor, constante, mas se o amor é tranquilo, o medo é instantâneo; um grande amor nos sustos se confirma; crescendo o medo, o amor também se afirma.

O REI DA PEÇA — Muito cedo deixar-te me é forçoso, que me oprime a fraqueza. No formoso mundo tens de viver, sempre acatada, porventura escolhida e muito amada por um segundo...

A RAINHA DA PEÇA — Basta! Basta! Um feito de tal negror me condenara o peito. Só se alegra com outro companheiro quem foi causa da morte do primeiro.

HAMLET (à parte) — Isso é absinto.

A RAINHA DA PEÇA — O interesse mesquinho, nunca o amor, do segundo consórcio é o causador. Fora o esposo matar do mesmo jeito a cada beijo do outro no seu leito.

O REI DA PEÇA — Sei que és sincera; mas é bem frequente não cumprirmos a jura mais ardente. Da memória a intenção é simples serva; forte ao nascer, o tempo a não conserva; fruto que está no galho por ser duro, para cair por si quando maduro. Parece necessário que no olvido se atire o que a nós próprios é devido. O que a paixão concebe de perfeito, suprimida a paixão fica desfeito. A violência da dor ou da alegria com sua própria atuação não dura um dia. Onde o prazer se exalta a dor se encolhe; um nada a dor extingue e o riso tolhe. O mundo passa; é natural, portanto, que com a fortuna o amor se altere tanto; pois é problema que ainda está sem norte, se a sorte guia o amor, ou o amor a sorte. Cai um dos grandes, somem-se os amigos; sobe um pequeno, adulam-no inimigos. Daí ligar-se o amor sempre à fortuna; tem amigos quem nunca a outro importuna; pois quem ao falso amigo pede, vê-se de um amigo aumentado, sem que o cresça. Mas, para terminar pelo começo, entre a vontade e a sorte há sempre empecilho. Nossos planos são frutos só do acaso; a ideia é nossa; os fins, de cada caso. Não digas que de novo não te casarás; morto o esposo, o propósito bate asas.

A RAINHA DA PEÇA — Que a luz o céu me negue; a terra, o pão; a noite, a calma; o dia, distração; que a esperança se mude em desespero; penitência no cárcere é o que eu espero. Que quanto enturva o rosto da alegria se me antolhe a afligir-me noite e dia.

Repudiada seja eu por todo o povo, se, chegando a enviuvar, casar, de novo.

HAMLET — E se ela quebrar o juramento?

O REI DA PEÇA — Palavras bem solenes; mas, querida, deixa-me; sinto a fronte dolorida; quero dormir. (Adormece)

A RAINHA DA PEÇA — Repousa sossegado; que nenhuma aflição nos dê cuidado. (Sai)

HAMLET — Que tal acha a peça, minha senhora?

A RAINHA — Parece-me que a dama faz protestos demasiados.

HAMLET — Oh! Mas ela é de palavra.

O REI — Ouviste o argumento? Não contém nenhuma ofensa?

HAMLET — Não, não; é tudo por brincado; envenenam por brincado; é o que não existe no mundo, ofensa.

O REI — Como se intitula a peça?

HAMLET — “A Ratoeira”; mas, já se vê, simples metáfora. A peça se baseia na história de um crime ocorrido em Viena; Gonzago é o nome do duque; Batista, o da mulher. Ides ver dentro de pouco: pura velhacaria. Mas, que importa? Nem Vossa Majestade, nem eu, que temos a consciência limpa, somos atingidos. Os sendeiros que esperneiem; não estamos com o lombo pisado. (Entra um ator, no papel de Luciano) Esse é um tal Luciano, sobrinho do rei.

OFÉLIA — O príncipe serve muito bom decoro.

HAMLET — Poderia servir de ponto numa vossa conversa com o namorado, se visse os movimentos dos títeres.

OFÉLIA — O príncipe está muito afiado hoje, muito afiado.

HAMLET — Havia de custar-vos gemido sem botar-me o fio.

OFÉLIA — De bem para melhor; de mal para pior.

HAMLET — Os maridos são desse jeito. Vamos, assassino, começa logo! Deixa tua cara amaldiçoada, peste, e principia de uma vez! Vamos. O corvo, em seu grasnar, chama a vingança!

LUCIANO — Pensamentos escuros, droga ajeito, tempo oportuno, mãos para esse feito, ninguém perto... Bebida desprezível, três vezes à meia-noite com a terrível maldição de Hécate mexida: neste corpo despeja os males que escondeste! (Despeja veneno no ouvido do Rei adormecido)

HAMLET — Envenena-o no jardim, por causa do reino; chama-se Gonzago. A história existe; foi escrita em italiano primoroso. Vereis dentro de pouco como o assassino obtém o amor da mulher de Gonzago.

OFÉLIA — O rei se levantou.

HAMLET — Que é isso? Medo de um falso alarma de fogo?

A RAINHA — Como passa, o meu senhor? POLÔNIO — Suspendam a representação!

O REI — Tragam-me luzes! Vamos-nos embora! (Saem todos, com exceção de Hamlet e Horácio)

HAMLET — Que sangue o veado e ponha-se a fugir, enquanto descansa; uns precisam velar, outros dormir; desta arte o mundo avança. Uma cena como essa e mais uma floresta de penas — se algum dia a Fortuna se me tornar madrasta — e um par de rosetas nos sapatos rasos, não me assegurariam um lugar em qualquer matilha de comediantes?

HORÁCIO — Com metade dos lucros, com o não?

HAMLET — Nada disso, todo o lucro, pois bem sabes, Damon, que o próprio Jove este reino desfez; agora está no trono um verdadeiro... direitudo?... um pavão.

HORÁCIO — Poderíeis ter rimado.

HAMLET — Meu bom Horácio! Aposto mil contra um na palavra do fantasma. Percebestes?

HORÁCIO — Perfeitamente, príncipe. HAMLET — Na hora do veneno?

HORÁCIO — Com a máxima atenção.

HAMLET — Ah! Ah! Venha música! Tragamos fiajólés! Porque se a peça ao rei em nada agrada, não vale coisa alguma, está julgada. Vamos! Tragam música! (Entram Rosencrantz e Guildenstern)

GUILDENSTERN — Meu bom senhor, concedei-me uma palavra.

HAMLET — Até uma história inteira.

GUILDENSTERN — O rei, senhor...

HAMLET — Como vai ele passando?

GUILDENSTERN — ... recolheu-se indisposto para seus aposentos.

HAMLET — De bebida?

GUILDENSTERN — Não, senhor; de cólera.

HAMLET — Vossa sabedoria se revelaria mais opulenta, se contásseis isso ao seu médico; porque se eu lhe aplicar uma purga, talvez lhe faça aumentar ainda mais a cólera.

GUILDENSTERN — Ponde ordem, meu bom senhor, em vossas palavras, sem vos desviardes tanto do propósito.

HAMLET — Já amanei; podeis falar.

GUILDENSTERN — A rainha vossa mãe, que se acha muito consternada, mandou que vos procurasse.

HAMLET — Pois sede bem-vindo.

GUILDENSTERN — Essa cortesia não vem a propósito, príncipe. Se for de vosso agrado dar-me uma resposta sadia, desincumbir-me-ei dorecado de vossa mãe; em caso contrário, com vosso perdão e minha retirada darei por finda a missão a que vim.

HAMLET — Não me é possível, senhor.

GUILDENSTERN — Que é que vos é impossível, príncipe?

HAMLET — Dar-vos uma resposta sadia. Meu espírito está doente. Mas ponho a vossas ordens a resposta que me for possível, ou, como o dissestes, às ordens de minha mãe. Por isso, entremos logo no assunto. Minha mãe, feis dizendo...

ROSENCRANTZ — Manda dizer-vos que vossa conduta lhe causou assombro e admiração.

HAMLET — Oh filho estupendo, que chega a causar assombro à própria mãe! Mas no calcanhar da admiração da mãe não segue nenhuma consequência? Vamos lá.

ROSENCRANTZ — Deseja falar-vos em seus aposentos, antes de vos recolherdes.

HAMLET — Obedeceria, ainda que ela fosse dez vezes minha mãe. Não tendes nenhum outro assunto a tratar comigo?

ROSENCRANTZ — Houve tempo, príncipe, que me tínheis amizade.

HAMLET — Até hoje sou o mesmo; juro-o por estes gadanhos de ladrão.

ROSENCRANTZ — Meu bom senhor, qual é o motivo de vossa alteração? Ponde as trancas em vossa liberdade, negando-vos a revelar a um amigo o motivo de vossa tristeza.

HAMLET — Falta-me ser promovido.

ROSENCRANTZ — Como é isso possível, secontais com a palavra do próprio rei de que o sucedereis no trono da Dinamarca?

HAMLET — É certo: mas, “Enquanto a grama cresce...” o provérbio já está enferrujado. (Entram alguns atores com flajolés) Oh, flajolés! Deixa-me ver um. Falando-vos em particular, por que motivo me rodeais desse jeito, a tomar o meu faro, como se quisésseis levar-me para alguma cilada?

GUILDENSTERN — Oh, príncipe! Se o meu dever é ousado, minha amizade é incivil.

HAMLET — Não atino bem com o sentido.

Mas, não quereis tocar nesta flauta?

GUILDENSTERN — Não posso, príncipe.

HAMLET — Por obséquio.

GUILDENSTERN — Acreditai-me, príncipe, não posso.

HAMLET — Fazei-me esse favor.

GUILDENSTERN — Não conheço uma só posição, príncipe.

HAMLET — É tão fácil quanto mentir. Com os quatro dedos e o polegar regulais estes orifícios; depois, bastará soprar, para que saia música muito agradável. Vede: aqui estão as chaves.

GUILDENSTERN — Mas não está em mim tirar a menor harmonia, príncipe; não possuo essa habilidade.

HAMLET — Ora vede que coisa desprezível fazeis de mim. Pretendíeis que eu fosse um instrumento em que poderíeis tocar à vontade, por presumirdes que conhecíeis minhas chaves. Tínheis a intenção de penetrar no coração do meu segredo, para experimentar toda a escala dos meus sentimentos, da nota mais grave à mais aguda. No entanto, apesar de conter este instrumento bastante música e de ser dotado de excelente voz, não conseguis fazê-lo falar. Com a breca! Imaginais, então, que eu sou mais fácil de tocar do que esta flauta? Dai-me o nome do instrumento que quiserdes; conquanto voz seja fácil escalavrar-me, jamais me fareis produzir som. (Entra Polônio) Deus vos guarde, senhor.

POLÔNIO — Senhor, a rainha deseja falar-vos quanto antes.

HAMLET — Estais vendo aquela nuvem em forma de camelo?

POLÔNIO — Pela Santa Missa! Parece, de fato, um camelo!

HAMLET — Creio que parece mais uma doninha.

POLÔNIO — É certo; o dorso é de doninha. HAMLET — Ou uma baleia?

POLÔNIO — Uma baleia, realmente; muito semelhante.

HAMLET — Bem; se assim é, irei ter com minha mãe neste momento. (À parte) Esta gente brinca de doido comigo, ao ponto de arrebrantar-me a paciência. (Alto) Irei neste momento.

POLÔNIO — Dir-lhe-ei isso mesmo. (Sai) HAMLET — Neste momento é fácil de dizer.

Deixai-me, amigos. (Saem todos, menos Hamlet)

Estamos na hora tétrica da noite em que se abrem os túmulos e o inferno lança no mundo a peste. Poderia beber, neste momento, sangue quente e realizar tais coisas que fariam tremer o próprio dia. Mas, silêncio! Procuremos agora minha mãe. Coração, não te esqueça o de quem és. Que neste peito firme jamais entre a alma de Nero; ríspido, mas nunca desnaturado; espadas, só na língua, sem que delas me valha: que se irmanem na hipocrisia a língua e o coração. Se a palavra sair demais pesada, minha alma, não lhe dêis forma adequada. (Sai)

### Cena III

*Um quarto no castelo. Entram o Rei, Rosencrantz e Guildenstern.*

O REI — Não me agrada. Além disso, constitui perigo para nós deixar sem peias sua loucura. Assim, ide apontar-vos, que vossas instruções mandarei logo e ele para a Inglaterra irá convosco. Nossa real dignidade não comporta os riscos que a toda hora seus caprichos fazem nascer.

GUILDENSTERN — Iremos apontar-nos. O medo religioso e santo cuida da salvação de tantas existências que se nutrem de Vossa Majestade.

ROSENCRANTZ — A própria vida singular precisa, com toda a força e as armas do intelecto, defender-se de danos. Que dizer-se da alma de que depende sempre a vida de tanta gente? Nunca a majestade morre sozinha; qual voragem, chupa quanto está perto; é roda gigantesca que nos raios contém dez mil coisinhas encaixadas, e cuja queda implica a ruína fragorosa das menores peças que se lhe prendem. O gemido de reis sempre é geral, sempre é alarido.

O REI — Peço vos apresseis para a viagem; queremos pôr grilhetas nesse medo que passeia tão livre.

ROSENCRANTZ e GUILDENSTERN — Já nos vamos. (Saem Rosencrantz e Guildenstern) (Entra Polônio)

POLÔNIO — Ele já foi, senhor, para o aposento da rainha. Por trás do reposteiro vou pôr-me a ouvi-los. É certeza, ela há de repreendê-los, conforme sabiamente dissestes, é preciso que outro ouvido que não o materno, pois a natureza fê-lo parcial, escute o que falarem. Passai bem, meu senhor; chamar-vos-ei antes de vos deitardes, para dar-vos conta do que souber.

O REI — Muito obrigado. (Sai Polônio) Está podre o meu crime; o céu já o sente. A maldição primeira pôs-lhe o estigma: fratricida. Rezar, não é possível, muito embora o pendor siga à vontade; a culpa imana vence o belo intento. Tal como alguém que empreende dois negócios ao mesmo tempo, mostro-me indeciso sobre qual iniciará, acontecendo vir ambos a perder. Se esta maldita mão de sangue fraterno se cobrisse, não haveria chuva suficiente no céu, para deixá-la como a neve? Para que serve a Graça, se não serve para enfrentar o rosto do pecado? E a oração, não contém dupla virtude, de prevenir a queda e obter completo perdão para os que caem? Alço os olhos. Meu crime já passou; mas, que modelo de oração servirá para o meu caso? “Perdoai-me o

crime monstruoso e horrendo?” Não pode ser, que me acho, ainda, de posse de quanto me levou a praticá-lo: o trono, meus anelos e a rainha. Perdão alcança quem retêm o furto? Nos processos corruptos deste mundo pode a justiça ser desviada pela mão dourada do crime, e muitas vezes o prêmio compra a lei; mas não lá em cima, onde não valem manhas; o processo não padece artifícios, e até mesmo nos dentes e na fronte do delito teremos de depor. Que ainda me resta? Tentar o que o arrependimento pode. Oh! Como é poderoso! Mas que pode fazer com quem não sabe arrepender-se? Terrível situação! Ó peito, mais escuro do que a morte! Ó alma viscosa, quanto mais te esforças, mais te sentes enleada! Anjos, socorro! Dobra-te, joelho altivo! Coração de aço, fica tão brando quanto os músculos de um recém-nato. Tudo talvez volte a ser como era. (Afasta-se e ajoelha) (Entra Hamlet)

HAMLET — É propícia a ocasião; acha-se orando. Vou fazê-lo. Desta arte, alcança o céu... E assim me vingaria? Em outros termos: mata um biltre a meu pai; e eu, seu filho único, despacho esse mesmíssimo velhaco para o céu. É soldo e recompensa, não vingança. Assassinou meu pai, quando este estava pesado de alimentos, com seus crimes floridos como maio. O céu somente saberá qual o estado de suas contas; mas, de acordo com nossas presunções, não será bom. Direi que estou vingado, se o matar quando tem a alma expungida e apta para fazer a grande viagem? Não. Aguarda, espada, um golpe mais terrível, no sono da embriaguez, ou em plena cólera, nos prazeres do tálamo incestuoso, no jogo, ao blasfemar, ou em qualquer ato que o arraste à perdição. Nessa hora, ataca-o; que para o céu vire ele os calcanhares, quando a alma estiver negra como o inferno, que é o seu destino. Espera-me a rainha; prolonga-te a doença esta mezinha. (Sai) (O Rei se levanta e adianta-se)

O REI — O som se evola; o pensamento cansa; um sem o outro jamais o céu alcança. (Sai)

#### Cena IV

*Aposento da Rainha. (Entram a Rainha e Polônio)*

POLÔNIO — Ele aí vem; repreendi-o asperamente; mostrai que se excedeu nas brincadeiras, e como se interpôs Vossa Grandeza entre ele e a grande cólera. Mais nada; somente vos reitero: sede ríspida.

HAMLET — (dentro) Mãe! Mãe!

A RAINHA — Podeis ficar tranquilo; retirai-vos; está ele chegando. (Polônio se esconde atrás do reposteiro) (Entra Hamlet)

HAMLET — Então, mãe, que há de novo?

A RAINHA — Grande ofensa a teu pai fizeste, Hamlet.

HAMLET — Grande ofensa a meu pai fizeste, mãe.

A RAINHA — Devagar; respondeis com língua ociosa.

HAMLET — Vamos, que me falais com língua ociosa.

A RAINHA — Que é isso, Hamlet? HAMLET — Que há de novo agora? A

RAINHA Esqueceste quem sou?

HAMLET — Não, pela Cruz! Não me esqueci. Sei bem que sois a rainha, casada com o irmão de vosso esposo e — prouvera o contrário — minha mãe.

A RAINHA Vou chamar quem convosco falar possa.

HAMLET — Vamos, sentai-vos; não saireis enquanto não vos apresentar eu um espelho queo recôndito da alma vos reflita.

A RAINHA Que pretendes fazer? Não vais matar-me? Socorro! Socorro!

POLÔNIO (atrás) — Que é que há? Socorro! Socorro!



HAMLET (desembainhando a espada) — Queé isso? Um rato? (Dando uma estocada no reposteiro) Aposto que o matei.

POLÔNIO (atrás) — Estou morto!

A RAINHA — Santo Deus, que fizeste!

HAMLET — Ignoro-o. Não era o rei?

A RAINHA — Que ação precipitada e sanguinária!

HAMLET — Ação precipitada e sanguinária? Tão ruim, boa mãe, quanto matar um rei e desposar o irmão do morto.

A RAINHA — Matar um rei?

HAMLET — Um rei; foi o que eu disse. (Levanta o reposteiro e descobre o corpo de Polônio) Adeus, bobo apressado e intrometido. Julguei que era o teu chefe; é o teu destino. Vês que o ser serviçal traz seus perigos. Não torçais tanto as mãos; sentai-vos; quero lutar com vosso coração; no caso de ser ele amolgável, se o maldito costume o não deixou duro como o aço, tornando-o resistente à persuasão.

A RAINHA — Que fiz eu para usares delinquagem tão grosseira?

HAMLET — Uma ação que mancha a graça eo rubor da modéstia, que a virtude transforma em falsidade, muda as rosas da fronte prazenteira do amor puro em chaga repugnante, e os juramentos dos cônjuges em pragas de viciados. Uma ação que do corpo dos contratos tira a própria alma e muda em palavrório a doce religião; a própria face do céu cora de pejo; sim, o mundo compacto, nas feições mostra a tristeza do juízo final, diantedesse ato.

A RAINHA — Ai! que ação tão monstruosa, que tropeja estrondeando, com o simples enunciado?

HAMLET — Mirai este retrato e mais este outro, que dois irmãos fielmente representam; vede a graça que encima esta cabeça, cachos de Apolo, a fronte alta de Júpiter, o olhar de Marte, ao mando e à ameaça afeito, o porte de Mercúrio, o mensageiro, quando pousa nos cumesaltanados; uma forma, em resumo, perfeítíssima, em que os deuses seus selos imprimiram paraque o mundo visse o que era um homem: esse, foivosso esposo. Agora o resto: eis vosso esposo, espiga definhada que o irmão sadio empesta. Tendes olhos? Deixastes a pastagem deste belo monte por um pau? Ah! tendes olhos? Não chameis a isso amor, que em vossa idade o sangue se arrefece, fica humilde e obedece à razão. E que razão passa deste para este? Sois sensível, pois vos moveis; mas tendes os sentidosparalisados. A loucura acerta; nunca os sentidos ficam subjugados pela paixão, a ponto defalharem totalmente na escolha. Que demônio vos logrou de uma vez na cabra-cega? O olho sem tato, o tato sem visão, o ouvido só por si, o olfato apenas, a menor parte, em suma, de um sentido verdadeiro, jamais se estontearia desse feitio.

Pudor, por que não coras? Se nos ossos de uma matrona, inferno, te rebelas, que a continência fique, para os moços ardentes, como a cera, que amolece no próprio fogo; nem de mancha fales, quando no ataque se atirar o instinto, uma vez que é tão quente a própria geada e a razão é alcoveta da vontade.

A RAINHA — Não fales mais, Hamlet; a olhar me forças no mais íntimo da alma, onde acho manchas profundas e tão negras, que não perdem jamais a cor.

HAMLET — Viver num leito infecto que tresanda a fartum, onde ferveilha a podridão, juntando-se em carícias num chiqueiro asqueroso!

A RAINHA — Oh! Não prossigas! Apunhalam-me o ouvido essas palavras. Basta, querido Hamlet!

HAMLET — Um assassino, um vil escravo, que não é um vigésimo do outro marido, um rei- bufão, um simples gatuno do governo desta terra, que a coroa empalmou da prateleira e a pôs no bolso.

A RAINHA — Basta!

HAMLET — Um rei-palhaço, em trajes de mendigo... (Entra o Fantasma) Estendei sobre mim, legiões celestes as asas protetoras! Quedeseja vossa imagem graciosa.

A RAINHA — Ai de mim! Está louco.

HAMLET — Não viestes censurar o filho tardo, que deixa a ira assentar, e tão remisso se mostra no cumprir vossos preceitos? Oh, dizei!

O FANTASMA — Não te esqueças: minhavinda só visa a estimular-te o intento rombo. Masvê que em tua mãe se assenta o espanto. Corre a interpor-te entre ela e a sua alma em luta, que nas pessoas fracas é terrível o estrago da ilusão. Fala-lhe, Hamlet.

HAMLET — Senhora, que sentis?

A RAINHA — Que se passa contigo, que os olhos assim pousas no vazio e com o ar incorpóreo deblateras? Como se te ilumina a almanos olhos! E tais como soldados, quando o alarmavam tirá-los do sono, teus cabelos, parecendo com vida, se desmancham, se curiçam na tua fronte. Ó meu bom filho! Lança a fria paciência sobre as chamas e o fogo do teu mal. Mas, para onde olhas?

HAMLET — Para ele, sim; quão pálido nosfixa! Seu destino e sua forma, se influíssem nas pedras, racionais as tornariam. Tirai de mim os olhos, para que esse gesto piedoso não transmude minhas ásperas intenções, pois o que tenho para fazer exige cores vivas. Necessito de sangue em vez de lágrimas.

A RAINHA — Para quem falas isso?

HAMLET — Ninguém vedes?

A RAINHA — Ninguém; no entanto vejo o que nos cerca.

HAMLET — E nada ouviste?

A RAINHA — Nada; a nós somente.

HAMLET — Vede ali! Vede! Já se afasta...Meu pai, tal como em vida se vestia. Acaba — vede-o! — de transpor a porta. (Sai o Fantasma)

A RAINHA — Isso é fruto, somente, de teu cérebro. É sempre muito fértil o delírio no inventar essas coisas.

HAMLET — Delírio! Meu pulso, como o vosso, é compassado; toca música sã. Não foi loucura quanto falei; ponde-me à prova: posso dizer tudode novo. Um desvairado divagaria. Mãe, por vossa graça, não lisonjeeis vossa alma, acreditando que ouvís um louco e não vosso delito. A úlcera externa, assim, se fecharia, enquanto a corrupção minara tudo por dentro, sem ser vista. Ao céu volvei-vos; mostrai-vos do passado arrependida; evitai o futuro, sem que o joio adubeis e lhe deis, assim, mais viço. Perdoai-me esta virtude, que nesta época bem cevada e de fôlego cortadonecessita a virtude rebaixar-se ao próprio vício e apresentar-lhe escusas por tudo o que de bem possa fazer-lhe.

RAINHA — Hamlet, o coração em dois mepartes.

HAMLET — Jogai fora a metade que não presta, para com a outra parte serdes pura. Boa noite. Mas evitai a cama do meu tio; fazei-vos devirtuosa, se o não fordes. O hábito, esse demônioque devora todos os sentimentos, nisso é um anjo, pois para o uso de ações boas e belasempresta vestimenta ou capa externa que lhes vão bem. Abstende-vos por hoje, que isso há de conferir facilidade à próxima abstinência; a outra, mais fácil vos há de parecer, que o uso consegue quase modificar a natureza, dominar o demônio e até expeli-lo com poder prodigioso. Uma vez mais, boa noite. Hei de pedir a vossa bênção, quando dela também necessitardes. Enquanto a este homem, faz-me pena; qui-lo desta arte o céu: punir a mim por ele, e a ele por mim. Fui servo, aum tempo, e açoite. Vou cuidar dele; fico responsável por esta morte. E ainda uma vez: boanoite. Preciso ser cruel para ser bom; o ruim começa; o pior já se acha feito. Uma palavra mais, senhora.

A RAINHA — Que é preciso que eu faça?

HAMLET — Nada do que vos disse neste instante. Que outra vez para o leito o rei balofo, vos conduza e no rosto vos belisque vos chame deratinha, e que dois beijos infectos e carícias comas mãos grossas em vossas costas pronto vos induzam a revelar-lhe que estou bom do juízo, mas que finjo loucura. Dizei-lhe isso. Que rainha sensata, bela e honesta esconderia coisas tão preciosas de um sapo, de um morcego? É concebível? Apesar do bom senso, abri a gaiola notelhado e deixai fugir o pássaro; depois, como o macaco conhecido, entrai nela e fazei logo aexperiência para em baixo partirdes o pescoço.

A RAINHA — Fica tranquilo; se o falar consiste em respirar, e o fôlego for vida, não terei vida alguma que respire quanto me revelaste.

HAMLET — Parto para a Inglaterra; já osabíeis?

A RAINHA — Ai! que o esquecera... Assimficou assentado.

HAMLET — Selaram cartas; meus dois companheiros de escola, em quem me fio como em dentes de víbora, se encontram com a incumbência de aplanar-me o caminho e conduzir-me direto ao cativo. Pois trabalhem! Há de ser engraçado ver a bomba fazer saltar o autor. Por mais difícil que seja, hei de cavar maisfundo ainda, para jogá-los no alto. Como é belo ver a astúcia vencer a própria astúcia! Este homem me ajudou a fazer as malas; vou pôr no quarto anexo esta barriga. Boa noite, mãe. Realmente, o conselheiro que era tão falador, está sisudo: quietinho, bem discreto, grave e mudo. Vamos, senhor, dar fim a este negócio. Boa noite,mãe. (Saem por lados diferentes, arrastando Hamlet o corpo de Polônio)

#### ATOIV

##### Cena I

*Um quarto no castelo. Entram o Rei, a Rainha, Rosencrantz e Guildenstern.*

O REI — Devem ter uma causa esses suspiros. Conta-ma; desejamos conhecê-la. Ondese acha teu filho?

A RAINHA (A Rosencrantz e Guildenstern) — Deixai-nos ficar sós por um momento. (Saem Rosencrantz e Guildenstern) Caro esposo, quecoisa eu vi esta noite!

O REI — Que foi, Gertrudes? Como achaste Hamlet?

A RAINHA — Tão louco quanto o mar e o vento, quando lutam pelo primado. Em seu desvairo, vendo atrás da cortina algo mexer-se, saca da espada e grita: um rato! um rato! para matar no acume do delírio o bom velho que estava ali escondido.

O REI — Que triste coisa! O mesmo nos tocara, se estivéssemos lá. Sua liberdade implicapara todos grande ameaça, para ti, para nós, paraqualquer. Como explicar esse ato sanguinário?Hão de culpar-nos, por não termos tido a ideia deprender o desvairado moço, para evitar possíveis males. Mas nosso amor não permitiu sabermos o que quisesse ocultar um mal imundo, só fizemos deixar que nos corroesse a medula vital. Aonde foiele?

A RAINHA — Foi sepultar o corpo de Polônio, de quem tirou a vida. E nisso a insânia, como grão de ouro em meio à ganga impura, se manifesta estreme: chora a morte que ele mesmocausou.

O REI — Ó Gertrudes! saiamos! O sol não beijará de novo os montes, sem que a Hamlet embarquemos. No que toca a esta ação vil, teremos de aceitá-la, justificando-a à custa de artifícios e de nossa grandeza. Ó Guildenstern! (Voltam Rosencrantz e Guildenstern) Amigos, procurai quem vos ajude. Hamlet a delirar matou Polônio, tendo o corpo tirado do aposento darainha. Falai-lhe com bem jeito, e ponde na capela o pobre morto. Muita pressa, vos peço, nisso tudo. (Saem Rosencrantz e Guildenstern) Convoquemos, Gertrudes, os amigos, para participar-lhes nosso intento e o ato precipitado.É bem possível que desta arte a calúnia, que sussurra tão certa de um polo até outro polo, quanto a bala que no alvo o canhão joga, nos poupe o nome e açoite apenas o ar, sem mais prejuízo. Vamo-nos; minha alma, em discórdia e terror, não se acha calma. (Saem)

##### Cena II

*Outro quarto no castelo. Entra Hamlet.*

HAMLET — Está em lugar seguro. ROSENCRANTZ e GUILDENSTERN — Hamlet! Lorde Hamlet!

HAMLET — Que barulho é esse? Quem chama por Hamlet? Oh! Ei-los que chegam. (Entram Rosencrantz e Guildenstern)

ROSENCRANTZ — Onde o corpo pusestes, lorde Hamlet?

HAMLET — Associei-o ao pó, de que é parente.

ROSENCRANTZ — Dizei-nos onde está, porque possamos depô-lo na capela.

HAMLET — Não deis crédito a semelhante coisa.

ROSENCRANTZ — A quê, meu príncipe?

HAMLET — Que eu possa guardar o vosso segredo e não o meu. Além do mais, ser interrogado por uma esponja! Que poderá responder-lhe um filho de rei?

ROSENCRANTZ — Tomais-me por uma esponja, príncipe?

HAMLET — Sim, senhor, que chupa os favores, as recompensas e a autoridade reais. Aliás, semelhantes cortesãos prestam ótimos serviços ao rei, que procede com eles como o macaco, conservando-os por algum tempo no canto da boca, antes de engoli-los. Quando tem necessidade do que acumulastes, basta espremer-vos, para que, esponjas, fiquéis novamente enxutos.

ROSENCRANTZ — Não compreendo o que dizeis, senhor.

HAMLET — O que muito me alegra. As sutilezas dormem no ouvido dos parvos.

ROSENCRANTZ — Príncipe, dizei-nos onde está o corpo e acompanhai-nos à presença do rei.

HAMLET — O corpo está com o rei, mas o rei não está com o corpo. O rei é uma coisa...

GUILDENSTERN — Uma coisa, príncipe?

HAMLET — ...de nada. Levai-me à sua presença. Esconde-te, raposa! Um atrás do outro!(Saem)

### Cena III

*Outro quarto no castelo. Entram o Rei e criados.*

O REI — Mandei chamá-lo e procurar o corpo. Que perigo deixar a esse homem solto! Contudo, é-me impossível ser severo, porque ele é amado pela turba néscia que escolhe tão-somente pela vista. Importa, nessas condições, apenas pensar na repressão, jamais na culpa. Para evitar desgostos, é preciso que esta viagem pareça ser produto de reflexão madura. Para males desesperados, só remédio enérgico, ou nenhum. (Entra Rosencrantz) Como então, que aconteceu?

ROSENCRANTZ — Não conseguimos que ele nos dissesse o lugar onde o corpo está enterrado.

O REI — E ele, onde se acha?

ROSENCRANTZ — Aí fora, majestade, bem guardado, esperando vossas ordens.

O REI — Pois a nossa presença o conduzi.

ROSENCRANTZ — Ó Guildenstern! Traze lorde Hamlet! (Entram Hamlet e Guildenstern)

O REI — Então, Hamlet, onde está Polônio?

HAMLET — Está ceando.

O REI — Ceando! Onde?

HAMLET — Não onde ele come, mas onde é comido. Certa assembléia de vermes políticos se ocupa justamente dele. Um verme desse gênero é o verdadeiro imperador da dieta. Engordamos as criaturas, para que nos engordem, e engordamo-nos para dar de comer aos gusanos. Um rei gordoe um mendigo magro são iguanas diferentes; dois pratos, mas para a mesma mesa: eis tudo.

O REI — Oh Deus!

HAMLET — Pode-se pescar com um verme que haja comido de um rei, e comer o peixe que se alimentou desse verme.

O REI — Que queres dizer com isso?

HAMLET — Nada; apenas mostrar-vos como um rei pode fazer um passeio pelos intestinos de um mendigo.

O REI — Onde está Polônio?

HAMLET — No céu; mandai procurá-lo lá, e, se o mensageiro não o encontrar, procurai vós mesmo em outra parte. Mas, se dentro de um mês ainda não o tiverdes achado, havereis de descobri-lo pelo olfato, quando subirdes a escadada galeria.

O REI (a alguns criados) — Procurem-nos nesse lugar.

HAMLET — Ele espera até que chegueis. (Saem os criados)

O REI — Hamlet, para tua segurança, que tão cara nos é quanto doloroso o ato que praticaste, é necessário que te ausentes daqui. Vai preparar-te. O navio está pronto, o vento a jeito, à espera dos companheiros... tudo para a Inglaterra.

HAMLET — Inglaterra? O REI — Sim, Hamlet. HAMLET — Bem.

O REI — Bem, de fato, dirias, se soubesses dos nossos planos todos.

HAMLET — Vejo um querubim que os vê... Partamos, pois! Para a Inglaterra! Adeus, queridamãe.

O REI — E teu pai afetoso, Hamlet?

HAMLET — Minha mãe. Pai e mãe são marido e mulher; marido e mulher, uma e a mesma carne. Logo, minha mãe. Vamos, para a Inglaterra! (Sai)

O REI — Levei-o para bordo sem detença. É mister que esta noite esteja longe. Ide; quanto respeita a este negócio já está selado e pronto. Ide depressa. (Saem Rosencrantz e Guildenstern) Se prezas, Inglaterra, nossa aliança — visto teres sentido minha força, que as cicatrizes ainda se acham frescas dos golpes infligidos pela espada dinamarquesa e preito voluntário nos renderes — não deves demorar-te no cumprir nossas ordens soberanas exaradas nas cartas e que exigem que Hamlet morra. Isso, Inglaterra, faze, que ele o sangue me queima tal qual a hética. Urge livrar-me deste mal. Realmente, ele vivo, não posso estar contente. (Sai)

#### Cena IV

*Uma planície na Dinamarca. Entram Fortimbrás, um capitão e soldados, em marcha.*

FORTIMBRÁS — Saudai de minha parte a Dinamarca, acrescentando que com sua licença Fortimbrás pede franco e livre trânsito por seu reino. Sabeis onde devemos encontrar-nos. Se Sua Majestade quiser falar-nos algo, em sua presença presto estaremos. Dai-lhe esse recado.

O CAPITÃO — Assim farei, senhor.

FORTIMBRÁS — Em frente, devagar.

(Fortimbras e os soldados saem) (Entram Hamlet, Rosencrantz, Guildenstern e outros)

HAMLET — Amigo, de quem são esses soldados?

O CAPITÃO — Da Noruega Senhor.

HAMLET — Por obséquio, qual é o seu destino?

O CAPITÃO — Combater uma parte da Polônia.

HAMLET — Quem é o comandante?

O CAPITÃO — Fortimbrás, o sobrinho de Noruega.

HAMLET — Visam toda a Polônia, ou porventura um ponto da fronteira?

O CAPITÃO — Para falar verdade, sem acréscimo, vamos lutar por uma nesgazinha que outro lucro não deixa além da glória. Cinco ducados, cinco, eu não daria para arrendá-la, nem mais obteriam a Noruega e a Polônia, se a vendessem.

HAMLET — Nesse caso, o Polaco a não defende.

O CAPITÃO — Como não? Já se encontra guarnecida.

HAMLET — Duas mil almas, vinte ducados não perfazem o preço dessa palha; é o apostema da paz e da riqueza, que rompe para dentro, sem que nada por fora a morte inculque. Muito grato.

O CAPITÃO — Que Deus vos acompanhe. (Sai)

ROSENCRANTZ — Continuamos o caminho?

HAMLET — Segui, já vos alcanço. (Saem todos, com exceção de Hamlet) Como tudo me acusa, espicaçando-me à vingança! Que é o homem, se sua máxima ocupação e o bem maior não passam de comer e dormir? Um simples bruto. Decerto, quem nos criou com a faculdade que ao passado e ao futuro nos transporta, não nos deu a razão divina, para que fique inútil. Seja esquecimento bestial, ou mesmo escrúpulo covarde que me leva a pensar demais nas coisas - pensamento com um quarto de bom senso e três de covardia — ignoro a causa de ficar a dizer: “Devo fazê-lo”, se para tal me sobram meios, força, causa e disposição. Exemplos grandes como a terra me exortam: este exército de tal poder e número, chefiado por um príncipe moço e delicado, cuja coragem a ambição divina faz exaltar, levando-o a defrontar-se com os fatos invisíveis e a sua parte mortal e pouco firme a pôr em risco contra o que ousa a fortuna, o acaso e a morte, por uma casca de ovo. O ser, de fato, grande não é empenhar-se em grandes causas; grande é quem luta até por uma palha, quando a honra está em jogo. E eu, deste modo, com o pai assassinado, a mãe poluída — razões de estimular o sangue e o brio — nada me esperta? Vejo, envergonhado, vinte mil homens próximos da morte, que por simples capricho da vaidade caminham para o túmulo tal como se fossem para o leito, e lutam pela conquista de um terreno em que não cabem, e que como sepulcro ainda é pequeno para esconder sequer os que aí tombarem. Doravante terei só pensamentos de sangue ou sem valor, soltos aos ventos. (Sai)

#### Cena V

*Elsinor. Um quarto no castelo. Entram a Rainha, Horácio e um nobre.*

A RAINHA — Não quero falar a ela.

O NOBRE — De fato, ela é importuna no desvario. Compungem os seus modos.

A RAINHA — Que a preocupa?

O NOBRE — Fala muito no pai; diz ter sabido que o mundo é mau, bate no peito, e geme, zangando-se por nada. Diz palavras dúbias e sem sentido: nada, em suma, conquanto esse seu modo leve o ouvinte a tirar conclusões, interpretando-lhe as palavras ao jeito do que pensam, concluindo de seus gestos, da maneira de piscar, dos meneios da cabeça, que algo querem dizer. Ainda que sejam suposições, tudo desgraça inculca.

A RAINHA — Seria bom falar-lhe, que ela pode suscitar conjeturas dos maldosos.

Fazei-a entrar. (Sai O nobre) Para a alma criminosa e feperjura, tudo anuncia alguma desventura. Tanto se agita o crime, em tal enredo, que a si mesmo se trai, de puro medo. (Volta o nobre, com Ofélia)

OFÉLIA — Onde se encontra a bela Majestade da Dinamarca?

A RAINHA — Que há de novo, Ofélia?

OFÉLIA (canta) — Como reconhecer em meio à turba o jovem meu amado? Pelo chapéu de conchas, as sandálias, e mais pelo cajado.

A RAINHA — Minha doce menina, a que vemisso?

OFÉLIA — Que dizeis? Escutais, vos peço, agora: (Canta) Senhora, ele se foi; não mais existe; morreu; nada mais ousa. À cabeça lhe nasce um tufo de erva; sobre o corpo uma lousa. Oh! Oh!

A RAINHA — Querida Ofélia, escuta...

OFÉLIA — Por favor, escutai: (Canta) Como um monte de neve era a mortalha (Entra o Rei) enfeitada de flor; orvalhada baixou para o sepulcro, pelo pranto do amor.

O REI — Como vai passando, gentil menina?

OFÉLIA Bem, graças a Deus. Dizem que acoruja era filha de um padeiro. Sabemos, senhor, o que somos, mas não o que viremos a ser. Deus assista na vossa mesa.

O REI — Alusão ao pai.

OFÉLIA — Por favor, não falemos mais disso; mas se vos perguntarem o que significa, digei-lhes: (Canta) Raiou o dia de São Valentim; de pé todos estão. Para ser vossa Valentina, irei pôr-me à janela, então. Ela se alça depressa, a roupa veste e a porta lhe franqueou, fazendo entrar a virgem, que, assim, virgem, não mais ali passou.

O REI — Meiga Ofélia...

OFÉLIA Realmente, vou concluir sem nenhum juramento: (Canta) Pela Virgem e a Santa Caridade, que vergonha, meu Deus! Os moços o farão, se aí se encontrarem... Vergonha para os seus. Antes de ao chão tu me jogares, tinhas prometido casar. Fál-o-ia, respondeu, caso o meu leito não quisesse entrar.

O REI — Há quanto tempo está ela assim?

OFÉLIA — Espero que tudo corra bem.

Precisamos de paciência, conquanto não possa deixar de chorar, ao pensamento de que vãodepô-lo no chão frio. Meu irmão há de ficar sabendo disso. Muito obrigada pelo conselho amigo. Que venha o meu carro. Boa noite, senhoras! Boa noite, encantadoras, senhoras! Boa noite! Boa noite! (Sai)

O REI — Ide-lhe em pós; vigiai-a com cuidado. (Sai Horácio) Dor profunda a envenena; provém tudo do traspasso do pai. Cara Gertrudes, as tristezas não andam como espias, mas sempre em batalhões. Primeiro, a morte do pai; depois, a ausência de teu filho, causador de seu próprio banimento; o povo alvoroçado, crasso e impuro, conjetura em cochichos sobre a morte do bom Polônio; foi inexperiência sepultá-lo às ocultas; ora, Ofélia, solitária de si e do próprio juízo, sem o qual somos brutos ou pinturas... Por último, o que vale mais que tudo, seu irmão que voltou secretamente, anda cheio de pasmo, vai às nuvens, sem que os murmuradores lhe faleçam com ditos pestilentos sobre a causa da morte do pai dele, sem falarmos que a própria confusão, não conhecendo como as coisas realmente se passaram, não deixará de envenenar-me o nome de ouvido para ouvido. Ó minha cara Gertrudes, isso tudo, como peça mortífera disposta em várias partes, morte sobeja ora vai dar-me. (Ouve-se barulho)

A RAINHA — Que houve? (Entra um nobre)

O REI — Onde estão meus súcos? Que defendam as portas. Que há de novo?

O NOBRE — Majestade, fugi! O oceano, quando rompe os diques, não devora a planície com mais ímpeto do que Laertes, à testa dos rebeldes, vence a tropa legal. O populacho lhe chama lorde, e tal como se o mundo fosse recomeçar, sem que mais lembrem tradições, esquecidos os costumes — sustentáculos firmes das palavras — grita: Elejamos rei! Seja Laertes! As línguas e os chapéus, as mãos o aplaudem até às nuvens: Laertes, nosso rei!

A RAINHA — Como ladram joviais na pista falsa! Errastes, falsos cães dinamarqueses!

O REI — Arrombaram as portas. (Ouve-se barulho) (Entra Laertes, armado, seguido de dinamarqueses)

LAERTES — Onde está o rei? Senhores, ficaifora!

DINAMARQUESES — Não; entremos. LAERTES — Suplico-vos, deixai-nos!

DINAMARQUESES — Pois não! Pois não!

(Afastam-se para trás da porta)

LAERTES — Obrigado; guardai todas as portas. Rei desprezível, dai-me o meu bom pai.

O REI — Calma, meu bom Laertes.

LAERTES — A gota de meu sangue que ficasse calma, me insultaria de bastardo, mancharia meu pai, lançando a pecha demertriz na fronte imaculada de minha santa mãe.

O REI — Qual é o motivo, Laertes, de assumirares gigantes essa rebelião? Deixa-o, Gertrudes; nada temas por nós. De tal maneira o caráter divino ao rei protege, que a traição mal espreita oque almejava, sem nada conseguir... Dizei, Laertes, o que vos pôs assim. Gertrudes, deixa-o. Falai, jovem.

LAERTES — Meu pai, que é dele? O REI — Morto.

A RAINHA — Mas não por ele. O REI — Deixa que me fale.

LAERTES — Como morreu? Não quero ser ludíbrio de ninguém. Para o inferno os juramentos! Fidelidade, os diabos a carreguem! Consciência e graça, o abismo as sorva logo! Venha a condenação! Chego até ao ponto de arriscar esta vida e a porvindoir, sem medir consequências, tão-somente para a meu pai vingar.

O REI — Que vos detém?

LAERTES — Afora o meu querer, nem todo o mundo. Quanto aos recursos, hei de encontrar jeito de obter muito com pouco.

O REI — Ouvi, Laertes; se desejais, de fato, saber como vosso pai faleceu, acha-se escrito nos vossos planos, que deveis num lance, sem distinção de amigos e inimigos, arrastar os culpados e inocentes?

LAERTES — Não, só seus inimigos. O REI — Desejais conhecê-los?

LAERTES — A quantos se mostrarem seus amigos, os braços tenho abertos e, como o pelicano, com meu sangue lhes darei vida e alento.

O REI — Essas palavras são de bom filho e bravo gentil-homem. Minha inocência relativa à morte de vosso pai, e a mágoa de perdê-lo não deo juízo tão claro aparecer-vos como aos olhos a luz.

DINAMARQUESES (dentro) — Deixai-a entrar.

LAERTES — Que significa esse barulho? (Entra Ofélia) Febre. seca-me o cérebro! Corroei-me, lágrimas sete vezes salgadas, a virtude dos olhos! Pelo céu! tua loucura será pesada até que desça o prato da balança. Rosa de maio, irmã, doce menina, querida Ofélia! Ó céu! É tão possível que a razão de uma jovem seja frágil como o alento de um velho? A natureza se depurano amor e, florescendo, empresta à coisa amada algo da essência preciosa de si mesma.

OFÉLIA (canta) — Levaram-no a enterrar sem cobertura... Tra-lá, la-rá! Quanto choro lhe rega a sepultura! Adeus, pombinho!

LAERTES — Se com toda a razão me concitasses a vingar-te, nem tanto me abalaras.

OFÉLIA — Deveríeis cantar: “Abaixo! abaixo! Chamai-o para baixo!” Oh! Como a roda lhe vai bem! É da canção do intendente falso que raptou a filha do amo.

LAERTES — Este nada vale mais do que tudo.

OFÉLIA — Aqui está rosmaninho, para lembrança. Não te esqueças de mim, querido. Estes amores-perfeitos são para o pensamento.

LAERTES — Uma sentença na loucura: a lembrança e o pensamento harmonizados!

OFÉLIA — Para vós, funcho e aquiléia; arruda para vós, e um pouco para mim, também. Poderemos chamar-lhe erva da graça dos domingos, mas a vossa deverá ser usada de outro jeito. Eis aqui uma margarida. Quisera dar-vos algumas violetas, mas murcharam todas, quando meu pai morreu. Dizem que ele teve um fim muito bonito. (Canta) Para o doce pintarroxo é toda a minha alegria!

LAERTES — À tristeza, à paixão, ao próprio inferno, a tudo ela dá graça e empresta encanto.

OFÉLIA (canta) — Nunca mais o veremos? Não mais retornará? Sumiu deste mundo; baixai para o fundo, que ele não voltará. Barba branca de neve, de linho a cabeleira. Já foi, sem parar; é inútil chorar; que no céu Deus o queira e a todas as almas cristãs, é o que eu rogo a Deus. Deus seja convosco! (Sai)

LAERTES — Vedes isto, ó Deus?

O REI — De vossa mágoa, Laertes, compartilho; é meu direito. Agora retirai-vos por uns momentos e os mais ajuizados amigos escolhi, porque nos ouçam, para entre mim e vós serem juizes. Se achardes culpa em nós, mediata embora, será vossa a coroa, nosso reino, a própria vida e tudo quanto é nosso, como satisfação. No caso oposto,



contentai-vos de ouvir-nos com paciência, que, a vossa alma associada, cuidaremos de ressarcir-lhe a dor.

LAERTES — Seja. A maneira porque morreu, o enterro misterioso, sem brasão, nem espada sobre o túmulo, a ausência do ritual e pompas fúnebres, clamam, como atroando o céu e a terra, pedindo explicações.

O REI — Ser-vos-ão dadas. E onde houver culpa, caia a machadinha. Vinde comigo, peço-vos. (Saem)

## CENA VI

*Outro quarto no castelo. Entram Horácio e um criado.*

HORÁCIO — Quem quer falar comigo?

O CRIADO: Marinheiros, senhor; são portadores de umas cartas.

HORÁCIO — Que entrem, pois. (Sai o criado) Tirando lorde Hamlet, em todo o mundo não sei quem poderia enviar-me cartas. (Entra um marinheiro)

MARINHEIRO — Deus vos abençoe, senhor. HORÁCIO — E a ti também.

MARINHEIRO — Assim o fará, senhor, se forde sua vontade. Esta carta, senhor, é para vós; vem da parte do embaixador que deveria ir para a Inglaterra, se vos chamardes Horácio, como me afirmaram.

HORÁCIO (lê) — “Horácio, quando passares os olhos por esta, proporciona a esses homens meios de chegarem até ao rei; são portadores de cartas para ele, também. Não havia ainda dois dias que nos encontrávamos no mar, quando nos deu caça um corsário de grande aparelhagem bélica. A morosidade das velas nos tornou valentes à força, havendo eu saltado para a toldado inimigo logo que o abordamos. No mesmo instante conseguiram desvencilhar-se de nosso navio, ficando eu como único prisioneiro. Procedem comigo como ladrões misericordiosos; mas eles sabem o que fazem, pois esperam tirar de mim grande proveito. Faze chegar ao rei as cartas que lhe envio e vem ter comigo com a pressa que empregarias em fugir da morte. Tenho de dizer-te ao ouvido palavras que te deixarão mudo, muito embora ainda sejam leves demais para o calibre do assunto. Essa boa gente há de informar-te onde me encontro. Rosencrantz e Guildenstern continuam a caminho da Inglaterra. Tenho muito que contar-te a respeito deles. Aquele que conheces como te pertencendo, Hamlet.” Vinde comigo: vou facilitar-vos a entrega dessas cartas, porque logo me leveis à pessoa que as enviou. (Saem)

## Cena VII

*Outro quarto no castelo. Entram o Rei e Laertes.*

O REI — Vossa consciência, agora, me confirma quitação mais que plena. Podeis mesmo ao peito aconchegar-me como amigo, pois já sabeis, de ouvir de ciência certa, que quem matou vosso nobre pai também me quis matar.

LAERTES — É o que parece. Mas, por que não punistes esses atos, de si tão criminosos, como a vossa dignidade o obrigava, a segurança, tudo, em suma?

O REI — Oh! São duas as razões, que talvez vos pareçam despidiendas, mas que pesam. Sua mãe vive somente de seus olhares. Quanto ao que me toca — seja virtude ou doença, pouco monta - de alma e corpo me sinto a ela tão preso, que assim como não sai da órbita a estrela, sem ela não mexo. O outro motivo que me impede de com ele justar contas é o grande amor que lhe devota a plebe, que, na afeição banhando seus defeitos, como as fontes que o lenho em pedra mudam, de ferros faz relíquias. Minhas setas, talhadas em madeira muito leve para tão forte vento, voltariam para o arco, sem que no alvo se encravassem.

LAERTES — E assim perdi meu nobre pai, e vejo caída na demência minha irmã, cujo valor, se é lícito falar-se do que já foi, nenhum outro acharia que pudesse igualá-lo em perfeição. Mas espero vingar-me.

O REI — Vosso sono não perturbeis com semelhante ideia, nem penseis, porventura, que sejamos compostos de matéria tão grosseira, que deixemos puxar-nos pela barba com violência e ainda achemos que é brinquedo. Breve ouvireis o resto. Era afeiçoado a vosso pai; amamos a nós mesmos, por isso espero que haveis de, em breve... (Entra um mensageiro) Que há de novo?

MENSAGEIRO — Senhor, cartas de Hamlet, para a rainha e Vossa Majestade.

O REI — De Hamlet? Quem as trouxe?

MENSAGEIRO - Marinheiros, senhor, segundo dizem não lhes falei; foi Cláudio quem, mas deu; a este é que o portador as entrega.

O REI — Laertes, vais ouvi-las. Podes ir. (Saio mensageiro) (Lê) “Alto e poderoso senhor: sabeique fui trazido nu para vosso reino. Amanhã vos pedirei permissão para contemplar vossos reais olhos, quando pretendo, depois de obtido consentimento, relatar-vos os motivos de meu inesperado e muito estranho regresso. Hamlet.” Que é isso? E os companheiros, voltariam? Não será tudo apenas uma farsa?

LAERTES — E a letra?

O REI — Os traços são de Hamlet: “Nu”; e adiante, em pós-escrito, diz: “Sozinho”. Podeis aconselhar-me?

LAERTES — Não sei também que faça. Mas que venha. Sinto que se me inflama o peito à ideia de viver e poder dizer-lhe aos dentes: Assim fizeste!

O REI — Se assim é, Laertes, e por que não? Por que de outra maneira? Quereis que vos oriente?

LAERTES — Então, senhor! Contanto que de paz não seja o assunto.

O REI — Vossa paz, simplesmente. Já que a viagem ficou frustrada e que ele já não cuida de reiniciá-la, penso em concitá-lo a um feito em que de há muito estou pensando, que a morte dele implica, sem que vento de censura nenhum nos incomode; a própria mãe verá no efeito o acaso, chamando-lhe acidente.

LAERTES — Estou de acordo e mais ainda estarei, se dispuserdes que seja eu o instrumento.

O REI — Vem a tempo. Dês que viajastes, fostes elogiado na presença de Hamlet por um dote em que, se diz, primais. Todas as outras qualidades, reunidas, não tiveram o poder de espertar-lhe tanto a inveja, como essa, que, a meu ver, é a mais modesta.

LAERTES — Que talento, senhor, gabaram tanto?

O REI — Um laço no chapéu da juventude, conquanto necessário; porque aos moços cai bema vestimenta leve e simples, como peles e mantos à velhice, que a protegem, tornando-a circumspecta. Aqui estive, há dois meses, um normando. Lutei contra os franceses; sei, de viso, que são bons cavaleiros. Esse bravo, contudo, fez milagres, de tal modo se unia à sela, e tais e tantas coisas ao cavalo obrigava. Pareciam um só corpo e que meia natureza do formoso animal ele possuísse. De tal modo excedeu meu pensamento, que só de imaginar voltas e saltos fico aquém de seus efeitos.

LAERTES — Um normando? O REI — Normando, sim.

LAERTES — Lamord, por minha vida! O REI — Esse mesmo.

LAERTES — Conheço-o bem; é a pérola e a joia de seu povo.

O REI — Fez-vos grandes encômios, elogiando-vos de tal maneira na arte e no manejo das armas, sobretudo do florete, que proclamavam digno de ser visto, se alguém vos desafiasse. Os esgrimistas de sua pátria, jurava, careciam de vista, precaução e agilidade, quando em jogo convosco. Esses encômios envenenaram tanto a alma de Hamlet, que vivia a querer que regressásseis porque logo convosco se medisse. Ora, assim sendo...

LAERTES — Sendo assim, senhor?

O REI — Laertes, vosso pai vos era caro, ou sois tal como a imagem da tristeza, rosto sem coração?

LAERTES — Por que isso agora?

O REI — Não penso que esse amor vos falecesse; mas sei que o amor no tempo se origina, sobre haver-me a experiência demonstrado que o tempo lhe modera o ardor e o brilho. No centro dessa chama se acha sempre uma mecha ou pavio que a amortece. Nada conserva sempre o mesmo aspecto; que até mesmo a bondade, em demasia, morre do próprio excesso. O que queremos, deve ser feito, que o querer varia, mostrando tantas quedas e delongas quantas línguas existem, mãos e casos, e o “devia” se muda num suspiro que alivia e faz mal. Mas vamos à úlcera: Hamlet volta; como demonstráreis que de tal pai sois filho, mais comatos do que simples palavras?

LAERTES — Cortar-lhe-ia o pescoço na igreja.

O REI — De fato, não devia haver santuário que o homicida amparasse, nem limites para a vingança. Mas, bondoso Laertes, se concordais, ficai no vosso quarto. Hamlet vai saber que já voltastes; cuidarei que de vós lhe falem muito, pondo duplo verniz nos elogios do francês. Em resumo: aproximamo-nos e faremos apostas. Desatento como ele é, sobre nobre e sem suspeita, as armas não verá. Daí ser fácil, na confusão, ficardes com o florete não protegido, o que vos ensinará, num bote calculado, compensá-lo por vos ter morto o pai.

LAERTES — Aceito o alvitre, e ainda mais: enveneno minha espada. Comprei de um charlatão certa mistura tão mortal que, banhando nela a faca, uma vez feito o sangue, não há emplastro, ainda que preparado só de simples virtuosos sob a lua, que consiga dar vida a quem tocado for de leve. Vou pôr esse venenona minha arma, porque esflorar o contendor já seja para ele a morte.

O REI — Vamos tratar disso. Pesemos ora o tempo e as circunstâncias adequadas ao caso. Se essa traça falhar, transparecendo nosso intento por falecer-nos jeito, melhor fora não ter tentado. Daí o ser preciso novo plano, numa espécie de reforço, para o caso de a prova não dar certo. Esperai... Quero ver... Apostaremos por maneira solene na arte de ambos... Eis aqui! Quando a luta vos der calor e sede — esforçai-vos para isso nos ataques — e ele quiser beber, hei de uma taça ter à mão. Bastará que nela molhe de leve os lábios, caso ele consiga livrar-se do florete envenenado, porque o plano dê certo. Mas, que é isso? (Entra a Rainha) Então, meiga rainha?

A RAINHA — Tanto as desgraças correm, que se enleiam no encaço umas das outras. Vossa irmã afogou-se, Laertes.

LAERTES — Afogou-se? Onde? Como?

A RAINHA — Um salgueiro reflete na ribeira cristalina sua copa acinzentada. Para aí foi Oféliasobraçando grinaldas esquisitas de rainúnculas, margaridas, urtigas e de flores de púrpura, alongadas, a que os nossos campônios chamam nome bem grosseiro, e as nossas jovens “dedos dedefunto”. Ao tentar pendurar suas coroas nos galhos inclinados, um dos ramos invejosos quebrou, lançando na água chorosa seus troféus de erva e a ela própria. Seus vestidos se abriram, sustentando-a por algum tempo, qual a uma sereia, enquanto ela cantava antigos trechos, sem revelar consciência da desgraça, como criatura alinascida e feita para aquele elemento. Muito tempo, porém, não demorou, sem que os vestidosse tornassem pesados de tanta água e que de seus cantares arrancassem a infeliz para a morte lamacenta.

LAERTES — Afogou-se, dissestes? A RAINHA — Afogou-se.

LAERTES — Querida irmã, já tens água de sobra; não te darei mais lágrimas.

Contudo, somos assim, que a natureza o obriga, sem que importe a vergonha; uma vez fora, deixou de ser mulher. Adeus, senhor. Com as palavras, só chamas me saíam, se não fosse apagá-las atolice. (Sai)

O REI — Sigamo-lo, Gertrudes. Que trabalho me custou para a cólera acalmar-lhe!

Receio quede novo a explodir venha. Sigamo-lo, portanto. (Saem)

ATO V

Cena I

*Um cemitério. Entram dois coveiros, com alviões epás.*

PRIMEIRO COVEIRO — Poderá ser-lhe dada sepultura cristã, se foi ela quem procurou a salvação?

SEGUNDO COVEIRO — Digo-te que sim: por isso, trata de abrir logo a sepultura; o magistrado já fez investigações, tendo concluído pelo sepultamento em chão sagrado.

PRIMEIRO COVEIRO — Como assim, se ela não se afogou em defesa própria?

SEGUNDO COVEIRO — Foi o que decidiram.

PRIMEIRO COVEIRO — Então foi se ofendendo; não pode ter sido de outro modo, que o ponto principal é o seguinte: se eu me afogar voluntariamente, pratico um ato; um ato é composto de três partes: agir, fazer e realizar. Logo afogou-se porque quis.

SEGUNDO COVEIRO — Mas ouvi, compadre coveiro...

PRIMEIRO COVEIRO — Com licença. Aqui está a água; bem. Aqui está o homem; bem. Se o homem vai para a água e se afoga, é ele, quer o queira quer não, que vai até lá. Toma nota. Mas se a água vem para ele e o afoga, não é ele que se afoga. Logo, quem não é culpado de sua própria morte, não encurta a vida.

SEGUNDO COVEIRO — E isso é lei?

PRIMEIRO COVEIRO — É, de acordo com as conclusões do magistrado.

SEGUNDO COVEIRO — Quereis que vos seja franco? Se não se tratasse de uma senhorinha de importância, não lhe dariam sepultura cristã.

PRIMEIRO COVEIRO — Tu o disseste; é pena que neste mundo os grandes tenham mais direito de se enforcarem e afogarem do que os seus irmãos em Cristo. Dá-me a pá. Não há nobreza mais antiga do que a dos jardineiros, dos abridores de fossas e dos coveiros; todos exercem a profissão de Adão.

SEGUNDO COVEIRO — Adão era nobre?

PRIMEIRO COVEIRO — Foi quem primeiro usou armas.

SEGUNDO COVEIRO — Como, se não as possuía?

PRIMEIRO COVEIRO — Quê! És pagão?

Como é que interpretas a Escritura? A Escritura diz que Adão cavou. Como poderia ele cavar, se não possuísse armas? Vou fazer-te outra pergunta; se não responderes certo, terás de confessar que és...

SEGUNDO COVEIRO — Pois que venha a pergunta.

PRIMEIRO COVEIRO — Quem é que constrói mais solidamente do que o pedreiro, o carpinteiro e o construtor de navios?

SEGUNDO COVEIRO — O que levanta cadafalsos, porque suas construções sobrevivem a milhares de inquilinos.

PRIMEIRO COVEIRO — Realmente, aprecio a tua vivacidade. O cadafalso faz bem. Mas, para quem faz ele bem? Para os que fazem mal. Por isso, fizeste mal em dizer que o cadafalso é mais sólido do que a Igreja. Logo o cadafalso te faria bem. Vamos, responde logo.

SEGUNDO COVEIRO — Quem é que constrói mais solidamente do que o pedreiro, o carpinteiro e o construtor de navios?

PRIMEIRO COVEIRO — Justamente.

Responde isso e sai da canga.

SEGUNDO COVEIRO — Desta vez vou acertar.

PRIMEIRO COVEIRO — Veremos.

SEGUNDO COVEIRO — Com a breca! Não o consigo. (Hamlet e Horácio aparecem no fundo)

PRIMEIRO COVEIRO — Não dês tratos à bola, que o teu asno preguiçoso não andarà mais depressa com as chibatadas. Quando te fizerem de novo essa pergunta, responde que é o coveiro, porque a casa que ele constrói dura até o dia do Juízo. Corre à hospedaria e traze-me uma caneca de aguardente. (Sai o segundo coveiro)

PRIMEIRO COVEIRO (canta, continuando a cavar):

Quando rapaz amei, amei bastante.

Quão doce me sabia tudo aquilo! Que tempo!

Um só

instante mais que tudo valia.

HAMLET — Esse sujeito não terá o sentimento da profissão, para cantar, quando está abrindo uma sepultura?

HORÁCIO — O hábito facilitou-lhe a tarefa.

HAMLET — É isso; as mãos que trabalham pouco são mais sensíveis.

PRIMEIRO COVEIRO (canta):

Mas a idade, com passo de ladrão, nas garras me apanhou,  
tirando-me do mundo folgazão; e tudo se acabou.

(Joga um crânio)

HAMLET — Tempo houve em que aquele crânio teve língua e podia cantar; agora, esse velhaco o atira ao solo, como se se tratasse da mandíbula de Caim, o primeiro homicida. É bem possível que a cabeça que esse asno maltrata desse jeito seja de algum político que enganava ao próprio Deus, não te parece?

HORÁCIO — É bem possível, milorde.

HAMLET — Ou de algum cortesão que sabia dizer: “Bom dia, meu doce senhor! Como vaipassando, meu bom senhor?” Talvez a de lorde Fulano, que elogiava o cavalo de lorde Cicrano, quando tinha a intenção de pedir-lho, não é verdade?

HORÁCIO — É isso mesmo.

HAMLET — E agora, depois de pertencer a lorde Verme, que lhe comeu as carnes, este sujeito lhe bate com a enxada no maxilar. Se pudéssemos acompanhá-lo em todas as fases, surpreenderíamos nisso uma bela revolução. Levarem tanto tempo esses ossos para seformarem, só para virem a servir de bola! Só de pensar em tal coisa, sinto doer os meus.

PRIMEIRO COVEIRO (canta)

Uma enxada e uma pá bem resistentes,  
mais um lençol bem-feito

e uma cova de lama indiferente, fazem do hóspede o leito.

(Joga outro crânio)

HAMLET — Mais um crânio. Por que não háde ser o de um jurista? Onde foram parar as sutilezas, os equívocos, os casos, as enfeiteuses, todas as suas chicanas? Por que consente que este maroto rústico lhe bata com a enxada suja, então lhe arma um processo por lesões pessoais? Hum! É bem possível que esse sujeito tivesse sidoum grande comprador de terras, com suas escrituras, hipotecas, multas, endossos e recuperações. Consistirá a multa das multas e a recuperação das recuperações em ficarmos com abela cabeça assim cheia de tão bonito lodo? Não lhe arranjaram seus fiadores, com as fianças duplas, mais espaço do que o de seus contratos? Os títulos de suas propriedades não caberiam em seu caixão; não obterão os herdeiros mais do queisso?

HORÁCIO — Nada mais, milorde.

HAMLET — Pergaminho não é feito de pele de carneiro?

HORÁCIO — Perfeitamente, príncipe; e também de bezerro.

HAMLET — Não passam de carneiros e debezerras os que procuram segurar-se nisso. Vou dirigir-me a esse maroto. De quem é essa cova, camarada?

PRIMEIRO COVEIRO — É minha, senhor. e uma cova de lama indiferente fazem do hóspede oleito.

HAMLET — Estou vendo que é tua, de fato, porque te encontras dentro dela.

PRIMEIRO COVEIRO — Estais fora dela, senhor; logo, não vos pertence. Enquanto a mim, muito embora não esteja deitado nela, posso dizer que é minha.

HAMLET — Não é certo dizeres que te pertence porque estás dentro dela. Sepultura é para os mortos, não para os que estão com vida. Logo, estás mentindo.

PRIMEIRO COVEIRO — Uma mentira viva, senhor, que voltará de mim para vós.

HAMLET — Para que homem estás cavando essa sepultura?

PRIMEIRO COVEIRO — Não é para nenhum homem, senhor.

HAMLET — Para que mulher, então? PRIMEIRO COVEIRO — Não é para mulher, tampouco.

HAMLET — Quem é que vai ser enterradonela?

PRIMEIRO COVEIRO — Alguém que foi mulher, senhor, e que — Deus a tenha em sua santa guarda — já faleceu.

HAMLET — Como esse sujeito é meticoloso! Precisamos falar-lhe com a bússola na mão; qualquer equívoco poderá ser-nos fatal. Por Deus, Horácio, tenho observado que nestes três últimos anos o mundo se torna cada vez mais sutil. O pé do campônio toca tão de perto no calcanhar do nobre, que causa esfoladuras. Há quanto tempo és coveiro?

PRIMEIRO COVEIRO — Entre todos os dias do ano, iniciei a profissão no dia em que o nosso defunto Rei Hamlet venceu a Fortimbrás.

HAMLET — E quanto tempo faz isso?

PRIMEIRO COVEIRO — Não sabeis? Qualquer bobo poderia dizer-vos: foi no dia em que nasceu o moço Hamlet, aquele que ficoulouco e que mandaram para a Inglaterra.

HAMLET — Ah, sim? E por que o mandaram para a Inglaterra?

PRIMEIRO COVEIRO — Ora, porque enlouqueceu. Lá, ele há de recuperar o juízo; mas se não fizer, importa pouco.

HAMLET — Por que razão?

PRIMEIRO COVEIRO — É que ninguém se aperceberá disso; todos por lá são tão loucos quanto ele.

HAMLET — E como foi que ele enlouqueceu?

PRIMEIRO COVEIRO — Por maneira muito estranha, dizem.

HAMLET — Como estranha?

PRIMEIRO COVEIRO — Ora, perdendo o juízo.

HAMLET — E onde foi isso?

PRIMEIRO COVEIRO — Ora, aqui na Dinamarca. Entre rapaz e homem feito, sou coveiro há trinta anos.

HAMLET — Quanto tempo pode uma pessoa ficar na terra, sem apodrecer?

PRIMEIRO COVEIRO — A fé, se já não começara a apodrecer em vida, que hoje em dia há muitos bexigentos que mal esperam pela inumação, poderá durar-vos coisa de oito anos ou nove; um curtidor demora nove anos.

HAMLET — E por que ele mais tempo do que os outros?

PRIMEIRO COVEIRO — Ora, senhor, é que a profissão lhe endurece a pele, tornando-a impermeável à água, que é o mais ativo destruidor do bandido do cadáver. Temos aqui outro crânio, que vos ficou na terra seus vinte e três anos.

HAMLET — De quem era este?

PRIMEIRO COVEIRO — Do mais extravagante louco que já se viu. Quem pensais que ele fosse?

HAMLET — Não posso sabê-lo.

PRIMEIRO COVEIRO — Para o diabo com sua loucura! Certa vez atirou-me à cabeça uma botija de vinho do Reno. Esse crânio aí, senhor, esse crânio aí, senhor, era o crânio de Yorick, o bobo do rei.

HAMLET — Este?

PRIMEIRO COVEIRO — Precisamente. HAMLET — Deixa-me vê-lo. (Toma o crânio)

Pobre Yorick! Conheci-o, Horácio; um sujeito de chistes inesgotáveis e de uma fantasia soberba. Carregou-me muitas vezes às costas. E agora, como me atemoriza a imaginação! Sinto engulhos. Era aqui que se encontravam os lábios que eu beijei não sei quantas vezes. Onde estão agora os chistes, as cabriolas, as canções, os rasgos de alegria que faziam explodir a mesa em gargalhadas? Não sobrou uma ao menos, para rir de tua própria careta? Tudo descarnado! Vai agora aos aposentos da senhora e dize-lhe que embora se retoque com uma camada de um dedode

espessura, algum dia ficará deste jeito. Faze-arir com semelhante pilhéria. Dize-me uma coisa, Horácio, por obséquio.

HORÁCIO — Que é, príncipe?

HAMLET — Acreditas que Alexandre, depoisde enterrado, tivesse este mesmo aspecto?

HORÁCIO — Igual, igual, príncipe.

HAMLET — E este cheiro? Puá! (Joga o crânio)

HORÁCIO — O mesmo, príncipe.

HAMLET — A que usos ínfimos temos de prestar-nos, Horácio. Por que não acompanhar a imaginação as nobres cinzas de Alexandre, até encontrá-las servindo para tapar um barril?

HORÁCIO — É ir muito longe, considerar as coisas por esse modo.

HAMLET — De forma alguma. Acompanhemo-las com bastante modéstia, deixando-nos guiar apenas pela verossimilhança. Mais ou menos deste jeito: Alexandre morreu; Alexandre foi enterrado; Alexandre tornou-se pó. O pó é terra; da terra faz-se argila; por que, então, não se poderá tapar um barril de cerveja com a argila em que ele se converteu? O grande César morto e em pó tornado, pode a fenda vedar ao vento irado. O pó que o mundo inteiro trouxe atento, ora o muro protege contra o vento. Mas, silêncio; cautela. Afastemo-nos. Aí vem o rei. (Entram padres, etc. em procissão. O corpo de Ofélia, Laertes, as carpideiras; o Rei, a Rainha, séquito, etc) A corte toda, a rainha! A quem sepultam com ritos incompletos? Isso indica que a pessoa a que trazem suicidou-se com mão desesperada. E era de estado. Vamo-nos ocultar para observá-los. (Retira-se com Horácio).

LAERTES — Que cerimônia mais?

HAMLET — Esse é Laertes, jovem da altaprosápia; observa-o bem.

LAERTES — Que cerimônia mais?

PRIMEIRO PADRE — Quanto nos foi possível, prolongamos-lhe as obséquias. Sua morte foi suspeita, e a não ser a pressão sobre nossa ordem, seria sepultada em chão profano até ao clarim final. Em vez de pias orações, lhe teríamos jogado seixos, tições e cardos. Ao invés disso, consentimos nas flores sobre a tumba, a coroa devirgem e no dobre de finados durante o saimento.

LAERTES — Não se fará mais nada?

PRIMEIRO PADRE — Nada mais; mancharíamos agora esse serviço se cantássemos

Réquiem, como em casos de morte em santa paz.

LAERTES — Ponde-a na terra! Que de suacarne pura e não manchada nasçam violetas. Padre bronco, digo-te que minha irmã vai ser um anjo, enquanto tu ficarás a contorcer-te em urros.

HAMLET — Que ouço? A bela Ofélia?

A RAINHA — Para a fragrância, mais perfume. Adeus. Sempre esperei que viesses a casar-te com meu Hamlet; imaginara o leito de núpcias enfeitar-te, doce criança, jamais a sepultura.

LAERTES — Maldição tríplice, triplicada mais dez vezes, caia sobre a cabeça amaldiçoada do infame causador de teu desvairo. Parai com a terra, até que nestes braços a aperte novamente. (Salta na cova) Agora ponde sobre o vivo e o cadáver vossa poeira, até que o chão transformeis numa montanha que vença o velho Pélio ou a azul cabeça do celestial Olimpo.

HAMLET — Quem se queixa com ênfase tão grande e com palavras que detêm as estrelas em seu curso como ouvintes pasmados? Sou Hamlet, sim, o Dinamarquês. (Salta na cova)

LAERTES — O diabo te leve a alma! (Atraca-se com ele)

HAMLET — Não rezaste direito. Digo-te que me soltes a garganta, pois embora eu não seja nem furioso nem frenético, posso conter algo de que deves recear-te. Tira as mãos!

O REI — Separem-nos!

A RAINHA — Hamlet! Hamlet! TODOS — Calma!

HORÁCIO — Príncipe, por favor... (Alguns dos presentes os apartam; saem da sepultura).

HAMLET — Por tal motivo lutarei com ele enquanto eu conseguir mover as pálpebras.

A RAINHA Que motivo, meu filho?

HAMLET — Amava Ofélia; quarenta mil irmãos não poderiam, com todo o seu amor multiplicado, perfazer o total do que eu lhe tinha. Que farias por ela?

O REI — Laertes, está louco.

A RAINHA — Evitai-o, por Deus.

HAMLET — Com os diabos! Dize logo o que farias. Chorar? Brigar? Jejuar? Fazer-te em tiras? Beber vinagre e até engolir inteiro um crocodilo? Tudo isso eu posso. Que vieste aqui fazer? Gemer apenas? Desafiar-me na cova? Se desejas que te enterrem, também posso imitar-te. Se falas de montanhas, que despejem sobre nós milhões de acres, até que o solo vá queimar-se de encontro à zona ardente, deixando o Ossa tornar-se uma verruga. Como vês, eu também falo empolado.

A RAINHA — É da loucura; o acesso durapouco; mas logo, tão quietinho como a pomba, quando os gêmeos lhe nascem de cor de ouro, as asas o silêncio lhe adormece.

HAMLET — Respondei-me, senhor: por que motivo me tratais desse modo? Amei-vos sempre. Mas isso pouco importa; deixai que Hércules faça como entender; o gato mia; o cachorro também terá seu dia. (Sai)

O REI — Meu caro Horácio, peço-te, acompanha-o. (Sai Horácio) (A Laertes) Fortifica paciência no que à noite conversamos, que brevemente decidimos esse assunto. (À Rainha) Boa Gertrudes, cuida de teu filho. (À parte) esta cova há de ter movimento vivo. Uma hora de sossego ainda virá; com paciência esperemos até lá. (Saem todos)

## Cena II

*Uma sala no castelo. Entram Hamlet e Horácio.*

HAMLET — Sobre esse assunto, é quanto basta; agora cuidemos do outro. Lembras-te de todas as particularidades?

HORÁCIO — Se me lembro!

HAMLET — Uma luta travou-se-me no peito, que o sono me tirou; sofria como revoltosos em ferro. De repente — Viva a temeridade! — É muito certo que a indiscrição por vezes nos ampara, quando a trama periga. Isso nos mostra que um deus aperfeiçoa nossos planos, ainda que maltraçados.

HORÁCIO — É bem certo.

HAMLET — Saí do camarote envolto às pressas no meu roupão de viagem, para achá-los na escuridão. Consigo o intento, lanço mão do pacote e me retiro para meu quarto novamente. Com audácia, que o medo vence o brio, os selos quebro da grande comissão, achando, Horácio — oh banditismo real! — uma ordem clara, com vários argumentos relativos ao bem da Dinamarca e da Inglaterra e não sei mais que duendes e fantasmas, no caso de com vida me deixarem, para que na mesma hora, sem delongas, nem sequer a de afiar a machadinha, me degolassem.

HORÁCIO — Quê! É então possível?

HAMLET — Aqui tens o mandato. Podes lê-lo com vagar. Mas não queres que te conte como me decidi?

HORÁCIO — Com todo o gosto.

HAMLET — Cercado assim por tantas vilanias, mesmo antes de eu poder dizer o prólogo, representava o cérebro. Sentei-me e escrevi com capricho nova carta. Já pensei, como os nossos estadistas, que é feio escrever bem, tendo insistido, até, em desaprendê-



lo; mas, nessa hora muito bom me foi isso. Quererias saber qual o conteúdo da mensagem?

HORÁCIO — Com todo o gosto, príncipe. HAMLET — Rogo instante do rei, considerando que a Inglaterra era fiel subordinada, que o amor entre os dois povos deveria florescer como a palma, que a concórdia agrinalda de trigo apresentava como traço-de-união entre as coroas, e outros considerandos de igual porte, para que, conhecido o teor da carta, fossem mortos depressa os portadores, sem delongas, e até sem dar-lhes tempo de confessar as culpas.

HORÁCIO — Bem; e o selo?

HAMLET — Nisto o céu me ajudou. Tinha na bolsa o sinete que fora de meu pai e que serviu de norma para o selo da Dinamarca. Após, dobrada a carta, subscrita e impresso nela o timbre, pu-la no lugar da outra, sem vestígio de deixar da troca. Deu-se no outro dia o combate. Já sabes tudo o mais.

HORÁCIO — Desta arte, Rosencrantz e Guildenstern seguiram seu caminho.

HAMLET — Ora, homem; foram eles que namoraram esse emprego. Remorso algum me vem por ter feito isso. Caem, por terem sido intrometidos. É perigoso, para a gente baixa, ficarem entre os floretes inflamados de dois opositores poderosos.

HORÁCIO — E dizer-se que é rei!

HAMLET — Não achas que fiz bem? Ele privou-me do meu pai, prostituiu-me a mãe, meteu-se entre a escolha do povo e meus anelos, jogou o laço, visando até a matar-me, e com tanta perfídia... Em sã consciência, não cabe a este meu braço dar-lhe o troco? Não é crime deixar um verme desses corroer-me por mais tempo a própria carne?

HORÁCIO — Dentro de pouco tempo hão de chegar-lhe notícias da Inglaterra sobre o caso.

HAMLET — Até lá o tempo é meu. A vida humana não dura mais do que a contagem de um. Mas, meu bondoso Horácio, fico triste por me haver esquecido de mim mesmo, frente a Laertes; vejo em minha causa representada a sua. Estimo-o muito; mas, realmente, as bravatas nos lamentos deixaram-me furioso.

HORÁCIO — Basta. Vede quem vem chegando. (Entra Osrico)

OSRICO — Vossa Alteza é muito bem-vindo à Dinamarca.

HAMLET — Humildemente vos agradeço, meu senhor. (À parte, a Horácio) conheces esse mosquito?

HORÁCIO — (à parte, a Hamlet) Não, caro príncipe.

HAMLET — Tanto melhor para a tua salvação, porque é vício conhecê-lo. Possui muitas terras e todas férteis. Se fosse animal o reidos animais, a manjedoura deste ficaria sempre ao lado da mesa do rei. É um bisbórria, mas, como disse, dono de grandes extensões de lama.

OSRICO — Meu doce senhor, se Vossa Alteza dispuser de tempo, farei uma comunicação da parte de Sua Majestade.

HAMLET — Recebê-la-ei com a máxima atenção. Usai vosso chapéu de acordo com a sua finalidade; foi feito para a cabeça.

OSRICO — Agradeço a Vossa Senhoria; mas faz muito calor.

HAMLET — Ao contrário, podeis crer-me; faz muito frio; é vento norte.

OSRICO — Realmente, príncipe, está fazendo bastante frio.

HAMLET — Conquanto me pareça que o tempo está abafado e quente para a minha compleição.

OSRICO — Sim, não há dúvida, algo abafado, de certo modo... Não sei como me exprima. Mas, senhor, Sua Majestade me incumbiu de comunicar-vos que apostou uma grande quantia sobre vossa pessoa. O caso é o seguinte...

HAMLET (concitando a cobrir-se) — Peço-vos, não vos esqueçais...

OSRICO — Deixai, meu caso senhor; estou à vontade. Mas senhor, Laertes chegou à corte há pouco tempo; um cavalheiro, podeis crer-me, na acepção lata do termo, com excelentes qualidades, boa presença e conversação agradável. De fato, para falar dele com toda a propriedade, é a carta ou almanaque da cortesia, por encontrar-se nele a súpula de todos os dotes que pode um gentil-homem ambicionar.

HAMLET — O seu elogio nada perdeu em vossa boca, conquanto eu saiba que se fôssemos fazer um inventário de suas qualidades, padeceria a aritmética da memória sem que narota em que ele vai se observasse a menor guinada. Para exaltá-lo com toda a sinceridade, considero-o um espírito muito aberto, com dotes tão preciosos e raros, que, para tudo dizer em uma só palavra, igual a ele, só poderá encontrar em seu próprio espelho. Qualquer outra tentativa para retratá-lo redundaria em sua simples sombra.

OSRICO — Vossa Alteza fala com convicção.

HAMLET — A que respeito, senhor? Mas, afinal, por que motivo estamos a envolver esse

cavalheiro em nosso grosseiro fôlego?

OSRICO — Senhor?

HORÁCIO — Não seria possível fazerem-se ambos compreender em outra língua? Decerto o podem.

HAMLET — A que vem agora o nome desse cavalheiro?

OSRICO — De Laertes?

HORÁCIO — Esvaziou-se-lhe a bolsa; estão gastas todas as palavras de ouro.

HAMLET — Dele mesmo, senhor. OSRICO — Sei que não ignorais...

HAMLET — Folgo com isso, conquanto não me recomende muito o fato de o saberdes. Prossegui, senhor.

OSRICO — ... não ignorais a que ponto Laertes prima...

HAMLET — Não me atrevo a dizer que sim, com medo de comparar-me ao seu merecimento; conhecermos bem uma pessoa, é conhecermos a nós mesmos.

OSRICO — Refiro-me à sua habilidade de manejar arma; o conceito de que desfruta nesse terreno não lhe permite competidor.

HAMLET — E qual é a sua arma?

OSRICO — Florete e adaga.

HAMLET — Seriam, então, duas. Mas, prossegui.

OSRICO — O rei, senhor, empenhou seis cavalos berberes, contra os quais, se diz, Laertes joga seis espadas francesas com todas as suas pertencas: cinturões, talabartes e o resto. Três desses trens são realmente soberbos, bem adaptados aos punhos, trabalhados com esmero e de invenção admirável.

HAMLET — A que dais o nome de trem?

HORÁCIO — Já sabia que haveríeis derecorrer à nota marginal, antes de chegar ele ao fim.

OSRICO — Trens, meu senhor, são os sustentáculos.

HAMLET — A expressão assentaria, se usássemos canhões à cinta. Até lá, fiquemos com sustentáculos. Mas, prossegui: seis cavalos berberes contra seis espadas com todos os seus acessórios e mais três desses trens de elevada invenção: uma aposta da França contra a Dinamarca. Mas, por que motivo, para usar de vossa expressão, empenharam tudo isso?

OSRICO — O rei, senhor, apostou que em doze botes entre Laertes e Vossa Alteza, aquele não levará mais do que três de vantagem; Laertes aposta que vos tocará nove vezes em doze, o que poderá ser posto imediatamente à prova, se Vossa Alteza se dignar de responder-lhes.

HAMLET — E se eu me decidir pela negativa?

OSRICO — Quero dizer, príncipe, no caso de quererdes expor vossa pessoa.

HAMLET — Senhor, vou pôr-me a passear nesta sala; se for do agrado de Sua Majestade, estarei na hora de tomar um pouco de ar fresco. Tragam os floretes, uma vez que o cavalheiro consinta; se o rei persiste em seu intento, ganharei para ele o que puder; em caso contrário, lucrarei apenas a vergonha e os golpes sobressalentes.

OSRICO — Posso transmitir vossa respostanesses termos?

HAMLET — O sentido é esse, senhor, ficando-vos facultado florear de acordo com vossa capacidade.

OSRICO — Minha gratidão se recomenda a Vossa Alteza.

HAMLET — A minha, a minha. (Sai Osrico) Fez ele muito bem em recomendar-se, que não há línguas que pudessem fazê-lo.

HORÁCIO — Esse abibe fugiu do ninho com a casca do ovo na cabeça.

HAMLET — Para mamar ele fazia mesuras aos peitos da ama; como os muitos do mesmo rebanho, que constituem o encanto de nossa época superficial, adquiriu apenas o tom da moda e o verniz da sociedade, que, como espuma fina, ofazem passar através das opiniões mais joeiradas e batidas. Mas bastará soprar, para que as bolhas se desfaçam. (Entra um nobre)

O NOBRE — Alteza, Sua Majestade se recomendou a vós pelo moço Osrico, que de vossa parte lhe disse o aguardaríeis na sala. Agora manda-me saber se é de vosso agrado medir-vos logo com Laertes, ou se preferes adiar a partida.

HAMLET — Sou constante em meus intentos; meus intentos seguem o prazer do rei. Se falar a sua conveniência, a minha nada terá a objetar: agora, ou em qualquer tempo, uma vez que me encontre tão forte como agora.

O NOBRE — O rei, a rainha e todas a corte se encaminham para cá.

HAMLET — Em boa hora.

O NOBRE — É desejo da rainha que Vossa Alteza dirija palavras de cortesia a Laertes, antes de iniciardes a partida.

HAMLET — É razoável o que aconselha. (Sai o nobre)

HORÁCIO — Ides perder essa partida, príncipe.

HAMLET — Não creio; desde que ele foi para a França, não deixei de praticar a esgrima; vou ganhar dentro da margem que me concede. Mas não fazes ideia de como sinto apertar-se-me o coração. Não importa...

HORÁCIO — Se assim é, príncipe...

HAMLET — Tolice... Um pressentimento apenas, mas que bastaria para preocupar uma mulher.

HORÁCIO — Se vosso espírito revela qualquer repugnância, convém obedecer-lhe, irei ao encontro deles, para dizer-lhes que vos achais indisposto.

HAMLET — De forma alguma; desafio os presságios. Há uma especial Providência na queda de um pardal. Se tem de ser já, não será depois; se não for depois, é que vai ser agora; se não for agora, é que poderá ser mais tarde. O principal é estarmos preparados, uma vez que ninguém sabe o que deixa, que importa que seja logo? que seja! (Entram o Rei, a Rainha, Laertes, nobres, Osrico, e ajudantes, com floretes, etc).

O REI — Recebe, Hamlet, a mão que te apresento. (O Rei coloca a mão de Laertes sobre a de Hamlet)

HAMLET — Perdoai, senhor; causei-vos grande ofensa. Sabem-no os circunstantes, e decerto já ouvistes comentar, que estou sofrendo de atroz melancolia. Tudo o que fiz, que a vossa natureza porventura ofendesse, e a honra e o caráter, proclamo-o: foi loucura. Foi Hamlet que a Laertes magoou? Jamais. Se Hamlet de si mesmo se abstrai e, sem ser ele, causa a Laertes uma ofensa, Hamlet não foi o causador, pode afirmá-lo. Quem foi, então? Sua loucura. Logo, Hamlet está do lado do ofendido; seu maior inimigo é a própria doença. Deixai, senhor, que, em face dos presentes, o franco renegar de maus intentos me absolva ante vossa alma generosa. É como se uma flecha eu disparasse por sobre a casa e o irmão, sem ver, ferisse.

LAERTES — Declaro satisfeito a natureza que razões encontrava de à vingança concitar-me. No campo estrito da honra, contudo, impugnarei qualquer proposta de reconciliação, até que mestres idosos, de lealdade comprovada, firmados na experiência, me declarem limpo o meu nome. Antes, porém, que chegue essa hora, aceitarei vossa amizade, qual é, sem a magoar.

HAMLET — Isso me alegra. Encetarei lealmente esta compita fraternal. Os floretes!

LAERTES — Vamos; quero um, também.

HAMLET — Vou servir de fundo para vosso brilho, Laertes. Minha inépcia fará luzir vossa arte, como a noite a uma estrela fulgente.

LAERTES — Estais zombando. HAMLET — Por estas mãos o juro.

O REI — Jovem Osrico, entrega-lhes as armas. Conheces, primo Hamlet, as condições?

HAMLET — Conheço-as. Vossa Graça dá vantagens para o mais fraco.

O REI — Não receio nada; já os vi lutar; mais se ele fez progressos, que seja para nós a diferença.

LAERTES — Este é muito pesado; mostrai-me outro.

HAMLET — Este é bom; todos são de igual tamanho?

OSRICO — Todos, meu bom senhor. (Colocam-se)

O REI — Ponde as jarras de vinho sobre a mesa. Se Hamlet da primeira ou da segunda vez o tocar, ou se aparaar o golpe na terceira investida, que abram fogo todas as baterias, O rei bebe à saúde de Hamlet, pondo dentro de sua taça uma pérola mais rica do que as que em seus diademas ostentaram os quatro últimos reis da Dinamarca. Tragam taças. Transmitam os tímbrals a notícia às trombetas, estas logo aos canhoneiros fora o sinal levem, os canhões para o céu, o céu à terra: à saúde de Hamlet que o rei bebe! Vamos logo! Evós, juízes, olho atento!

HAMLET — Vamos.

LAERTES — Em guarda, príncipe. HAMLET — Uma.

LAERTES — Não.

HAMLET — O juiz que o decida. OSRICO — Tocado, não há dúvida. LAERTES — De novo.

O REI — Descansem; tragam vinho. Hamlet, a pérola é em teu louvor. Saúde! Deem-lhe a taça. (Soam trombetas; disparos de canhões no fundo)

HAMLET — Depois; primeiro novo assalto. Vamos. (Lutam) Novamente tocado; que dizeis?

LAERTES — Fui tocado, confesso-o.

O REI — Nosso filho vai ganhar.

A RAINHA — Está suando e perde o fôlego. Toma o meu lenço, Hamlet; limpa a fronte. A rainha ora bebe ao teu bom êxito.

HAMLET — Nobre senhora!

O REI — Não, não bebas, Gertrudes.

A RAINHA — Consenti, caro esposo; é meu desejo.

O REI (à parte) — A taça envenenada; é muito tarde.

HAMLET — Não quero ainda, senhora; mais um pouco.

A RAINHA — Vem até aqui, para enxugar-te o rosto.

LAERTES — Pretendo desta vez, senhor, tocá-lo.

O REI — Não creio.

LAERTES (à parte) — Contudo, é quase contra minha própria consciência.

HAMLET — Vinde, Laertes, para o terceiro assalto. Estais brincando. Peço-vos que empregueis toda a perícia. Temo que me trateis como a uma criança.

LAERTES — É assim? Pois bem. (Lutam) OSRICO — De parte a parte, nada.

LAERTES — Tomai cuidado agora. (Laertes fere a Hamlet; depois, no afogo da luta, trocam as armas e Hamlet fere a Laertes)

O REI — Separem-nos! Excedem-se!

HAMLET — Não! Não! Em guarda! (A Rainha cai)

OSRICO — Oh! A rainha! Vede-a!

HORÁCIO — Ambos se acham feridos. Como estais, príncipe?

OSRICO — Como estais vós, Laertes? LAERTES — Como um galo silvestre, Osrico, preso no seu laço; fui vítima de minha felonía.

HAMLET — Que é que houve com a rainha?

O REI — Desmaiou por ter visto sangue em ambos.

A RAINHA — Não é isso... a bebida... Oh! caro Hamlet! A bebida... a bebida... envenenada... (Morre)

HAMLET — Oh! Vilania! Fechem bem as portas! Traição! Ah! Procuremos os culpados! (Laertes cai)

LAERTES — Aqui, Hamlet, aqui! Estás perdido; nada no mundo existe que te salve; não tens nem meia hora mais de vida. O instrumento fatal se acha em tuas mãos, sem guarda e envenenado. Minha astúcia se virou contra mim. Jazo por terra para sempre. Tua mãe..., envenenada. Não posso mais... O rei... É ele o culpado.

HAMLET — A ponta envenenada? Então, veneno, prossegue em teu trabalho. (Fere o Rei)

TODOS — Traição! Traição!

O REI — Amigos, defendei-me! Estou apenas ferido.

HAMLET — Incestuoso assassino, Dinamarquês maldito, bebe, bebe tua parte, também. Contém tua pérola? Vai, vai com minha mãe. (O Rei morre)

LAERTES — É justo! É justo! O veneno, ele mesmo o preparara. Perdoemo-nos, agora, nobre Hamlet. Que minha morte e a de meu pai não caiam sobre ti, nem a tua sobre mim. (Morre)

HAMLET — O céu te absolva; sigo-te. Estou morto, Horácio. Infeliz mãe, adeus, adeus. Vós que empalideceis a esta catástrofe, que não passais de mudos assistentes desta cena... Se o tempo me sobrasse — que a Morte, o beaguim que não conhece contemplações, é sempre rigorosa — Se pudesse contar-vos! Que importa! Horácio, eu morro, mas tu vives; perante os descontentes, justifica-me e à minha causa.

HORÁCIO — Não; não penseis nisso; sou mais romano antigo do que mesmo dinamarquês. Na taça ainda há veneno.

HAMLET — Como o homem que és, entrega-me essa taça. Entrega-me, por Deus! Larga-a! Desejo-a! Ó Deus! Que nome eu deixo, Horácio caso continuem confusas essas coisas. Se algum dia em teu peito me abrigaste, priva-te por um tempo da ventura e respira cansado mais um pouco neste mundo tão duro, para a todos contares minha história. (Marcha ao longe; tiros de canhão por trás da cena) Que barulho marcial se está ouvindo?

OSRICO — É o jovem Fortimbrás que da Polônia retorna vitorioso e os emissários da Inglaterra saúda desse modo.

HAMLET — Morro, Horácio; o veneno me domina já quase todo o espírito; não posso viver para saber o que nos chega da Inglaterra. Contudo, profetizo que há de ser escolhido Fortimbras. Meu voto moribundo é também dele. Dize-lhe isso e lhe conta mais ou menos quanto ora aconteceu... O resto é silêncio. (Morre)

HORÁCIO — Um nobre coração que assim se parte. Boa noite, meu bom príncipe. Que os anjos com seu canto ao repouso te acompanhem. E esse tambor agora? (Entram Fortimbrás, o embaixador da Inglaterra e outros)

FORTIMBRÁS — Onde é esta cena?

HORÁCIO — Que espécie procurais? Se de infortúnio, ou de assombro, parai com vossas buscas.

FORTIMBRÁS — Destroço é o que se vê. Ó feroz Morte! Que festim se processa em tua cela, para que de um só golpe tantos príncipes banhes em sangue?

PRIMEIRO EMBAIXADOR — A vista é pavorosa. Chegamos atrasados; surdos se acham os ouvidos que audiência deveriam conceder-nos, a fim de lhes contarmos da execução de seu mandado: mortos se encontram Rosencrantz e Guildenstern. Quem há de agradecer-nos?

HORÁCIO — Não o rei, certamente, ainda que vida lhe sobrasse para isso, pois não dera ordem no que respeita à morte de ambos. Mas, uma vez chegados a esta cena sangrenta, um da Inglaterra, outro da guerra da Polônia, ordenai que os corpos sejam expostos num tablado bem à vista, que eu contarei ao mundo, que ainda o ignora, como tudo se deu. Ouvireis todos falar de atos carnisais, de incestos, sangue, julgamentos casuais, mortes fortuitas, de crimes por acaso ou pela astúcia, e de planos gorados, que caíram sobre os próprios autores. Com verdade, tudo isso contarei.

FORTIMBRÁS — Que seja logo. Convoquemos os nobres ao conselho Enquanto a mim, com dor abraço a sorte: tenho sobre este reino alguns direitos, que o interesse me faz ora lembrados.

HORÁCIO — Tenho algo que dizer também sobre isso, em nome de uma boca cujo voto muitos há de arrastar. Ponhamos pressa na execução de tudo, enquanto inquietos os espíritos se acham, para novas desgraças evitar, oriundas de erros ou de tramas conscientes.

FORTIMBRÁS — Que quatro capitães a Hamlet levem como a um soldado e o ponham sobre o leito. Se o trono ele alcançasse, tudo o indica, seria um grande rei. Que à sua passagem música militar e salvas bélicas falem alto por ele. Removi logo os corpos; esta vista é própria só dos campos de batalha; neste lugar, porém, é em tudo falha. Uma salva geral! (Marcha fúnebre. Saem carregando os corpos, depois do que se ouve uma salva de artilharia).

FIM

**ANEXO 4 – ANTÔNIO E CLEÓPATRA**

William Shakespeare

Edição Ridendo Castigat Mores - Fonte Digital

## ÍNDICE

## ATO I

Cena I — 9

Cena II — 13

Cena III — 25

Cena IV — 32

Cena V — 36

## ATO II

Cena I — 41

Cena II — 44

Cena III — 58

Cena IV — 61

Cena V — 63

Cena VI — 71

Cena VII — 80

## ATO III

Cena I — 89

Cena II — 92

Cena III — 97

Cena IV — 101

Cena V — 103

Cena VI — 105

Cena VII — 111

Cena VIII — 117

Cena IX — 121

Cena X — 126

Cena XI — 129

## ATO IV

Cena I — 141

Cena II — 143

Cena III — 146

Cena IV — 149

Cena V — 152

Cena VI — 154

Cena VII — 157

Cena VIII — 159

Cena IX — 161

Cena X — 164

Cena XI — 168

Cena XII — 169

Cena XIII — 178

## ATO V

Cena I — 183

Cena II — 187

**PERSONAGENS DRAMÁTICAS**

MARCO ANTÔNIO, triúnviro,  
OTÁVIO CÉSAR, triúnviro,  
M. EMÍLIO LÉPIDO, triúnviro,  
SEXTO POMPEU,  
DOMÍCIO ENOBARBO, amigo de Antônio,  
VENTÍDIO, amigo de Antônio,  
EROS, amigo de Antônio,  
ESCARO, amigo de Antônio,  
DERCETAS, amigo de Antônio,  
DEMÉTRIO, amigo de Antônio,  
FILO, amigo de Antônio,  
MECENAS, amigo de César,  
AGRIPA, amigo de César,  
DOLABELA, amigo de César,  
PROCULEIO, amigo de César,  
TIREU, amigo de César,  
GALO, amigo de César,  
MENAS, amigo de Pompeu,  
MENÉCRATES, amigo de Pompeu,  
VARRIO, amigo de Pompeu,  
TAURO, tenente-general de César,  
CANÍDIO, tenente-general de Antônio,  
SÍLIO, oficial sob as ordens de Ventídio,  
EUFRÔNIO, embaixador de Antônio para César,  
ALEXAS, servidor de Cleópatra,  
MARDIAN, servidor de Cleópatra,  
SELEUCO, servidor de Cleópatra,  
DIOMEDES, servidor de Cleópatra, um adivinho,  
Um bobo,  
CLEÓPATRA, rainha do Egito,  
OTÁVIA, irmã de César e esposa de Antônio,  
CHARMIAN, criada de Cleópatra,  
IRAS, criada de Cleópatra,  
Oficiais, soldados, mensageiros e gente de serviço



ATO I  
Cena I

*Alexandria. Um quarto no palácio de Cleópatra.  
Entram Demétrio e Filo.*

FILO — Não! Passa da medida essa loucura do nosso general. Aqueles olhos ativos que brilhavam como Marte com seu arnês chapeado, dominando multidões de soldados em revista, ora se abaixam, ora se desviam do ofício e devoção que lhes são próprios, para uma frente escura. Aquele grande coração, que na grita das batalhas monumentais fazia que saltassem, partidas, as fivelas da couraça, agora renegou o autodomínio, para tornar-se a ventarola e o fole que acalmar tenta o ardor de uma cigana. Vede onde eles vêm vindo! (*Entram Antônio e Cleópatra, com os respectivos séquitos; eunucos a abanam.*) Tomai nota, e observareis como um dos três pilares do mundo no palhaço de uma simples rameira se mudou. Examinai-os!

CLEÓPATRA — Se é amor, realmente, revelai-me quanto.

ANTÔNIO — Pobre é o amor que pode ser contado.

CLEÓPATRA — Vou pôr um marco, para o ponto extremo do amor assinalar.

ANTÔNIO — Fora preciso descobrir novos céus, uma outra terra.

(*Entra um ajudante.*)

AJUDANTE — Novas de Roma, meu bondoso chefe.

ANTÔNIO — Que estais! Vamos lá: resume a história.

CLEÓPATRA — Não, Antônio! Ouvi tudo. Talvez Fúlvia se encontre estomagada, ou talvez ainda o César quase imberbe vos haja ordens mandado peremptórias: “Faze isto e aquilo; toma aquele reino, liberta este outro! Cumpre as minhas ordens, se não quiseres receber castigo.”

ANTÔNIO — Como, querida?

CLEÓPATRA — Talvez? Não; é certo: não podereis ficar aqui mais tempo; César já vos enviou a demissão. Por isso, Antônio, ouvi: onde é que se acha a expressa ordem de Fúlvia... isto é, de César... de ambos? — Fazei entrar os mensageiros. — Tão certo como eu ser do Egito a rainha, Antônio, tu coraste. Esse teu sangue é a

maior homenagem feita a César, se não for o tributo da vergonha que tuas faces pagam, quando a língua estrídula de Fúlvia te repreende. Olá! Os mensageiros!

ANTÔNIO — Que se afunde Roma no Tibre e de seus gonzos salte a gigantesca abóbada do império. Meu espaço é este aqui. Todos os remos são argila, mais nada; nossa terra cenagosa alimenta homens e brutos, indiferentemente. Com nobreza viver é proceder desta maneira, (*Abraça-a.*) quando se encontra um par tão ajustado, como se dá conosco. Desafio todo o mundo, sob pena de castigo, para vir convencer-se de que somos sem confronto possível.

CLEÓPATRA — Admirável falsidade! Por que se casou com Fúlvia, se não lhe tinha amor? Quero a aparência manter da tola que não sou realmente; continuará Antônio sendo o mesmo.

ANTÔNIO — Mas amimado agora por Cleópatra. Mas, pelo amor do Amor e de seus brandos momentos, não gastemos nosso tempo com debates fastientos. Nossas vidas não contêm um minuto, um só, que deva passar sem nos deixar qualquer ventura. Qual é o divertimento desta noite?

CLEÓPATRA — Ouvi os embaixadores.

ANTÔNIO — Que rainha implicante, em que tudo assenta bem: repreender, rir, chorar, e em que se esforçam as paixões porque em ti se tornem belas e admiradas. Nenhum correio, salvo se vier de tua parte. Os dois, sozinhos, percorreremos hoje à

noite as ruas, para observarmos como vive o povo. Vamos, minha rainha, que isso mesmo queríeis ontem. Não; ficai calada.

(*Saem Antônio e Cleópatra com seus séquitos.*)

DEMÉTRIO — Como! Tão pouco caso faz Antônio de César a esse ponto!

FILO — Algumas vezes, senhor, isso se dá, quando ele deixa de ser Antônio e se desfaz um pouco daquela dignidade que devia sempre estar com Antônio.

DEMÉTRIO — Fico triste por ver que ele confirma os maldizentes da rua que sobre ele em Roma falam. Mas esperemos que amanhã revele mais digna compostura. Bom repouso.

(*Saem*)

## Cena II

*O mesmo. Outro quarto. Entram Charmian, Iras, Alexas e um adivinho.*

CHARMIAN — Senhor Alexas, suave Alexas, extraordinário Alexas, onde está o adivinho que tanto elogiastes à rainha? Oh! Quero que ele me mostre o marido que, como dizeis, terá de pôr grinaldas nos cornos.

ALEXAS — Adivinho! ADIVINHO — Que desejais!

CHARMIAN — É este o homem? Sois vós, senhor, que conheceis as coisas?

ADIVINHO — No grande livro da natura, alguma coisa consigo ler.

ALEXAS — Mostrai-lhe a mão. (*Entra Enobarbo.*)

ENOBARBO — Aprestai o banquete, sem demora, com vinho em profusão, para à saúde de Cleópatra beberem.

CHARMIAN — Meu bom senhor, dai-me uma boa sorte.

ADIVINHO — Não dou sorte; apenas a revelo.

CHARMIAN — Então, por obséquio, revelai a minha.

ADIVINHO — Ainda ficareis mais clara do que sois.

CHARMIAN — Ele se refere à carne.

IRAS — Não; é que vos pintareis, quando ficardes velha.

CHARMIAN — Que as rugas não o permitam! ALEXAS — Não perturbeis sua presciência; prestai atenção.

CHARMIAN — Silêncio!

ADIVINHO — Amareis mais do que sereis amada.

CHARMIAN — Prefiro aquecer o fígado com bebida.

ALEXAS — Não; ouçamo-lo.

CHARMIAN — Muito bem; agora qualquer sorte fora do comum. Fazei-me casar-se com três reis, numa única manhã, e enviuar deles todos; fazei que eu tenha um filho aos cinquenta, a quem prestará homenagem Herodes da Judéia; revelai que vou casar-me com Otávio César, e equiparai-me, assim, à minha senhora.

ADIVINHO — Sobrevivereis à senhora a que servis.

CHARMIAN — Oh! excelente! Gosto mais de vida longa do que de figos.

ADIVINHO — Já vistes e provastes melhor sorte do que a que vos espera.

CHARMIAN — Então, é que meus filhos ficarão sem nome. Mas, por obséquio: ao todo, quantos meninos e quantas meninas irei ter?

ADIVINHO — Um milhão, se cada um de vossos desejos tivesse ventre e pudesse ser fecundado.

CHARMIAN — Vai saindo, tolo! Mas enfim, por seres bruxo, te perdoo.

ALEXAS — Pensáveis que vossos anelos só eram conhecidos da roupa da cama?

CHARMIAN — Vamos! vamos! Contai agora a sorte de Iras.

ALEXAS — Nós todos queremos saber a nossa sorte.

ENOBARBO — A minha sorte, como a da maior parte da dos presentes, hoje à noite consistirá... em ir bêbedo para a cama.

IRAS — Quando mais não seja, haveis de descobrir castidade na palma desta mão.

CHARMIAN — Parece o Nilo, que, quando transborda, pressagia fome.

IRAS — Vai saindo, estouvada! Não entendes de vaticínios.

CHARMIAN — Ora essa! Se uma palma untuosa não for indício de fecundidade, não poderei coçar as orelhas. Por favor, predizei-lhe apenas uma morte vulgar.

ADIVINHO — Vossa sorte é igual à dela.

IRAS — Como assim? Como assim? Descei a particularidades.

ADIVINHO — Já disse o que tinha a dizer.

IRAS — Então não tenho nem uma polegada de sorte mais do que ela?

CHARMIAN — Bem; mas dando-se o caso de terdes mesmo uma só polegada de sorte mais do que eu, onde a iríeis procurar?

IRAS — Não haveria de ser no nariz do meu marido.

CHARMIAN — Possa o céu endireitar nossos pensamentos piores. Agora Alexas! A sorte dele! A sorte dele! Ó suave, Ísis só te peço que o façais casar com uma mulher que não ande. E que ela venha a morrer, para dar lugar a outra pior, seguindo-se sempre à pior outra pior ainda, até que a pior de todas o acompanhe, rindo, à sepultura, cinquenta vezes corno manso! Exalça-me esse voto, bondosa Ísis, ainda que me venhas a negar matéria de mais peso. Imploro-te, bondosa Ísis.

IRAS — Amém. Querida deusa, atende às orações do povo, porque assim como aperta o coração ver mal casado um belo rapaz, mata de tristeza ver um rústico sem cornos. Por isso, bondosa Ísis, sem ofender o decoro, dai-lhe a sorte que ele merece.

CHARMIAN — Amém.

ALEXAS — Ora vede! Se dependesse delas fazer-me cabrão, tornar-se-iam prostitutas, só para que isso acontecesse.

ENOBARBO — Cuidado! Eis aí Antônio. CHARMIAN — Não; é Cleópatra. (*Entra Cleópatra*)

CLEÓPATRA — Não vistes, meu senhor? ENOBARBO — Não o vi, senhora.

CLEÓPATRA — Aqui não se encontrava? CHARMIAN — Não, senhora.

CLEÓPATRA — Estava bem-disposto; mas, de súbito, uma ideia romana o deixou triste. Enobarbo!

ENOBARBO — Senhora?

CLEÓPATRA — Sai em busca dele e o traze até aqui. Onde está Alexas?

ALEXAS — Aqui, às vossas ordens. Eis meu amo. (*Entra Antônio, com mensageiros e criados.*)

CLEÓPATRA — Não desejamos vê-lo. Vem conosco. (*Saem Cleópatra, Enobarbo, Alexas, Iras, Charmian, o adivinho e criados.*)

MENSAGEIRO — Fúlvia, tua mulher, foi quem primeiro se pôs em campo.

ANTÔNIO — Contra o mano Lúcio?

MENSAGEIRO — Sim. Essa guerra, porém, terminou logo; a condição do tempo os fez amigos, a juntar-se levando-os contra César que, vitorioso no primeiro embate, da Itália os expulsou.

ANTÔNIO — Bem; que há de pior?

MENSAGEIRO — As más notícias infectadas deixam quem tiver de contá-las.

ANTÔNIO — Só no caso de interessarem um covarde ou um tolo. Vamos, falai; o passado não tem força nenhuma sobre mim. É o que te digo. Quem me conta a verdade, embora a morte se ache no que disser, por mim é ouvido como se me adulasse.

MENSAGEIRO — Então, Labieno — eis a notícia amarga — desde o Eufrates com suas forças partas tomou a Ásia; seu estandarte vencedor levado foi da Síria até à Lídia e à Iônia, enquanto...

ANTÔNIO — Antônio, ias dizer... MENSAGEIRO — Oh! meu senhor!

ANTÔNIO — Sê franco em teu falar; não atenues a linguagem do povo; chama Cleópatra como em Roma lhe chamam; fala dela no fraseado de Fúlvia e censurando-me todas as faltas com o atrevimento só próprio da verdade e da

malícia. Oh! é certo: de nós brotam cizânias quando repousam nossos ventos céleres. Enumerar nossos defeitos vale tanto quanto mondá-los. Por enquanto, deixa-me só.

MENSAGEIRO — Às vossas gratas ordens. (*Sai.*)

ANTÔNIO — Onde está o mensageiro de Sicíone?

PRIMEIRO CRIADO — Há alguém aí que viesse de Sicíone?

SEGUNDO CRIADO — Aguarda vossas ordens.

ANTÔNIO — Então, que entre. Preciso arrebentar os fortes elos do Egito; do contrário, viro tonto. (*Entra outro mensageiro.*) Quem sois?

SEGUNDO MENSAGEIRO — Fúlvia, tua esposa, já não vive.

ANTÔNIO — Morreu? Onde?

SEGUNDO MENSAGEIRO — Em Sicíone. O

decurso da doença e tudo o mais de relevância, que te importa saber, aqui se encontra. (*Entrega-lhe uma carta.*)

ANTÔNIO — Podes sair. (*Sai o segundo mensageiro.*) Partiu um grande espírito! E assim o desejei! O que o desprezo muitas vezes atira para longe, *r e a v e r* desejaríamos. O *g o z o* presente, declinando no seu curso, vem a tornar-se o oposto de si mesmo. Boa tornou-se por já ter morrido; a mão que a repeliu desejaria atraí-la de novo. É necessário que eu largue esta rainha feiticeira. Dez mil calamidades, mais que todos os males que eu conheço, está chocando minha grande nação. Olá, Enobarbo!

(*Volta Enobarbo.*)

ENOBARBO — Que desejais, senhor?

ANTÔNIO — Sair daqui o mais depressa possível.

ENOBARBO — Se isso acontecer, mataremos as nossas mulheres. Dá pena eliminá-las por um motivo tão pequeno, muito embora com relação a uma grande causa elas todas devam ser tidas na conta de coisa nenhuma. Aos primeiros ruídos da partida Cleópatra morrerá instantaneamente; já a vi morrer vinte vezes por motivos muito mais insignificantes. Estou convencido de que na morte há qualquer substância que exerce influência amorosa sobre ela, tal é a frequência com que ela tem morrido.

ANTÔNIO — Sua astúcia escapa à compreensão humana.

ENOBARBO — Ah, senhor! Não! Suas paixões são feitas exclusivamente do mais puro amor; não podemos dar o nome de suspiros e de lágrimas aos furacões que lhe saem do peito e às catadupas que lhe brotam dos olhos: são vendavais e tempestades mais terríveis do que os que o calendário anuncia. Não, não pode ser astúcia de sua parte, pois se assim fosse, ela seria capaz de produzir chuva tanto como Jove.

ANTÔNIO — Quem me dera que nunca a tivesse visto!

ENOBARBO — Oh, senhor! Teríeis deixado de ver uma obra-prima maravilhosa, ficando vossa viagem desacreditada por esse fato.

ANTÔNIO — Fúlvia morreu. ENOBARBO — Senhor!

ANTÔNIO — Fúlvia morreu. ENOBARBO — Fúlvia!

ANTÔNIO — Morta!

ENOBARBO — Neste caso, senhor, aprestai às divindades um sacrifício gratulatório. Quando aos deuses apraz tirar a mulher a algum marido, este descobre neles o alfaiate da terra, consolando-se com a ideia de que, quando as roupas velhas se tornam imprestáveis, não faltam membros para fazer outras mais novas. Se em todo o mundo não houvesse outra mulher além de Fúlvia, então, sim; teríeis, realmente, recebido um corte, o que seria de lamentar. Essa mágoa é coroada pelo consolo de que a vossa velha camisola de mulher dará nascimento a uma saia nova. Em verdade, as lágrimas que se contêm numa cebola, dariam para lavar essa tristeza.

ANTÔNIO — Os negócios de Estado que por ela eram sempre tratados, não permitem agora minha ausência.

ENOBARBO — E os negócios de que tratais aqui, só se conservam de pé por vossa causa, principalmente o de Cleópatra, que depende só e só de vossa permanência.

ANTÔNIO — Basta de brincadeiras. Comunica aos nossos oficiais o que intentamos. Vou me abrir com a rainha sobre as causas desta nossa partida, o assentimento dela esperando obter. Não só a morte de Fúlvio com sinais mais insistentes nos concita a isso mesmo: muitas cartas de Roma, de igual modo, de pessoas dedicadas reclamam nossa volta. Sexto Pompeu lançou um repto a César; todo o império do mar a ele obedece. Nosso povo inconstante — cujo afeto nunca ao homem de mérito se liga, senão depois que o mérito está morto — já começou a ver Pompeu, o grande, com suas dignidades, em seu filho que alto já se acha por estado e nome, mas mais ainda pelo gênio e sangue como o maior guerreiro se apresenta. Se a crescer continuar, os próprios flancos do mundo põem em risco. Muita coisa se acha incubada que, tal como os fios da crina do cavalo fabuloso, tem vida apenas, mas carece ainda do veneno da serpe. Nosso alvitre — diz a todos que estão sob as nossas ordens — ordena que partamos sem demora.

ENOBARBO — Assim farei. (*Saem.*)

### Cena III

*O mesmo. Outro quarto. Entram Cleópatra, Charmian, Iras e Alexas.*

CLEÓPATRA — Onde está ele? CHARMIAN — Não o vejo há tempo.

CLEÓPATRA — Vede onde está, que faz, quem o acompanha. Não vos mandei. Se virdes que está triste, dissei que estou dançando; se contente, que me vi atacada de mal súbito. Ide logo e voltaí.

(*Sai Alexas.*)

CHARMIAN — Senhora, creio que, se lhe dedicam amor sincero, em prática não pondeis o que fora preciso para o mesmo alcançar dele.

CLEÓPATRA — Como fora preciso que fizesse?

CHARMIAN — Em tudo concordar com ele, nunca o contrariar.

CLEÓPATRA — Qual tola tu me ensinas o modo de perdê-lo.

CHARMIAN — Sede cauta; não o tenteis. Por vezes, muito cedo votamos ódio ao que nos causa medo. Mas aí vem Antônio.

(*Entra Antônio.*)

CLEÓPATRA — Aborrecida me encontro e doente.

ANTÔNIO — Muito me entristece ter de comunicar-vos meu intento...

CLEÓPATRA — Ajuda-me a sair, querida Charmian; sinto que vou cair. Isto não pode continuar assim por muito tempo. A natureza não resiste a tanto.

ANTÔNIO — Agora, minha cara soberana...

CLEÓPATRA — Por obséquio, afastai-vos mais um pouco.

ANTÔNIO — Que aconteceu?

CLEÓPATRA — De vosso olhar deduzo que chegaram notícias lisonjeiras. Que diz vossa mulher? Podeis ir logo. Quem me dera que ela nunca vos tivesse deixado vir; e, sobretudo, nunca possa dizer que eu sou quem vos retenho. Em vós não mando; sois somente dela.

ANTÔNIO — Os deuses sabem muito bem...

CLEÓPATRA — Oh! nunca se viu uma rainha assim traída. Mas desde o início vi brotar a insídia.

ANTÔNIO — Cleópatra...

CLEÓPATRA — Como posso dar-vos crédito sobre me pertencerdes de verdade, embora vossas juras abalasses o alto trono de Jove, se perjuro com relação a Fúlvio

vos mostrastes? Loucura rematada, ver-se presa nas malhas dessas juras só de boca, que se quebram por si, quando enunciadas!

ANTÔNIO — Rainha mui querida...

CLEÓPATRA — Nada, nada de apresentar desculpas para a viagem. Dizei adeus e parti logo. Quando para ficar pedíeis, era tempo somente de palavras; em partida não se falava; a eternidade tínhamos nos olhos e nos lábios; grã ventura das sobranceiras sempre nos pendia. Não havia parcela em nós, por ínfima que fosse, que do céu não derivasse. E tudo ainda está no mesmo ponto, salvo se tu, o herói de mais destaque no mundo todo, te mudaste agora no maior mentiroso.

ANTÔNIO — Então, senhora?

CLEÓPATRA — Quisera ter as tuas polegadas; verias que há um coração no Egito.

ANTÔNIO — Escutai-me, rainha. A mais premente necessidade exige meus serviços noutra lugar, mas fica aqui convosco todo meu coração. Rebrilha ao longe nossa Itália com os gládios de seus filhos; junto ao porto de Roma já se encontra Sexto Pompeu. As forças balançadas de dois núcleos nativos alimentam dissensão cautelosa. Quem odiado era até há pouco, forte se tornando, passou a ser amado pelo povo. O proscrito Pompeu, rico das honras paternas, na afeição sabe insinuar-se dos que no estado atual não prosperaram, cujo número é enorme. Pela inércia tornada doente, a paz procura alívio em qualquer variação desesperada. O motivo pessoal que me preocupa, mas que perante vós me justifica, é o da morte de Fúlvia.

CLEÓPATRA — Embora a idade não me preservasse, de todo, da loucura, pelo menos credulidade não me deu de criança. Fúlvia pode morrer?

ANTÔNIO — Morreu, rainha. Lê isto, e no teu ócio soberano fica sabendo quanta barafunda pôde ela suscitar. Por fim, inteira-te de como ela morreu e onde foi isso.

CLEÓPATRA — Oh mui fingido amor! Onde se encontram os vasos sacrossantos que devias encher com tuas lágrimas doloridas? Agora vejo, vejo pela morte de Fúlvia como vai ser recebida a notícia da minha.

ANTÔNIO — Parai logo com essas objeções e preparai-vos para ficar sabendo meu intento, que ficará de pé ou vem abaixo, conforme resolverdes. Pelo fogo que anima o lodo do sagrado Nilo, parto daqui soldado teu ou servo; guerra farei, ou paz, como quiseres.

CLEÓPATRA — Charmian, desata-me este laço; vamos! Não; deixa. Sinto-me depressa doente e boa a um tempo. É assim o amor de Antônio.

ANTÔNIO — Por obséquio, rainha incomparável, acreditai no amor que ele vos vota, pois resiste a uma prova muito honrosa.

CLEÓPATRA — É o que Fúlvia me ensina. Por obséquio, ide chorá-la a um canto. Dirigi-me, depois, as despedidas, declarando que ao Egito essas lágrimas pertencem. Vamos; representai mais uma cena de excelente dissimulo, fazendo-a passar por mostras da mais alta fama.

ANTÔNIO — Com isso me esquentais o sangue. Chega.

CLEÓPATRA — Podeis fazer melhor; mas isso basta.

ANTÔNIO — Por minha espada...

CLEÓPATRA — E pelo meu escudo... Melhorou, mas ainda falta muito.

Charmian, vê como assentam bem nesse Hércules romano os surtos de uma grande cólera.

ANTÔNIO — Senhora, vou deixar-vos.

CLEÓPATRA — Delicado senhor, uma palavra. É necessário que aqui nos separemos... Não; não é isso. Senhor, já nos amamos... Não; não é isso. Tudo isso vós sabeis, e alguma coisa foi por minha vontade. Oh! que memória! É um verdadeiro Antônio! Esqueci tudo.

ANTÔNIO — Se o capricho não fosse vosso súdito, diria que sois ele em carne e osso.

CLEÓPATRA — Trabalho cansativo é trazer sempre junto do coração um tal capricho, como Cleópatra faz. Mas desculpai-me, senhor, porque me causa a morte tudo que em

mim vai bem, mas não vos causa agrado. A honra vos chama; assim, continuai mudo para minha tolice irremediável. E que todos os deuses vos escoltem. Que a láurea da vitória carregada seja por vosso gládio e que o brando êxito de flores atapete vossa estrada.

ANTÔNIO — Partamos logo. Nossa despedida desta maneira foge e permanece: aqui permanecendo, vais comigo; eu, fugindo de ti, fico contigo. Em caminho!

(*Saem.*)

#### Cena IV

*Roma. Um quarto em casa de César. Entram Otávio César, Lépido e criados.*

CÉSAR — Lépido, podeis ver e, doravante, sabendo ficareis que não é vício próprio de César odiar o nosso grande competidor. De Alexandria são estas as notícias: ele pesca, bebe e consome as lâmpadas da noite em contínuas orgias; não se mostra mais viril do que Cleópatra, nem esta — viúva de Ptolomeu — efeminada também é mais do que é ele. Raramente dá audiência ou condescende em recordar-se de que ainda tem colegas. Nele vedes um indivíduo que os defeitos todos dos homens compendia.

LÉPIDO — A convencer-me não chego de que possa haver defeitos bastantes para obnubilar-lhe os traços nativos de bondade. Nele as faltas são como as manchas que no céu se veem, no contraste das trevas mais terríveis, que ele mudar não pode, sendo força seguir-lhes o pendor.

CÉSAR — Sois indulgente por demais.

Admitamos que não haja grande mal em no

tálamo deitar-se de Ptolomeu, em dar um reino em troco de uma pilhéria, em se sentar ao lado de um escravo e beber com ele à roda, cambaleiar pelas ruas a desoras e trocar socos com qualquer labrego que fede a suor... Dizei-me que isso lhe orna — conquanto deva ser muito estranhável a natureza que não sai manchada de semelhantes atos. — Mas é certo que não se justifica dos defeitos, porque sobre nós pesa todo o fardo de sua leviandade. Se o ócio ele enche com a volúpia, terá de justar contas com a saciedade e a consumpção dos ossos. Mas malgastar o tempo que o desperta dos prazeres com toques de rebate, e que tão alto como a nós. Lhe fala do dever a cumprir, é revelar-se merecedor de justa reprimenda, como criança de saber maduro que por fugaz prazer empenha todas as lições do passado e se rebela contra a própria razão.

(*Entra um mensageiro.*) LÉPIDO — Mais novidades.

MENSAGEIRO — Executadas foram tuas ordens, ó muito nobre César. De hora em hora novas receberás do que se passa lá por longe. Pompeu domina os mares, parecendo que é amado por aqueles que só temiam César. Para os portos os descontentes correm, comentando todos que ele sofreu grande injustiça.

CÉSAR — Fácil me fora tal coisa ter previsto. Ensina-nos a história desde o início do tempo que quem é, só e querido até chegar a ser, e que a pessoa que se acha no declínio e que não fora prezada enquanto digna era de sê-lo, grata se torna por estar ausente. Essa turba sem nome se assemelha aos sargaços que boiam na corrente, sem direção nenhuma, servos sempre da variável maré e que com o próprio movimento se esfazem.

MENSAGEIRO — César, trago-te a nova de que Menas e Menécates, corsos de alto valor, o mar obrigam a obedecer-lhes, que com muitas quilhas eles lavram, abrindo fundos sulcos. Ferros assaltos dão por toda a Itália; os moradores da orla ficam pálidos só de pensar em tal; a mocidade valorosa se insurge. Nenhum barco pode sair do porto; sendo visto, tomado é incontinenti, pois só o nome de Pompeu pode mais do que sua própria campanha organizada.

CÉSAR — Antônio, deixa teus banquetes lascivos! Quando, há tempo, foste expulso de Módena por teres morto Hirto e Pansa, cônsules, a fome seguiu-te os calcanhares. Mas lutaste com ela, muito embora sempre vida tivesses dissipada, revelando resistência maior que a de um selvagem. Urina de cavalo então bebeste e o charco cintilante que refugam os próprios animais. Não desdenhava teu paladar o mais azedo fruto das mais silvestres sebes. Como o cervo, quando a neve recobre todo o pasto, chegaste a roer das árvores a casca. Nos Alpes, dizem, de uma carne estranha te alimentaste que causava a muitos a morte só de ver. E todas essas privações — a lembrança delas a honra te açoita neste instante — suportaste-as como brioso soldado, de tal modo que nem murchas as faces te ficaram.

LÉPIDO — Dá pena.

CÉSAR — Que depressa o chame a Roma seu próprio brio, pois é mais que tempo de na campanha aparecermos juntos. Para esse fim reunamos o conselho. Lucra Pompeu com nossa ociosidade.

LÉPIDO — Amanhã, César, poderei dizer-vos com segurança até que ponto chegam minhas forças de mar e terra para fazer face à presente situação.

CÉSAR — Até nos vermos, vou fazer o mesmo. Adeus.

LÉPIDO — Adeus, senhor. O que souberdes sobre as desordens que se dão lá fora, far-me-eis grande obséquio revelando-mas.

CÉSAR — Ficai tranquilo, meu senhor, sobre isso; conheço meu dever.

(*Saem.*)

Cena V

*Alexandria Um quarto no palácio. Entram Cleópatra, Charmian, Iras e Mardian.*

CLEÓPATRA — Charmian! CHARMIAN — Senhora?

CLEÓPATRA — Ah! Quero beber mandrágora.

CHARMIAN — Mandrágora, senhora? Para quê?

CLEÓPATRA — Para que possa passar dormindo toda a grande brecha de tempo em que está ausente o meu Antônio.

CHARMIAN — Pensais por demais nele. CLEÓPATRA — Ele traiu-me!

CHARMIAN — Não penso assim, senhora. CLEÓPATRA — Eunuco Mardian!

MARDIAN — Agora que deseja Vossa Alteza?

CLEÓPATRA — Não te ouvir cantar hoje. Não me agrada quanto os eunucos têm. É muito grande felicidade, sendo destituído, como és, do sexo, não fugirem nunca do Egito teus vadios pensamentos. Acaso tens desejos?

MARDIAN — Sim, senhora. CLEÓPATRA — De fato?

MARDIAN — Assim, de fato, não senhora; pois só me é permitido agir de modo perfeitamente honesto. Mas desejos tenho ardorosos e reflito sempre enquanto Marte praticou com Vênus.

CLEÓPATRA — Ó Charmian! Onde é que pensas que ele esteja neste momento? Está de pé? Sentado? Passeia, porventura? Está a cavalo? Ó ginete feliz, por carregares todo o peso de Antônio! Oh, sê brioso, corcel! Não adivinhas quem te monta? O meio Atlas da terra, o braço e o elmo dos homens. Neste instante ele murmura: “Acaso onde estará minha serpente do velho Nilo?” É assim que ele me chama. Agora vivo de um veneno raro. De mim se lembrará, que os amorosos raios do ardente Febo enegreceram e que enrugada vai deixando o tempo? César de frente larga, quando neste solo estiveste eu era apetecível para qualquer monarca, tendo o grande Pompeu p a r a d o para olhar-me a frente. Ali quisera ele ancorar os olhos E morrer contemplando a própria vida.

(*Entra Alexas.*)

ALEXAS — Soberana do Egito, salve!



CLEÓPATRA — Como com Marco Antônio não pareces nada! Mas vindo de sua parte, essa tintura das tinturas te fez ficar dourado. Como passa meu bravo Marco Antônio?

ALEXAS — Querida soberana, a última coisa que ele fez foi beijar — depois de muitos beijos dobrados — esta rica pérola. Trago no coração suas palavras.

CLEÓPATRA — De lá hão de tirá-las meus ouvidos.

ALEXAS — “Caro amigo”, falou, “o fiel Romano, dize-lhe, envia à majestade egípcia este tesouro que provém de uma ostra. Para a insignificância do presente compensar, a seus pés pretendo reinos acumular, para deixar mais rico seu opulento trono. Todo o Oriente, lhe dirás, vai chamar-lhe soberana.” Ao concluir, acenou-me, e, altivamente, subiu para o seu rápido ginete, cujo nitrido ressoou tão forte que brutalmente abafa tudo quanto eu pudesse dizer.

CLEÓPATRA — Como estava ele: alegre ou triste?

ALEXAS — Parecia o tempo que medeia entre os dois extremos do ano, de calor e de frio. Não estava nem alegre nem triste.

CLEÓPATRA — Oh equilibrada disposição! Atenta nisso, Charmian; observa bem: é o homem. Toma nota. Triste não se encontrava, pois queria lançar luz sobre quantos a postura pautava segundo a dele. Nem alegre, parecendo indicar que o pensamento tinha no Egito, onde a alegria estava. Mas entre os dois. Oh celestial mistura! Fiques alegre ou triste... Em nenhuma outra pessoa, como em ti, tão bem assenta qualquer desses extremos. Encontraste meus correios, acaso?

ALEXAS — Sim, senhora; uns vinte, em separado. Por que os mandas tão amiúde?

CLEÓPATRA — Quem nascer no dia em que eu a Antônio não mandar recado, morrerá na miséria. Boa Charmian, traze tinta e papel. Bondoso Alexas, seja bem-vindo. Em algum tempo, Charmian, eu amei César tanto?

CHARMIAN — Oh! Bravo César!

CLEÓPATRA — Que um outro grito desses te asfixie. Dize: Que bravo Antônio!

CHARMIAN — Grande César!

CLEÓPATRA — Por tais, ficarás com os dentes rubros, se novamente comparares César com esse homem único.

CHARMIAN — Com vosso perdão gracioso, mas estou cantando segundo vosso tom.

CLEÓPATRA — Oh inexperiência de minha mocidade, quando verde eu tinha o juízo e frio o sangue! Vamos: dá-me papel e tinta. Hei de mandar-lhe um mensageiro diário, embora venha a despovoar o Egito.

(Saem.)

## ATO II

### Cena I

*Messina. Um quarto em casa de Pompeu. Entram Pompeu, Menécrates e Menas.*

POMPEU — Se os deuses poderosos forem justos, hão de amparar quem se mostrar mais justo.

MENÉCRATES — Como sabeis, digno Pompeu, demora não é recusa.

POMPEU — Enquanto suplicamos diante do trono deles, vai ficando mais fraca a causa porque lhes pedimos.

MENÉCRATES — Por nos desconhecermos, muitas vezes pedimos o que mal causar nos pode, o que as sábias potências nos denegam, visando ao nosso bem. Assim, lucrámos em não ver nossos votos exalçados.

POMPEU — Hei de vencer. O povo me idolatra e o mar é meu. Em progressivo aumento minhas forças estão, prognosticando-me as esperanças que elas hão de em breve chegar à cheia máxima. No Egito Marco Antônio está à mesa, não pensando em lutar extramuros. Onde César obtém dinheiro, os corações alijam.

Lépido adula os dois, sendo por eles adulado também, porém não ama nenhum, pois só desprezo ambos lhe votam.

MENAS — Lépido e César já em campo se acham, à frente de uma força poderosa.

POMPEU — Quem vos disse isso? É falsa essa notícia.

MENAS — De Sílvio a ouvi, senhor.

POMPEU — Está sonhando. Sei que eles dois em Roma agora se acham e a Antônio esperam. Que os encantos todos do amor, ardente Cleópatra, te deixem mais macios ainda os lábios murchos! Acrescenta a magia à formosura, e às duas a lascívia. O libertino deixa preso num campo de festejos, a mente lhe mantendo sempre em névoas. Despertem-lhe o apetite cozinheiros epicúreos, com molhos esquisitos, e que o sono e os festins lhe arrastem a honra até a apatia ele alcançar do Lete. *(Entra Várrio.)* Então, Várrio, que é que há?

VÁRRIO — É inteiramente certo o que vou dizer. Em Roma espera-se Marco Antônio chegar a cada instante. O tempo desde o dia da partida dele do Egito dava para viagem mais longa ainda.

POMPEU — De bom grado ouvira notícias menos grave. Não pensava, Menas, que esse amoroso libertino chegasse a pôr o capacete para ingressar numa guerra tão mesquinha. Como guerreiro, ele sozinho pesa mais do dobro dos outros dois reunidos. Mas elevemos o conceito próprio, por ver que nossa espora teve força para arrancar dos braços da viúva do Egito a Marco Antônio, esse devasso que jamais se sacia.

MENAS — Não espero que Antônio e César a entender-se venham. A falecida esposa do primeiro ofendeu muito a César; o irmão dele também o combateu, embora eu pense que nisso Antônio não tivesse parte.

POMPEU — Não sei, Menas, não sei como as pequenas inimizades dão lugar às grandes. Não fosse termos de lutar com todos, bom fora que eles entre si brigassem, pois motivo não falta a nenhum deles para sacar da espada. Mas até onde poderá o medo de que lhes inspiramos cimentar a cisão que entre eles houve e liga pôr em suas rixazinhas, não sei dizê-lo. Seja tudo como quiserem nossos deuses. Nossa vida vai depender, tão-só, desta partida. Menas, vamos!

*(Saem.)*

## Cena II

*Roma. Um quarto em casa de Lépido. Entram Enobarbo e Lépido.*

LÉPIDO — Caro Enobarbo, é obra meritória, digna de vós, levar o vosso chefe a falar com bons modos.

ENOBARBO — Convencê-lo pretendo a responder como ele mesmo. Se César o irritar, que Antônio o mire sobranceiro e depois tão alto fale como o estrondo de Marte. Sim, por Júpiter, se eu fosse o portador da barba dele, hoje a não rasparia.

LÉPIDO — Não é tempo de briguinhas pessoais.

ENOBARBO — Não; qualquer tempo serve para os assuntos dele próprio.

LÉPIDO — Mas é preciso que os assuntos mínimos cedam lugar aos grandes.

ENOBARBO — Não, no caso de haverem sido aqueles os primeiros.

LÉPIDO — Em vós fala a paixão. Mas, por obséquio, não sopreis no borralho. Ali vem vindo o nobre Antônio.

*(Entram Antônio e Ventídio.)* ENOBARBO — E, mais adiante, César. *(Entram César, Mecenas e Agripa.)*

ANTÔNIO — Se fizemos aqui um bom acordo: contra os partos. Ouviste bem, Ventídio?

CÉSAR — Não sei, Mecenas; pergunta isso a Agripa.

LÉPIDO — Caros amigos, de importância máxima era o que nos uniu; não permitamos que uma ação secundária nos separe. O que estiver errado, com

paciência deverá ser ouvido. Se elevarmos a voz para tratar de assuntos diários, causaremos a morte do que tínhamos intenção de curar. Por isso, nobres colegas, vos conjuro instantemente a que trateis dos pontos mais difíceis com termos delicados, sem deixardes que se imiscua a ofensa.

ANTÔNIO — Bem falado; em frente a nossas forças, no momento de se iniciar a pugna, não seria outra a minha linguagem.

CÉSAR — Sois bem-vindo a Roma.

ANTÔNIO — Agradecido. CÉSAR — Sentai-vos.

ANTÔNIO — Sentai-vos, senhor. CÉSAR — Então, que seja.

ANTÔNIO — Soube que muitas coisas vos parecem más, sem que o sejam, mas que, embora o fossem, não vos dizem respeito.

CÉSAR — Merecia que de mim rissem, se por coisa alguma, por quase nada, eu me considerasse tão ofendido assim, principalmente com relação a vós; e mais ainda fora de censurar se com desprezo viesse a nomear-vos, quando não tivesse razões para citar o vosso nome.

ANTÔNIO — Que é que tínheis que ver, César, com minha permanência no Egito?

CÉSAR — Nada, decerto, se, estando eu em Roma, residísseis no Egito. Mas no caso de em meu Estado influirdes lá do Egito, muito me importa o ponto em que morardes.

ANTÔNIO — Que entendeis por influir?

CÉSAR — Ser-vos-á fácil atinar com o sentido, refletindo com o que se tem passado. Vossa esposa com vosso mano me fizera guerra; éreis o tema do debate deles, a senha de combate.

ANTÔNIO — Começastes por um caminho errado, pois o mano não me envolveu jamais em seus negócios. Investiguei o caso e fidedignas informações obtive de pessoas que por vós se bateram. Não é fato que ele prejudicou tanto o meu crédito como o vosso, e fez guerra de igual modo contra mim, que amparava vossa causa? De tudo isso ficastes inteirado por minhas várias cartas. Se quiserdes forjicar uma briga a toda força, tereis de procurar outro pretexto, que esse já não vos serve.

CÉSAR — Elogiais-vos com me imputardes raciocínio errado; mas isso é forjicar, tão-só, desculpas.

ANTÔNIO — De forma alguma! Não! Tenho certeza de que não careceis da perspicácia precisa para compreender que eu, sendo como sou, vosso aliado numa causa por ele combatida, não podia lançar olhares meigos a essas guerras que a própria paz ameaçar me vinham. Quanto à minha consorte, desejara que seu espírito encontrásseis noutra. Vosso é um terço do mundo, pela rédea podereis dirigi-lo, o que é impossível com uma mulher daquelas.

ENOBARBO — Oh! se todos esposa assim tivéssemos! Iriam para a guerra os maridos e as consortes.

ANTÔNIO — Inflexível como era — seus tumultos, César, nasciam do temperamento — não lhe faltando astúcia — é com tristeza que o confesso também — vos foi motivo de grande inquietação. Porém sobre isso só vos cabe dizer que eu não podia alterar coisa alguma.

CÉSAR — Enviei-vos cartas, quando em Alexandria vos acháveis, num rega-bofe eterno; mas puseste-las no bolso sem as ler e com sarcasmos despachastes da audiência o meu correio.

ANTÔNIO — Ele me surpreendeu sem ser chamado, quando três reis eu recebia à mesa. Faltava-me a disposição que eu tinha pela manhã. Mas logo no outro dia eu mesmo lhe falei, o que equivale a apresentar desculpas. Que esse tipo em nada influa em nossa divergência. Se de brigar tivermos, afastai-o de nossas dissensões.

CÉSAR — Não mantivestes o juramento feito, o de que nunca podereis acusar-me.

LÉPIDO — Mais brandura, César!

ANTÔNIO — Deixai-o, Lépidio. Sagrada é a honra a que ele se refere e de que me presume carecente. Vamos, César: qual foi o juramento?

CÉSAR — De vir em meu auxílio com soldados e numerário, quando vos pedisse, o que me recusastes.

ANTÔNIO — Melhor fora dizer: negligencie; e isso na fase em que horas venenosas me deixavam privado da consciência de mim mesmo. Quanto em mim estiver, quero mostrar-vos meu arrependimento; mas a minha honestidade diminuir não há de minha grandeza, como sem aquela não há de o meu poder mostrar-se nunca. É verdade que Fúlvia, para atrair-me do Egito, aqui fez guerra. Tendo eu sido disso a causa inocente, peço escusas até onde for possível, sem desdouro, a minha honra inclinar-se.

LÉPIDO — Nobre fala.

MECENAS — Se concordardes, não leveis avante tais recriminações, pois esquecê-las de todo lembrar fora que a presente necessidade inculca paz entre ambos.

LÉPIDO — Mui bem-dito, Mecenas.

ENOBARBO — Ou então, no caso de cada um pedir, tão-somente, por empréstimo, o amor do outro, fareis a devolução devida logo que não mais ouvirdes falar de Pompeu. Tempo não vos há de faltar para disputas, quando não tiverdes outra coisa a fazer.

ANTÔNIO — Sois um soldado, apenas; ficai quieto.

ENOBARBO — Ia-me esquecendo de que a verdade não pode falar.

ANTÔNIO — Perturbais a conversa. Assim, calai-vos.

ENOBARBO — Então, que seja. Vossa pedra pensante.

CÉSAR — O que me desagrada em sua fala não é o assunto, mas o modo, apenas, de apresentá-lo. Assim, não é possível continuarmos amigos, quando temos maneira de viver tão diferente. Se eu conhecesse, ao menos, a cadeia que poderia conservar-nos juntos, de um polo a outro iria procurá-la.

AGRIPA — César, dá-me licença. CÉSAR — Fala, Agripa.

AGRIPA — Tens uma irmã do lado teu materno, a admirável Otávia. Não se encontra viúvo agora o grande Marco Antônio?

CÉSAR — Não digais isso, Agripa, pois se Cleópatra vos ouvisse, teríeis merecido a pecha receber de temerário.

ANTÔNIO — Mas eu não sou casado, César.

Vamos ouvir Agripa.

AGRIPA — Para em amizade perpétua vos manter, irmãos deixar-vos e os corações num laço indissolúvel vos trazer sempre, tome Antônio a Otávia por consorte. A beleza que lhe é própria pede para marido o melhor homem; seus dotes naturais e a graça inata falam melhor do que qualquer linguagem. Com esse casamento as pequeninas invejas que ora nos parecem grandes, e os grandes medos, que perigo inculcam, a nada se reduzem. As verdades parecerão história, ao passo que hoje meias histórias passam por verdades. O amor que ela vota a ambos, um para o outro há de atrair, enquanto vosso afeto para ela vos inclina. Mas perdoai-me quanto vos disse. É um plano meditado maduramente, não fugaz capricho.

ANTÔNIO — A isso que diz César?

CÉSAR — Nada, enquanto não se certificar até onde Antônio abalado se tenha com essa ideia.

ANTÔNIO — E que poder Agripa tem, no caso de eu lhe dizer: “Pois assim seja, Agripa!” para bom termo dar a esse projeto?

CÉSAR — Todo o poder de César e a influência deste junto de Otávia.

ANTÔNIO — Nunca eu possa levantar objeções, nem mesmo em sonhos contra uma ideia tão encantadora! Dá-me a mão; leva avante esse projeto gracioso e que, a partir deste momento, um coração de irmãos dirija os nossos sentimentos e nossos grandes planos.

CÉSAR — Eis minha mão. Mais ternamente nunca irmã nenhuma foi amada como a que ora vos entrego. Que ela viva para que o coração nos una e os remos, não vindo nunca mais a abandonar-nos nosso sincero amor.

LÉPIDO — Amém! Amém!

ANTÔNIO — Não pensei em sacar de novo a espada contra Pompeu, porque recentemente tem ele a meu respeito dado provas de estranha cortesia. Vou mandar-lhe meus agradecimentos, porque minha memória não padeça vitupério. Mas, logo após, pretendo desafiá-lo.

LÉPIDO — O tempo nos concita a procurarmos Pompeu se não quisermos que ele venha para nos dar combate.

ANTÔNIO — Onde está ele? CÉSAR — Junto ao monte Miseno.

ANTÔNIO — Já são grandes suas forças de terra?

CÉSAR — Já são grandes e sempre em crescimento; mas das águas é senhor absoluto.

ANTÔNIO — A fama é essa. Se lhe houvesse falado! Há muita pressa. Antes, porém, de nos armarmos, vamos arrematar o assunto de que há pouco nos ocupamos.

CÉSAR — Sim, com todo o gosto. Convido-vos a visitar a mana, para a casa de quem vou conduzir-vos.

ANTÔNIO — Não nos priveis de vossa companhia, Lépidio.

LÉPIDO — Não, Antônio, nem doença poderia reter-me.

*(Fanfarra. Saem César, Antônio e Lépidio.)*

MECENAS — Sede bem-vindo, senhor, de vossa viagem ao Egito.

ENOBARBO — Metade do coração de César, digno Mecenas! Meu virtuoso amigo Agripa!

AGRIPA — Valente Enobarbo!

MECENAS — Temos razão para nos alegrarmos, por se terem as coisas resolvido tão bem. A vida vos corria bem lá no Egito.

ENOBARBO — Perfeitamente, senhor; dormíamos o dia todo e iluminávamos a noite com patuscadas.

MECENAS — Oito javalis selvagens, assados inteirinhos, para almoço de doze pessoas! É verdade isso?

ENOBARBO — Isso é como um mosquito ao lado de uma águia. Com relação a festas tivemos histórias muito mais gigantescas do que essa, que mereciam ser contadas.

MECENAS — A serem verdadeiros os rumores, é uma mulher extraordinária.

ENOBARBO — Empalmou o coração de Marco Antônio no primeiro encontro que teve com ele, no rio Cidno.

AGRIPA — Sim, foi lá, realmente, que ela lhe apareceu, se é que meu informante não mentiu nesse ponto.

ENOBARBO — Vou contar-vos. A barca em que ela estava, trono fúlgido, as águas incendiavam; sua popa era de ouro batido; as velas, púrpura, e a tal ponto cheirosas, que vencidos de amor os ventos todos se mostravam. Eram de prata os remos, que ao compasso se moviam de flautas, apressando com seus golpes as águas percutidas, como amorosas deles. Com respeito a ela própria, mendiga aqui se torna a melhor descrição. Deitada estava num pavilhão todo tecido de ouro, vencendo a própria Vênus, em que vemos a arte passar de muito a natureza. Ao lado dela estavam dois meninos rechonchudos e lindos — sorridentes Cupidos — que agitavam ventarolas de mil cores cambiantes, cujo sopro parecia deixar muito mais vivo o rubor de suas faces delicadas, que acalmar se propunha, desfazendo, dessa maneira, a um tempo, o que fazia.

AGRIPA — Que joia para Antônio!

ENOBARBO — Qual nereidas, suas damas, sereias numerosas, dos olhos dela o olhar nunca apartavam, em adorno tomando seus meneios. Uma sereia, ao parecer legítima, o leme dirigia, cujas cordas argentinas se inflavam ao contacto daquelas mãos de rosa que com tanto donaire a dura obrigação faziam. De toda a barca se evolava estranho e invisível perfume, que os sentidos tonteavam dos embarcadouros próximos. A cidade lançou para ela toda sua população, tendo em seu trono ficado Antônio,

só, na praça pública, a sibilar para o ar, que se não fora ter modo de fazer um grande vácuo, também correria para ver Cleópatra e um buraco no mundo ocasionara.

AGRIPA — Extraordinária egípcia!

ENOBARBO — Quando em terra tocou a barca, um mensageiro Antônio lhe mandou com o convite para o almoço, ao que ela replicou que melhor fora que hóspede dela Antônio se tomasse, tendo nisso insistido. Nosso afável Antônio, de quem nunca uma senhora ouviu o termo “Não”, tendo-se feito barbear mais de dez vezes, foi à festa, com o coração, como de praxe, havendo pagado tudo o que os olhos devoraram.

AGRIPA — Que real rameira! Fez que o grande César no leito dela depusesse a espada. Ele a lavrou, mas dela foi a safra.

ENOBARBO — De certa vez a vi saltar cinquenta passos, não mais, na rua. Tendo o fôlego perdido, estaca, quer falar, arqueja, e em graça transformando a deficiência esbaforida se revela forte.

MECENAS — Antônio agora há de esquecer-se dela.

ENOBARBO — Jamais! Não fará isso. Não a deixa fanada o tempo, nem sua variedade maravilhosa poderá tornar-se, com o hábito, sedição. Qualquer outra mulher farta o apetite a que dá pasto; mas ela quanto mais der alimento, mais a fome desperta. As mais abjetas coisas assentam nela de tal modo que os sacerdotes santos a abençoam, quando ela está lasciva.

MECENAS — Se beleza, modéstia, discrição prender puderem o coração de Antônio, é a sorte grande para ele vir a desposar Otávia.

AGRIPA — Vamos. Caro Enobarbo, ficais sendo hóspede meu, enquanto aqui estiverdes.

ENOBARBO — De todo o coração vos agradeço.

(*Saem.*)

Cena III

*O mesmo. Um quarto em casa de César. Entram César e Antônio; entre eles, Otávia; criados.*

ANTÔNIO — O mundo e meu dever, algumas vezes de vossos braços me farão ausente.

OTÁVIA — Todo esse tempo, então, diante dos deuses hão de dobrar-se meus joelhos, para pedir por vosso bem.

ANTÔNIO — Senhor, boa noite. Minha Otávia, não leias meus defeitos nos rumores do mundo. Não me tenho mantido na medida; doravante, porém, tudo farei conforme a regra. Boa noite, cara esposa.

OTÁVIA — Boa noite, meu senhor. CÉSAR — Boa noite.

(*Saem César e Otávia.*) (*Entra o adivinho.*)

ANTÔNIO — Então, maroto, retornar quiséreis agora para o Egito?

ADIVINHO — Melhor fora que eu de lá não me houvesse retirado, nem vós daqui.

ANTÔNIO — Vossas razões, se as tendes?

ADIVINHO — No meu íntimo as vejo, não as trago, por enquanto, na língua. Mas depressa retornai para o Egito.

ANTÔNIO — Revelai-me quem há de ter mais elevada sorte: César ou eu?

ADIVINHO — Ah! César. Por isso mesmo, Antônio, não prossigas ao lado dele. Teu demônio

— O espírito, digo, que te protege — é corajoso, nobre, alto, incomparável, quando perto não se encontra o de César. Mas quando ele se aproxima do teu, este se mostra tomado de pavor, como vencido. Assim, deixa que entre ambas vós espaço bastante se interponha.

ANTÔNIO — Não me tornes a falar nisso.

ADIVINHO — A mais ninguém eu falo; só quando estamos sós. Se te empenhares com ele em qualquer jogo, não há dúvida de que a perder virás. Naturalmente tem mais sorte que tu, vindo a vencer-te contra quaisquer vantagens que possuas. Teu espírito, tomo a prevenir-te, dirige-te com medo junto dele; longe dele, porém, volta a ser nobre.

ANTÔNIO — Podes te retirar. Dize a Ventídio que desejo falar-lhe. (*Sai o adivinho.*) Para a Pártia terá de seguir logo... Seja acaso, seja por meio de arte, falou certo. Os próprios dados lhe obedecem sempre; em nossas justas minha habilidade ao lance accidental se dobra dele; se tiramos a sorte, ganha sempre; meus galos sempre perdem para os dele, a despeito de todos os prognósticos, e sua codorniz bate na rinha sempre a minha, apesar das desvantagens. Vou voltar para o Egito. Muito embora tenha levado a cabo o casamento para ter paz, no Oriente é que se encontra toda minha ventura. (*Entra Ventídio.*) Oh! vinde logo, Ventídio! Seguireis já para a Pártia. Está pronta a ordem; vinde recebê-la. (*Saem.*)

#### Cena IV

*O mesmo. Uma rua. Entram Lépido, Mecenas e Agripa.*

LÉPIDO — Deixai de vos incomodar com isso. Por obséquio, segui logo no rasto de vossos generais.

AGRIPA — Marco Antônio, senhor, deseja apenas beijar Otávia. Seguiremos logo.

LÉPIDO — Adeus, adeus, até que vos reveja com vestes de guerreiro, que vos há de assentar muito bem.

MECENAS — Pelo que posso conjecturar da viagem, chegaremos primeiro do que vós ao cabo, Lépido.

LÉPIDO — Vossa rota é menor, porque meus planos me obrigam a uma volta; certamente alcançareis dois dias de vantagem.

MECENAS e AGRIPAS — Senhor, feliz sucesso!

LÉPIDO — Adeus. (*Saem.*)

#### Cena V

*Alexandria. Um quarto no palácio. Entram Cleópatra Charmian, Iras, Alexas e um criado.*

CLEÓPATRA — Dai-me música, música, alimento triste de todos os que o amor mantém.

CRIADO — Olá, música! (*Entra Mardian.*)

CLEÓPATRA — Não; deixemos isso. Vamos para o bilhar. Segue-me, Charmian.

CHARMIAN — O braço me incomoda. Por obséquio, jogai com Mardian.

CLEÓPATRA — Tanto faz ser nosso parceiro uma mulher como um eunuco. Vamos, senhor: quereis jogar comigo?

MARDIAN — Quanto em mim estiver, minha senhora.

CLEÓPATRA — Quando há boa vontade, embora saia tudo aquém de qualquer expectativa, desculpa-se ao ator. Mas já não quero. Traze-me a vara de pescar e vamos para a margem do rio. Ali, ouvindo música ao longe, surpreenderei peixes de escuras barbatanas. Com meu curvo gancho atravessarei suas viscosas mandíbulas, e, na hora de tirá-los da água, imaginarei que cada um deles é outro Antônio e lhe direi: “Peguei-te!”

CHARMIAN — Como eram divertidas as apostas que com ele fazíeis, quando vosso mergulhador prendia no anzol dele qualquer peixe do mar que ele, mui sôfrego, puxava logo!

CLEÓPATRA — Nesse tempo — oh tempo! — eu ria dele de deixá-lo furo, e à noite eu ria para acomodá-lo, e na manhã seguinte, antes das nove, já o tinha emborrachado de tal modo, que se punha a dormir com meus vestidos, enquanto eu

punha à cinta sua espada vencedora em Filipos. (*Entra um mensageiro.*) É da Itália. Finca-me nos ouvidos as notícias que me trouxeste, pois há muito tempo sem trato eles estão.

MENSAGEIRO — Minha senhora...

CLEÓPATRA — Morreu Antônio? Se disseres isso, biltre, assassinarás tua senhora. Mas com saúde e livre... Se o trouxeres assim, aqui tens ouro e aqui tens minha mão de veias azuis para a beijares, esta mão em que reis bebericaram, beijando-a com temor.

MENSAGEIRO — Primeiramente, senhora, ele está bem.

CLEÓPATRA — Toma mais ouro. Mas olha lá, maroto! toma nota: costumamos dizer dos mortos isso. Se for esse o sentido, este ouro todo, mandarei derretê-lo e derramá-lo por essa goela de ruins notícias.

MENSAGEIRO — Boa senhora, ouvi-me. CLEÓPATRA —

Estou ouvindo. Vamos, prossegue! Mas não tens no rosto nada de bom. Se Antônio se acha livre, por que assume feições assim tão ácidas o trombeteiro de notícias boas? Se não estiver bem, vens como Fúria coroada de serpentes, não como homem.

MENSAGEIRO — Não quereis escutar-me?

CLEÓPATRA — Só tenho ímpeto de te bater antes de me falares. Se disseres, porém, que Antônio vive, que está bem de saúde, vive em termos amistosos com César, não estando como seu prisioneiro, chuva de ouro farei cair em ti, seguida de uma saraivada de pérolas.

MENSAGEIRO — Senhora, ele está bem. CLEÓPATRA — Muito bem-dito.

MENSAGEIRO — E em bons termos com César.

CLEÓPATRA — És um bravo.

MENSAGEIRO — Ele e César jamais foram tão íntimos.

CLEÓPATRA — Basta querereres, para seres rico.

MENSAGEIRO — Contudo...

CLEÓPATRA — Não me agrada esse “contudo”; estraga todo o bem que disseste antes. Para longe o “contudo!” Esse “contudo” é como um carcereiro que liberta da prisão algum monstro criminoso. Amigo, por favor, despeja logo nos meus ouvidos tuas novidades, as boas e as ruins, ao mesmo tempo. Amigo ele é de César, já o disseste; está bem de saúde e acrescentaste que se acha livre.

MENSAGEIRO — Livre? Oh! não, senhora! A Otávia se acha preso.

CLEÓPATRA — De que jeito?

MENSAGEIRO — Do melhor jeito que encontrar na cama.

CLEÓPATRA — Charmian, não fiquei pálida?

MENSAGEIRO — Senhora, casou-se com Otávia.

CLEÓPATRA — Que em ti caia a mais nociva peste!

(*Bate-lhe.*)

MENSAGEIRO — Boa dama, tende paciência.

CLEÓPATRA — Que disseste? Fora! (*Bate-lhe de novo.*) Fora daqui vilão abominável! se não quiseres que te trate os olhos como se fossem bolas de desporto. Vou deixar-te a cabeça sem cabelos. (*Sacode-o pelos cabelos.*) com arame trançado azorregar-te, pôr-te em salmoura, vivo, para em molho de dores definhares.

MENSAGEIRO — Mui graciosa senhora, trouxe apenas a notícia, não fiz o casamento.

CLEÓPATRA — Dize que isso não é verdade e te farei presente de uma província, além de tua sorte deixar envaidecida. Essas pancadas que recebeste valem como multa por me haveres a cólera agitado. Mais, ainda: dar-te-ei todos os mimos com que possa sonhar tua modéstia.

MENSAGEIRO — Senhora, está casado. CLEÓPATRA — Miserável, já viveste demais! (*Saca de um punhal.*)

MENSAGEIRO — Vou já safar-me. Senhora, que pensais? Não tenho culpa. (*Sai.*)

CHARMIAN — Boa senhora, não percais a calma. Esse homem é inocente.



CLEÓPATRA — O raio atinge a muitos inocentes. Que o Nilo trague o Egito e se transformem em serpes todas as criaturas dóceis. Chama de novo o escravo, que eu não mordo, conquanto esteja louca. Traze-o logo.

CHARMIAN — Tem receio de vir.

CLEÓPATRA — Não vou bater-lhe. (*Sai Charmian.*) Estas mãos se envilecem por baterem em quem me é inferior; pois sou eu própria que contra mim invento esses motivos. (*Volta Charmian com o mensageiro.*) Senhor, aproximai-vos. Muito embora seja honesto, não é aconselhável trazer ruins notícias. Às mensagens agradáveis dai um milhão de línguas; mas deixai que as infaustas ocorrências se anunciem por si, quando sentidas.

MENSAGEIRO — Cumpri o meu dever.

CLEÓPATRA — Está casado? Odiar-te mais não me será possível, se me disseres novamente “sim”.

MENSAGEIRO — Senhora, está casado.

CLEÓPATRA — Ainda o repetes? Que os deuses te confundam.

MENSAGEIRO — Deveria mentir, senhora?

CLEÓPATRA — Oh! como o desejara! Ainda que meio Egito se alagasse, vindo a tomar-se uma cisterna cheia de serpes escamadas. Vai-te embora. Nem que de rosto fosses um Narciso, me serias medonho. Está casado?

MENSAGEIRO — Perdoai-me, alteza... CLEÓPATRA — Dize: está casado?

MENSAGEIRO — Não vos zangueis com quem não vos ofende. Punir-me pelo que mandais que eu faça parece injusto. Desposou Otávia.

CLEÓPATRA — Oh! que seu erro te haja transformado num miserável, ainda que não sejas o que és seguramente. Vai-te embora. Os gêneros romanos que trouxeste são caros por demais; fica com eles; e que por eles venhas a arruinar-te.

(*Sai o mensageiro.*)

CHARMIAN — Minha querida alteza, ficai calma.

CLEÓPATRA — Louvando Antônio eu desfazia em César.

CHARMIAN — Muitas vezes, senhora.

CLEÓPATRA — Castigada estou sendo por isso. Retirai-me daqui. Vou desmaiar. Não, não é nada. Oh! Iras! Charmian! Bondoso Alexas, vai atrás desse homem e procura saber como é Otávia, que idade tem, seus gostos, sem que deixe de dizer de que cor tem os cabelos. Traze logo a resposta. (*Sai Alexas.*)

Abandonamo-lo para sempre... Oh, bondosa Charmian! Não. Embora às vezes seja como a Górgona, às vezes é outro Marte. (*A Mardian.*) Dize a Alexas que me venha contar a altura dela. Apiada-te de mim, Charmian, mas nada me fales. Leva-me para outra sala.

(*Saem.*)

## Cena VI

*Nos arredores de Miseno. Fanfarras For um lado entram Pompeu e Menas, com trombeta e tambor; por outro, César, Antônio, Lépido, Enobarbo, Mecenas, com soldados em marcha.*

POMPEU — Tenho os vossos reféns; tendes os meus. Conversemos, assim, antes da pugna.

CÉSAR — É de vantagem conversarmos antes. Por isso mesmo enviamos por escrito, com antecipação, nossas propostas. Se pensaste sobre elas, comunica-nos se as consideras suficientes para deixar-te atada a espada descontente, fazendo regressar para a Sicília muitos moços viçosos que viriam talvez hoje a morrer.

POMPEU — É avós que eu falo, vós três que constituís todo o senado, representantes únicos dos deuses: não sei por que meu pai careceria de vingadores, tendo filho e amigos, se o espírito de César, que em Filipos tanto ao bondoso Bruto perseguia, vos vê agora a trabalhar por ele. Qual foi a causa que levou o pálido Cássio à conspiração? que fez o honrado romano, o honesto Bruto, com seus

cúmplices armados, todos eles namorados da bela liberdade, o Capitólio banhar de sangue? Apenas o desejo de que não fosse alguém mais do que um homem. Eis a razão que a aparelhar a minha esquadra me levou, com a qual penso disciplinar a ingratitude que Roma lançou sobre meu pai em tudo nobre.

CÉSAR — Mais devagar.

ANTÔNIO — Com todas essas velas, Pompeu, amedrontar-nos não consegues.

Falaremos contigo sobre as águas; em terra sabes quanto te excedemos.

POMPEU — Em terra, é muito certo, tu me excedes na casa de meu pai. Mas como o cuco jamais constrói para si mesmo, fica nela quanto puderes.

LÉPIDO — Poderíeis ter a bondade de dizer-nos — que isso foge de nosso assunto — de que modo recebeis nossa oferta?

CÉSAR — O ponto é esse.

ANTÔNIO — Pressão não vos fazemos: sopesai-o com vagar, se quiserdes aceitá-lo.

CÉSAR — E o mais que pode acontecer, no caso de quiserdes tentar maior fortuna.

POMPEU — Consiste vossa oferta em me entregardes a Sicília e a Sardenha; devo, ainda, dos piratas limpar todas as águas; concedido isso tudo, despedirmo-nos sem entalhos nos gládios, carregando para casa os broquéis sem moça alguma.

CÉSAR, ANTÔNIO e LÉPIDO — Justamente.

POMPEU — Ficai, então, sabendo que ao vir aqui, disposto eu me encontrava a aceitar essa oferta. Marco Antônio, porém, encontrou meio de irritar-me. Embora meu louvor fique empanado por ser eu próprio que vos falo nisso, deveis lembrar-vos de que quando César e vosso irmão brigavam, na Sicília vossa mãe encontrou boa acolhida.

ANTÔNIO — Sim, Pompeu, soube disso, e preparado já me encontrava para o pagamento dos agradecimentos que vos devo.

POMPEU — Dai-me a mão. Não pensei que poderia, senhor, vos encontrar neste momento.

ANTÔNIO — As camas do Nascente são macias. Grato vos sou, no entanto, por me terdes chamado antes do tempo. Ganhei muito por ter vindo mais cedo.

CÉSAR — São notáveis as modificações que em vós observo desde a última conversa que tivemos.

POMPEU — Não sei que contas a Fortuna adversa no rosto me escreveu; mas é certeza que em meu peito ela nunca há de insinuar-se para deixar-me o coração escravo.

LÉPIDO — Feliz encontro.

POMPEU — É assim que eu penso, Lépidio. Estamos, pois, de acordo. Agora espero que este nosso contrato seja posto por escrito e selado por nós mesmos.

CÉSAR — É o que faremos logo.

POMPEU — Depois disso festejemo-nos antes de partirmos, mostrando a sorte quem vai dar começo.

ANTÔNIO — Quero iniciar, Pompeu; consente nisso.

POMPEU — Não, Antônio; é por sorte. Mas embora o primeiro sejais ou o derradeiro, vossa cozinha egípcia primorosa a perder não virá sua alta fama. Ouvi dizer que o nosso Júlio César só de comer por lá ficou mais gordo.

ANTÔNIO — Ouvistes muita coisa.

POMPEU — Tenho honestas intenções, meu senhor.

ANTÔNIO — E honestamente vos expressais.

POMPEU — Foi quanto me disseram. Ouvi dizer também que Apolodoro carregara nos ombros...

ANTÔNIO — Basta! É certo. POMPEU — Certo, quê?

ENOBARBO — Num colchão uma rainha para César.

POMPEU — Agora reconheça-te. Como vais, camarada?

ENOBARBO — Bem, e espero continuar assim, pois temos quatro festins em perspectiva.

POMPEU — Dá-me a mão. Nunca te votei ódio, mas ao ver-te pelejar invejei tua postura.

ENOBARBO — Senhor, nunca vos tive muito afeto; mas já vos elogiei, quando dez vezes mais, talvez, merecêsseis do que tudo que eu pudesse dizer.

POMPEU — Sê sempre franco, que não te fica mal essa linguagem. Para minha galera vos convido. Quereis passar na frente, meus senhores?

CÉSAR, ANTÔNIO e LÉPIDO — Senhor, mostrai-nos o caminho. Vamos.

*(Saem todos, com exceção de Menas e Enobarbo.)*

MENAS — Teu pai, Pompeu, jamais teria feito um tratado nessas condições. Creio que já nos vimos, senhor.

ENOBARBO — No mar, se não estou enganado.

MENAS — Perfeitamente, senhor.

ENOBARBO — Realizastes grandes feitos na água.

MENAS — Assim como vós, em terra.

ENOBARBO — Estou pronto a elogiar quem me elogiar, muito embora não se possa negar o que eu fiz em terra.

MENAS — Nem o que eu fiz na água.

ENOBARBO — Contudo, para vossa própria segurança, tereis que negar alguma coisa. Fostes um grande ladrão do mar.

MENAS — Assim como vós, de terra.

ENOBARBO — Nesse ponto eu nego os meus serviços de terra. Mas dai-me a mão. Se nossos olhos tivessem autoridade, Menas, prenderiam agora dois ladrões que se beijam.

MENAS — O rosto dos homens é sempre honesto, façam as mãos o que fizerem.

ENOBARBO — Mas nunca houve mulher bonita com rosto honesto.

MENAS — Sem querer caluniá-las, roubam corações.

ENOBARBO — Viemos aqui para nos batermos convosco.

MENAS — Por minha parte, entristece-me ter acabado tudo em bebedeira. Sorrindo, Pompeu dá hoje um empurrão na própria sorte.

ENOBARBO — Se o fizer, não poderá depois, com lágrimas, chamá-la para trás.

MENAS — É como dizeis, senhor. Não esperávamos encontrar aqui Marco Antônio. Por obséquio, ele se casou com Cleópatra?

ENOBARBO — A irmã de César se chama Otávia.

MENAS — É muito certo, senhor; foi casada com Caio Marcelo.

ENOBARBO — Mas agora é esposa de Marco Antônio.

MENAS — Que me dizeis, senhor? ENOBARBO — A pura verdade.

MENAS — Nesse caso, César e ele estão unidos para sempre.

ENOBARBO — Se eu tivesse que profetizar a respeito dessa união, não me exprimiria nesses termos.

MENAS — Sou de opinião que os interesses políticos entraram com muito maior contingente para a realização desse enlace do que o próprio amor dos interessados.

ENOBARBO — É também o que eu penso. Mas ainda chegareis a ver que o laço que parece unir a amizade deles dois se transformará justamente na corda que vai estrangular-lhes a afeição. Otávia é casta, fria e de exterior sereno.

MENAS — Quem não desejara uma esposa desse jeito?

ENOBARBO — Quem não for assim, a saber: Marco Antônio. Ele voltará para a gamela de sua egípcia. Então, os suspiros de Otávia atizarão o fogo de César e, como disse há pouco, o que constitui hoje o forte da amizade deles dois, se afirmará como o fator imediato da discórdia entre ambos. Antônio não desviará de lá sua afeição; só desposou aqui sua própria necessidade.

MENAS — É possível que seja assim. Vinde, senhor. Não quereis ir para bordo? Desejo beber à vossa saúde.

ENOBARBO — Aceito, senhor. No Egito trabalhamos bem com a garganta.

MENAS — Então vamos logo. *(Saem.)*

*A bordo da galera de Pompeu, junto do Cabo Miseno.*

*Música. Entram dois ou três criados com uma mesa posta.*

PRIMEIRO CRIADO — Vão chegar, homem! Vão chegar! Muitos desses caules estão com a raiz podre; o menor vento os lançará por terra.

SEGUNDO CRIADO — Lépidio já está muito corado.

PRIMEIRO CRIADO — Fizeram-no beber o resto de todas as garrafas

SEGUNDO CRIADO — Quando eles beliscam reciprocamente suas disposições, ele grita: “Não prossigais!” reconcilia-os com suas súplicas e a si próprio com a bebida.

PRIMEIRO CRIADO — Suscitando com isso dissídio ainda maior entre ele e a própria discórdia.

SEGUNDO CRIADO — Ora, isso acontece quando se tem o nome na companhia dos grandes homens. Prefiro um caniço que não me sirva para nada a uma partazana que eu não possa levantar.

PRIMEIRO CRIADO — Ser convidado para uma alta esfera e não ser visto mover-se, quando ela se desloca, é ser como essas órbitas sem olhos que deformam lastimosamente os rostos.

*(Toque de trombetas. Entram César, Antônio, Lépidio, Pompeu, Agripa, Mecenas, Enobarbo, Menas e outros capitães.)*

ANTÔNIO — Assim fazem. Do Nilo a altura toma por meio de umas marcas na pirâmide. Pela marca mais alta, média e baixa sabem se vai haver falta ou abundância. Quanto mais sobe o Nilo, mais promete. Quando reflui, o sementeiro espalha na lama e lodo os grãos, vindo a colheita pouco tempo depois.

LÉPIDIO — Tendes por lá serpentes esquisitas.

ANTÔNIO — É verdade, Lépidio.

LÉPIDIO — Vossa serpente do Egito nasce do vosso lodo pela ação de vosso sol, o mesmo acontecendo com o crocodilo.

ANTÔNIO — É o que se dá, realmente.

POMPEU — Sentai-vos! Vamos ao vinho! À saúde de Lépidio!

LÉPIDIO — Não me sinto tão bem como quisera, mas nessas coisas nunca fico de fora.

ENOBARBO *(a parte)* — Enquanto não vos pondes a dormir. Mas receio muito que até lá ficareis dentro.

LÉPIDIO — Não, é certo. Ouvi dizer que as pirâmides de Ptolomeu são coisas extraordinárias. Sim, foi o que me disseram.

MENAS — Pompeu uma palavra. POMPEU — Segredai-ma. Que aconteceu?

MENAS — Deixa o lugar, meu chefe, para me ouvires uma palavrinha.

POMPEU — Espera um pouco. Vinho para Lépidio!

LÉPIDIO — De que jeito é o vosso crocodilo? ANTÔNIO — Parece-se muito consigo mesmo,

senhor, e é da largura que lhe é própria. Sua altura não passa da que ele tem, movimentando-se ele com seus próprios membros. Vive do que o alimenta e, uma vez dispersados os elementos, transmigra para outra parte.

LÉPIDIO — De que cor é ele?

ANTÔNIO — De sua própria cor.

LÉPIDIO — É uma serpente muito esquisita.

ANTÔNIO — Perfeitamente; e suas lágrimas são úmidas?

CÉSAR — Essa descrição o satisfaz? ANTÔNIO — Sim, depois dos brindes de Pompeu. Fora disso, é um verdadeiro epicuro.

POMPEU — Ide enforcar-vos! Para que falar-me? Fazei o que vos disse. Que é da taça que vos pedi há pouco?

MENAS — Se por tudo quanto te fiz quiseres atender-me, deixa a cadeira e vem.

POMPEU — Estás maluco? Que aconteceu? *(Afastam-se.)*

MENAS — Diante de tua sorte sempre fui reverente.

POMPEU — Tens-me sempre servido com lealdade. Que mais posso dizer-te. — Meus senhores, alegria!

ANTÔNIO — Tomai cuidado, Lépido, com esses bancos de areia; podem absorver-vos.

MENAS — Queres ficar senhor do mundo todo?

POMPEU — Que estás dizendo?

MENAS — Torno a perguntar-te: queres ficar senhor do mundo todo?

POMPEU — Como fora possível?

MENAS — Se me deres consentimento, embora eu seja pobre, poderei dar-te o mundo de presente.

POMPEU — Tens bebido bastante?

MENAS — Não, Pompeu absteve-me de todo. Se quiseres, ficarás sendo o Júpiter terreno. Tudo o que o oceano cerca e o céu abarca ficará sendo teu, se o desejares.

POMPEU — Dize-me como poderá ser isso.

MENAS — Os três competidores, que em três partes o mundo dividira, ora se acham a bordo de teu barco. Se me deres consentimento, cortarei os cabos. Uma vez afastados, lhes cairemos no pescoço, e tudo isto te pertence.

POMPEU — Ah! fora bom se houvesse feito tudo sem me dizeres nada. Bom serviço de tua parte, em mim fora vileza. Fica sabendo que não é o lucro que a honra me impulsiona; é a honra mesma. É pena que tua língua houvesse sido traidora de teu ato. Se tivesses feito em silêncio, eu acharia jeito, depois, de achar bem-feito. Mas agora repilo a ideia. Assim, desiste e bebe.

MENAS (*à parte*) — Só por isso nunca mais seguirei tua sorte pálida. Quem algo almeja e não o aceita, quando lho oferecem, jamais volta a encontrá-lo.

POMPEU — À saúde de Lépido!

ANTÔNIO — Levai-o para terra. Pompeu, falo eu por ele.

ENOBARBO — À tua, Menas! MENAS — Enobarbo, salve!

POMPEU — Enchei a taça até que suma toda.

ENOBARBO — Ali está um tipo bem forte, Menas.

(*Apontando para o criado que sai carregando Lépido.*)

MENAS — Por quê?

ENOBARBO — Ora, homem! Pois vai carregando uma terça parte do mundo, não estás vendo?

MENAS — Bêbeda se acha essa terceira parte. Se assim o mundo todo se encontrasse, andaria de rodas.

ENOBARBO — Então bebe também; aumenta as rodas.

MENAS — Vamos.

POMPEU — Ainda falta muito para que isto se transforme em festim de Alexandria.

ANTÔNIO — Está perto. Batei as taças, oh!

Agora para César!

CÉSAR — Poderia passar sem isso agora? É esforço insano verificar que quanto mais o cérebro tento lavar, mais ele se me enturva.

ANTÔNIO — Sê filho de teu tempo.

CÉSAR — Não, domina-o; é como te respondo. Preferira passar sem comer nada quatro dias, a beber tanto num.

ENOBARBO (*A Antônio*) — Meu bravo imperador, não dançaremos agora a bacanal egípcia, para chorar a bebedeira?

POMPEU — Vamos, mostra-nos, camarada, como é.

ANTÔNIO — Às mãos nos demos, até que o vinho vencedor nos tenha mergulhado os sentidos no suave e delicado Lete.

ENOBARBO — Às mãos trancemos; os ouvidos deixemos atordoados com música bem forte. Nesse em meio, designarei a todos seus lugares. Este rapaz dará começo ao canto. Dirão a um tempo todos o estribilho com tanta força quanto permitirem os pulmões resistentes.

Canção.

Vem depressa, rei do vinho, nédio Baco em desalinho. Acabemos com as dietas em tuas tinas repletas, e grinaldas de teus ramos em torno à frente ponhamos. Mais vinho! Que vire o mundo! Mais vinho! Que vire o mundo!

CÉSAR — Que quereis mais? Pompeu muito boa noite. Permitti, caro mano, que vos leve. Nossos graves cuidados nos censuram por esta leviandade. Meus senhores, fiquemos por aqui, pois estais vendo que em brasa o rosto temos. O fortíssimo Enobarbo é mais fraco do que o vinho, fendendo minha língua quanto eu digo. Estas vestes selvagens, em palhaços a todos nós mudaram. Que diremos ainda? Boa noite. Caro Antônio, dá-me a mão.

POMPEU — Vou levar-vos até à praia.

ANTÔNIO — Pois não, senhor; aceito vossa oferta. Sim, dai-me a mão.

POMPEU — Antônio, arrebatastes-me a casa de meu pai. Mas pouco importa; somos amigos. Vamos para o bote.

ENOBARBO — Tomai cuidado para não cairdes. (*Saem Pompeu, César, Antônio e criados.*) Menas, não saltarei.

MENAS — De forma alguma. Para o meu camarote. Esses tambores! essas trombetas! essas flautas! Ouve Netuno, a despedida barulhenta que damos a esses grandes companheiros. Vamos! Barulho, vamos! Que se enforcem! (*Toque de trombeta, e tambores.*)

ENOBARBO — Urra! é o que eu digo. Eis o meu gorro.

MENAS — Urra! Meu nobre capitão, avante! (*Saem.*)

ATO III

Cena I

*Planície na Síria Entra Ventídio em triunfo, com Sílio e outros romanos; Oficiais e soldados. A frente é trazido o corpo de Pacoro.*

VENTÍDIO — Dardos da Pártia, fostes subjogados e agora vingador a sorte amável do trespasse me faz de Marco Crasso. Ponde à frente do exército o cadáver do filho do monarca. Teu Pacoro, Orodes, isto paga a Marco Crasso.

SÍLIO — Nobre Ventídio, enquanto tua espada com o sangue parto ainda se encontra quente, persegue os fugitivos, pela Média, pela Mesopotâmia, nos abrigos em que eles, dispersados, se acolheram. Assim, teu grande capitão Antônio te cingirá a frente com guirlandas, carregando-te em carro de triunfo.

VENTÍDIO — Ó Sílio! Sílio! Fiz o suficiente. Um subalterno — toma nota — nunca deve fazer qualquer ação brilhante. Pois Sílio, aprende que é de mais proveito deixar de fazer algo do que fama

adquirir por um feito, quando ausente se encontrar nosso chefe. Antônio e César sempre ganharam mais por seus prepostos do que por eles mesmos. O tenente de Antônio, meu antecessor na Síria, Sóssio, alto nome havendo conquistado rapidamente, por vitórias múltiplas, perdeu o favor dele. Quem na guerra faz mais que o capitão, cedo transforma-se em capitão do próprio capitão. A ambição, que é a virtude do soldado, prefere uma derrota a uma vitória que venha a desservi-la. Eu poderia fazer muito mais coisas para Antônio; mas isso fora ofensa, e nessa ofensa naufragara meu mérito.

SÍLIO — Ventídio, és dotado de certas qualidades sem as quais um soldado e sua espada mal podem distinguir-se. Não pretendes escrever para Antônio?

VENTÍDIO — Humildemente lhe comunicarei o que em seu nome — essa palavra mágica da guerra — pudemos realizar, como, com suas bandeiras e seus homens mui bem pagos, do campo escorraçamos os cavalos jamais batidos dos soldados partos.

SÍLIO — Onde está ele agora?

VENTÍDIO — Pretendia ir para Atenas, onde é nosso intento procurá-lo com a pressa permitida pelo peso do espólio que levamos. Sigamos logo. Avante!

(*Saem.*)

Cena II

*Roma. Um quarto em casa de César. Entram Agripa e Enobarbo, por lados diferentes.*

AGRIPA — Como! Os manos já foram?

ENOBARBO — Assentaram com Pompeu alguns pontos importantes. Pompeu já foi; os outros três se ocupam em selar o tratado. Otávia chora por deixar Roma; César está triste; Lépido, desde a festa de Pompeu, como diz Menas, sofre de icterícia.

AGRIPA — Como Lépido é nobre!

ENOBARBO — Primoroso! E como ele ama César!

AGRIPA — Certo! Certo! Mas também como adora Marco Antônio!

ENOBARBO — César? Oh! Ele é o Júpiter dos homens.

AGRIPA — E Antônio que será? O deus de Júpiter.

ENOBARBO — Falais de César? Oh! é sem segundo!

AGRIPA — Oh Antônio, Antônio! Pássaro da Arábia!

ENOBARBO — Para elogiarmos César, é bastante dizermos “César”, sem nenhum acréscimo.

AGRIPA — Oh! ele soube dispensar a ambos os elogios mais extraordinários.

ENOBARBO — Mas ama mais a César. Ama a Antônio. Oh! línguas, corações, pintores, bardos, poetas, escritores não conseguem pensar, falar, cantar, plasmar, dar forma, ah! ao amor que a Antônio ele dedica. Mas em frente de César, ajoelhai-vos, caí de joelhos e mostrai espanto.

AGRIPA — Dedicar amor aos dois.

ENOBARBO — Eles os élitros são daquele que é escaravelho de ambos.

*(Trombetas dentro.)* É o toque de montar. Adeus, Agripa.

AGRIPA — Adeus, digno soldado. Muita sorte. *(Saem.)*

*(Entram César, Antônio, Lépido e Otávia.)* ANTÔNIO — Não mais longe, senhor.

CÉSAR — Levais de mim uma porção bem grande. Nela me dai condigno tratamento. Mana, revela-te uma esposa como penso que és em verdade e como as minhas mais altas esperanças o desejam. Meu nobre Antônio, não deixeis que o esteio de virtude que entre nós dois pusemos, para firmar de vez nossa amizade, no aríete se mude, destinado a sacudir-lhe as bases. Melhor fora para nós dois que amado nos tivéssemos sem este traço de união, que virmos em qualquer tempo a não lhe querer muito.

ANTÔNIO — Não me ofendais com vossa desconfiança.

CÉSAR — Tenho dito.

ANTÔNIO — Por mais que vos mostrásseis exagerado nisso, nunca havíeis de achar um traço ao menos do que tanto manifestais receio. Assim, que os deuses vos amparem, deixando concertados a vossos fins os corações romanos. Aqui nos despedimos.

CÉSAR — Adeus. Adeus, também, irmã querida. Sejam-te os elementos generosos, deixando-te os sentidos bem-dispostos. Adeus.

OTÁVIA — Meu nobre mano

ANTÔNIO — Abril tem ela nos olhos, primavera dos amores, que por esse aguaceiro é conduzida. Fica alegre.

OTÁVIA — Senhor, olhai a casa de meu marido, e...

CÉSAR — Que disseste, Otávia? OTÁVIA — Vou dizer-vo-lo no ouvido.

ANTÔNIO — Ao coração desobedece a língua, tal como aquela a esta. De igual modo, no alto da onda mantém-se a plumazinha do cisne, à maré cheia, sem voltar-se para lado nenhum.

ENOBARBO *(à parte, a Agripa)* — Será que César vai chorar?

AGRIPA — Uma nuvem tem no rosto.

ENOBARBO — Isso já fora ultraje num cavalo. Que não será num homem?

AGRIPA — Enobarbo, ao ver Antônio a Júlio César morto, quase rugiu de dor, e chorou muito quando morto em Filipos achou Bruto.

ENOBARBO — Naquele ano ele andava endefluxado. Chorava o que ele destruiu de grado? Só se eu também chorar é que hei de crê-lo.

CÉSAR — Não, doce Otávia, mandarei notícias; o tempo não apaga tua imagem.

ANTÔNIO — Vamos, senhor. Quero lutar convosco com respeito ao amor. Eis meu abraço. Deste modo vos solto e vos entrego à proteção dos deuses.

CÉSAR — Passai bem. Sede feliz.

LÉPIDO — Que todas as estrelas te iluminem a estrada.

CÉSAR — Adeus. (*Beija Otávio.*) ANTÔNIO — Adeus.

(*Soam trombetas. Saem.*)

### Cena III

*Alexandria. Um quarto no palácio. Entram Cleópatra, Charmian, Iras e Alexas.*

CLEÓPATRA — Onde está o homem? ALEXAS — Não quer vir; tem medo.

CLEÓPATRA — Vai, vai buscá-lo. (*Entra o mensageiro.*) Vinde aqui, senhor.

ALEXAS — Bondosa Alteza, Herodes da Judéia a olhar-vos não se atreve senão quando vos achais bem-disposta.

CLEÓPATRA — É meu desejo vir a ter a cabeça desse Herodes. Mas para quem hei de pedi-la, estando de lá ausente Antônio? Isso, aproxima-te.

MENSAGEIRO — Graciosa majestade! CLEÓPATRA — Viste Otávia?

MENSAGEIRO — Vi, sim, rainha venerável. CLEÓPATRA — Onde?

MENSAGEIRO — Senhora, em Roma. Contemplei-lhe o rosto e vi-a entre o irmão dela e Marco Antônio.

CLEÓPATRA — É tão alta quanto eu? MENSAGEIRO — Não é, senhora.

CLEÓPATRA — Falar a ouviste? Fala baixo ou alto?

MENSAGEIRO — Ouvi, sim; fala baixo.

CLEÓPATRA — É mau indício; ele não a amará por muito tempo.

MENSAGEIRO — Como! Amá-la? Oh, por Ísis!

Impossível.

CLEÓPATRA — É também o que eu penso. Charmian, fala sossegada e é baixota. E sua marcha, revela majestade? Pensa nisso, se é que já contemplaste majestade.

MENSAGEIRO — Ela se arrasta, tanto faz mover-se como ficar parada, é a mesma coisa. Parece mais cadáver do que gente, estátua pura, não dotada de alma.

CLEÓPATRA — Estais seguro disso? MENSAGEIRO — Salvo se olhos eu não tiver.

CHARMIAN — Não temos três pessoas no Egito que melhor observar saibam.

CLEÓPATRA — Ele sabe o que diz, estou notando. Então ela carece de atrativos. Este homem sabe ajuizar as coisas.

CHARMIAN — Otimamente.

CLEÓPATRA — E a idade dela? Quantos anos terá?

MENSAGEIRO — Ela era viúva, minha senhora.

CLEÓPATRA — Charmian, escuta: viúva! MENSAGEIRO — Penso que tem trinta anos.

CLEÓPATRA — E o feitio do rosto, ainda te lembrás? É redondo ou alongado?

MENSAGEIRO — Oh! bem redondo; chega a ser defeituosa.

CLEÓPATRA — A maior parte das pessoas assim são abobadas. E de que cor são os cabelos dela?

MENSAGEIRO — Senhora, escura, e tem tão baixa fronte quanto ela própria desejar pudera.

CLEÓPATRA — Recebe este ouro. A mal levar não deves minha aspereza de antes. Tenho ideia de encarregar-te novamente disso, pois vejo que dás conta do recado. Vai preparar-te. As cartas estão prontas.

(*Sai o mensageiro.*)

CHARMIAN — É um sujeito capaz. CLEÓPATRA — Muito, realmente.

Pesa-me,  
agora, tê-lo molestado. Por sua descrição essa



criatura não vale grande coisa.

CHARMIAN — Nada, nada, minha senhora. CLEÓPATRA — Ele já viu, decerto, majestade, sabendo, porventura...

CHARMIAN — Se já viu majestade? Isis me ampare! Servindo-vos aqui há tanto tempo?

CLEÓPATRA — Tenho uma coisa ainda a perguntar-lhe, boa Charmian. Mas isso pouco importa. Leva-o para onde eu vou fazer as cartas. Talvez ainda conciliemos tudo.

CHARMIAN — Garanto-vos, senhora. (*Saem.*)

Cena IV

*Atenas. Um quarto em casa de Antônio. Entram Antônio e Otávia.*

ANTÔNIO — Não, não Otávia; não é isso apenas. Isso fora escusável, isso e inúmeros outros fatos iguais. Recentemente contra Pompeu abriu de novo guerra; o testamento fez e leu-o em público. Falou de mim mui perfunctoriamente, e quando tinha de prestar-me homenagem, expressava-se com frieza e a contragosto, só medindo-me por bitola acanhada. Quando tinha boa oportunidade, desprezava-a, de caso bem pensado, ou mui de leve, tão-somente, a pegava.

OTÁVIA — Ó caro esposo! não deis crédito a tudo, ou, caso o derdes, não leveis tudo a mal. Mulher alguma mais infeliz — se vier a tomar vulto tal desinteligência — colocada se viu entre os dois campos contendores a rezar pelos dois. Hão de zombar de mim os deuses plácidos, quando rezar me ouvirem: “Protegei meu senhor e marido!” e, destruindo logo após esse voto, exclamar a l t o: “Protegei meu irmão!” Vença o marido, vença o irmão... um pedido destrói o outro. Nesses extremos não há meio termo.

ANTÔNIO — Nobre Otávia, coloca o teu afeto onde ele possa ser mais bem guardado. Se eu perder a honra, perco-me a mim mesmo. Prefiro não ser vosso, a pertencer-vos tão desganhado assim. Mas acedendo no que pedis, fareis de medianeira entre mim e ele. Nesse meio tempo, senhora, tratarei dessa campanha que a vosso irmão irá deixar na sombra. Se puserdes bastante pressa nisso, realizados vereis vossos desejos.

OTÁVIA — Obrigada vos fico. O poderoso Júpiter fez de mim, fraca, tão fraca, vossa conciliadora. Uma contenda entre vós, fora como se o universo viesse a rachar, devendo corpos mortos soldar a grande fenda.

ANTÔNIO — Logo que virdes de onde vem a causa do dissídio entre nós, para essa banda fazei pender o vosso desgosto. Pois nunca poderão ser nossas faltas tão iguais que mereçam tratamento igual de vosso amor. Cuidai da viagem. Vós mesma escolhereis as componentes de vosso séquito e fareis o cômputo das despesas que achardes necessárias.

(*Saem.*)

Cena V

*O mesma no Outro quarto. Entram Enobarbo e Eros, que se encontram.*

ENOBARBO — Então, amigo Eros!

EROS — Chegaram notícias muito estranhas, senhor.

ENOBARBO — Que notícias, homem? EROS — César e Lépidio atacaram Pompeu.

ENOBARBO — Ora, isso já é velho. E qual foi o resultado?

EROS — César, tendo-se aproveitado de Lépidio na guerra contra Pompeu, recusou-se a reconhecer nele um seu igual, não permitindo que lhe tocasse nenhuma parte da glória desse feito. E sem parar aí, acusa-o, ainda, de haver escrito antes a Pompeu, motivo por que o prendeu, com base na acusação por ele próprio formulada. Assim, o pobre triúnviro está na grade, até que a morte alargue sua prisão.

ENOBARBO — Desse modo ficaste — ó mundo, apenas com um par de queixadas, e ainda mesmo que entre elas jogues tudo o que tiveres, entre si não de moer-se. Onde está Antônio?

EROS — Passeia no jardim — assim — e pisa a erva que acha, a excluir de quando em quando: “Que estúpido, esse Lépido!” o pescoço do oficial ameaçado que sem vida deixou Pompeu.

ENOBARBO — Aparelhada nossa grande esquadra se encontra.

EROS — Para o ataque contra César e a Itália. Mais, Domínio; meu amo quer falar-vos com urgência. Depois vos contarei o que ainda falta.

ENOBARBO — Há de ser quase nada. Pouco importa. Levai-me a Antônio.

EROS — Então, senhor, segui-me. (*Saem.*)

Cena VI

*Roma. Um quarto em casa de César. Entram César, Agripa e Mecenas.*

CÉSAR — Em menoscabo a Roma fez tudo isso, mas em Alexandria fez pior. Passou-se assim: em meio à praça pública em tronos de ouro, sobre uma tribuna de prata ele e Cleópatra se achavam. Aos pés deles Cenário se encontrava, que é filho de meu pai, segundo dizem, e todos os produtos ilegítimos a que a lascívia deles dois deu vida. Então Antônio conferiu a Cleópatra o governo do Egito e proclamou-a soberana absoluta não somente de Chipre e Lídia, mas da baixa Síria.

MECENAS — E isso à vista de todos?

CÉSAR — No recinto público das ginásticas. O filho dele foi proclamado rei dos reis. A Alexandre ele deu a grande Média, a Pátria e a Armênia; enfim, a Ptolomeu a Fenícia doou, Síria e Cilícia. Nesse dia Cleópatra vestiu-se como a deusa Isis, sendo voz corrente que desse jeito, muitas vezes, antes ela audiência já deu.

MECENAS — É necessário que Roma saiba disso.

AGRIPA — Já bastante desgostosa com seu descaramento, de toda estima há de privá-lo logo.

CÉSAR — O povo sabe disso; as queixas dele já foram feitas.

AGRIPA — A quem ele acusa?

CÉSAR — A César, alegando que, após termos na Sicília tomado todo o espólio de Pompeu, a lhe dar nos recusamos a sua parte da ilha. Alega, ainda, que eu não lhe devolvi alguns navios que me havia emprestado. Finalmente, acha-se estomagado por ter Lépido perdido o triunvirato e nós nos termos apossado de todos os bens dele.

AGRIPA — É preciso, senhor, responder a isso.

CÉSAR — Já foi feito. Partiu o mensageiro. Fiz-lhe ver como Lépido se tinha mostrado muito cruel e que abusara de sua autoridade, merecendo, por isso, tal castigo. Nas conquistas feitas por mim ele teria parte; porém que a mesma coisa eu exigia de sua Armênia e de outros reinos que ele havia conquistado.

MECENAS — Nunca ele há de conceder esse ponto.

CÉSAR — Nesse caso naquele outro também não cederemos.

(*Entra Otávia, com seu séquito.*)

OTÁVIA — Salve, senhor! Meu caro César, salve!

CÉSAR — Chegar a ver-te um dia repudiada!

OTÁVIA — Nunca assim me chamastes; não há causa.

CÉSAR — Por que vens surpreender-nos desse modo? Não te apresentas como irmã de César. A consorte de Antônio deveria ter como introdutor um grande exército, servindo-lhe o relincho dos cavalos de sinal de chegada, muito tempo antes de ela surgir. Por toda a estrada carregadas as árvores deviam mostrar-se de homens e a curiosidade definhava por querer o que lhe falta. Mais, ainda: até à abóboda celeste chegar devia a poeira, levantada pela população cheia de júbilo. Mas como rapariga do mercado viestes a Roma, assim deixando frustras as

manifestações de meu afeto que, muitas vezes, sem ser visto, fica também sem ser amado. Deveríamos ter ido ao vosso encontro assim em terra como no mar, as estações enchendo de saudações crescentes.

OTÁVIA — Meu bondoso senhor, não vim forçada desse jeito, mas por livre vontade. Meu marido, Marco Antônio, ao saber que vos armáveis para a guerra, instruções deu minuciosas a meu aflito ouvido. Obtive dele permissão para vir.

CÉSAR — Por ele dada com presteza, por serdes um obstáculo posto entre ele e a lascívia.

OTÁVIA — Não, bondoso senhor; não digais isso.

CÉSAR — Tenho-o sempre de olho; o vento me traz notícias dele. Em que lugar ele se encontra agora?

OTÁVIA — Em Atenas, senhor.

CÉSAR — Não é verdade, muito enganada irmã; já lhe fez Cleópatra sinal, chamando-o. A uma prostituta deu ele seu império, e os reis da terra ambos, agora, para a guerra incitam. Assim, já convocou Baco, da Líbia, o rei da Paflagônia, Filadelfo, Abdala, rei da Trácia, o rei do Ponto, Herodes da Judéia, o soberano da Capadócia, que Arquelau se chama, Mitridates de Comagene, Amintas e Polemão, de Licaônia e Média, e outra lista maior de reis cetrados.

OTÁVIA — Ai de mim, infeliz, que dividido tenho ora o coração entre dois seres que reciprocamente se maltratam!

CÉSAR — Sede bem-vinda. Retardaram vossas cartas vossa partida. Desejávamos, convencer-nos, também, de quanto tínheis sido ultrajadas, e nós assim, corrido grande risco com tanta negligência. Reanimai-vos, sem vos amofinardes com o presente que sobre vossa dita tantas preocupações tem atirado. Sem nos queixarmos, aceitemos quanto nos impõe o destino no seu curso. A Roma sois bem-vinda. Sobretudo vos dedico afeição. Não pode a mente conceber quanto fostes ultrajada. Os altos deuses, para vos fazerem justiça, em seus ministros nos transformam e a todos que vos prezam. Reanimai-vos e sede sempre para nós bem-vinda.

AGRIPA — Sois bem-vinda, senhora. MECENAS — Mui prezada senhora, sois bem-

vinda. Todos os corações de Roma, a um tempo, vos amam e lastimam. Só o adúltero Antônio, inteiramente mergulhado em suas ignomínias, vos repele e seu poder a uma rameira entrega, que contra nós atroa.

OTÁVIA — É assim, senhor?

CÉSAR — Decerto. Mana, sois bem-vinda.

Tende paciência, por obséquio, irmã querida! (*Saem.*)

## Cena VII

*Acampamento de Antônio, junto do promontório de Actio. Entram Cleópatra e Enobarbo.*

CLEÓPATRA — Certeza podés ter de que haveremos de ficar quites.

ENOBARBO — Mas por quê? Por quê?

CLEÓPATRA — Por desaconselhades minha vinda a esta guerra, julgando-a deslocada.

ENOBARBO — E dai? E dai?

CLEÓPATRA — Ainda mesmo que não houvesse sido declarada contra nós, por que não comparecermos em pessoa a esta guerra?

ENOBARBO (*à parte*) — Poderia dizer que se trouxéssemos cavalos e éguas para a campanha, ficaríamos sem cavalos, que as éguas se veriam a carregar forçadas os cavalos e os cavaleiros.

CLEÓPATRA — Que é que estás dizendo?

ENOBARBO — Vossa presença embarçaria Antônio, reclamar-lhe-ia o coração, o cérebro, fá-lo-ia perder tempo, justamente quando nada desviar nos é possível. Já o

acoimam de fútil, comentando-se em Roma que esta guerra é dirigida pelo eunuco Fotino e vossas criadas.

CLEÓPATRA — Desapareça Roma e que apodreçam todas as línguas que de nós falarem. Tenho função nesta campanha, e como cabeça de meu reino hei de mostrar-me soldado de valor. Não me retruques; não ficarei atrás.

ENOBARBO — Estou calado. Aí vem o imperador.

*(Entram Antônio e Canídio.)*

ANTÔNIO — Não te parece muito estranho, Canídio, que ele tenha, partindo de Tarento e de Brundísio, tão velozmente atravessado o Jônio e tomado Torine? Não Ouvistes falar nisso, querida?

CLEÓPATRA — Os negligentes é que a celeridade mais admira.

ANTÔNIO — Excelente resposta, que ficaria muito bem no melhor dos combatentes, visando a repreender a negligência. No mar, Canídio, vou lutar com ele.

CLEÓPATRA — No mar? Que há mais?

CANÍDIO — Por que vai fazer isso, meu senhor?

ANTÔNIO — Porque fomos desafiados. ENOBARBO — Meu senhor poderia desafiá-lo, se assim é, para duelo.

CANÍDIO — Justamente, e trazê-lo a Farsália, para o embate, onde Pompeu e César se encontraram. Propostas que lhe são desfavoráveis são sempre recusadas. Deveríeis fazer como ele faz.

ENOBARBO — Vossos navios estão mal equipados; a maruja se compõe de azeméis e segadores, gente alistada compulsoriamente. Nos navios de César se acham muitos que já contra Pompeu provados foram. Seus barcos são ligeiros; mais pesados, todos os vossos. Não será desonra nenhuma recusardes um combate no mar, se forte vos achais em terra.

ANTÔNIO — No mar! No mar!

ENOBARBO — Meu muito digno chefe, abris mão, desse modo, da absoluta supremacia que no firme tendes; enfraqueceis o exército, composto, em sua maioria, de pedestres já provados na guerra; sem proveito vossa fama deixais e a alta experiência, desviái-vos do caminho que promete melhor sucesso, para vos lançardes nos perigos do azar, abandonando de todo a segurança.

ANTÔNIO — Vou bater-me no mar.

CLEÓPATRA — Dou-vos sessenta embarcações. César não tem melhores.

ANTÔNIO — Queimaremos nosso excesso de barcos. Com os restantes, bem tripulados, bateremos César, quando ele vier se aproximando de Actio. No caso de perdermos, poderemos desbaratá-lo em terra. *(Entra um mensageiro.)* Que notícias?

MENSAGEIRO — É certo, meu senhor, ele está à vista. César tomou Torine.

ANTÔNIO — Ele, em pessoa, lá! Não é possível. E estranho que tivesse tanta força. Em terra tomarás conta de nossas dezenove legiões, Canídio, e nossos doze mil de cavalo. Para bordo! Vem, minha Tétis.

*(Entra um soldado.)*

SOLDADO — Ó nobre imperador, não combatais no mar, não ponhais vossa confiança em pranchas podres. Por acaso já não confiais neste meu gládio e nestas extensas cicatrizes? Que os egípcios e os fenícios mergulhem; nós estamos afeitos a vencer em terra firme, lutando pé com pé.

ANTÔNIO — Bem, bem, sigamos! *(Saem Antônio, Cleópatra e Enobarbo.)*

SOLDADO — Por Hércules! no entanto, estou convicto de que tenho razão.

CANÍDIO — Tens, sim, soldado; mas é que os atos dele já não se acham guiados pela razão, pois dirigido vai sendo quem devia dirigir-nos, e a soldados ficamos reduzidos de uma mulher, apenas.

SOLDADO — O comando de todos os cavalos e dos homens de pé vos foi confiado, não é verdade?

CANÍDIO — Marco Otávio e também Marco Justeio com Públicola e Célio o mar dirigem. Nós temos ordem de ficar em terra. É incrível essa rapidez de César.

SOLDADO — Em Roma estando ele ainda, suas forças iam saindo em tão pequenos grupos que a todos os espiões mistificavam.

CANÍDIO — Quem os comanda, sabereis dizer-me?

SOLDADO — Um Tauro, dizem. CANÍDIO — Ah! Conheço o homem. (*Entra um mensageiro.*)

MENSAGEIRO — O imperador mandou chamar Canídio.

CANÍDIO — De novidades está prenhe o tempo; nasce uma a cada instante. (*Saem.*)

### Cena VIII

*Planície perto de Actio. Entram César, Tauro, oficiais e outras pessoas.*

CÉSAR — Tauro! TAURO — Senhor?

CÉSAR — Evita choque em terra; não espalhes os homens; não provoques a batalha sem que no mar tenhamos decidido. Atém-te às instruções aqui exaradas. Nossa sorte depende deste lanço.

(*Saem.*)

(*Entram Antônio e Enobarbo.*)

ANTÔNIO — Põe nossos esquadrões naquele lado do monte, olhando o exército de César. Divisamos dali todos os barcos, para agirmos de acordo.

(*Saem.*)

(*Entra Canídio com sua força de terra, e marcha por um lado da cena; Tauro, tenente de César, marcha pelo outro lado. Depois de passarem, ouve-se o ruído do combate naval.*)

(*Alarma. Volta Enobarbo.*)

ENOBARBO — Está tudo perdido! Tudo, tudo! Ver isso é-me impossível. A Antonfada, a capitânia egípcia, juntamente com seus sessenta barcos, vira bordo, pondo-se em fuga. Isso me estraga a vista.

(*Entra Escaro.*)

ESCARO — Deuses e deusas e o concílio inteiro!

ENOBARBO — Por que essa exclamação?

ESCARO — A mais notável porção do mundo vai ficar perdida, por simples ignorância. Entre dois beijos abrimos mão de remos e províncias.

ENOBARBO — E a pugna, como está!

ESCARO — De nossa parte, como a peste, em que a morte é inevitável. A marafona egípcia — possa a lepra levá-la de uma vez! — em plena luta, quando a fortuna, como um par de gêmeos se comportava, mas o nosso um tanto maior, ao parecer, tal como a vaca de Juno, que o tavorado exasperasse, iça velas e foge.

ENOBARBO — Presenciei isso, os olhos me doeram ante esse quadro, sem que suportassem contemplá-lo mais tempo.

ESCARO — Uma vez ela virada a barlavento, a nobre ruína de seu feitiço, Antônio, tatalando suas asas marinhas, como pato no cio, deixa a pugna, no momento culminante, e em pós dela sai fugindo. Jamais vi ato de tamanho opróbrio. A experiência, a coragem, a honra nunca se rebaixaram tanto.

ENOBARBO — Oh céus! Oh céus! (*Entra Canídio.*)

CANÍDIO — Nossa sorte no mar está sem fôlego e naufraga por modo lamentável. Se nosso general tivesse sido o que ele sabe ser, à maravilha tudo, então, nos correria. Seu exemplo oprobrioso nos serviu de norma, para também fugirmos.

ENOBARBO — Ah! Chegastes a esse ponto? Boa noite, então.

CANÍDIO — Fugiram para o Peloponeso.

ESCARO — Será fácil chegarmos até lá, onde pretendo aguardar o que o tempo nos reserva.

CANÍDIO — Vou entregar a César meus cavalos e todas as legiões. Seis reis a estrada que vai à rendição já me indicaram.

ENOBARBO — Continuarei a acompanhar a sorte malferida de Antônio, muito embora se sente contra mim o entendimento na corrente do vento.

(*Saem.*)

Cena IX

*Alexandria. Um quarto no palácio. Entram Antônio e criados.*

ANTÔNIO — Alto! A terra não quer que eu pise nela; tem vergonha de mim. Amigos, vinde! De tal modo atrasei-me neste mundo, que para sempre me desviei da estrada. Tenho um navio carregado de ouro. Ficai com ele e dividi-o; as pazes fizeti com César.

CRIADOS — Como! Nós, fugirmos?

ANTÔNIO — Eu não fugi? Não ensinei aos fracos de que modo correr e virar costas? Amigos, ide; entrei por um caminho que de vós não precisa. Abandonai-me. No porto se acha o meu tesouro; é vosso. Oh! fui ao encalço do que neste instante me faz ficar corado só de olhá-lo. Revolta sinto até nestes cabelos, pois os brancos acusam de imprudência aos pretos, assacando estes àqueles só medo e presunção. Amigos, ide. Vou escrever a alguns amigos para que a estrada vos aplane. Por obséquio, não fiqueis tristes, nem me deis respostas a contragosto. Aproveitai o aceno que vos dirijo em tanto desespero. Abandonai quem a si mesmo deixa. Ide diretamente para a praia, lá vos entregarei o barco e o ouro. Deixai-me alguns instantes, por obséquio. Fazei isso, vos peço, que, em verdade, ordens já não sei dar. Por isso, peço. Dentro de pouco havemos de rever-nos.

(*Senta-se.*)

(*Entra Cleópatra conduzida por Charmian e Iras; Eros a segue.*)

EROS — Senhora, ide falar-lhe, consolai-o. IRAS — Sim, fazei isso, cara soberana.

CHARMIAN — Fazei, fazei! Que mais? CLEÓPATRA — Quero sentar-me. Oh, Juno! ANTÔNIO — Não, não, não, não!

EROS — Senhor, não a estais vendo? ANTÔNIO — Oral Ora!

CHARMIAN — Senhora!

IRAS — Minha senhora! Boa soberana! EROS — Senhor! Senhor!

ANTÔNIO — É certo, meu senhor. Ele, em Filipos levava a espada como um dançarino, enquanto eu abatia o magro Cássio e liquidava o tresloucado Bruto. Tudo o que ele fazia era por meio dos tenentes, sem ter nenhuma prática dos destemidos esquadrões da guerra. No entanto, agora... Pouco importa.

CLEÓPATRA — Ah! Fica!

EROS — É a rainha, senhor: a soberana.

IRAS — Senhora, ide falar-lhe. Ele está fora de si, inteiramente, de vergonha.

CLEÓPATRA — Pois que seja. Amparai-me. Oh!

EROS — Muito nobre senhor, eis a rainha.

Levantai-vos. A cabeça pendida, a morte dela se amparará, se não lhe fordes logo levar algum consolo.

ANTÔNIO — Ofendi minha glória enormemente. Um desvio, privado de nobreza.

EROS — A rainha, senhor.

ANTÔNIO — Para onde, Egito, me conduziste? Vê como eu afasto de tua vista meu imenso opróbrio, olhando para trás de mim e vendo quanto ficou em ruína e desonrado.

CLEÓPATRA — Ó, meu senhor, perdoai as minhas velas medrosas, em excesso. Não pensava que podíeis seguir-me.

ANTÔNIO — Tu sabias perfeitamente, Egito, que em teu leme com fio atado o coração eu tinha, e que me levarias arrastado. Tinhas consciência da supremacia que sobre mim exerces e que a um simples aceno teu eu infringira as ordens dos próprios deuses.

CLEÓPATRA — Oh! perdão!

ANTÔNIO — Agora será preciso que a esse moço eu mande proposições humildes, que me valha de fingimentos e desvios longos, de traças vergonhosas, eu,

que tinha meio mundo nas mãos, como brinquedo, e carreiras fazia e desfazia. Sabias muito bem quanto me tinhas sob teu domínio, e que esta minha espada tornada fraca pelo amor, só a este, em qualquer circunstância, obedecera.

CLEÓPATRA — Perdão! Perdão!

ANTÔNIO — Não, não chores. Só uma dessas lágrimas vale mais do que tudo que eu perdesse. Dá-me um beijo; já estou com isto pago. Mandamos nosso preceptor falar-lhe. Já retornou? Amor, sinto-me agora como se fosse chumbo! — Tragam vinho! Aí! Tragam comida! — Sabe a sorte que quanto mais apanho mais sou forte.

(*Saem.*)

#### CENA X

*Egito. Acampamento de César. Entram César, Dolabela, Tireu e outros.*

CÉSAR — Que entre o enviado de Antônio. Conhecei-lo?

DOLABELA — César, é o preceptor dos filhos dele. Preciso é que ele esteja depenado completamente, para que nos mande uma pena tão fraca, ele que tinha, não há bastantes luas, soberanos como seus mensageiros.

(*Entra Eufrônio.*)

CÉSAR — Entra e fala.

EUFRÔNIO — Tal como sou, da parte vim de Antônio. Até bem pouco eu era tão pequeno para seus planos como o fresco orvalho numa folha de mirto, comparado com a grandeza do mar.

CÉSAR — Que seja assim. Dá logo o teu recado.

EUFRÔNIO — Ele te envia saudares, como ao dono de sua sorte, e te pede poder viver no Egito.

Sendo-lhe isso negado, diminui de muito seu pedido, suplicando-te que respirar o deixes entre a terra e ao alto céu, como cidadão de Atenas. Quanto a ele, só. E agora, quanto a Cleópatra: ante tua grandeza ela se inclina, ao teu poder se entrega e de ti pede deixar para seus filhos o diadema dos Ptolomeus, de que dispõe tua graça.

CÉSAR — Dize a Antônio que ouvidos não possuo para quanto ele diga. A soberana não ficará sem ser ouvida, sendo-lhe concedido o que pede, se ao Egito ela expulsar seu degradado amigo, ou lá mesmo o matar. Fazendo ela isso, não pedirá em vão. Para ambos disse.

EUFRÔNIO — Que te diga a Fortuna.

CÉSAR — Acompanhai-o com uma escolta pelo Acampamento. (*Sai Eufrônio.*) (*A Tireu.*) Chegou o momento de experimentares tua eloquência. Põe bem depressa nisso. De Cleópatra separa Marco Antônio. Concede em nosso nome tudo quanto te pedir, e oferece o que julgares conveniente inventar. Nos dias prósperos as mulheres não são bastante fortes, mas a necessidade leva à quebra dos votos a vestal nunca tocada. Tireu, revela tua habilidade e faze o edito para o teu trabalho, que, como lei, por tudo respondemos.

TIREU — Partirei, César.

CÉSAR — Vê como é que Antônio recebe esse revés e nos transmite teu modo de pensar de como os fatos possam influir nele.

TIREU — Fá-lo-ei, César. (*Saem.*)

#### Cena XI

*Alexandria. Um quarto no palácio. Entram Cleópatra, Enobarbo, Charmian e Iras.*

CLEÓPATRA — Que fazer, Enobarbo, depois disso?

ENOBARBO — Pensar; depois, morrer.

CLEÓPATRA — Quem é culpado: Antônio ou nós?

ENOBARBO — Antônio; apenas ele, que deixou dominar seu apetite, por completo, à razão. Se desertastes da grande face da batalha, cujas filas umas às outras punham medo, por que razão seguir-vos? O prurido de seu afeto não devera

nunca no mando dele influir, principalmente quando o mundo lutava meio a meio, sendo ele o assunto próprio da contenda. Não foi menor opróbrio do que perda correr em pós de vossos estandartes fugitivos, deixando seus navios de todo atarantados.

CLEÓPATRA — Paz, te peço.

(*Entra Antônio com Eufrônio.*) ANTÔNIO — Foi isso que ele disse? EUFRÔNIO — Foi, senhor.

ANTÔNIO — E a rainha achará demência nele, no caso de querer sacrificar-me?

EUFRÔNIO — Isso mesmo.

ANTÔNIO — É preciso que ela o saiba. Basta que envies ao mancebo César esta minha cabeça já grisalha, para que vejas cheios até à borda teus desejos de reinos.

CLEÓPATRA — Como! Tua cabeça, meu senhor?

ANTÔNIO (*a Eufrônio*) — Retorna a César. Dize-lhe que ele a flor da mocidade traz em sua pessoa, de que o mundo alguma coisa espera. Suas moedas, suas legiões, seus barcos poderiam a um covarde servir, sobressaindo-se seus auxiliares tanto sob o mando de César como sob o de uma criança. Assim, o desafio a pôr de lado suas vantagens todas e a medir-se com meu ocaso, espada contra espada, nós dois apenas. Vou escrever-lhe isso. Acompanha-me.

(*Saem Antônio e Eufrônio.*)

ENOBARBO (*à parte*) — Pois não. Seria muito interessante que o vitorioso César degradasse sua felicidade, para aos olhos do público mostrarem-se medindo armas com um espadachim. Vejo que o juízo dos homens é uma parte diminuta de sua sorte. As coisas exteriores as faculdades interiores puxam, para o mesmo sofrerem. Sonhar ele — que tão equilibrado se mostrava — que César cheio vai mandar resposta a sua vacuidade! Derrotaste, César, também o julgamento dele.

(*Entra um criado.*)

CRIADO — Um correio de César

CLEÓPATRA — Como! Agora? Sem mais formalidades? Damas, vede: diante da rosa aberta o nariz tapa os que adoravam o botão fechado. Fazei-o entrar, senhor.

(*Sai o criado.*)

ENOBARBO (*à parte*) — Em luta franca nos encontramos, eu e a honestidade.

Querer ser fiel a um louco, é deixar louco até o próprio dever. Mas quem consegue manter-se fiel a um senhor caído, domina o vencedor de seu próprio amo, e herda um lugar na história.

(*Entra Tireu.*)

CLEÓPATRA — Que manda César?

TIREU — Dir-to-ei à parte.

CLEÓPATRA — São só amigos; fala francamente.

TIREU — Mas amigos, quiçá, também de Antônio?

ENOBARBO — Ele tem precisão, de tantos amigos quanto César; do contrário, nos dispensara a todos. Concordando César com isso, correrá meu amo para ser dele amigo. Quanto aos outros, bem o sabeis, amigos somos sempre de quem for ele amigo, isto é: de César.

TIREU — Que seja, então. Ó tu, rainha ilustre, César te pede que não consideres em tua situação senão apenas que ele é César.

CLEÓPATRA — Adiante. Como príncipe.

TIREU — Ele sabe que é menos por afeto do que por medo que abraçais Antônio.

CLEÓPATRA — Oh!

TIREU — Apiede-se, por isso, dos estragos causados em vossa honra e os considera manchas à força impostas, não buscadas por vontade.

CLEÓPATRA — Ele é um deus, e, assim, conhece a verdade integral. Abandonada não foi minha honra, mas tão-só vencida.

ENOBARBO (*à parte*) — Para disso poder obter certeza vou perguntar a Antônio.

Amigo, amigo, tanta água estás fazendo, que nos basta deixar-te naufragar, pois tua própria querida te abandona. (*Sai.*)



TIREU — Digo a César o que dele almeçais? Pois ele quase pede que supliqueis alguma coisa. Ficaria contente se quisésseis um cajado fazer da sorte dele, para vos apoiardes. Mas ao cúmulo chegara da alegria se me ouvisse dizer que Antônio abandonastes, para vos colocardes sob o amparo dele, o senhor do universo.

CLEÓPATRA — Vosso nome? TIREU — Tireu me chamo.

CLEÓPATRA — Caro mensageiro, dissei ao grande César que eu lhe beijo, por comissão, as mãos conquistadoras. Comunicai-lhe que disposta me acho a lhe depor aos pés minha coroa e, ali mesmo, ajoelhar-me. Revelai-lhe que seu hábito todo-poderoso o destino do Egito irá dizer-me.

TIREU — Muito nobre é o caminho que escolhestes. Quando a sabedoria entra em conflito com a fortuna, se não ousa aquele nada além do possível, abalada não será pelo acaso. Concedei-me depor em vossa mão minha incumbência.

CLEÓPATRA — O pai de vosso César, muitas vezes, quando pensava em conquistar impérios, nesse lugar indigno os lábios punham, que então choviam beijos.

(*Volta Antônio e Enobarbo.*)

ANTÔNIO — Como! Graça? Por Jove atroador!

Quem és maroto?

TIREU — Alguém que apenas executa as ordens do mais poderoso homem, do mais digno de ser obedecido.

ENOBARBO (*à parte*) — Não escapas da chibata.

ANTÔNIO — Aproxima-te! És tu mesma, víbora! Agora — deuses e demônios! — sinto que se me escapa a autoridade. Antes, quando eu gritava “Olá!” tal como criança em jogo, os reis se apressuravam gritando: “Que quereis?” Não tendes ouças? Ainda sou Antônio. (*Entram criados.*) Levai este malandro e chibateai-o!

ENOBARBO (*à parte*) — É melhor provocar um leãozinho do que um leão já velho e moribundo.

ANTÔNIO — Pela lua e as estrelas! Chibateai-o! Embora fossem vinte dos mais fortes tributários de César, se os achasse com tamanho desplante a mão pegando desta... Sim, qual seu nome, depois que ela Cleópatra já, não é? Azorragai-o, amigos, até que ele, como criança, contraia o rosto e compaixão implore. Levai-o bem depressa.

TIREU — Marco Antônio...

ANTÔNIO — Levai-o logo; e, uma vez bem zurzido, trazei-o aqui de novo. Esse laçao de César vai levar-lhe meu recado. (*Saem criados com Tireu.*) Quando vos conheci, já vos acháveis meio passada. Ah! Ter deixado em Roma meu travesseiro, sem pôr nele a marca da cabeça; privar-me de uma prole legítima com minha esposa rara, para abusado assim me ver por uma mulher que dá atenção a parasitas!

CLEÓPATRA — Meu bondoso senhor...

ANTÔNIO — Sempre fostes versátil. Quando o calo criamos no vício — oh opróbrio! — os deuses sábios os olhos nos embuçam, atolando-se no próprio lodo o nosso claro juízo; fazem que nossos erros adoremos, riem de nós, enquanto, mui vaidosos, marchamos para nossa decadência.

CLEÓPATRA — Como! Chegamos a isso?

ANTÔNIO — Fui achar-vos como um bocado frio na travessa do falecido César...

Não, apenas uma migalha para Cneu Pompeu; sem mencionarmos as ardentes horas que a fama não marcou e que soubestes abocar com luxúria. Pois embora possais saber o que é a temperança — disso tenho certeza — nunca a vistes.

CLEÓPATRA — Onde quereis chegar?

ANTÔNIO — Deixar que um tipo que recebe propinas e responde: “Que Deus vos recompense!” se mostre íntimo de minha companheira de folguedos, dessa mão, timbre real, penhor donoso de altivos corações! Oh! se eu me achasse sobre o monte Basan, para mais alto mugir ainda do que os bois de chifre! Tenho razões selvagens para tanto. Moralmente aduzi-las fora como se um pescoço no laço ao seu carrasco agradecesse a grande habilidade. (*Voltam os criados com Tireu.*) Foi chibatado?

PRIMEIRO CRIADO — Sim, senhor; de rijo. ANTÔNIO — Gritou? Pediu perdão?

PRIMEIRO CRIADO — Pediu piedade.

ANTÔNIO — Se teu pai vive, que ele se arrependa de não teres nascido filha dele. Enquanto a ti, reflete o que acontece aos que acompanham César em seu triunfo, Pois só por isso fostes azorragado. Fica com febre doravante, à vista das brancas mãos de uma senhora; treme tão-só de olhar para elas. Vai; retorna para César e dize como foste recebido por mim. Vê: vais dizer-lhe que irritado em excesso ele me deixa, por altivo mostrar-se e desdenhoso, a tocar sempre e sempre a mesma música: o que sou, porém não — o que ele sabe muito bem — o que fui. Isso me irrita, o que ora é muito fácil, porque os astros benfazejos, meus guias até há pouco, vazias suas órbitas deixaram, disparando seus fogos tão-somente nos abismos do inferno. Caso minhas palavras o exasperem, tudo o que houve, lembra-lhe que com ele se acha Hiparco, meu escravo liberto, que, à vontade, pode ele chibatar, pôr a tormentos, enforcar... como queira, para quite ficar comigo. Põe bem depressa nisso. Fora daqui com essas pisaduras!

*(Sai Tireu.)*

CLEÓPATRA — Já terminastes?

ANTÔNIO — Ah! nossa terrena lua sofreu eclipse e só proclama o declínio de Antônio.

CLEÓPATRA — Dar-lhe-ei tempo para que se refaça.

ANTÔNIO — Poderíeis, para adular a César, lançar olhos morteiros para quem lhe amarra os laços?

CLEÓPATRA — Desconheceis-me ainda?

ANTÔNIO — Indiferente serdes comigo? Coração ter frio?

CLEÓPATRA — Ah, querido! Se eu for assim, que deste coração frio o céu granizo faça e na fonte o envenene, e que a primeira pedra atingir me venha no pescoço, com minha vida, a um tempo, se esfazendo. Caia em Cesário a outra, até que, aos poucos jazam todos os frutos de meu ventre sem sepultura, e meus egípcios bravos nesse alude de pedras, é que as moscas e os mosquitos do Nilo a todos eles deem a tumba das presas.

ANTÔNIO — Basta-me isso. César está em frente a Alexandria, onde pretendo desafiar-lhe a sorte. Nossas forças de terra se portaram nobremente; os navios dispersados se reuniram de novo e ora navegam, os mares ameaçando. Onde te achavas, meu coração? Escutas-me, senhora? Se eu voltar novamente da campanha para os lábios beijar-te, recoberto de sangue me verás. Eu e esta espada para a lenda entraremos. A esperança não se apagou de todo.

CLEÓPATRA — És meu valente Senhor!

ANTÔNIO — Sinto-me agora com três vezes mais coração, com triplicado fôlego, com músculos dobrados para à luta me atirar com violência. Quando as minhas horas eram risonhas e felizes, a vida os inimigos resgatavam com simples brincadeiras. Mas agora os dentes rangerei e para as trevas mandarei quem me vier barrar o passo. Vem! Aprestemos outra noite alegre; convoca os capitães atribulados; mais uma vez enchamos nossas taças e zombemos do sino da alta noite.

CLEÓPATRA — Hoje é meu natalício. Imaginara que iria festejá-lo pobremente. Mas, uma vez que meu senhor Antônio voltou a ser, eu também sou Cleópatra.

ANTÔNIO — Tudo há de melhorar.

CLEÓPATRA — Dizei aos nobres capitães que venham falar com meu senhor.

ANTÔNIO — Manda chamá-los. Isso mesmo. Desejo conservá-los Essa noite hei de dar-lhes tanto vinho, que vai jorrar até das cicatrizes. Vamos, rainha; ainda temos seiva. No próximo combate a própria morte vai amar-me; pretendo concorrência fazer ao seu pestilencial alfanje.

*(Saem todos, com exceção de Enobarbo.)*

ENOBARBO — Ofuscar pretende ele ora o relâmpago. Ficar enfurecido é revelar-se assombrado de medo. Neste estado, contra o avestruz se atreve a própria pomba. Verifico também que toda falha no cérebro dá ânimo à coragem de nosso capitão. Sempre que presa faz da razão a própria valentia, corrói a espada que à defesa serve. Vou procurar um meio de deixá-lo. (*Sai.*)

ATO IV

Cena I

*Diante de Alexandria. Acampamento de César. Entra César, lendo uma carta; Agripa, Mecenas e outras pessoas.*

CÉSAR — Chama-me de menino e me repreende, como se força ele tivesse para do Egito me expulsar. Meu emissário foi por ele açoitado. Desafia-me para um duelo: Antônio contra César. Pois que o velho bufão fique sabendo que eu sei de outros caminhos para a morte. Mas até lá seu desafio apenas o riso me provoca.

MECENAS — César deve considerar que quando uma pessoa tão grande se revela assim furiosa, e que se sente acuada ao ponto extremo. Não lhe deis trégua para refazer-se, mas procurai tirar todo o partido de sua distração. Jamais a cólera foi boa guardadora de si própria.

CÉSAR — Dizei aos capitães que amanhã cedo tencionamos travar a derradeira das numerosas pugnas da campanha. Entre nossas fileiras temos muitos que até bem pouco tempo ainda serviam a Marco Antônio, em número bastante para apossar-se da pessoa dele. Providenciai logo isso. Dai comida a nossos homens. Temos provimento e eles bem o merecem. Pobre Antônio!

(*Saem.*)

Cena II

*Alexandria. Um quarto no palácio. Entram Antônio, Cleópatra Enobarbo, Charmian, Iras, Alexas e outras pessoas.*

ANTÔNIO — Domício, não se baterá comigo. ENOBARBO — É certo.

ANTÔNIO — E por que não?

ENOBARBO — Porque, julgando-se com sorte vinte vezes mais risonha, pensa que a luta, assim, travada fora de vinte contra um.

ANTÔNIO — Em mar e em terra lutarei amanhã; ou continuo com vida, ou banharei a moribunda glória em meu sangue, para que reviva. Pretendes lutar bem?

ENOBARBO — Hei de bater-me gritando: “Toma tudo!”

ANTÔNIO — Mui bem-dito. Vamos; chama meus criados. Que haja mesa liberal esta noite. (*Entram três ou quatro criados.*) Dá-me a mão. Honesto sempre foste. E eu, também. E tu, e tu... Vós sempre me servistes muito bem, tendo reis por companheiros.

CLEÓPATRA (*à parte, a Enobarbo*) — Que é que ele quer?

ENOBARBO (*à parte, a Cleópatra*) — É uma dessas baldas que faz nascer do cérebro a tristeza.

ANTÔNIO — Tu também és honesto. Desejara poder ser dividido em muitos homens, e que vós num Antônio vos reunísseis, porque tão bons serviços vos prestasse como a mim tendes feito.

CRIADOS — Oh! que os deuses não o permitam

ANTÔNIO — Caros companheiros: servi-me ainda esta noite, não poupando minhas taças. Fazei comigo como se também um de vós fosse meu reino e as ordens me acatasse.

CLEÓPATRA (*à parte, a Enobarbo*) — Que quer ele?

ENOBARBO (*à parte, a Cleópatra*) — Fazer que os criados chorem.

ANTÔNIO — Servi-me ainda esta noite. É bem possível que vossa obrigação aí termine. Talvez não me vejais de novo, ou apenas como a sombra disforme;

talvez a outro senhor ireis servir amanhã mesmo. Olho-vos como alguém que se despede. Meus fiéis amigos, não vos mando embora; como amo, desposei vossos serviços, de que só pela morte me separo. Servi-me ainda esta noite duas horas; mais não peço, e que os deuses vos premiem.

ENOBARBO — Senhor, por que deixá-los abatidos? Olhai, estão chorando, e eu, um grande asno, julgo também cebola ter nos olhos. Ora, ora! Não façais de nós mulheres.

ANTÔNIO — Ho, ho, ho! Leve-me a bruxa, se eu pensava nisso. Nasce a felicidade dessas gotas. Caros amigos, dais um doloroso sentido ao meu discurso; quanto eu disse foi com a intenção apenas de animar-vos, para a noite com tochas incendiardes. Sabei, meus corações, que espero muito do dia de amanhã, e que vos levo para onde hei de alcançar vida gloriosa, não a morte com honra. Para a ceia sigamos, e afoguemos a tristeza.

(*Saem.*)

#### Cena III

*O mesmo. Diante do palácio. Entram dois soldados, para ficarem de guarda.*

PRIMEIRO SOLDADO — Bom dia, irmão; é amanhã o dia.

SEGUNDO SOLDADO — Que vai decidir tudo. Passai bem. Ouviste algo estranho pelas ruas?

PRIMEIRO SOLDADO — Não ouvi coisa alguma. Que há de novo?

SEGUNDO SOLDADO — Talvez seja só boato. Boa noite.

PRIMEIRO SOLDADO — Pois não, senhor; o mesmo vos desejo.

(*Entram dois outros soldados.*)

SEGUNDO SOLDADO — Prestai muita atenção durante a guarda.

TERCEIRO SOLDADO — Vós também. Boa noite. Boa noite.

(*Os dois primeiros soldados se colocam em seus lugares.*)

QUARTO SOLDADO — Nós dois, aqui. (*Colocam-se também nos seus.*) Caso amanhã a armada leve a melhor, tenho esperança plena de que as forças de terra fiquem firmes.

TERCEIRO SOLDADO — É um exército bravo e decidido.

(*Música subterrânea, como de oboés.*)

QUARTO SOLDADO — Paz! Que barulho é esse?

PRIMEIRO SOLDADO — Ouvi! Ouvi! SEGUNDO SOLDADO — Ouvi!

PRIMEIRO SOLDADO — Música no ar. TERCEIRO SOLDADO — Não, sob a terra.

QUARTO SOLDADO — É bom sinal, pois não?

TERCEIRO SOLDADO — Não.

PRIMEIRO SOLDADO — Paz, vos digo. Por que será essa música?

SEGUNDO SOLDADO — É o deus Hércules tão amado de Antônio e que o abandona.

PRIMEIRO SOLDADO — Vamos saber se os outros guardas ouvem o que estamos ouvindo.

(*Adiantam-se para o outro posto.*) SEGUNDO SOLDADO — Então, amigos?

SOLDADOS — Que é que há! Que é que há?

Ouvis alguma coisa?

PRIMEIRO SOLDADO — Ouvimos; não é estranho?

TERCEIRO SOLDADO — Estais ouvindo, mestres? Estais ouvindo?

PRIMEIRO SOLDADO — Acompanhemos o ruído até onde for a guarda.

Vejamos como acaba.

SOLDADOS — Certo. É estranho. (*Saem.*)

#### Cena IV

*O mesmo. Um quarto no palácio. Entram Antônio e Cleópatra, Charmian e outros servidores*

ANTÔNIO — Eros, minha armadura. CLEÓPATRA — Dorme um pouco.

ANTÔNIO — Não, pombinha. Vem, Eros! A armadura! (*Entra Eros, com a armadura.*) Vamos, amigo; veste-me esses ferros. Se hoje a fortuna não ficar conosco, é porque a desafiamos. Vamos logo.

CLEÓPATRA — Não, eu a ajudo. Para que serve isto?

ANTÔNIO — Não, deixa isso, és o armeiro do meu peito. Errado! Errado!... É assim.

CLEÓPATRA — Devagarinho, quero ajudar também. Deve ser isto.

ANTÔNIO — Muito bem; muito bem. Dá tudo certo. Vos, bom amigo? Agora vai armar-te.

EROS — Sem demora, senhor.

CLEÓPATRA — Afivelado não ficou tudo bem?

ANTÔNIO — Otimamente. Quem vier desfazer isto, antes de termos resolvido gozar de algum repouso, colherá tempestades. Não tens jeito, Eros, nenhum; minha rainha mostra-se escudeiro mais hábil. Vamos logo. Ó amor! não te ser possível hoje ver-me lutar e compreender um pouco da real atividade! Então verias um verdadeiro mestre. (*Entra um soldado armado.*) A ti, bom dia. Bem-vindo sejas. Mostras pelo aspecto que conheces o ofício dos guerreiros. Cedo nos levantamos para quanto dedicamos amor e, mui contentes, a tarefa iniciamos.

SOLDADO — Um milheiro de soldados, senhor, desde bem cedo, como eu, vestiram-se de ferro e aguardam à porta vossas ordens.

(*Ouvem-se exclamações. Fanfarra.*) (*Entram capitães e soldados*)

CAPITÃO — Radiosa está a manhã. Muito bom dia, general.

TODOS — General, muito bom dia.

ANTÔNIO — Boa música, amigos. Esse dia começa com o espírito de um jovem que promete ser grande desde cedo. Assim... Dá-me isso... Bem. Muito bem-dito. Senhora, adeus. Seja qual for meu dia, eis um beijo marcial. (*Beija-a.*) Fora mostrar-me passível de censura, digno mesmo de crítica oprobriosa, por mais tempo ficar aqui sem cumprimentos baixos. Como homem de aço vou deixar-te agora. Os que quiserem ir lutar, me sigam, pois saberei guiá-los. Bem; adeus. (*Saem Antônio, Eros, o capitão e os soldados.*)

CHARMIAN — Por favor retirai-vos para o quarto.

CLEÓPATRA — Conduze-me. Partiu galantemente. Oh! se ele e César esta grande guerra decidissem em luta corpo a corpo! Então, Antônio..., Mas assim... Que seja!

(*Saem.*)

#### Cena V

*Alexandria. Acampamento de Antônio. Toque de trombeta. Entram Antônio e Eros; um soldado avança ao encontro de ambos.*

SOLDADO — Que hoje os deuses a Antônio deem bom dia.

ANTÔNIO — Ah! quem me dera que eu te houvesse ouvido, quando instavas, com essas cicatrizes, para eu lutar em terra!

SOLDADO — Se o tivesses feito, os monarcas que se revoltaram contra ti, e o soldado que hoje cedo te abandonou, contigo seguiriam.

ANTÔNIO — Quem fugiu hoje cedo?

SOLDADO — Quem? Pessoa muito chegada a ti. Chama Enobarbo, que ele não te ouvirá, ou então, do campo de César, te dirá: “Não sou dos teus.”

ANTÔNIO — Que me dizes? SOLDADO — Senhor, está com César.

EROS — Senhor, suas canastras e tesouros, ele deixou aqui.

ANTÔNIO — Então partiu? SOLDADO — Nada mais certo.

ANTÔNIO — Envia-lhe, Eros, tudo, todo o tesouro. Sim, faz isso logo, é o que te digo. Escreve-lhe uma carta — assiná-la-ei — com cordiais adeuses e cumprimentos, e que faço voto para que ele jamais tenha motivo de uma vez mais

vir a mudar de mestre. Oh! minha sorte infausta chegou mesmo a corromper os bons. Vai. Enobarbo!

#### Cena VI

*Diante de Alexandria. Acampamento de César. Fanfarra. Entra César com Agripa, Enobarbo e outros.*

CÉSAR — Vai, Agripa; inicia logo a luta. Meu desejo é que Antônio seja feito prisioneiro; fazei sabê-lo a todos.

AGRIPA — Perfeitamente, César. *(Sai.)*

CÉSAR — Aproxima-se a paz universal. Se o dia de hoje for venturoso, o mundo de três cantos levará livre o ramo de oliveira.

*(Entra um mensageiro.)*

MENSAGEIRO — Antônio está no campo de batalha.

CÉSAR — Então ordena a Agripa que coloque todos os desertores na vanguarda, para que, de algum modo, Antônio gaste contra si mesmo a fúria.

*(Sai César com seu séquito.)*

ENOBARBO — Alexas desertou; indo à Judéia a negócios de Antônio, o grande Herode persuadiu a passar-se para César, abandonando seu senhor Antônio. Como prêmio, enforcá-lo mandou César. Canídio e os mais que a Antônio abandonaram, têm tratamento, mas não muito honroso. Procedi muito mal e disso mesmo de tal modo me acuso, que impossível me será readquirir minha alegria.

*(Entra um soldado de César.)*

SOLDADO — Enobarbo, mandou-te, Antônio toda tua riqueza, com mais outras dádivas generosas. O portador achou-me no meu posto de guarda; neste instante em tua tenda descarrega as mulas.

ENOBARBO — Podes ficar com tudo. SOLDADO — Estás pensando que é pilhéria, Enobarbo? Falo sério. Farias bem em escoltar teu hóspede até fora do campo, que eu preciso cuidar da obrigação. Se não fora isso, eu próprio o acompanhara. Continua sendo um Júpiter vosso imperador. *(Sai.)*

ENOBARBO — Sou o único vilão de toda a terra, e sinto-o fundamente. Ó Antônio! Antônio! tesouro inesgotável de favores! Como não pagarias meus serviços, se coroas com ouro a vilania? Partem-me o coração tantos abalos. Se o remorso veloz não o arrebenta, há de haver meio mais veloz do que ele. Mas é certeza: só o remorso basta. Eu, lutar contra ti? De forma alguma. Hei de achar uma fossa onde enterrar-me; a mais imunda é a que convém a última parte de minha vida. *(Sai.)*

#### Cena VII

*Campo de batalha entre os dois acampamentos. Fanfarra. Tambores e trombetas. Entram Agripa e outros.*

AGRIPA — Convém recuar, pois avançamos muito. O próprio César vê-se assoberbado. Vai muito além de nossa expectativa a pressão que eles fazem.

*(Saem.)*

*(Alarma. Entram Antônio e Escaro, ferido.)*

ESCARO — Oh bravo imperador! Isto, realmente, é que é saber lutar! Se nós tivéssemos feito assim desde o início, enxotariamos todos eles com a testa amarrotada.

ANTÔNIO — Estás sangrando muito. ESCARO — Esta ferida tinha a forma de um T; mas, acrescida de outra, virou H.

ANTÔNIO — Eles recuam.

ESCARO — Havemos de batê-los, até mesmo no interior das privadas. Ainda tenho lugar para levar mais seis gilvazes.

*(Entra Eros.)*

EROS — Vencemo-los, senhor; nossa vantagem vale por uma esplêndida vitória.

ESCARO — Risquemo-lhes as costas e agarremo-los como se faz com as lebres: pelo dorso. É desporto malhar um fugitivo

ANTÔNIO — Hei de pegar-te o gênio sempre alegre e premiar-lhe dez vezes a bravura. Acompanhai-me.

ESCARO — Irei; embora aos pulos. (*Saem.*)

#### Cena VIII

*Junto aos muros de Alexandria. Fanfarra. Entra Antônio, em marcha militar, seguido de Escaro e de soldados.*

ANTÔNIO — Forçamo-lo a acolher-se ao próprio campo. Vá alguém na frente para nossos feitos anunciar à rainha. Amanhã cedo, antes de o sol nos ver, derramaremos o sangue que deixou de correr hoje. A todos agradeço. Valorosos vos mostrades, lutando não apenas como se a causa de outrem defendêsseis, mas cada um, tal como eu, a causa própria. Outros tantos Heitores parecíeis. Entrai um pouco na cidade, vossas esposas abraçai, vossos amigos. Contai-lhes vossos feitos. Ledas lágrimas vos limparão de coágulos as chagas, beijos farão sarar os nobres talhos. (*A Escaro.*) Dá-me a mão. (*Entra Cleópatra, com séquito.*) A esta Fada extraordinária recomendo teus feitos. Recompensem-te seus agradecimentos. Luz do mundo, em teus braços aperta-me o pescoço. Salta-me ao coração com todos esses adornos, através desta couraça, e lá te embala no pular glorioso.

CLEÓPATRA — Rei dos reis, heroísmo sem limites, sorridente escapaste da cilada gigantesca do mundo?

ANTÔNIO — Meu querido rouxinol, para a cama os expulsamos. Então, menina, embora uns fios brancos já se mostrem no meio dos castanhos, cérebro temos que alimentar os nervos e com os moços disputa a primazia. Contempla este guerreiro; aos lábios dele concede tua mão. Beija-a, meu bravo. Hoje ele combateu como se um deus, por ódio à humanidade, lhe tivesse tomado a forma para dizimá-los.

CLEÓPATRA — Vou dar-te, amigo, uma armadura de ouro; pertenceu a um monarca.

ANTÔNIO — Ele a merece, embora de rubis fosse ela cheia, como o sagrado carro do alto Febo. Dá-le tua mão; faze uma bela marcha por toda Alexandria, carregando nossos escudos de tão grandes brechas, como seus próprios donos. Se pudesse nosso grande palácio abrigar todos os seus soldados, juntos ceariamos e brinde nos levantaríamos ao dia de amanhã, que perigo régio apresta. Trombeteiros, com vosso som metálico ensurdecei o ouvido da cidade, de mistura com o rufo dos tambores, para que o céu e a terra soem juntos e nossa marcha aplaudam.

(*Saem.*)

#### Cena IX

*Acampamento de César. Sentinelas a postos.*

PRIMEIRO SOLDADO — Dentro de uma hora, se não nos renderem, será preciso que nos recolhamos para o corpo da guarda. Há claridade; às duas horas da manhã, disseram, será iniciada a pugna.

SEGUNDO SOLDADO — O dia de ontem foi para nós terrível.

(*Entra Enobarbo.*)

ENOBARBO — Noite, serve-me de testemunha!

TERCEIRO SOLDADO — Quem será esse homem?

SEGUNDO SOLDADO — Ficai perto e escutai.

ENOBARBO — Ó lua santa, quando em futuro forem lembrados com memória odiosa os desertores, testemunha me sejas de que em tua face o pobre Enobarbo se arrepende.

PRIMEIRO SOLDADO — Enobarbo!

TERCEIRO SOLDADO — Silêncio! Ouçamos mais.

ENOBARBO — Ó grande soberana das tristezas verdadeiras, em mim despeja todos os vapores pestíferos da noite, porque a vida, já agora divorciada de meu querer,

em mim não mais se prenda. Joga meu coração de encontro à rocha e à dureza de minha grande falta, que, ressecado estando de tristeza, vai transformar-se em pó, dando remate, desta arte, aos pensamentos vergonhosos. Ó Antônio — mais nobre és do que vilíssima foi minha deserção — possas em tua alma perdoar o que te fiz e, após, que o mundo me inscreva em seu registo como trânsfuga e ingrato ao próprio dono. Oh Antônio, Antônio! (*Morre.*)

SEGUNDO SOLDADO — Vamos falar-lhe.

PRIMEIRO SOLDADO — Não; fiquemos quietos. A César pode interessar tudo isso.

TERCEIRO SOLDADO — Bem; que seja.

Parece estar dormindo.

PRIMEIRO SOLDADO — Ou melhor, desmaiou, pois ninguém reza dessa maneira, quando vai deitar-se.

SEGUNDO SOLDADO — Vamos chamá-lo. TERCEIRO SOLDADO - Olá, senhor, falai-nos! Meu senhor, acordai!

SEGUNDO SOLDADO — Estais ouvindo?

PRIMEIRO SOLDADO — A mão da morte já baixou sobre ele. (*Tambor ao longe.*)

Ouvi! O rufo dos tambores deixa despertos os que dormem. Transportemo-lo para o corpo da guarda. É gente fina. Já passou nosso quarto.

TERCEIRO SOLDADO — Vamos, ainda pode voltar a si.

(*Saem carregando o corpo.*)

#### Cena X

*Planície entre os dois acampamentos. Entram Antônio e Escaro, com forças, em marcha.*

ANTÔNIO — Hoje os preparativos deles visam a um combate no mar; não lhes deixamos boa impressão em terra.

ESCARO — Visam a ambos, meu senhor.

ANTÔNIO — Desejara que quisessem brigar no ar e no fogo que eu iria batê-los até lá. Mais eis o ponto: a Infantaria ficará conosco na colina mais perto da cidade. Para o mar já dei ordens. Os navios o porto abandonara, colocando-se onde melhor possamos observá-los e ver como manobram.

(*Saem.*)

(*Entra César com suas forças, em marcha.*)

CÉSAR — Se não nos atacarem, ficaremos quietos em terra, que é como pensamos que vai acontecer, pois as galeras ele equipou com seus melhores homens.

Desçamos para o vale. Sede atento para quanto nos possa dar vantagem.

(*Saem.*)

(*Voltam Antônio e Escaro.*)

ANTÔNIO — Ainda não se chocaram. De onde aquele pinheiro se alça poderei ver tudo. Logo virei contar-te o que acontece. (*Sai.*)

ESCARO — Nas antenas de Cleópatra construíram ninhos as andorinhas.

Consultados, os áugures respondem que não sabem, que não podem falar, fazem carranca, não se atrevendo a revelar-nos nada. Antônio ora é valente, ora abatido, com sobressaltos, sua sorte inquieta lhe infunde medo ou o deixa reanimado, conforme considere o que já obteve ou o que falta alcançar.

(*Barulho ao longe, como de batalha naval.*) (*Volta Antônio.*)

ANTÔNIO — Perdido tudo! Traiu-me a Egípcia infame; minha esquadra se passou para o imigo; os marinheiros jogam para o ar os gorros e, formando grupos ali, alegremente bebem como amigos há muito separados. Três vezes prostituta! fui vendido por ti a esse noviço. A ti, somente, meu coração faz guerra. Dize a todos que fujam, pois quando eu puder vingar-me da feiticeira, terei feito tudo. Dize a todos que fujam. Vai depressa. (*Sai Escaro.*) Ó sol! não mais verei teu nascimento. Antônio e sua sorte aqui se apartam; as mãos nos apertamos neste



ponto. Chegaremos a isto? Os corações que vinham rastejar a meus pés, como sabujos, aos quais eu sempre fiz todos os gostos, agora se dispersam, derramando sobre o flórido César seus perfumes. E fendido se encontra este pinheiro que a todos abrigava. Fui traído. O coração enganador do Egito, fatal feitiço cujos olhos sempre me armavam para a guerra ou me faziam dela sair, em cujo peito eu tinha minha coroa, a meta da existência! tal como uma cigana, em enganaste de todo jeito e me lançaste ao próprio coração da desgraça! Eros! Eros! (*Entra Cleópatra.*) Para trás, malefício!

CLEÓPATRA — Por que se acha com seu amor, o meu senhor zangado?

ANTÔNIO — Some de minha vista; do contrário, dar-te-ei o que mereces, estragando o triunfo, assim, de César. Que te pegue, que te exponha aos apupos da canalha! Vai atrás de seu carro, como a grande mancha de todo o sexo. Por um óbolo, pela menor entrada serás vista como um dos monstros mais característicos; e que com suas unhas bem afiadas a meiga Otávia te lacere o rosto. (*Sai Cleópatra.*) Fizeste bem fugindo, se se pode dizer assim, por continuares viva. Fora melhor que presa ora te visses de minha fúria, que tua morte, apenas, prevenira muitas. Eros! Eros! A camisa de Nessus me comprime. Alcides, meu antepassado, ensina-me tua cólera! Deixa que nos cornos da lua eu ponha Licas, e com esta mesma mão que brandiu a dava ingente a melhor parte de mim próprio extinga. Que morra a feiticeira! Ela vendeu-me para o jovem romano; caio vítima da conjura dos dois. Morra por isso. Eros, olá! (*Sai.*)

#### Cena XI

*Alexandria. Um quarto no palácio. Entram Cleópatra, Charmian, Iras e Mardian.*

CLEÓPATRA — Auxiliai-me, querida. Ele se acha mais louco do que o próprio Telamônio, quando perdeu o escudo. O javali da Tessália jamais ficou tão bravo.

CHARMIAN — No mausoléu fechai-vos e mandai-lhe dizer que já morrestes. A alma e o corpo não lutam com mais força ao se apartarem, como a grandeza, quando vai embora.

CLEÓPATRA — Sim, para o túmulo. Vai, Mardian; dize-lhe que eu me matei.

Deves também contar-lhe que, ao expirar, minha última palavra foi “Antônio”.

Mas, por favor, exprime-te com bastante ênfase. Vai, Mardian, logo, e vem contar-me de que modo a nova recebeu dessa morte. Para o túmulo!

(*Saem.*)

#### Cena XII

*O mesmo. Outro quarto. Entram Antônio e Eros.*

ANTÔNIO — Eros, ainda me vês? EROS — Sim, nobre chefe.

ANTÔNIO — Às vezes contemplamos uma nuvem que parece dragão; às vezes forma toma o vapor de leão ou feroz urso, de cidade com torres, pedra ingente de promontório azul coroadado de árvores, que oscila sobre o mundo, e nossa vista deixa atemorizada sem motivo. Sinais como esses já tens visto muitos; são fantasmas das tardes enubladas.

EROS — Sim, meu senhor, já vi.

ANTÔNIO — O que um ginete parecia transformar-se, no instante de refletires, e desaparece como água na própria água.

EROS — Justamente.

ANTÔNIO — Eros, bravo menino, um corpo desses agora é o teu senhor. Ainda Antônio sou neste instante, mas durar não pode muito tempo esta forma que aparece. Fiz as guerras do Egito. Mas Cleópatra, no entanto — cujo coração meu era, pois o meu era dela, e em todo o tempo que foi meu anexava muitos outros, um milhão mais... todos perdidos todos — ela, Eros, como disse, jogou cartas com César e roubou minha alta glória, para triunfar do imigo. Não, não chores, meu gentil

Eros, pois nos resta ainda darmos fim a nós próprios. (*Entra Mardian.*) Tua vil ama me roubou a espada!

MARDIAN — Não, Antônio; minha ama te adorava e a sorte dela entrelaçou com a tua.

ANTÔNIO — Fora daqui, eunuco imundo! Fora! Ela traiu-me e vai morrer por isso.

MARDIAN — Ninguém duas vezes paga à morte a dívida. A dela já está paga. O que querias fazer foi feito perto de ti mesmo Sua última palavra foi “Antônio! meu muito nobre Antônio!” um lacerante gemido em dois partiu de Antônio o nome, que ficou dividido entre seus lábios e o coração. Assim perdeu a vida, sepultando teu nome nela própria.

ANTÔNIO — Então, morreu? MARDIAN — Morreu.

ANTÔNIO — Eros, desarma-me. A tarefa do dia está concluída, precisamos dormir. (*A Mardian.*) Parte com vida; paga-te isso o trabalho ricamente. (*Sai Mardian.*)

Arranca-me tudo isto. Nem o escudo de Ajaz, de sete folhas, poderia conter os batimentos com que ao peito me ataca o coração. flancos, abri-vos! Coração, uma vez somente mostra-te mais poderoso do que teu invólucro, arrebatando tua frágil caixa. Depressa, Eros, depressa! O combatente já se extinguiu. Ide, pedaços soltos; fostes usados com alguma honra. Eros, deixa-me só por uns momentos. (*Sai Eros.*) Vou alcançar-te, Cleópatra, e, com lágrimas, obter o meu perdão. Tem de ser isso; qualquer tardança, agora, é sofrimento. Extinta a tocha, deita-te, deixando de andar por descaminhos. Todo esforço, de agora em diante estragaria a obra. Até o próprio vigor se embaraçara na resistência própria. Põe o selo, e tudo está acabado. Eros, atende-me! — Já vou, minha rainha! — Eros, escuta-me! Onde as almas repousam sobre flores, mão com mão nós iremos, e os espectros deixaremos atônitos com nossa postura apaixonada. Sem cortejo vai ficar Dido e seu querido Enéias, correndo todos para nós. Vem, Eros!

(*Volta Eros.*)

EROS — Que deseja meu amo?

ANTÔNIO — Desde a morte de Cleópatra tão baixa é a minha vida que somente asco tem causado aos deuses. Eu que com a espada o mundo retalhava e construídas cidades de navios no glauco dorso de Netuno, agora me maldigo por ver que sou mais fraco que uma mulher e por não ter o espírito nobre daquela que por sua morte ao nosso César disse: “De mim própria fui a conquistadora.” Prometesteme, Eros, que quando fosse necessário — o que acontece justamente agora — e nas costas eu visse a inevitável perseguição do horror e da desgraça, a um sinal meu a vida me tiraras. Faze isso. Chegou a hora. Não me feres, assim fazendo; a César é que frustras. Põe um pouco de cor nessas bochechas.

EROS — Os deuses que me amparem! Poderia fazer o que jamais as flechas partas, apesar de inimigas, conseguiram, falhando todas o alvo?

ANTÔNIO — Eros, querias de uma janela da grandiosa Roma ver teu amo de braços amarrados, o submisso pescoço assim dobrado, a frente baixa ante a vergonha imensa, enquanto roda à frente dele o carro do venturoso César, mas relevo dando com isso à sua humilhação?

EROS — Não desejara vê-lo.

ANTÔNIO — Então vem logo; um golpe, só, me vai deixar curado. Saca essa honesta espada, que serviços tão valiosos já têm prestado à pátria.

EROS — Oh! poupai-me, senhor!

ANTÔNIO — Ao libertar-te, não me juraste que farias isso no instante em que o pedisse? Então sê pronto, para que teus serviços não pareçam frutos do acaso, apenas, sem propósito. Saca da espada e vem.

EROS — Bem; nesse caso virai para o outro lado o nobre aspecto, em que o respeito está do mundo todo.

ANTÔNIO (*virando-se*) — Vem logo, então.

EROS — Já estou de espada em punho.

ANTÔNIO — Usa-a depressa para o que a tiraste.

EROS — Meu caro mestre, capitão querido, meu caro imperador, deixai que eu diga, antes de dar esse sanguíneo golpe, deixai que eu diga adeus.

ANTÔNIO — Pois, não, amigo; adeus.

EROS — Adeus, meu chefe. Posso ferir agora?

ANTÔNIO — Podes, Eros.

EROS — Então, que seja. Assim fujo à tristeza de lastimar Antônio. (*Mata-se.*)

ANTÔNIO — Oh! três vezes mais nobre do que eu mesmo. Meu valente Eros, mostra-me o que eu próprio, não tu, fazer devia. O gesto altivo de Eros e da rainha me fizeram despertar a nobreza. Mas desejo ser o noivo da morte e dirigir-me para ela como para o leito amado. Que venha, então. E assim, Eros, teu amo deixará a vida como teu discípulo. A fazer isto me ensinaste. (*Deixa-se cair sobre a espada.*)

Como! Não morri? Não morri? Olá! A guarda! Oh! Acabai de vez com minha vida.

(*Entram Dercetas e Guardas.*)

PRIMEIRO GUARDA — Quem faz esse barulho?

ANTÔNIO — Ó meus amigos, fiz mal o meu trabalho. Daí remate a quanto principiei.

SEGUNDO GUARDA — Baixou a estrela.

PRIMEIRO GUARDA — E chega ao fim o tempo.

TODOS — Oh! que desgraça!

ANTÔNIO — Quem me amar, venha dar-me o mortal golpe.

PRIMEIRO GUARDA — Eu, não.

SEGUNDO GUARDA — Nem eu.

TERCEIRO GUARDA — Nenhum de nós, por certo.

(*Saem os guardas.*)

DERCETAS — Tua morte e os desastres afugentam teus seguidores. Basta que esta espada leve eu a César e lhe dê a nova, para por ele ser bem recebido.

(*Entra Diomedes.*)

DIOMEDES — Onde está Antônio?

DERCETAS — Aqui, aqui, Diomedes.

DIOMEDES — Está com vida? Não respondes, homem?

(*Sai Dercetas.*)

ANTÔNIO — Estais aí, Diomedes? Tira a espada e vem ferir-me até chegar à morte.

DIOMEDES — Alto senhor, aqui mandou-me Cleópatra.

ANTÔNIO — Quando foi isso?

DIOMEDES — Agora, meu senhor.

ANTÔNIO — Onde ela está?

DIOMEDES — Fechou-se no sepulcro. Tomada viu-se de um pressentimento angustioso do que podia dar-se. Pois ao certificar-se — o que impossível será que se confirme — de que tínheis suspeita de ter ela combinado qualquer coisa com César — e incurável era vosso furor — mandou dizer-vos que se havia matado. Mas, receando as consequências da notícia, logo me enviou para dizer-vos a verdade. Mas temo ter chegado muito tarde.

ANTÔNIO — Sim, bondoso Diomedes, muito tarde. Por favor, chama a guarda.

DIOMEDES — Olá! a guarda do Imperador! A guarda! vinde logo; o senhor é que chama!

(*Entram quatro ou cinco homens, da guarda de Antônio.*)

ANTÔNIO — Bons amigos, levai-me para onde está Cleópatra. É o último serviço que vos peço.

PRIMEIRO GUARDA — Que desgraça, senhor, não terdes vida para a nós todos até o fim dar ordens.

TODOS — Que dia carregado!

ANTÔNIO — Bons amigos, não deixeis que o destino amargo ria de vossas dores. Deve ser bem-vindo o que venha punir-vos; e punamo-lo, por nosso lado,

recebendo-o alegres. Levantai-me. Já vos guiei bastante; agora me arrastai, caros amigos. Por tudo, agradecido.

(*Saem, levando Antônio.*)

### CENA XIII

*O mesmo. Um túmulo. Em cima entra Cleópatra com seu séquito, Charmian e Iras.*

CLEÓPATRA — Oh Charmian! Nunca mais sairei daqui.

CHARMIAN — Consolai-vos, embora. CLEÓPATRA — Não, não quero.

Será bem-vindo **q u a n t o** for terrível e extraordinário.

Desprezamos toda palavra de consolo. Nossa forma de tristeza, medida por sua causa, terá de ser proporcionada sempre com o que a fez nascer. (*Entra, em baixo, Diomedes.*) Então! Morreu?

DIOMEDES — Paira sobre ele a morte, mas ainda não está morto. Olhai para o outro lado do vosso monumento; os guardas dele o trazem para aqui.

(*Entra, em baixo, Antônio, carregado pelos guardas.*)

CLEÓPATRA — Ó sol, abrasa a grande esfera em que te moves, deixa sem luz a estrela deste

mundo vário! Oh Antônio, Antônio, Antônio! Acode, Charmian! Iras, acode!

Amigos aí de baixo, ajudai a trazê-lo para cima.

ANTÔNIO — Silêncio! Não foi César e sua força que derrubou Antônio, mas Antônio de si próprio triunfou.

CLEÓPATRA — Assim devia, realmente, acontecer. Somente Antônio conquistaria Antônio. Mas é lástima que tal se desse.

ANTÔNIO — Morro, Egito; morro. Só por um pouco aqui detenho a morte, até que eu possa, de um milhão de beijos, dar-te nos lábios o último, o mais pobre.

CLEÓPATRA — A descer não me atrevo, meu querido — Oh, meu senhor, perdão! — Não, não me atrevo, com medo de ser presa. No cortejo do sobremodo afortunado César jamais virei a ser qualquer enfeite. Se as facas, as serpentes e os venenos tiverem corte, acóleo ou eleito certo, salva estarei. Vossa consorte Otávia, com seu gesto tranquilo e olhos modestos não vai enaltecer-se, contemplando-me e torcendo o nariz. Mas vem, Antônio! Mulheres, ajudai-me! Precisamos pô-lo aqui em cima. Vinde, bons amigos.

ANTÔNIO — Depressa, se não morro.

CLEÓPATRA — Que exercício! Como pesais, senhor! A nossa força mudou-se em pesadume, contribuindo para aumentar o peso. Se eu tivesse todo o poder da majestosa Juno, a resistência de Mercúrio alado, iria levantar-te, colocando-te lado a lado de Jove. Vem um pouco. Quem faz votos é tola. Vem, vem, vem! (*Colocam Antônio no alto, ao lado de Cleópatra.*) Sê bem-vindo, bem-vindo. Vem o espírito exalar justamente onde viveste. Reanima-te com beijos; se meus lábios tivessem tal poder, eu os gastara.

TODOS — Oh! que triste espetáculo!

ANTÔNIO — Estou morrendo, Egito; estou morrendo. Dá-me um pouco de vinho, porque possa falar ainda um pouco.

CLEÓPATRA — Não, eu falo; e em voz tão alta farei minhas queixas, que a senhora Fortuna, sempre falsa, a roda quebrará, de enraivecida, pelo que lhe disser.

ANTÔNIO — Uma palavra, doce rainha: segurança e honra procuram junto a César.

CLEÓPATRA — Nunca juntas andam as duas.

ANTÔNIO — Ouve-me, querida: dos que circundam César, não confies senão em Proculejo.

CLEÓPATRA — Só confio nas minhas mãos, no brio muito próprio; em ninguém junto a César.

ANTÔNIO — Não choreis a mudança lastimosa que em meu fim se observou; não seja causa de vos entristecerdes; mas de minha sorte anterior alimentai o espírito, quando eu era o maior senhor do mundo, o de maior nobreza, que nesta hora não

morre baixamente. Não com medo ao meu patrício entrego o capacete; por um romano foi heroicamente dominado um romano. Meu espírito já me abandona. Mais, não me é possível.

CLEÓPATRA — Oh! Vais morrer, criatura nobilíssima? De mim não fazes caso? É então preciso que eu permaneça neste mundo estúpido que, privado de ti, valerá tanto como simples cocheira? Oh! vede, vede, mulheres, o que passa. (*Antônio morre.*) Derreteu-se a coroa da terra. Meu Senhor! Murcha a grinalda dos combates se acha; o estandarte caiu. No mesmo nível dos homens estão moços e meninas; planificou-se tudo, não ficando na terra nada mais que se destaque nas visitas da lua. (*Desmaia.*)

CHARMIAN — Calma, calma, minha senhora. IRAS — Nossa soberana também morreu.

CHARMIAN — Senhora!

IRAS — Olá, princesa!

CHARMIAN — Oh princesa! princesa!

IRAS — Real Egito! Imperatriz!

CHARMIAN — Calma, Iras; fica quieta.

CLEÓPATRA — Agora sou uma mulher apenas, por paixões dominadas, como criada do estábulo, ocupada em vis misteres. Jogar agora me cumpria o cetro nos deuses maliciosos e dizer-lhes que nosso mundo igual ao deles era enquanto eles privado não nos tinham de nossa joia rara. Tudo é nada. A paciência é estúpida; a impaciência só fica bem para um cachorro louco. Será crime correr para a secreta casa da morte sem chamados sermos? Mulheres, que fazeis? Vamos? Coragem! Charmian, que é isso? Nobres raparigas... Ah! meninas, meninas! Vede: nossa lâmpada se apagou; estava exausta. Coragem, bons amigos. Vamos logo cuidar da morte dele. Após, nos resta fazer o que for nobre e muito ousado, segundo a moda altíssima de Roma, porque de nós possa orgulhar-se a morte. Vamos embora. Já está frio o invólucro deste espírito nobre. Ó minhas caras, vamos embora, vamos! Só nos resta, depois disto, um auxílio sempre à mão: um fim rápido e pronta decisão.

(*Saem carregando o corpo de Antônio.*)

ATO V

Cena I

*Alexandria Acampamento de César. Entram César.*

*Agripa, Dolabela, Mecenas, Galo, Proculeio e outros.*

CÉSAR — Vai Dolabela, procurá-lo; intima-o a que se renda e dize-lhe que, estando tão por baixo, só faz tornar-se objeto de mofa, por perder todo esse tempo.

DOLABELA — César, assim farei. (*Sai.*) (*Entra Dercetas com a espada de Antônio.*)

CÉSAR — Que significa tal coisa, e quem és tu para atreveres-te a aparecer assim em nossa frente?

DERCETAS — Sou chamado Dercetas; no serviço de Marco Antônio estive, o homem mais digno de ser mais bem servido. Enquanto estive de pé e ordens me dava, foi meu amo, fazendo eu uso, só, de minha vida contra seus inimigos. Se quiseres receber-me tal como eu fui para ele, assim servirei César; do contrário, te entrego minha vida.

CÉSAR — Que disseste?

DERCETAS — Digo, César, que Antônio já está morto.

CÉSAR — A queda de uma coisa desse porte deveria fazer maior barulho. Em todo o mundo os leões correr deviam para o meio das ruas, procurando suas covas os homens da cidade. O trespasso de Antônio não é um caso particular, pois esse nome abrange metade do universo.

DERCETAS — Já está morto, César; não pelo braço da justiça pública, nem por ferro assalariado. A própria mão que em feitos altanados escreveu sua glória, com a

coragem que o coração lhe dava, lacerado lhe deixou o coração. Eis sua espada que eu roubei de seu golpe; podes vê-la manchada com seu sangue muito nobre.

CÉSAR — Amigos, ficais tristes? Tal notícia

— embora os deuses possam castigar-me — até os olhos dos reis deixa molhados.

AGRIPA — É estranho que nos force a natureza a chorar o que mais obter queríamos.

MECENAS — Seus defeitos e méritos se achavam em perfeito equilíbrio.

AGRIPA — Nunca espírito mais raro dirigiu a raça humana; mas com faltas, ó deuses! nos fizestes, a fim de que pudéssemos ser homens. César está abalado.

MECENAS — Quando põem diante dele um espelho desse porte, forçoso é que se mire.

CÉSAR — Ó Antônio! Antônio! para isso te segui? Mas lancetamos certas doenças do corpo. Inevitável era mostrar-te um dia de declínio, ou contemplar o teu. Juntos não fora possível queoubéssemos no mundo. Mas quero lastimar com estas lágrimas tão soberanas como o próprio sangue do coração, que, meu irmão, meu êmulo no alto de toda empresa, igual no mando, amigo e companheiro nas batalhas, o braço deste corpo e o coração em que meu pensamento se aquecia, os nossos astros irreconciliáveis nos hajam dividido, embora fôssemos tão iguais. Bons amigos, escutai-me. (*Entra um egípcio.*) Não; depois voltaremos a esse ponto. Nas feições a mensagem traz este homem. Ouçamo-la. Da parte de quem vens?

EGÍPCIO — Uma pobre mulher egípcia, a minha senhora e soberana, confinada a tudo que ora é dela — o próprio túmulo — deseja conhecer os teus projetos, porque enveredar possa pela estrada a que seguir a forçam.

CÉSAR — Tranquiliza-a. Por um de nós, dentro de pouco tempo, vai ter conhecimento da maneira carinhosa por que será tratada, pois César descortês não será nunca.

EGÍPCIO — Que os deuses te conservem. (*Sai.*)

CÉSAR — Proculeio, vem cá. Vai já dizer-lhe que não receie humilhação nenhuma. Dá-lhe o conforto que exigir o gênero de sua dor, porque ela, em seu orgulho, por um golpe mortal não nos escape, pois com sua vida, em Roma, deixaremos eterno nosso triunfo. Vai e traze-nos o mais rapidamente que puderes notícia do que quer que ela houver dito e de como a tiveres encontrado.

PROCULEIO — César, assim farei. (*Sai.*) CÉSAR — Galo, acompanha-o. (*Sai Galo.*)

Onde está Dolabela? Que acompanhe Proculeio, também.

AGRIPA e MECENAS — Oh Dolabela!

CÉSAR — Não, deixai-o; pois me recordo agora que o incumbi de um recado. Virá logo. Vamos à minha tenda. Heis de ver nela como entrei nesta guerra a contragosto, como revelo gentileza e calma nos meus escritos. Vinde, vinde, para verdes as provas do que digo.

(*Saem.*)

## Cena II

*O mesmo. O túmulo. Entram, em cima, Cleópatra, Charmian e Iras.*

CLEÓPATRA — O próprio desespero me inicia numa vida melhor. É pouca coisa ser tão-somente César. Ele julga-se a Fortuna, mas é o seu laçao, subserviente a seus gestos. É grandioso realizar o que a tudo põe remate, no caso põe grilhões, tranca as mudanças, faz dormir, sem jamais provar da lama de que o mendigo e César se alimentam.

(*Entram, em baixa, Proculeio, Galo e soldados.*)

PROCULEIO — À rainha do Egito envia César muitos saudaes e te pede veres que pedido razoável ele pode satisfazer-te agora.

CLEÓPATRA — Qual teu nome? PROCULEIO — Chamo-me Proculeio.

CLEÓPATRA — Já me tinha de vós falado Antônio, aconselhando-me a ter confiança em vós. Mas não se importa de poder ser burlada quem proveito nenhum tirar deseja da confiança. Se quer vosso amo que como mendiga lhe fale uma rainha, declarai-lhe que a majestade, para ser coerente, não pode menos de pedir-lhe um reino. Se ele quiser dar a meu filho o Egito conquistado, ter-me-á, assim, dado tanto do que é meu mesmo, que hei de agradecida, ajoelhar-me a seus pés.

PROCULEIO — Ficai tranquila. Nada temais; estais na mão de um príncipe. Ao meu senhor vos entregai confiante, pois sua graça é tanta que se estende a todos os que dela necessitam. Permiti que lhe conte o modo brando porque vos submeteis, e vereis que ele, qual vencedor, prefere a complacência, sempre que apelo é feito à sua graça.

CLEÓPATRA — Comunicai-lhe, por favor, que serva sou de sua fortuna, e que lhe envio a grandeza por ele conquistada. A cada hora que passa, aprendo as regras da obediência e, de grado, neste instante de frente o contemplara.

PROCULEIO — Excelsa dama, vou dizer-lhe isso mesmo. Ficai calma, pois sei que vossa condição comove quem foi seu causador.

GALO — Bem vedes como é fácil surpreendê-la. (*Proculeio e dois guardas sobem para o monumento por uma escada, por trás de Cleópatra. Outros guardas tiram as trancas dos portões, patenteando o compartimento inferior do monumento.*) Guardai-a bem, até que César chegue. (*Sai.*)

IRAS — Real rainha!

CHARMIAN — Cleópatra, princesa, estás presa!

CLEÓPATRA — Depressa, mãos bondosas! (*Saca de um punhal.*)

PROCULEIO — Parai, parai, digna senhora! Calma! (*Segura-a e desarma-a.*) Não façais a vós própria essa injustiça. Amparada aqui fostes não traída.

CLEÓPATRA — Até mesmo da morte que liberta da peste nossos cães?

PROCULEIO — Cleópatra, sede prudente, não deixando assim frustrada a generosidade de meu amo, com vos fazerdes ora essa violência. Possa o mundo admirar sua nobreza, que, com vosso trespasses, ficaria para sempre abafada.

CLEÓPATRA — Onde estás, morte? Vem aqui; vem depressa apoderar-te de uma rainha que, por certo, vale bem um monte de crianças e mendigos.

PROCULEIO — Moderação, senhora.

CLEÓPATRA — De ora em diante não comerei, senhor nem beberei. E se preciso for falar à toa, não dormirei também. Em ruínas hei de deixar a mortal casa. Faça César o que puder. Ficai, senhor, sabendo que amarrada jamais hei de deixar-me mostrar na corte de vosso alto mestre, nem castigada pelo olhar tranquilo daquela Otávia estúpida. Teria de ser içada e, assim, ficar exposta à gritante ralé da altiva Roma? Antes achar amena sepultura numa vala do Egito; antes na lama do Nilo me postai, de todo nua, para que em monstro as moscas me transformem; antes forca fazerem das pirâmides altas de minha terra, para delas ficar dependurada por cadeias.

PROCULEIO — Expandis mais os pensamentos tétricos do que podeis razão achar em César.

(*Entra Dolabela.*)

DOLABELA — César, teu amo, sabe, Proculeio, tudo quanto tens feito. Mandou ordem para que retornasses. Quanto à rainha, fica sob minha guarda.

PROCULEIO — Assim me agrada, Dolabela, com ela sê bondoso. (*A Cleópatra.*)

Direi a César o que desejardes, se de mim vos servirdes.

CLEÓPATRA — Pois dissei-lhe que desejo morrer.

(*Saem Proculeio e os soldados.*)

DOLABELA — Nobre rainha, certamente de mim falar já ouviste?

CLEÓPATRA — Não poderei dizer-te. DOLABELA — Certamente me conheceis.

CLEÓPATRA — Ora, senhor, que importa quanto eu já tenha ouvido ou conhecido? Certamente achais graça quando as crianças ou as mulheres vos falam de seus sonhos. É essa vossa pilhéria?

DOLABELA — Não compreendo, minha senhora.

CLEÓPATRA — Sim, sonhei que havia um rei por nome Antônio. Ah! se eu pudesse mais uma vez dormir para, de novo, ver um homem como ele!

DOLABELA — Se quiserdes...

CLEÓPATRA — Como o céu tinha o rosto; nele havia sol e lua, que o giro perfazia e a terra iluminavam, este zero pequenino.

DOLABELA — Criatura soberana...CLEÓPATRA — Abarcava com as pernas o oceano; seu braço, levantado, de cimeira servia para o mundo. A voz tinha ele como a harmonia das esferas, sempre que aos amigos falava; mas querendo fazer tremer o mundo ou amedrontá-lo, era um trovão atroante. Para sua munificência não havia inverno; era um constante outono, que aumentava a cada novo corte. Seus deleites eram como o golfinho: o dorso sempre deixava ver por sobre as próprias ondas. Coroas e diademas apertavam-se em seu séquito, remos e ilhas eram quais moedas que do bolso lhe caíssem.

DOLABELA — Cleópatra...

CLEÓPATRA — Imaginais que pode haver um homem, que houve algum homem como o do meu sonho?

DOLABELA — Gentil senhora, não.

CLEÓPATRA — Mentis, por tudo quanto os deuses ouvem. Porém que tenha havido ou existir possa uma pessoa assim, é o que ultrapassa, de muito, qualquer sonho. À natureza falta matéria para concorrência fazer à fantasia. Mas o fato de um Antônio haver criado, é o maior golpe da natureza contra a fantasia, que o descrédito lança em seus produtos.

DOLABELA — Boa senhora, ouvi-me. Vossa perda, tal, como vós, é grande, sendo certo que acarretais com todo o peso dela. Que nunca realizado eu ver consiga nenhum anseio antigo; na ruína do vosso eu sinto uma tristeza imensa, que o coração me fere no mais íntimo.

CLEÓPATRA — Obrigada, senhor. Sabeis, acaso, o que César de mim fazer pretende?

DOLABELA — Desejaria que soubésseis quanto me repugna dizer-vos.

CLEÓPATRA — Por obséquio... DOLABELA — Embora seja generoso...

CLEÓPATRA — Pensa em me levar no triunfo?

DOLABELA — Sim, senhora; tenho certeza disso.

(*Vozes, dentro: "Abri caminho! Abri caminho! César!"*)

(*Entram César, Galo, Proculeio, Mecenas, Seleuco e criados.*)

CÉSAR — A rainha do Egito está presente? DOLABELA — Senhora, é o imperador. (*Cleópatra se ajoelha.*)

CÉSAR — Não; levantai-vos, levantai-vos, Egito, por obséquio.

CLEÓPATRA — Senhor, os deuses querem desse modo; submissa ao meu senhor sou totalmente.

CÉSAR — Abandonai os pensamentos tristes. Muito embora o relato das ofensas que nos fizestes tenha sido escrito em nossa carne, delas nos lembramos como de fatos casuais, apenas.

CLEÓPATRA — Único árbitro do mundo, não consigo definir minha causa de maneira que vos pareça clara; mas confesso que sobre mim pesavam muitas faltas que sempre envergonharam nosso sexo.

CÉSAR — Sabei Cleópatra: sempre preferimos aliviar a agravar. Se vos mostrardes sensata em relação a nossos planos — que a respeito de vós são generosos — benefício achareis nessa mudança; porém se o peso sobre mim lançardes de uma crueldade, entrando pela via seguida por Antônio, dos benéficos efeitos vos privais de



meus projetos e expondes vossos filhos à ruína de que pretendo resguardá-los, caso me reveleis confiança. Aqui despeço-me.

CLEÓPATRA — Podeis atravessar o mundo todo. Pertence-vos. E nós, vossos escudos e troféus da vitória, ficaremos pregados onde quer que vos agrade. Aqui, nobre senhor...

CÉSAR — Em tudo havemos de vos ouvir no que respeita a Cleópatra.

CLEÓPATRA — (*entregando-lhe um papel*) — Aqui se encontra a relação das joias, do dinheiro e a baixela que eu possuo, em seu valor exato, sem incluirmos coisinhas sem valor. Onde se encontra Seleuco?

SELEUCO — Aqui, senhora.

CLEÓPATRA — É o tesoureiro. Consenti, meu senhor, que ele vos diga, nisso empenhando a própria vida, como nada me reservei. Fala a verdade, Seleuco.

SELEUCO — Senhora, antes selada ter a boca do que sob penhor da própria vida, dizer uma inverdade.

CLEÓPATRA — Alguma coisa foi desviada por mim?

SELEUCO — O suficiente para comprar o que ora declarastes.

CÉSAR — Cleópatra, não coreis; aprovo nisso vossa sabedoria.

CLEÓPATRA — Vede, César, oh! vede como a pompa atrai os homens! Todos os meus, agora vos pertencem; mas se trocássemos as sortes, todos os vossos meus seriam. Dementada me deixa a ingratidão desse Seleuco. Ó escravo, em que se pode confiar tanto como no amor comprado! Como? foges? Fazes bem em fugir, posso afiançar-te. Mas hei de os olhos arrancar-te, embora sejam dotados de asas. Vil escravo, vilão sem alma, cão, canalha raro!

CÉSAR — Acalmai-vos, bondosa soberana.

CLEÓPATRA — Ó César, como dói tamanho opróbrio! Na hora em que concordais em visitar-me, a mim, tão pequenina: vir meu próprio servidor aumentar minha desgraça com a parcela da inveja muito sua. Digamos, meu bom César, que de lado tivesse eu posto algumas ninharias de que as mulheres gostam, coisas simples e sem valor nenhum, desses objetos que costumamos dar aos conhecidos, ou digamos, também, que eu apartasse qualquer lembrança um tanto mais valiosa destinada por mim a Lívia e Otávia, para que a meu favor intercedessem: poderia ter sido denunciada por quem houvesse de meu pão comido? Deuses! isso me faz cair mais baixo do que já me encontrava. (*A Seleuco.*) Vai-te embora; caso contrário, sentirás as brasas do meu furor por entre a cinza fria do meu próprio destino. Caso fosses homem, de mim terias te apiedado.

CÉSAR — Vai-te embora, Seleuco. (*Sai Seleuco.*)

CLEÓPATRA — É sabido que nós, os grandes, somos responsáveis por quanto os outros fazem, e que, quando caímos, nosso nome serve para cobrir o alheio mérito. Por isso somos dignos de piedade.

CÉSAR — No rol não incluiremos da conquista, Cleópatra, quanto houvésseis apartado, nem mesmo nada do que declarastes. Tudo é vosso; dispõe disso como melhor vos aprouver. E podeis crer-me: César não é um comerciante, vindo para convosco regatear o preço do que é vendido pelos comerciantes. Ficai, portanto, alegre, não fazendo vossa prisão dos próprios pensamentos. Cara rainha, não; pois pretendemos convosco proceder sempre de acordo com vossa orientação. Alimentai-vos; ide dormir. Tanto cuidado temos, e piedade, de vós, que continuamos amigo sendo vosso. E agora, adeus.

CLEÓPATRA — Meu mestre e meu senhor! CÉSAR — Não, não! Adeus.

(*Fanfarra. Sai César com seu séquito.*)

CLEÓPATRA — Ele fala comigo, caras, fala somente para que eu não continue nobre comigo mesma. Mas escuta, Charmian. (*Fala-lhe ao ouvido.*)

IRAS — Concluí, minha senhora; o dia radioso terminou; agora estamos em plena escuridão.

CLEÓPATRA — Vai lá de novo; já falei nisso; está providenciado. Vai logo; apressa-te.

CHARMIAN — Pois não, senhora. (*Volta Dolabela.*)

DOLABELA — Onde está a rainha? CHARMIAN — Ali, senhor. (*Sai.*)

CLEÓPATRA — Dolabela!

DOLABELA — Senhora, preso à jura que de mim exigistes, que meu zelo transforma num dever, digo-vos isto: César pretende atravessar a Síria, sendo sua intenção, nestes três dias na frente vos mandar com vossos filhos. Como puderdes, fazei uso disto. Como o querieis, fiz o prometido.

CLEÓPATRA — Sou vossa devedora, Dolabela.

DOLABELA — E eu, vosso servo. Adeus, boa rainha. Preciso esperar César.

CLEÓPATRA — Vai; adeus. De novo, agradecida. (*Sai Dolabela.*) Iras, que dizes disso tudo? És uma boneca egípcia e, como eu, vais em Roma ser mostrada.

Escravos artesãos, de avental sujo, réguas e malhos, hão de levantar-nos para melhor nos verem. Envolvidas vamos ser por seus hábitos pesados que a alimentos grosseiros, só, tresandam, e que a aspirar forçadas nos veremos.

IRAS — Os deuses nos amparem!

CLEÓPATRA — Não; é certo, Iras; é mais que certo. Descarados lictores, como a prostitutas, hão de vir apalpar-nos, e versistas píffios nos cantarão fora de metro e rima. Histriões habilidosos, no tablado nos improvisarão, representando nossas festas joviais de Alexandria. Antônio, bêbedo, há de entrar no palco, tendo eu de ver algum menino-Cleópatra de voz fina imitar minha grandeza com gestos de rameira.

IRAS — Oh grandes deuses!

CLEÓPATRA — Podes acreditar-me.

IRAS — Nunca hei de ver tal coisa; tenho as unhas — estou certa — mais duras do que os olhos.

CLEÓPATRA — Bravo! É o caminho de lograr seus planos e destruir-lhes o intento mais que absurdo. (*Volta Charmian.*) Agora, Charmian minhas companheiras, vinde arranjar-me como a uma rainha. Trazei o meu vestido mais custoso. De novo terei de ir ao Cidno, para ver-me com Marco Antônio. Iras, vai logo. Agora estamos prontas, nobre Charmian. E quando houveres feito esse serviço, liberdade te dou para brincareis até o dia do juízo derradeiro. Traz a coroa e tudo o mais. (*Sai Iras. Ouve-se barulho.*) Que é isso?

(*Volta um dos guardas.*)

GUARDA — Aí fora está um rústico que insiste em ver Vossa Grandeza. Traz-vos figos.

CLEÓPATRA — Manda-o entrar. (*Sai o guarda.*) Como uma ação grandiosa pode ser feita por um meio humilde! Trouxe-me a liberdade. Continuo na mesma decisão, sem coisa alguma de mulher ter em mim. Tal como o mármore, sou da cabeça aos pés: inabalável. A lua incerta não é o meu planeta.

(*Volta o guarda com o bobo, que traz uma cesta.*)

GUARDA — Eis aqui o homem.

CLEÓPATRA — Vai-te embora e deixa-o. Então, trouxeste o bonitinho verme do Nilo que, sem dor, põe termo à vida?

BOBO — Trouxe-o, com certeza; mas não serei eu que vos aconselhe a tocar nele, porque sua picada é mortal. Os que morrem em consequência disso, raramente, ou nunca, se restabelecem.

CLEÓPATRA — Sabes de alguém que assim morrido houvesse?

BOBO — Oh! em quantidade! Homens e mulheres também. Ainda anteontem ouvi falar de um caso: uma mulher de grande honestidade, mas um tanto amiga de mentir — o que a mulher nunca deve fazer, senão por maneira muito honesta — como veio a morrer da picada e que dores sentiu. Realmente, ela deu uma ótima informação do verme; mas quem der crédito a tudo o que as mulheres dizem, não se salvará com a metade do que elas próprias fazem. Mas isso é muito falível, o verme é um verme muito caprichoso.

CLEÓPATRA — Bem, até logo; podes retirar-te.

BOBO — Desejoque tenhaismuito prazer

com o verme. (*Depõe a cesta no chão.*)

CLEÓPATRA — Adeus.

BOBO — Não deveis esquecer, vede bem, que o verme tem suas manhas.

CLEÓPATRA — Pois não; pois não. Adeus.

BOBO — Vede bem! Não se pode confiar no verme, a não ser sob a guarda de gente muito experta, porque, de fato, não há nele sombra de bondade.

CLEÓPATRA — Não te preocupes, que eu saberei tratar dele.

BOBO — Perfeitamente Não lhe dêis nada a comer, que ele não vale o que come.

CLEÓPATRA — Será que ele comerá?

BOBO — Não haveis de pensar que eu seja tão simplório para não saber que o próprio diabo não come uma mulher. Sei muito bem que a mulher é prato para os deuses, quando não é o diabo que o prepara. Mas em verdade, esses malditos diabos causam muito mal aos deuses com as mulheres, porque de cada dez que estes aprontam, os diabos estragam cinco.

CLEÓPATRA — Bem, podes ir embora. Adeus.

BOBO — Sim, por minha fé! Desejo-vos muita alegria com o verme. (*Sai.*)

(*Volta Iras com o manto, a coroa, etc.*)

CLEÓPATRA — Dá-me o manto; coloca-me a coroa. Anseios imortais em mim se agitam. Nunca jamais há de molhar-me os lábios o líquido de nossa vinha egípcia. Vamos, Iras; depressa! Só parece que ouço Antônio chamar-me; levantar-se vejo-o e elogiar meu ato valoroso. Ouço como ele zomba da ventura de César, que aos mortais os deuses cedem para depois justificar sua cólera. Caro esposo, eis-me aqui! Minha coragem irá provar que faço jus ao título. Sou ar e fogo; os outros elementos cedo à vida inferior. Já concluíste? Então vem e recebe de meus lábios o calor derradeiro. Adeus, querida Charmian; Iras querida, um longo adeus. (*Beija-as; Iras cai e morre.*) Tenho, acaso, nos lábios a serpente? Como! Caíste! Se te separaste da natureza assim tão gentilmente, é que o golpe da morte é como aperto de namorado, que machuca um pouco, mas sempre é desejado. Estás tranquila? Se assim te foste, é porque ao mundo contas que digno ele não é de despedida.

CHARMIAN — Nuvem, espalha o teu negrume e chove, para que eu dizer possa que até os deuses estão chorando.

CLEÓPATRA — Isto só prova a minha pusilanimidade. Se primeiro do que eu ela encontrar o meu Antônio de cabelos cacheados, ele o beijo nela dará, que para mim é o céu. Vem, coisinha fatal; (*Aplica a serpente ao seio.*) com o dente agudo o nó complexo vem soltar da vida. Fica zangado, tolo venenoso; termina de uma vez. Oh! se falasses, chamarias o grande César de asno sem nenhuma visão.

CHARMIAN — Estrela do nascente!

CLEÓPATRA — Oh, não! Silêncio! Não vês que ao seio tenho o meu menino, na ama, a dormir, mamando?

CHARMIAN — Parai! Parai!

CLEÓPATRA — Tão doce como bálsamo, brando como o ar, gentil... Oh meu Antônio!... Sim, tu também terás o meu carinho. (*Aplica no braço outra serpente.*)

Por que haveria de ficar mais tempo... (*Morre.*)

CHARMIAN — ...neste mundo tão vil? Assim, adeus. Agora, morte, podes vangloriar-te de que uma rapariga incomparável em teus braços sustentas. Ó janelas emplumadas, fechai-vos! Ó radioso, Febo jamais será de novo visto por uns olhos tão reais. Vossa coroa ficou pendida; vou endireitá-la e, após, representar a minha parte.

(*Entra um guarda, precipitadamente.*)

PRIMEIRO GUARDA — Onde está a rainha?

CHARMIAN — Falai baixo, para não despertá-la.

PRIMEIRO GUARDA — César mandou...

CHARMIAN — ...um mensageiro lerdo. (*Aplica em si própria uma serpente.*) Vem depressa. Termina. Mal te sinto.

PRIMEIRO GUARDA — Aproximai-vos, ah! Algo se passa. César foi enganado.

SEGUNDO GUARDA — Dolabela veio da parte dele, ide chamá-lo.

PRIMEIRO GUARDA — Que é que houve por aqui? Ó Charmian! Charmian! Achas que foi bem-feito?

CHARMIAN — Foi bem-feito, digno de uma princesa que descende de tantos reais monarcas. Ah! soldado... (*Morre.*)

(*Volta Dolabela.*)

DOLABELA — Que aconteceu aqui? SEGUNDO GUARDA — Morreram todas.

DOLABELA — César, teus pensamentos se confirmam neste particular. Tu próprio chegas para ver realizado o horrível ato que evitar procuraste tanto e tanto!

(*Dentro: “Daí passagem a César. Dai passagem!”*)

(*Volta César, com todo o seu séquito.*)

DOLABELA — Ó senhor! sois um áugur de confiança; o que receáveis, deu-se.

CÉSAR — Corajosa foi até o fim. Por ter desconfiado de nossas intenções, como legítima soberana, tomou o caminho próprio. Como morreram? Não percebo sangue.

DOLABELA — Quem por último esteve junto delas?

PRIMEIRO GUARDA — Um vil campônio, que lhe trouxe figos dentro desta cestinha.

CÉSAR — Então, estavam envenenados.

PRIMEIRO GUARDA — César, esta Charmian até há pouco vivia. Estava pálida e falou. Encontrei-a endireitando o diadema da morta. Ela tremia e caiu de repente.

CÉSAR — Oh muito nobre fraqueza! Se elas ingerido houvesse algum veneno, logo o conhecêramos pelo inchaço exterior. Mas aparência tem ela de quem dorme, de quem fosse prender um Outro Antônio nas cadeias fortes de seus encantos.

DOLABELA — Sobre o seio tem um ponto de sangue, um pouco inchado, tal como aqui no braço.

PRIMEIRO GUARDA — É a marcazinha de uma áspide; estas folhas de figueira deixam ver lodo, tal como se encontra nas cavernas do Nilo em que há serpentes.

CÉSAR — É bem provável que ela assim morresse. Seu médico me disse que ela tinha feito infinitas experiências sobre os meios de morrer mais facilmente. O leito carregai; do monumento o corpo retirai também das criadas. Sepultada vai ser junto do corpo do Marco Antônio dela. Nenhum túmulo jamais encerrará em toda a terra um tão famoso par. Altos eventos como este aqui comovem até mesmo seus próprios causadores. Sua história tão digna foi causa de chorados serem. Com solene aparato, nosso exército o enterro seguirá. Depois, a Roma. A maior pompa. Dolabela, é que há de determinar esta solenidade.

(*Saem.*)

FIM

**ANEXO 5 – O MERCADOR DE VENEZA**

William Shakespeare

Edição Ridendo Castigat Mores - Fonte Digital

## ÍNDICE

## ATO I

Cena I — 7

Cena II — 16

Cena III — 23

## ATO II

Cena I — 32

Cena II — 35

Cena III — 46

Cena IV — 48

Cena V — 51

Cena VI — 54

Cena VII — 58

Cena VIII — 62

Cena IX — 65

## ATO III

Cena I — 70

Cena II — 77

Cena III — 91

Cena IV — 94

Cena V — 98

## ATO IV

Cena I — 103

Cena II — 125

## ATO V

Cena I — 127

**PERSONAGENS**

O DOGE DE VENEZA.

O PRÍNCIPE DE MARROCOS, pretendente de Pórcia.

O PRÍNCIPE DE ARAGÃO, pretendente de Pórcia.

ANTÔNIO, um mercador de Veneza.

BASSÂNIO, seu amigo.

GRACIANO, amigo de Antônio e de Bassânio.

SALÂNIO, amigo de Antônio e de Bassânio. SALARINO, amigo de Antônio e de Bassânio. LOURENÇO, apaixonado de Jessica.

SHYLOCK, um judeu rico.

TUBAL, um judeu, seu amigo. LANCELOTO GOBBO, criado de Shylock. O VELHO GOBBO, pai de Lanceloto.

LEONARDO, criado de Bassânio.

BALTASAR, criado de Pórcia. ESTÉFANO, criado de Pórcia. PÓRCIA, rica herdeira.

NERISSA, sua dama de companhia.

JESSICA, filha de Shylock.

Senadores de Veneza, oficiais da Corte de Justiça, um carcereiro, criados de Pórcia e outros servidores.

## ATO I

## Cena I

Veneza. Uma rua. Entram Antônio. Salarino e Salânio.

ANTÔNIO — Não sei, realmente, porque estoutão triste. Isso me enfara; e a vós também, dissestes. Mas como começou essa tristeza, de que modo a adquirir, como me veio, onde nasceu, de que matéria é feita, ainda estou por saber. E de tal modo obtuso ela me deixa, que mui dificilmente me conheço.

SALARINO — Vosso espírito voga em pleno oceano, onde vossos galeões de altivas velas — como burgueses ricos e senhores das ondas, ou qual vista aparatosa distendida no mar — olham por cima da multidão de humildes traficantes que os saúdam, modestos, inclinando-se, quando perpassam com tecidas asas.

SALÂNIO — Podeis crer-me, senhor: caso eu tivesse tanta carga no mar, a maior parte de minhas afeições navegaria com minhas esperanças. A toda hora folhinhas arrancara de erva, para ver de onde sopra o vento; debruçado nos mapas, sempre, procurara portos, embarcadoiros, rotas, sendo certo que me deixara louco tudo quanto me fizesse apreensivo pelasorte do meu carregamento.

SALARINO — Meu hálito, que a sopa deixafria, produzir-me-ia febre, ao pensamento dosdesastres que um vento muito forte pode causar no mar. Não poderia ver correr a ampolheta, sem que à ideia me viessem logo bancos e mais bancos de areia e mil baixios, inclinado vendo o meu rico “André” numa coroa, mais fundo o topodo que os próprios flancos, para beijar a tumba; não iria à igreja sem que a vista do edifíciomajestoso de pedra me fizesse logo lembrado de aguçadas rochas, que, a um simples toque nomeu gentil barco, dispersariam pelas ondas bravas suas especiarias, revestindo com minhas sedas as selvagens ondas. Em resumo: até há pouco tão valioso tudo isso; agora, sem valia alguma. Pensamento terei para sobre essa conjuntura pensar, e há de faltar-me pensamento que respeita à ideia de que tal coisa me faria triste? Mas não precisareis dizer-me nada: sei que Antônio está triste só de tanto pensar em suas cargas.

ANTÔNIO — Podeis crer-me, não é assim. Sou grato à minha sorte; mas não confio nunca os meus haveres a um só lugar e a um barco, simplesmente nem depende o que tenho dos azares do corrente ano, apenas. Não me deixam triste, por conseguinte, as minhas cargas.

SALARINO — Então estais amando. ANTÔNIO — Ora! Que ideia!

SALARINO — Não é paixão, também? Então digamos que triste estais por não estardes ledos, e que saltar e rir vos fora fácil e acrescentar, depois, que estais alegre porque triste não estais. Pelo deus Jano de dupla face, a natureza, agora, confecciona uns sujeitos bem curiosos: uns, de olhos apertados, riem como papagaio trepado numa gaita de foles; outros andam com tal carade vinagre, que nunca os dentes mostram à guisa de sorriso, muito embora Nestor jurasse que a pilhéria é boa.

(Entram Bassânio, Lourenço e Graciano.) SALÂNIO — Eis que vem vindo aí Bassânio, vosso m u i t o nobre parente, acompanhado de Lourenço e Graciano.

Passai bem, que em melhor companhia vos deixamos.

SALARINO — Ficaria convosco até deixar-vos mais disposto, se amigos muito dignos não me solicitassem neste instante.

ANTÔNIO — Sei apreciar em tudo vossos méritos. Os negócios vos chamam, estou certo, eo ensejo aproveitais para deixar-nos.

SALARINO — Bom dia, caros lordes. BASSÂNIO — Quando riremos outra vez, senhores? Dizei-nos: quando? Quase vos tornastes estranhos para nós. É concebível semelhante atitude?

SALARINO — Nossas folgas irão ficar só ao dispor das vossas.

(Saem Salarino e Salânio.)

LOURENÇO — Caro senhor Bassânio, já que achastes Antônio, vos deixamos. Mas mui gratos vos ficaremos, se hoje à noite, à ceia, vos lembrardes do ponto em que devemos encontrar-nosle novo.

BASSÂNIO — Combinado.

GRACIANO — Signior Antônio, pareceis doente. Preocupai-vos demais com este mundo. Perda de vulto é tudo o que nos custa tantos cuidados. Podeis dar-me crédito: mudastes por maneira extraordinária.

ANTÔNIO — O mundo, para mim, é o mundo, apenas, Graciano: um palco em que representamos, todos nós, um papel, sendo o meu triste.

GRACIANO — O de bobo farei. Que entrefolguedos e risadas as velhas rugas cheguem. Prefiro o fígado aquecer com vinho, a esfriar o peito com gemidos lúgubres. Se o sangue temos quente, por que causa deveremos ficar imóveis como nossos antepassados de alabastro? dormir de pé, ficar com icterícia só de não fazer nada? Escuta, Antônio — dedico-te afeição; ela é que fala — pessoas há, cuja fisionomia se enruga e enturva como uma lagoa parada, e que a toda hora se retraem num silêncio obstinado, só com ofito de aparência envergarem de profundas abedoria, gravidade e senso, como quem diz: “Eusou o senhor Oráculo; quando eu falar, nenhum cachorro ladre!” Conheço, caro Antônio, muita gente que é tida como sábia, tão-somente por não dizerem nada, quando é certo que, se a falar chegassem, os ouvintes condenariam, por levá-los, logo, a dar o nome, ao próximo, de tolos. De outra vez falaremos mais sobre isso. Mas comisca assim triste não me pesques semelhante opinião, pois como engodo, só serve para os tolos. Vem, bondoso Lourenço. Por enquanto, passaibem. Depois da ceia acabarei a prédica.

LOURENÇO — Muito bem; até à ceia vos deixamos, Vou fazer o papel de sábio mudo, porque falar Graciano não me deixa.

GRACIANO — Para ao meu lado apenas mais dois anos, que a própria voz há de ficar-te estranha.

ANTÔNIO — Adeus; para alcançar esse objetivo vou ficar falador.

GRACIANO — Sim; que o silêncio só é virtude em língua defumada ou em virgem que não quer ser conquistada.

(Saem Graciano e Lourenço.)

ANTÔNIO — Que sentido há em tudo isso?

BASSÂNIO — Graciano fala sempre uma infinidade de nada, como ninguém em Veneza. Suas ideias razoáveis são como dois grãos de trigo perdidos em dois alqueires de palha: gastais um dia inteiro para encontrá-los; mas, uma vez achados, não compensam o trabalho.

ANTÔNIO — Dizei-me agora o nome da donzela a que jurastes ir secretamente em peregrinação, de que devíeis falar-me hoje, segundo o prometestes.

BASSÂNIO — Não ignoras, Antônio, até que ponto dissipei meus haveres, pretendendo sustentar um estilo mais custoso de vida do que minhas fracas rendas podiam comportar. Presentemente não me pesa abrir mão desse alto estilo. Consiste todo o meu cuidado apenas em liquidar airoso as dívidas em que me enleou a vida um tanto pródiga. Convosco, Antônio, tenho o maior débito, de amizade e dinheiro, assegurando-me vossa amizade o mais propício meio de aliviar-me dos planos e projetos de comoficar livre dessas dívidas.

ANTÔNIO — Confiai-me, bom Bassânio, esses projetos, que, se estiverdes ainda, como sempre, sob a mirada da honra, ficai certo de que minha pessoa, a bolsa, todos os meus recursos ficarão patentes à vossa precisão.

BASSÂNIO — Quando menino de escola, se eu perdia alguma flecha, costumava lançar outra em seguida, para achar a primeira. Assim, as duas arriscando, acabava, muitas vezes, por ambas encontrar. Se menção faço desse jogo infantil, é porque tudo quanto se segue é de inocência pura. Já me emprestastes muito, e, como jovem estúrdio, perdi tudo o que vos devo. Mas se quisésseis mandar outra flecha na direção daquela, não duvido que, atento à meta, encontrarei as duas, ou, quando menos, a última devolvo, ficando a vos dever apenas uma.

ANTÔNIO — Conheceis-me mui bem; por isso mesmo perdeis tempo apelando desse modo para a minha afeição. Além de tudo, pondo em dúvida o meu devotamento, muito mais me ofendeis do que se houvésseis malbaratado tudo o que possuo. Basta



dizerdes-me o que é necessário que eu faça, o que julgardes que só pode ser por mim realizado, e eis-me disposto para tudo fazer. Falai, portanto.

BASSÂNIO — Em Belmonte há uma jovem que de pouco recebeu grande herança. É muitolinda e, mais do que esse termo, de virtudes admiráveis. Outrora eu recebi de seus olhos mensagens inefáveis. Chama-se Pórcia, inferior em nada à filha de Catão, Pórcia de Bruto. Não lhe ignora o valor o vasto mundo. pois pelos quatro ventos lhe têm vindo de toda parte muitos pretendentes de fama sublimada. Como velo de ouro o solar cabelo lhe orna a fronte, o que transforma a sede de Belmonte em uma nova Cólquida, empenhando-se muitos Jasões no afã de conquistá-la. Ó meu Antônio! Se eu possuísse meios para poder apresentar-me como pretendente também, não me restara, diz-me o pressentimento, a menor dúvida de que eu viria a ser o felizardo.

ANTÔNIO — Sabes que está no mar quanto possuo. Dinheiro ora não tenho, nem disponho, nesta ocasião, de nada com que possa levantar qualquer soma. Sai a campo; põe à prova meu crédito em Veneza. Hei de espichá-lo ao último, contanto que te prepares para que em Belmonte vejas a bela Pórcia. Vai; informa-te por teu lado, como eu, onde há dinheiro para emprestar. Seria fato inédito nada obtermos agora com meu crédito.

(Saem.)

## Cena II

*Belmonte. Um quarto em casa de Pórcia. Entram Pórcia e Nerissa.*

PÓRCIA — Por minha fé, Nerissa, este mundo grande cansa-me o pequeno corpo.

NERISSA — Isso se daria, estimada senhora, se vossos incômodos fossem tão numerosos quanto vossas venturas. Aliás, por tudo quanto vejo, tanto se adoce por comer em excesso como por definir à míngua. Não é, por conseguinte, ventura despicienda encontrarmos-nos em uma situação mediana. A superfluidade chega mais cedo aos cabelos brancos, mas a modicidade vive mais tempo.

PÓRCIA — Belas sentenças e ótima dicção.

NERISSA — Melhores ainda seriam as sentenças, se fossem postas em prática.

PÓRCIA — Se fazer fosse tão fácil como sabero que se deve fazer bem, as capelas teriam sido igrejas e as choupanas dos pobres, palácios principescos. Bom predicador é o que segue suas próprias instruções. É-me mais fácil ensinar a vinte pessoas como devem comportar-se, do que ser uma das vinte, para seguir a minha própria doutrina. O cérebro pode inventar leis para o sangue, mas os temperamentos ardentes saltam por cima de um decreto frio. A senhorita loucura é uma lebre que pula por sobre a rede do bom conselho, o coxo. Mas esse raciocínio é inadequado para ajudar-me na escolha de um marido. Mas, ai de mim! “Escolha” é modo de dizer. Não está em mim nem escolher quem eu desejara, nem recusar quem me desagradar. Desse modo, dobra-se a vontade de uma filha viva ante a de um pai morto. Não é duro, Nerissa, não poderemos escolher nem recusar ninguém?

NERISSA — Vosso pai foi sempre virtuoso, e as pessoas assim pias ao morrerem têm inspirações felizes. Por isso, a loteria concebida por ele, dos três cofres, de ouro, prata e chumbo, com a afirmativa de que quem escolhesse segundo o seu modo de pensar vos escolheria também, sem dúvida alguma só poderá ser ganha por quem vos ame verdadeiramente. Mas a que ponto vos sentis inclinada para qualquer dos pretendentes principescos que já se fizeram anunciar?

PÓRCIA — Enumeramos, por obséquio, que os descreverei, à medida que os nomeares. Da descrição que eu fizer, deduzirás o grau de minha inclinação.

NERISSA — Primeiro, temos o príncipe napolitano.

PÓRCIA — Oh! Não passa de um potro xucro, porque toda sua conversa só gira em torno de cavalos, considerando-o especial atributo de suas boas qualidades saber ele mesmo ferrá-los. Receio muito que a senhora mãe dele haja prevaricado com algum ferreiro.

NERISSA — Depois, temos o conde palatino.

PÓRCIA — Esse anda sempre de sobrececho fechado, como se estivesse a dizer: “Se não me quiserdes escolher, decidi logo”. Ouve histórias alegres sem sorrir; receio que, ao envelhecer, se torne filósofo chorão, já que na mocidade revela tão selvagem sisudez. Prefiro desposar uma caveira com um osso na boca a escolher umqualquer desses pretendentes. Deus me defenda de ambos.

NERISSA — E que dizeis do senhor francês, Monsieur Le Bon?

PÓRCIA — Foi Deus que o fez; por isso, que passe por criatura humana. Em verdade, sei perfeitamente que é pecado zombar. Mas esse! Possui um cavalo melhor do que o do napolitano, sendo o seu mau hábito de franzir o sobrolho mais suportável do que o do conde palatino. É todo o mundo e ninguém. Se um tordo canta, põe-se a fazer cabriolas; se casar com ele, casar-me-eicom vinte maridos. Se ele me desprezar, perdoar-lhe-ei, porque ainda que me amasse até à loucura, jamais poderia retribuir-lhe o amor.

NERISSA — Que dizeis, então, de Falconbridge, o jovem barão da Inglaterra?

PÓRCIA — Bem sabeis que dele nada posso dizer, porque nem ele me compreende, nem eu aele. Não fala nem latim, nem francês, nem italiano, assim como podeis prestar juramento noTribunal de Justiça em como não possuo um só real da língua inglesa. É um belo retrato de homem; mas quem poderá conversar com uma figura de pantomima? E que maneira extravagante de se vestir! Suspeito que comprou o gibão na Itália, os calções largos na França, o gorro na Alemanha e suas maneiras em toda parte.

NERISSA — Que pensais do senhor escocês, seu vizinho?

PÓRCIA — Que revela qualidade vizinhesca, pois recebeu emprestada do inglês uma bofetada,tendo jurado que a pagará quando puder. Creio que o francês foi o seu fiador, que subscreveu mais uma bofetada.

NERISSA — Como vos parece o jovem alemão, sobrinho do Duque de Saxônia?

PÓRCIA — Repelente pela manhã, quando ainda não está bêbedo, e repelentíssimo à tarde,depois do pifão quotidiano. No seu melhor estadoé pouco pior do que homem; no pior, pouco melhor do que animal. Por pior que me possa acontecer, ainda espero poder livrar-me dele.

NERISSA — Se ele se decidir a escolher eescolher o cofre bom, desobedecereis à vontade devosso pai, no caso de vos recusardes a aceitá-lo.

PÓRCIA — Por isso, de medo do pior, peço-te que coloques sobre um dos cofres em branco um copo bem cheio de vinho do Reno. Porque ainda que o diabo estivesse dentro desse cofre, estandofora a tentação, ele escolherá esse mesmo. Tudo,Nerissa, menos casar-me com uma esponja.

NERISSA — Não precisais ter medo, senhorita, de que possais vir a casar com qualquer desses pretendentes, pois todos eles mecomunicaram a determinação de voltar para casa,cessando de vos importunar com vos fazerem a corte, a menos que pudésseis ser conquistada poroutro meio que não o da imposição de vosso pai, com relação aos cofres.

PÓRCIA — Ainda que eu chegue a ficar tão velha quanto Sibila, morrerrei tão casta como Diana, no caso de não ser conquistada segundoas condições estipuladas por meu pai. Alegra-me saber que esses pretendentes se mostram tãorazoáveis, pois não há um só entre eles cujaausência eu não deseje com todas as veras da alma, pedindo a Deus que lhes conceda uma boa viagem.

NERISSA — Não vos recordais, senhora, notempo em que vosso pai ainda vivia, de um veneziano, soldado e estudante, que aqui veio emcompanhia do Marquês de Montferrat?

PÓRCIA — Sim, sim; se não me engano,chamava-se Bassânio.

NERISSA — Isso mesmo, senhora; esse, detodos os homens que estes olhos têm contemplado, é o mais digno de uma bela esposa.

PÓRCIA — Lembro-me perfeitamente dele,assim como me lembro de que é merecedor desseelogio. (Entra um criado.) Então, que há de novo?

CRIADO — Senhora, os quatro estrangeirosvos procuram, para apresentarem suas despedidas, tendo chegado, também, o mensageiro de um quinto, Príncipe de Marrocos, que trouxe a notícia de que o príncipe, seu amo, chegará aqui esta noite.

PÓRCIA — Se eu pudesse apresentar as boas-vindas ao quinto com a mesma disposição com que me despeço dos outros quatro, sua chegada me deixaria alegre. Se ele tiver a compostura de um santo e a cor do diabo, melhorfora que, em vez de desposar-me, me confessasse. Vamos, Nerissa. Segue na frente, maroto. Enquanto fecham o portão a um pretendente, bate outro à porta.  
(Saem.)

### Cena III

*Veneza. Uma praça pública. Entram Bassânio e Shylock.*

SHYLOCK — Três mil ducados. Bem? BASSÂNIO — Sim, senhor; por três meses.

SHYLOCK — Por três meses. Bem?

BASSÂNIO — Dos quais, como vos disse, servirá Antônio de fiador.

SHYLOCK — Antônio servirá de fiador. Bem?

BASSÂNIO — Podeis servir-me? Quereisfazer-me esse obséquio? Posso saber vossa resposta?

SHYLOCK — Três mil ducados, por três meses e Antônio como fiador.

BASSÂNIO — Que respondeis a isso? SHYLOCK — Antônio é um bom homem.

BASSÂNIO — Já ouviste qualquer imputaçãoem contrário?

SHYLOCK — Oh, não, não, não! Quando digo que ele é um bom homem, quero fazer-vos compreender que como fiador é suficiente. Mas seus recursos são hipotéticos. Ele tem um galeão no caminho de Trípoli; outro, no das Índias. Ouvi falar, também, no Rialto, que tem um terceiro derota para o México, um quarto, para a Inglaterra, bem como outras pacotilhas espalhadas por esse mundo. Mas navios não passam de tábuas, e marinheiros, de homens. Há ratos de terra e ratosde água, ladrões de terra e ladrões de água — quero dizer: piratas — como há os perigos dos ventos, das ondas e das rochas. O homem, não obstante, é suficiente. Três mil ducados; creio que posso aceitar a fiança dele.

BASSÂNIO — Ficai seguro de que o podeis.

SHYLOCK — Ficarei seguro de que o posso e hei de considerar que posso ficar seguro. Posso conversar com Antônio?

BASSÂNIO — Se vos agradar cear conosco.

SHYLOCK — Sim, para sentir o cheiro de porco, para comer da casa de onde vosso profeta, o Nazareno, conjurou o demônio. Poderei comprar e vender convosco, conversar convosco, passear convosco, e assim por diante; mas não comerei convosco, nem beberei convosco, nem rezareiconvosco. Que novidades há no Rialto? Quem é que vem chegando aqui?

(Entra Antônio.)

BASSÂNIO — É o signior Antônio.

SHYLOCK (à parte) — Como parece o falso publicano! Por ele ser cristão é que o odeio, mas, acima de tudo, porque em sua simplicidade vil, dinheiro empresta gratuitamente e faz baixar a taxa de juros entre nós aqui em Veneza. Se em falta alguma vez puder pegá-lo, saciado deixarei meu antigo ódio. Nossa nação sagrada ele detesta, e, até mesmo no ponto em que costumam reunir-se os mercadores, ele insulta-me, meus negócios condena e o honesto lucro que de interesse chama. Amaldiçoada minha tribo se torne, se o perdoar.

BASSÂNIO — Shylock, estais ouvindo?

SHYLOCK — Considero minhas mercadorias em depósito; mas pelas contas feitas de cabeça, não me será possível mui depressa levantar uma soma tão vultosa: três mil ducados! Mas a que vem isso? Tubal, um rico hebreu de minha tribo, há de me socorrer. Mas, de mansinho! Oempréstimo será por quantos meses? (A Antônio.) Meu bom senhor, desejo-vos saúde. Falávamos de Vossa Senhoria.

ANTÔNIO — Shylock, muito embora eu nunca empreste nem emprestado peça, sem que aceite nem pague juro algum, neste momento, para atender à precisão urgente deste amigo, romper resolvo os hábitos. (A Bassânio.) Ele já sabe a quanto monta tudo?

SHYLOCK — Sei, sei! Três mil ducados. ANTÔNIO — Por três meses.

SHYLOCK — Esquecera-o. Três meses. Já me tínheis dito isso mesmo. Muito bem. Com vossa fiança... Vamos ver... Mas, escutai-me: se não me engano, há pouco declarastes que jamais emprestais nem pedis nada visando lucros.

ANTÔNIO — Nunca fiz tal coisa.

SHYLOCK — Quando Jacó cuidava das ovelhas de seu tio Labão... Esse Jacó era, depois do nosso santo Abraão — por haver trabalhado sabiamente em seu proveito a mãe, sim, sabiamente — o terceiro patriarca. Sim, terceiro.

ANTÔNIO — E a que vem isso? Ele cobrava juros?

SHYLOCK — Não, não cobrava, o que chamais de juros, diretamente. Agora tomai notade como fez Jacó. Quando ele e o tio assentaram que todos os cordeiros malhados e de rajas ficariam para Jacó, à guisa de salário, as ovelhas em cio foram postas, no fim do outono, junto dos carneiros. E quando entre esses animais velozes o ato da geração se processava, pelou-me algumas varas o astucioso pastor e, ao trabalhar a natureza, frente as pôs das ovelhas voluptuosas que, concebendo então, no tempo próprio só pariram cordeiros variegados, que com Jacó ficaram. Eis um meio de ganhar, e Jacó foi abençoado. Não sendo roubo, todo lucro é bênção.

ANTÔNIO — Ora, senhor, tudo isso é mero acaso, que redundou em lucro de Jacó. Não dependia dele o resultado. É a mão do céu que tudo faz e guia. Mas justifica a história o cobrar juros? Vossa prata e vosso ouro são, acaso, ovelhas e carneiros?

SHYLOCK — Não vos posso dizer ao certo; mas os multiplico com a mesma rapidez. Porém ouvi-me, signior.

ANTÔNIO — Bassânio, observa como o diabo sabe tirar partido da Escritura. Uma alma vil, que cita as coisas santas, é como o biltre de sorriso ameno, ou uma bela maçã podre por dentro. Como é belo o exterior da falsidade!

SHYLOCK — Três mil ducados... Soma bem redonda. Por três meses em doze. Ora vejamos quanto isso vai render.

ANTÔNIO — Então, Shylock, assumimos convosco esse contrato?

SHYLOCK — Signior Antônio, quantas, quantas vezes lá no Rialto fizestes pouco caso domeu dinheiro e de eu viver de juros! Suportei tudo sempre com um paciente encolher de ombros, pois o sofrimento é apanágio de toda a nossa tribo. De tudo me chamáveis: cão, incrédulo, degolador, além de me escarrardes neste gabão judeu, e tudo apenas por eu usar o que me pertencia. Ora bem; mas agora está patente que precisais de mim. Ótimo! Avante! Vindes buscar-me e me dizeis: “Shylock”, dizeis-me “precisamos de dinheiro”. Vós, que esvaziado háveis toda a vossa saliva em minha barba e me expulsáveis a ponta-pés, tal qual como faríeis a um cão postado em frente a vossa porta, solicitais dinheiro. Que vos devo responder neste instante? Deveria perguntar-vos: “Cachorro tem dinheiro? Será possível que um cachorro empreste a alguém três mil ducados?” Inclinar-me devo até ao chão e, em tom de voz de escravo, humilde a murmurar, quase sem fôlego, dizer assim: “Na última quarta-feira, caro amigo, cuspistes-me no rosto; noutro dia, chamastes-me de cão; e em troca dessas cortesias, preciso ora emprestar-vos tanto dinheiro assim?”

ANTÔNIO — Ainda agora pudera novamente dar-te o nome de cão, de minha porta tocar-te a ponta-pés, cuspir-te o rosto. Se queres emprestar-nos teu dinheiro, não o faças como a amigos — em que tempo a amizade cobrou do amigo juros de um metal infecundo? — antes o empresta como a teu inimigo, pois no caso de virele a faltar com o pagamento, com mais alegre rosto há de extorquir-lhe tudo o que te dever.

SHYLOCK — Ora essa! Vede como vos exaltais! É meu desejo prestar-vos um obséquio, conquistar-vos a amizade, esquecer-me das injúrias com que me maculastes, suprir vossa necessidade, sem tirar proveito nenhum do meu dinheiro. No entretanto, não me quereis ouvir. E amiga a oferta.

ANTÔNIO — Realmente, muito amiga.

SHYLOCK — Quero dar-vos prova dessa amizade. Acompanhai-me ao notário e assinai-me o documento da dívida, no qual, por brincadeira, declarado será que se no dia tal ou tal, em lugar também sabido, a quantia ou quantias não pagardes, concordais em

ceder, por equidade, uma libra de vossa bela carne, que do corpo vos há de ser cortada onde bem me aprouver.

ANTÔNIO — Palavra, aceito! Assinarei a dívida e declaro que um judeu pode ser até bondoso.

BASSÂNIO — Jamais assinareis, por minha causa, um documento desses; antes quero continuar a passar necessidade.

ANTÔNIO — Nada temas, amigo, que eu não perco. Daqui a dois meses, isto é, um mês antes de se vencer a letra, espero certo receber nove tantos do que vale.

SHYLOCK — Como são os cristãos, ó pai Abraão! A dureza mui própria os leva sempre a suspeitar do pensamento alheio. Uma coisa disse-me, por obséquio: se ele não me pagar no dia certo, que lucrarei cobrando-lhe essa pena? Uma libra de carne humana, quando retirada de alguém, não vale tanto nem é tão apreciada quanto carne de vitela, de cabra ou de carneiro. Só para ser-lhe amável é que faço semelhante proposta. Caso a aceite, serei contente. Do contrário, adeus. E, pelo meu amor, não me ultrajeis.

ANTÔNIO — Pois não, Shylock; assinarei a letra.

SHYLOCK — Então dentro de pouco ide encontrar-me em casa do notário. Dai-lhe os dados para aprontar essa jocosa letra, que os ducados vou pôr dentro da bolsa e ver o que há em casa, cuja guarda confiei a um velhaco perdulário. Dentro de pouco lá estarei convosco.

ANTÔNIO — Valoroso judeu, põe pressanisso. (Sai Shylock.) Esse hebreu ainda acaba convertendo-se. Já se mostra bondoso.

BASSÂNIO — Não confio em frases docesditas por um biltre.

ANTÔNIO — Não seja o prazo causa de aflição. Um mês antes meus barcos voltarão. (Saem.)

## ATO II

### Cena I

*Belmonte. Um quarto em casa de Pórcia. Toque decornetas. Entram o Príncipe de Marrocos, com séquito, Pórcia, Nerissa e outras pessoas.*

MARROCOS — Não vos desagradeis de mim por causa de minha compleição, libré sombria dosol ardente, do qual sou vizinho e que me fez crescer. Apresentai-me a mais bela criatura das que vieram à luz no norte, onde o calor de Febo mal o gelo desmancha, porque logo incisões em nós mesmos pratiquemos por vosso amor, a fim de que se veja qual sangue é mais vermelho: o meu ou o dele. Afirmo-vos, senhora, este conspecto já infundiu medo em bravos, e vos juropor meu amor, que as virgens mais famosas de nosso clima amor lhe consagraram. De cor não trocarei, gentil rainha, senão somente para conquistar-vos.

PÓRCIA — As exigências de um olhar de jovem em nada influem nesta minha escolha. Demais, a loteria do destino que me tocou me priva do direito da livre escolha. Mas, se não me houvesse meu pai me restringido e limitado por seu próprio alvedrio, postulando que esposa eu fosse de quem me ganhasse pela maneira dita, ficariais frente à minha afeição, famoso príncipe, tão favoravelmente colocado como todos os outros pretendentes.

MARROCOS — Por isso só, vos fico agradecido. Mas, por obséquio, aos cofres conduzi-me, para que eu experimente a minha dita. Por esta cimitarra — que da vida privou a Sofri e a um príncipe da Pérsia, que em batalha vencera por três vezes ao Sultão Solimão — fixar quisera o olhar mais fero que na terra exista, vencer o coração mais arrojado, tirar dos peitos da ursa o próprio filho, mais: rir do leão, quando de fome ruge, para ganhar-te, ó bela! Mas, oh lástima! Quando Hércules e Licas jogam dados para saber qual deles é o mais forte, pode se dar que o melhor lanço caia do lado do mais fraco. Desse modo Alcides é vencido pelo pajem. Assim, também, se pode dar comigo, se o cego acaso me servir de guia, sendo possível que a perder eu venha e que alcance pessoa menos digna, e eu de tristeza morra.

PÓRCIA — É indispensável tentar a sorte: ou não fazer a escolha, ou jurar, antes disso, que nocaso de não serdes feliz, jamais haveis de falar emcasamento a outra pessoa.

Portanto, refleti.

MARROCOS — Não é preciso; levai-me logo para essa aventura.

PÓRCIA — Antes vamos ao templo; após a ceia, a sorte tentareis.

MARROCOS — Dentro de pouco, ou oshomens bendirão meu rico fado, ou serei tido coma amaldiçoado.

(Saem.)

## Cena II

*Veneza. Uma rua. Entra Lanceloto Gobbo.*

LANCELOTO — Certamente a minha consciência me permitirá fugir do judeu, meu amo. O espírito maligno me puxa pelo cotovelo eme tenta, dizendo-me: “Gobbo, Lanceloto Gobbo, bom Lanceloto”, ou “bom Gobbo”, ou “bom Lanceloto Gobbo, fazei uso das pernas, dai oprimeiro passo e fugi”. A consciência diz: “Não! Toma cuidado, honesto Lanceloto; toma cuidado,honesto Gobbo!” ou, como já disse: “honesto Lanceloto Gobbo, não fujas; despreza semelhanteideia”. Bem; mas o muito corajoso espírito maligno me manda arrumar a trouxa. “Via!” diz ocapeta; “adiante!” diz o capeta; “em nome do céu,cria coragem”, diz o capeta, “e foge”. Bem; mas a consciência, apegando-se-me ao pescoço docoração, diz-me com muita sabedoria: “Honesto amigo Lanceloto, como filho de um homem honesto — ou melhor: filho de uma mulher honesta — porque, para dizer a verdade, meu paitinha um certo cheiro de... uma tendência para...uma espécie de gosto... Muito bem; e a consciência me diz: “Lanceloto, não te mexas”.“Mexe-te!” diz o capeta. Não te mexas!” diz aconsciência. “Consciência”, digo eu, “aconselhas-me bem”; “espírito maligno”, digo eu, aconselhas-me bem. Se me deixasse guiar pela consciência, eu ficaria com o judeu, meu amo, que — Deus que me perdoe! — é uma espécie de demônio;mas se deixasse o judeu, seria guiado peloespírito maligno, que, com licença de VossaReverência, é o próprio diabo. Não há dúvida, o judeu é a própria encarnação do diabo, e, em consciência, minha consciência não passa de uma consciência dura, para aconselhar-me a deixar o judeu. É muito mais camarada o conselho do capeta: Vou fugir, capeta; minhas pernas estão às tuas ordens. Sim, vou fugir.

(Entra o velho Gobbo, com um cesto.)

GOBBO — Vós aí, mestre moço, por obséquio: qual é o caminho para a casa do mestre judeu?

LANCELOTO (à parte) — Oh céus! É o meupai carnal de verdade, que sendo mais do que míope, quase cego de gravela, não me reconheceu. Vou fazer uma brincadeira com ele.

GOBBO — Mestre jovem gentil-homem, por obséquio: qual é o caminho para a casa do mestre judeu?

LANCELOTO — Na primeira esquina dobrai à direita, mas na esquina próxima de todas, à esquerda, isto é: na mais próxima não precisareisdobrar nem para a direita nem para a esquerda, mas dobrar diretamente para baixo até a casa dojudeu.

GOBBO — Santo Deus! Que caminho difícilde se achar! Podeis dizer-me se um Lanceloto quemora com ele, mora com ele ou não?

LANCELOTO — Falais do jovem mestre Lanceloto? (À parte) — Prestai agora atenção, queeu vou fazer subir as águas. Falais do jovemmestre Lanceloto?

GOBBO — Não é mestre, senhor; mas o filho de um pobre homem. Seu pai, muito embora eu odiga, é um pobre homem excessivamente honestoe, graças a Deus, em estado de viver.

LANCELOTO — O pai dele pode ser o quequiser; estamos falando do jovem mestre Lanceloto.

GOBBO — Amigo de Vossa Senhoria é Lanceloto, senhor.

LANCELOTO — Mas, por obséquio, velho, ergo; dissei-me por obséquio, ergo, estais vos referindo ao jovem mestre Lanceloto?

GOBBO — Sim, a Lanceloto, se for do agrado de Vossa Graça.

LANCELOTO — Ergo, mestre Lanceloto. Não faleis de mestre. Lanceloto, pai, porque o jovem gentil-homem — em obediência aos Fados e Destinos e outras expressões bizarras, às três Irmãs e outros ramos da erudição — encontra-se, realmente, morto; ou, como diríeis em termos simples, já partiu para o céu.

GOBBO — Oh! Não o permita Deus! O rapaz era o verdadeiro bastão de minha velhice, meu legítimo sustentáculo.

LANCELOTO (à parte) — Estarei com a aparência de alguma estaca, ou de mouro, de algum bastão ou de escora? Não me conheceis, pai?

GOBBO — Ai de mim! Não vos conheço, jovem gentil-homem. Mas, por obséquio, dizei-me: meu filho — Deus lhe conserve a alma — está vivo ou morto?

LANCELOTO — Não me conheceis, pai?

GOBBO — Aí, senhor; sou muito míope; não vos conheço.

LANCELOTO — Realmente, ainda que tivésseis vista, não poderíeis conhecer-me. Sábio é o pai que conhece seu próprio filho. Pois meu velho, vou dar-vos notícias de vosso filho. Dai-me vossa bênção; é preciso que a verdade apareça; um crime não pode ficar por muito tempo encoberto; o filho de um homem o pode; mas, no fim, a verdade terá de aparecer.

GOBBO — Por obséquio, senhor, ficai de pé. Tenho certeza de que não sois meu filho Lanceloto.

LANCELOTO — Por obséquio, acabemos de vez com essas tolices, e dai-me vossa bênção. Sou Lanceloto, que foi vosso pequeno e vosso filho e que será vosso descendente.

GOBBO — Não posso crer que sejais meu filho.

LANCELOTO — Não sei o que deva pensar do caso; mas, em verdade, eu sou Lanceloto, criado do judeu, e tenho certeza de que vossa mulher Margarida foi minha mãe.

GOBBO — Realmente, ela se chamava Margarida. Assim, posso jurar que, se fores Lanceloto, és de minha própria carne e de meu sangue. Deus seja louvado! Tens mais pelos no queixo do que na cauda tem o Dobbin, meu cavalo de carro.

LANCELOTO — O que vem provar que a cauda de Dobbin cresce para trás. Tenho certeza de que, na última vez que o vi, ele tinha mais pelo na cauda do que eu no queixo.

GOBBO — Senhor! Como ficaste diferente! Como te estás dando com teu amo?

Trouxe-lhe um presente. Como vos dais presentemente?

LANCELOTO — Bem, bem; mas, por minha parte, como decidi ir embora, não hei de parar enquanto não houver corrido um bom pedaço. Meu amo é judeu legítimo. Dar-lhe um presente? Dai-lhe uma corda. Morro de fome em seu serviço. Com as minhas costelas podeis contar os dedos que tenho. Pai, alegre-me com vossa vinda. Dai-me vosso presente para um senhor Bassânio, que fornece, de fato, librés novas e raras. Se eu não conseguir entrar para o seu serviço, hei de correr até onde o permitir o chão de Deus. Ó rara Fortuna! Eis o nosso homem que vem chegando! A ele, pai! Quero ser judeu. se servir o judeu por mais algum tempo.

(Entra Bassânio, com Leonardo e outros criados.)

BASSÂNIO — Podeis fazer assim mesmo, mas com a rapidez suficiente para que o jantar esteja pronto no máximo às cinco horas. Mandai entregar estas cartas; encomendai as librés e pedia Graciano que venha logo a meus aposentos.

(Sai um criado.)

LANCELOTO — A ele, pai!

GOBBO — Deus abençoe Vossa Senhoria.

BASSÂNIO — Gramercy. Quereis de mim alguma coisa?

GOBBO — Este menino aqui, senhor, é meu filho; um pobre menino...

LANCELOTO — Não pobre menino, mas o criado do judeu rico, que deseja, senhor, conforme meu pai vos irá explicar...

GOBBO — Ele tem, como se diz, uma grande declinação para servir...

LANCELOTO — Com efeito, o comprido e o curto da questão é que eu sirvo o judeu, e desejo, conforme meu pai vos irá explicar...

GOBBO — Seu amo e ele — salvo o respeito que devo a Vossa Senhoria — vivem como gato e cachorro...

LANCELOTO — Numa palavra, a pura verdade é que em virtude de maus tratos, o judeu obrigou, conforme meu pai, que é — louvado seja Deus — um homem velho, vos justificará...

GOBBO — Aqui trago uma torta de pombas, que eu desejaria oferecer a Vossa Senhoria, e o meu pedido é que...

LANCELOTO — Para dizer tudo, o pedido é impertinente a mim mesmo, como Vossa Senhoria vai ficar sabendo por este velho honesto, o qual, embora seja eu que o diga, apesar de velho, contudo é um pobre homem meu pai.

BASSÂNIO — Fale um apenas, em nome dos dois. Que desejais?

LANCELOTO — Servir-vos, senhor.

GOBBO — Justamente, senhor; é esse o defeito da questão.

BASSÂNIO — Conheço-te; obtiveste o que desejavas, pois hoje mesmo falei com Shylock a respeito de tua promoção, se assim poderemos chamar ao fato de deixares o serviço de um judeurico para te tornares criado de um gentil-homem modesto.

LANCELOTO — O velho provérbio está muito bem dividido entre meu amo Shylock e vós, senhor: vós tendes a graça de Deus, e ele tem desobra.

BASSÂNIO — Muito bem dito. Pai, vai com teu filho. Despede-te primeiro de teu amo, e pergunta onde eu moro (Aos criados.) Mandai dar-lhe a libré mais luzida; cuidai disso.

LANCELOTO — Vamos, pai. Eu nunca poderei obter serviço... Não... Nunca tive língua na boca... Bem. (Contemplando a palma da mão.) Se há homem na Itália com uma palma mais bonita para fazer um juramento sobre um livro — hei de ter uma boa sorte. Está bem claro: aqui está uma boa linha da vida, e aqui uma outra pequenina de mulheres. Ah! Quinze mulheres não são nada. Onze viúvas e nove donzelas constituem uma despesa de nada para um homem. Depois, escapar três vezes de perecer afogado e correr o perigo de morrer na quina de um leito de penas... Isto é que se chama escapar com sorte! Bem; se a Fortuna é mulher, é uma boa rapariga com tantas intenções.

Vamos, pai; vou despedir-me do judeu num abrir e fechar de olhos.

(Saem Lanceloto e o velho Gobbo.)

BASSÂNIO — Bom Leonardo, faze isso, porobséquo. Tudo, uma vez comprado e posto em ordem, volta depressa, pois a ceia de hoje é para os meus amigos mais chegados. Não te atrases.

LEONARDO — Confiai nos meus bons préstimos.

(Entra Graciano.)

GRACIANO — Que é de vosso amo?

LEONARDO — Ali, senhor; passeia. (Sai.) GRACIANO — Signior Bassânio!

BASSÂNIO — Graciano!

GRACIANO — Tenho uma graça a pedir-vos. BASSÂNIO — Já está obtida.

GRACIANO — Não podeis recusar-ma: preciso ir convosco a Belmonte.

BASSÂNIO — Pois não, já que é preciso. Mas atende-me, Graciano. És por demais selvagem, rude, de voz imperativa, qualidades que muito bem te assentam, sem ferir nos olhos da amizade. Mas a quantos não te conhecem, a impressão dá sempre de certa grosseria. Porobséquo, acalma com algumas gotas frias demodéstia esse espírito irrequieto, porque eu não seja mal interpretado lá, em virtude de teu selvagismo, e a perder venha, assim, as esperanças.

GRACIANO — Senhor Bassânio, ouvi-me. Se conspecto sereno eu não mostrar, fala sisuda; se não jurar só muito raramente; se não trazer no bolso, a todo o instante, um livro de orações, e com modéstia não mover a cabeça... Mais: se na hora da bênção não tapar assim os olhos com o chapéu, a soltar fundos suspiros e a murmurar “Amém”... se as regras todas a ponto eu não cumprir da cortesia, como alguém que estudasse o modo austero para da avó tornar-se o preferido; jamais confieis em mim.

BASSÂNIO — Bem; esperemos, para ver confirmada essa promessa.



GRACIANO — Sim; mas faço exceção para esta noite. Não heis de me julgar por quanto eu possa praticar esta noite.

BASSÂNIO — Não; seria de lastimar. Pelo contrário, peço-vos aparecer com as cores preferidas da alegria, pois vamos ter amigos que se propõem divertir à farta. Mas, até lá, adeus; tenho negócios.

GRACIANO — E eu vou encontrar-me com Lourenço e os outros; mas contai com nós todos para a ceia.

(Saem.)

### Cena III

*O mesmo. Um quarto em casa de Shylock. Entram Jessica e Lanceloto.*

JESSICA — Entristece-me muito ver que deixas meu pai dessa maneira. Nossa casa é um inferno, e tu, nela, um diabo alegre, a privavas de parte de seu tédio. Mas passa bem; recebe este ducado. E Lanceloto, hás de ver hoje à ceia um convidado de teu novo amo: Lourenço. Entrega-lhe esta carta, pondo toda cautela nisso. Passa bem. Não desejara que meu pai me visse a conversar contigo.

LANCELOTO — Adeus; as lágrimas me substituem a língua. A mais bela das pagãs, a mais adorável judia! Se algum cristão não fizer alguma tratantagem para te pegar, estou redondamente enganado. Adeus; estas gotas idiotas me amolecem de alguma forma o espírito varonil. Adeus.

JESSICA — Adeus, bom Lanceloto. (Sai Lanceloto.) Oh, que odioso pecado é envergonhar-me de ter o pai que tenho! Mas embora do sangue dele eu venha, não sou filha daquele coração. Ó meu Lourenço Se a promessa cumprires, hei de em breve livrar-me desta situação enleada; cristãme torno e tua esposa amada. (Sai.)

### Cena IV

*O mesmo. Uma rua... Entram Graciano, Lourenço, Salarino e Salânio.*

LOURENÇO — Assim. Durante a ceia escaparemos, pomos em casa algum disfarce, e dentro de uma hora estaremos lá de novo.

GRACIANO — Não fizemos nenhum preparativo.

SALARINO — Nem assentamos nada sobre os homens que hão de levar as tochas.

SALÂNIO — Fica muito sem graça a brincadeira, quando feita sem um preparo prévio. É preferível, segundo penso, abandonar a ideia.

LOURENÇO — São só quatro horas; para prepararmos-nos ainda temos duas horas.

(Entra Lanceloto, com uma carta.) Caro amigo Lanceloto, que novas nos trouxeste?

LANCELOTO — Se for do vosso agrado abrir isto, ficareis sabendo o que há de novo.

LOURENÇO — Conheço a letra, sim; é bem bonita! Porém mais alva ainda do que a folha de papel em que a carta foi escrita é a bela mão que a fez.

GRACIANO — Posso jurá-lo é mensagem de amor.

LANCELOTO — Com vossa permissão, senhor.

LOURENÇO — Para onde vais?

LANCELOTO — Ora, senhor, convidar o meu antigo amo, judeu, para ceiar esta noite com meu novo amo, cristão.

LOURENÇO — Toma, isto é teu. Dize à gentil Jessica que não hei de faltar; fala-lhe à parte. (Sai Lanceloto.) Cavalheiros, não ides aprontar-vos para a nossa mascarada da noite? Já encontrei meu portador de tocha.

SALARINO — Oh! Certamente! Irei neste momento.

SALÂNIO — O mesmo eu digo.

LOURENÇO — Encontrar-me-eis e a Graciano em casa de Graciano numa hora.

SALARINO — Bem pensado; façamos assim mesmo.

(Saem Salarino e Salânio.)

GRACIANO — Da formosa Jessica não seria aquela carta?

LOURENÇO — Preciso revelar-te o que se passa. Ela me indica o modo de tirá-la da casa do judeu, e que tem pronta para a saída uma libré de pajem. Se o pai dela, o judeu, em qualquer tempo chegar a ir para o céu, será por causa dessa adorável filha, cuja vida

não poderá ser perturbada nunca por nenhuma desgraça, salvo, apenas, sob a desculpa de ser ela filha de um judeu infiel. Enquanto andamos, vai lendo isto. Será meu porta-tocha a formosa Jessica em nossa festa.

(Saem.)

#### Cena V

*O mesmo. Diante da casa de Shylock. Entram Shylock e Lanceloto.*

SHYLOCK — Bem; o melhor juiz vão ser teus olhos, que hão de mostrar-te qual a diferença entre o velho Shylock e esse Bassânio. Lá tu não poderás empanturrar-te, como fazes aqui, — Olá, Jessica! — nem dormir e roncar, — Olá, Jessica! — nem rasgar tanta roupa. — Olá, Jessica!

LANCELOTO — Jessica, olá!

SHYLOCK — Quem te mandou chamá-la?

Não disse que o fizesses.

LANCELOTO — Vossa Senhoria me observou muitas vezes que nada eu deveria fazer sem ordem.

(Entra Jessica.)

JESSICA — Chamastes-me? Que desejais?

SHYLOCK — Jessica, hoje tive um convite para ceia. Toma conta das chaves. Nem sei mesmo por que deva aceitá-lo. Esse convite não é sincero, é adulação, apenas. Jessica, minha filha, fecha a casa. Saio pouco tranquilo; qualquer coisa ruim fermenta contra o meu sossego, pois sonhei toda a noite com dinheiro.

LANCELOTO — Suplico-vos que vades, senhor; meu jovem amo espera vossa partida.

SHYLOCK — Como eu a dele.

LANCELOTO — Além disso, eles fizeram uma conspiração..., Mas se tal acontecer, não foi à toaque o nariz me começou a sangrar na última segunda-feira de Páscoa às seis horas da manhã, no dia em que quatro anos antes caiu numa tarde de quarta-feira de cinzas.

SHYLOCK — Como! Vai haver máscaras? Ouviste, Jessica? Fecha as portas. Quando ouvires barulho de tambor e os irritantes guinchos das flautas de pescoço torto, não te ponhas a olhar pela janela, nem para a rua pública te inclines, para ver os cristãos sarapintados, mas os ouvidos tapa bem da casa, digo, as janelas, para que o barulho dessas futilidades não penetre em minha casa honrada. Juro pelo cajado de Jacó que não me sinto disposto hoje a cear fora de casa. Mas, assim mesmo, irei. Maroto, corre; dize-lhes que já chego.

LANCELOTO — Já vou, senhor. Senhorita, apesar das recomendações, olhai pela janela, porque vai um cristão passar de dia, digno do olhar de uma judia.

(Sai Lanceloto.)

SHYLOCK — Hem? Que foi que falou esse estouvado da geração de Agar?

JESSICA — Disse somente: “Passai bem, senhorita”, nada mais.

SHYLOCK — Esse palhaço não é má pessoa, mas come por demais; é caramujo para lucros e dorme o dia todo, como um gato selvagem. Não, comigo não prosperam zangões. Por isso deixo que se vá, e que vá para o serviço de um amo a quem desejo que ele possa vir a ajudar a esvaziara bolsa de dinheiro emprestado. Bem, Jessica, vai logo para dentro. É bem possível que eu volte cedo. Faze o que te disse: fecha a porta ao passares. “Bem trancada, bem guardada”, é sentença por quem sabe ganhar sempre acatada. (Sai.)

JESSICA — Se tudo me correr à maravilha, pai já não tenho e tu tiveste filha.

(Sai.)

#### Cena VI

*O mesmo. Entram Graciano e Salarino, demáscaras.*

GRACIANO — Esta é a sacada sob a qual Lourenço disse que nos postássemos.

SALARINO — Já é tarde.

GRACIANO — Seria de admirar qualquer atraso por parte dele, pois os namorados chegam sempre antes da hora.

SALARINO — Oh! porque os laços de um novo amor mais apertados deixem. Voam as pombas de Vênus vinte vezes mais depressa do que eles sempre o fazem para guardar intacto o juramento.

GRACIANO — Em tudo é o mesmo. Quem sai de um banquete com o apetite que, ao sentar-se, tinha? Qual é o cavalo que a tediosa pista de voltamede com o ardor tão vivo que ao partir revelava? Sempre pomos mais entusiasmo no alcançar as coisas, do que mesmo em gozá-las. Tal qual jovem estúrdio e perdulário se assemelha o barco embandeirado, quando zarpa de seu porto natal, acariciado pela brisa impudente. E como volta talqual o perdulário, as velas rotas, gastos os flancos pelas intempéries, falto de tudo, exausto, arruinado pela brisa impudente!

SALARINO — Aí vem Lourenço; reataremos depois nossa conversa.  
(Entra Lourenço.)

LOURENÇO — Caros amigos, desculpai o atraso; mas não fui eu a causa de esperardes-me, senão tão só negócios. Quando ao rapto de mulheres também vos decidirdes, esperarei por vós do mesmo modo. Aproximai-vos mais; aqui demora meu pai judeu. Olá! Há gente dentro!

(Jessica aparece na janela, vestida de pajem.)

JESSICA — Quem sois? Falai-me, para meugoverno, embora eu jure que conheço a voz.

LOURENÇO — Lourenço é teu amor.

JESSICA — Lourenço, certo; é meu amor, de fato. Pois, a quem amo tanto? E quem certeza, senão vós, pode ter de que sou vossa?

LOURENÇO — Teu coração e o céu isso confirmam.

JESSICA — Tomai esta caixinha; vale a pena. Por sorte a noite é escura e não me vedes, pois tenho acanhamento de meus trajos. Contudo, o amor é cego, e os namorados nunca veem as tolices impagáveis que eles próprios praticam, que, se o vissem, até mesmo Amor ficara enrubescido, por me ver transformado agora em pajem.

LOURENÇO — Descei, porque ides ser meu porta-tochas.

JESSICA — Como! É preciso, então, que eu ilumine minha própria vergonha? Ela já se acha por demais devassada. Isso, querido, é trabalhar às claras, e eu preciso resguardar-me na sombra.

LOURENÇO — Já te encontras na sombra, meu amor, com essa bela fantasia de pajem. Mas, vem logo; não demores; a noite escura já se esgueira prestes, e em casa de Bassânio nos aguardam.

JESSICA — Vou fechar bem as portas e dourar-me com mais alguns ducados. Desço logo. (Retira-se da janela.)

GRACIANO — Mas, pelos céus! Não é judia; é deusa.

LOURENÇO — Podeis amaldiçoar-me, mas dedico-lhe, realmente, grande amor. Pelo que posso ajuizar, vejo que ela é muito sábia. Formosa ela é, se olhos fiéis possuo; fiel ela é, como o confirma agora. Sendo assim, pois, fiel, sábia e formosa, na alma constante hei de trazê-la sempre. (Entra Jessica.) Já chegaste? Senhores, para a frente, que já está à nossa espera muita gente. (Sai com Jessica e Salarino.)

(Entra Antônio.)

ANTÔNIO — Quem está aí? GRACIANO — Signior Antônio!

ANTÔNIO — Ora, Graciano! Os outros onde estão? Já são nove horas; todos os amigos estão à vossa espera. Não teremos mascarada esta noite. O vento sopra; Bassânio foi, à pressa, para bordo. Mandeí vinte pessoas procurarem-vos.

GRACIANO — Nada me causará mais alegriado que viajar antes que seja dia.  
(Saem.)

## Cena VII

*Belmonte. Um quarto em casa de Pórcia. Toque decornetas. Entra Pórcia com o Príncipe de Marrocosse seu séquito.*

PÓRCIA — Descerrai as cortinas, para que este príncipe nobre possa ver os cofres. Fazei agora a escolha.

MARROCOS — De ouro, o primeiro, esta inscrição nos mostra: “Quem me escolher, ganha o que muitos querem.” O outro, de prata, esta promessa mostra: “Quem me escolher, ganha o que bem merece.” O último, pesadão, de chumbo, adverte: “Quem me escolher, arrisca e dá o que tem.” De que modo saber que escolhi certo?

PÓRCIA — Num deles se acha o meu retrato, príncipe. Se esse escolherdes, logo serei vossa.

MARROCOS — Guie-me um deus na escolha! Examinemos de novo as inscrições, tomando da última. Que diz o plúmbeo cofre? “Quem me escolher, arrisca e dá o que tem.” Dar o que tempor chumbo? Arriscar tudo por chumbo? Ameaçadora esta sentença. Quem tudo arrisca, espera grandes lucros. Um espírito de ouro não se importa com rebotalhos vis. Não darei nada, nem nada arriscarei por este chumbo. E a prata virginal, que nos declara? “Quem me escolher, ganha o que bem merece.” O que merece... Para aí, Marrocos, e com mão firme o teu valor sopesa. Se fores avaliado desse modo, por ti próprio, mereces muito, muito. Mas esses muitos, ainda assim, não chegam porventura, a alcançar esta senhora. Mas se puser em dúvida o meu mérito, mau conceito revelo de mim próprio. Tudo quanto mereço? Ora, esta dama. Mereço-a pelo berço, pela sorte, por minha educação e qualidades; mas pelo amor mereço-a mais ainda. E se eu medetivesse neste ponto, e escolhesse este cofre? Mas vejamos o que diz a inscrição gravada no ouro. “Quem me escolher, ganha o que muitos querem.” É a donzela, pois não? Muitos a querem. Dos quatro cantos chegam peregrinos, para depor um beijo nesta imagem, nesta santa mortal que aqui respira. As vastas solidões da grande Arábia e os desertos da Hircânia transformaram-se em estradas, agora, para príncipes que acorrem para ver a bela Pórcia. O domínio das águas, que a cabeça vaidosa eleva, para que na face do céu possa cuspir, não é barreira que deter possa tanta gente estranha, senão simples regato, para todos que acorrem para ver a bela Pórcia. Seu celeste retrato está num destes. O chumbo o encerrará? Tão baixa ideia fora profanação; injúria fora comprimir numa escura sepultura sua frágil mortalha. Ou pensar devo que emparedada ela se encontra em prata, que vale vinte vezes menos que o ouro? Pecaminosa ideia! Uma tal joia, no mínimo, seria feita em ouro. Na Inglaterra há uma moeda em que insculpido em ouro se vê um anjo. Mas a efígie fica por fora, ao passo que aqui dentro em leite de ouro está deitado um anjo. Depressa, a chave! O ímã este é mais forte. Seja-me favorável ao destino a sorte.

PÓRCIA — Ei-la, príncipe. Caso meu retrato se encontre aí dentro, serei vossa esposa. (O Príncipe abre o cofre de ouro.)

MARROCOS — Oh inferno! Que está aqui? Uma caveira que na órbita vazia um papel mostra com qualquer coisa escrito. Vamos lê-lo. Nem tudo o que luz é ouro, proclamam sábios em coro. Muita gente acaba em choro, por só procurar tesouro. Mausoléus são comedouros de vermes em fervedouro. Se houvesse sabedoria nessa vossa cortesia, a consulta não faria turvar-vos a fantasia. Passai bem; vossa ousadia foi castigada; está fria. É certo; agora não rio; adeus, calor; venha o frio. Adeus, Pórcia; a derrota me degrada. Assim parte quem perde: não diz nada. (Sai com seu séquito. Toque de cornetas.)

PÓRCIA — Livrei-me de um. Correi logo a cortina. Aos dessa cor desejo igual mofina. (Saem.)

### Cena VIII

*Veneza. Uma rua. Entram Salarino e Salânio.*

SALARINO — Ora, amigo! Bassânio fez-se à vela; Graciano foi com ele, e estou bem certo de que Lourenço estava no navio.

SALÂNIO — O biltre do judeu gritava tanto que despertou o duque, indo eles ambos à procura do barco de Bassânio.

SALARINO — Chegou tarde; o navio já partira. Mas teve o duque informação segura de que Lourenço e sua bem-amada, a formosa Jessica, tinham sido vistos em uma gôndola. Além disso, Antônio asseverou ao duque que ambos não estavam no barco com Bassânio.

SALÂNIO — Jamais ouvi falar de tão confusa paixão, tão singular, selvagem, vária, como a que revelava pelas ruas aquele cão judeu. “Oh, minha filha! Meus ducados! Fugir com um cristão! Meus ducados cristãos! Lei e justiça! Minha filha! Meu saco de ducados! Não, dois sacos selados de ducados! Ducados duplos, que roubados foram por minha filha... E jóias! Duas pedras ricas, preciosas, que roubadas foram por minha própria filha. Lei e Justiça! Ide atrás dela! Tem consigo aspedras, meus ducados e as pedras!”.

SALARINO — Isso mesmo; atrás dele corria a garotada de Veneza, a gritar por suas pedras, os ducados e a filha.

SALÂNIO — Cuide Antônio de não perder o prazo; do contrário, virá a pagar por isto.

SALARINO — Bem lembrado. Ontem mesmo dizia-me um francês com quem eu conversava, que no estreito situado entre a Inglaterra e a França havia naufragado um navio destas bandas, com carga muito rica. Ao ouvir isso, pensei logo em Antônio, e a sós comigo fiz votos para que não fosse dele.

SALÂNIO — Faríeis bem em avisar Antônio; mas dai-lhe devagar essa notícia, de medo de abalá-lo.

SALARINO — Em toda a terra não se acha cavalheiro mais bondoso. Presente eu me encontrava ao despedirem-se ele e Bassânio. Havendo este lhe dito que apressaria a volta, respondeu-lhe: “Não, Bassânio; assim não. Por minha causa não deveis estragar vossos negócios. Deixai que em tempo certo amadureçam. Que a letra do judeu, por mim firmada, não vos perturbe o espírito amoroso. Ficai despreocupado, e o pensamento todo aplicai em cortejar e nessas demonstrações de amor tão inefáveis, porque possais sair galhardo disso.” Nesse instante, nadando-lhe de lágrimas os olhos, apertou do amigo o rosto, e a mão levando às costas, como vido de não poder falar, a de Bassânio de fugida apertou. Foi desse modo que eles se despediram.

SALÂNIO — Só por causa de Bassânio, e letem amor ao mundo. Mas vamos procurá-lo, por obséquio, porque lhe dissipemos a tristeza com qualquer brincadeira.

SALARINO — Assim façamos. (Saem.)

## Cena IX

*Belmonte. Um quarto em casa de Pórcia. Entra Nerissa, com um criado.*

NERISSA — Corre a cortina logo; bem depressa. Já prestou o juramento o nobre Príncipe de Aragão, que aí vem fazer a escolha.

(Toque de cornetas. Entram o Príncipe de Aragão. Pórcia e os respectivos séquitos.)

PÓRCIA — Nobre príncipe, os cofres aqui se acham. Se o que me contiver for o escolhido, no mesmo instante nosso casamento será solenizado. Mas se acaso vierdes a errar, senhor, é necessário partirdes logo, sem dizer palavra.

ARAGÃO — A observar me obriguei, por juramento, tais condições. Primeira: em nenhum tempo revelar a ninguém qual foi o cofre porque me decidi. Depois, no caso de errar na escolha, nunca, em toda a vida, pedir em casamento dama alguma. Por último: se favorável não me for a sorte, deixar-vos logo e me afastar depressa.

PÓRCIA — As condições são essas, para quantos queiram ganhar minha pessoa indigna.

ARAGÃO — Assim me preparei para o certame. Possa a Fortuna coroar-me o anelo. Ouro, prata e o vil chumbo. Que diz este? “Quem me escolher, arrisca e dá o que tem.” Sem que mais belo fiques, nada arrisco nem dou por tua causa. E o cofre de ouro? “Quem me escolher, ganha o que muitos querem.” Hum! O que muitos querem... Esse “muitos” pode significar a turbaignara que escolhe apenas pelas aparências e só conhece o que o olho estulto ensina, que ao âmago não desce, mas tal como a andorinha constrói o ninho ao tempo, sobre o muro de fora, justamente no meio do perigo e ao seu alcance. O que muitos desejam não me agrada, pois não quero igualar-me a todo o mundo, nem confundido

ser com o povo bárbaro. Agora é a tua vez, cava argentina, de me dizeres o que dentro encerras. “Quem me escolher, ganha o que bem merece.” Muito bem-dito. Quem se aventurara em busca de fortuna e de honrarias, se não fosse marcado pelo mérito? Ninguém tenha a ousadiade arrogar-se honras imerecidas. Se os estados, ofícios, posições não fossem dados por maneira corrupta, e as honrarias só fossem conquistadas pelo mérito, quantas pessoas que andam descobertas, a cabeça cobriram! Quanta gente que hoje é mandada, assumiria o mando! Quantos campônios baixos brilhariam na sementeira da honra, e quantas honras das palhas arrancadas se veriam e da ruína do tempo, para brilho de novo receber? É a minha escolha? “Quem me escolher, ganha o que bem merece.” Vou ganhar o que é meu. Trazei-me a chave, que minha sorte descerrar desejo. (Abre o cofre de prata.)

PÓRCIA — A demora foi longa para o achado.

ARAGÃO — Mas, que vejo? A figura de um idiota que me pisca e um papel quer entregar-me. Vou ver o que contém. A que distância tu te encontras de Pórcia! A que distância de meu mérito e minhas esperanças! “Quem me escolher, ganha o que bem merece.” Só mereço a cabeça de um idiota? Esse é todo o meu prêmio? Não alcança mais longe, então, o meu merecimento?

PÓRCIA — Errar e dar sentença são ofícios bem distintos, de opostas naturezas.

ARAGÃO — Que contém isto? Fui sete vezes fundido. Sete vezes aferido deve ser quem o apelido não quiser de intrometido. Quem beija sombra de dia, terá sombra de alegria. Bobos há, cuja alarvia com a prata se concilia. A noiva tão procurada só por mim vos será dada. Saí, senhor de fachada, que aqui não vos retém nada. Devo tratar de ir embora, que mais bobo, de hora em hora, vou ficando desde agora. De bobo tinha a cabeça; com duas, não aconteça que a tolíce ainda mais cresça. Adeus, querida; hei de a jura confirmar na desventura. (Sai Aragão com seu séquito.)

PÓRCIA — Queimou a vela a borboleta obscura. Felizmente estes bobos têm a dita de só escolher a sorte já prescrita.

NERISSA — O velho dito aqui tem cabimento: “Do céu vem a mortalha e o casamento.”

PÓRCIA — Vamos, Nerissa; corre essa cortina.

(Entra um criado.)

CRIADO — A senhora, onde está?

PÓRCIA — Aqui, senhor; que deseja meu amo?

CRIADO — Um veneziano moço acaba de apelar à vossa porta, para anunciar a vinda de seu amo, de quem traz saudações muito expressivas, isto é, além de frases mui corteses e recomendações, ricos presentes. Mensageiro do amor, assim gracioso, nunca até agora eu vira. Nenhum dia de abril nos vem dizer tão docemente que o admirável verá já se aproxima, como este anunciador faz para o amo.

PÓRCIA — Basta, por obséquio. Tenho medo de que me digas que ele é teu parente, tal a porção de espírito festivo que em seu louvor esbanjas. Vem, Nerissa; já me tarda ver esse mensageiro de Cupido, que vem tão prazenteiro.

NERISSA — Fosse Bassânio, Amor, o teu archeiro!

(Saem.)

### ATO III

#### Cena I

*Veneza. Uma rua. Entram Salânio e Salarino.*

SALÂNIO — Então, que novidades há no Rialto?

SALARINO — Ora, corre por lá, sem contestação, que Antônio perdeu nos estreitos um navio com carregamento precioso. Parece que isso se deu no lugar denominado Goodwins, baixio perigoso e fatal, onde está sepultada a carcaça de muitos navios de calado. É o que se comenta, pelo menos, se a comadre Fama for, de fato, mulher de palavra.

SALÂNIO — Desejara que a respeito dessa notícia ela fosse comadre tão mentirosa como as que mastigam gengibre e as que pretendem fazer acreditar aos vizinhos que lastimam a morte do terceiro marido. Mas o certo é que — para cortar a prolixidade e

não atravessar a estrada plana da conversação — o certo é que o bom Antônio, o honesto Antônio — Oh! se me ocorresse um qualificativo suficientemente bom para pôr ao lado de seu nome!...

SALARINO — Chegemos logo ao fim. SALÂNIO — Hem? Que foi o que disseste?

Ora, o fim é que ele perdeu um navio.

SALARINO — Desejara que isso constituísse o fim das suas perdas.

SALÂNIO — Vou dizer logo “Amém”, de medo de que o diabo me corte a reza, pois aí vem ele sob a figura de um judeu. (Entra Shylock.) Então, Shylock, que há de novo entre os mercadores?

SHYLOCK — Ninguém melhor do que vós, melhor do que vós, sabe da fuga de minha filha.

SALARINO — Com efeito. Por minha parte, conheço o alfaiate que aprontou as asas com que ela fugiu.

SALÂNIO — E, por sua parte, Shylock sabia que o pássaro estava emplumado, sendo da natureza deles abandonar o ninho.

SHYLOCK — Isso que ela me fez a condena às penas eternas.

SALARINO — É certo, se a sentença for dada pelo diabo.

SHYLOCK — Minha carne, meu próprio sangue rebelar-se desse modo!

SALÂNIO — Deixa disso, velho esqueleto!

Rebelar-se em tua idade?

SHYLOCK — Disse que minha filha é sangue de meu sangue e carne de minha carne.

SALARINO — Há maior diferença entre tua carne e a dela do que entre ébano e marfim; maior entre o teu sangue e o dela do que entre vinho tinto e do Reno. Mas dize-nos uma coisa: ouviste falar que Antônio sofreu alguma perda nomar?

SHYLOCK — Eis aí mais um mau companheiro de negócios, um sujeito pálido, esbanjador, que mal ousa mostrar a cabeça no Rialto; um mendigo que diariamente vinha todo casquilho para o mercado. Ele que tome cuidado com aquela letra! Tinha o costume de chamar-me de usurário. Ele que tome cuidado com aquela letra! Sempre emprestou dinheiro por cortesia cristã... Ele que tome cuidado com aquela letra!

SALARINO — Ora, tenho certeza de que se e lenão a resgatar no prazo certo, não haverás de tirar-lhe a carne, pois não? Para que te serviria ela?

SHYLOCK — Para isca de peixe. Se não servir para alimentar coisa alguma, servirá para alimentar minha vingança. Ele me humilhou, impediu-me de ganhar meio milhão, riu de meus prejuízos, zombou de meus lucros, escarneceu de minha nação, atravessou-se-me nos negócios, fez que meus amigos se arrefecessem, encorajou meus inimigos. E tudo, por quê? Por eu ser judeu. Os judeus não têm olhos? Os judeus não têm mãos, órgãos, dimensões, sentidos, inclinações, paixões? Não ingerem os mesmos alimentos, não se ferem com as armas, não estão sujeitos às mesmas doenças, não se curam com os mesmos remédios, não se aquecem e refrescam com o mesmo verão e o mesmo inverno que aquecem e refrescam os cristãos? Se nos espetardes, não sangramos? Se nos fizerdes cócegas, não rimos? Se nos derdes veneno, não morremos? E se nos ofenderdes, não devemos vingar-nos? Se em tudo o mais somos iguais avós, teremos de ser iguais também a esse respeito. Se um judeu ofende a um cristão, qual é a humildade deste? Vingança. Se um cristão ofender a um judeu, qual deve ser a paciência deste, de acordo com o exemplo do cristão? Ora, vingança. Hei de pôr em prática a maldade que me ensinastes, sendo de censurar se eu não fizer melhor do que a encomenda.

(Entra um criado.)

CRIADO — Cavalheiros, meu amo Antônio está em casa e deseja falar com vós ambos.

SALARINO — Estávamos à procura dele por toda parte.

(Entra Tubal.)

SALÂNIO — Aí vem vindo outro da mesma tribo; não será possível aparecer mais um para completar o terno, a menos que o próprio diabo se fizesse judeu.

(Saem Salânio, Salarino e o criado.)

SHYLOCK — Então, Tubal? Há notícias de Gênova? Encontraste minha filha?

TUBAL — Estive em muitos lugares em que ouvi falar dela, mas nunca lhe pus a vista em cima.

SHYLOCK — É assim mesmo, é assim mesmo. Foi-se um diamante que me custou duzentos ducados em Francforte. Até agora amaldição não havia caído sobre a nossa nação; nunca a senti, senão agora. Dois mil ducados só nessa joia, além de outras muito mais preciosas, muito mais. Quisera ver minha filha morta diante de mim, com os ducados nas orelhas. Quisera ver-la num caixão fúnebre diante de mim, com os ducados no caixão. Não há notícia deles? Ora, sendo... Só eu sei o que me têm custado essas investigações. Ora, tu... Prejuízo em cima de prejuízo. Foge o ladrão com tanto, e mais tanto para pegarmos o ladrão. E nada de satisfação, nada de vingança. Não há infelicidade além da que me pesa sobre os ombros; não há suspiros, além dos que me saem do peito, nem lágrimas, afora as que eu mesmo derramo.

TUBAL — Não; há outras pessoas, também, que sofrem seus reveses. Antônio, segundo me disseram em Gênova...

SHYLOCK — Que houve? Que houve? Que houve? Alguma desgraça?

TUBAL — ... perdeu um galeão que vinha de Trípoli.

SHYLOCK — Graças a Deus! Graças a Deus!

É então verdade? É verdade?

TUBAL — Conversei com alguns dos marinheiros que escaparam do naufrágio.

SHYLOCK — Muito obrigado, bom Tubal. Boas notícias, boas notícias. Ah! Ah!

Onde? Em Gênova?

TUBAL — Vossa filha, segundo ouvi falar, gastou numa noite em Gênova oitenta ducados.

SHYLOCK — Dás-me uma punhalada. Nunca mais voltarei a ver o meu dinheiro.

Oitenta ducados de uma só vez! Oitenta ducados!

TUBAL — Vieram comigo para Veneza vários credores de Antônio que juram que ele não poderá escapar da falência.

SHYLOCK — Isso me alegra sobremodo. Vou atormentá-lo, torturá-lo... Isso me alegrasobremodo.

TUBAL — Um deles me mostrou um anel que vossa filha lhe dera em troca de um macaco.

SHYLOCK — A peste que a carregue! Torturas-me, Tubal. Era a minha turquesa; presente de Lia, quando eu ainda era solteiro. Não a trocava por uma floresta de macacos.

TUBAL — Mas é certeza estar Antônio arruinado.

SHYLOCK — Sim, é certo; é muito certo. Tubal, vai procurar-me logo um beleguim; apraza-o com duas semanas de antecedência. Ficarei com o coração dele, no caso de não pagar, porque, uma vez afastado de Veneza, poderei fazer o negócio que bem entender. Vai, Tubal, e procura-me em nossa sinagoga. Vai, bom Tubal; em nossa sinagoga, Tubal.

(Saem.)

## Cena II

*Belmonte. Um quarto em casa de Pórcia. Entram Bassânio, Pórcia, Graciano, Nerissa e criados.*

PÓRCIA — Peço-vos esperar um ou dois dias, antes de arriscar tudo, pois se errardes na escolha, perderei vosso convívio. Esperai, pois, um pouco. Alguma coisa me diz — não é amor, tenho certeza — que não devo perder-vos. Nessescasos, bem o sabeis, não aconselha o ódio. Receando ser por vós mal compreendida — muito embora só fale uma donzela com o próprio pensamento — desejara que um mês ou dois ficaraqui pudésseis, antes de arriscar tudo por meu nome. Poderia ensinar-vos o segredo; mas ficara perjura, o que não quero. Podereis, pois, perder-me; nesse caso, lastimar me



fareis não ter pecado. Esses olhos malditos me dominam e em duas metades me partiram: uma já vos pertence; a outra, que é vossa... minha, quero dizer. Mas, sendo minha, vossa é também, ficando eu toda vossa. Este tempo maldoso põe barreiras entre os donos e seus direitos próprios. Assim, embora vossa, não sou vossa. Se assim for, para o inferno vá a Fortuna, não eu. Falo demais; mas é com ofício de alongar mais o tempo, de espichá-lo, de protelar a escolha.

BASSÂNIO — Permitti-me fazer logo essa prova, que esta espera me coloca num banco de tormento.

PÓRCIA — Num banco de tormento! Então, Bassânio, confessai a traição que há de mistura com vosso amor.

BASSÂNIO — Nenhuma, se tirarmos a medonha traição da desconfiança, que me faz duvidar de minha dita. Tão bem a neve e o fogo poderiam revelar amizade e viver juntos, como atração a meu amor unir-se.

PÓRCIA — Mas temo que estejais falando agora no banco de tortura, onde as pessoas confessam tudo o que se exige delas.

BASSÂNIO — Dai-me de prêmio a vida, e vos prometo confessar a verdade.

PÓRCIA — Pois que seja: confessai e vivei. BASSÂNIO — Não; “Confessai e amai”,

resumiria melhor a confissão. Feliz tortura, pois o atormentador me ensina os meios de vir a libertar-me. Mas deixai-me tentar logo a fortuna junto aos cofres.

PÓRCIA — Pois que seja! Num deles eu me encontro. Se me amais, será fácil acertardes. Nerissa, e vós ai, ficai de parte. Haja música, enquanto dura a escolha; se ele perder, terá morte de cisne, que em música se fina. E porque possa ser a comparação mais certa, ainda, serão meus olhos a corrente que ele terá para morrer, úmido leito. Talvez venha a ganhar. Para que música, nesse caso? Será como fanfarra, quando os súditos fiéis se curvam diante do novo soberano, alguma coisa que faz lembrar aqueles sons maviosos ao despontar do dia, e que se esgueiram pelos ouvidos do enlevado noivo e às núpcias o convidam. Neste instante ele se adianta, não menos donoso, mas com amor muitíssimo mais vivo do que o mancebo Alcides, no momento de resgatar o virginal tributo que Tróia gemedora ao monstro imano do mar pagar soia. Pronta me acho na ara do sacrifício. Aqueles vultos ao longe, são mulheres de Dardânia, de feições conturbadas, que saíram para ver da empresa o resultado. Avante, Alcides! Se viveres, vivo. Com mais angústia o peito se me aperta do que a ti próprio na contenda incerta. (Canção, enquanto Bassânio medita sobre o cofre a escolher.) Dizer poderá alguém se o amor da cabeça vem? se no peito se entretém? Respondei logo, respondei logo. Nos olhos nasce e se cria; cresce e morre a fantasia no leito em que viu o dia. Fechemos nossa canção com dím dom dão, dím dom dão.

TODOS — Dim dom dão.

BASSÂNIO — Bastantes vezes a aparência externa carece de valor. Sempre enganado tem sido o mundo pelos ornamentos. Em direito, que causa tão corrupta e estragada, não fica apresentável por uma voz graciosa, que a aparência malévola disfarça? Que heresia poderá haver em religião, se alguma frente austera a defende, e justifica com a citação de um texto, mascarando com bonito fraseado a enormidade? Não há vício, por crasso, que não possa revelar aparência de virtude. Quantos poltrões não vemos, cujo peito resiste tanto como areia ao vento, que no queixo nos mostram barba de Hércules ou do sombrio Marte, e que por dentro fígados como leite só possuem? Os bigodes só usam da coragem, para que possam parecer temíveis. Mas se a beleza olhásseis, acharíeis que é só comprada a peso, e que milagre realiza da natureza, ocasionando mais leveza onde mais presente esteja. Isso se dá com esses cabelos louros de cachos enrolados como serpes, que saltitam ao vento, libertinos. cobrindo uma beleza só de empréstimo; conhecidos são todos como dádiva de uma cabeça estranha: já no túmulo se encontra o crânio sobre que nasceram. Praia traiçoeira é o ornato, por tudo isso, de um mar mui perigoso, linda charpa que esconde o rosto de uma bela indiana; em resumo: aparência da verdade, de que se vale o tempo esperto, para colher até os mais sábios. Assim sendo, brilhante ouro, de Midas duro cibo, nada quero de ti, com o não quero também de ti, intermediário pálido e vulgar

entre os homens. Minha escolha recai em ti, em ti, modesto chumbo, que mais ameaças do que prêmio inculcas. Tua lhaneza é a máxima eloquência. Seja, pois, alegria a consequência.

PÓRCIA — Como as demais paixões dissipa o vento: o desespero, o dúbio pensamento, o pálido cuidado, o medo incerto! Modera, amor, esse êxtase! Liberto te mostres de exagero. Que a alegria não chova sobre mim em demasia. Tuas bênçãos me deixam atordoada; tem mão nelas. Receio inanimada vir a ficar, de excesso.

BASSÂNIO — Que acho aqui? O retrato de Pórcia. a inigualável? Que semideus já se encontrou tão perto da criação? Esses olhos se deslocam? Ou parece que o fazem, tão-somente por que na órbita os meus também se movem? Doce hálito perpassa entre estes lábios. Jamais barreira tão suaves a m i g o s tão gratos separou. Nestes cabelos fez-se aranha o pintor e uma áurea teia preparou, para nela se enredarem os corações dos homens mais depressa do que nas verdadeiras os mosquitos. E os olhos? Como poderia vê-los e pintá-los depois? Um, completado, parece-me, dos seus o privaria, ficando a obra incompleta. Porém vede: quanto a substância destes meus encômios, por sua insuficiência, prejudica tão bela sombra, tanto a bela sombra segue, a mancar, atrás da própria essência. Eis o papel onde gravada se acha a súmula de toda a minha dita. Já que não foi pela vista que escolheste, eis a conquista. Vossaventura é bem-vista; em tudo ela vos assista. Se vos alegra o festejo, aproveitai logo o ensejo para pedir, em gracejo, que a noiva vos dê um beijo. Gentil escrito. E agora, bela dama, com vossa permissão. (Beija-a.) Seguindo a Fama, vim dar e receber. Tal como forte pugilista, a quem foi risonha a sorte, e que os aplausos ouve e a gritaria do público, pensando, na alegria de vencedor, que mereceu tudo isso; mas que, logo depois, de olhar mortiço tudo a girar, a mente um tanto enleada, não sabe se são vivas ou pateada: assim, três vezes bela senhorita, me vejo, a duvidar de minha dita, até que a possa ver, em tanta altura, confirmada com vossa assinatura.

PÓRCIA — Senhor Bassânio, assim como me vedes neste momento, eu sou. Para mim própria não seria ambiciosa em meus desejos de querer ser muito melhor em tudo. Mas triplicar quisera vinte vezes, para vós, o que sou, ser mais formosa mil vezes, dez mil vezes mais senhora de um ricopatrimônio. Para em vosso conceito ser mais alta, desejara ter conta incalculável de virtudes, belezas, bens e amigos; suas a soma total de quanto valho é soma negativa, que define, grosso modo, uma jovem sem preparo, talentos e experiência, que se julga feliz apenas por não ser tão velha que não possa aprender, e venturoso não ser tão obtusa de nascença que aprender não consiga coisa alguma. Mas a suma ventura nisto tudo consiste em poder ela inteiramente vos confiar o espírito maleável, para que a dirijais, na qualidade de marido, senhor e soberano. Eu, com tudo o que tenho, desde agora passo a ser toda vossa. Até há momentos, era eu senhora desta bela casa, dona dos meus criados, soberana de mim própria; mas desde este momento a casa, a famulagem, minha própria pessoa, meu senhor, a vós pertence. Tudo vos dou com este anel. Se acaso vos separardes dele, ou se o perderdes, ouse presente a alguém dele fizerdes, indício certo disso será da morte de nosso amor e causa de queixar-me.

BASSÂNIO — Senhorita, deixastes-me privado do uso da fala; o sangue, tão-somente, de minhas veias é que vos responde. Em minhas faculdades há tão grande perplexidade como a que se nota na multidão feliz e balbuciante, depois da fala de um querido príncipe, quando a fusão de tudo o que é distinto se transforma num caos de coisa alguma, salvo a alegria, expressa, a um tempo, e muda. Se o anel um dia me sair do dedo é que a vida também terá saído, podendo vós dizer: morreu Bassânio.

NERISSA — Meu novo amo, senhora, eis o momento para nós todos, os espectadores devossa dita, de gritar em júbilo: Felicidades para os nossos amos!

GRACIANO — A vós, senhor Bassânio, e à minha muito gentil senhora, todas as venturas que podeis desejar, pois estou certo de que não heis de cobiçar as minhas. E quando Vossas Honras resolverem permutar vosso amor, peço licença para também se casar no mesmo dia.

BASSÂNIO — De todo coração, caso consigam encontrar uma esposa.

GRACIANO — Agradecido vos sou, senhor, porque me destes uma. Estes olhos, senhor, veem-tão depressa quanto os vossos. Vós vistes a senhora; eu contemplei a serva. Vós amastes do mesmo modo que eu; amastes logo, tal como eu, que as delongas são tão pouco do meu agrado como o são do vosso. Vosso destino estava nesses cofres, tal como o meu, e os fatos o provaram, pois fiz a corte aqui de suar frio, secando-se-me a boca só de tantos juramentos de amor, que, alfim, se as juras podem ter fim, valeram-me a promessa de conseguir o amor desta beldade, se viésseis a alcançar o da senhora. PÓRCIA — É verdade, Nerissa?

NERISSA — Sim, senhora, no caso de vos sertambém do agrado.

BASSÂNIO — E vós, Graciano, sois sincero em tudo?

GRACIANO — Sincero, sim senhor.

BASSÂNIO — Nossos festejos com vossas núpcias ficarão honrados.

GRACIANO — Convosco apostaremos mil ducados sobre o primeiro filho.

BASSÂNIO — Como! Jogo franco na mesa?

GRACIANO — Não, que em tal desporto nunca se ganha nada sobre a mesa. Mas quem vem vindo aí? Lourenço e a sua linda infiel? E o meu vetusto amigo Salânio, de Veneza?

(Entram Lourenço, Jessica e Salânio.)

BASSÂNIO — Sois bem-vindos, Lourenço, e vós, Salânio, caso possa saudar-vos desse modo amocidade de minha situação. Querida Pórcia, com vossa permissão é que eu dirijo saudações a estes dois meus conterrâneos e amigos mui prezados.

PÓRCIA — Sim, podeis fazê-lo, meu senhor; bem-vindos sejam.

LOURENÇO — Agradeço a Vossa Honra. No que toca, senhor, a meus projetos, não pensava ver-vos neste momento. Mas havendo-me avistado em caminho com Salânio, instou comigo para vir com ele, sem que eu pudesse dizer não.

SALÂNIO — De fato, foi o que fiz, mas, para tanto, tinha razão plausível. O signior Antônio se recomenda a vós.

(Entrega a Bassânio uma carta.)

BASSÂNIO — Antes de eu ler a carta, contai logo como esse meu amigo vai passando.

SALÂNIO — Doente, não; só se o estiver do espírito: nem muito bem, se o espírito excetuarmos. A carta vos dirá como se encontra.

GRACIANO — Nerissa, dá as boas-vindas à estrangeira. A mão, Salânio. Que há de novidades em Veneza? Dizei como vai indo nosso real mercador, o bom Antônio. Sei que nossa vitória odeixa alegre. Somos Jasão que o velo conquistamos.

SALÂNIO — Desejara que houvésseis ganho o velo que ele perdeu há pouco.

PÓRCIA — Algo mui grave contém aquela carta, pois as cores a Bassânio roubou; decerto, anova da morte de um amigo, que mais nada no mundo poderia alterar tanto a presença de um homem de constância. Que aconteceu? De mal para pior? Com permissão, Bassânio. Eu sou metade de vós próprio; é preciso, pois, que eu tenha parte em metade do que diz a carta.

BASSÂNIO — Ó doce Pórcia! As mais desagradáveis palavras estas são que em qualquer tempo já mancharam papel. Gentil senhora, ao vos falar pela primeira vez do amor que vos dicava, com franqueza vos contei que nas veias me corria toda a minha fortuna: sou fidalgo. Disse-vos a verdade. Mas havendo, prezada dama, computado em nada quanto eu valia então, vereis agora como fui jactancioso. Ao declarar-vos que meus bens eram nada, deveria ter dito que eram menos do que nada. Porque, de fato, para obter recursos, penhorei-me a um amigo mui querido e o penhorei ao seu pior inimigo. Senhora, eis uma carta desse amigo. Cada palavra dela é uma ferida de onde sai sangue vivo. então verdade, Salânio? Perdeu todos os haveres? Falharam-lhe as empresas? Como! Da Índia, de Inglaterra, do México, de Trípoli, Lisboa e Berberia, nenhum barco fugiu do choque horrível dos penedos, inimigos figadais dos mercadores?

SALÂNIO — Nenhum, senhor. Além do mais, parece que se Antônio tivesse o necessário para o judeu pagar, não consentira este em receber nada. Não vi nunca uma criatura sob a forma de homem que revelasse tão feroz empenho em desgraçar um

homem. Noite e dia reclamam junto ao doge, protestando contra essa violação da liberdade, se lhe negarem o que a lei concede. Opróprio doge, vinte mercadores, os senadores de maior prestígio tentaram persuadi-lo, sem que nada conseguisse do pleito demovê-lo tão odioso, baseado na justiça, numa letra vencida e numa multa.

JESSICA — Quando eu estava em casa ouvi quando ele jurou diante de Chus e de Tubal, seus compatriotas, que não abriria mão da carne de Antônio nem que fosse por vinte vezes o valor dadívida. E eu sei, senhor, que se as autoridades, alei e a força não se interpuserem, muito mal vai ficar o pobre Antônio.

PÓRCIA — É o vosso caro amigo que se encontra num apuro tão grande?

BASSÂNIO — O mais querido dos meus amigos, o homem mais bondoso, o coração mais belo e sempre pronto para prestar serviços, a pessoa em que a honra dos romanos se revela mais pura do que em todos os que vivem nestes dias na Itália.

PÓRCIA — Que quantia deve ele a esse judeu?

BASSÂNIO — Por minha causa, três mil ducados.

PÓRCIA — Como! Apenas isso? Pagai seis mil e retirai a letra; duplicai os seis mil e o resultado quadruplicai, contanto que um amigo de tão grande valor não perca um fio de cabelo por causa de Bassânio. Primeiro vinde à igreja e o nome dai-me de vossa esposa; após, para Venezapartireis, para vosso caro amigo, pois nunca podereis deitar-vos junto de Pórcia com o espírito inquieto. Hei de vos dar dinheiro suficiente para pagar vinte pequenas dívidas como essa. Uma vez saldada a conta, trazei-me o amigo leal. Nesse entrementes, eu e Nerissa viveremos vida de viúva e virgem. Vamos para a igreja; que após as núpcias vossa viagem seja. Porque ele viva não sejais avaro; sois para mim o que custastes: caro. Mas a carta me lede desse amigo.

BASSÂNIO — “Querido Bassânio, todos os meus navios naufragaram, meus credores tornaram-se cruéis, minha situação financeira é desesperada, a letra que eu tenho com o judeu já está vencida, e uma vez que, pagando-a, não meserá possível viver, ficam liquidadas todas as dívidas existentes entre mim e vós. Se ao menos eu vos visse antes de morrer! Contudo, nada de constrangimento; se o vosso amor não vos persuadir nesse sentido, minha carta não vos obrigará a vir.”

PÓRCIA — Pretere tudo o mais, amor, e parte.

BASSÂNIO — Já que mo permitis, irei agora. Mas até à volta leito algum vistoso escusa me será para demora, nem entre nós se insinuará repouso.

(Saem.)

Cena III

*Veneza. Uma rua. Entram Shylock, Salarino, Antônio e o carcereiro.*

SHYLOCK — Toma-me conta dele, carcereiro. Não me fales de graça, que este é o bobo que emprestava sem juros. Carcereiro, toma-me conta dele.

ANTÔNIO — Uma palavra, meu bondoso Shylock.

SHYLOCK — O pagamento de minha letra! Nada ouvir desejo contra essa letra. Fiz um juramento de como havia de exigir a dívida. Chamaste-me de cão sem teres causa. Se eu sou cão, tem cuidado com estes dentes. O doge me fará justiça. Admira-me, carcereiro relapso, quete mostres condescendente a ponto de saíres com ele à rua.

ANTÔNIO — Por obséquio, ouvi-me.

SHYLOCK — Só quero o pagamento. Não desejo que me fales. Só quero o pagamento. Sendo assim, será inútil me falares. De mim não se fará um desses bobos moleirões, de olhar triste, que a cabeça sacodem, e se mostram condoídos, suspiram, consentindo em fazer quanto lhes pedem os cristãos intermediários. Não me acompanhes, pois não quero ouvir-te; só quero o pagamento. (Sai.)

SALARINO — É o cão de fila mais insensível que entre os homens anda.

ANTÔNIO — Deixai-o ir; não hei de importuná-lo daqui por diante com inúteis preces. Quer ver-me morto, e eu sei a razão disso. Já livrei muita gente de ser vítima de suas extorsões. Por isso odeia-me.

SALARINO — Tenho quase a certeza de que o doge não deixará vingar esse contrato.

ANTÔNIO — Poder não tem o doge para o curso da lei deter. Se fossem denegados aos estrangeiros todos os direitos que em Venezadesfrutam, abalada ficaria a justiça da

república, pois o lucro e o comércio da cidade se baseiam sóneles. Pois que seja! As perdas e os desgostos de tal modo me abateram, que mui dificilmente ficarei amanhã com uma libra de carne, para resgatar a conta de meu feroz credor. Sigamos, guarda! Se Deus fizesse que Bassânio viesse ver-me no instante de pagar-lhe a dívida, tudo o mais me seria indiferente.

(Saem.)

#### Cena IV

*Belmonte. Um quarto em casa de Pórcia. Entram Pórcia, Nerissa, Lourenço, Jessica e Baltasar.*

LOURENÇO — Senhora, permiti que em vossa própria presença vo-lo diga: tendes uma concepção muito nobre e verdadeira da divina amizade, para a ausência suportardes assim de vosso esposo. Mas se soubésseis a quem tantas honras, desse modo, prestais; que gentil-homens tão digno socorreis; quão devotado foi sempre a meu senhor e vosso esposo: mais orgulhosa, sei-obem, ficáreis de tudo o que fazeis, do que a bondade natural poderia a isso levar-vos.

PÓRCIA — Nunca me arrependi de uma ação boa, nem o farei agora. Entre pessoas que o tempo passam em conversa, juntos, e cujos corações o mesmo jugo da amizade suportam, haver deve conformidade e proporção nos traços, no gênio e nos costumes. Isso leva-me a acreditar que Antônio, como amigo de meu senhor, terá de ser como ele. Ora, assim sendo, que quantia mínima dispensei, porque a imagem de minha alma livrar pudesse de uma situação de crueldade infernal! Essas palavras, porém, parecem elogio próprio.

Fiquemos por aqui. E oratratemos de outros assuntos. Ponho-vos, Lourenço, nas mãos a direção e a vigilância da casa, até à volta de Bassânio. Eu, de mim, formulei ao céu um voto secreto de, em contemplação e preces, viver por algum tempo, acompanhada somente por Nerissa, até que possam retornar meu senhor e o esposo dela. Daqui distante duas milhas acha-se um mosteiro onde vamos acolher-nos. Desejo que não vos furteis ao peso da obrigação imposta pela força das circunstâncias e meu próprio afeto.

LOURENÇO — De todo o coração, minha senhora; são ordens para mim vossos desejos.

PÓRCIA — Meus criados sabem tudo o que vos disse. Todos hão de acatar-vos e a Jessica, como a mim própria e a meu senhor Bassânio. E agora passai bem e até à vista.

LOURENÇO — Formosos pensamentos e felizes horas vos acompanhem.

JESSICA — Alegrias do coração desejo a Vossa Graça.

PÓRCIA — Os votos agradeço, desejando que a vós retornem. Passai bem, Jessica. (Saem Jessica e Lourenço.) E agora, Baltasar, tal como sempre te encontrei, honesto e verdadeiro, quero ainda achar-te. Toma esta carta e apressa-te, empregando todo o esforço de um homem, porque logo possas chegar a Pádua. Em mãos a entrega de meu primo, o Doutor Belário, e toma muito cuidado com os papéis e a roupa que ele te der, e os traze, por obséquio, empregando na volta a maior pressa imaginável, até o barco público que vai para Veneza. Com palavras não percas tempo; parte logo, que hei de chegar primeiro lá.

BALTASAR — Hei de, senhora, empregar nisso toda a diligência. (Sai.)

PÓRCIA — Vamos, Nerissa; tenho em mãos uma obra que ainda não conheço. Mas teremos de ver nossos maridos bem mais cedo do que eles próprios pensam.

NERISSA — E seremos também vistas por eles?

PÓRCIA — Sim, Nerissa; mas vestidas de tal maneira, que eles hão de nos atribuir o que nos falta. Aposto o que quiseres que, ao ficarmos parecendo dois moços, de nós duas serei o mais galhardo e a minha espada carregarei com mais desenvoltura. Vou falar nesse tom meio aflautado como o fazem na idade transitória de menino para homem; meus passinhos se mudarão em passos masculinos. Falarei só de duelos, como jovem de bom aprumo e um tanto bazofeiro; contarei mil mentiras sobre as damas de posição que o amor me disputara e que, desiludidas, adoeceram, vindo a morrer depois. Mas impossível me era a todas possuir. Logo em seguida me mostrarei de todo arrependido,

desejando que mortas não houvessem sido por minha causa. Em suma: tantas pêtas hei de contar desse quilate, que hão de jurar os homens que eu apenas há doze meses concluí a escola. Tenho em mente um milhão dessas patranhas dos nossos fanfarrões incorrigíveis, que hei de pôr logo em prática.

NERISSA — Estou vendo que vamos virar homens?

PÓRCIA — Que pergunta! Se alguém isso tomasse em mau sentido! Mas vamos; vou contar-te todo o plano, quando estiver no carro que na porta nos espera do parque. Mui casquilhas hoje faremos ainda vinte milhas.

(Saem.)

Cena V

*O mesmo. Um jardim. Entram Lanceloto e Jessica.*

LANCELOTO — Sim, realmente; porque, vede bem: os pecados dos pais pesam sobre os filhos. Assim, podeis crer-me que estou preocupado convosco. Sempre fui franco convosco; por isso, confesso agora a minha intranquilidade a esse respeito. Cria coragem, portanto, porque em verdade tenho certeza de que estais condenada às penas eternas. Só há uma esperança de que venha a melhorar a vossa situação, e assim mesmo, uma esperança bastarda.

JESSICA — E que esperança é essa, por obséquio?

LANCELOTO — Ora, é que, se remanescesse uma ponta de esperança de que não houvésseis sido geradas por vosso pai, não seríeis filha do judeu.

JESSICA — É esperança bastarda, não há dúvida. Desse modo, os pecados de minha mãe pesariam sobre mim.

LANCELOTO — Realmente, motivo por quereceio que estejais condenada tanto por causa do pai como por causa da mãe. Desse modo, se me livro de Gila, vosso pai, vou cair em Caribdes, vossa mãe. Estais perdida pelos dois lados.

JESSICA — Serei salva pelo meu marido; de mim fez ele uma cristã.

LANCELOTO — Tanto mais passível ele decensura se tornou. Já tínhamos cristãos em número suficiente; o necessário para poderem viver bem uns com os outros. Essa fabricação de cristãos fará aumentar o preço do porco. Se todos nós passarmos a ser comedores de carne de porco, dentro de pouco tempo por dinheiro nenhum poderemos ter uma tira de toicinho sobre a brasa.

(Entra Lourenço.)

LOURENÇO — Dentro de pouco tempo, Lanceloto, terei de revelar ciúmes, se continuardes a puxar para os cantos minha mulher.

JESSICA — Nada receies de nós, Lourenço, que eu e Lanceloto nos damos muito mal. Ele mediz sem circunlóquios que não encontrarei misericórdia no céu por ser filha de judeu, como disse, também, que não sois um bom membro da comunidade, porque, convertendo judeus ao Cristianismo, elevais o preço da carne de porco.

LOURENÇO — Com muito mais facilidade poderei justificar-me disso diante das autoridades do que tu por causa da rotundidade do ventre daquela negra. A moura, Lanceloto, está grávida de ti.

LANCELOTO — Para mim, tanto faz que amoura morra; mas se ela for menos do que uma mulher honesta, já é mais do que o que eu julgava que fosse.

LOURENÇO — Como até os bobos sabem fazer trocadilhos! Sou de opinião que dentro de pouco tempo o espírito passará a provar a sua superioridade tornando-se mudo e que a eloquência só será recomendada para os papagaios. Vai logo para dentro, maroto, e dize que se preparem para o jantar.

LANCELOTO — Isso já está providenciado, senhor, porque todos têm estômago.

LOURENÇO — Santo Deus, como apanhais as coisas! Dize-lhes que preparem o jantar.

LANCELOTO — Isso também já está providenciado senhor só falta a cobertura.

LOURENÇO — Nesse caso, pretendeis cobrir-vos?

LANCELOTO — Eu, cobrir-me, senhor?

Conheço o meu dever.

LOURENÇO — Mais um trocadilho! Não quererás mostrar-nos de uma só vez toda a riqueza de teu espírito? Por obséquio, interpreta um homem simples de acordo com a sua maneiras simples de expressar-se. Vai procurar os teus camaradas e dize-lhes que ponham a mesa e preparem os pratos, que nós já chegamos para jantar.

LANCELOTO — Quanto à mesa, senhor, será preparada; quanto aos pratos, serão postos; quanto à vossa ida para jantar, que seja segundo vossos caprichos e opiniões. (Sai.)

LOURENÇO — Que inteligência rara! Como as suas palavras se combinam! Na memória temo bobo um exercício de termos da melhor procedência. Muitos bobos conheço em posição de alto relevo, como este, ornado de palavras raras, e que no instante de mostrar espírito falham completamente. E tu, Jessica, feliz te julgas? Dize-me, querida: que achas da esposa do senhor Bassânio?

JESSICA — Mais do que dizer posso; é necessário que ele vida exemplar em tudo leve, pois tendo a bênção de uma tal esposa, na terra encontrará dita celeste. E se ele vier a desprezarna terra semelhante ventura, por direito jamais há de ir ao céu. Caso dois deuses determinassem, em celeste aposta, vir à terra buscar duas mulheres, sendo Pórcia uma delas, necessário fora ajuntar muitíssimo à segunda, pois este nosso mundo rude e pobre não tem quem se lhe iguale.

LOURENÇO — Tal qual ela como esposa, soueu como marido.

JESSICA — Ah, é assim? Não querieis perguntar-me o que eu penso sobre isso?

LOURENÇO — Sim, mais tarde; vamos jantar primeiro.

JESSICA — Não; deixai-me fazer-vos o elogio antes de farta.

LOURENÇO — Não; deixemos o assunto para a mesa. Digas o que disseres, digerido será também de envolta com o restante.

JESSICA — Pois que seja; farei vosso elogio. (Saem.)

#### ATO IV

##### Cena I

*Veneza. Uma corte de justiça. Entram o doge, os senadores de Veneza, Antônio, Bassânio, Graciano, Salarino, Salânio e outros.*

DOGE — Está presente Antônio? ANTÔNIO — Às ordens de Vossa Graça.

DOGE — Causa-me pena a tua situação. Vieste a esta barra para defrontar-te com um inimigo de pedra, um celerado desumano, incapaz de comover-se, vazio e carecente de um adracma de comiseração.

ANTÔNIO — Soube que Vossa Graça tem-se esforçado muito e muito para atenuar seu rigoroso curso. Mas já que endurecido ele semostra e que meio legal nenhum me livra do alcance de seu ódio, oponho minha paciência ao seu furor e me declaro armado para suportar com grande tranquilidade de alma a tirania e a cólera sua.

DOGE — Alguém daí introduza o judeu logo na sala.

SALARINO — À porta já se encontra. Aí vem, senhor.

(Entra Shylock)

DOGE — Afastai-vos, porque ele ficar possa diante de nós. Shylock, o mundo pensa, e eu também como todos, que tencionas persistir nessas provas de crueldade somente até à última hora do processo, depois do que, se diz, irá mostrar-nos doçura e consideração mais raras do que esse gesto de crueldade inculca. Em vez de, agora, a multa reclamares — uma libra de carne deste pobre mercador — não somente vais dizer-nos que o castigo dispensas, como, ainda, levado pelo amor e o sentimento de humanidade, perdoarás metade da dívida, atendendo às grandes perdas que pesaram sobre ele ultimamente, perdas capazes de deitar por terra um mercador real, e compassivos de sua desventura deixar peitos de bronze e duros corações de pedra de turcos inflexíveis e de tártaros às práticas estranhas do serviço da meiga cortesia. Ora aguardamos resposta branda; todos nós, judeu.

SHYLOCK — Já expus a Vossa Graça o que pretendo, como jurei por nosso santo Sábado cobrar o estipulado pela multa. Se mo negares, que com o risco seja das leis

e liberdades de Veneza. Decerto haveis de perguntar-me a causa de eu preferir um peso de carniça a ter de volta osricos três mil durados. E então? Se um rato acaba me estragasse, e para envenená-lo eu resolvesse gastar dez mil ducados? Não vos basta semelhante resposta? Há muita gente que não suporta ouvir grunhir um porco; outros, ao verum gato, ficam loucos; e outros, ainda, que ao fanhoso canto da cornamusa a urina não retêm.É que a impressão, senhora dos instintos, vos faz odiar ou amar, como apetece. Para voltarmos ao que perguntastes, vos direi que assim como não podemos apresentar razão satisfatória daantipatia de um pelo grunhido do porco, da daquela pela vista de um gato necessário e inofensivo, da do outro pela inflada cornamusa, sendo força cedermos ao opróbrio inevitável de ofendermos, quando nos virmos ofendidos: deigual modo, não sei de outra razão, nem saber quero, se não for o ódio inato e a repugnância queAntônio me desperta e que me leva a persistir assim numa demanda tão onerosa. Dei-vos a resposta?

BASSÂNIO — Isso não é resposta, homem depedra, que justifique a tua crueldade.

SHYLOCK — Não tenho obrigação de seramável no que te responder.

BASSÂNIO — Acaso a morte dão os homens atudo o que não amam?

SHYLOCK — E quem não mataria quantoodeia?

BASSÂNIO — Nem toda ofensa, de princípio,é ódio.

SHYLOCK — Como!Consentirias que umaserpe te picasse duas vezes?

ANTÔNIO — Por obséquio, refleti que tratais com um judeu. De tanto vos servira ir para a praia e às ondas ordenar que se abaixassem; de tanto vos servira ao fero lobo perguntar sobre a causa de ter feito balar o cordeirinho atrás da ovelha; de tanto vos servira aos altos pinhos da montanha proibir que o topo agitem e que façamrumor, quando a tormenta do céu os deixa inquietos... Sim, primeiro conseguiríeis realizar as coisas mais duras, do que fora só quererdes abrandar — e que pode ser mais duro? — seu coração judeu. Por isso eu peço nada mais lhe oferecerdes, nem tentardes qualquer outro recurso, mas depressa me julgardes segundo as leis da terra, deixando que o judeu realize o intento.

BASSÂNIO — Em vez dos teus três mil ducados dou-te seis mil agora.

SHYLOCK — Se essas moedas todas dessesseis mil ducados, divididas em seis partes ficassem, e cada uma fosse um ducado, nelas não tocara. Persisto em exigir a minha letra.

DOGE — Se piedade não mostras, como podes esperar encontrá-la?

SHYLOCK — Que castigo tenho a temer, se mal algum eu faço? Possuíis muitos escravos, que como asnos, cães e mulos tratais, e que em serviços empregais vis e abjetos, sob a escusa de os haverdes comprado. Já vos disse que os pusésseis, acaso, em liberdade? que com vossas herdeiras os casásseis? por que suam sob fardos? que lhes désseis leitos iguais aos vossos? e iguarias que como ao vosso paladar soubessem? Em resposta, decerto, me diríeis: “Os escravos são nossos”. De igual modo vos direi, em resposta, que essa libra de carne, que ora exijo, foi comprada muito caro; pertence-me; hei de tê-la. Se esse direito me negardes fora com vossas leis! São fracos os decretos de Veneza. E ora aguardo o julgamento. Respondei-me: dar-me-eiso meu direito?

DOGE — Tenho o poder de dissolver a corte, se Belário, um jurista muito douto que mandei virpara estudar o caso, não puder chegar hoje.

SALARINO — Acha-se aí fora, senhor, um mensageiro que vos trouxe cartas desse doutor; veio de Pádua.

DOGE— Traze-me as cartas; chama omensageiro.

BASSÂNIO — Que é isso, Antônio? Alegra-te! Coragem! Há de o judeu tirar-me o sangue, a carne, os ossos, antes de por mim perderes uma gota sequer do rubro sangue.

ANTÔNIO — Eu sou a ovelha doente do rebanho, marcada para a morte. O mais mirrado fruto cai da árvore primeiro; o mesmo se passa ora comigo. Melhor coisa, Bassânio, não farás do que viveres para o meu epitáfio redigires.

(Entra Nerisssa, em trajes de escrivão.)



DOGE — Vistes de Pádua? Do Doutor Belário?

NERISSA — De ambas as partes, meu senhor; Belário saúda Vossa Graça. (Entregalhe uma carta.)

BASSÂNIO — Por que amolas essa faca com tanta persistência?

SHYLOCK — Para cortar a multa do falido.

GRACIANO — Não é na sola do sapato, é na alma, judeu perverso, que amolá-la deves. Mas não se acha metal algum, nem mesmo cutelo de carrasco, que a metade tenha do corte de tua dura inveja. As orações não podem comover-te?

SHYLOCK — Não; nenhuma de quantas teu espírito pudesse conceber.

GRACIANO — Oh! Sê maldito, inexorável cão, e que a justiça seja acusada, só por teres vida. Quase me fazes abalada a crença, para aceitar a ideia de Pitágoras, de que as almas dos brutos passar podem para o corpo dos homens. Teu espírito de cão é governado por um lobo enforcado por crime de homicídio. A alma nefanda, ao se escapar da forca, entrou em ti, quando no ventre estavas de tua mãe maldita. Eis o motivo de só teres instintos sanguínários, ferinos, esfomeados e vorazes.

SHYLOCK — Se não consegues desfazer o selo de minha letra, por gritares tanto só cansas os pulmões. Cura esse espírito, mocinho, se não queres que apodreça. Só vim aqui para impetrar justiça.

DOGE — A carta de Belário recomenda-nos um jurista erudito e muito moço. Onde está ele?

NERISSA — Aí fora, à espera, apenas, de queo mandeis entrar.

DOGE — Com todo o gosto. Três ou quatro pessoas o introduzam na sala com a devida cortesia. Tome conhecimento, entanto, a Corte, com o que Belário diz em sua carta.

ESCRIVÃO — “Saberá Vossa Graça que ao receber vossa carta eu me encontrava gravemente doente. Mas justamente à chegada de vosso emissário eu recebia a agradável visita de um jovem doutor de Roma, de nome Baltasar. Expus-lhe o motivo da controvérsia entre o judeu e o mercador Antônio; juntos, compulsamos muitos livros; ele esposa minha opinião, que, secundada por seu próprio saber — cuja profundidade eu não poderia elogiar suficientemente — ante a minha insistência, ele vos leva, para atender, em meu lugar, ao chamado de Vossa Graça. Insisto junto de Vossa Graça no sentido de que os seus poucos anos não sirvam de obstáculo para que lhe venha a faltar o devido apreço, pois nunca tive conhecimento de um corpo tão moço com uma cabeça tão velha. Entrego-o ao vosso gracioso acolhimento, na certeza de que essa prova será a sua melhor recomendação.”

DOGE — Ouvistes as palavras do erudito Belário. E eis que nos chega o seu colega, se não me engano. (Entra Pórcia, em trajes de doutor em direito.) Dai-me a mão. Do velho Belário foi que viestes?

PÓRCIA — Sim, senhor.

DOGE — Sois bem-vindo. Assentai-vos. É do vosso conhecimento a dissidência que hoje se discute perante nossa corte?

PÓRCIA — Conheço os pormenores da pendência. Onde está o mercador? Qual é o judeu?

DOGE — Ambos aqui presentes. Este é Antônio; este, o velho Shylock.

PÓRCIA — É vosso nome Shylock? SHYLOCK — Assim me chamo.

PÓRCIA — Assaz estranha é a natureza dessa vossa causa. Mas as leis de Veneza não vos podem desatender, se persistis no intento. (A Antônio.) Estais inteiramente ao dispor dele, não é verdade?

ANTÔNIO — Assim ele o proclama. PÓRCIA — Reconheceis a letra?

ANTÔNIO — Reconheço-a.

PÓRCIA — É, pois, preciso que o judeu se mostre clemente.

SHYLOCK — Constrangido por que meios, não podereis dizer-me?

PÓRCIA — A natureza da graça não comporta compulsão. Gota a gota ela cai, tal como a chuva benéfica do céu. É duas vezes abençoada, por isso que enaltece quem dá e quem recebe. É mais possante junto dos poderosos, e ao monarca no trono adorna mais

do que a coroa. O poder temporal o cetro mostra, atributo do medo emajestade, do respeito e temor que os reis inspiram: mas a graça muito alta sempre paira das injunções do cetro, pois seu trono no próprio coração dos reis se firma; atributo é de Deus; quase divino fica o poder terreno nos instantes em que a justiça se associa à graça. Por tudoisso, judeu, conquanto estejas baseado no direito, considera que só pelos ditames da justiça nenhum de nós a salvação consegue. Para obter graça todos nós rezamos; e é essa mesma oração que nos ensina a usar também da graça. Quanto disse, foi para mitigar o teu direito; mas, se neleinsistires, o severo tribunal de Veneza há de sentença dar contra o mercador.

SHYLOCK — Que os meus atos me caiam na cabeça. Só reclamo a aplicação da lei, a pena justa cominada na letra já vencida.

PÓRCIA — Não pode o mercador pagar a dívida?

BASSÂNIO — Pode, sim; depósito ante esta corte, ele, essa importância... não, o dobro. Caso isso ainda não baste, comprometo-me a dez vezes pagar a mesma dívida, no que empenho a cabeça, as mãos, o próprio coração. Caso, ainda, isso não chegue, fica patente que a malícia vence, neste pleito, à lisura. Assim, suplico-vos torcer a lei uma só vez, ao menos; tendes força para isso. Uma injustiça pequena cometei, para fazerdes uma grande justiça, assim frustrando no seu intento a este cruel demônio.

PÓRCIA — Não é possível; força alguma pode em Veneza mudar as leis vigentes. Muitos abusos, ante um tal exemplo, viriam a insinuar-se na república. Não pode ser.

SHYLOCK — Daniel veio julgar-nos! Sim, um novo Daniel! O sábio e jovem juiz, como eu te acato!

PÓRCIA — Por obséquio, mostrai-me a letra; quero examiná-la.

SHYLOCK — Aqui está ela, muito reverendodoutor; aqui está ela.

PÓRCIA — Três importes da dívida, Shylock, te oferecem.

SHYLOCK — Um juramento! Um juramento! Tenho no céu um juramento. Poderia na alma lançar o fardo de um perjúrio? Nem por toda Veneza.

PÓRCIA — O documento já está vencido. Legalmente pode reclamar o judeu, por estestermos, uma libra de carne, que ele corte de junto ao coração do mercador. Sê compassivo; aceita triplicada a importância da dívida e permite-me rasgar o documento.

SHYLOCK — Após o vermos liquidado de acordo com seus termos. Mostrastes ser juiz de grande mérito; conheceis bem as leis; foi muito clara a exposição de há pouco. Assim, intimo-vos, pela lei de que sois um dos pilares mais dignos, aemitir o julgamento. Juro pela minha alma que nenhuma língua humana é capaz de demover-me de minha decisão. Só quero a letra.

ANTÔNIO — De todo o coração suplico à cortepronunciar a sentença.

PÓRCIA — Pois que seja. Consiste a decisão em preparardes o peito para a faca do credor.

SHYLOCK — Oh nobre juiz! Oh extraordinário jovem!

PÓRCIA — Pois a intenção e o espírito da lei estão de acordo com a penalidade cominada na letra.

SHYLOCK — É muito certo. Oh juiz íntegro e sábio! Quanto, quanto mais velho não serás do que aparentas!

PÓRCIA — Descobri, pois, o peito.

SHYLOCK — Sim, “o peito”, tal como está na letra; não é isso, nobre juiz? “Bem junto aoração”, são seus termos explícitos.

PÓRCIA — É certo. Já deixastes a jeito uma balança para pesar a carne?

SHYLOCK — À mão tenho uma.

PÓRCIA — E um cirurgião, Shylock, contratastes, para evitar que Antônio a morrer venha, por grave hemorragia?

SHYLOCK — Estipulado se encontra isso na letra?

PÓRCIA — Expressamente, não; mas que importa? Fora conveniente que assim fizésseis, sópor caridade.

SHYLOCK — Não posso achá-lo; isso não há na letra.

PÓRCIA — Mercador, tendes algo a declarar?

ANTÔNIO — Muito pouco; estou pronto e preparado. Bassânio, a mão. Adeus. Não sejacausa de vos amofinardes a desgraça que padeci por vós, porque a Fortuna, no meu caso, se mostra mais benigna do que de hábito. Sempre ela permite que sobreviva o mísero à opulência, porque ver possa com vincada fronte e olhoscavados a velhice pobre. Ela me poupa o sofrimento longo de semelhante dor. Recomendai-me a vossa nobre esposa e relatai-lhe como Antônio morreu; dizei-lhe quanto amor vosdedicava e enaltecei-me depois de morto. E apóssterdes contado tudo o que se passou, ela que julgue se Bassânio não foi, realmente, amado. Não lastimeis a perda de um amigo, que ele não se lastima por ter pago a dívida por vós. Sefundamente me cortar o judeu, no mesmo instante de coração liquidarei meu débito.

BASSÂNIO — Antônio, desposei uma pessoaque me é tão cara quanto a própria vida. Masessa vida, a esposa, o mundo inteiro são por mimavaliados ainda em menos do que tua existência. Conformara-me em perder todos, em sacrificá-losa este demônio, só para salvar-vos.

PÓRCIA — Não vos ficara muito agradecida vossa esposa, se acaso aqui estivesse, para ouvir essa oferta.

BASSÂNIO — Amo deveras minha mulher; mas desejara que ela no céu se achasse, para quepudesse impetrar junto a algum poder celeste quedemovesse este judeu canino.

NERISSA — Foi bom dizerdes isso em sua ausência, pois, de outro modo, o lar ficara inquieto.

SHYLOCK — Os maridos cristãos são dessejeito. Tenho uma filha; mas preferiria que ela se casasse com um dos descendentes de Barrabás, avê-la desposada com um desses cristãos. O tempocorre! Dai andamento, por favor, ao pleito.

PÓRCIA — Pertence-te uma libra aqui da carne do mercador; a corte o reconhece, porque a lei o permite.

SHYLOCK — Oh juiz íntegro!

PÓRCIA — E deveis retirá-la justamente do peito dele; a corte o reconhece, porque a lei o permite.

SHYLOCK — Oh juiz sábio! Isso, sim, que é sentença! Vamos logo; preparai-vos.

PÓRCIA — Um momentinho, apenas. Há mais alguma coisa. Pela letra, a sangue jus não tens; nem uma gota. São palavras expressas: “Uma libra de carne”. Tira, pois, o combinado: tua libra de carne. Mas se acaso derramares, no instante de a cortares, uma gota que seja, só, desangue cristão, teus bens e tuas terras todas, pelas leis de Veneza, para o Estado passarão por direito.

GRACIANO — Oh juiz honesto! Toma nota, judeu: quanto ele é sábio!

SHYLOCK — A lei diz isso?

PÓRCIA — Podes ver o texto. Reclamaste justiça; fica certo de que terás justiça, talvez mesmo mais do que desejaras.

GRACIANO — Oh juiz sábio! Toma nota, judeu: quanto ele é sábio!

SHYLOCK — Nesse caso, concordo com a proposta: que me paguem três vezes a importância da dívida, ficando o cristão livre.

BASSÂNIO — Eis o dinheiro.

PÓRCIA — Devagar! Justiça total para o judeu. Nada de pressa. Só tem direito à multa estipulada.

GRACIANO — O judeu! Que juiz idôneo e sábio!

PÓRCIA — Dispõe-te, assim, para cortar acarne. Mas não derrames sangue, nem amputes senão o peso justo de uma libra, nem mais nem menos; pois se retirares mais ou menos do que isso, o suficiente para deixá-la mais pesada ou leve na proporção, embora, da vigésima parte deum pobre escrúpulo; ou, ainda, se a balançapender um fio, apenas, de cabelo, por isso a vidaperdes, ficando os teus bens todos confiscados.

GRACIANO — Um segundo Daniel, judeu, um novo Daniel! Agora, cão, peguei-te firme.

PÓRCIA — Por que o judeu parou? Cobra tuadívida.

SHYLOCK — Dai-me o meu capital e deixai-me ir.

BASSÂNIO — Já o trouxe aqui, para isso; toma-o logo.

PÓRCIA — Recusou-o ante a corte, abertamente. Vai receber justiça e a letra, apenas.

GRACIANO — Um segundo Daniel! Outro Daniel! Judeu, muito obrigado por me haveres ensinado esse nome.

SHYLOCK — Não recebo nem mesmo o meudinheiro?

PÓRCIA — Só recebes a pena cominada, que com risco próprio deves cobrar, judeu.

SHYLOCK — Que o diabo, nesse caso, o proteja! Não me agrada continuar a perder aqui meu tempo.

PÓRCIA — Espera aí, judeu! A lei ainda tem outras pretensões a teu respeito. Diz a lei de Veneza, expressamente, que se a provar se vier que um estrangeiro, por processos diretos ou indiretos, atentar contra a vida de um dos membros desta comunidade, há de a pessoa por ele assim visada, assenhorear-se da metade dos bens desse estrangeiro, indo a outra parte para os cofres públicos. A vida do ofensor à mercê fica do doge, apenas, contra os votos todos. Digo, pois, que te encontras nesse caso, pois que se torna manifesto e claro que, usando de processos indiretos, e diretos também, contra a existência do acusado intentaste — Assim, incorres na pena cominada. Agora, ajoelha-te e ao doge implora que te dê o perdão.

GRACIANO — Implora-lhe o consentimento para poderes te enforcar. Aliás, se todos os teus bens já passaram para o Estado, não dispões nem do preço de uma corda. Assim, o Estado é que terá esse ônus.

DOGE — Para que vejas como nosso espírito é diferente, a vida te concedo antes de me pedires. A metade de quanto tens pertence agora a Antônio. A outra parte, a do Estado, reduzida pela humildade pode ser a multa.

PÓRCIA — Não para Antônio; multa para o Estado.

SHYLOCK — Não, a vida também; não perdoeis nada. Tirais-me a casa, se a privais do esteio no qual ela se firma; da existência já me privastes, quando me deixastes sem os recursos com que me sustento.

PÓRCIA — Antônio, que podeis fazer por ele?

GRACIANO — Dar-lhe uma corda grátis, tão-somente.

ANTÔNIO — Se, meu senhor, o doge, e toda a corte quiser perdoar a multa da metade de seus bens, satisfeito me declaro se a outra metade ele deixar comigo, que após a sua morte, ao cavalheiro restituirei que lhe raptou a filha. Mais duas condições imponho, ainda: que, por esse favor, agora mesmo cristão ele se torne, e que em presença desta corte ele firme um documento em que declare que, por morte, deixa todos os seus haveres para a filha e seu filho Lourenço.

DOGE — Há de fazê-lo; se não, retiro-lhe o perdão de há pouco.

PÓRCIA — Judeu, estás contente? Queres responder?

SHYLOCK — Estou contente.

PÓRCIA — Então redigi logo a ata, escrivão, de doação dos bens.

SHYLOCK — Peço-vos permissão de retirar-me; não me sinto disposto. A casa enviei-me a ata, para assiná-la.

DOGE — Bem; retira-te; não deixes de fazê-lo.

GRACIANO — Ao batizado, dois padrinhos vais ter. Se o juiz eu fosse, mais dez terias tido, para enviar-te, não para a fonte, mas para o patíbulo.

(Sai Shylock.)

DOGE — Convido-vos, senhor, instantemente, para ceiar comigo.

PÓRCIA — Mil desculpas peço a Vossa Grandeza; mas preciso partir ainda esta noite para Pádua, razão por que preciso sair logo.

DOGE — Lastimo não dispordes de mais tempo. Antônio, recompensa o gentil-homem como poderes; pois, segundo penso, deves estar-lhe muito agradecido.

(Saem o doge, os senadores e o séquito.)

BASSÂNIO — Mui digno cavalheiro, eu e este amigo, graças ao vosso alto saber, ficamos hoje aliviados de uma pena grave. Como honorários, os três mil ducados que ao judeu nós devíamos, vos damos para recompensar vosso trabalho.

ANTÔNIO — E vos ficamos devedores sempre de amizade e serviços.

PÓRCIA — Mui bem pago já está quem satisfeito se declara. Por vos ter libertado, considero-me satisfeito e, com isso, fartamente pago de tudo. Espírito não tenho mercenário. Suplico-vos, apenas reconhecer-me, quando nos revirmos. Passai bem; e, com isso, me despeço.

BASSÂNIO — Caro senhor, forçoso. é que eu insista. Aceitai de nós dois uma lembrança, comotributo, não como salário. Duas coisas fiz-me, por obséquio: concordar com o que peço e desculpar-me.

PÓRCIA — Insistis muito para que eu recuse. (A Antônio.) Aceito vossas luvas; hei de usá-las como recordação. (A Bassânio.) Aceitaria de bomgrado esse anel, por amor vosso. Não retireis a mão. Lembrança alguma me servirá, senão apenas essa.

BASSÂNIO — Este anel, bom senhor? Não vale nada. Vergonha fora vir a oferecer-volo.

PÓRCIA — Outra coisa não quero a não ser isso. E agora Sinto que cobiço o anel.

BASSÂNIO — Estimo-o acima do valor intrínseco. Dou-vos o anel mais caro que em Veneza, por pregão, encontrar me for possível. Este, somente, não darei: perdoai-me.

PÓRCIA — Em promessas, senhor, sois generoso, vejo-o bem. De começo, me ensinastes a pedir; mas agora só parece que me ensinai de que maneira eu devo responder aos que pedem.

BASSÂNIO — Mui bondoso cavalheiro, este anel é uma lembrança de minha própria esposa. que, no instante de mo entregar, me fez prestar ajura de que nunca o daria, nem vendera, nem nunca o perderia.

PÓRCIA — Essa desculpa já tem servido para se eximirem muitos homens de dar um bom presente. Se não for uma tola vossa esposa, quando vier a saber até que ponto fiz jus a essa lembrança, certamente não há de vos dicar ódio implacável, só por mo terdes dado. Passai bem.

(Saem Pórcia e Nerissa.)

ANTÔNIO — Senhor Bassânio, dai-lhe o anel, vos peço. Que o meu afeto e seu merecimento vençam nisto a opinião de vossa esposa.

BASSÂNIO — Corre, Graciano; vê se ainda o alcanças. Dá-lhe o anel, e se for possível, leva-o para a casa de Antônio. Vai depressa! (Sai Graciano.) Vós e eu, agora, para lá iremos. Ambosvoaremos amanhã bem cedo para Belmonte. Vamos logo, Antônio!

(Saem.)

## Cena II

*Uma rua. Entram Pórcia e Nerissa.*

PÓRCIA — Vê onde o judeu mora e entrega-lhe a ata, para tomar a assinatura dele. Partiremos à noite; desse modo poderemos chegar à casa um dia antes dos dois maridos. Muito alegre Lourenço vai ficar à vista da ata.

(Entra Graciano.)

GRACIANO — Caro senhor, bom foi que vos achasse. Senhor Bassânio, após melhor exame, vos envia este anel e vos convida para jantar comele.

PÓRCIA — Isso é impossível; mas pelo anellhe fico agradecido; dizei-lhe isso, vos peço. E agora, o obséquio me fazei de indicar a estemancebo a casa de Shylock.

GRACIANO — De bom grado.

NERISSA — Uma palavra, meu senhor, convosco (à parte, a Pórcia). Quero ver se também obter consigo do meu marido o anel que ele jurara trazer sempre no dedo.

PÓRCIA — Isso é certeza. Vamos ouvir as juras costumeiras, de que a homens os cederam. Mas nós duas os contraditaremos, anulando seus protestos solenes. Vamos logo! Já sabes onde deveis encontrar-me.

NERISSA — Caro senhor, quereis mostrar-me a casa?

(Saem.)

ATO V

Cena I

*Belmonte. Uma avenida que vai dar à casa de Pórcia. Entram Lourenço e Jessica.*

LOURENÇO — A lua brilha. Numa noite assim, quando a brisa beijava de mansinho as árvores, sem que estas sussurrassem; numa noite como esta, só parece, Tróilo as muralhas escalou de Tróia e mandou a alma para as tendasgregas, onde Cressida estava.

JESSICA — Numa noite como esta Tisbe ansiosa mui de leve pelo orvalho passava, tendo asombra visto do leão antes de ver a fera, e assustada fugiu.

LOURENÇO — Foi numa noite tal como esta que Dido, com um ramo de salgueiro na mão, na praia infensa se postou, acenando para o amanteque voltasse a Cartago.

JESSICA — Numa noite tal como esta, Medéia as ervas mágicas apanhou, porque o velho Tesão fizesse voltar à mocidade.

LOURENÇO — Numa noite tal como esta, Jessica deixa a casa do opulento judeu, em companhia do namorado pródigo, correndo de Veneza a Belmonte.

JESSICA — Numa noite tal como esta, Lourenço lhe jurou que a amava loucamente, a alma roubando-lhe com juramentos mil, sendo certeza que todos eram falsos.

LOURENÇO — Numa noite tal como esta, a gentil e ralhadora Jessica caluniou seu namorado, que lhe perdoou de todo.

JESSICA — Desejara reter-vos toda a noite, se ficássemos aqui sozinhos; porém ouço passos.

(Entra Estéfano.)

LOURENÇO — Quem nos chega na noite silenciosa?

ESTÉFANO — Um amigo.

LOURENÇO — Um amigo? Que amigo? Vosso nome, meu amigo, pois não?

ESTÉFANO — Meu nome é Estéfano. Tenho a dizer-vos que, minha senhora, em Belmonte estará antes do dia. Ela anda a percorrer as cruzessantas, nas quais se ajoelha e reza, porque possater horas de casada em tudo boas.

LOURENÇO — Quem vem com ela?

ESTÉFANO — Um eremita santo, tão-somente, e a empregada dela. E agora me dizei, por obséquo: já se encontra de tornada meu amo?

LOURENÇO — Não, nem temos notícia alguma dele. Mas, Jessica, entremos logo e vamos preparar-nos para dar a nossa ama as boas-vindas com toda a cerimônia.

(Entra Lanceloto)

LANCELOTO — Olá, olá! Quem vive? Olá, olá! LOURENÇO — Quem é que está chamando?

LANCELOTO — Olá! Não vistes mestre Lourenço? Olá, mestre Lourenço!

LOURENÇO — Basta de gritos, homem. Aquiestou.

LANCELOTO — Onde? Onde? Olá! LOURENÇO — Aqui.

LANCELOTO — Dizei-lhe que chegou da parte de meu amo um postilhão com o corno cheio de boas notícias. Meu amo estará aqui antes do nascer do dia.

LOURENÇO — Meu coração, entremos, para a vinda dos patrões esperar. Mas, para quê? Amigo Estéfano, anunciai aí dentro, por favor, que vossa ama vai chegar, e trouxe para cá todos os músicos. (Sai Estéfano.) Como dorme tranquilo luar no banco!

Sentemo-nos aqui e consintamos que nos ouvidos nos penetre a música. O tranquilo silêncio e a noite servem para realçar uma harmonia amena. Senta-te aqui, Jessica, e observa como se acha o soalho do céu todo incrustado de pedacinhos de ouro cintilante. Não há estrela, por menor que seja, de quantas aí contempas, que em seu curso não cante como um anjo, em consonância com os querubins dotados de olhos moços. Na alma imortal essa harmonia existe. Mas enquanto estas vestes transitórias de argila a envolvem muito intimamente, não podemos ouvi-la. (Entram músicos.) Vinde, olá! e com um hino despertai Diana. Com tons suaves abalai o ouvido de vossa ama e fazei que a casa volte ao som de vossa música.

(Música.)

JESSICA — Nunca me deixa alegre a suave música.

LOURENÇO — É que tendes espíritos atentos. Vede como procede uma manada selvagem e impetuosa, ou alegre bando de potros não domados: loucos saltos dão sem parar, mugindo e relinchando como os leva a fazer o quente sangue. Mas se o som de um clarim, acaso, escutam, ou se lhes fere as ouças qualquer música, notareis como estacam de repente, expressão de doçura a refletir-se-lhes no olhar selvagem, pela doce força, tão-somente, da música. Por isso disse o poeta que Orfeu tinha o poder de atrair com seu canto as próprias pedras, as árvores e as ondas, visto como não há nada insensível, cruel e duro a que não possa a música, com o tempo, mudar a natureza. O homem que música em si mesmo não traz, nem se comove ante a harmonia de agradável toada, é inclinado a traições, tão-só, e a roubos, e a todo estratagemas, de sentidos obtusos como a noite e sentimentos tão escuros quanto o Érebo. De um homem assim desconfiai sempre. Ouvi a música.

(Entram Pórcia e Nerissa e se conservam a distância.)

PÓRCIA — É em casa aquela luz. Como pequena candeia chega longe com seus raios! Desse modo, no mundo corrompido brilha uma boa ação.

NERISSA — Se a lua brilha, não vemos a candeia.

PÓRCIA — A maior glória obscurece a menor; um substituto brilha tal como o rei, enquanto perto não vem o rei ficar: então se escoia todo o seu brilho como o regatinho na imensidade da água. Escuta! Música!

NERISSA — Senhora, é vossa a música, dacasa.

PÓRCIA — A bondade das coisas, vejo-o agora, depende do momento. Estes acordes soam melhor de noite que de dia.

NERISSA — O silêncio, senhora, lhes empresta semelhante virtude.

PÓRCIA — Os corvos cantam como a cotovia, quando ninguém os ouve, estando eu certa de que se ao rouxinol fosse possível cantar de dia, quando os gansos grasnam, não passaria por mais hábil músico do que a própria carriça. Quantas coisas o tempo faz chegar à estação própria; à perfeição e ao merecido encômio! Silêncio! A lua está dormindo ao lado de Endimião; não devemos despertá-la.

(Cessa a música.)

LOURENÇO — Se não me engano muito, é avoz de Pórcia.

PÓRCIA — Conhece-me tal como o cego aouco, somente pela voz.

LOURENÇO — Sois mui bem-vinda, cara senhora.

PÓRCIA — O tempo nós gastamos com rezas, para que nossos maridos pudessem ser felizes, esperando que lhes houvessem sido proveitosas as nossas orações. Já regressaram?

LOURENÇO — Não, ainda; porém um mensageiro acabou de trazer-nos a notícia de que eles vêm chegando.

PÓRCIA — Entra, Nerissa; avisa os criados que não deem nenhuma demonstração de que estivemos fora; nem vós, Lourenço: e vós também, Jessica.

(Sons de trombeta.)

LOURENÇO — Vosso esposo chegou; ouço trombetas. Nada temais, senhora, que não somos contadores de histórias.

PÓRCIA — Afigura-se-me a noite como um dia um tanto enfermo; só um pouco mais pálido. É um dia tal como o dia, quando o sol se esconde.

(Entram Bassânio, Antônio, Graciano e séquito.)

BASSÂNIO — Teremos dia junto com os antípodas, se na ausência do sol aparecerdes.

PÓRCIA — Luz quero ser leviana, mas esposa leviana não serei, que uma consorte leve deixa o marido mui pesado, o que, por mim, nunca será Bassânio. Mas, meu senhor, sois mui bem-vinda a casa.

BASSÂNIO — Obrigada, senhora. Ao meu amigo dai acolhida afável. É este o homem, é Antônio, a quem me sinto muito preso por favores inúmeros.

PÓRCIA — Realmente, deveis estar preso a ele muito e muito, pois, segundo me consta, ele já esteve muito preso por vós.

ANTÔNIO — Mas não de jeito que impossível me fosse libertar-me.

PÓRCIA — Senhor, sois mui bem-vindo à nossa casa. E como isso vos há de ser provado não por palavras simplesmente, corto desde já meu discurso laudatório.

GRACIANO (a Nerissa) — Juro-vos pela lua que ali vemos, sois injusta comigo. É certo: dei-o ao escrivão do juiz. Mas desejava que castrado ele fosse sem demora, já que comigo vos zangais agora.

PÓRCIA — Estão brigando? Já! Qual é o motivo?

GRACIANO — Uma orla de ouro, anel muito modesto, que ela me havia dado, e de poesia para o mundo tal como essas sentenças de couteleiro, escritas numa faca: “Ama-me e não me deixes.”

NERISSA — Por que causa de poesia falar ou de seu preço? Mas jura me fizestes, no momento em que vo-lo entreguei, de que o haveríeis de usarenquanto vida vos restasse, e que convosco ao túmulo ele iria. Não por mim, mas por vossos juramentos deveríeis guardá-lo com respeito. Ora, dá-lo ao escrivão! Deus é quem sabe que esse escrivão jamais há de ter barba.

GRACIANO — Sim, caso viva e chegue a ficar homem.

NERISSA — Se uma, mulher chegar a ficar homem.

GRACIANO — Juro por esta mão, dei-o a um mancebo, um meninote, um tipo enfezadinho, de tua altura, quase, que servia de escrivão para o juiz. Era falante, pediu-me o anel à guisa de salário, sem que eu pudesse recusar-me a dar-lho.

PÓRCIA — Não procedestes bem — devo ser franca — assim vos separando do primeiro mimo de vossa esposa, de uma joia que no dedo vos fora colocada com jura fervorosa e, pois, tornada carne de vossa carne, como emblema de constância e lealdade. Igual lembrança dei eu a meu amor — aqui presente — e o fiz jurar que nunca o deixaria. Atrevo-me a jurar no lugar dele que jamais deixaria que do dedo lho tirassem, portodo o ouro do mundo. Sim, Graciano, com isso avossa esposa tamanha causa de tristeza destes que, em seu lugar, eu ficaria louca.

BASSÂNIO (à parte) — Fora melhor cortar a mão esquerda e jurar que perdi o anel na luta.

GRACIANO — Pois o Senhor Bassânio fez presente do seu anel ao juiz, que lho pedira e, certo, o merecera. Foi nessa hora que o ajudante do juiz, o tal menino que tanto se esforçara na escritura, quis que eu lhe desse o meu, não aceitando nem o amo nem o moço outra lembrança, senão os dois anéis.

PÓRCIA — Que anel lhe destes, meu senhor? Não o mesmo, certamente, que de mim recebestes?

BASSÂNIO — Se eu pudesse acrescentar à falta uma mentira, vo-lo negara agora. Mas bem vedes: não tenho o anel no dedo; já se foi.

PÓRCIA — Vazio, assim, de fé é o vosso falso coração. Pois eu juro que não hei de subir ao vosso leito sem que veja de novo o meu anel.

NERISSA — Nem eu ao vosso, enquanto o meu não vir.

BASSÂNIO — Querida Pórcia, se soubésseis a quem eu dei o anel, se soubésseis por quem eu dei o anel, e o motivo por que eu dei o anel, e como a contragosto eu dei o anel, quando nada servia, afora o anel como lembrança nossa, abateríeis o vosso dissabor, tenho certeza.

PÓRCIA — Se a virtude soubésseis desse anel, ou prezásseis a dona desse anel, ou a vós próprio, qual dono desse anel, presente não faríeis desse anel. Que homem teria havido, de tal modo falho de senso, que, se um pouco, ao menos, de ardor mostrásseis na defesa dele, persistisse, impudente, na cobiça de algo estimado como uma relíquia? Nerissa é que está certa: aposto a vida em como o anel foi dado a alguma dama.

BASSÂNIO — Por minha honra, senhora, por minha alma, não a mulher, mas a um doutor jurista que de mim recusou três mil ducados e me pediu o anel, que eu, sem reservas, lhe deneguei, deixando que partisse desgostoso por isso, ele que a vida naquela hora a este amigorestituíra. Que vos direi, querida? Foi forçado que empós dele mandei um mensageiro, para entregar-lhe o anel; confuso estava de gentileza e pejo, não querendo que a ingratidão pudesse a honra manchar-me. Perdão, querida, pois por



estes lumes abençoados da noite, se tivésseis estado lá, certeza tenho plena de que o anel me teríeis reclamado, para ao digno doutor dar de presente.

PÓRCIA — Que esse doutor jamais em casame entre, pois sendo o possuidor da joia rara que eu apreciava tanto e que me havíeis jurado conservar, dar-se-ia o caso de eu me mostrar em relação a ele liberal como vós, sem que pudesse negar-lhe quanto é meu: o próprio corpo, meu leito de casada. Ainda hei de achá-lo, tenho certeza. Não durmais, portanto, uma noite, sequer, fora de casa; vigiai-me qual outro Argo, pois no caso de o não fazerdes, se eu me vir sozinha, por minha honra, que ainda me pertence, hei de fazer desse doutor tão digno companheiro de leito.

NERISSA — E eu do escrivão. Tende cuidado, pois, de não deixar-me sob meu próprio amparo.

GRACIANO — A vosso gosto. Mas o escrivão precisa usar maromba; se não lhe deixarei a penaromba.

ANTÔNIO — Sou a causa infeliz dessas querelas.

PÓRCIA — Não vos aborreçais, senhor, comisso, pois sois bem-vindo de qualquer maneira.

BASSÂNIO — Pórcia, perdoa a involuntária ofensa; ante os ouvidos destes meus amigos juro-te pelos teus tão lindos olhos, nos quais eu me revejo...

PÓRCIA — Tomai nota! Nos meus olhos dobrado ele se enxerga: uma vez em cada olho. O juramento merece muito crédito, firmado, como está, no seu duplo.

BASSÂNIO — Não; escuta-me: desta vez me perdoa e, por minha alma, juro jamais quebrar um juramento.

ANTÔNIO — já empenhei uma vez o próprio corpo pela fortuna dele; e a não ter sido essa pessoa que ficou de posse do anel de vosso esposo, neste instante perdido ele estaria. Ora a própria alma me decido a empenhar, pela certeza de que, conscientemente, vosso esposo não quebrará jamais qualquer promessa.

PÓRCIA — Sereis, pois, seu fiador. Entregai-lhe isto, e pedi-lhe que seja mais zeloso.

ANTÔNIO — Senhor Bassânio, agora ireis jurar-me que este outro anel será mais bem guardado.

BASSÂNIO — Pelo céu! É o que eu dei ao tal doutor!

PÓRCIA — Dele o ganhei. Perdoa-me, Bassânio; mas, para isso, o doutor deitou comigo.

NERISSA — Perdoa-me, também, gentil Graciano; mas o escrivão do juiz, o enfezadinho, por igual preço, na passada noite, deitou também comigo.

GRACIANO — Que acontece? Isso equivale a consertar estradas em pleno estio, quando transitáveis todas elas estão. Como! Tornamo-nos desonrados, sem isso merecermos?

PÓRCIA — Não sejais tão grosseiro. Estais perplexos. Vede esta carta e lede-a mais de espaço; veio de Pádua, escrita por Belário. Vereis por ela que o doutor jurista foi Pórcia, e o escrivão dele, nada menos do que Nerissa. Poderá Lourenço certificar-vos de que nos partimos logo depois de vós e que acabamos de chegar. Não entrei ainda em casa. Antônio, sois bem-vindo. Tenho algumas notícias para dar-vos, que ultrapassam qualquer expectativa. Abri esta carta; nela vereis que três galeões dos vossos subitamente vieram ter ao porto, com carga mui valiosa. Não vos digo de que modo esta carta às mãos me veio.

ANTÔNIO — Estou sem fala.

BASSÂNIO — O doutor éreis vós, e eu não vos conheci?

GRACIANO — Como! Éreis vós o escrivão que queria desonrar-me?

NERISSA — Mas o escrivão que nunca fará isso, salvo se ele chegar a ficar homem.

BASSÂNIO — Belo doutor, dividireis comigo meu leito de casado; estando eu longe, com minha esposa podereis deitar-vos.

ANTÔNIO — Destes-me vida, cara dama, e os meios com que viver, pois leio nesta carta a nova certa de que meus navios a bom porto chegaram.

PÓRCIA — Então, Lourenço? Meu escrivão vos trouxe boas novas.

NERISSA — Que ele há de ouvir sem que me pague espórtula Para vós e Jessica é esta escritura de doação do judeu opulentíssimo, que vos lega, por morte, seus haveres.

LOURENÇO — Cara dama, fazeis chover maná nos passos dos famintos.

PÓRCIA — Já vem próxima a manhã, mascerteza tenho plena de que não vos achais inteiramente satisfeitos com quanto há sucedido. Por isso entremos, para que perguntas nos dirijais sem pausa e nós possamos responder-vosa tudo com verdade.

GRACIANO — Façamos isso; e seja esta aprimeira pergunta que há de responder a minha Nerissa, após prestar o compromisso: Se ficamos despertos desse jeito mais um dia, ou se vamos para o leito, a fim de aproveitarmos este prazo danoite que já se acha em tanto atraso. Por mim, se fosse dia, eu desejara que nos chegasse logo a noite avara, porque dormir pudesse umbocadinho com o escrivão do doutor, o enfezadinho. Nada hei de, ora, guardar com maiscuidado do que o anel de Nerissa tão prezado.

(Saem.)

FIM

**ANEXO 6 – REI LEAR**

William Shakespeare

Edição Ridendo Castigat Mores - Fonte Digital

**ÍNDICE**

ATO I

Cena I

Cena II

Cena III

Cena IV

Cena V

ATO II

Cena I

Cena II

Cena III

Cena IV

ATO III

Cena I

Cena II

Cena III

Cena IV

Cena V

Cena VI

Cena VII

ATO IV

Cena I

Cena II

Cena III

Cena IV

Cena V

Cena VI

Cena VII

ATO V

Cena I

Cena II

Cena III

**PERSONAGENS**

LEAR, rei da Bretanha.O rei da França.

O duque de Burgúndia.O duque de Cornualha.O duque de Albânia.

O conde de Kent.

O conde de Gloster.

EDGAR, filho de Gloster.

EDMUNDO, filho bastardo de Gloster.CURAN, um cortesão.

OSVALDO, intendente de Goneril.Um velho, caseiro de Gloster.

Um médico.

O bobo.

Um oficial, empregado por Edmundo.Um gentil-homem, ligado a Cordélia.Um arauto.

Criados de Cornualha.

GONERIL, filha de Lear

REGANE, filha de Lear

CORDÉLIA, filha de Lear

Cavaleiros do séquito de Lear, oficiais, mensageiros, soldados e criados.

## ATO I

## Cena I

*Salão nobre do palácio do Rei Lear. Entram Kent, Gloster e Edmundo.*

KENT - Sempre pensei que o rei fosse mais afeiçoado ao duque de Albânia do que ao de Cornualha.

GLOSTER - Era o que também me parecia; mas agora, na divisão do reino, não se pode saber qual dos dois duques ele aprecia mais, porque as partes foram pesadas com tal equidade, que a mais impertinente curiosidade não saberá decidir-se por nenhuma delas. KENT - Este rapaz é vosso filho, milorde?

GLOSTER - Sua educação, senhor, esteve a meu cargo. Tantas vezes corei de confessá-lo, que presentemente já me encontro calejado.

KENT - Não posso compreender-vos.

GLOSTER - Mas a mãe deste mancebo o compreendia perfeitamente, senhor; tanto assim, que ficou como ventre arredondado com um filho que arranjou para seu berço, antes de conseguir um marido para o seu leito. Percebeis alguma falta nisso?

KENT - Não posso desejar que a falta não houvesse sido cometida, à vista da graça de suas consequências.

GLOSTER - Mas possuo um filho legítimo, senhor, coisa de um ano mais velho do que este, que nem por isso tenho em mais alta estima. É verdade que este peralta veio ao mundo com certo descoco, antes de ser chamado; mas também é verdade que sua mãe era muito linda. Foi gerado na folia, sendo me agora preciso reconhecer o bastardo. Conheceis este gentil-homem, Edmundo?

EDMUNDO - Não, milorde.

GLOSTER - É o milorde de Kent; de agora em diante lembra-te dele como de honrado amigo meu.

EDMUNDO - Ao dispor de Vossa Senhoria.

KENT - Desejo amar-vos e peço que me ensejeis oportunidades de conhecer-vos mais de perto.

EDMUNDO - Esforçar-me-ei por merecê-lo, senhor.

GLOSTER - Esteve fora nove anos e precisará sair de novo. O rei vem vindo.

*(Fanfarras. Entram Lear, Cornualha, Albânia, Goneril, Regane, Cordélia e séquito.)*

LEAR - Gloster, fazei entrar na sala os nobres da França e da Burgúndia.

GLOSTER - Neste instante, meu soberano.

*(Saem Gloster e Edmundo.)*

LEAR - Enquanto isso, mostrar pretendo nossos desígnios mais recônditos. Um mapa! Ficai sabendo, assim, que dividimos nosso reino em três partes, sendo nossa firme intenção livrar-nos, na velhice, dos cuidados, bem como dos negócios, para confiá-los a mais jovens forças, e, assim, nos arrastarmos para amorte, de qualquer fardo isento. Nosso filho de Cornualha, assim como vós, Albânia, filho também não menos caro, temos o propósito certo, neste instante, de declarar publicamente o dote de nossas filhas, para que a discórdia futura fique obviada desde agora. Os príncipes da França e da Burgúndia, grandes rivais no amor de nossa filha mais nova, em nossa corte já fizeram sua parada longa e apaixonada. Ora aguardam resposta. Minhas filhas - já que neste momento nos despimos do governo, não só, dos territórios e cuidados do Estado - ora dissei-me qual de vós mais amor nos tem deveras, porque alargar possamos nossa dádiva onde contende a natureza e o mérito. Fale primeiro Goneril, a nossa filha mais velha.

GONERIL - Senhor, amo-vos mais do que as palavras poderão exprimir, mais ternamente do que a visão, o espaço, a liberdade, muito mais do que tudo que é prezado, raro ou valioso, tanto quanto a vida com saúde, beleza, honras e graça, como jamais amou filha nenhuma ou pai se viu amado; é amor que tornapobre o alento e o discurso balbuciante. Amo-vos para além de todo extremo.

CORDÉLIA *(à parte)* - Cordélia que fará? Ama e se cala.

LEAR - Todo este trecho aqui, de uma a outra linha, com suas matas e campinas ricas, com rios caudalosos e seus prados de larga bordadura, te pertencem. De tua prole e de Albânia, como posse perpétua vai ficar. Que diz agora nossa segunda filha, a queridíssima Regane, esposa de Cornualha? Fala.

REGANE - De igual metal que minha irmã sou feita e pelo preço dela me avalio. No imo peito descubroque ela soube dar expressão ao meu amor sincero. Mas ficou muito aquém, pois inimiga me declaro de quantas alegrias se contenham na mui preciosa esfera dos sentidos tão-só. Achei minha única felicidade na afeição de Vossa mui querida Grandeza.

CORDÉLIA *(à parte)* - Então, coitada de Cordélia! Contudo, nem por isso, pois estou certa de que meu afeto mais rico é do que a língua.

LEAR - Que para ti e os teus fique de herança permanente este terço avantajado do nosso belo reino, em rendas, graças e extensão não menor em nenhum ponto do que o que em sorte coube a Goneril. Nossa alegria, agora, conquanto a última, não a menor, e cujo afeto jovem os vinhedos da França e o branco leite da Burgúndia disputam: que podeis dizer-nos para um terço mais opimo virdes a obter do que os dasvossas manas? Falai.

CORDÉLIA - Meu senhor, nada. LEAR - Nada?

CORDÉLIA - Nada.

LEAR - De nada sairá nada. Novamente disse alguma coisa.

CORDÉLIA - Oh desditosa! Trazer não posso o coração à boca. Amo a Vossa Grandeza como o deverme impõe, nem mais nem menos.

LEAR - Que é isso, Cordélia? Concertai um pouco vossas palavras, para não deitardes a perder vossadita.

CORDÉLIA - Meu bondoso senhor, vós me gerastes, educastes e me amastes, pagando eu todos esses benefícios qual fora de justiça: com obediência e amor vos honro sempre extremamente. Por que têm maridos minhas irmãs, se dizem que vos amam sobre todas as coisas? Se algum dia vier a casar, há deseguir o dono do meu dever apenas a metade de meu amor, metade dos cuidados e das obrigações.

Certeza é nunca vir a casar-me como as duas manas, para amar a meu pai por esse modo. LEAR - Docoração te veio o que disseste?

CORDÉLIA - Sim, meu senhor.

LEAR - Tão jovem e tão áspera?

CORDÉLIA - Tão jovem, meu senhor, e verdadeira.

LEAR - Então vai ser teu dote só a tua veracidade. Pois pela sagrada irradiação do sol, pelos mistérios de Hécate e, assim, da noite, pelas grandes operações dos orbes que nos fazem viver e definhar: desde este instante me desligo dos laços consanguíneos, preocupações de pai e parentesco, passando a te considerar como uma pessoa estranha a mim e a meu afeto, de agora para sempre. O cita bárbaro ou selvagem que faz da prole pábulo para o apetite, há de ser mais vizinho do meu seio, acolhido e consolado, do que tu, que não és já filha minha.

KENT - Meu senhor...

LEAR - Kent, silêncio; não te metas entre o dragão e sua grande cólera. Predileção lhe tinha e pensei sempre que haveria de achar grato repouso em seus carinhos. Foge-me da vista! Tão certo como eu ter paz no sepulcro, o coração de pai lhe tiro agora. Chamai França! Que é que ainda se mexe? Chamai Burgúndia aqui! Cornualha e Albânia, acrescentai mais este dote aos outros de minhas duas filhas. Que se case com ela o orgulho, a que franqueza chama. Juntamente comigo vos invisto no meu poder, minhas prerrogativas e em todas as extensas dignidades que à majestade se unem. Nós, seguindo nisso o curso mensal e reservando cem cavaleiros, cujo encargo fica por vossa conta, nossa casa havemos de na vossa fazer por modo alterno. De rei, o nome apenas reteremos, com suas dignidades; mas o mando, a execução das leis, as rendas, tudo, caros filhos, é vosso. E como certo penhor do que ora afirmo, esta coroa dividirei entre ambos.

KENT - Real Lear, a quem como meu rei acatei sempre, amei como a meu pai, acompanhei como a senhor e a quem nas minhas preces tinha como padroeiro...

LEAR - O arco está armado; sai da frente da seta!

KENT - Não; dispara-a, embora a farpa o coração me atinja. Descortês será Kent, se é louco Lear. Que estás fazendo, velho? Acaso pensas que o dever tenha medo de falar, quando o poder se abaixa até à lisonja? A honra obriga à franqueza, quando tomba na loucura, assim tanto, a majestade. Anula o teu decreto, e recorrendo aos teus mais ponderosos argumentos, reprime logo essa medonha pressa. Minha vida em penhor do que te afirmo; afeição inferior não te dedica tua terceira filha, nem tampouco sentirão menos as pessoas cuja voz grave não ressoa no vazio.

LEAR - Por tua vida, Kent, nem mais um pio!

KENT - Penhor a vida me foi sempre, para contra os teus inimigos arriscá-la. Perdê-la não receio, quando o exige tua própria salvação.

LEAR - Fora da minha vista!

KENT - Vê melhor, Lear, e ora consente que a mira de teus olhos eu me torne. LEAR - Agora, por Apolo...

KENT - Por Apolo, agora em vão juraste por teus deuses.

LEAR - Oh vassalo! Insolente!

*(Leva a mão à espada.)*

ALBÂNIA E CORNUALHA - Não; detende-vos, caro senhor.

KENT - Manda matar teu médico e à impura doença entrega os honorários! Revoga o teu decreto; do contrário, enquanto alento me restar no peito, direi que estás errado.

LEAR - Ouve-me, biltre! Por teu dever de vassalagem, ouve-me! Já que tentaste provocar a quebra de nosso

voto - o que jamais fizemos - e com teimoso orgulho te meteste entre nossa sentença e nosso trono - o que não pode suportar a nossa natureza, nem menos nosso posto - de pé nosso poder, toma tua paga: cinco dias te damos, porque possas contra os males do mundo premunir-te; ao sexto voltarás o dorso odioso a todo o nosso reino; e se no décimo esse corpo banido for achado dentro de nossas terras, esse instante será tua morte. Já daqui! Por Júpiter, não haverá revogação agora.

KENT - Adeus, rei. Declarar quero a verdade: o exílio é aqui, e longe, a liberdade.

*(A Cordélia.)*

Possam os deuses te amparar, menina, cujo pensar com o bom discurso afina.

*(A Regane e Goneril.)*

Que por bons atos sejam confirmados vossos largos discursos e empolados. - Kent, assim, se despede dos presentes e a novas terras leva os pés dolentes.

*(Sai.)*

*(Fanfarra. Volta Gloster com França, Burgúndia e pessoas do séquito.)*

GLOSTER - Senhor, França e Burgúndia estão presentes.

LEAR - Milorde de Burgúndia, primeiramente a vós nos dirigimos, que sois rival, com este soberano, nacorte à nossa filha. Qual o mínimo que exigis como dote e em cuja falta desistis do pedido?

BURGÚNDIA - Muito nobre majestade, não peço nada acima do que já ofereceu Vossa Grandeza, quemenos não dará.

LEAR - Nobre Burgúndia, quando cara nos era, nós a tínhamos nesse preço; mas ora baixou muito. Senhor, ali está ela. Se algum traço dessa coisinha de nenhum realce ou até mesmo ela toda, redobrada denosso desfavor, sem mais acréscimo, pode do agrado ser de Vossa Graça: ela aqui está; pertence-vos.

BURGÚNDIA - Ignoro que responder.

LEAR - Quereis, com as faltas todas que lhe são próprias, sem nenhum amigo, adotada por nosso recenteódio, com toda nossa maldição por dote, expulsada por nosso juramento, levá-la ou recusá-la?

BURGÚNDIA - Real senhor, perdão; mas nessas condições, é claro, ninguém faz uma escolha.

LEAR - Então deixai-a, senhor; porque vos assevero, em nome do poder que me criou, que toda a sua fortuna é o que vos disse. *(A França.)* Vós, potente soberano, de vosso amor não quero tão longe me afastar, que almeje ver-vos unido a quem odeio. Assim, suplico-vos desviar vossa afeição para um objetomais digno do que a mísera criatura que a natureza quase se envergonha de declarar por sua.

FRANÇA - É muito estranho que aquela que, até há pouco, era a mais rara joia de vosso afeto, o tema excelso de vossos elogios, vosso bálsamo na velhice, a melhor, a mais querida, pudesse cometer assim, de pronto, um crime tão monstruoso que desmanche tantas pregas da graça. Com certeza mui contrário ànatureza foi seu crime, e muito a deturpou, se vosso afeto tão notório não é o que antes era. Acreditar tal coisa a seu respeito, só com o auxílio da fé, pois, sem milagre, a isso a razão jamais me levaria.

CORDÉLIA - Suplico entanto a Vossa Majestade - pois careço dessa arte lisa e untuosa de falar em contrário ao próprio intento, pois o que fazer quero já realizo, mesmo antes de falar - que deixeis claronão ter sido nenhum vício infamante, velhacaria alguma, ato impudico, nem qualquer passo menos decoroso que de vosso favor e vossa graça me privou neste instante, mas apenas a carência daquilo que me deixa mais rica ainda: o olhar adulator e língua que não ter muito me alegra muito embora essa faltaseja a causa de me fazer perder vossa amizade.

LEAR - Melhor te fora nunca ter nascido, do que deixares de agradar-me agora.

FRANÇA - Então, foi isso apenas? Uma certa lentidão natural, que, muitas vezes, deixa de relatar a própria história do que fazer pretende? Que dizeis, milorde de Burgúndia, desta noiva? O amor não éamor, quando se mescla de considerações que muito aberram da meta principal. Ficais com ela?

BURGÚNDIA - Dai-lhe, real Lear, unicamente a parte que havéis prometido, e, neste instante, tomoCordélia pela mão e a faço Duquesa de Burgúndia.

LEAR - Nada; sou firme; fiz um juramento.

BURGÚNDIA - Muito me pesa, então, que após haverdes perdido o pai, também percais o esposo.

CORDÉLIA - Seja a paz com Burgúndia! Já que havia em seu amor intuitos de riquezas, não serei suaesposa.

FRANÇA - Linda Cordélia, pobre, ainda és mais rica; mais procurada, ainda, no abandono, e mais amada, quando desprezada: de ti, dessas virtudes, apodero-me neste momento. Seja, assim, legítimo apanhar o que foi jogado fora. Que estranho, ó deuses! que um glacial desprezo o respeito me inflame e deixe preso! Deserdando tua filha, ó rei! deste ansa para rainha eu a fazer da França. Nenhum dos duquesda Burgúndia aquosa a noiva minha levará preciosa. Cordélia, adeus lhes dize, cruéis embora; perdes aqui, para ganhar lá fora.

LEAR - França, leva-a contigo; é tua; nós tal filha já não temos, não, e após o que houve ela perdeu, pormais que faça, nosso amor, nossa bênção, nossa graça. Vamos, nobre Burgúndia.

*(Fanfarras. Saem Lear, Burgúndia, Cornualha, Albânia, Gloster e séquito.)*

FRANÇA - Dizei adeus agora a vossas manas.

CORDÉLIA - Jóias de nosso pai, com olhos úmidos Cordélia ora vos deixa. Eu vos conheço, mas comoirmã não quero dar o nome verdadeiro de vossas faltas todas. Cuidai de nosso pai; entrego-o a vossos peitos que os próprios méritos proclamam. No entanto, ai! se em sua graça eu me encontrasse, talvez melhor asilo lhe mostrasse. Assim, adeus para ambas.

REGANE - Não queirais ensinar nossos deveres.

GONERIL - Procurai agradar vosso marido que como esmola vos pegou da sorte. Revelastes caráterobstinado; digna, portanto, sois do vosso fado.

CORDÉLIA - O tempo há de mostrar quem tem malícia, que a vergonha é o castigo da estultícia. Passaibem.

FRANÇA - Vamos, linda Cordélia.

*(Saem França e Cordélia.)*

GONERIL - Mana, não é pouco o que tenho a dizer sobre um assunto que nos toca muito de perto. Creioque nosso pai vai partir esta noite.

REGANE - Isso é certeza, e em vossa companhia. No próximo mês ficará conosco.

GONERIL - Vistes como sua velhice é caprichosa; não é das menos valiosas a observação que tivemos oportunidade de fazer; sempre revelou muito mais afeição para nossa irmã, transparecendo agora claramente a falta de senso com que acaba de expulsá-la.

REGANE - E a fraqueza da idade, sendo certo que ele sempre se conheceu mal.

GONERIL - Até mesmo na melhor idade e de mais vigor, costumava revelar precipitação. Por isso, preparemos para receber de sua velhice não somente os defeitos enraizados de longa data, como também as rabugices inconvenientes que trazem consigo os anos achacosos e irritáveis. REGANE - Teremos de assistir ainda a muitas explosões súbitas, como essa de que resultou o banimento de Kent.

GONERIL - Ainda terão de realizar-se as cerimônias complementares da despedida entre ele e França. Unamos-nos, é o que vos peço; se nosso pai conservar o poder com semelhante disposição, essa última abdicação de sua vontade só nos poderá ser prejudicial.

REGANE - Havemos de refletir melhor sobre isso.

GONERIL - Precisaremos fazer qualquer coisa, enquanto o assunto está quente.

*(Saem.)*

## Cena II

*Sala no castelo do conde de Gloster. Entra Edmundo com uma carta.*

EDMUNDO - Sê minha deusa agora, natureza! A tuas leis empenho meus serviços. Porque terei de me curvar à peste do costume e deixar que a impertinência das nações me despoje, tão-somente porque nascialgumas doze luas, ou catorze, depois de qualquer mano? Por que bastardo? Por que mal-nascido, se minhas proporções são tão bem feitas, a alma tão franca e a compostura toda tão certa como a de qualquer rebento de uma senhora honesta? Por que causa, pois, nos estigmatizam de baixeza, bastardo, baixo, baixo?... Por que baixos todos nós que no furto deleitoso da natureza recebemos partes mais ajustadas e mais alto espírito do que acontece nos cansados leitos, antiquados e insípidos, só feitos para criar uma chusma de casquilhos, entre o sono e a vigília concebidos? Assim, Edgar legítimo, preciso ficar com vossas terras. Tem o afeto de nosso pai não só o bastardo Edmundo, como o filho legítimo. “Legítimo!” bela expressão! Espero, meu legítimo, que se esta carta for bem despachada e meu plano decerto, o baixo Edmundo vai passar o legítimo. Prospero... Cresço... Amparai, ó deuses! os bastardos. *(Entra Gloster.)*

GLOSTER - Banido Kent assim! França, colérico, se despediu, e o rei partiu à noite! Resignou ao poder, tendo ficado com pensão reduzida! E tanta coisa em menos de um segundo! Olá, Edmundo, que novidades há?

EDMUNDO *(escondendo a carta)* - Não há novidades, se não for do desagrado de Vossa Senhoria. GLOSTER - Por que escondéis com tanta precipitação essa carta?

EDMUNDO - Não sei de nenhuma novidade, senhor. GLOSTER - Que papel estáveis lendo?

EDMUNDO - Nada, milorde.

GLOSTER - Nada? Que necessidade havia, então, de enfiá-lo tão depressa no bolso? O que em si mesmo é nada, não tem necessidade de ser escondido desse modo. Deixai-me ver! Vamos! Se for mesmo nada, não precisarei de óculos.



EDMUNDO - Peço-vos, senhor, que me perdoeis; é uma carta de meu irmão, que eu ainda não li até aofim; mas pelo que pude ver assim por cima, penso que seu conteúdo é impróprio para vossa vista.

GLOSTER - Dai-me essa carta, senhor!

EDMUNDO - Farei mal tanto em recusá-la com em dar-vo-la. Seu conteúdo, pelo que pude alcançar, é censurável.

GLOSTER - Quero vê-la; quero vê-la.

EDMUNDO - Quero crer, como justificativa de meu irmão, que ele escreveu apenas com o intuito de provar ou confirmar minha virtude.

GLOSTER - “Nossas instituições e o respeito à velhice tornam o mundo amargo para os nossos melhoresanos, privam-nos dos bens até que nossa caduquice não se possa aproveitar deles. Começo a ver uma escravidão inútil e presunçosa na opressão da tirania envelhecida, que governa não porque tenha poder, mas por ser tolerada.

Procurai-me, para que eu possa expandir-me a esse respeito. Se nosso pai dormisse até que eu o despertasse, gozaríeis para sempre da metade das rendas dele e seríeis o bem-amado de vosso irmão Edgar.” - Hum!

Conspiração! “Se dormisse até que eu o despertasse, gozaríeis da metade das rendas dele.” - Meu filho Edgar teve mão para escrever isto? coração e cérebro para concebê-lo?

Como te veio isto ter às mãos? Quem te trouxe esta carta?

EDMUNDO - Não foi trazida, senhor, e nisso é que consiste toda a treta; foi jogada pela janela de meuquarto.

GLOSTER - Reconheceis a letra de vosso irmão?

EDMUNDO - Se o assunto fosse bom, milorde, eu iria jurar que a letra é dele; mas quando o consideromais de perto, quero crer que não seja.

GLOSTER - É dele, sim.

EDMUNDO - A mão é dele, milorde; mas espero que o coração não esteja no conteúdo. GLOSTER - Antes, ele nunca vos sondou a esse respeito?

EDMUNDO - Nunca, milorde; mas por várias vezes já o ouvi asseverar que quando os filhos atingem a idade adulta e os pais começam a declinar, o pai deveria tornar-se como que pupilo do filho, ficando seusbens sob a direção deste.

GLOSTER - Oh celerado! celerado! A mesma coisa que ele diz na carta! Celerado execrável! Celerado desnaturado, odioso, bestial! Pior do que bestial! Vai buscá-lo imediatamente. Vou prendê-lo.

Abominável celerado! Onde está ele?

EDMUNDO - Ao certo não sei, milorde. Se concordardes em sustar vossa indignação contra meu irmão, até que possais tirar dele melhores testemunhos de suas intenções, seguireis por um caminho certo; ao passo que se procederdes com violência e vos enganardes quanto aos seus planos, abrireis em vossa honra uma grande brecha e destruireis o próprio coração de sua obediência. Atrevo-me a apostar a vidaem como ele escreveu isso tudo apenas para pôr à prova a afeição que eu voto a Vossa Honra, sem qualquer intenção maldosa.

GLOSTER - Pensais desse modo?

EDMUNDO - Se Vossa Honra concordar, eu vos colocarei em um lugar de onde possais ouvir-nos conversar a esse respeito, vindo desta arte a convencer-vos pelo próprio testemunho dos ouvidos, e issosem delongas, ainda esta tarde.

GLOSTER - Não é possível que ele seja tão monstruoso... EDMUNDO - De forma alguma; tenho certeza.

GLOSTER - ... com relação a seu próprio pai, que lhe dedica amor tão terno e desinteressado... Céu eterra!

Edmundo, ide procurá-lo; sondai-o, por obséquio; arranjai tudo de acordo com vossa sabedoria. Daria todos os meus haveres para poder alcançar plena certeza a esse respeito.

EDMUNDO - Vou procurá-lo, senhor, neste momento; farei tudo do melhor modo possível e vos porei apar do que houver.

GLOSTER - Esses últimos eclipses do sol e da lua não nos anunciam nada bom. Muito embora a ciênciaada natureza possa explicá-los desta ou daquela maneira, a própria natureza se sente chicoteada pelos efeitos que se lhes seguem. O amor esfria, a amizade desaparece, os irmãos se desavêm; nas cidades, tumultos; nos campos, discórdias; nos palácios, traições, rompendo-se os laços entre filhos e pais. Esse meu filho desnaturado confirma aqueles sinais: é filho contra pai. O rei se afasta da trilha da natureza: é pai contra filho. Já vimos o melhor de nosso tempo: maquinações, imposturas, traições e toda sorte de desordens ruinsas nos acompanham sem sossego até à sepultura. Vai buscar-me esse celerado, Edmundo; nada terás a perder. Procede com cautela. E o nobre e magnânimo Kent, banido! Seu crime, ahonestidade! É muito estranho!

(Sai.)

EDMUNDO - Essa é a maravilhosa tolice do mundo: quando as coisas não nos correm bem - muitas vezes por culpa de nossos próprios excessos - pomos a culpa de nossos desastres no sol, na lua e nas estrelas, como se fôssemos celerados por necessidade, tolos por compulsão celeste, velhacos, ladrões e traidores pelo predomínio das esferas; bêbedos, mentirosos e adúlteros, pela obediência forçosa a influências planetárias, sendo toda nossa ruindade atribuída a influência divina... Ótima escapatória parao homem, esse mestre da devassidão, responsabilizar as estrelas por sua natureza de bode. Meu pai se juntou a minha mãe sob a cauda do Dragão e minha natividade se deu sob a Grande Ursa: de onde se segue que eu tenho de ser violento e lascivo. Pelo pé de Deus! Eu teria sido o que sou, ainda que a mais virginal estrela do firmamento houvesse piscado por ocasião de minha bastardização. Edgar...

*(Entra Edgar.)*

Pronto! Ei-lo que chega, tal qual a catástrofe na velha comédia. Minha deixa é “Melancolia pérfida”, comum suspiro como os de Tom de Bedlam. Oh! Esses eclipses pressagiam as desordens que vemos. Fá, sol, lá, mi!

EDGAR - Olá, mano Edmundo! Que graves meditações são essas?

EDMUNDO - Estava pensando, mano, numa predição que li num dia destes, sobre o que há de seguir-sea estes eclipses.

EDGAR - Preocupai-vos com essas coisas?

EDMUNDO - Posso afirmar-vos que por infelicidade se realizam os efeitos anunciados, tal como: sentimentos contra as leis da natureza entre pais e filhos; mortes, fome, dissolução de amizades antigas, divisões no Estado, ameaças e maldições contra os reis e os nobres, suspeitas injustificadas, proscricão deamigos, dispersão de coortes, infrações conjugais e não sei o que mais.

EDGAR - Há quanto tempo sois sectário da astronomia?

EDMUNDO - Vamos, vamos... Quando vistes meu pai pela última vez?EDGAR - Ontem à noite.

EDMUNDO - Falastes-lhe? EDGAR - Sim; duas horas seguidas.

EDMUNDO - Despedistes-vos em bons termos? Não observastes nele nenhum sinal dedescontentamento, quer na fisionomia, quer nas expressões?

EDGAR - Absolutamente nenhum.

EDMUNDO - Refleti melhor sobre o que poderíeis ter feito para ofendê-lo, e fiz-me neste ponto a vontade, evitando sua presença, até que o tempo se incumba de esfriar o ardor de seu desagrado, que neste momento de tal modo se mostra revolto, que dificilmente poderia acalmar-se com maltratar vossapessoa.

EDGAR - Algum celerado me fez isso.

EDMUNDO - É o que eu receio. Peço que o eviteis com paciência, até que se torne mais vagaroso o ímpeto de sua cólera. E, como disse, retirai-vos para os meus aposentos, onde disporei as coisas de modoque possais ouvir milorde conversar. Ide logo, por obséquio. Se vos arriscardes a sair, que seja armado.

EDGAR - Armado, irmão?

EDMUNDO - Mano, eu vos aconselho para vosso bem; saí armado. Não quero ser homem de bem, seem tudo isso houver algo de bom para vós. Contei-vos o que vi e ouvi, mas muito por cima, sem vos apresentar a imagem horrorosa da coisa. Peço-vos, ide logo.

EDGAR - Terei logo notícias vossas?

EDMUNDO - Neste negócio estarei a vosso inteiro dispor.

*(Sai Edgar.)*

Um pai simplório e um mano em tudo nobre, que, pela própria condição, tão longe se acha de qualquer mal, que nem suspeitas sobre isso pode ter e em cuja tola proibidade montar vai facilmente minha velhacaria. A coisa é clara: terras vou ter, ganhando-as com finura; falhando o berço, o espírito as segura.*(Sai.)*

### Cena III

*Um quarto no palácio do duque de Albânia. Entram Goneril e seu intendente Osvaldo.*

GONERIL - Meu pai bateu no gentil-homem, por ter este ralhado com o bobo dele?OSVALDO - Sim, minha senhora.

GONERIL - Dia e noite me ofende. Não se passa nenhuma hora sem que ele não fuzile com qualquer grosseria, que a nós todos traz somente discórdia. Não o suporte; turbulentos estão seus cavaleiros e a censurar-nos ele próprio vive por dá cá aquela palha. Não pretendo falar com ele, quando vier da caça.Dizei que estou doente; e, se cumprirdes com certa negligência algum serviço, estará bem; respondereipotudo.

OSVALDO - Ei-lo, senhora; ouço o barulho, dele.

*(Ouve-se toque de trompa.)*

GONERIL - Mostrai a negligência que quisesdes, vós e os outros de casa, pois desejo que me venha falara esse respeito. Se não gostar, então que se transfira para a casa da mana, cujo modo de pensar, estou certa, está de acordo com o meu, em não querer ser governada. Velho caduco, a pretender o mando sobreo que já doou! Por minha vida, os velhos tontos são de novo crianças; com ralhos, só, precisam ser tratados. Lembrai-vos do que eu disse.

OSVALDO - Sim, senhora.

GONERIL - E lançai frio olhar para seus homens. Pouco importa o que vier; avisai todos. Quero acharnisso tudo algum pretexto para poder falar. Sem mais delongas, escreverei à mana, para que ela faça como eu. Prepara logo a ceia.

(*Saem.*)

Cena IV

*Uma sala no mesmo. Entra Kent disfarçado.*

KENT - Se eu puder conseguir uma outra fala que torne a minha estranha, é bem possível que minha boaempresa a alcançar venha o êxito pleno pelo qual as próprias feições desfigurei. Banido Kent, se ora servir puderes lá mesmo de onde há pouco foste expulso, pode se dar que o mestre a que tanto amas te encontre serviçal.

(*Toque de trompa. Entram Lear, cavaleiros e séquito.*)

LEAR - Não me façam esperar nem um segundo pelo jantar. Vai logo aprontá-lo.

(*Sai o criado.*) Então, quem és tu? KENT - Um homem, senhor.

LEAR - Qual é a tua profissão? Que pretendes de nós?

KENT - Minha profissão é não ser menos do que pareço; servir fielmente a quem confiar em mim; amarquem for honesto; conversar com quem for sábio e falar pouco; temer a justiça; brigar quando não houver outro jeito, e não comer peixe.

LEAR - Quem és tu?

KENT - Um tipo de coração honesto e tão pobre quanto o rei.

LEAR - Se como súdito és tão pobre quanto ele como rei, és, realmente, paupérrimo. Que desejas? KENT - Serviço.

LEAR - A quem queres servir? KENT - A vós.

LEAR - Conheces-me, companheiro?

KENT - Não, senhor; mas revelais algo em vossa postura, que me leva a vos chamar de mestre. LEAR - E que coisa é essa?

KENT - Autoridade.

LEAR - Que serviços podes prestar?

KENT - Sei guardar um segredo honesto, montar a cavalo, correr, estropiar uma história interessante, dizer grosseiramente uma mensagem fácil. Tudo o que um homem ordinário pode fazer, eu também posso, sendo o melhor em mim a diligência.

LEAR - Que idade tens?

KENT - Não sou tão jovem, senhor, para amar uma mulher por causa de seu canto, nem tão velho parame apaixonar por ela sem motivo: tenho quarenta e oito anos na carcunda.

LEAR - Segue-me; irás servir-me. Se depois do jantar não me pareceres pior, não nos separaremos muito logo. O jantar, olá! Onde está o meu rapaz? O meu bobo? - Vós, aí: ide chamar o meu bobo.

(*Sai um criado.*) (*Entra Osvaldo.*)

Vós aí, maroto: onde está minha filha?

OSVALDO - Se o permitis...

(*Sai.*)

LEAR - Que foi que disse aquele tipo? Chamai-me aqui esse rústico.

(*Sai um cavaleiro.*)

Onde está o meu bobo, eh! Só parece que o mundo está dormindo. Então, onde está esse mastim?

(*Volta o cavaleiro.*)

CAVALEIRO - Ele disse, milorde, que vossa filha não está passando bem. LEAR - Por que motivo aquele escravo não voltou, quando o chamei?

CAVALEIRO - Senhor, ele me respondeu redondamente que não queria voltar. LEAR - Não queria?

CAVALEIRO - Senhor, não sei o que acontece, mas, a meu ver, Vossa Alteza não é tratado com a afeição cerimoniosa a que estáveis acostumado. Observa-se sensível quebra de carinho, não só com relação à conduta da criadagem, como com a do próprio duque e a de vossa filha.

LEAR - Ah! És dessa opinião?

CAVALEIRO - Suplico-vos, milorde, que me perdoeis, se eu estiver enganado, mas o meu zelo não pode ficar calado, quando penso que Vossa Alteza está sendo prejudicado.

LEAR - Fazes-me lembrado de minha própria percepção; ultimamente tenho notado um certo quê de negligência, que eu atribuía mais à minha própria natureza desconfiada do que a qualquer intenção real e ao propósito de descortesia. Vou examinar isso de mais perto. Mas onde está o meu bobo? Há dois dias que não o vejo.

CAVALEIRO - Desde que a minha jovem senhora partiu para a França, senhor, o bobo definhou bastante.

LEAR - Sobre isso, basta; já o havia notado muito bem. - Vós aí! Ide dizer a minha filha que deseje falar-lhe.

*(Sai o criado.)*

E vós, ide chamar o meu bobo!

*(Sai outro criado.) (Entra Osvaldo.)*

Oh! Vós, Senhor! Vinde cá, senhor! Quem sou eu, senhor? OSVALDO - O pai da senhora.

LEAR - “O pai da senhora”? O criado do senhor, cão! Bastardo, escravo, maroto! OSVALDO - Com vossa permissão, milorde, mas não sou nada disso.

LEAR - Atreves-te a fitar-me desse modo, biltre?

*(Bate-lhe.)*

OSVALDO - Não consinto que me batam, milorde.

KENT - Nem que te deem um pontapé, meu jogador de futebol?

*(Dá-lhe um pontapé.)*

LEAR - Agradeço-te, companheiro; tu me serves, e eu passarei a estimar-te.

KENT - Vamos, senhor, levantai-vos! Fora daqui! Vou ensinar-vos a distinguir as pessoas. Fora! Fora! Se quiserdes medir outra vez vosso comprimento de labrego, é só continuardes aqui. Caso contrário, fora! Vamos! Não tendes senso? Assim!

*(Empurra Osvaldo para fora.)*

LEAR - Muito obrigado, amigo servidor; aqui está pelo teu serviço.

*(Dá dinheiro a Kent.) (Entra o bobo.)*

BOBO - Eu também desejo recompensá-lo; aqui está o meu barrete.

*(Oferece o gorro a Kent.)*

LEAR - Então, meu belo peralta, que estás fazendo? BOBO - Amigo, farias bem em aceitar o meu gorro. KENT - Por quê, bobo?

BOBO - Por teres tomado o partido de quem já caiu no desagrado. É assim; se não puderes sorrir do lado do vento, em pouco tempo apanharás resfriado. Toma; fica como meu gorro. Ora vê, este sujeito banuiu duas de suas filhas e fez um grande favor à terceira, contra a própria vontade dela. Se vais segui-lo, precisarás usar o meu gorro. Então, meu tio? Quisera ter dois gorros e duas filhas.

LEAR - Por quê, menino?

BOBO - Se eu chegasse a lhes dar todos os meus haveres, me reservaria os gorros. Este aqui me pertence; pede outro a tuas filhas.

LEAR - Toma cuidado com a chibata, maroto!

BOBO - A verdade é um cachorro que se mete na casinha e precisa ser chibatada para sair, enquanto a senhora galga pode ficar a feder junto do fogo.

LEAR - Pestilência amarga para mim!

BOBO *(a Kent)* - Amigo, vou ensinar-te um discurso. LEAR - Ouçamo-lo.

BOBO - Toma nota, tio: Não esbanjes teu estado; embora o saibas, calado; não andes, seja levado; no aprender, muito cuidado; guarda sempre o mor bocado; deixa as mulheres e o vinho; não te metas com o vizinho, porque em uma e outra dezena terás mais uma vintena.

KENT - Isso tudo e nada é a mesma coisa, bobo.

BOBO - Então é como discurso de advogado sem salário. Destes-me nada por ele. Tio, poderíeis fazer algum uso de nada?

LEAR - Não, menino; nada pode ser feito de nada.

BOBO - *(a Kent)* - Por obséquio, dize-lhe a quanto monta a renda de suas terras; ele não acredita num bobo.

LEAR - Um bobo amargo.

BOBO - Saberás dizer, meu rapaz, que diferença há entre um bobo amargo e um bobo doce? LEAR - Não, menino; ensina-ma.

BOBO - Quem o conselho te deu de doar todas as tuas terras põe aqui ao lado meu, e o dele toma; não erras: verás logo, lado a lado, o doce bobo e o amargoso; um aqui, sarapintado, o outro aí mesmo, achacoso.

LEAR - Com isso queres dizer que eu sou bobo, menino?

BOBO - Já abriste mão de todos os outros títulos; esse é o único que te veio do berço.

KENT - Milorde, o que ele disse não é inteiramente destituído de senso. BOBO - Não, por minha fé; os senhores e os grandes não permitirão que eu fique sozinho; se eu obtiver o monopólio, eles hão de querer sua parte, e as senhoras também; não deixarão que toda a loucura fique comigo; virão arrebatá-lo um pedaço. Tio, dá-me um ovo, que te darei duas coroas.

LEAR - Que espécie de coroas?

BOBO - Ora, depois de haver cortado o ovo em duas partes e comido o seu conteúdo, as duas coroas do ovo. Quando partiste pelo meio a tua coroa e deste as duas metades, carregas-te o burro às costas através do atoleiro. Não tinhas espírito em tua coroa calva, quando fizeste presente da de ouro. Se eu falar sobre isso como costume, que seja chicoteado o primeiro que me compreender. Nunca os lobos passaram tanto apuro. O sábio é tolo e fraco; a mente não podendo usar no escuro, vive como macaco.

LEAR - Desde quando ficaste tão amigo de canções, maroto?

BOBO - Ora, tio, desde que de tuas filhas fizeste tuas mães. Porque desde que lhes entregaste a vergastae desceste os calções, elas choram de alegria; de tristeza eu rio e canto, por ver um rei na folia mas na cabeça, nem tanto. Tio, por obséquio, arranja um mestre-escola que ensine teu bobo a mentir. Desejara muito aprender a mentir.

LEAR - Se mentires, maroto, serás açoitado.

BOBO - Não posso compreender que tu e tuas filhas sejais aparentados; elas me açoitam por eu dizer a verdade, enquanto tu pretendes fazer o mesmo no caso de eu mentir, sem contarmos que algumas vezes tenho sido açoitado por estar quieto. Quisera ser tudo neste mundo, menos bobo, mas não desejo ser o que és, tio; dos dois lados raspaste o espírito, sem deixar nada no meio. Aí vem vindo uma das raspadoras.

*(Entra Goneril.)*

LEAR - Então, filha? Por que esse diadema carrancudo? Ultimamente só parece que andais sempre de sobrecenho fechado.

BOBO - Tu eras um belo tipo, quando não precisavas preocupar-te com as suas carrancas; agora és um zero sem número. Presentemente, sou mais do que tu; sou um bobo, ao passo que tu és nada.

*(A Goneril.)*

Pois não, pois não! Vou segurar a língua, que é o que vossa fisionomia me está ordenando, muito embora nada houvésseis dito. Mum, mum! Quem não guardou mel nenhum, tem de viver em jejum. Ali está uma ervilha sem grão.

*(Apontando para Lear.)*

GONERIL - Não somente, senhor, o vosso bobo, que se permite muitas liberdades, como outros cavaleiros insolentes de vosso séquito, a cada hora brigam e suscitam questões, fazendo arruaças de toda intoleráveis. Pois, senhor, pensei que, pondo-vos a par do fato, acharia remédio; mas começo, realmente, a me temer, pelo que há pouco dissestes e fizestes, que esse abuso apoio encontra em vós, tomando alento em vossa tolerância. Se for isso, não deixará de ser punida a falta nem de velar os meios de defesa, ao bem-estar de todos só visando, poderá ofender-vos por maneira que, em outras conexões, fora oprobriosa, mas que a necessidade o nome empresta de conduta discreta.

BOBO - Porque, como sabeis, tio, tanto ao pardal o cuco deu bom milho, que a cabeça esmagou-lhe o próprio filho. E assim a luz se apagou e nós ficamos no escuro.

LEAR - Sois nossa filha?

GONERIL - Desejara que usásseis o bom senso de que vos sei provido e que pusésseis de lado essas disposições recentes que a tal ponto vos tem mudado a essência.

BOBO - Não saberá um asno, quando a carroça puxa o cavalo? “Toca, Jug! Eu te amo!”

LEAR - Conhece-me ainda alguém? Não, não é Lear. Andava Lear assim? Falava assim? Onde terá os olhos? Há de fraca ter a razão e rombos os sentidos. Estarei acordado? Não. Quem pode vir-me contar quem em verdade eu seja?

BOBO - A sombra de Lear.

LEAR - Desejaria aprender isso, porque pelos atributos da soberania, do conhecimento e da razão, euseria levado a crer que tive filhas.

BOBO - Que fariam de vós um pai obediente. LEAR - Como vos chamais, bela senhora?

GONERIL - Esse espanto, senhor, é mui do gosto de vossa nova telha. Desejara que compreendêsseis bem minha intenção. Por velho e venerável, deveríeis ser sensato também. Uma centena de cavaleiros e escudeiros tendes para servir-vos, gente de tal modo desordeira, atrevida e depravada, que nossa corte, corrompida pelas práticas deles todos, se assemelha a taberna em motim. O epicurismo e a torpeza fizeram-na tornar-se mais taberna e bordel do que palácio cheio de tradições. O próprio pejo está a exigir uma medida urgente. Deixai-vos, pois, rogar por quem, sem isso, vos tomara o que pede, isto é, de um pouco reduzir vosso séquito, devendo ser o restante, apenas, destinado a vos cuidar da idade e, sobretudo, ter consciência de vós e dessa gente.

LEAR - Demônio e inferno! Tragam meu cavalo! Reuni logo meu séquito! Bastarda degenerada, não desejo ser-te pesado em nada. Resta-me outra filha.

GONERIL - Bateis na minha gente, e essa canalha desordenada trata os superiores como se fossem criados. (*Entra Albânia.*)

LEAR - Ai de quem se arrepende tardiamente! (*A Albânia.*) Ó senhor, vós aqui? São ordens vossas? Falai, senhor! - Olá! Mandai trazer-me o meu cavalo! - Ingratidão, demônio de coração de mármore, mais feio, quando numa criança se revela, do que o monstro marinho.

ALBÂNIA - Por obséquio, senhor, ficai mais calmo.

LEAR (*a Goneril*) - Detestável harpia, estás mentindo! Minha gente toda é escolhida e de costumes limpos; conhecedores são de seus deveres e com muito cuidado mantêm sempre a honra do próprio nome. Ó faltazinha, como em Cordélia apareceste feia! Tu, como banco de tormento, as traves de minha natureza deslocaste de seu estado fixo e todo o afeto me chupaste do peito, transformando-o no fel mais amargoso. Ó Lear! Ó Lear!

(*Batendo na testa.*)

Bate agora a esta porta, que a loucura deixou entrar e o teu tão caro juízo permitiu que saísse. Vamos, vamos, minha gente!

ALBÂNIA - Senhor, sou inocente, como não sei também qual o motivo que vos deixou colérico.

LEAR - É possível, meu senhor. Natureza, agora me ouve! Deusa querida, atende-me! Suspende teus desígnios, se acaso pretendias deixar fecunda agora esta criatura; ao ventre lança-lhe a esterilidade, ressequidos lhe deixa os órgãos todos da procriação, não permitindo nunca que lhe nasça do corpo desprezível uma criança que a possa honrar um dia. Se tiver de procriar, que tenha um filho feito só de malícia, porque viva para um desnaturado e perverso tormento lhe ser sempre. Que lhe faça muitas rugas nascer na fronte jovem e, com ardentes lágrimas, profundos sulcos lhe abra nas faces; que compense com chacotas e riso os sofrimentos e cuidados maternos, para que ela possa ver como dói mais fundamente que o dente da serpente a filha ingrata. Fora daqui! Partamos!

ALBÂNIA - Deuses do alto, que adoramos, que é que houve?

GONERIL - Não vos seja preocupação saberdes o motivo. Que seus caprichos tenham livre o campo que sua caduquice lhes confere.

(*Volta Lear.*)

LEAR - Como! Cinquenta dos meus homens, postos de lado, de uma vez, em quinze dias? ALBÂNIA - Que aconteceu, senhor?

LEAR - Já vou contar-te.

(*A Goneril.*)

Vida e morte! Envergonha-me que tenhas poder para abalar dessa maneira minha virilidade e que estas lágrimas escaldantes, que à força se me escapam, te façam parecer condigna delas. Caiam em ti nevoeiros e rajadas. Que as feridas profundas da paterna maldição os sentidos te corroam. Velhos olhos etontos, se chorardes novamente essa causa, hei de arrancar-vos para ao barro atirar-vos e, com as gotas que estiverdes perdendo, amolecê-lo. Chegamos a este ponto? Pois que seja! Outra filha me resta, estando eu certo de que ela é para mim bondosa e afável. Quando vier a saber o que fizeste, há de com as próprias unhas arranhar-te essas feições de lobo. Então, a forma me verás reassumir que ora presumes perdida para sempre. É o que te digo.

(*Saem Lear, Kent e o séquito.*)

GONERIL - Ouvistes tudo?

ALBÂNIA - Goneril, não posso ser tão parcial, embora vos estime...

GONERIL - Por obséquio, é o bastante. Olá! Osvaldo! (*Ao bobo.*) Vós, senhor, mais velhaco do que bobo, segui vosso patrão.

BOBO - Tio Lear! Tio Lear! Espera aí e leva o bobo contigo! Se uma raposa eu pegasse com sua filha repasse e o couro dela tirasse... De gorro assim sobre a face, seria o bobo da classe.

(*Sai.*)

GONERIL - Esse homem tem razão: cem cavaleiros! Fora boa política, em verdade, deixá-lo com cem homens que, por nada, qualquer queixa, capricho ou fantasia, armas à caduquice lhe dariam, ficando dependendo nossas vidas só de sua mercê. Olá, Osvaldo!

ALBÂNIA - Vosso medo é excessivo.

GONERIL - É mais seguro do que confiar demais. E preferível o obstáculo afastar de que me temo, a temer ser pegada de surpresa. Conheço-o muito bem; já por escrito comuniquei à mana o que ele disse. Se ela o aceitar com todos os seus homens depois de eu ter mostrado...

(*Entra Osvaldo.*)

Então, Osvaldo, já escrevestes a carta para a mana? OSVALDO - Sim, escrevi, senhora.

GONERIL - Levai convosco alguns dos nossos homens e parti a cavalo. Dai-lhe plenas informações de tudo o que receio, acrescentando o que quiserdes, para reforçar o recado. Parti logo, e, assim, volta depressa.

(*Sai Osvaldo.*)

Não, milorde, essa brandura que mostrais, leitosa, conquanto eu não censure, permiti-me que vos diga, porém: mais censurado sois por falta de senso do que mesmo louvado por bondoso em demasia.

ALBÂNIA - Não sei até onde vosso olhar alcança, mas temo que estragueis a boa usança. GONERIL - Então...

ALBÂNIA - Bem, bem; os fatos o dirão. (*Saem.*)

Cena V

*Pátio diante do mesmo. Entram Lear, Kent e o bobo.*

LEAR - Parti na frente, para Gloster, com estas cartas. Não conteis a minha filha do que sabeis senão o que ela vos perguntar com relação ao assunto da carta. Se não fordes muito diligente no recado, chegarei lá primeiro.

KENT - Não dormirei, senhor, enquanto não tiver entregue vossa carta.

(*Sai.*)

BOBO - Se o homem tivesse o cérebro no calcanhar, não correria o risco de apanhar frieira?

LEAR - Correria, pequeno. BOBO - Então peço-te que fiques alegre, porque o teu espírito não irá andar de chinelas.

LEAR - Ah, ah, ah!

BOBO - Vais ver como tua outra filha te trata bem, porque embora ela se pareça tanto com esta aqui como uma maçã silvestre com uma maçã comum, posso dizer o que posso dizer.

LEAR - Que é que podes dizer, pequeno? BOBO - Que ela te vai ser de gosto tão idêntico ao gosto de duas maçãs silvestres. Saberás dar-me a razão de termos o nariz no meio do rosto?

LEAR - Não.

BOBO - Ora, é para ficarmos com um olho de cada lado do nariz, a fim de espiarmos o que não pudermos cheirar.

LEAR - Fui injusto com ela...

BOBO - Sabes como é que a ostra fabrica a valva? LEAR - Não.

BOBO - Nem eu; mas poderei dizer-te por que o caracol tem casa. LEAR - Por que é?

BOBO - Ora, é para guardar a cabeça e não a dar às filhas ficando, assim, sem ter onde guardar os cornos. LEAR - Quero esquecer minha natureza. Um pai tão carinhoso! Estão prontos os cavalos?

BOBO - Teus asnos foram procurá-los. A razão por que sete estrelas não são mais de sete é muito interessante.

LEAR - Não é por não serem oito?

BOBO - Justamente. Darias um excelente bobo. LEAR - Retomá-lo pela força! Ingratidão monstruosa!

BOBO - Se tu fosses o meu bobo, tio, eu te daria uma sova por teres ficado velho antes do tempo. LEAR - Como assim?

BOBO - Não devias ter envelhecido antes de ficares sábio.

LEAR - Não quero ficar louco, céu bondoso! Mantém-me o juízo; tudo menos louco!

(*Entra um gentil-homem.*)

Então, estão prontos os cavalos?

GENTIL-HOMEM - Estão prontos, senhor. LEAR - Vamos, pequeno.

BOBO - A donzela que rir de mim neste momento, donzela não será, se é certo o que ora avento.

(*Saem.*)

ATO II

## Cena I

*Pátio diante do castelo do duque de Gloster. Entram Edmundo e Curan, que se encontram.*

EDMUNDO - Deus te guarde, Curan.

CURAN - E a vós também, senhor. Estive com vosso pai e lhe dei a notícia de que o duque de Cornualhae Regane sua duquesa chegarão aqui esta noite.

EDMUNDO - E por que isso?

CURAN - Ignoro-o. Não ouvistes as notícias que correm por aí? Refiro-me apenas às que são cochichadas e que não são mais do que assuntos soprados aos ouvidos.

EDMUNDO - Eu? Não. Por obséquio, quais são elas?

CURAN - Não ouvistes dizer que é muito provável uma guerra entre os duques de Cornualha e de Albânia?

EDMUNDO - Nem uma palavra.

CURAN - Então ainda haveis de ouvir algo a esse respeito. Passai bem, senhor.

*(Sai.)*

EDMUNDO - O duque aqui esta noite? Melhor... Ótimo! Isso cai mesmo certo no meu plano. Meu pai pôs gente em busca de meu mano e um negócio nauseoso ainda me resta para ser posto em prática. Mãos à obra. Celeridade e sorte! Mano, mano! Uma palavra! Vinde! Estou chamando!

*(Entra Edgar.)*

Meu pai está de espreita. Oh! Fugi logo; deixai o esconderijo, que este ponto já se tornou sabido. E conveniente aproveitar a noite. Por acaso não vos manifestastes em prejuízo do duque de Cornualha? Elevem vindo para aqui, apressado, em plena noite, e Regane com ele. Não dissestes a favor dele nada, contra o duque de Albânia? Pensai bem.

EDGAR - Não disse nada, tenho certeza.

EDMUNDO - Ouço meu pai que chega. Perdoai-me, mas por fingimento, apenas, tirai também a espada e defendei-vos, só por simulação. Parti, agora. - Rendei-vos! Vamos ante nosso pai! Luz, aqui! - Fugi, mano! - Tochas! Tochas! - Assim. Adeus, adeus.

*(Sai Edgar.)*

Agora um pouco de sangue há de fazer nascer a ideia de um combate mais sério.

*(Fere-se no braço.)*

Já vi bêbedos fazer por brincadeira mais do que isso. Pai! Pai! Prendei! Prendei! Ninguém me ajuda? *(Entram Gloster e criados, com tochas.)*

GLOSTER - Edmundo, onde está o biltre?

EDMUNDO - Aqui se achava, no escuro, espada em punho, depravados conjuros resmungando e, como a dama auspiciosa, a invocar a própria lua.

GLOSTER - Mas onde está? EDMUNDO - Senhor, estou sangrando.

GLOSTER - Mas onde está esse vilão, Edmundo?

EDMUNDO - Fugiu por lá, senhor, quando viu que era de todo inútil... GLOSTER - Lá? Ide atrás dele!

*(Saem alguns criados.)* “De todo inútil...” Quê?

EDMUNDO - Sim, persuadir-me a vos tirar a vida. Respondi-lhe que os deuses vingadores desferiam seus duros raios contra os parricidas; lembrei-lhe os laços múltiplos e fortes que aos pais os filhos prendem. Em resumo, senhor: vendo o desgosto que eu opunha a suas intenções desnaturadas, enraivecido, espada em punho, ataca-me o corpo exposto e o braço aqui me fere. Mas ao ver que os espíritos eu tinha bem despertos e que pela justeza da causa a combatê-lo se atreviam, ou por eu ter muito barulho feito, de repente, fugiu.

GLOSTER - Pode esconder-se onde quiser, que neste território encontrado há de ser. E, uma vez preso... liquidado. Meu mestre, o nobre duque, meu mui digno patrono e amado príncipe chega esta noite. Assim, proclamarei, com sua autoridade, que há de nossa graça alcançar quem quer que encontre o biltre e o covarde assassino entregue ao cepo. E se alguém o esconder, morra igualmente!

EDMUNDO - E quando procurava dissuadi-lo de semelhante intento, achando-o cada vez mais determinado em realizá-lo, e ameacei denunciá-lo, respondeu-me: “Bastardo sem haveres, então pensas que, se acareados fôssemos, alguma confiança em teu valor, virtude ou mérito reforçar poderia o que dissesses? Não; pois o que eu negasse - e hei de fazê-lo, embora apresentasses cartas minhas - atribuiria tudo a teus conselhos, traça e manobras pérfidas. Preciso fora deixares tolo o mundo inteiro, para que ninguém visse quanto o lucro de minha morte te seria estímulo para que a procurasses”.

GLOSTER - Celerado teimoso e endurecido! Negaria sua própria carta? Não, não é meu filho.

*(Fanfarras.)*



Atenção! As trombetas são do duque. Não sei por que motivo nos visita. Os portos fecharei, para que o biltre não nos possa escapar. O duque me há de permitir isso. Espalharei por toda parte o retrato dele; assim, o reino conhecerá seus traços. Minhas terras, rapaz fiel e natural, recursos hei de arranjar para quea herdá-las venhas. (*Entram Cornualha, Regane e séquito.*)

CORNUALHA - Então, meu nobre amigo? Desde o instante que aqui cheguei - e foi neste momento -soube coisas mui raras.

REGANE - Confirmadas, toda vingança ainda não bastara para ir sobre o ofensor. Então, milorde?GLOSTER - Ó senhora, senhora! Espedaçado ficou-me o coração. Espedaçado!

REGANE - Como! O afilhado de meu pai tentou contra vossa existência? Aquele mesmo em que meupai pôs nome? Vosso Edgar?

GLOSTER - O senhora! A vergonha ora me manda ficar calado.

REGANE - Acaso ele não era companheiro dos homens turbulentos que servem a meu pai?GLOSTER - Não sei, senhora Oh! É terrível tudo!

EDMUNDO - Sim, senhora; pertencia a esse bando.

REGANE - Se assim é, não admira que mostrasse sentimentos tão baixos. Partiu deles a ideia de matar o velho, para desbaratarem logo seus haveres. De minha irmã recebi hoje cedo boas informações sobre essagente, com tantas advertências, que, se acaso quiserem ir parar em minha casa, não me encontrarei lá.

CORNUALHA - Nem eu, Regane. Edmundo, soube agora que prestastes a vosso pai serviços de bomfilho.

EDMUNDO - Só fiz o meu dever.

GLOSTER - Fez frustrar a manobra do outro, tendo recebido a ferida que aqui vedes, quando tentouprendê-lo.

CORNUALHA - Seguiu gente no encalço dele?GLOSTER - Sim, meu bom senhor.

CORNUALHA - Sendo apanhado, havemos de deixá-lo em condições de nunca mais receio vir a causar a alguém. Tomai vós mesmo todas as providências e disponde do meu poder como vos for do agrado. E vós, Edmundo, tão recompensado neste momento, assim pela obediência como pela virtude, sereis nosso.Pessoas de lealdade tão provada são muito necessárias. Começamos, assim, por nos apoderar de vós.

EDMUNDO - Embora mais não faça, hei de lealmente servir a meu senhor.GLOSTER - Muito agradeço por ele a Vossa Graça.

CORNUALHA - Com certeza não sabeis a razão desta visita...

REGANE - . . .assim fora de tempo, abrindo nosso caminho pela noite de olhos negros. Motivos, nobre Gloster, de algum peso tornam vossos conselhos necessários. Nosso pai nos escreve, e nossa mana, sobrecertos dissídios, parecendo-me mais acertado responder a todos longe de nossa casa. Os mensageiros estão aqui à espera da resposta. Velho e bondoso amigo, deixai calmo, de todo, o coração, e em nosso auxílio vinde com bons conselhos sobre assunto que exige muita urgência.

GLOSTER - Ao vosso inteiro dispor, senhor, me encontro. Vossas Graças são bem-vindas aqui.

(*Saem.*)

## Cena II

*Diante do castelo de Gloster. Entram Kent e Osvaldo, por lados diferentes.*

OSVALDO - Boa manhã para ti, amigo; és desta casa?KENT - Sou.

OSVALDO - Onde poderemos pôr os cavalos?KENT - No charco.

OSVALDO - Informa-me, por obséquio, se me tens amizade.KENT - Não te tenho amizade nenhuma.

OSVALDO - Nesse caso não me preocuparei contigo.

KENT - Se eu te pegasse no curral de Lipsbury, obrigar-te-ia a te preocupares comigo.OSVALDO - Por que me tratas desse modo? Não te conheço.

KENT - Mas eu te conheço, traste. OSVALDO - Por quem me tomas tu?

KENT - Por um biltre, um canalha, devorador de restos; um biltre ignóbil, atrevido, oco, indigente, de três librés, massabruta, imundo, de meias estragadas; um biltre com fígado de lírio, um chicanista; nascido na sarjeta, namorado do espelho, espinha mole, petimetre; um lacaio que só herdou uma roupa,um tipo que servirá de alcoviteiro, à guisa de bons serviços, mas que não passa de um misto de velhaco,mendigo, covarde, alcoviteiro e herdeiro de uma cadela bastarda; um tipo em que darei uma coça de arrancar rugidos, no caso de contestares a menor sílaba de todos estes teus títulos honoríficos.

OSVALDO - Ora, que sujeito monstruoso és tu, para deblaterares contra uma pessoa que nem te conhecem é conhecida por ti?

KENT - Que tipo de cara de bronze és tu, para dizeres que não me conheces, se há dois dias eu te dei um pontapé na frente do rei? Saca a tua espada, pulha; ser noite não importa, visto que há luar; vou fazer de ti uma sopa à luz da lua.

*(Sacando da espada.)*

Vamos, desembainha também a tua espada, maroto, coisa à toa, peralvilho! Vamos, desembainha! OSVALDO - Retira-te daqui! Não tenho nada que ver contigo.

KENT - Desembainha, maroto! Trouxestes cartas contra o rei e tomais o partido da boneca vaidosa, contra a realeza do pai dela. Saca a espada, biltre; se não retalho-te as canelas. Saca da espada, biltre! Toma posição!

OSVALDO - Socorro! Olá! Assassino! Socorro!

KENT - Ataca, escravo! Defende-te, patife! Defende-te! Vamos, ataca, lacaio!

*(Bate-lhe.)*

*(Entra Edmundo, de florete na mão.)*

EDMUNDO - Então, que aconteceu?

KENT - E convosco, se vos aprouver, meu rapazinho. Vinde, meu jovem mestre, que desejo dar-vos um alição.

*(Entram Cornualha, Regane, Gloster e criados.)*

GLOSTER - Espadas! Armas! Que se passa aqui?

CORNUALHA - Por vossa vida, paz! Morre quem prosseguir. Que é que se passa? REGANE - Os mensageiros são do rei e da mana.

CORNUALHA - Qual o motivo dessa briga? Vamos! OSVALDO - Quase não posso respirar, milorde.

KENT - Não admira, pois forçaste demais a valentia. Pulha covarde! A natureza te renega; foste feito por algum alfaiate.

CORNUALHA - Es um tipo curioso; um alfaiate fazer um homem?

KENT - Sim, um alfaiate, senhor; um escultor ou um pintor não o teriam feito tão mal, ainda que só trabalhassem duas horas.

CORNUALHA - Falai vós agora: que foi que originou essa briga?

OSVALDO - Este velho desordeiro, senhor, cuja vida eu poupei só por causa daquelas barbas brancas...

KENT - Z amaldiçoado! Letra inútil! Milorde, se o permitirdes, amassarei num pilão esse vilão grosseiro, para enlambuzar com ele as paredes da latrina. Então poupastes-me as barbas brancas, meu ranheta?

CORNUALHA - Silêncio, biltre! Grosseirão, desconheces o respeito? KENT - Conheço, sim senhor; mas é que a cólera também tem privilégios. CORNUALHA - Por que causa ficastes tão colérico?

KENT - Por ver de espada um pulha destituído de honestidade. Os biltres sorridentes como este aqui, tal qual os ratos, roem os laços sacrossantos que, por fortes, não podem desmanchar; adulam todas as paixões que refervam no imo peito de seus amos; no fogo põem mais óleo; mais neve, nos humores, de sífrios; afirmam, negam, viram seus pescoços de alcião, de acordo com as menores brisas e variações dos amos, ignorando, como os cães, tudo o mais, senão seguir. A peste nessa cara de epilético! Do meu discurso ris como de um tolo? Ganso, se eu te apanhasse na planície de Sarnum, tocar-te-ia a Camelot, fazendo-te grasnar.

CORNUALHA - Que é isso, velho? Ficastes louco? GLOSTER - Qual a razão disso? Vamos, falai.

KENT - Não pode haver contrários que revelem maior antipatia do que eu e esse patife. CORNUALHA - Por que causa o chamas de patife? Que te fez?

KENT - Não vou com a cara dele.

CORNUALHA - Nem com a minha não é assim? E a deste aqui, e a dela?... KENT - Senhor, tenho por hábito ser franco: em minha vida toda já vi rostos mais agradáveis do que quantos posso discernir sobre os ombros dos presentes.

CORNUALHA - E algum sujeito que por já ter sido louvado de franqueza, usa linguagem rude e insolente, contra as próprias vestes de sua natureza. É-lhe impossível adular. Não! Caráter reto e honesto. Só diz o que é a verdade; os mais que a aceitem, se puderem; se não, falou sincero. Conheço muito bem esses bargantes, cuja franqueza abriga mais enganos e corruptos intentos do que vinte desses coitados cheios de zumbaias que cumprem belamente seus deveres.

KENT - Por minha alma, senhor, pela verdade, com a permissão de vosso augusto aspecto, cujo poder é como a auréola rútila da cabeça de Febo coruscante...

CORNUALHA - Que pretendeis com isso?

KENT - Deixando de lado meu estilo, que tanto desaprovais, senhor, sei perfeitamente que não sou bajulador. Quem vos enganou com fraseado polido não passava de um velhaco, o que, de minha parte, não pretendo ser, ainda que disso me adviesse conquistar o vosso desagrado.

CORNUALHA - Que ofensa lhe fizestes?

OSVALDO - Eu? Nenhuma. Por um mal-entendido, não faz muito, aprouve ao rei, seu mestre, castigar-me. Para adular-lhe a cólera, atirou-se-me este aqui por detrás e derrubou-me, sobre insultar-me, por me ver caído, remoques atirando-me e estadeando tanta virilidade, como se algo, de fato, fosse, e encômios ganhou logo do rei, porque atacara quem já estava vencido por si mesmo. E ora, animado pelo êxito de tão grandioso feito, me atacou novamente. KENT - Todos esses covardes e mandriões fazem de bobo ao próprio Ajaz.

CORNUALHA - Tragam-me logo o cepo! Maroto pertinaz, encanecido fanfarrão, haveremos de ensinar-vos...

KENT - Senhor, para aprender sou muito velho. Para mim não mandeis trazer o cepo. Pertença ao rei, e foi por seu mandado que vos vim procurar. Revelaríeis pouco respeito e excesso de arrogância contra a pessoa e a graça de meu amo, pondo no cepo o mensageiro dele.

CORNUALHA - Trazei-me o cepo! Por minha alma e honra, há de ficar aí até ao meio-dia. REGANE - Meio-dia? Até à noite, meu senhor; a noite toda, aliás.

KENT - Como, senhora! Se eu fosse o cão de vosso pai, decerto não me daríeis esse tratamento. REGANE - Mas dou-vo-lo, por serdes seu criado

. CORNUALHA - Este tipo é da cor dos que nos fala nossa irmã. Vamos; tragam logo o cepo!

*(O cepo é trazido.)*

GLOSTER - Deixai-me suplicar a Vossa Graça que não façais tal coisa. Sua falta foi grande; mas o rei, seu bondoso amo, saberá castigá-lo. A pena baixa que ora lhe destinais só é aplicável aos mais vis transgressores, por delitos ordinários ou crimes de pilhagem. O rei há de achar mal ver-se tratado com tão pouco respeito no emissário que aqui vai ficar preso.

CORNUALHA - Isso é comigo; responderei por tudo.

REGANE - Pior ainda há de achar minha irmã que houvesse sido agredido e insultado o gentil-homem da parte dela. - Assim; predeí-lhe os pés. Caro senhor, partamos.

*(Kent é posto no cepo.)*

*(Saem todos, com exceção de Gloster e Kent.)*

GLOSTER - Amigo, dá-me pena; mas o duque foi que o determinou, sabendo todos que seu temperamento não suporta ser friccionado em nada ou posto em xeque. Hei de pedir por ti.

KENT - Não, por obséquio, senhor; não dormi nada e andei bastante. Parte do tempo dormirei; o resto passarei assobiando. Pode dar-se que pelos calcanhares cresça a sorte de um homem de valor. Dou-vos bom dia.

GLOSTER - Está errado o duque. Isto vai mal.

*(Sai.)*

KENT - Bom rei, confirmas o brocardo antigo: deixas as bênçãos de um céu calmo e límpido pelo solescaldante. Vem para perto, luz do mundo baixo, porque eu consiga ler esta missiva sob os teus raios brandos. Quase nunca vemos milagres, se não for apenas quando infelizes. Veio-me esta carta, sei-o bem, de Cordélia, que, por sorte, ficou sabendo de meu curso obscuro e há de achar ocasião, nesta nossa época desordenada, para dar remédio ao que estiver doente. Tão cansados por contínuas vigílias, alegrai-vos, olhos pesados, por não conseguirdes ver bem neste aposento vergonhoso. Fortuna, passa bem; sorri de novo e faz andar mais uma vez a roda.

*(Adormece.)*

### Cena III

*Uma parte da charneca. Entra Edgar.*

EDGAR - Eu próprio ouvi o pregão em que diziam que me acho foragido, tendo à caça conseguido escapar no oco de uma árvore. Não há porto algum livre, nenhum ponto em que não haja guarda e rigorosa vigilância, no intuito de apanhar-me. Salvo estarei enquanto fugir deles, pretendendo assumir a mais abjeta, mais humilde aparência com que nunca, no seu desprezo aos homens, a miséria dos animais se houvesse aproximado. Lama no rosto hei de passar, nos lombos porei qualquer cobertura, desmanchadostrarei sempre os cabelos, e, com minha nudez patente, hei de enfrentar a fúria dos ventos e do céu. Tenho modelos e precedentes aqui mesmo, nesses mendigos tresloucados que, com urros, nos braços nus e entorpecidos cravam alfinetes, espinhos, pregos, ramos de rosmaninho e, assim, de aspecto horrível, nas cabanas, nas vilas miseráveis, nos apriscos de ovelhas, nos moinhos, com imprecações de loucos ou com rezas a caridade forçam. Pobre Tom! Pobre Turlu! Já sou alguma coisa; mas, como Edgar, serei coisa nenhuma.

*(Sai.)*

### Cena IV

*Diante do castelo de Gloster. Kent no cepo. Entram Lear, o bobo e um gentil-homem.* LEAR - É estranho que de casa se partissem sem me terem reenviado o mensageiro. GENTIL-HOMEM - Pelo que saber pude, até esta noite tenção não tinham de sair de casa. KENT - Salve, meu nobre mestre!

LEAR - Como! Fazes da vergonha recreio? KENT - Não, milorde.

BOBO - Ah! ah! Usa ligas muito duras. Os cavalos são amarrados pela cabeça; cachorros e ursos, pelopescoço; os macacos, pela cintura, e os homens pelas pernas. Quando alguém tem as pernas muito desenvoltas, calça meias de pau.

LEAR - Quem errou a tal ponto com teu posto, para te pôr aí? KENT - Foi ele e ela; o filho e a filha vossa.

LEAR - Não!

KENT - É certo.

LEAR - Não, repito.

KENT - O contrário eu também digo. LEAR - Não fariam tal coisa.

KENT - Pois fizeram.

LEAR - Juro por Júpiter que não. KENT - Por Juno, torno a jurar que sim.

LEAR - Não o ousariam, não poderiam tê-lo feito. For a pior do que um assassínio tal ultraje ao respeito infligir. Com a mais decente pressa agora me conta de que modo pudeste merecer, ou antes, eles infligir-te essa pena, se aqui vieste de nossa parte como mensageiro.

KENT - No instante em que, senhor, na casa deles a missiva entreguei de Vossa Alteza, sem que tivesse tido tempo ainda de alçar-me do lugar em que se achava meu dever ajoelhado, fumegante chegou um correio, em água todo esfeito de tanta pressa, o fôlego cortado, a arquejar cumprimentos de sua ama, Goneril. Entregou-lhes uma carta - sem se importar com meu recado em curso - que lida fui de pronto, e a cujo assunto os homens logo reúnem, vão diretos para os cavalos, dizem-me que os siga e o vagar da resposta aqui esperasse, dirigindo-me sempre olhares frios. Tendo o outro mensageiro aqui encontrado, cuja chegada, vira-o bem, a minha havia envenenado - e que era o mesmo velhaco que se comportara contra Vossa Alteza com tanto atrevimento - mostrando-me mais homem do que sábio, saquei da espada, enquanto ele alarmava toda a casa com berros de covarde. Acharam, vosso filho e vossa filha, essa infração bastante grave, para o opróbrio merecer por que ora passo.

BOBO - O inverno ainda não passou, no caso de voarem nesta direção os patos selvagens. Quando os pais só vestem trapos, os filhos nem querem vê-los; quando são ricos e guapos, são para eles só desvelos. A Fortuna marafona sempre os pobres abandonam. Mas apesar de tudo, tuas filhas te proporcionarão mais dólares do que possas contar em um ano.

LEAR - Oh! Como ao peito esta paixão me sobe! Desce, “histerica passio”, dor que sobe! E em baixo te lugar. E onde está a filha?

KENT - Senhor, com o conde, aí dentro. LEAR - Não me sigas; espera aqui.

*(Sai.)*

GENTIL-HOMEM - Nenhuma ofensa, acaso, fizestes, a não ser a que contastes? KENT - Nenhuma. Mas por que traz o rei tão pouca gente?

BOBO - Se tivesses sido posto no tronco por essa pergunta, fora bem merecido. KENT - Por quê, bobo?

BOBO - Vamos pôr-te a aprender com uma formiga, que te ensinará que no inverno não há trabalho. Todas as pessoas que seguem o nariz são levadas pelos olhos, com exceção dos cegos, não havendo um só nariz, entre vinte, que não perceba quem está fedendo. Solta a roda grande, quando ela começar a rolar colina abaixo, se não quiseres quebrar o pescoço; mas quando a roda grande subir a colina, bem: que te arraste atrás dela. Quando um sábio te der melhor conselho, dá-lhe o meu de retorno. Quisera que só fosse seguido pelos velhos, por ser conselho de bobo. Quem a outrem serve e lucro tem em mira, e tudo o mais desleixa, se chove, apronta a trouxa e se retira, e no pegão o deixa. Mas eu não fugirei; o bobo fica; seja o sábio fujão. Bobo se torna um biltre, quando estica; mas biltre o bobo, não.

KENT - Onde aprendeste isso, bobo? BOBO - Não foi no cepo, bobo.

*(Volta Lear, com Gloster.)*

LEAR - Recusam-se a falar-me? Estão doentes? Fatigados? Viajaram toda a noite? Meras tretas; imagens, tão-somente, de revolta e abandono. Arranja-me outra resposta mais razoável.

GLOSTER - Meu querido senhor, conheceis bem a natureza colérica do duque e como sempre persistente se mostra e irredutível em quanto determina.

LEAR - Vingança! Peste! Morte! Confusão! Colérica? Que natureza? Ó Gloster, escuta: falar quero, neste instante, com o Duque de Cornualha e sua esposa.

GLOSTER - Pois não, senhor; já lhes mandei recado. LEAR - “Já lhes mandei recado!” Entendes-me, homem?

GLOSTER - Entendo, bom senhor.

LEAR - O rei deseja conversar com Cornualha, o pai querido deseja conversar com a própria filha; querser obedecido. Já lhes deram semelhante “recado”? Sangue e vida! Colérico! O duque é mui colérico!

Dizei ao duque ardente... Não; é cedo. Pode ser que se encontre doente mesmo. A descuidar nos levam sempre as doenças dos deveres que impõe, sempre, a saúde. Já não somos nós mesmos, quando, opressa, ordena a natureza ao próprio espírito que padeça com o corpo. Esperar devo; combater quero este pendor violento que me leva a tomar o acesso mórbido pelo homem são. Que morra o meu prestígio!

*(Olhando para Kent.)*

Por que razão ele se encontra ali? Esse ato me persuade de que a ausência do duque e da duquesa é fingimento. Ponham logo meu criado em liberdade! Ide dizer ao duque e sua esposa que desejo falar-lhes neste instante; agora mesmo! Saiam para ouvir-me; se não, em frente aos aposentos deles irei tocar tambor de dar a morte ao sono com o barulho.

GLOSTER - Quem me dera que entre vós tudo viesse a concertar-se!

*(Sai.)*

LEAR - Ai de mim! Sinto o coração subir. Para baixo, de novo!

BOBO - Grita com ele, tio, como fazia a cozinheira com as enguias, ao pô-las vivas na frigideira.

Batia-lhes na cabeça com uma vara e gritava-lhes: “Para baixo, mal-educadas! Para baixo!” No entanto, tinha um irmão que, por pura bondade, passava manteiga no feno do cavalo.

*(Entram Cornualha, Regane, Gloster e criados.)*

LEAR - Bom dia aos dois. CORNUALHA - E salve Vossa Graça.

*(Kent é posto em liberdade.)*

REGANE - Fico alegre por ver Vossa Grandeza.

LEAR - Sim, Regane, sei disso; como as causas também de pensar dessa maneira. Se o não ficasses, eume divorciara da tumba de tua mãe como da de uma mulher adúltera. *(A Kent.)* Então, liberto? Depois falamos nisso. Minha cara Regane, ah! tua irmã não vale nada. Ó Regane! a maldade corroedora ela amarrou aqui, como um abutre.

*(Indica o coração.)*

Mal te posso falar. Não poderias conceber a maneira desumana... Ah, Regane!

REGANE - Por obséquio, senhor, tende paciência. Penso que estais tão longe de apreciar-lhe todo omérito, como de esquecer-se ela de seus deveres.

LEAR - De que modo?

REGANE - Não posso crer que minha irmã se tenha descuidado no mínimo de suas obrigações. Se acaso, meu senhor, procurou restringir a turbulência de vossos seguidores, deu-se tudo com bases tais e tão recomendáveis intenções, que de toda pecha a expungem.

LEAR - Lanço-lhe a maldição!

REGANE - O senhor, já estais velho! A natureza chegou em vós ao seu confim postremo. Devereis ser guiado e governado por alguém que, melhor do que vós mesmo, vossas necessidades compreendesse. Assim, vos peço, retornai para ela, senhor, e confessai que injusto fostes.

LEAR - Eu, pedir-lhe perdão? Vede como isso vai bem com nossa casa: Amada filha, confesso que souvelho, sendo certo que a velhice é trambolho. Assim, de joelhos,

*(Ajoelha-se.)*

peço-vos conceder-me cama, roupa e um pouco de alimento.

REGANE - Meu bondoso senhor, não prossigais. São descabidas essas momices. Retornai para ela.

LEAR *(levantando-se)* - Jamais, Regane; ela cortou-me o séquito de metade dos homens, dirigiu-me olhares carrancudos, alcançando-me o coração com a língua viperina. Que em sua fronte ingrata caiam todas as vinganças que o céu guardado tenha. Insuflai-lhe nos ossos jovens, ares pestilenciais, humores deformantes!

CORNUALHA - Ora, senhor, que coisa!

LEAR - Lançai-lhe, raios ágeis, vossas flamas ofuscantes nos olhos desdenhosos! Infectai-lhe a beleza, brumas densas aspiradas dos charcos e engendradas pelo potente sol, para que venha a abater-se-lhe o orgulho e encarquilhar-se. REGANE - Oh deuses abençoados! Iguais votos me fareis, quando vosso humor violento tomar conta de vós.

LEAR - Jamais, Regane; jamais terá a minha maldição. Teu ser mui delicado não te leva a nenhuma aspereza. Os olhos dela são ferozes; os teus, porém, confortam, não causam queimaduras. Não se casa com tua natureza

rogar praga contra minhas vontades, reduzir-me o séquito, lançar-me termos ásperos, limitar-me a pensão e, finalmente, ferrolhos antepor à minha entrada. Não; mais do que ela sabes os deveres da natureza, obrigações dos filhos, o que a delicadeza impõe a todos e à gratidão devemos.

Esquecida não estás da metade do meu reino, que te entreguei por dote.

REGANE - Retornemos ao assunto, senhor.

LEAR - Quem pôs meu homem no cepo?

*(Ouve-se toque de trombeta.)*

CORNUALHA - Que trombeta será essa?

REGANE - Conheço o toque; é minha irmã. Sua carta fica assim confirmada com a notícia de que viria aqui.

Chegou a senhora?

*(Entra Osvaldo.)*

LEAR - Eis um escravo, cujo orgulho fácil e barato repousa nos favores instáveis da senhora a que eleserve.

Fora da minha vista, sacripanta!

CORNUALHA - Que quer dizer com isso Vossa Graça?

LEAR - Quem ao cepo prendeu este meu criado? Regane, espero que não saibas disto. Mas quem vem lá?

*(Entra Goneril.)*

Ó céus, se amais os velhos, se com a obediência vosso cetro brando se compadece, se também sois velho, tomai o meu partido e vinde pôr-vos ao meu lado.

*(A Goneril.)* Não tens vergonha, acaso, de olhar para estas barbas? Ó Regane! tomá-la pelas mãos?

GONERIL - Por que não há de fazê-lo, meu senhor? Qual foi meu erro? Nem tudo é ofensa que a tolice julga e a loucura nomeia.

LEAR - Ó flancos! duros sois por demais! Resistireis ainda? Por que no cepo foi parar meu homem?

CORNUALHA - Fui eu que o pus aí, senhor; mas suas desordens não faziam jus a tanta promoção.

LEAR - Como assim! Fostes vós mesmo?

REGANE - Por obséquio, meu pai; já que sois fraco, comportai-vos de acordo. Se até ao prazo final devosso mês vos conformardes em voltar para a mana, e lá ficardes, despedindo metade desse séquito, vinde, então, para mim. Agora me acho fora de casa, sem dispor dos meios necessários a vosso tratamento.

LEAR - Procurá-la de novo? Cinquenta homens despedidos? Jamais! Preferiria abjurar todo abrigo e expor-me à própria inimizade do ar, em companheiro transformar-me do lobo e da coruja, sob a dura pressão da adversidade. Voltar para ela? Esse ardoroso França, que recebeu sem dote minha filha mais nova, para mim fora mais fácil diante do trono dele ir ajoelhar-me e, tal qual escudeiro, mendigar-lhe pensão mesquinha que esta vida abjeta permita sustentar. Voltar para ela! Antes tornar-me escravo ou serazê-mola deste palafreireiro detestável.

*(Mostrando Osvaldo.)*

GONERIL - Senhor, à vossa escolha.

LEAR - Filha, peço-te que não me deixes louco. Não desejo, menina, incomodar-te por mais tempo. Adeus. Não nos veremos nunca mais; nunca mais voltaremos a encontrar-nos. Mas és meu sangue, minhacarne: filha. Ou melhor: uma doença em minha carne, a que forçado sou a chamar minha; és um inchaço, uma úlcera pestosa, um carbúnculo podre e tumefeito no meu sangue corrupto. Contudo, não quero repreender-te. Que a vergonha venha quando quiser; não vou chamá-la. Não pedirei ao portador de raios que troveje, nem nada a teu respeito direi de mal a Jove, o juiz supremo. Se puderes, emenda-te; melhora quando quiseres. Posso ser paciente. Posso ficar em casa de Regane com meus cem cavaleiros.

REGANE - Mais cuidado! Não contava convosco, nem me encontro preparada para vos dar condigno acolhimento. Ouvi, senhor, a mana. Quem põe razão nesses acessos vossos facilmente conclui que já estais velho. Logo... Ela sabe o que convém ao caso.

LEAR - Isso foi bem falado?

REGANE - Quero crê-lo, senhor. Como! Cinquenta seguidores? Não vos bastam? Quereis mais gente ainda? Precisareis de tantos? Sim, que os próprios perigos e as despesas esse número desaconselham. Como poderia haver paz numa casa entre tão grande número de homens sob comando duplo? É difícil senão quase impossível.

GONERIL - Por que não poderíeis ser servido pela gente da mana ou pela minha?

REGANE - Por que não, meu senhor? Se qualquer deles de vós se descuidasse, fora fácil repreendê-los por isso. Se quiserdes, assim, morar comigo - e agora vejo que tal coisa é arriscada - pediria que trouxésseis apenas vinte e cinco. Para mais não terei lugar nem mesmo disposição.

LEAR - Fui eu que vos dei tudo... REGANE - E em tempo certo o destes.

LEAR - Instituí-vos minhas depositárias e tutoras, reservando-me apenas uma escolta desse número. Como! Deveria procurar-vos, então, com vinte e cinco? Regane, assim falastes?

REGANE - E repito-o; nem mais um, meu senhor.

LEAR - Certas criaturas boa aparência apresentam conseguem, quando outras em maldade as sobrepujam. Não sendo as piores, cabem-lhe elogios. Contigo ficarei; os teus cinquenta o dobro são dos vinte e cinco dela, e o seu amor tu vales duas vezes.

GONERIL - Senhor, ouvi-me. Que necessidade tendes de vinte e cinco, dez, ou cinco pessoas para vosservir, em casa que dispõe até mais do dobro disso para tratar de vós?

REGANE - E por que de uma?

LEAR - Oh! não faleis sobre a necessidade. Nossos mendigos mais necessitados muita coisa supérflua ainda possuem. À natureza concedei apenas o que ela própria exige, e a vida humana tão barata será como a das feras. És uma dama. Se já fosse luxo andarmos aquecidos, não teria necessidade alguma a natureza dessas vestes luxuosas que em matéria de aquecimento em nada te protegem. Mas a necessidade verdadeira... Ó céus, dai-me paciência! É de paciência que necessito agora. Ó deuses! vedes aqui um pobre velho, tão pesado de anos que de cuidados, duplamente desgraçado! Se acaso levantastes o coração das filhas contra os pais, não me deixeis tão parvo que suporte tudo isso humildemente; nobre cólera fazei que em mim desperte, sem deixardes que as armas da mulher, as gotas de água, as faces varonis manchar me venham. Não, bruxas desumanas! Tal vingança hei de tomar de vós, que o mundo inteiro... Farei tais coisas - quais, ainda o ignoro - que hão de ser o terror de toda a terra. Pensais talvez que vou derramar lágrimas? Não, não hei de chorar. Tenho causas sobejas para tanto; mas antes de fazê-lo, há de partir-se-me o coração em vinte mil pedaços. Bobo, vou ficar louco!

*(Saem Lear, Gloster, Kent e o bobo.)*

CORNUALHA - Recolhamo-nos; vai haver tempestade.

*(Ouve-se a tempestade a distância.)*

REGANE - É mui pequena a casa para comportar o velho e mais seus seguidores.

GONERIL - É só dele toda a culpa. Privou-se do conforto, tendo, assim, de provar da própria insânia. REGANE - De grado o acolheria; mas só ele, sem nenhum de seus homens.

GONERIL - É o que eu penso, também. Mas onde está milorde Gloster?

CORNUALHA - Acompanhouo velho. Ei-lo de volta.

*(Volta Gloster.)*

GLOSTER - Está furioso o rei.

CORNUALHA - Para onde foi?

GLOSTER - Pede cavalos; mas não sei para onde tenciona dirigir-se.

CORNUALHA - Pois deixemo-lo; saberá conduzir-se.

GONERIL - Não insteis, senhor, de jeito algum para que fique.

GLOSTER - Oh céus! A noite vem baixando, e os ventos penetrantes já sopram com veemência. Emmuitas milhas em redor não se acha facilmente um arbusto.

REGANE - Ora, senhor! os teimosos aprendem com os incômodos que a si mesmos procuram. Fechailogo vossas portas; os homens que o acompanham são capazes de tudo. O que eles podem induzi-lo a fazer - sendo de ouvidos tão fáceis de enganar - manda a prudência que com razão temamos.

CORNUALHA - Fechai logo vossas portas, senhor. Minha Regane vos dá um bom conselho. A noite é horrível; saí da tempestade. Recolhamo-nos.

*(Saem.)*

### ATO III

#### Cena I

*Uma charneca. Tempestade, com trovões e relâmpagos. Entram Kent e um gentil-homem, que se encontram.*

KENT - Além do tempo mau, quem está aí?

GENTIL-HOMEM - Alguém inquieto como o próprio tempo.

KENT - Conheço-vos. É o rei, que faz agora?

GENTIL-HOMEM - Luta com os elementos agitados; manda ao vento que ao mar atire a terra, ou eleveas ondas crespas muito acima dos continentes, para que se mudem todas as coisas, ou de vez acabem; puxa os cabelos brancos que as rajadas impetuosas em seu furor apanham com cega raiva, reduzindo a nada; em seu mundo pequeno de homem, luta por zombar do conflito sempre móvel dos ventos e da chuva. Nesta noite, em que, depois de amamentar os filhos, a urso não se levanta, e o leão e o lobo famintos sem molhar a pele ficam, cabeça descoberta ele se agita, à destruição total jogando tudo.

KENT - E quem está com ele?

GENTIL-HOMEM - O bobo, apenas, que tenta dissipar-lhe com gracejos a dor do coração tão trabalhado.

KENT - Conheço-vos, senhor; por isso atrevo-me, sob o penhor de tal conhecimento a vos contar um caso muito grave. Há discórdia, conquanto ainda encoberta se ache de parte a parte pela astúcia, entre Albânia e Cornualha. Eles possuem - o mesmo não se dá com todos quantos a grande estrela exalta e põe num trono? - criados, ao parecer, mas que, de fato, são espias de França e informadores, e que se encontram sempre a par de tudo que aqui se passa: as rixas e as conjuras dos dois duques e, após, o modo altivo que contra o velho rei têm revelado, ou algo porventura mais profundo de que seja tudo isso mero apêndice: o certo é que um exército da França penetrou neste reino dividido, o qual o pé firmou muito em segredo, valendo-se de nossa negligência, no nosso melhor porto, e ora se encontra no ponto de mostrar os estandartes. Ora é convosco: se puderdes algo construir sobre as minhas referências a ponto de ir a Dover sem demora, encontrareis decerto ali quem há de saber agradecer-vos, quando justo relato lhe fizerdes das tristezas desnaturais e em tudo abaladoras por que o rei tem passado. Por sangue e educação sou gentil-homem; é com conhecimento, pois, de causa, e confiança que disso vos incumbo.

GENTIL-HOMEM - Falaremos sobre isso mais de espaço.

KENT - De forma alguma. Para convencer-vos de que eu sou muito mais do que pareço, ficai com o conteúdo desta bolsa. Se avistardes Cordélia - o que há de dar-se, ficai bem certo disso - apresentai-lhe este anel, que ela, então, vos dirá logo quem é o camarada que nesta hora ainda não conheceis. Mas que tormenta! Vou procurar o rei.

GENTIL-HOMEM - Dai-me a mão. Nada mais quereis dizer-me?

KENT - Pouco; porém, de fato, mais que tudo: Quando acharmos o rei - deveis, por isso, seguir por estelado; eu, por aquele - quem primeiro o encontrar grita para o outro.

*(Saem por lados diferentes.)*

## Cena II

*Outra parte da charneca. A tempestade continua. Entram Lear e o bobo.*

LEAR - Ventos, soprai de arrebenar as próprias bochechas! Enraivai! Soprai com força! Trombas e cataratas, derramai-vos até terdes coberto os campanários e afogado seus galos! Sulfurosos raios, velozes como o pensamento, vanguarda dos coriscos que os carvalhos abrem de meio a meio, chamuscai-me a cabeleira branca! E tu, trovão de tudo abalador, achata a espessa redondeza do mundo, quebra os moldes da natureza e de uma vez desfaz todos os germes geradores do homem sem gratidão.

BOBO - Ó tio, mais vale água benta no pátio de uma casa seca, do que toda esta água de chuva ao ar livre. Vai para dentro, bom tio, e pede a bênção de tuas filhas. Uma noite como esta não se apiada nem de sábios nem de bobos.

LEAR - Deixa o vento roncar! Escarra, fogo! Jorra, chuva! Os trovões, o vento, o fogo, minhas filhas não são. Não vos acuso de ingratos, elementos. Nunca um reino vos dei, nem vos chamei sequer de filhos.

Não me deveis nenhuma obediência. Que caia, pois, vosso prazer horrível. Aqui me encontro, vosso escravo, um velho pobre, fraco, sem forças, desprezado. No entretanto, declaro-vos ministros servís, pois com duas filhas perniciosas, travais vossas batalhas de alta origem contra uma frente tão encanecida e tão velha como esta. Oh! Que vergonha! BOBO - Quem tem uma casa onde enfiar a cabeça, dispõe de um bom chapéu. Quando a braguilha quer casa, sem que o dono tenha abrigo dos piolhos é a grande vasa, que isso é vida de mendigo. Quem põe o dedão do pé onde tem o coração, vive a gemer - a-la-fé! - por calos que insônia dão, pois nunca ouviu mulher bonita que não fizesse caretas ao espelho.

*(Entra Kent.)*

LEAR - Quero ser um modelo de paciência; não direi nada.

KENT - Quem está aí?

BOBO - Ora, uma majestade e uma braguilha, isto é, um sábio e um bobo.

KENT - Oh senhor! Vós aqui? Nenhuma coisa que da noite se agrada, se acomoda a uma noite como esta. Os céus furiosos metem medo até mesmo nos rondantes da escuridão, retendo-os em seus antros. Desde que me fiz homem não me lembro de ter presenciado tantas faixas de fogo, tanto estouro de terríficos trovões, tantos lamentos e bramidos dos ventos e da chuva. A natureza do homem não pode suportar o medo e a aflição que vêm disso.

LEAR - Grandes deuses, que tanto estrondo sobre nós retendes, agora procurai vossos inimigos! Treme, malvado, em quem se ocultam crimes pela justiça ainda não punidos! Mão sanguinária, oculta-te!



Perjuro, tu também; como tu, falso virtuoso, que praticas o incesto! Em estilhaços arrebenta, bargante, que atentaste contra a vida de alguém sob aparência tranquila e sedutora! Atrocidades no fundo ocultas, estourai as capas que vos escondem e implorai as graças desses admoestadores pavorosos! Quanto a mim, sou mais vítima de culpa, do que mesmo culpado.

KENT - Oh! que tristeza! Cabeça descoberta! Meu gracioso soberano, aqui perto há uma cabana, que oferecer-vos pode algum abrigo contra o mau tempo. Recolhei-vos a ela, enquanto eu volto àquela casa dura - mais dura do que as pedras de que é feita, e que, há momentos, quando eu pretendia saber notícias vossas, me negou até mesmo a entrada - para que lhes force a avara cortesia.

LEAR - Sinto o espírito girar em torno. Vamos, meu pequeno! Como te sentes, caro? Muito frio? Eu também. Companheiro, onde é que há palha? É por demais estranha a arte dos pobres que faz preciosas e mais baixas coisas. Vossa cabana... Seja! Pobre bobo, tenho no coração um lugarzinho que se apiada de ti.

BOBO - Se não perdeste de todo a mente, com hei com hô, com tamanha chuva, com a própria sorte fica contente, embora chova todos os dias.

LEAR - É certo, meu pequeno; vamos, leva-nos para essa tal cabana.

*(Saem Lear e Kent.)*

BOBO - Eis uma bela noite para deixar fria uma cortesã. Mas antes de sair quero fazer uma profecia: Quando por obras converter a Igreja e água puser o dono na cerveja; quando o nobre for mestre do alfaiate, e a fogueira não mais o herege mate, mas apenas o amante apaixonado; quando só houver processo bem julgado, dívidas não tiver o cavaleiro e a calúnia poupar o mundo inteiro; quando evitar o experto a turbamulta e a arca do avaro não ficar oculta; quando as alcoviteiras eloquentes construírem templos caros e imponentes: cairá em confusão este reino de Albião. Então verá quem vivo ainda estiver que com os pés andam o homem e a mulher. Esta profecia será feita por Merlinho, porque eu vivo antes do tempo dele.

*(Sai.)*

#### Cena III

*Um quarto no castelo de Gloster. Entram Gloster e Edmundo.*

GLOSTER - Ah, Edmundo, Edmundo! Não me agrada esse procedimento desnaturado. Quando lhes pedi permissão para apiedar-me dele, privaram-me do uso de minha própria casa, proibindo-me, sob pena de seu perpétuo descontentamento, de falar a respeito dele, de interceder a seu favor ou de ir-lhe em auxílio de qualquer maneira.

EDMUNDO - Por demais selvagem e contrário à natureza.

GLOSTER - Acomoda-te; não digas nada. Há divisão entre os duques, e pior do que isso. Esta noite recebi uma carta. É perigoso falar nisso. Tranquei-a no meu gabinete. Os sofrimentos por que o rei agora está passando, serão oportunamente vingados. Parte do exército já desembarcou; teremos de ficar do lado do rei. Vou procurá-lo secretamente e ajudá-lo. Ide conversar com o duque, para que não seja percebida minha caridade. Se ele perguntar por mim, estou doente e de cama. Ainda que eu venha a perder a vida - que é o menos com que estou ameaçado - é preciso que o rei, meu velho amo, seja socorrido. Há alguma coisa muito estranha em perspectiva, Edmundo. Aconselho-vos cautela.

*(Sai.)*

EDMUNDO - A caridade que te foi proibida será comunicada logo ao duque, como a carta também, o que parece serviço meritório que me rende quanto meu pai perder, a saber: tudo. Exulta o moço, o velhota mudo.

*(Sai.)*

#### Cena IV

*A charneca. Diante de uma choupana. Entram Lear, Kent e o bobo.*

KENT - É aqui, senhor. Meu bom senhor, entrai. É por demais severa a tirania da noite descoberta, para as forças de nossa natureza.

*(A tempestade continua.)*

LEAR - Não; afasta-te! Desejo ficar só. KENT - Entrai aqui, senhor.

LEAR - Quereis partir-me o coração?

KENT - Primeiro partiria o meu. Bondoso senhor, entrai.

LEAR - Estais fazendo grande cabedal desta chuva revoltada, que nos molha até os ossos. É que a sentes dessa maneira. Porém quando a doença maior penetra, as outras não se sentem. Se corres do urso, mas em tua fuga fores bater nas ondas rugidoras, voltarás frente para a goela dele. Livre o espírito, o corpo é delicado. A

tempestade que na mente eu trago nada me deixa perceber por meio dos sentidos, afora o queali bate: a ingratidão filial. Não fora o mesmo, se a boca decepar quisesse a mão que até ela se alça para alimentá-la? Mas saberei tomar cabal vingança. Cessarei de chorar. Fechar-me a porta numa noite como esta! Mais! Despeja, que hei de aguentar! E numa noite assim! Ah Goneril! Regane! Vosso velho pai, tãobondoso, que vos dera tudo com franco coração! Oh! A loucura vem desse lado. Vamos evitá-la. Sobre isso, basta.

KENT - Bem, milorde; entremos.

LEAR - Não; por favor, primeiro tu; procura tua comodidade. Este aguaceiro me impede de cuidar demuitas coisas que muito maior dor me causariam. Mas vou entrar. (*Ao bobo.*) Menino, vai na frente. Pobreza sem abrigo... Entra, entra logo. Rezo primeiro; dormirei depois.

(*O bobo entra na choupana.*)

Onde quer que estejais, pobres sem roupa, que os golpes suportais desta impiedosa tempestade, dizei-me:de que modo vossos flancos mirrados e as cabeças desprotegidas, vossos trapos ricos em furos e janelas hão de o corpo vos proteger numa estação como esta? Oh! muito pouco me ocupei com isso! Cura-te, fausto! Vai sentir o mesmo que os miseráveis sentem, porque possas sobre eles derramar o teu supérfluo e os céus mostrar mais justos.

EDGAR (*dentro*) - Pobre Tom! Braça e meia! Braça e meia!

(*O bobo sai a correr da choupana.*)

BOBO - Não entres aí, meu tio! Há um espírito lá dentro. Socorro! Socorro!

KENT - Dá-me a mão. Quem está lá?

BOBO - Um espírito! Um espírito! Ele disse que se chama o pobre Tom.

KENT - Quem és tu, que te pões a rosnar assim na palha? Vem para fora!

(*Entra Edgar, disfarçado de demente.*)

EDGAR - Afastai-vos, que o imigo me acompanha. Através do espinheiro sopra o vento; vê se teaqueces em teu leito frio.

LEAR - Deste às tuas duas filhas tudo o que tinhas, para ficares desse jeito?

EDGAR - Quem dá alguma coisa para o pobre Tom? O maligno o levou através do fogo, através da flama, através do vau e do redemoinho, através do lamaçal e do charco; pôs facas embaixo de seu travesseiro e corda em sua cama; armou ratoeira em sua sopa; deixou-o orgulhoso por poder montar numcavalo baio trotão, por cima das pontes de quatro polegadas, em perseguição da própria sombra, como um traidor. Que sejam abençoados os teus cinco espíritos. Tom está com frio. Oh! do dê, do dê, do dê!

Que o céu te ampare contra os furacões, estrelas funestas e malefícios. Fazei alguma caridade ao pobreTom, que o demônio impuro atormenta. Poderia pegá-lo agora, e aqui, e ali outra vez, e aqui...

LEAR - Como! Suas filhas o trouxeram a isso? Nada te reservaste? Deste tudo?

BOBO - Não! Ele reservou para si um cobertor; caso contrário, teríamos do que nos envergonharmos.

LEAR - Que caíam sobre tuas filhas todas as misérias que impendem do ar e ameaçam os pecados doshomens!

KENT - Senhor, ele não tem filhas.

LEAR - Morre, traidor! Pois nada poderia rebaixar de tal modo a natureza, senão filhas ingratas. Será moda que os pais, depois de despedidos, tenham tão pouca pena de sua própria carne? Castigo judicioso,que essa carne deu nascimento às filhas-pelicanas.

EDGAR - Pilicoc se achava empoleirado no monte Pilicoc! Alô! Alô! Oh oh!

BOBO - Esta noite gelada vai acabar fazendo de nós todos bobos ou loucos.

EDGAR - Acautela-te contra o maligno; obedece a teus pais; mantém tua palavra; não jures; não cometas adultério com a esposa legítima do teu próximo; não enfeites tua morada com atavios vãos. Tom está com frio.

LEAR - Que eras antes?

EDGAR - Um moço de servir, de coração e espírito altivos, que frisava os cabelos, trazia luvas no chapéu, satisfazia a luxúria da patroa, perpetrando com ela o ato das trevas; fazia tantos juramentos quantas palavras pronunciava, para violá-los ante a doce face do céu; um tipo que adormecia com planosde libertinagem e acordava para pô-los em prática. Amava de coração o vinho, os dados, com a máxima ternura; e com relação às mulheres, metia na massa o próprio turco; coração falso, ouvidos levianos, mãos sanguinárias. Porco, na preguiça; raposa, na astúcia; lobo, na voracidade; cão, na raiva; leão, na pilhagem. Não deixes que o ranger dos sapatos e o ruído das sedas entregues às mulheres teu pobre coração. Mantém os pés fora dos bordéis, as mãos fora do colete, as pernas longe do livro do onzeneiro edesafia o maligno. O vento frio ainda sopra através do espinheiro, gritando zum, mum, ha hô, no ni! ...

Delfim, meu filho, meu filho! Cessa! Deixa-o trotar!

(*A tempestade continua.*)

LEAR - Estarias melhor na sepultura do que enfrentando com o corpo descoberto estes extremos da estação. Não é o homem mais do que isto? Considerai-o bem. Ao verme não deves a seda, ao animal o abrigo, ao carneiro a lã e ao gato de algália o perfume. Ah! Dos presentes, três somos adulterados; tu és acoisa em si. O homem sem atavios não passa de um pobre animal, nu e fendido como tu. Fora, fora com todos estes empréstimos! Vamos! Desabotoai-me aqui.

*(Rasga as vestes.)*

BOBO - Tio, por obséquio, fica quieto; a noite está muito ruim para nadarmos. Neste momento, um pequeno fogo em campo grande faria o efeito do coração de um velho libertino: uma faisczinha de nada, e o resto do corpo, que nem gelo. Vê, aí vem vindo um fogo ambulante.

*(Entra Gloster com uma tocha.)*

EDGAR - É o demônio impuro Flibbertigibbet; chega com o toque de apagar fogo e ronda até ao primeiro canto do galo; produz belidas e catarata, olho vesgo e beijo-de-lebre; faz embolorar o trigobranco e atormenta a pobre criatura terrestre. Três vezes São Vital percorre os trilhos, e achando a mula-sem-cabeça e os filhos, mandou que ali parasse e preto lhe prestasse. Sai logo, bruxa! Deixa limpaa estrada!

KENT - Como passa Vossa Graça?

LEAR - Quem é?

KENT - Quem está aí? A quem procurais?

GLOSTER - Quem Sois? Como vos chamais?

EDGAR - O pobre Tom que se alimenta de rãs nadadoras, sapos, girinos, lagartixas e água; que na fúriade seu coração, quando o inimigo imundo esbraveja, devora estrume de vaca como se fosse salada; engole ratos velhos e cachorro pirento; bebe o manto verde do charco estagnado; que é chibatado de paróquia em paróquia, posto no cepo ou na prisão; que já teve três mudas para o dorso, seis camisas para o corpo, cavalo para montar e espada para carregar. Há sete anos que Tom só se conserva com ratazanas, ratos e caterva. Tomai cuidado com o meu perseguidor. Fica quieto, Smulkin! Fica quieto, demônio!

GLOSTER - Como! Não tem Vossa Graça melhor companhia?

EDGAR - O príncipe das trevas é um gentil-homem; chama-se Modo e Mahu.

GLOSTER - A tal ponto, senhor, degenerados temos o sangue e a carne, que a odiar chegam a quem vida lhes deu.

EDGAR - O pobre Tom está com frio.

GLOSTER - Senhor, vinde comigo. Não se dobra meu dever às sentenças implacáveis de vossas filhas. Muito embora tenham dado ordem para que eu fechasse a porta, a esta noite terrível entregando-vos, ousei vir procurar-vos, porque possa levar-vos onde há fogo e mesa pronta.

LEAR - Primeiro permiti que a este filósofo dirija umas perguntas. Qual é a causa do trovão?

KENT - Aceitai, senhor, o invite que ele vos faz; à casa recolhei-vos.

LEAR - Uma palavra a este tebano sábio: em que vos aplicais?

EDGAR - Em fugir do demônio e matar piolho.

LEAR - Desejo vos pedir algo em segredo.

KENT - Insisti outra vez, senhor, com ele, para abrigar-se. Já revela indícios de que não tem bastante firme o espírito.

*(A tempestade continua.)*

GLOSTER - Poderás censurá-lo? Suas filhas querem a morte dele. Ah! o bom Kent! Disse que tudo a darviria nisto. Pobre exilado! Asseveraste há pouco que o rei está ficando louco. Digo-te, que eu também estou quase nesse ponto. Tive um filho, que se acha desde pouco banido do meu sangue. Contra a minha vida tentou - agora mesmo, agora! - Amava-o como pai tão ternamente jamais ao filho amou. Para ser franco contigo, a dor me perturbou o espírito.

*(A tempestade continua.)*

Que noite! Peço, instante, a Vossa Graça...

LEAR - Peço perdão, senhor. Nobre filósofo, fazei-nos companhia.

EDGAR - Tom está com frio.

GLOSTER - Amigo, vem para a cabana; aquece-te.

LEAR - Entremos todos.

KENT - Por aqui, milorde.

LEAR - Junto com ele; quero ficar sempre perto do meu filósofo.

KENT - Fazei-lhe nisso a vontade, bom senhor, deixando-o levar esse homem.

GLOSTER - Bem; cuidai vós dele.

KENT - Vamos, amigo; vem também conosco.

LEAR - Vamos, bom ateniense.

GLOSTER - Quietos! Vamos!

EDGAR - O cavaleiro Rolão chegou perto do bastião dizendo fim, fu e fã! Sinto cheiro de bretão.

(*Saem.*)

#### Cena V

*Um quarto no castelo de Gloster. Entram Cornualha e Edmundo.*

CORNUALHA - Hei de vingar-me antes de deixar a casa dele.

EDMUNDO - As censuras, milorde, de que eu poderei ser alvo, por permitir que a natureza ceda a tal ponto à lealdade, deixam-me bastante apreensivo.

CORNUALHA - Percebo agora que não foram absolutamente as más inclinações de vosso irmão que o levaram a procurar a morte dele, senão o meritório impulso que se viu estimulado pela ruindade condenável dele próprio.

EDMUNDO - Como é pérfido o meu destino, que me leva a arrepender-me de ser justo! Aqui está a cartade que ele falou; traz a prova de que é partidário dos interesses da França. Oh céus! Quem me dera que não houvesse semelhante traição, ou que não fosse eu o delator!

CORNUALHA - Vem comigo procurar a duquesa.

EDMUNDO - Se for verdadeiro o conteúdo dessa folha, tendes em mãos um negócio muito sério.

CORNUALHA - Verdadeiro ou falso, ele te fez conde de Gloster. Descobre onde está teu pai, para queeu providencie logo sua prisão. EDMUNDO (*à parte*) - Se eu o encontrar confortando o rei, isso virá reforçar as suspeitas do duque. - Hei de manter-me na trilha da lealdade, por mais doloroso que seja o conflito entre ela e meu sangue.

CORNUALHA - Depositarei em ti minha confiança; em meu amor encontrarás um pai mais carinhoso.

(*Saem.*)

#### Cena VI

*Uma cabana próxima do castelo. Entram Gloster, Lear, Kent, o bobo e Edgar.*

GLOSTER - Aqui é melhor do que ao ar livre; aceitai de bom coração. Vou providenciar para o vosso conforto como me for possível; não me demorarei.

KENT - Toda a força de seu espírito cedeu diante da indignação. Que os deuses recompensem vossa bondade. (*Sai Gloster.*)

EDGAR - Frateretto me chama para dizer que Nero é um pescador no lago das trevas. Reza, inocente, etoma cuidado com o inimigo impuro.

BOBO - Tio, por obséquio, dize-me se um louco é gentil-homem ou fazendeiro.

LEAR - Um rei! Um rei!

BOBO - Não; foi o fazendeiro que teve um filho gentil-homem; porque é preciso ser fazendeiro louco, para deixar que o filho se torne gentil-homem antes dele.

LEAR - Oh! Se mil, a um só tempo, de espetos rubros, se atirassem sobre elas, assobiando...

EDGAR - O demônio impuro está me mordendo as costas.

BOBO - Louco é quem se fia na mansidão do lobo, na saúde do cavalo, no amor de um rapaz e no juramento de uma prostituta.

LEAR - Assim farei. Vou intimá-las já.

(*A Edgar.*)

Senta-te aqui, doutíssimo juiz. (*Ao bobo.*) E vós, aqui, sábio senhor. E agora passemos às raposas.

EDGAR - Vede! está ele com os olhos fixos! Precisas de olhos para o processo, madame? Vem para cá, Bessy; pula o regato.

BOBO - O barco dela é furado; por isso ela tem cuidado. Por que, então, não arrisca a vir por cima?

EDGAR - O demônio impuro persegue o pobre Tom sob a voz de um rouxinol; Hopdance grita na barriga de Tom por dois arenques brancos. Para de coaxar, anjo negro! Não tenho alimento para dar-te.

KENT - Como passais, senhor? Ficai mais calmo. Não quereis repousar no travesseiro?

LEAR - Primeiro quero ver o julgamento. Trazei as testemunhas. (*A Edgar.*) Juiz togado, senta-te logo. (*Ao bobo.*) E tu, seu companheiro de jugo na Justiça, ao lado dele. (*A Kent.*) Vós sois da comissão; sentai-vos aí!

EDDGAR - Procedamos com justiça. Dormes ou velas, belo pastorzinho? teu anho está no trigo. Mas aum grito de tua rósea boca, não correrá perigo. Prrr! O gato é cinzento.

LEAR - Citei esta em primeiro lugar; é Goneril. Presto juramento diante desta honrada assembléia em como ela deu um pontapé no pobre rei seu pai.

EDGAR - Vinde mais para a frente, moça! Vosso nome é Goneril?

LEAR - Não poderá negá-lo.

BOBO - Peço desculpas, mas tomei-vos por um tamborete.

LEAR - Aqui está a outra, cujo olhar de esguelha proclama o que no coração se abriga. Prendei-a logo! Armas! espada, fogo! A corrupção campeia! Juiz corrupto, por que deixaste que ela fosse embora?

EDGAR - Abençoados sejam teus cinco espíritos!

KENT - Oh! piedade, senhor! Onde pusestes a paciência de que faláveis tanto, jurando conservá-la? EDGAR (*à parte*) - Tanto as lágrimas ficam do lado dele, que me ameaçam estragar todo o plano.

LEAR - Este cãozinho, vede, e os outros, Gracioso, Fiel e Neve, se atiram contra mim.

EDGAR - Tom vai atirar-lhes sua própria cabeça. Fora daqui, mastins! De goelas brancas ou pretas, dentes sujos e caretas, mastim, galgo ou perdigueiro, molosso tardo ou ligeiro, de pelo curto ou lanzudo, Tom vai dar cabo de tudo. Contra eles o coco atiro, fazendo-os correr em giro. Do, de, de, de. Sessa!

Vamos, marchai para as festas de igreja, feiras e mercados. Pobre Tom, teu chifre está vazio.

LEAR - Agora dissequem Regane, para ver o que brota de junto do coração dela. Há alguma causa natural que torne endurecidos esses corações? (*A Edgar.*) Vós, senhor, considero-vos um dos meus cem homens; apenas não me agrada o corte de vossas vestes. Ireis dizer-me que foram feitas à moda persa. Contudo, será conveniente mudá-las.

KENT - Agora, meu bom senhor, ide deitar-vos um pouco, para repousar.

LEAR - Nada de barulho, nada de barulho... Correi a cortina... Assim, assim, assim... Pela manhãcaremos. Assim, assim, assim...

BOBO - E ao meio-dia irei deitar-me.

(*Volta Gloster.*)

GLOSTER - Aproxima-te, amigo. Onde está o rei, meu mestre?

KENT - Aqui, senhor; mas não o perturbeis; perdeu a razão.

GLOSTER - Carrega-o, caro amigo, por obséquio. Há uma conjura contra a vida dele. Aqui perto há umamaca; deita-o nela e corre, amigo, para Dover, onde irás achar boa acolhida e amparo. Levanta teu senhor; se demorares meia hora que seja, a vida dele, como a luta e a de todos os que o seguem, correm para uma perda inevitável. Levante-o com bem jeito e vem comigo, que vou prover-te com bastante urgência do que for necessário.

KENT - A natureza cansada adormeceu. Este repouso poderia deitar-te um linimento nos nervos torturados, que, na falta de boas condições, dificilmente chegarão a sarar. (*Ao bobo.*) Vamos, ajuda-me acarregar teu mestre. Tu não podes, também, ficar aqui.

GLOSTER - Vamos logo, (*Saem Kent, Gloster e o bobo, carregando Lear.*)

EDGAR - Ao veres teu senhor sofrer teus males, convences-te de que de nada vales. Quem sofre só, padece em pensamento, por na dita passada estar atento. O espírito não fica em desalinho, quando consegue a dor algum vizinho. Quão leve me parece o fardo ingente que me deixa encurvado e o rei gemente! Fez-me meu pai o que para ele as filhas. Tom, cuidado com as vozes! Tu te humilhas somente enquanto a falsidade dura te conservar desviado da ventura. Venha o que vier, contento que o rei fuja.

Atenção! Atenção!

(*Sai.*)

## Cena VII

*Um quarto no castelo de Gloster. Entram Cornualha, Regane, Goneril, Edmundo e criados.*

CORNUALHA - Parti com toda pressa para onde está milorde vosso marido e mostrei-lhe esta carta. O exército da França desembarcou. - Procurai o traidor Gloster.

REGANE - Enforcai-o imediatamente.

GONERIL - Arrancai-lhe os olhos.

CORNUALHA - Deixai-o aos cuidados do meu desprazer. Edmundo, fazei companhia a nossa irmã; as vinganças que vamos ser forçados a tomar de vosso pai traidor não são adequadas para vossa vista.

Avisai o duque, para a casa de quem vos dirigis, que se prepare com a maior urgência possível, porque faremos o mesmo. Nossos correios não se pouparão, para manter entre nós o entendimento preciso.

Adeus, querida irmã; adeus, milorde de Gloster.

*(Entra Osvaldo.)*

Então! Onde está o rei?

OSVALDO - Levou-o para longe lorde Gloster. Cerca de trinta e cinco ou trinta e seis de seus homens, sequiosos de encontrá-lo, o esperaram à porta, e em companhia de outros homens do lorde se fizeram nocaminho de Dover, onde todos se jactam de possuir sócios armados.

CORNUALHA - Prepara a condução para a senhora.

GONERIL - Adeus, doce senhor; adeus, irmã.

CORNUALHA - Adeus, Edmundo.

*(Saem Goneril, Edmundo e Osvaldo.)*

Ide e trazei-me Gloster, esse traidor; os braços algemai-lhe como a um ladrão e em nossa frente o ponde.

*(Saem outros criados.)*

Embora não possamos pronunciar-nos, sem as formas legais, contra sua vida, poderá nossa força cortesial fazer a nossa cólera, o que os homens talvez censurem, mas obstar não podem. Quem vem lá! Ó traidor?*(Voltam os criados, com Gloster.)*

REGANE - Raposa ingrata! É ele mesmo.

CORNUALHA - Amarrai-lhe os braços leves.

GLOSTER - Que intendem Vossas Graças? Bons amigos, considerai que sois aqui meus hóspedes. Não me trateis, amigos, com desprezo.

CORNUALHA - Amarrai-o, já disse!

*(Os criados amarram Gloster.)*

REGANE - Com mais força! Traidor infecto!

GLOSTER - Dama sem piedade, não sou o que dizeis.

CORNUALHA - Nesta cadeira; amarrai-o! Vilão, vais ver agora...

*(Regane puxa a barba de Gloster.)*

GLOSTER - Pelos deuses bondosos, é ignomínia puxar-me pela barba.

REGANE - Tão branco e tão traidor!

GLOSTER - Perversa dama, os fios que do queixo ora me arrancas, hão de ficar de pé para acusar-te. Meus hóspedes sois todos; não devíeis com mãos rapaces machucar-me os traços de dono desta casa. Que quereis?

CORNUALHA - Vamos, senhor; dizei-me: que notícias recebestes de França?

REGANE - Sede breve no que disserdes, pois sabemos tudo.

CORNUALHA - E que pacto firmastes com os traidores que saltaram há pouco em nosso reino? REGANE - A que mãos entregastes o rei louco? Falai!

GLOSTER - Às mãos me veio uma missiva baseada em conjecturas de pessoa neutra e imparcial, não de qualquer amigo.

CORNUALHA - Astuciosa. REGANE - Traidora.

CORNUALHA - E o rei, para onde o enviaste?

GLOSTER - Para Dover.

REGANE - Por que Dover? Avisado não foras, sob o risco...

CORNUALHA - Por que Dover? Primeiro responde a isso.

GLOSTER - Estou atado ao poste; é-me impossível fugir destes assaltos.

REGANE - Por que Dover?

GLOSTER - Porque essas unhas cruéis não lhe arrancassem os pobres olhos, velhos e cansados, nem tuairmã selvagem lhe entrasse no corpo unguento as presas de javardo. O mar em tempestade como a que ele suportou na cabeça descoberta nesta noite infernal, se empolara para apagar o fogo das estrelas. E o pobre coração, tão velho, a chuva do céu fez aumentar! Se os próprios lobos, com um tempo destes, ululado houvessem diante de tuas portas, certamente terias dito: “Bom porteiro, vira depressa a chave!” Todas as crueldades ficariam riscadas. Mas ainda hei de ver a vingança de asas fortes cair sobre tais filhos.

CORNUALHA - Veres? Nunca! Segurai a cadeira com firmeza. Vou pôr os pés em cima de teus olhos.

GLOSTER - Quem espera viver até à velhice, venha ajudar-me agora. Oh monstro! Oh deuses!

*(É arrancado um dos olhos de Gloster.)* REGANE - O outro também, para não rir daquele.

CORNUALHA - Se virdes a vingança...

PRIMEIRO CRIADO - Suspendei, milorde, a mão. Servi-vos desde criança; mas nunca vos prestei tão bom serviço, como ao pedir agora que parásseis.

REGANE - Como, cachorro?

PRIMEIRO CRIADO - Se trouxésseis barba no queixo eu a arrancara nesta briga. Que pretendeis?

CORNUALHA - Um dos meus criados? Como!

*(Saca da espada.)*

PRIMEIRO CRIADO - Avançai, pois, e vos medi com a cólera.

*(Desembainha a espada; lutam.) (Cornualha é ferido.)*

REGANE - Empresta-me tua espada. Rebelar-se um rústico a este ponto!

*(Toma da espada e fere o criado pelas costas.)*

PRIMEIRO CRIADO - Oh! Estou morto! Ainda vos resta um olho, milorde, para vê-lo desgraçado.

*(Morre.)*

CORNUALHA - Porque não posso ver, façamos isto: fora, geleia vil! Qual é teu brilho neste momento?

GLOSTER - Escuro em toda parte, desolação total. Onde se encontra meu filho Edmundo? Edmundo, acende as chispas da natureza e vinga este ato horrível!

REGANE - Vilão traidor, invocas quem te odeia. Foi ele próprio quem nos deu notícia de tua falsidade, ele em pessoa. E bom demais para de ti ter pena.

GLOSTER - Oh! Que tolo que fui! Então Edgar foi caluniado! Deuses bons, perdoai-me, e que ele possa prosperar.

REGANE - Jogai-o fora da porta e que procure a estrada de Dover pelo cheiro.

*(Sai um criado conduzindo Gloster.)*

Então, milorde, como estais?

CORNUALHA - Recebi uma ferida. Senhora, acompanhai-me. Jogai fora esse vilão sem olhos; no monturo atirai esse escravo. Estou sangrando demais, Regane; veio-me este golpe muito fora de tempo. Dai-me o braço.

*(Sai Cornualha apoiado em Regane.)*

SEGUNDO CRIADO - Não quero ter preocupação alguma com qualquer vilania, se este tipo vier ainda acabar bem.

TERCEIRO CRIADO - Se vida longa ela tiver e, ao fim, achar o curso comum da morte, todas as mulheres virarão monstros.

SEGUNDO CRIADO - Vamos à procura do velho conde, para que levado seja pelo maníaco para onde ele o determinar. Suas manias de vagante se prestam para tudo.

TERCEIRO CRIADO - Vai; enquanto isso, arranjaré um pouco de linho e clara de ovo, para pôr-lhe no rosto ensanguentado. O céu que o ajude!

*(Saem por lados diferentes.)*

## ATO IV

### Cena I

*A charneca. Entra Edgar.*

EDGAR - Melhor assim: saber que é desprezado do que sê-lo sob capa de lisonja. O mais ínfimo ser, com mais desprezo tratado pela sorte, ainda conserva certa esperança e vive sem temores. Só muda para pior o que é perfeito; o pior volta à alegria. Sê bem-vindo, portanto, ar impalpável que respiro! O infeliz que jogaste tão por baixo a essas tuas rajadas nada deve. Mas quem vem vindo aí?

*(Entra Gloster, conduzido por um velho.)*

Como! Meu pai, trazido por um pobre? Ó mundo! mundo! Sem tuas mutações inesperadas que nos levava odiar-te, nunca a vida chegara até à velhice.

O VELHO - Ó bom senhor, de vosso pai e vosso fui rendeiro por volta de oitenta anos.

GLOSTER - Bem; retira-te, bondoso amigo. Vai-te. Teus consolos bem algum me farão, mas poderiam prejudicar-te.

O VELHO - Não vereis a estrada.

GLOSTER - Não tenho estrada; não preciso de olhos. Tropecei, quando via. Muitas vezes já se tem visto bem-estar deixar-nos preocupados e a necessidade redundar em proveito. Ó meu querido filho Edgar, alimento da iludida cólera de teu pai, se eu tiver vida para te ver ainda, pelo tato, direi que achei os olhos

O VELHO - Quem vem lá?

EDGAR (*à parte*) - Oh deuses! Quem diria: “Não é possível chegar a pior estado!” Nunca estive em piores condições.

O VELHO - É Tom, o louco.

EDGAR (*à parte*) - E mais ainda poderei descer. Nunca sofremos o pior, enquanto dissermos: “Isto é o pior de tudo”.

O VELHO - Para onde vais, amigo? GLOSTER - É algum pedinte?

O VELHO - Pedinte, a um tempo, e louco.

GLOSTER - Um pouco de razão ainda conserva, sem o que mendigar não poderia. Na noite que passou, da tempestade, vi um sujeito assim, que ao pensamento me trouxe que o homem não é mais que um verme.

Lembrei-me de meu filho, muito embora dificilmente, então, amigo dele meu espírito fosse.

Depois disso aprendi muito. O que para os garotos são as moscas, nós somos para os deuses: matam-nos por brinquedo.

EDGAR (*à parte*) - Que é que importa tudo isso? Triste é a profissão que obriga a zombar da desgraça, para incômodo de si próprio e dos outros. (*A Gloster.*) Salve, mestre!

GLOSTER - É o tal mendigo nu? O VELHO - Ele, milorde.

GLOSTER - Por favor, então deixa-me. Se acaso quiseres, por amor de mim, buscar-nos daqui a uma milha ou duas, no caminho de Dover, faze-o por antigo afeto, e traze roupa para esta alma nua, a quem vou explicar que me conduza.

O VELHO - Oh senhor! Ele é louco!

GLOSTER - Esse é o castigo do tempo, conduzir ao cego o louco. Faze o que eu disse, ou faze o que quiseres; mas, sobretudo, vai-te.

O VELHO - Vou dar-lhe a minha melhor roupa, venha-me disso seja o que for. (*Sai.*)

GLOSTER - Eh! Homem nu!

EDGAR - O pobre Tom tem frio. (*À parte.*) É-me impossível fingir mais tempo.

GLOSTER - Vem aqui, amigo.

EDGAR (*à parte*) - Mas é preciso. - Abençoados sejam teus doces olhos, pois estão sangrando.

GLOSTER - Conheces o caminho para Dover?

EDGAR - Cancelas e porteiros, caminhos de cavalo e de pé. Espantaram o espírito do pobre Tom. Filho do homem pio. Deus te preserve do demônio impuro. Cinco demônios entraram a um só tempo no pobre Tom: Obidicut, o demônio da luxúria; Obbidance, príncipe do mutismo; Mahu, do roubo; Modo, do homicídio; e Flibbertigibbet, das caretas e contorções, que desde então deixou possessas as criadas e governantes. Salve, portanto, mestre!

GLOSTER - Fica com esta bolsa, ó tu, que as pragas do céu aos golpes todos humilharam. Minha desgraça mais feliz te deixa. Procedei sempre assim, ó céus! Que o homem saturado de bens e de prazeres que deixa subservientes vossas máximas e nada vê porque não sente nada, sinta depressa toda vossa força. A divisão, assim, destrói o excesso, tocando a todo o mundo alguma coisa. Conheces Dover?

EDGAR - Sim, conheço, mestre.

GLOSTER - Lá se encontra um penhasco de cabeça alta e inclinada, que olha com receio para o abismo horroroso. Vamos; leva-me até ao rebordo dele, que hei de a tua miséria remediar com algum objeto de valor que ora trago. Daí em diante dispensarei teus passos.

EDGAR - Dá-me o braço; o pobre Tom vai te servir de guia.

(*Saem.*)

Cena II

*Diante do palácio do Duque de Albânia. Entram Goneril e Edmundo.*

GONERIL - Sois bem-vindo, senhor. Estranho muito que o nosso brando esposo não nos tenha saído a receber.

(*Entra Osvaldo.*)

Que é de vosso amo?

OSVALDO - Senhora, está lá dentro; porém nunca homem nenhum mudou, como ele, tanto. Conte-lhe que desembarcaram forças. Sorriu à nova. Disse-lhe que vínheis para cá; respondeu: “Tanto pior”. Ao lhe falar da alta traição de Gloster e da lealdade de seu filho Edmundo, chamou-me de papalvo, declarando-me que eu havia tomado o pior partido. Tudo quanto ele detestar devia, lhe ensinava prazer.

GONERIL (*a Edmundo*) - Não é preciso, portanto, irdes mais longe. E seu espírito covarde e aterrorado que não ousa decidir-se por nada. Não deseja sentir o ultraje que à resposta o force. Os votos que fizemos em caminho talvez se efetuarão. Voltai, Edmundo, para o mano; reuni seus homens logo e o comando assumi de seu exército. Terei de me aprestar com nossas armas e pôr na mão de meu marido a roca. Este fiel servidor irá servir-nos de



intermediário. Dentro de pouquinho - se algo arriscardes para vosso ganho -ordens receberéis de vossa dama. Usai isto.

*(Dá-lhe uma prenda.)*

Poupai qualquer discurso. Abaixa a cabeça. Ora, este beijo se a falar se atrevesse, exalçaria teu espírito às nuvens. Vai; compreende e passa bem.

EDMUNDO - Confesso-me por vosso nas fileiras da morte.

GONERIL - Meu caríssimo Gloster!

*(Sai Edmundo.)*

Oh! Que distância vai de um homem para outro! Bem mereces os serviços de uma mulher. Meu bobo é que me usurpa presentemente o leito.

OSVALDO - Aí vem meu amo.

*(Sai.)*

*(Entra Albânia.)*

GONERIL - Antes eu merecia um assobio.

ALBÂNIA - Ó Goneril, digna não sois da poeira que vos atira ao rosto o vento rude. Inspira-me pavor vosso caráter. Quando renega um ser a própria origem, em si mesmo contido não prossegue. Quem se arranca a si próprio e se desgalha da seiva substancial, é inevitável que a secar venha e pela morte caia.

GONERIL - Basta; o texto é cretino.

ALBÂNIA - Para o baixo o saber e a bondade são mesquinhos. Só a si mesma aprecia a sujidade. Que perpetrastes? Tigres, sim, não filhas: que fizestes? Um pai, um velho afável, cuja figura régia até mesmoum urso preso à corda afagara, por vós duas - degeneradas! bárbaras! - lançado foi à loucura. Como se compreende que meu bondoso irmão o permitisse, um nobre, um homem que por ele próprio fora beneficiado a mãos repletas? Se o céu não enviar logo seus espíritos visíveis para que aqui em baixo venham reprimir essas vis atrocidades, será fatal: vão devorar-se os homens uns aos outros, como os monstros do abismo.

GONERIL - O sujeito de fígado de leite, com rosto para receber pancada e frente para insultos! Não tens olhos que possam distinguir a honra do insulto. Desconheces que são somente ostolos que mostram compaixão do celerado, quando a pena recebe, antes de tempo ter de fazer o mal.

Onde se encontra teu tambor? Já desfralda os estandartes a França em nossa terra silenciosa. Teu matador, com elmo empenachado, te ameaça, e tu, meu tolo moralista, permaneces sentado echoramingas: “Ah! Por que fez ele isso?”

ALBÂNIA - Olha em ti própria, demônia! A original deformidade não é tão repelente nos demônios, como numa mulher.

GONERIL - Oh tolo tímido!

ALBÂNIA - Cria vergonha, criatura falsa, que de ti própria retiraste a máscara, e cessa de animalizar os traços! Se me ficasse bem deixar que ao sangue as mãos obedecessem, mui capazes seriam de quebrar-te os ossos todos e lacerar-te as carnes. Mas embora sejas o próprio diabo, ora te ampara a forma de mulher.

GONERIL - Como valente se tornou num instante!

*(Entra um mensageiro.)*

ALBÂNIA - Que há de novo?

MENSAGEIRO - Senhor, morreu o duque de Cornualha. Matou-o um criado, quando pretendia arrancar o segundo olho de Gloster.

ALBÂNIA - Como! Os olhos de Gloster?

MENSAGEIRO - Um dos próprios servidores, por ele mesmo criado, se opôs ao ato, a espada então sacando contra seu grande mestre, o qual, colérico contra ele se lançou e o prostrou morto, não, porém, sem aquele fatal golpe que depois o matou.

ALBÂNIA - Isso demonstra que morais aí em cima, ó Justiceiros! para punirdes com tamanha pressa os crimes cá de baixo. Mas é certo que perdeu o outro olho o pobre Gloster?

MENSAGEIRO - Ambos, senhor. Resposta urgente exige, senhora, esta missiva. Vem da parte de vossa irmã.

GONERIL *(à parte)* - Agrada-me isso a meias. Mas estando viúva e ao lado dela meu Gloster se encontrando, é bem possível que os castelos de minha fantasia esmagar venham minha vida odiosa. Porém por outro lado essa notícia não me parece má.

*(Ao mensageiro.)*

Vou lê-la e logo responderei.

*(Sai.)*

ALBÂNIA - E onde se achava o filho, no momento em que os olhos lhe arrancaram?

MENSAGEIRO - Para cá tinha vindo com a senhora.

ALBÂNIA - Mas aqui não se encontra.

MENSAGEIRO - Não, milorde; encontrei-o de volta novamente.

ALBÂNIA - Soube ele dessa infâmia?

MENSAGEIRO - Sim, bondoso senhor; o delator foi ele próprio, tendo saído para que o castigo tivesse livre curso.

ALBÂNIA - Gloster, vivo para te dar os agradecimentos pelo amor que mostraste ao rei e para vingarteus olhos. Vem aqui, amigo; conta o mais que souberes. `

(*Saem.*)

### Cena III

*O acampamento francês, perto de Dover. Entram Kent e um gentil-homem.*

KENT - Por que o rei da França retornou com tanta pressa? Sabeis a razão?

GENTIL-HOMEM - Deixou em suspenso algum assunto de Estado, que o preocupa desde que de lá partiu e que, importando para o reino muito temor e perigo, impôs como necessidade urgente a volta dorei.

KENT - Quem deixou ele atrás como general?

GENTIL-HOMEM - O Marechal de França, Monsieur La Far.

KENT - Vossas cartas arrancaram da rainha alguma demonstração de tristeza?

GENTIL-HOMEM - Pois não, senhor; tomou-as e na minha presença as leu. De quando em quando lágrimas as faces delicadas lhe sulcavam. Parecia a rainha da tristeza que, tal como os rebeldes, procurava dominá-la de vez.

KENT - Oh! comoveu-se!

GENTIL-HOMEM - Mas sem ficar colérica; a paciência e a dor lutavam para apresentá-la sob o mais grato aspecto. Com certeza já vistes sol e chuva ao mesmo tempo; pois nela mais encantadores ainda eram o riso e o choro. Os sorrisinhos graciosos que na boca lhe brincavam, pareciam não ter conhecimento dos hóspedes dos olhos, que deixavam a grata hospedaria como pérolas que caem de diamantes. Em resumo: a tristeza seria raridade muito querida, se ficasse em todas as pessoas tão bem.

KENT - Não fez perguntas?

GENTIL-HOMEM - Sim, suspirou por uma ou duas vezes o nome “pai”, gemendo, dolorida, como se o coração ele abafasse. Clamava: “Irmãs! Vergonha das mulheres! Irmãs! Kent! Meu pai! Como! De noite? Na tempestade? A compaixão é um mito!” A água benta, depois, cair deixando dos olhos celestiais, que lhe os queixumes umedeciam, súbito partiu-se para lutar sozinha com sua mágoa.

KENT - São os astros, os astros lá de cima, que determinam nossas condições; se não, o mesmo par não poderia filhos gerar assim tão diferentes. Falastes-lhe depois?

GENTIL-HOMEM - Não.

KENT - E isso tudo se deu antes da volta do monarca?

GENTIL-HOMEM - Não; depois.

KENT - Muito bem, senhor; o pobre e inditoso Lear se acha na cidade. Por vezes, quando está mais bem disposto, ocorre-lhe a razão de nossa vinda. Porém de modo algum quer ver a filha.

GENTIL-HOMEM - Por quê, meu bom senhor?

KENT - Vergonha extrema tanto o deprime - a rispidez com que ele privou da bênção sua própria filha, entregando-a a acidentes estrangeiros e transferindo a bela herança dela para as irmãs de coração canino - tudo isso o coração de tal maneira com dardo venenoso lhe transpassa, que uma vergonha abrasadora longe de Cordélia o detém.

GENTIL-HOMEM - Ah! pobre rei!

KENT - E nada ouvistes sobre os dois exércitos, de Cornualha e de Albânia?

GENTIL-HOMEM - Estão em marcha.

KENT - Pois muito bem, senhor; vou conduzir-vos a nosso mestre Lear, lá vos deixando para tratardes dele.

Alguns negócios de importância a ficar me obrigam ainda mais algum tempo oculto. Porém logo que eu revelar quem sou, não tereis causa de vos arrepender desta amizade. Por obséquio, segui-me. (*Saem.*)

### Cena IV

*O mesmo. Uma tenda. Entram com toque de tambor e bandeiras desfraldadas Cordélia, o médico esoldados.*

CORDÉLIA - É ele mesmo, ai de mim! Neste momento foi visto, tão furioso como o oceano revoltado, acantar alto e sozinho, coroadado de áspera fumária, urtiga, cicuta, cardamina, pegamassa, joio, cizânia e quanta erva

daninha viceja em nosso trigo alimentício. Mandai cem homens; que examinem jeira por jeira da lavoura já crescida, e a nossa vista o tragam.

*(Sai um oficial.)*

Com que meios conta a sabedoria humana, para restituir-lhe a razão? Quanto possuo ficará sendo de quem quer que o cure.

O MEDICO - Há recursos, senhora. A ama de nossa natureza é o repouso, justamente o de que ele carece, o que é possível nele obter pela ação de muitos simples que baixarão a pálpebra da angústia.

CORDÉLIA - Surgi com minhas lágrimas, segredos abençoados, virtudes ainda ocultas da natureza! Vinde em nosso auxílio, remediando a desgraça do bom velho! Procurai-o depressa! Procurai-o, antes que seu furor desordenado lhe dissolva a existência carecente de eficaz direção.

*(Entra um mensageiro.)*

MENSAGEIRO - Novas, senhora! As forças da Bretanha se aproximam.

CORDÉLIA - Disso conhecimento já tivemos, e à sua espera estamos. É a tua causa, querido pai, que eusirvo. Esse o motivo de ter-se o grande França de meu choro apiedado e de meu luto. A vazia ambição não foi que o braço nos armou para a luta, mas apenas o amor, o terno amor, bem como a causa de nossoidoso pai. Pudesse eu vê-lo dentro de pouco e ouvi-lo!

*(Saem.)*

#### Cena V

*Um quarto no castelo de Gloster. Entram Regane e Osvaldo.*

REGANE - Mas as forças do mano estão em campo?

OSVALDO - Sim, senhora.

REGANE - E ele próprio à frente delas?

OSVALDO - Com muita relutância; vossa mana é melhor combatente. REGANE - Lorde Edmundo não falou com vosso amo em casa deste? OSVALDO - Não, senhora.

REGANE - Qual pode ser o assunto da carta dela, então?

OSVALDO - Não sei, senhora.

REGANE - É certeza ter sido enviado em muito séria missão. Foi erro indesculpável deixar Gloster com vida, após os olhos lhe termos arrancado. Onde aparece levanta os corações, contra nós todos. Edmundo, quero crer, compadecido de sua dor, foi dar remate logo a sua vida enoitada e, ao mesmo tempo, tentar saber das forças do inimigo.

OSVALDO - Preciso partir logo, para a carta, senhora, lhe entregar.

REGANE - As nossas tropas partirão amanhã. Fica conosco, pois não há segurança nas estradas.

OSVALDO - Senhora, não é possível; a patroa confia em minha diligência nisso.

REGANE - Qual a necessidade que ela tinha de escrever a Edmundo? Não podíeis transmitir verbalmente seu recado? Talvez... Alguma coisa... Como posso sabê-lo? Amar-te-ia imensamente se permitisses que eu abrisse a carta.

OSVALDO - Preferira, senhora...

REGANE - Não ignoro que vossa ama não gosta do marido. Tenho certeza disso. Quando da última vez ela esteve aqui, lançou estranhos olhares, eloquentes sobremodo, para o nobre Edmundo. Confidente delasei bem que sois.

OSVALDO - Como! Eu, senhora?

REGANE - Sei o que estou dizendo: confidente, tenho certeza disso. Mas sugiro-vos aceitar meu conselho. Meu marido faleceu; eu e Edmundo já falamos a esse respeito, sendo mais razoável, assim, que ele me peça a mão, deixando de lado a mana. Deduzi o resto. Se o encontrardes, dai-lhe isto, por obséquio. E quando conversardes com vossa ama sobre este assunto, peço concitarde-la a readquirir sua usual prudência. Portanto, passai bem. Se vierdes a encontrar o traidor cego, ganhará muito quem der cabo dele.

OSVALDO - Oh! Quem dera que o visse! Assim, mostrara de que lado me encontro.

REGANE - Passai bem.

*(Saem.)*

#### Cena VI

*Região perto de Dover. Entram Gloster e Edgar vestido como camponês.*

GLOSTER - Quando estarei no cimo da colina?

EDGAR - Já estais subindo. Vede nosso esforço.

GLOSTER - Tenho a impressão de que o terreno é plano.

EDGAR - Horivelmente abrupto. Não ouvis o barulho do mar?

GLOSTER - Não, em verdade.

EDGAR - E que os outros sentidos tendes fracos pelo que os olhos sofrem.

GLOSTER - É possível. Parece-me que tens a voz mudada e que com mais sentido agora falas e melhor expressão.

EDGAR - É puro engano de vossa parte; em nada estou mudado, se não for nestas vestes. GLOSTER - Não; parece-me que te exprimes melhor.

EDGAR - Vamos, senhor; eis o lugar. Chegamos. Ficai quieto. Como é terrível! É de dar vertigens olhar nesta distância para baixo. Como os corvos e as gralhas que transvoam o ar intermédio ficam pequeninos como besouros! Vê-se à meia altura, suspenso, um homem que procura funcho. Profissão arriscada! A impressão tenho de que ele é do tamanho da cabeça. Os pescadores que andam pela praia parecem-se com ratos; a barça ali ancorada, tão pequena se acha como o próprio escaler, e este se encontra reduzido a uma boia, pequenina demais para ser vista. As marulhosas vagas que batem nos inumeráveis epreguiçosos seixos não se fazem ouvir de tanta altura. É-me impossível olhar mais tempo assim, pois tenho medo de vir a ter vertigens, atirando-me a vista de cabeça para baixo.

GLOSTER - Coloca-me no ponto em que te encontras.

EDGAR - Dai-me a mão; só um passo vos separa da borda extrema. Por quanto há debaixo da lua, eu não saltara dessa altura.

GLOSTER - Solta-me a mão; recebe esta outra bolsa; dentro dela há uma joia que merece ficar com algum pobre. Os deuses todos e as Fadas te protejam. Vai-te embora; dize adeus, pois desejo ouvir teus passos.

EDGAR - Passai bem, bom senhor.

GLOSTER - Agradecido de todo coração.

EDGAR (*à parte*) - A brincadeira que faço com a desgraça dele, visa, tão-somente, curá-lo.

GLOSTER - Ó deuses grandes, renuncio a este mundo e, em vossa vista, paciente, me despojo do meu grande sofrimento! Pudesse eu suportá-lo por mais tempo, sem luta abrir com vossa vontade irresistível, este abjeto morrão da natureza se deixara consumir até ao fim. Se ainda com vida estiver meu Edgar, oh!abençoi-o! E agora, amigo, adeus.

(*Cai para a frente.*)

EDGAR - Adeus, senhor; já fui embora. (*À parte.*) Conceber não posso como a imaginação roubar consegue da vida a rara joia, quando a própria vida se presta ao roubo. Se se achasse onde pensava estar, neste momento pensar já não pudera. Vivo ou morto? (*A Gloster.*) Então, senhor! Amigo! Estais me ouvindo? Poderia morrer... Mas não; revive. Que sois, senhor? Dizei-me.

GLOSTER - Vai-te embora e deixa-me morrer.

EDGAR - Se algo mais fosses do que ar, teia de aranha, leve pluma, caindo assim de tantas braças do alto, partido já estarias como um ovo. Mas respiras, possuis pesado corpo, não perdes sangue, estás inteiro, filas. Dez mastros superpostos não bastaram para medir a altura de onde caíste perpendicularmente. Verdadeiro milagre é tua vida. Vamos, fala!

GLOSTER - Mas eu caí ou não?

EDGAR - Sim, lá do pico desta penha calcária. Olha para o alto; ver e ouvir não se pode a cotovia degarganta estridente. Olha para o alto!

GLOSTER - Ai de mim! Não tenho olhos! É negada à desgraça o benefício de pôr termo com a morte própria angústia. Era consolo para o sofrimento poder lograr a raiva do tirano e frustrar seus intentos orgulhosos.

EDGAR - Dai-me o braço. De pé! Então, e agora? Sentis as pernas? Eis-vos levantado.

GLOSTER - Bem; muito bem.

EDGAR - Tudo isso é muito estranho. Que era que estava no alto do penhasco e se apartou de vós?

GLOSTER - Um miserável. Um mendigo infeliz.

EDGAR - Daqui debaixo onde me achava, pareciam duas luas os olhos dele. Dotado era de mil narizes, cornos retorcidos e ondeados como os sulcos do mar bravo. Decerto era um demônio. Por tudo isso, lembra-te, feliz pai, que os deuses claros que da importância dos mortais constroem toda sua glória, a vida te salvaram.

GLOSTER - Agora penso nisso; de hoje em diante pretendo suportar o sofrimento até que por si mesmo me grite: “Basta! Basta!” e pereça. Por um homem tomei a coisa a que vos referistes. Dizia muitas vezes: “O demônio!” Foi ele que me pôs naquela ponta.

EDGAR - Possas agora ter só pensamentos tranquilos e confiantes. Mas, que vejo! Quem vem aí

(*Entra Lear, fantasticamente enfeitado com flores.*)

Jamais a sã razão vestirá seu senhor dessa maneira.

LEAR - Não; não poderão pegar-me por cunhar moedas; sou o rei.

EDGAR - Oh espetáculo de transpassar o coração!

LEAR - Nisto a natureza sobrepuja a arte. Eis vosso soldo. Aquele sujeito maneja o arco como se fosse um espantalho... Cortai-me uma jarda de pano. Vede! Um rato! Paz! Paz! Este pedaço de queijo frio resolverá o assunto. Eis minha luva; medir-me-ei com um gigante. Trazei as alabardas escuras. Oh!

Bonito voo, passarinho! No alvo! No alvo, hu! A senha, vamos!

EDGAR - Doce mangerona.

LEAR - Passai.

GLOSTER - Conheço essa voz.

LEAR - Ah! Goneril de barba branca! Adularam-me como um cão e me disseram que os pelos brancos de minha barba nasceram antes dos pretos. Responder “sim” e “não” a tudo o que eu dizia! “Sim” e “não” ao mesmo tempo não era boa teologia. No dia em que a chuva veio para molhar-me e o vento para me fazer bater o queixo, e em que o trovão se recusava a obedecer-me, foi quando as encontrei; foi quando lhes percebi o cheiro. Ide embora; não têm palavra. Disseram-me que eu era tudo. É mentira! Não estou à prova de febre.

GLOSTER - Lembro-me dessa voz perfeitamente. Não é o rei?

LEAR - Rei da cabeça aos pés. Vede os vassallos como tremem, quando fito neles os olhos. Ora apraz-me perder a este homem. Qual o crime dele? Adultério? Não morrerás! Morrer por adultério? Não; isso faz o pintassilgo, e à minha vista a mosca dourada é libertina. Porque o filho bastardo do bom Gloster foi melhor para o pai que minhas filhas lealmente geradas. A vontade, luxúria, em toda parte! Preciso de soldados. Vede aquela senhora sorridente, cujo rosto anuncia pura neve na união das coxas. Só virtude mostra, sacudindo a cabeça sempre que ouve o nome do prazer. O furão e o corcel arrebatado não revelam mais lúbrico apetite. Abaixo da cintura são centauros, muito embora mulheres para cima. Até à cintura os deuses é que mandam; para baixo, os demônios. Ali é o inferno, escuridão, abismo sulfuroso, calor, fervura, cheiro de podridão... Xi! Xi! Pá! Ó bondoso boticário, dá-me uma onça de almíscar, para eu temperar a imaginação. Aqui tens dinheiro.

GLOSTER — Deixai-me beijar essa mão.

LEAR — Primeiro deixai que a limpe; cheira a mortalidade.

GLOSTER — Ó arruinada peça da natureza! O imenso mundo há de gastar-se todo, reduzindo-se a nada. Reconheces-me?

LEAR — Lembro-me perfeitamente de teus olhos. Estás piscando para mim? Não, Cupido cego; pormais que faças, não chegarei a amar-te. Lê este desafio; observa bem o traço das letras.

GLOSTER — Se outros tantos sóis fossem, não as vira.

EDGAR(*à parte*) — Se mo dissessem, não o acreditara. No entanto é certo e o coração me parte.

LEAR — Lê!

GLOSTER — Como! Com as órbitas apenas?

LEAR — Oh! oh! Alcançastes-me nesse ponto? Nem olhos na cabeça, nem dinheiro na bolsa? Tendes os olhos pesados e a bolsa leve; no entanto, podeis ver como vai o mundo.

GLOSTER — Vejo-o porque o sinto.

LEAR — Como! Estais louco! A gente pode ver sem olhos como vai o mundo. Olha com as orelhas; vê como aquele juiz invectiva contra um simples ladrão. Escuta aqui, só uma palavrinha ao ouvido. Muda de lugar... Um, dois, três! E agora: qual é o ladrão? Qual é o juiz? Já viste um cachorro de fazendeiro ladrar para um mendigo?

GLOSTER — Já, sim senhor.

LEAR — E a criatura fugir do mastim? Nisso poderás contemplar a grande imagem da autoridade: um cachorro no desempenho de suas funções é obedecido. Oficial de justiça desonesto, suspende a mão sangrenta! Por que açoitas essa pobre rameira? Vira contra ti próprio essa chibata. Estás ardendo de desejos de com ela realizares o ato por que a castigas. O onzeneiro põe na forca o ladrão. As faltazinhas se deixam ver nos furos dos andrajos; mas as togas e as peles tudo encobrem. Forra de ouro o pecado, e a forte lança da Justiça se quebra sem feri-lo; cobre-o de trapos, e uma simples palha vibrada por pigmeu vai transpassá-lo. Ninguém comete falta, é o que te afirmo; ninguém. A todos sirvo de fiador. Podes acreditar-me, amigo; fala-te quem força tem para fechar a boca da acusação. Arranja umas lunetas e, como vil político, imagina ver coisas que não vês.

Bum, bum, bum, bum! Tirai-me as botas. Força! Força!... Assim...

EDGAR (*à parte*) - Que mistura de senso e de incoerência! A razão na loucura.

LEAR - Toma meus olhos, se chorar desejas minha infelicidade. Sei de sobra quem és. Teu nome é Gloster. Pois bem sabes: ao respirarmos pela vez primeira, choramos e gememos. Vou fazer-te sobre issoum bom sermão; sê, pois, atento.

GLOSTER - Oh dia triste!

LEAR - Mas nascemos, choramos por nos vermos neste grande tablado de dementes. Que bela forma dechapéu! Seria ideia mui sutil pôr ferraduras de feltro nos cavalos de uma tropa. Vou tentá-lo; e, uma vezcaíndo em cima de meus genros: matar, matar, matar!

*(Entra um gentil-homem, com criados.)*

GENTIL-HOMEM - Oh, ei-lo aqui! Com jeito segurai-o. Meu senhor, vossa filha muito amada...

LEAR - Não há socorro! Como! Prisioneiro? Sou realmente juguete da fortuna. Tratei-me bem; pagar-vos-ei resgate. Trazei-me um cirurgião, pois tenho o cérebro muito ofendido.

GENTIL-HOMEM - Haveis de ter de tudo.

LEAR - Ninguém vem ajudar-me? Estou sozinho? Isso em homem de sal mudara um homem, para fazerde irrigador os olhos, sim, e a poeira do outono deixar úmida.

GENTIL-HOMEM - Meu bom senhor...

LEAR - Morrerei como bravo, como noivo... Como! Jovial hei de mostrar-me. Vamos! Sou rei, meus mestres; ignorais tal coisa?

GENTIL-HOMEM - É rei notável, a quem muito amamos.

LEAR - Então ainda há vida. Se a alcançardes, há de ser na carreira. Sá, sá, sá!...

*(Sai; os criados o acompanham.)*

GENTIL-HOMEM - Lastimoso já fora este espetáculo no mais ínfimo ser e desgraçado. Num rei, não cabe no discurso humano. Uma filha ainda tens que a natureza limpa da maldição geral que as outras fizeram vir sobre ela.

EDGAR - Salve, senhor.

GENTIL-HOMEM - Senhor, o céu vos guarde. Que desejais?

EDGAR - Ouvistes, porventura, falar de uma batalha a ser travada?

GENTIL-HOMEM - É certo e mui sabido. Todo o mundo que sons distingue, ouviu falar sobre isso. EDGAR - Mas, por obséquio: a que distância se acha o outro exército?

GENTIL-HOMEM - Perto, e vem com pressa. A vista surgirá dentro de uma hora; é o que se espera. EDGAR - Agradecido. É tudo.

GENTIL-HOMEM - Muito embora a rainha aqui se encontre por um motivo especial, o exército dela avançou.

EDGAR - Bem; muito agradecido.

*(Sai o gentil-homem.)*

GLOSTER - Ó deuses sempre bons! tirai-me a vida, não permitindo que meu mau espírito tentar me venha novamente, para que à vossa revelia eu peça a morte.

EDGAR - Pai, rezais muito bem. GLOSTER - Quem sois, amigo?

EDGAR - Indivíduo mui pobre, que os reveses da fortuna amansou e que pela arte das desgraças alheias das próprias à compaixão se revelou sensível.

GLOSTER - Do imo peito agradeço. Que a bondade do céu e sua bênção te acompanhem sempre e sempre.

*(Entra Osvaldo.)*

OSVALDO - Oh! Cabeça posta a prêmio! Encontro mui feliz! Essa cabeça sem olhos só criou carne porque a minha fortuna prosperasse. Miserável traidor, concentra-te depressa, a espada que vai tirar-te a vida está sacada.

GLOSTER - Então põe força em tua mão amiga.

*(Edgar se interpõe.)*

OSVALDO - Por que te atreves, rústico atrevido, a amparar um traidor, publicamente como tal proclamado? Vai-te embora; do contrário, a infecção da sorte dele passará para ti. Larga-lhe o braço!

EDGAR - Não largo ele, seu moço; não há percisão disso.

OSVALDO - Solta-o, escravo! Do contrário, morrerás.

EDGAR - Ide embora, seu moço; ide embora e deixai os pobre viver. Se as ameaças pudessem tirar-me a vida, esta teria sido encurtada de uma quinzena. Não vos aproximeis do velho; ficai de longe, é o que eu digo, ou então vamos tirar a prova para ver o que é mais duro, se vosso coco ou este meu cacete. Gosto de franqueza.

OSVALDO - Sai da frente, monturo!

EDGAR - Vou curar vossos dentes, seu moço. Vinde. Vossos botes não me metem medo.

*(Batem-se; Edgar o abate.)*

OSVALDO - Oh! matas-te-me, escravo! Coisa à-toa, fica com minha bolsa. Se desejas prosperar, sepultura dá a meu corpo e entrega as cartas que aqui trago a Edmundo, conde de Gloster. Morte intempestiva!

*(Morre.)*

EDGAR - Sei quem és, um velhaco diligente; tão dedicado aos vícios da patroa quanto a maldade desejar pudera.

GLOSTER - Como! Morreu?

EDGAR - Pai, repousai; Sentai-vos. Revistemos-lhe os bolsos. Essas cartas de que falou serão talvez amigas.

Morreu; só me aborrece não ter ele tido um outro carrasco. Mas vejamos. Permitti mole cera; e vós, costumes, não nos culpeis; porque saber possamos as ideias de nossos inimigos os próprios corações

lhes abriríamos. Abrir cartas, assim é mais legítimo. “Lembrai-vos de nossos juramentos recíprocos. Tendes muitas oportunidades de suprimi-lo; se vontade não vos faltar, oportunidade e lugar haveis de ter de sobra. Nada se terá feito se ele voltar como vencedor, porque ficarei como sua prisioneira e o leito dele como minha prisão. Libertai-me, portanto, desse calor odioso, e, pelo vosso trabalho, ficai com o lugar dele. Vossa - esposa é o que eu desejara chamar-me - serva afetuosa Goneril. “ Oh insondável campo da perfídia feminina! Uma conjura contra a vida de um marido tão virtuoso, para ser por meu mano substituído! Vou enterrar-te aqui na areia mesmo, sacrílego correio de assassinos luxuriosos, a fim de em tempo certo ferir a vista do ameaçado duque com este papel fatal. E está com sorte por eu poder contar-lhe de tua morte.

GLOSTER - O rei ficou insano; quão teimoso meu vil juízo se mostra, permitindo-me ficar de pé e intacto me deixando o sentido de minha dor imensa. Fora melhor ficar de todo louco. Assim se apartariam das tristezas os pensamentos, que as desgraças perdem a autoconsciência, quando sob o império de errôneas fantasias. *(Ruído de tambor ao longe.)*

EDGAR - Dai-me a mão. Ouço ao longe um tambor, se não me engano. Vamos, pai; vou confiar-vos aum amigo.

*(Saem.)*

#### Cena VII

*Uma tenda no acampamento francês. Entram Cordélia, Kent, um médico e um gentil-homem.*

CORDÉLIA - Ó meu bondoso Kent, de que maneira posso viver e agir, para que a tua bondaderecompense? Minha vida será curta demais, sem que eu disponha de medida adequada.

KENT - Já me sobram, senhora, os vossos agradecimentos. Vai de par meu relato com a mais simples verdade, sem acréscimos nem falhas.

CORDÉLIA - Veste roupa melhor; essa roupagem faz lembrados momentos muito tristes. Por favor, troc-a.

KENT - Não, cara senhora; perdoai-me; mas prejudicara muito meus planos dar-me a conhecer agora. Como graça vos peço continuardes sem me reconhecer, até que o tempo e eu concordemos nisso.

CORDÉLIA - Pois que seja, meu bondoso senhor. *(Ao médico.)* Que faz o rei?

O MÉDICO - Ainda dorme, senhora.

CORDÉLIA - Ó divindades piedosas, deixai boa a grande brecha de sua natureza maltratada! Afinai os sentidos em desordem e dissonantes deste pai que em criança voltou a transformar-se.

O MÉDICO - Vossa Alteza permitirá que o rei nós despertemos? Já dormiu muito.

CORDÉLIA - Segui nisso apenas vossos conhecimentos, procedendo como melhor julgardes. Já ovestiram? *(Entra Lear numa cadeira, carregado por criados.)*

GENTIL-HOMEM - Já sim, senhora, pois no mais pesado do sono lhe trocamos toda a roupa.

O MÉDICO - Ficai junto, senhora, no momento de o despertarmos, pois não tenho dúvidas quanto a suas melhoras.

CORDÉLIA - Muito bem.

*(Música.)*

O MÉDICO - Aproximai-vos, por favor. A música, aí, mais alto!

CORDÉLIA - Ó meu querido pai! Em meus lábios suspende teus remédios, convalescença, e deixa que este beijo repare a imensa dor que minhas manas produziram em tua reverência.

KENT - Minha boa princesa e mui querida!

CORDÉLIA - Mesmo que pai não fosse delas duas. estes cabelos brancos lhes teriam forçado à compaixão. Uma cabeça como esta poderia ser exposta à fúria das rajadas? defrontar-se com o trovão pavoroso e o mais terrível zigzeguar de temerosos raios? Ficar de guarda - pobre sentinela! - com este elmo tão fino? O próprio cão do meu imigro, embora me tivesse mordido, houvera, numa noite dessas, permanecido junto do meu fogo. E tu, meu pobre pai, foste forçado a abrigar-te com porcos e mendigos numa pouca de palha embolorada! Ai, que dor. Maravilha é não haveres a um só tempo perdido a vida e o espírito. Vai acordar; falai-lhe.

O MÉDICO - Vós, senhora; será melhor.

CORDÉLIA - Como se sente agora meu real senhor? E Vossa Majestade como passa?

LEAR - Foi mal de vossa parte retirar-me do túmulo. És uma alma da bem-aventurança; eu, porém, meacho a uma roda de fogo sempre atado, que minhas próprias lágrimas escaldam como chumbo fundido.

CORDÉLIA - Conheceis-me, senhor?

LEAR - És um espírito; conheço-te. Desde quando morreste?

CORDÉLIA - Divagando sempre por muito longe.



O MÉDICO - Concedei-lhe mais algum tempo; despertou há pouco.

LEAR - Onde estive? Onde estou? É dia claro? Oh! Procederam muito mal comigo; morrer de compaixão eu poderia, se visse alguém tratado desse modo. Não sei o que dizer; jurar não quero que estas mãos sejam minhas. Mas vejamos: sinto esta alfinetada. Quem me dera saber quem sou, realmente.

CORDÉLIA - Senhor, olhai para o meu lado, e as mãos estendei sobre mim, para abençoar-me. Não, meu senhor! Não vos ponhais de joelhos!

LEAR - Ah! Não zombeis de mim, é o que vos peço. Sou um velho imprestável e caduco, para cima de oitenta, nem uma hora mais nem menos. E, para ser sincero, receio ter o espírito avariado. Creio vos conhecer e, assim, a este homem; mas em dúvida me acho, pois ignoro de todo onde me encontro, sem que possa lembrar-me destas vestes. De igual modo não sei onde passei a última noite. Oh! não riais demim! Porque tão certo como eu ser homem, quer afigurar-me que esta dama é Cordélia, minha filha.

CORDÉLIA - Sou ela mesma, meu senhor; sou ela.

LEAR - Tendes lágrimas úmidas? Realmente. Não choreis, é o que peço. Se tiverdes veneno para dar-me, hei de bebê-lo. Sei que amor não me tendes. Vossas manas - tanto quanto me lembro -procederam comigo muito mal. Mas tendes causa; ao passo que nenhuma delas tinha.

CORDÉLIA - Nenhuma causa! Não; nenhuma causa!

LEAR - Estou na França?

KENT - Em vosso próprio reino, senhor.

LEAR - Não me enganeis.

O MÉDICO - Ficai tranquila, boa senhora. Já está morta nele, como estais vendo, a grande fúria. Agora perigoso é fazê-lo novamente subir ao longo do perdido tempo. Levai-o para dentro, sem cansá-lo com perguntas, até que se refaça.

CORDÉLIA - Quererá Vossa Alteza andar um pouco?

LEAR - Precisareis comigo ter paciência. Esquecei e perdoai-me, por obséquio. Estou velho e caduco.

*(Saem Lear, Cordélia, o médico e os criados.)*

GENTIL-HOMEM - Confirmou-se a notícia, senhor, de que o duque de Cornualha foi morto?

KENT - Perfeitamente, senhor.

GENTIL-HOMEM - Quem está à testa de seus homens? KENT - Ao que dizem, o filho bastardo de Gloster.

GENTIL-HOMEM - Dizem que Edgar, seu filho exilado, está na Alemanha com o conde de Kent.

KENT - Os boatos variam. É tempo de abrimos os olhos; as forças do reino se aproximam com presteza.

GENTIL-HOMEM - A decisão promete ser sangrenta. Passai bem, senhor.

*(Sai.)*

KENT - Ou boa ou má, a minha conclusão os golpes de hoje à luz sairarão.

*(Sai.)*

## ATO V

### Cena I

*O acampamento inglês, perto de Dover. Entram, com tambores e bandeiras desfraldadas, Edmundo, Regane, oficiais, soldados e outras pessoas.*

EDMUNDO - Ide saber do duque se seu último projeto está de pé, ou se por causas intercorrentes já mudou de plano. Instável sempre se revela e cheio de queixas de si próprio. Sua firme decisão me trazei.

REGANE - O mensageiro de minha mana se perdeu, decerto.

EDMUNDO - E o que devemos rezear, senhora.

REGANE - Já conheceis, meu caro lorde, quanto bem vos quero. Dizei-me francamente uma verdade só: amais à mana?

EDMUNDO - Sim, com amor honroso.

REGANE - Mas acaso nunca o caminho achastes de meu mano, para o lugar proibido?

EDMUNDO - Tal ideia, senhora, vos ofende.

REGANE - Tenho medo de com ela ligado vos achardes e de tal modo unido, que podíeis ser tido comodela.

EDMUNDO - Por minha honra, senhora, o afirmo.

REGANE - Nunca o permitira. Não vos mostreis tão familiar com ela, caro senhor.

EDMUNDO - Podeis ficar tranquila. Ela aí vem, com o duque, seu marido.

*(Entram, com tambores e bandeiras desfraldadas, Albania, Goneril e soldados.)*

GONERIL *(à parte)* - Preferira perder esta batalha a perdê-lo por causa desta mana.

ALBÂNIA - Muito querida irmã, feliz encontro. Senhor, soube que o rei se uniu à filha - com outros queo rigor de nosso jogo a protestar forçou. - Onde não posso mostrar-me honesto, nunca sou valente. Esta campanha nos atinge apenas por haver França entrado em nossas terras, não por ter ajudado o rei e os outros que se levantam contra nós, receio, por motivos mui justos e de peso.

EDMUNDO - Falastes nobremente. REGANE - Qual a causa de discutirmos isso?

GONERIL - Dirijamos nossas forças conjuntas contra o inimigo; são fora de propósito essas tricasparticulares e questões domésticas.

ALBÂNIA - Estudemos então nossa estratégia com o alferes da guerra.

EDMUNDO - A vossa própria tenda irei procurar-vos neste instante.

REGANE - Vireis conosco, irmã?GONERIL - Não.

REGANE - Seria conveniente. Por obséquio, vinde também.

GONERIL (*à parte*) - Oh oh! Compreendo o enigma.

(*Alto.*)

Irei.

(*Entra Edgar, disfarçado.*)

EDGAR - Se em algum tempo Vossa Graça já conversou com um pobre tão humilde, ouvi-me umapalavra.

ALBÂNIA - Já vos ouço.

(*Saem Edmundo, Regane, Goneril, oficiais, soldados e criados.*)

EDGAR - Antes da pugna, lede esta missiva. No caso de vencerdes, que a trombeta chame seu portador.

Embora aspecto tão pobre eu apresente, tenho meios de fazer vir um campeão que pode provar tudo o que aí está afirmado. Se vierdes a perder, vossos negócios mundanos chegarão também ao termo, terminando as intrigas. Que a Fortuna vos acompanhe.

ALBÂNIA - Ficai até que eu leia a carta.

EDGAR - Foi-me proibido fazer isso. Mas no tempo preciso, bastará que o arauto chame, para que eu me apresente.

ALBÂNIA - Então, adeus. Vou ler o teu papel.

(*Sai Edgar.*) (*Volta Edmundo.*)

EDMUNDO - O inimigo está à vista. Ponde em linha vossos soldados. Eis aqui o cômputo de seu poderexato e de suas forças, segundo explorações bem conduzidas. Mas o momento vos obriga à pressa.

ALBÂNIA - Saberemos saudar o tempo certo.

(*Sai.*)

EDMUNDO - Jurei amor às duas; uma da outra desconfia, tal como da serpente, quem picado já foi. Qual me reservo? Ambas? Uma? Nenhuma? Com nenhuma me alegrarei, ficando vivas ambas. Ficar com a viúva é exasperar a outra, Goneril; é deixá-la como louca, não podendo eu ganhar minha partida, se seu marido continuar com vida. Aproveitemo-nos de seu prestígio para a batalha em curso. Uma vez ganha, ela, então, que de grado o despachara, os recursos mais aptos excogite de logo liquidá-lo. No quetinge ao plano dele de a Cordélia e Lear conceder o perdão, ganha a batalha e eles em nossa mão, jamaistal graça chegará a alcançar. Impõe-me o posto pouco falar e trabalhar com gosto.

(*Sai.*)

## Cena II

*Um campo entre os dois acampamentos. Alarma. Com tambores e estandartes desfraldados, entramLear, Cordélia e suas tropas. Saem. Entram Edgar e Gloster.*

EDGAR - Acolhei-vos aqui, pai, a esta sombra de árvore como a um hospedeiro grato. Rezai para quevença a boa causa. Se algum dia eu voltar, será para trazer-vos doce alívio.

GLOSTER - Possa a Graça, senhor, acompanhar-vos.

(*Sai Edgar.*)

(*Alarma. Depois, retirada. Volta Edgar.*)

EDGAR - Fujamos, velho! Dai-me a mão. Fujamos! Perdeu rei Lear: presos, ele e a filha. Dai-me a mão; vamos logo.

GLOSTER - Não, senhor; não darei nem mais um passo. Pode-se apodrecer em qualquer parte.

EDGAR - Como! De novo pensamentos negros Precisamos mostrar-nos conformados com a nossa vindaa mundo e ao nos partirmos. Estarmos preparados é o que importa. Vamos daqui.

GLOSTER - Tudo isso é muito certo.

(*Saem.*)

## Cena III

*O acampamento inglês, perto de Dover. Entra Edmundo, como vencedor, com tambores e bandeiras; Lear e Cordélia, prisioneiros; oficiais, soldados, etc.*

EDMUNDO - Alguns oficiais os levem logo. Que fiquem bem guardados, até que a alta vontade seconheça das pessoas que terão de julgá-los.

CORDELIA - Os primeiros não somos a ficar sobre braseiros com boas intenções. Rei oprimido, por ti, somente, falta-me o sentido, que eu, por mim, poderia, carrancuda, enfrentar as carrancas da Fortuna. Tais irmãs e tais filhas não veremos?

LEAR - Não, não, não, não! Levai-nos para o cárcere. Nós dois, sozinhos, cantaremos como pássaros na gaiola. No momento de a benção me pedires, eu me ajoelho e te imploro perdão. Dessa maneira viveremos, dizendo nossas preces, cantando e velhos contos enarrando, rindo das borboletas variegadas e ouvindo os pobres diabos discorrerem sobre os boatos da corte, aos quais, decerto, nos juntaremos para dar palpite sobre quem perde ou ganha, quem se encontra no alto da escada ou em baixo, discorrendo sobre os altos mistérios do universo como se espíões de Deus, acaso, fôssemos. Gastaremos, assim, no duro cárcere, os partidos e as lutas dos graúdos que com a lua sobem sempre e descem.

EDMUNDO - Levai-os!

LEAR - Sobre um sacrifício destes, minha boa Cordélia, os próprios deuses jogam incenso. Tenho-te bem presa? Quem quiser separar-nos há de um facho trazer do céu, para tocar-nos, como a raposas.

Enxuga, enxuga os olhos. A carne e a pele a peste há de comer-lhes antes de que eles a chorar nosforcem.

Primeiro morrerão de fome. Vamos!

*(Saem Lear e Cordélia, escoltados.)*

EDMUNDO - Capitão, vem aqui. Toma este escrito. Ouve-me atento. Segue-os até o cárcere. Já te beneficiei de um grau; no caso de cumprires esta ordem, o caminho terá franqueado da mais nobre sorte. Reflete no seguinte: os homens mudam conforme as épocas. Uma alma terna não se casa com a espada.

Este mandato não permite objeções: ou vais cumpri-lo, ou procura subir por outros meios.

OFICIAL - Senhor, hei de cumpri-lo.

EDMUNDO - Cuida disso, e, feito isso, feliz te considera. Ouve-me bem: sem perda de um momento, e cumpre as minhas instruções à risca.

OFICIAL - Puxar carro não sei, nem comer feno; mas se é trabalho de homem, já está feito.

*(Sai.)*

*(Fanfarra. Entram Albânia, Goneril, Regane, oficiais e criados.)*

ALBÂNIA - Senhor, mostrastes vossa altiva raça e bem guiado fostes pela sorte. Tendes os prisioneiros que adversários nossos foram na luta deste dia. De vós os requeremos, para dar-lhes tratamento conforme o próprio mérito o exigir e, assim, nossa segurança.

EDMUNDO - Pareceu-me, senhor, mais conveniente mandar o velho e desgraçado rei para alguma prisão, sob guarda certa, pois de grande feitiço se revela sua diade e, ainda mais, o próprio título para arrastar o coração do vulgo, voltar fazendo contra nossos olhos as lanças que nós mesmos alistamos. Pelas mesmas razões foi a rainha juntamente com ele. Ambos se encontram prontos, amanhã cedo ou mais de espaço, para comparecer onde quiserdes formar o tribunal. De suor e sangue todo coberto ainda estou; o amigo perdeu o amigo e, no calor, as lutas mais altas são amaldiçoadas pelos que o corte delas sentem. O problema de Cordélia e do pai requer um sítio mais conveniente.

ALBÂNIA - Não vos desagrade, senhor, mas nesta guerra considero-vos súdito, não irmão.

REGANE - Irmão, lhe digo, o que me apraz dele fazer. Parece-me que devia ter sido consultado nosso prazer antes de tal discurso. Foi nosso general, representante de mim própria e de minha dignidade, intimidade que bem pode a frente levantar para vosso irmão chamar-se.

GONERIL - Por que tanto calor? Seu próprio mérito o exalta mais que vossas distinções. REGANE - Com meus direitos, minha investidura, aos melhores se iguala.

GONERIL - Atingiria, decerto, o ápice, vindo a desposar-vos.

REGANE - Por vezes os trocistas se revelam verdadeiros profetas.

GONERIL - Olará! O olho que vos disse isso estava vesgo.

REGANE - Não estou bem, senhora; não fora isso, vos daria a resposta merecida. General, toma conta dos meus homens, dos prisioneiros, meus haveres todos. Dispõe deles, de mim; teu é este burgo. Seja o universo testemunha em como te creio agora meu senhor e mestre.

GONERIL - Pensais que já sois dele?

ALBÂNIA - Não depende de vós a permissão.

EDMUNDO - Oh! nem de ti!

ALBÂNIA - Depende, sim, tipo de meio sangue.

REGANE - Faze soar o tambor, e que este prove que meu título é teu.

ALBÂNIA - Um momentinho; a razão escutai: Edmundo, prendo-te por traição capital, e juntamente contigo esta serpente cheia de ouro,

*(Apontando para Goneril.)*

porque, formosa irmã, me oponho a vossas pretensões, no interesse, tão-somente, de minha esposa, que ligada se acha a este senhor por um formal contrato. Eu, seu marido, oponho-me, portanto, a esses vossos proclamas. Se quiserdes casar, fazei-me a corte, que esta dama já está comprometida.

GONERIL - Que comédia!

ALBÂNIA - Gloster, estás armado. Que a trombeta dê logo o toque. Caso ninguém venha para ao rosto lançar-te as tuas próprias traições odiosas, múltiplas e claras, aqui está meu penhor.

*(Atira a luva.)*

Nessa cabeça demonstrarei antes de novamente provar pão, que és tudo isso que ora afirmo.

REGANE - Oh! doente, muito doente!

GONERIL *(à parte)* - De outro modo não voltara a confiar na medicina.

EDMUNDO - Eis meu penhor, também.

*(Joga a luva.)*

Em todo o mundo quem quer que de traidor ouse chamar-me, mente como um vilão. Soe a trombeta! Contra quem se atrever a apresentar-se, contra ele, contra vós, contra quem seja, firme defenderei a honra e a lealdade.

ALBÂNIA - Eh! Um arauto!

EDMUNDO - Olá! O arauto! O arauto!

ALBÂNIA - Confia apenas na coragem própria; pois teus soldados, alistados todos em meu nome, já foram licenciados.

REGANE - Meus incômodos crescem!

ALBÂNIA - Não se encontra passando bem; levai-a para a tenda.

*(Sai Regane, amparada.)*

Aproxima-te, arauto.

*(Entra um arauto.)* Que a trombeta soe logo e, depois, proclama isto.

OFICIAL - Soe a trombeta!

*(Ouve-se um toque de trombeta.)*

ARAUTO - “Se houver nas fileiras do exército qualquer homem de qualidade ou posição que queiras sustentar contra Edmundo, suposto conde de Gloster, que ele é muitas vezes traidor, apresente-se a terceiro toque da trombeta. Edmundo está decidido a defender-se.”

EDMUNDO - Tocai!

*(Primeiro toque.)*

ARAUTO - Outra vez!

*(Segundo toque.)*

ARAUTO - Outra vez!

*(Terceiro toque.)*

*(Uma trombeta responde dentro.)*

*(Entra Edgar, armado, precedido de um trombeteiro.)*

ALBÂNIA - Interrogai-o sobre seus intuitos e porque veio ao toque da trombeta.

ARAUTO - Quem sois vós? Vosso nome? Vosso estado? Por que viestes aqui a esta chamada?

EDGAR - Meu nome se perdeu, ficai sabendo. Roeu-o o dente da traição, deixando-o lacerado de todo. Mas sou nobre tanto quanto o adversário que procuro.

ALBÂNIA - Quem é esse adversário?

EDGAR - Quem responde pelo conde de Gloster, por Edmundo?

EDMUNDO - Ele próprio. Que tens para dizer-lhe?

EDGAR - Saca da espada, para que, no caso de um nobre coração vir meu discurso magoar, justiça obtenhas por teu braço. Eis aqui a minha, como privilégio de minha qualidade, juramentos e honrarias, que aqui venho afirmar-te, apesar de tua força, mocidade, posição e alto estado; não obstante tua sorte forjada há pouco tempo e a espada vitoriosa, tua grandeza, valentia e coragem, que és traidor, falso aos deuses, ao próprio

irmão e ao pai, conspirador contra este ilustre príncipe, e que do ponto extremo da cabeça ao mais baixo do pé que pisa a poeira, és um traidor manchado como o sapo. Se “Não” disseres, esta espada, o braço, minha melhor coragem vão provar-te no coração que mentes.

EDMUNDO - A prudência me mandaria perguntar teu nome. Mas visto teres um exterior tão belo, tão marcial, e expressar os pensamentos tua língua com nobreza, com desprezo ponho de lado todas as delongas que as próprias regras da cavalaria sem desdouro nenhum me asseguraram. Essas traições, em tua frente ao jogo, e o coração aperto-te na própria calúnia odiosa como o duro inferno. De leve, tão-somente, me tocaram. Por isso, minha espada vai mostrar-lhes neste instante o caminho para o ponto em que repousa irmão achar eterno. Falai, trombetas!

*(Alarma; batem-se; Edmundo cai.)*

ALBÂNIA - Poupai-lhe a vida!

GONERIL - É uma cilada, Gloster! Segundo as leis das armas, não devias aceitar luta com um desconhecido. Vencido não caíste; foste vítima do embuste e da traição.

ALBÂNIA - Fechai a boca, senhora; do contrário, eu mesmo a tapo com esta carta. Olha para este lado, senhor, pior do que os mais feios nomes; lê teu próprio delito. Não, senhora! Não a rasgueis! Vejo que a conheceis.

*(Dá a carta a Edmundo.)*

GONERIL - E se fosse esse o caso? A lei é minha, não tua. Quem me chamará a juízo?

*(Sai.)*

ALBÂNIA - Oh! Monstruoso! Conheces essa carta?

EDMUNDO - Oh! não me pergunteis o que eu conheço.

ALBÂNIA - Ide atrás dela; está desesperada. Vigiai-a bem.

*(Sai o oficial.)*

EDMUNDO - Sim, perpetrei os crimes de que ora me acusais, e muitas coisas, ainda, muitas mais. Aos poucos há de revelá-las o tempo. Mas tudo isso já passou, tal como eu. Mas quem és tu, que tal vantagem sobre mim tiveste? Se fores nobre, o meu perdão concedo-te.

EDGAR - Então reciproquemos caridade. Não é menor que o teu meu sangue, Edmundo. Se maior for, maior será tua culpa com relação a mim. Chamo-me Edgar; sou filho de teu pai. Justos os deuses sempre são, e instrumentos de castigo fazem de nossos vícios agradáveis. Custou-lhe os olhos o lugar vicioso onde foste gerado.

EDMUNDO - Com acerto falaste; é verdadeiro o que disseste. Estou aqui: ficou completo o círculo.

ALBÂNIA - Bem vi que tua forma revelava uma nobreza real. Quero abraçar-te. Que a dor me parta o coração, se acaso te tive ódio, ou a teu pai, em qualquer tempo.

EDGAR - Sei disso, digno príncipe.

ALBÂNIA - Em que ponto vos escondestes? Como a saber viestes das misérias de vosso pobre pai?

EDGAR - Tratando delas, meu senhor, apenas. Ouvi uma história curta, e logo que ela tiver sido contada, oh! que me estale de dor o coração. Da sanguinária proclamação porque escapar pudesse, que tão de perto os passos me seguia - Ó doçura da vida, que nos fazes preferir morrer de hora em hora as dores da morte a de uma vez morrer de todo! - precisei disfarçar-me com os andrajos de um demente, assumindo uma aparência que até mesmo os cachorros repelia. Com essas vestes fui achar meu pai, cujos anéis sangrentos as preciosas pedras tinham perdido. Transformei-me em seu guia, pedi para ele esmola, por toda parte o conduzi, salvei-o do desespero, sem que nunca - oh falta! - lhe houvesse revelado quem eu era, senão há cerca de meia hora, quando já me encontrava armado. Não me achando seguro de vencer, pedi-lhe a bênção e minha peregrinação contei-lhe, do começo até ao fim. Mas seu rachado coração, ah! muito fraco porque a luta pudesse suportar dos dois extremos da paixão, alegria e sofrimento, sorrindo arrebitou.

EDMUNDO - Vosso discurso me comoveu, sendo possível, mesmo, que produza algum bem. Mas prossegui; parece que ainda não contastes tudo.

ALBÂNIA - Se houver outras misérias, ocultai-as, porque no ponto de chorar me encontro, ouvindo o que contastes.

EDGAR - Julgaria quem não amasse a dor que esse relato já representa tudo. Porém se outro viesse juntar-se ainda a tantos males, ampliando-os muito e muito, ultrapassara de certo o ponto extremo. Quando a clamar de dor eu me encontrava, chegou um homem que me vira em minha ínfima condição e se esquivara de minha companhia repelente, mas que, ao notar, então, quem era o grande sofredor, em seus braços vigorosos me apertou o pescoço, urrou a ponto de arrebitar o céu, lançou-se em cima do corpo de meu pai e a mais dorida história me contou sobre ele e Lear, que jamais percebeu o ouvido humano. Ao relatá-la, a dor o dominava,

começando a estalar-lhe as próprias cordas da vida. Mas nessa hora duas vezes soou a trombeta e exânime o deixei.

ALBÂNIA - Mas quem é ele?

EDGAR - Kent, senhor; o mesmo Kent exilado, o qual sob um disfarce seguia o rei seu inimigo, tendolhe prestado serviços nada próprios, ai! nem mesmo de escravos.

*(Entra um gentil-homem com uma faca ensanguentada.)*

GENTIL-HOMEM - Aqui, socorro! Socorro, aqui!

EDGAR - Socorro de que jeito?

ALBÂNIA - Fala, homem.

EDGAR - E essa faca ensanguentada?

GENTIL-HOMEM - Está quente; fumega; neste instante saiu do coração dela... Oh! Morreu!

ALBÂNIA - Quem morreu, homem? Fala.

GENTIL-HOMEM - Vossa esposa, senhor, vossa consorte, e a irmã por ela envenenada; confessou ofato.

EDMUNDO - Fiquei noivo das duas; na mesma hora casamo-nos os três.

EDGAR - Kent aí vem vindo.

ALBÂNIA - Trazei os corpos, mortos ou com vida. Este juízo dos céus, que nos abala, não nos deixa, por isso, enternecido.

*(Sai o gentil-homem.) (Entra Kent.)*

Oh! É ele mesmo? Não permite o tempo saudá-lo como a cortesia manda. KENT - Só vim aqui para dizer boa noite ao meu rei e senhor. Não se acha aqui?

ALBÂNIA - Oh! Esquecemos do que mais importa! Dize-nos, Edmundo, onde está o rei? Onde ficou Cordélia? Kent, vês isto?

*(São trazidos os corpos de Goneril e Regane.)*

KENT - Oh! Como aconteceu?

EDMUNDO - No entanto, Edmundo foi amado! Uma deu veneno à outra, por minha causa, e se matou depois.

ALBÂNIA - Justamente; cobri-lhes ora o rosto.

EDMUNDO - A vida já me foge, mas quisera fazer ainda algum bem, embora contra minha própria feição. Mandai depressa, bem depressa, ao castelo. Meu escrito ameaça a vida de Cordélia e Lear. Não percais tempo.

ALBÂNIA - Corre! Corre! Corre! EDGAR - Para onde, meu senhor? Qual a pessoa que está disso incumbida? É necessário enviareis um penhor como contra-ordem.

EDMUNDO - Foi bem pensado; toma minha espada e a entrega ao capitão.

ALBÂNIA - Por tua vida, não percas tempo.

*(Sai Edgar.)*

EDMUNDO - A comissão tem ele de tua esposa morta e minha, para na prisão a Cordélia dar a morte, atribuindo, depois, ao desespero dela mesma sua própria destruição.

ALBÂNIA - Que os deuses a protejam! Retirai-o.

*(Entram Lear, com Cordélia nos braços, morta; Edgar, oficiais e outras pessoas.)*

LEAR - Uivai! Uivai! Uivai! Sois empedrados! Se vossas línguas e olhos eu tivesse, usara-os de tal modo, que faria rachar a abóbada celeste. Foi-se para sempre! Conheço muito bem quando alguém está morto ou quando vive. Morta está como terra. Ide buscar-me um espelho; no caso de seu hálito embaçarou cobrir a superfície, então é que ela ainda está com vida.

KENT - Este é o fim prometido?

EDGAR - Ou bem a imagem de tanto horror?

ALBÂNIA - Cai de uma vez e acaba.

LEAR - A pluma está a mexer! Ela está viva! Oh! se for assim mesmo, é uma ventura que recompensatodos os pesares por que tenho passado.

KENT *(ajoelhando-se)* - Oh meu bom mestre!

LEAR - Sai, por favor!

EDGAR - É Kent, o vosso amigo.

LEAR - A peste sobre vós, traidores todos! Sois todos assassinos! Poderia tê-la salvo, mas foi-se para sempre. Ó Cordélia! Cordélia! Espera um pouco! Ah! Que disseste? A voz tinha sempre branda, agradável e baixa, predicado na mulher de valor inestimável. Matei o escravo, quando te enforcava.

OFICIAL - É certo, meu senhor; matou-o, de fato.

LEAR - Não é verdade, amigo? Já houve tempo em que com minha espada de bom gume os fazia dançar. Ora estou velho e estes trabalhos todos me deprimem. Quem Sois? Não vejo bem. Vou já dizer-vos.

KENT - Se blasona a fortuna de a dois seres ao mesmo tempo haver odiado e amado, a um deles aqui vemos.

LEAR - Tenho a vista um tanto baça. Acaso não sois Kent?

KENT - O mesmo; Kent, o vosso servidor. Onde se encontra vosso criado Caius?

LEAR - Um bom sujeito, posso asseverar-vos; sabe bater nos outros com aprumo. Está morto e bempodre.

KENT - Não, bondoso senhor; sou ele mesmo...

LEAR - Verei isso neste momento.

KENT - que desde o começo de vossos infortúnios e declínio vos tem seguido os lastimosos passos. LEAR - Sois bem-vindo.

KENT - Ninguém é aqui bem-vindo. Tudo é sem alegria, escuro e morto. Vossas filhas mais velhas se mataram, morrendo em desespero.

LEAR - Oh! Acredito-o.

ALBÂNIA - Já não sabe o que diz; absurdo fora tentarmos conversar com ele.

KENT - É inútil.

*(Entra um oficial.)*

OFICIAL - Edmundo faleceu, milorde.

ALBÂNIA - Nada significa isso agora. Vós, senhores e meus caros amigos, comunico-vos minha intenção, que é dar todo o conforto que com esta grande ruína se coadune. Enquanto a nós, durante a vidadesta cândida majestade, conferimos-lhe todo o nosso poder. *(A Kent e Edgar)*. A vós, as vossas honrarias, que vossos grandes préstimos mais do que mereceram. Os amigos receberão a paga da virtude provando todos nossos inimigos da copa do castigo. Oh! Vede! vede!

LEAR - Foi enforcada minha bonequinha! Não, não! Vida nenhuma! Por que causa terá vida um cavalo, um cão, um rato, e tu, fôlegoalgum? Não voltarás, oh! nunca, nunca, nunca, nunca, nunca! Por obséquio, soltai-me este botão.

Obrigado, senhor. Oh! vedes isto? Olhai para ela! Vede os lábios dela! Olhai aqui! Olhai aqui!

*(Morre.)*

EDGAR - Desmaia! Senhor! Senhor!

KENT - Estala, coração! Estala, peço-te.

EDGAR - Senhor, olhai-me!

KENT - Não lhe molesteis a alma. Que se fine. Ódio lhe tem quem desejar deitá-lo por mais tempo no banco de tormentos deste mundo tão duro.

EDGAR - Já não vive, realmente.

KENT - O que é admirável é que tenha aguentado a esse ponto. Sua vida já era usurpada.

ALBÂNIA - O corpo removei. Luto geral vai ser a nossa ocupação precípua.

*(A Kent e Edgar.)*

Amigos d'alma, governai o Estado, que tão ferido se acha e malfadado.

KENT - Para uma viagem longa vou partir. O mestre é que me chama; tenho de ir.

ALBÂNIA - Do tempo triste somos os arrimos; digamos tão-somente o que sentimos. Muito o velhosofreu; mais desgraçada nossa velhice não será em nada.

*(Saem ao som de uma marcha fúnebre.)*

FIM